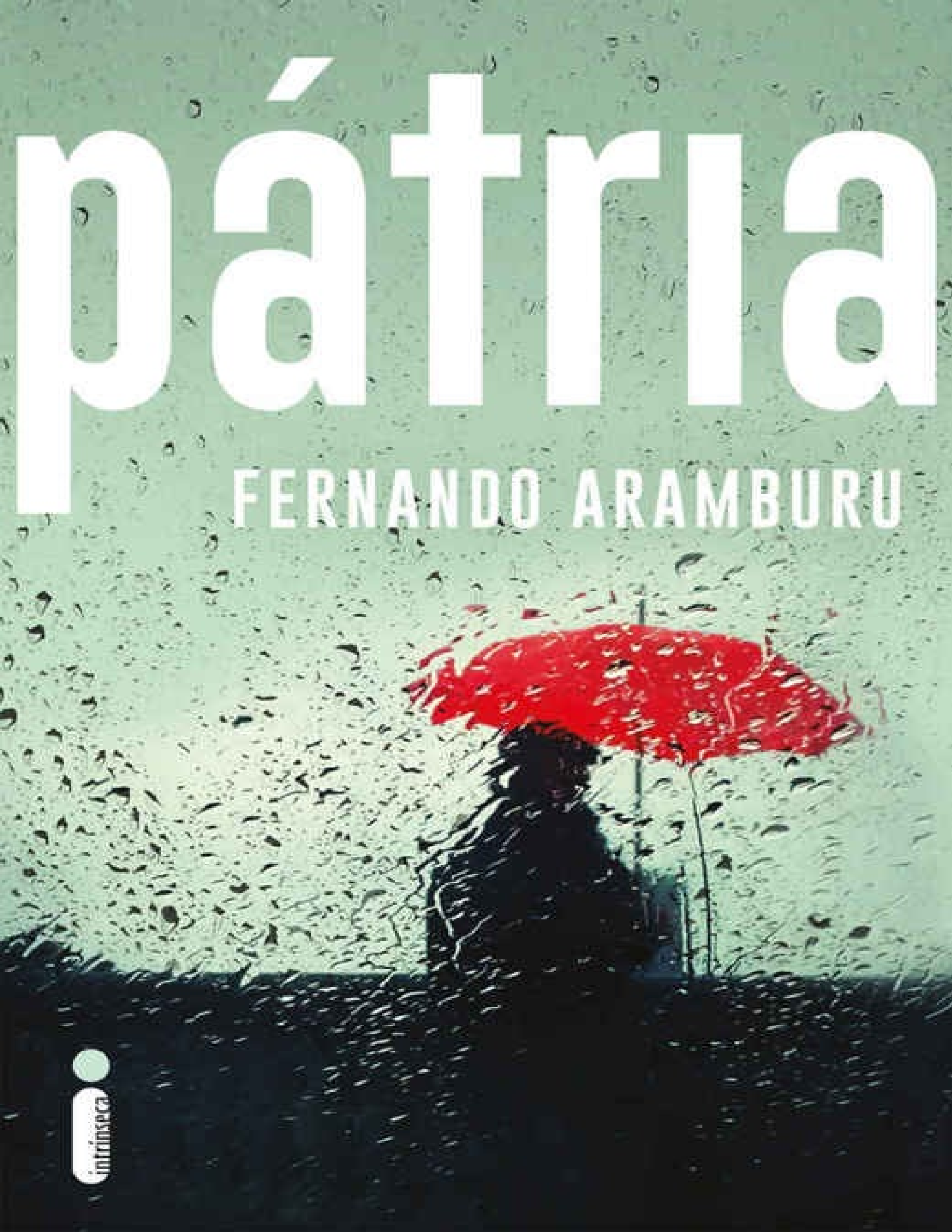
pátria

FERNANDO ARAMBURU



intrínseca

Pátria

Fernando Aramburu

Tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht

intrínseca

Copyright © Fernando Aramburu, 2016
Publicado mediante acordo com Tusquets Editores, Barcelona, Espanha.

TÍTULO ORIGINAL
Patria

PREPARAÇÃO
Gabriel Demasi

REVISÃO
Luiz Felipe Fonseca
Juliana Pitanga

IMAGEM DE CAPA
Filiep Colpaert | Getty Images

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Túlio Cerquize

REVISÃO DE E-BOOK
Carolina Andrade

GERAÇÃO DE E-BOOK
Joana De Conti

E-ISBN
978-85-510-0495-1

Edição digital: 2019

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

Sumário

[Avançar para o início do texto]

Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais

1. Salto alto no assoalho
2. Outubro benigno
3. Com Txato em Polloe
4. Na casa deles
5. Mudança às escuras
6. Txato, *entzun*
7. Pedras na mochila
8. Um episódio distante
9. Vermelho
10. Telefonemas
11. Inundação
12. A mureta
13. A rampa, o banheiro, a cuidadora
14. Últimos lanches
15. Encontros
16. Missa de domingo
17. Um passeio
18. Férias numa ilha
19. Discrepância
20. Luto prematuro
21. A melhor de todos eles
22. Lembranças em uma teia de aranha
23. Corda invisível
24. Uma pulseira de brinquedo
25. Não venha
26. Com eles ou conosco
27. Almoço familiar

28. Entre irmãos
29. Folha de duas cores
30. Esvaziar a memória
31. Diálogo na escuridão
32. Papéis e objetos
33. Pichações
34. Páginas mentais
35. Caixa de chamas
36. De A a B
37. Bolo da discórdia
38. Livros
39. Eu, o machado; você, a serpente
40. Dois anos sem rosto
41. Sua vida no espelho
42. O episódio de Londres
43. Namorados formais
44. Precauções
45. Dia de greve
46. Um dia chuvoso
47. O que houve com eles?
48. Turno da tarde
49. Mostrar a cara
50. A perna do *cipayo*
51. Na pedreira
52. Grande sonho
53. O inimigo em casa
54. Mentira da febre
55. Como suas mães
56. Ameixas
57. Na reserva
58. Moleza
59. Fio de vidro
60. Médico com médico
61. Uma miudeza agradável
62. Busca domiciliar
63. Material político
64. Onde está meu filho?

65. Bênção
66. Klaus-Dieter
67. Três semanas de amor
68. Fim de curso
69. A ruptura
70. Pátrias e bobagens
71. Filha esquisita
72. Missão sagrada
73. Se está, está
74. Movimento de Libertação Pessoal
75. Vaso de porcelana
76. Chora tranquilo
77. Intenções sombrias
78. O curso
79. O roçar da medusa
80. Comando Oria
81. Só o doutor triste foi se despedir dela
82. *He's my boyfriend*
83. Um azar
84. Bascos assassinos
85. O apartamento
86. Tinha outros planos
87. Cogumelos e urtigas
88. Pão ensanguentado
89. O ar no salão
90. Susto
91. A lista
92. O filho mais querido
93. O país dos calados
94. Amaia
95. Vinho de garrafão
96. Nerea e a solidão
97. A procissão dos assassinos
98. Casamento de vestido branco
99. O quarto membro
100. A queda
101. *Txoria txori*

102. A primeira carta
103. A segunda carta
104. A terceira e a quarta cartas
105. Reconciliação
106. Síndrome de cativeiro
107. Encontros na praça
108. Relatório médico
109. Se um vento atinge a brasa
110. Conversa ao entardecer
111. Uma noite em Calamocha
112. Com o neto
113. Final em subida
114. Vidro no meio
115. Sessão de massagem
116. Salão árabe
117. O filho invisível
118. Visita inesperada
119. Paciência
120. A garota de Ondárroa
121. Conversas de parlatório
122. Sua cadeia, minha cadeia
123. Círculo fechado
124. Molhada
125. Manhã de domingo

Glossário
Sobre o autor
Leia também

1
Salto alto no assoalho

Lá vai a coitada se arrebentar nele. Como uma onda se arrebenta nas pedras. Um pouco de espuma, e já era. Será que não percebe que ele nem se dá ao trabalho de lhe abrir a porta? Submissa, mais do que submissa.

E para que esse salto alto e esses lábios vermelhos aos 45 anos? Com a sua categoria, filha, com a sua posição e os seus estudos, por que se comporta como uma adolescente? Se o pai estivesse aqui...

Ao entrar no carro, Nerea olhou para a cortina da janela detrás da qual, deduziu, sua mãe a estaria observando como de costume. E, sim, embora não pudesse ser vista da rua, Bittori a olhava com tristeza e o cenho franzido; falava sozinha, sussurrando lá vai a coitada, um brinquedo nas mãos desse esnobe que jamais cogitou em fazer alguém feliz. Ela não percebe que uma mulher tem que estar muito desesperada para tentar seduzir o próprio marido depois de doze anos de casamento? No fundo, é melhor mesmo que não tenham tido filhos.

Nerea agitou a mão brevemente em um aceno de despedida antes de entrar no táxi. Sua mãe, no terceiro andar, escondida atrás da cortina, desviou o olhar. Por cima dos telhados, avistava-se uma ampla faixa de mar, o farol da ilha de Santa Clara, nuvens tênues ao longe. A garota do tempo tinha anunciado que faria sol. E ela, ai, estou ficando velha, voltou a olhar para a rua, mas o táxi já havia desaparecido.

Então buscou, para além dos telhados, para além da ilha e da linha azul do horizonte, e para além das nuvens remotas, e ainda mais além, no passado perdido para sempre, cenas da festa de casamento da filha. E a viu de novo na catedral do Bom Pastor, vestida de branco, com seu buquê e sua felicidade excessiva, e assim, ao olhá-la na saída, tão esbelta, tão sorridente, tão bonita, teve um mau pressentimento. De noite, quando voltou sozinha para casa, por pouco não se sentou diante da foto de Txato e confessou seus temores. Mas estava com dor de cabeça e, além do mais, Txato ficava todo sentimental sobre questões de família, sobretudo quando se tratava da filha. Era muito chorão aquele homem, e sei muito bem que fotografia não chora, mas mesmo assim.

O salto alto era para despertar o apetite de Quique — não exatamente o que se

sacia com comida. Toc, toc, toc, contra o piso, ela tinha ouvido pouco antes. Só espero que não tenha danificado os tacos. Pela paz doméstica, não reclamou. Só iam ficar uns minutos. Tinham vindo se despedir. E ele, às nove da manhã, já tinha bafo de uísque ou uma dessas bebidas que comercializa.

— *Ama,* tem certeza de que vai se virar sozinha?

— Por que vocês não vão para o aeroporto de ônibus? O táxi daqui até Bilbao vai custar uma fortuna.

— Não se preocupe com isso — retrucou ele.

As malas, o desconforto, a lentidão, alegou.

— Sim, mas vocês estão com tempo suficiente, não?

— *Ama*, não insista. Está decidido que vamos de táxi. É mais confortável.

Quique estava ficando impaciente.

— É o único transporte confortável.

Acrescentou que ia fumar um cigarro na rua enquanto as duas conversavam. Como cheirava a perfume aquele homem. Mas a boca recende a bebida, e ainda são nove da manhã. Ele se despediu conferindo o próprio rosto no espelho do saguão. Metido. E depois — autoritário, cordial, porém seco? — disse para Nerea:

— Não demora.

Cinco minutos, prometeu. Que logo viraram quinze. A sós, para a mãe: que aquela viagem a Londres significava muito para ela.

— Não consigo imaginá-la participando das conversas do seu marido com os clientes. Ou você começou a trabalhar na empresa dele sem me dizer nada?

— Em Londres vou fazer uma tentativa séria de salvar nosso casamento.

— Outra tentativa?

— A última.

— E qual vai ser a tática dessa vez? Vai ficar grudada nele para que não suma atrás do primeiro rabo de saia que passar pela frente?

— *Ama*, por favor. Não dificulte mais as coisas.

— Você está bonita. Mudou de cabeleireiro?

— Ainda é o mesmo.

De repente, Nerea abaixou o tom de voz. Ao ouvir os primeiros sussurros, a mãe se virou para olhar em direção à porta do apartamento, como se temesse que um estranho as estivesse espiando. Não, nada, é que tinham desistido da ideia de adotar um bebê. E falavam tanto nisso. Que ia ser chinês, russo, um moreninho. Que ia ser menina ou menino. Nerea não tinha perdido a vontade, mas Quique recuou. Ele quer um filho biológico, carne da sua carne.

— Agora deu para falar como na Bíblia? — questionou Bittori.

— Ele se acha moderno, mas é mais tradicional que arroz-doce.

Por conta própria, Nerea tinha se informado dos procedimentos para solicitar uma adoção e, sim, eles cumpriam todos os requisitos. Dinheiro não era problema. Ela estava disposta a viajar até o outro lado do mundo para finalmente ser mãe, mesmo sem ter dado à luz a criança. Mas Quique havia enterrado o assunto bruscamente. Era não, e pronto.

— O rapaz é um pouco insensível, não acha?

— Quer um garoto dele, que se pareça com ele, que um dia jogue na Real Sociedad. Está obcecado, *ama*. E vai conseguir. Aff, quando ele coloca uma coisa na cabeça! Não sei com quem. Com alguma mulher que se preste a isso. Não me pergunte. Eu não tenho a menor ideia. Vai alugar uma barriga pagando o que for preciso. De minha parte, eu o ajudaria a encontrar uma mulher saudável que realize o seu desejo.

— Você ficou doida.

— Ainda não contei a ele. Acho que em Londres vai surgir uma oportunidade. Eu pensei bem no assunto. Não tenho o menor direito de exigir que seja infeliz.

Roçaram as bochechas na porta do apartamento à guisa de despedida. Bittori: que sim, que ia se virar sozinha, que boa viagem. Nerea, no patamar, enquanto esperava o elevador, disse algo sobre o azar, mas que nunca devemos abrir mão da alegria. Depois sugeriu à mãe que trocasse o capacho.

2
Outubro benigno

Antes do que houve com Txato, ela tinha fé, agora não tem mais. Como tinha sido beata na juventude. Por um triz não vestiu o hábito. Ela e a amiga lá da vila, que é melhor nem lembrar. As duas desistiram na última hora, já com um pé no noviciado. Agora Bittori acha toda essa história de ressurreição dos mortos, de vida eterna, de Criador e de Espírito Santo uma conversa fiada.

Ficou muito irritada com umas palavras do bispo, agindo como se fosse verdade. Não teve coragem de recusar a mão de um homem tão importante. Sentiu-a como uma coisa viscosa. Mas em compensação o olhou bem fundo nos olhos para manifestar em silêncio, com a luz do olhar, que não era mais crente. Ao ver Txato no caixão, sua fé em Deus estourou como uma bolha. Sentiu a transformação até fisicamente.

E, ainda assim, de vez em quando vai à missa, movida talvez pela força do costume. Senta em um banco da parte de trás da igreja, observa as costas e as nucas dos presentes, fala consigo mesma. É que a solidão é grande em casa. Ela não é de frequentar bares nem cafés. Compras? Só as indispensáveis. Perdeu a vaidade — outra bolha? — depois do que houve com Txato. Faz só porque Nerea insiste, senão usaria sempre as mesmas roupas.

Em vez de ficar entrando nas lojas, prefere se sentar na igreja e praticar seu ateísmo silencioso. Ela se proíbe a blasfêmia e o desprezo pelos fiéis ali reunidos. Olha as imagens e diz/pensa: não. Às vezes o faz balançando um pouco a cabeça em sinal de rejeição.

Quando tem missa, fica mais tempo. E se dedica a negar calada tudo o que o padre afirma. Oremos. Não. Este é o corpo de Cristo. Não. E faz isso o tempo todo. Às vezes, vencida pelo cansaço, tira um cochilo com a devida discrição.

Saiu da Igreja dos Jesuítas, na rua Andía, com o céu já escuro. Era quinta-feira. O clima estava agradável. No meio da tarde tinha visto o letreiro luminoso de uma farmácia marcar vinte graus. Trânsito, pedestres, pombos. Divisou um rosto conhecido. Sem hesitar, atravessou a rua. A súbita mudança de direção a obrigou a entrar na praça de Guipúzcoa. Cruzou-a pelo caminho que margeia o lago e se distraiu olhando os patos. Fazia muito tempo que não passava por lá. Pelo que se

lembrava, desde que Nerea era criança. Lembrou-se de uns cisnes pretos que não estavam mais ali. Din dom din. O carrilhão da Câmara dos Deputados a trouxe de volta à realidade.

Oito horas. Clima temperado, outubro benigno. De repente lhe veio à mente o que Nerea lhe dissera de manhã. Que trocasse o capacho? Não, que não devemos abrir mão da alegria. Ah, uma besteira que se diz aos mais velhos para melhorar seu ânimo. Bittori não sentia a menor necessidade em aceitar que fazia uma tarde esplêndida. Mas, para dar pulinhos de alegria, era necessário outro tipo de estímulo. Por exemplo? Ai, sei lá. Que inventassem uma máquina de ressuscitar os mortos e me devolvessem meu marido. Então se questionou se depois de tantos anos não deveria pensar em esquecer. Esquecer? O que é isso?

Pairava no ar um cheiro que parecia de algas e umidade marinha. Não fazia frio, não tinha vento e o céu estava aberto. Razões suficientes, pensou, para voltar a pé e economizar o dinheiro do ônibus. Na rua Urbieta ouviu seu nome. Ouviu claramente, mas não quis desviar o olhar. Até andou mais depressa, porém não adiantou. Uns passos apressados a alcançaram por trás.

— Bittori, Bittori.

Aquela voz estava perto demais para que ela continuasse fingindo que não a ouvia.

— Você já sabe? Estão dizendo que eles pararam, que não vão mais fazer atentados.

Bittori não pôde deixar de lembrar o dia em que aquela mesma vizinha evitara cruzar com ela na escada ou quando ficara parada na esquina, pegando chuva com a bolsa de compras entre os pés, para que não se encontrassem na entrada do prédio.

— Sim, me contaram ainda agora — mentiu.

— Que boa notícia, hein? Finalmente teremos paz. Já era hora.

— Pois vamos ver, vamos ver.

— Fico feliz principalmente por vocês, que passaram por situações tão difíceis. Tomara que tudo isso acabe de uma vez e deixem vocês em paz.

— Acabe o quê?

— De fazer as pessoas sofrerem e comecem a defender seus ideais sem matar ninguém.

E visto que Bittori, calada, não demonstrou qualquer intenção de prosseguir com o diálogo, a vizinha se despediu instigada por uma pressa repentina.

— Eu já vou. Prometi ao meu filho que levaria uns salmonetes para a janta. Ele gosta tanto. Se você estiver indo para casa, vamos juntas.

— Não, tenho um compromisso aqui perto.

Então, para despistar a vizinha, atravessou a rua, foi para a outra calçada e passou um bom tempo andando sem rumo pelos arredores. Porque, obviamente, se aquela sem noção, enquanto limpa os salmonetes para o filho, que sempre achou um bobão, além de cretino, me ouvir chegar em casa pouco depois dela, vai pensar: claro, ela não queria vir comigo. Bittori. O quê? Você está caindo no rancor, e já te disse muitas vezes que. Certo, me deixa em paz.

Mais tarde, na volta para casa, tocou o tronco áspero de uma árvore e disse baixinho: obrigada pela sua humanidade. Depois tocou a parede de um edifício e repetiu a frase. Sem parar de andar, fez o mesmo, com um cesto de lixo, um banco público, um semáforo e outros objetos do mobiliário urbano encontrados pelo caminho.

A entrada do prédio estava às escuras. Ficou tentada a usar o elevador. Cuidado. O barulho pode me denunciar. Resolveu subir os três andares descalça. Ainda teve tempo de sussurrar um último agradecimento — corrimão — por sua humanidade. Enfiou a chave na fechadura com o maior silêncio possível. O que Nerea vê de errado neste capacho? Eu é que não entendo essa criatura, acho que nunca a entendi.

Pouco depois, o telefone tocou. Ikatza estava cochilando no sofá, encolhida como uma bola de pelo preto. Sem mudar de posição, com os olhos entreabertos, acompanhou os passos da dona em direção ao aparelho. Bittori deixou que o som se extinguisse, reconheceu o número na tela e ligou de volta.

Xabier, empolgado. *Ama, ama*. Que ligasse a televisão.

— Já me contaram. Quem? A mulher aqui de cima.

— Ah, achei que você ainda não sabia.

E lhe mandou um beijo, e ela retribuiu o gesto; não disseram mais nada e se despediram. Pensou: não vou ligar a televisão. Mas logo depois foi vencida pela curiosidade. Viu na tela os três encapuzados de boina, sentados a uma mesa, estética Ku Klux Klan, toalha branca, panos patrióticos, um microfone, e pensou: será que a mãe do que está falando reconhece a sua voz? Sentiu uma forte repugnância por aquelas imagens, estavam lhe dando um nó nas entranhas. Sem conseguir suportá-las, desligou o aparelho.

Para ela, o dia havia terminado. Que horas seriam? Quase dez. Trocou a água da gata e foi se deitar mais cedo do que de costume, sem jantar, sem abrir a revista que estava na mesinha. Vestiu a camisola, parou diante da foto de Txato na parede do quarto para lhe dizer:

— Amanhã vou lá em cima contar para você. Não acho que vá gostar muito; mas, enfim, é a notícia do dia, e você tem o direito de saber.

Tentou, na escuridão, forçar os olhos a verterem uma lágrima. Nada. Secos. E nenhum telefonema de Nerea. Não se deu sequer ao trabalho de avisar que tinham chegado bem a Londres. Ela obviamente deve estar muito ocupada tentando salvar seu casamento.

3
Com Txato em Polloe

Há vários anos ela não sobe a pé até o cemitério de Polloe. Poder até que poderia, mas fica cansada. E não é que não queira se cansar, mas para quê, entende, para quê. Além do mais, dependendo do dia, às vezes sente umas fisgadas na barriga. Então Bittori pega o ônibus 9, que a deixa a poucos passos da entrada do cemitério, e depois da visita desce a pé para a cidade. Porque descer já é outra história.

Hoje sentou atrás de uma senhora, as duas únicas passageiras. Sexta-feira, tranquilidade, tempo bom. E leu no arco da entrada: LOGO SE DIRÁ DE VÓS O QUE AGORA SE DIZ DE NÓS: MORRERAM!!! Com frasezinhas fúnebres é que não vão me impressionar. Poeira sideral (tinha ouvido na televisão), isso é o que nós somos, tanto faz se respiramos ou se já batemos as botas. E, mesmo detestando o letreiro antipático, não conseguia entrar no cemitério sem parar e lê-lo.

Menina, podia ter deixado o casacão em casa. Não precisava. Ela o vestira só para estar de preto. Ficara de luto durante o primeiro ano; depois, os filhos insistiram que voltasse à vida normal. Vida normal? Esses dois ingênuos não têm a menor ideia do que estão falando. Para que a deixassem em paz, seguiu o conselho. Isso quer dizer que não considere falta de respeito andar entre os mortos com roupa colorida. Por isso abriu o armário de manhãzinha, procurou algo preto que cobrisse os diversos tons de azul de sua roupa, viu o casacão e o vestiu, mesmo sabendo que ia sentir calor.

Txato divide o túmulo com os avós maternos e uma tia. A sepultura, ao lado de um caminho em suave declive, forma uma fileira com outras similares. Na lápide figuram o nome e o sobrenome do morto, sua data de nascimento e a do dia em que o mataram. Nada mais.

Nos dias anteriores ao enterro, uns parentes de Azpeitia aconselharam Bittori a não incluir na lápide alusões, emblemas ou sinais que identificassem Txato como vítima do ETA. Assim evitaria problemas.

Ela protestou:

— Olha, já o mataram uma vez. Não vão matá-lo de novo.

Não que Bittori tivesse pensado em gravar na lápide uma explicação sobre o

falecimento do marido, mas basta tentarem dissuadi-la de alguma coisa para ela teimar em concretizá-la.

Xabier ficou do lado desses parentes. E só foram gravados na lápide o nome e as datas. Nerea, que estava em Zaragoza, teve a ousadia de propor por telefone que alterassem a segunda. Assombro: como?

— Talvez na lápide poderia ficar um dia antes ou um dia depois do atentado.

Xabier deu de ombros. Bittori disse que nem pensar.

Uns anos depois, quando picharam a lápide de Gregorio Ordóñez, que fica a uns cem metros do túmulo de Txato, Nerea, que inoportuna, trouxe à baila essa velha história que todos de fato já tinham esquecido. Olhando a foto do jornal, disse para a mãe:

— Viu como era melhor manter o *aita* um pouco protegido? Olha só do que nos livramos.

Então Bittori pousou o garfo com força na mesa e disse que ia sair.

— Aonde vai?

— Perdi a fome.

Com cenho franzido e passos firmes, saiu colérica do apartamento da filha e Quique, acendendo um cigarro, revirou os olhos.

A fileira de túmulos paralelos se estende a um lado do caminho. O ponto positivo para Bittori é que, como a beirada sobressai uns dois palmos do chão, ela pode se sentar na laje sem dificuldade. Claro, quando chove, não dá. E, em todo caso, como a pedra costuma estar fria (e com líquen e com a sujeira inevitável do passar dos anos), ela sempre traz na bolsa um quadrado de plástico recortado de uma sacola de supermercado e um lenço de pescoço para fazer de almofada. Senta-se e conta a Txato o que tem para contar. Quando há gente por perto, se comunica com ele em pensamento; se não tem ninguém, o que é o mais comum, fala no tom de quem conversa.

— Nossa filha já está em Londres. Quer dizer, eu acho, porque ela não teve a delicadeza de me telefonar. Ligou para você? Para mim, não. Como não deu na televisão nenhuma notícia de acidente de avião, tenho para mim que os dois chegaram a Londres e devem estar no lesco-lesco para ver se salvam o casamento.

No primeiro ano, Bittori pôs quatro vasos de plantas na laje. Cuidava regularmente delas. Faziam boa figura. Depois ficou um tempo sem ir ao cemitério. As plantas secaram. As seguintes duraram até a primeira geada. Comprou um vaso bem grande, que Xabier levou em um carrinho de mão. Nele, plantaram juntos uma moitinha de buxo. Certo dia, ela amanheceu no chão, o vaso quebrado, parte da terra espalhada na laje. Desde então não há mais adornos no túmulo de Txato.

— Eu falo como bem quiser, e ninguém vai me impedir, muito menos você. Se estou brincando? Não sou mais a mesma de quando você era vivo. Me tornei má. Bem, má não. Fria, distante. Se ressuscitar, você não vai me reconhecer. E, veja só, a filha do seu coração, a sua preferida, tem muito a ver com a minha mudança. Ela me dá nos nervos. Tal como fazia quando era pequena. Com a sua bênção, claro. Porque você sempre a defendia. Assim tirava a minha autoridade, e ela não aprendeu a me respeitar.

Havia um trecho de areia uns três ou quatro túmulos adiante, ao lado do caminho pavimentado. E Bittori ficou observando um casal de pardais que tinha acabado de pousar ali. De asas abertas, os passarinhos se davam um banho de areia.

— A outra coisa que queria contar é que a quadrilha decidiu parar de matar. Ainda não se sabe se é sério ou um truque para ganhar tempo e se rearmarem. O fato de matarem ou não faz pouca diferença para você. E não ache que para mim faça muito mais. Tenho uma grande necessidade de saber. Sempre tive. E eles não vão me parar. Ninguém vai me parar. Nem nossos filhos. Isso se descobrirem. Porque não vou dizer nada. Você é o único que sabe. Não me interrompa. O único que sabe que vou voltar. Não, não posso ir à cadeia. Nem sei em qual aquele malvado está. Mas eles com certeza ainda estão na vila. E, além do mais, tenho muita curiosidade de ver em que estado se encontra a nossa casa. Pode ficar tranquilo, Txato, Txatito, porque Nerea está fora do país, e Xabier, como sempre, vive para o trabalho. Não vão ficar sabendo de nada.

Os pardais tinham desaparecido.

— Juro que não estou exagerando. É uma necessidade enorme de finalmente me sentir bem comigo mesma, de poder me sentar e dizer: muito bem, acabou. Mas o que acabou? Pois, quer saber? Txato, eu também preciso descobrir isso. E a resposta, se houver, só pode estar na vila, e é por isso que vou para lá, ainda hoje de tarde.

Levantou-se, dobrou com cuidado o lenço e o quadrado de plástico e os guardou.

— Enfim, está informado. Você fica por aqui.

4
Na casa deles

Nove da noite. Na cozinha, janela aberta para deixar sair o cheiro de peixe frito. O telejornal começou com a notícia que Miren tinha ouvido na véspera pelo rádio. Fim definitivo da luta armada. Não do terrorismo, como eles dizem, que meu filho não é terrorista. E se virou para a filha:

— Ouviu? Eles vão parar outra vez. Veremos até quando.

Arantxa parece alheia, mas capta tudo. E fez um leve movimento com o rosto meio inclinado, ou é o pescoço que está torto?, para se manifestar. Com ela, nunca se sabe; mas pelo menos Miren teve certeza de que a filha tinha entendido.

Ia cortando com o garfo os dois pedaços de merluza empanada. Não muito grandes os bocados, para que ela possa ingerir sem dificuldade. Recomendações da fisioterapeuta, uma moça muito simpática. Não é basca, mas enfim. Arantxa precisa se esforçar. Senão, não fará progressos. E a borda do garfo, batendo no fundo do prato, produzia um barulho enérgico, de louça zangada, e por um instante, ao romper a camada do empanado, saía da carne branca do peixe uma nuvenzinha de vapor.

— Vamos ver que desculpa vão inventar agora para não soltar Joxe Mari.

Sentou-se à mesa perto da filha, sem desgrudar os olhos dela. Não ficava tranquila. Ela já tinha engasgado várias vezes. A última, no verão. Tiveram que chamar a ambulância. Um escândalo de sirene em toda a vila. Que susto, meu Deus. Quando o socorro chegou, ela mesma tinha tirado da garganta um pedaço de lombinho deste tamanho.

Quarenta e quatro anos. A mais velha dos três. Depois, Joxe Mari, em Puerto de Santa María I. Aquele fim de mundo aonde nos obrigam a ir. Desgraçados. E, por fim, o caçula. Esse aí tem a vida dele. Esse aí nem aparece.

Arantxa pegou o copo de vinho branco que a mãe lhe servira. Ergueu-o e levou-o à boca com a única mão de que dispunha, trêmula. A esquerda é um punho morto. Estava como sempre colada ao corpo, de lado, perto da cintura, inutilizável devido a uma contratura espástica. E bebeu um bom gole de vinho, o que, segundo Joxian, é uma alegria se pensarmos que pouco tempo antes Arantxa se alimentava por uma sonda.

Deixou escorrer um pouco de líquido pelo queixo, mas não importa. Miren logo limpou com um guardanapo. Uma garota tão bonita, tão saudável, com tanto futuro, com dois filhos, e agora isso.

— E então, está gostoso?

Arantxa sacudiu a cabeça como se dissesse que não tinha achado muita graça no peixe.

— Pois não é barato. Que mimada.

Na televisão, seguiam-se os comentários. Ah, os políticos. Passo importante para a paz. Exigimos a dissolução do grupo terrorista. Foi aberto um processo. Caminho para a esperança. Fim de um pesadelo. Que entreguem as armas.

— Vão deixar a luta em troca de quê. Esqueceram a libertação do Euskal Herria? E os presos que estão mofando na cadeia? Covardes. A gente tem que acabar o que começa. Você reconhece a voz do que leu o comunicado?

Arantxa mastigava devagar um pedaço de merluza. Fez que não com a cabeça. Queria dizer mais alguma coisa e, estendendo o braço bom, pediu à mãe que lhe desse o iPad. Miren esticou o pescoço para ler na tela: "Falta sal."

Joxian chegou pouco depois das onze da noite, trazendo um maço de alho-poró. Tinha passado a tarde na horta. Um hobby que o homem, já aposentado, havia adotado. A horta fica ao lado do rio. Quando o rio enche — a última vez foi no início do ano —, adeus horta. Há coisas piores, diz Joxian. Mais cedo ou mais tarde a água recua. Então ele seca as ferramentas, varre a cabana, compra novas crias de coelho, renova as hortaliças que não podem ser aproveitadas. A macieira, a figueira e as aveleiras aguentam a enchente e pronto, é só isso. Só? Como o rio arrasta resíduos industriais, depois da enchente a terra fica com um cheiro forte. Ele diz que é cheiro de fábrica. Miren contesta dizendo que:

— É de veneno. Qualquer dia desses vamos morrer com uma dor de barriga terrível.

Outro costume de Joxian é jogar carteado à tarde. Quatro amigos apostam uma garrafa nas partidas de mus. Lá em baixo, no caminho da praça da vila, no bar Pagoeta. Não tem como garantir que seja realmente só uma garrafa para os quatro.

Pela forma como levava o alho-poró, Miren percebeu que estava alto. Disse que ele ia ficar com o nariz vermelho como seu falecido pai. Existe um sinal infalível de que bebeu: ele começa a coçar o lado direito do tronco, como se a região na altura do fígado pinicasse. Então não resta dúvida. Mas não é que ande pela rua em ziguezague, isso não. Nem lhe pinica nada. Sua mania de coçar o lado direito do tronco é como a dos outros de fazer o sinal da cruz ou bater na madeira.

Ele não sabe dizer não. Esse é o problema. Bebe no bar porque os outros

também bebem. E, se um deles dissesse "Vamos pular agora de cabeça no rio", Joxian iria atrás feito um carneirinho.

Enfim, chegou em casa com a boina torta, olhos vidrados, coçando a camisa na altura do fígado, e estava todo sentimental.

Na sala de jantar, deu um beijo demorado e carinhoso, quase um chupão, na testa de Arantxa. Por pouco não cai em cima dela. Já Miren o afastou.

— Sai, sai, que você está fedendo a botequim.

— Mulher, não seja má.

Ergueu as mãos abertas para mantê-lo a distância.

— Tem peixe na cozinha. Deve estar frio. Então esquente.

Meia hora depois, Miren o chamou para ajudar a levar Arantxa para a cama. Os dois a levantaram da cadeira de rodas, cada um por um braço.

— Pegou?

— Hein?

— Perguntei se já a pegou. Me avisa antes de puxarmos para cima.

Um pé equino impede Arantxa de andar. Às vezes ela dá uns passos. Poucos, inseguros. Com uma bengala ou com a ajuda de alguém. Andar pela casa, comer sozinha e recuperar a fala são as principais esperanças da família a médio prazo. A longo prazo, veremos. A fisioterapeuta lhes dá ânimo. Ela é muito simpática. Fala pouquíssimo basco, quase nada, mas, para o caso em questão, isso não importa.

O pai e a mãe a colocaram de pé ao lado da cama. Já haviam feito isso muitas vezes. Tinham prática. E, além do mais, quanto Arantxa estaria pesando? Quarenta e tantos quilos. Não mais que isso. Com a corpulência que tinha nos bons tempos.

O pai a segurou enquanto Miren puxou a cadeira de rodas até a parede.

— Não a deixe cair.

— Como poderia deixar minha filha cair?

— Você é bem capaz.

— Besteira.

E trocaram olhares hostis, de mau humor, ele tensionando os dentes para manter na boca um palavrão. Miren puxou a colcha, e depois, os dois juntos, com cuidado, devagar, está segurando?, acomodaram Arantxa na cama.

— Pode ir, que vou trocar a roupa dela.

Joxian beijou a filha na testa, lhe deu boa-noite e disse "Até amanhã, *polita*", acariciando sua bochecha com o dedo. E se dirigiu, coçando a lateral do corpo, para a porta. Estava quase fora do quarto quando se virou e disse:

— Quando vim do Pagoeta, vi luz na casa deles.

Nesse momento, Miren estava tirando os sapatos da filha.

— Alguém deve ter ido lá limpar.
— Limpar às onze da noite?
— Eu não quero saber dessa gente.
— Bem, já disse o que vi. Quem sabe eles vão voltar para a vila.
— Pode ser. Agora que não tem mais luta armada, vão ficar valentes.

5
Mudança às escuras

Poucas semanas depois de enviuvar, Bittori foi passar uns dias em San Sebastián. Acima de tudo, para não ver a calçada onde mataram seu marido e não ter que aguentar os olhares tortos dos vizinhos, que durante tantos anos haviam sido simpáticos, mas depois, de repente, não mais; nem ter que passar todo dia pelas pichações nas paredes e ver aquela no coreto da praça, uma das últimas, com o alvo sobre o nome do falecido, que foi só aparecer e, poucos dias depois, tchau.

Na verdade, os filhos a enganaram para levá-la a San Sebastián. Nossa Senhora, um terceiro andar! Ela que estava tão acostumada a morar no térreo.

— Tudo bem, *ama,* mas com elevador.

Nerea e Xabier decidiram que a tirariam da vila a qualquer custo, da sua vila de sempre, onde ela nasceu, foi batizada e se casou, e depois dificultar o retorno e até impedi-lo com delicadeza.

Por fim, instalaram Bittori no apartamento com varanda, de onde se via o mar. A família tentava vendê-lo havia um tempo. Tinham colocado um anúncio no jornal. Várias pessoas ligaram, querendo comprar ou pelo menos saber o preço. Txato o havia adquirido poucos meses antes de morrer, para poder dispor de um refúgio fora da vila.

No apartamento havia luminárias e uns poucos móveis. Os filhos disseram a Bittori que ela ficaria ali provisoriamente. Falavam com ela, mas a mãe não atinava com nada. Parecia meio avoada. Apática. Logo ela, que sempre tinha sido tão faladora. Pois agora era como uma estátua. Parecia até que andava se esquecendo de piscar.

Aos poucos, Xabier e um colega do hospital traziam algumas coisas. Iam à vila com a caminhonete no fim da tarde, já escurecendo, para não chamar muita atenção. Fizeram talvez uma dúzia de viagens, sempre depois do pôr do sol. Um dia traziam isto; no dia seguinte, aquilo outro. O veículo também não era lá muito espaçoso.

Deixaram a cama de casal na casa da vila porque Bittori, sem o marido, se negava a dormir nela. Mas, enfim, levaram muitos pertences: louça, o tapete da sala de jantar, a máquina de lavar. E nisso, em um dia no meio da semana, vieram xingá-los

enquanto carregavam uns volumes. A típica patota, velhos conhecidos de Xabier, alguns colegas do colégio. Um deles, rosnando as palavras por entre os dentes, avisou que tinha decorado o número da placa.

No caminho de volta a San Sebastián, Xabier percebeu que seu amigo estava tendo uma espécie de crise de ansiedade e que, como estava dirigindo naquele estado, já com sinais de ataque convulsivo, iam sofrer um acidente. Então o convenceu a parar a caminhonete no acostamento.

— Não posso mais vir contigo. Sinto muito — disse o amigo.

— Não tem problema.

— Sinto muito, mesmo. Sinto muito.

— Não precisa mais vir. A mudança acabou. Com tudo o que nós levamos, minha mãe já tem o necessário.

— Você me entende, Xabier?

— Sim, entendo. Não se preocupe.

Passou um ano, passou outro, passaram mais. Enquanto isso, Bittori fez uma cópia da chave da casa da vila às escondidas, porque boba não é. "Como assim?", primeiro Nerea; poucos dias depois, Xabier. "*Ama*, a chave? Você tem uma. Não, mas é que." Mancomunados. Disse a cada um deles que não sabia onde a tinha colocado, que cabeça eu tenho!, que ia olhar, e afinal, após alguns dias, fingiu que tinha encontrado depois de muito procurar; mas, claro, já havia mandado fazer uma cópia na loja de ferragens. Emprestou a chave velha para Nerea, que de vez em quando (uma, duas vezes por ano?) ia dar uma olhada na casa e tirar a poeira, e depois a filha não a devolveu mais, e Bittori nem esperava que o fizesse.

Em outra ocasião, Nerea sugeriu a possibilidade de vender a casa da vila. Dias depois Xabier fez a mesma proposta. Bittori intuiu que esses dois já se acertaram pelas minhas costas. Então ela mesma puxou o assunto assim que os três estiveram juntos.

— Enquanto eu estiver viva, minha casa não será vendida. Quando eu morrer, façam o que bem entenderem.

Os dois não questionaram. Ela tinha falado com uma expressão dura e um brilho severo nos olhos. Os irmãos trocaram um rápido olhar. Nunca mais se voltou a tocar no assunto.

E, sim, ela passou a ir à vila da forma mais discreta possível, em geral em dias feios, de chuva e vento, quando é mais provável que as ruas estejam desertas, e também quando os filhos estavam ocupados ou viajando. Depois, vez por outra, passava sete ou oito meses sem ir. Descia do ônibus nos arredores da vila. Para não ter que falar com ninguém. Para não ser vista. Subia por ruas pouco transitadas até

sua antiga casa. Ali passava uma ou duas horas, às vezes mais, olhando as fotografias, esperando que o sino da igreja tocasse uma determinada hora, e então, depois de certificar-se de que não havia ninguém nas proximidades do portão, voltava pelo mesmo caminho.

Nunca ia ao cemitério. Para quê? Tinham enterrado Txato em San Sebastián, não na vila, apesar de ali descansarem os restos mortais dos avós paternos dele em um jazigo da família; mas era impossível, ela foi vigorosamente desaconselhada, se enterrá-lo na vila vão depredar o túmulo, não seria a primeira vez que acontece algo assim.

No cemitério de Polloe, durante a cerimônia do enterro, Bittori sussurrou para Xabier algo que este nunca mais esqueceu. O quê? Pois até parecia que, mais do que enterrar Txato, eles o estavam escondendo.

6
Txato, *entzun*

Olha como este ônibus é lento. Paradas demais. Olha só, mais uma. As duas mulheres, uma o focinho da outra, estavam sentadas lado a lado. Voltando para a vila no fim da tarde. As duas falavam ao mesmo tempo, sem se escutarem. Cada uma com seu tema, mas se entendiam. Então a que estava sentada no lado do corredor deu disfarçadamente uma leve cotovelada na que estava no assento da janela. Depois de atrair sua atenção, indicou com um rápido aceno de cabeça a parte dianteira do ônibus.

— A de casaco escuro — sussurrou.

— Quem é?

— Não me diga que não reconhece.

— Só vejo as costas.

— A de Txato.

— Aquele que mataram? Como envelheceu!

— Os anos passam, acha que não?

Ficaram caladas. O ônibus prosseguiu com a viagem. Passageiros subiam e desciam, e as duas mulheres ficaram caladas, olhando para lugar nenhum. Depois uma delas disse baixinho que coitada.

— Por quê?

— Como deve ter sofrido.

— Todos nós sofremos.

— Sim, mas ela teve que enfrentar maus bocados.

— O conflito, Pili, o conflito.

— Não, não estou negando.

E depois a que não se chamava Pili:

— Quer apostar que vai descer no parque industrial?

Desviaram o olhar assim que Bittori se levantou. Foi a única a descer.

— O que foi que eu disse?

— Como sabia?

— Ela desce aqui para não ser vista por ninguém e depois, tiqui tiqui, vai quietinha para a casa.

O ônibus arrancou, e Bittori, será que acham que não as vi?, começou a andar na mesma direção naquela região de fábricas e oficinas; com uma expressão não altiva, isso não, mas séria; os lábios pressionados, o rosto erguido porque não tenho que me esconder de ninguém.

A vila, sua vila. Já quase de noite. A luz acesa nas janelas, o cheiro vegetal dos campos ao redor, poucos transeuntes na rua. E atravessou a ponte com a lapela do casacão levantada e viu o rio manso com suas hortas nas margens. Quando se viu entre as casas, sentiu falta de ar. Um sufocamento? Não exatamente. É uma mão invisível que aperta sua garganta toda vez que volta à vila. Ia avançando pela calçada, nem depressa nem devagar, reconhecendo os detalhes: neste portão um rapaz se declarou pela primeira vez; estranhando as novidades: não me lembro destes postes de luz.

Não demorou para ouvir um murmúrio vindo de trás. Como uma mosca zumbindo no ar perto de uma janela ou nas trevas de um portão. Era só um sussurro que terminava em *ato*. E isso bastou para que ela adivinhasse a frase inteira. Talvez eu devesse ter vindo mais tarde, quando as pessoas já estivessem em casa. No último ônibus. Boa ideia, mas e a volta? Durmo aqui. Tenho casa e tenho cama.

Havia um grupo de fumantes reunido em frente ao Pagoeta. Bittori tentou desviar. Como? Retrocedendo e contornando a igreja pelo outro lado. Parou um instante, sentiu vergonha por ter parado. Então continuou andando pela rua com uma naturalidade forçada. E seu coração batia com tanta força que temeu por um instante que aqueles homens ouvissem suas pulsações.

Passou ao lado deles sem olhar. Quatro ou cinco, com um copo na mão e um cigarro na outra. Devem tê-la reconhecido quando se aproximou, porque houve um silêncio repentino nesse momento. Um, dois, três segundos. E voltaram a conversar assim que Bittori chegou ao final da rua.

Sua casa com as persianas fechadas. Na parte de baixo da fachada havia dois cartazes visíveis. Um, que parecia recente, anunciava um concerto em San Sebastián, e outro, desbotado, rasgado em tiras, do Grande Circo Mundial, justamente onde certa manhã apareceu uma daquelas pichações: TXATO ENTZUN PIM PAM PUM.

Bittori passou pelo portão, e foi como entrar no passado. A luminária da vida toda, os velhos degraus rangendo, a fileira de caixas de correio desconjuntadas onde faltava a sua. Xabier a tinha tirado. Disse que era para evitar problemas. Quando foi retirada, surgiu um quadrado da cor que as paredes tinham havia muito tempo, quando Nerea ainda não havia nascido nem o filho de Miren, aquele sem-vergonha. E ele é o único motivo pelo qual quero que o inferno exista, para que os assassinos

continuem cumprindo lá a sua condenação eterna.

Inspirou o cheiro de madeira velha, o ar frio e parado. E finalmente percebeu que a mão invisível estava soltando a sua garganta. Chave, fechadura: entrou. De novo deparou com Xabier, muito mais jovem, no corredor, dizendo-lhe com olhos chorosos que, *ama*, não deixemos que o ódio amargure nossas vidas, que nos torne pequenos, ou coisa que o valha, não lembrava mais com exatidão. E seu ressentimento, naquele mesmo lugar, tantos anos antes:

— Ah, pois é, vamos cantar e dançar.

— Por favor, *ama*, não abra mais a ferida. Temos que fazer um esforço para que tudo isso que aconteceu...

Ela o interrompeu.

— Você quer dizer: que nos fizeram.

— Que tudo isso não nos torne pessoas más.

Palavras. Não há como tirá-las da cabeça. Elas não deixam a gente ficar realmente só. Praga de insetos incômodos. Devia abrir as janelas de par em par para que as palavras, os lamentos, as velhas conversas tristes capturadas entre as paredes daquele lar desabitado saíssem dali.

— Txato, Txatito, o que você quer jantar?

Txato meio que sorria na foto da parede, com sua cara de homem assassinável. Bastava olhar para saber que um dia o matariam. E que orelhas. Bittori pôs um beijo nas pontas do dedo médio e do indicador unidos e depois o depositou, delicadamente, no rosto em branco e preto do retrato.

— Ovo frito com presunto. Eu conheço você como se estivesse vivo.

Abriu a torneira do banheiro. Sim, saía água, e não tão suja quanto tinha imaginado. Abriu gavetas, soprou a poeira acumulada em alguns móveis e objetos, fez isso, fez aquilo, foi aqui, foi ali, e por volta das dez e meia da noite levantou um pouco a persiana do quarto do casal, o suficiente para que a luz do interior da casa vazasse para a rua. Fez o mesmo com a persiana do quarto contíguo, mas não acendeu a luz. Depois pegou uma cadeira da cozinha e se sentou na escuridão para olhar pelas frestas sem que sua silhueta se destacasse na claridade.

E passaram vários rapazes. Gente sozinha. Um rapaz e uma moça que vinham discutindo, ele tentando beijá-la e ela resistindo. Um velho com um cachorro. Tinha certeza de que mais cedo ou mais tarde veria um deles em frente à casa. E como você sabe? Não consigo explicar, Txato. Intuição feminina.

Que a previsão foi cumprida? É, foi, mas Bittori teve que esperar um bom tempo. Já davam onze horas na torre da igreja. Ela o reconheceu imediatamente. A boina de lado, o pulôver nos ombros com as mangas amarradas sobre o peito, uns

alhos-porós presos debaixo do sovaco. Então ele ainda cuida da horta? E, como tinha parado na área iluminada pelo poste, ela distinguiu sua expressão entre incrédula e apavorada. Foi só um segundo, mais nada; depois voltou a andar como se lhe tivessem espetado uma agulha no traseiro.

— O que eu falei? Agora vai contar à esposa que viu luz acesa aqui. Ela vai dizer: você bebeu. Mas a curiosidade será mais forte, e ela virá aqui tirar a prova. Quer apostar, Txato?

Bateram doze badaladas. Não seja impaciente. Você vai ver como ela vem. E veio, claro que veio, quase à meia-noite e meia. Parou um instante sob a luz do poste, olhando sem incredulidade nem surpresa para a janela, mas com as sobrancelhas zangadas e, logo em seguida, deu meia-volta, pisando firme na calçada, e desapareceu na escuridão.

— Tenho que reconhecer que está bem conservada.

7
Pedras na mochila

Deixou a bicicleta na cozinha. É leve, de corrida. Um dia como tantos outros, Miren diante de um monte de louça para lavar:

— Para esse trambolho de luxo você tem dinheiro, né?

Réplica de Joxian:

— Pois é, tenho sim, qual o problema? Também passei a vida inteira trabalhando feito um burro, que diabo.

Traz a bicicleta do porão sem dificuldade, sem tocar nas paredes. Ainda bem que moramos no térreo. Sobe com ela no ombro como fazia quando participava de competições de bicicross na juventude. E eram sete da manhã de domingo. Ele jurava que não tinha feito nenhum barulho. Mas lá estava Miren à mesa, de camisola, esperando-o com cara de reprovação.

— Posso saber o que essa bicicleta está fazendo dentro de casa? O que você quer: sujar o chão?

— Vou regular o freio e passar um pano antes de sair.

— E por que não a limpa na rua?

— Porra, porque não dá para ver nada e está fazendo um frio dos diabos. E você, por que está de pé a essa hora?

Duas noites seguidas em claro, nem precisava dizer. As olheiras já denunciavam. O motivo? A luz pelas frestas da persiana na casa deles. Não tinha sido só na sexta-feira, ontem também e, vai ver, de agora em diante, todo dia. E ainda vieram falar de pobres vítimas e que nós passeamos sorrindo ao seu lado. A luz, a persiana, as pessoas que viram Bittori na rua e não tiveram nada melhor para fazer do que vir lhe contar reavivaram velhos pensamentos, maus pensamentos, desses bem terríveis.

— Esse nosso filho dificultou a nossa vida.

— Sim, mas, se ouvirem você por aí, nós vamos acabar mal.

— Estou dizendo isso a você. Senão, com quem vou falar?

— Você foi ficando tão *abertzale*. Sempre a primeira, a que mais grita, a revolucionária com colhões. E, quando escorriam lágrimas do meu rosto no locutório da cadeia, era uma bronca só. Não seja frouxo — imitando-a —, não chore na frente do seu filho, ele vai ficar deprimido.

Muitos anos atrás, quantos?, mais de vinte, tinham começado a desconfiar, descobrir, entender. Arantxa, certo dia, disse na cozinha:

— Ora, ora. Todos aqueles cartazes nas paredes do quarto dele. E aquela figura de madeira na mesinha, uma cobra enroscada no machado, o que é?

Uma tarde, Miren chegou em casa inquieta/contrariada. Tinham visto Joxe Mari envolvido em uma confusão de rua em San Sebastián. Mas quem o tinha visto?

— Quem poderia ser? Bittori e eu. Ou você acha que estou saindo com alguém?

— Tudo bem, se acalme. Ele é jovem, tem sangue quente. Vai passar.

Miren, tomando golinhos de uma xícara de chá de tília que tinha preparado às pressas, invocou santo Inácio em busca de proteção e conselho. E, enquanto cortava alho para incrustar na carne de um dourado, ia se benzendo com a faca na mão. Durante o jantar, não parou de monologar diante da roda de familiares calados, prevendo graves desgostos, atribuindo as andanças de Joxe Mari à influência de más companhias. Botava a culpa no filho de Manoli, no do açougueiro, na patota toda.

— Todo sujo, desmazelado, com essa marra e esse brinco que me dão nos nervos. Estava com um lenço cobrindo o rosto.

Naquela época, Bittori e ela eram o quê, amigas? Mais do que isso, irmãs. Tudo o que se disser é pouco. Quase tinham virado freiras juntas, mas Joxian apareceu, mas Txato apareceu, parceiros de mus no bar, amigos de jantares, em geral aos sábados, na sociedade gastronômica e cicloturistas dominicais. E as duas se casaram de branco na igreja da vila, com *aurresku* na saída, uma em junho, a outra em julho do mesmo ano, 1963. Dois domingos de céu tão azul que pareciam encomendados para a ocasião. E convidaram uma à outra. Miren e Joxian fizeram o jantar de casamento em um bar de sidra bem razoável, verdade seja dita, nos arredores da vila; mas, enfim, barata e com cheiro campestre de grama cortada e bosta; Bittori e Txato celebraram em um restaurante chique com garçons de terno, porque Txato, que quando era menino andava pela vila de pantufa furada, estava bem de vida com a empresa de transportes que fundara.

Miren e Joxian passaram a lua de mel em Madri (quatro dias, pensão barata perto da Plaza Mayor); Bittori e Txato, depois de um período inicial em Roma, com direito a um aceno do novo papa à multidão, visitaram várias cidades italianas. Miren disse, enquanto ouvia o relato da viagem pela boca da amiga:

— Dá para ver que você se casou com um homem rico.

— Menina, eu nem tinha notado. Pois me casei com ele por causa das orelhas...

Na tarde dos distúrbios, as duas amigas estavam saindo de uma casa de churros na Parte Velha de San Sebastián. Pararam na esquina de uma rua que dava na

avenida. Havia um ônibus em chamas atravessado na pista. A fumaça preta se arrastava pela fachada de um edifício, encobrindo as janelas. Diziam que o motorista tinha levado uma surra. O homem estava ali, uns cinquenta, 55 anos, sentado no chão, com o rosto ensanguentado, a boca aberta como se não conseguisse respirar direito, e ao seu lado, dois transeuntes que o ajudavam e consolavam e um *ertzaina* que, a julgar pelos gestos que fazia, estava dizendo que eles não podiam ficar ali.

— Tem confusão — observou Bittori.

— Vamos então pela rua Oquendo e damos a volta até o ponto do ônibus — sugeriu Miren.

Antes de dobrar na esquina, se viraram para olhar. Ao fundo se divisava uma fileira de viaturas da *Ertzaintza*, estacionadas ao lado da Prefeitura. Os agentes, com capacetes vermelhos, rostos cobertos com balaclavas, tinham tomado posição. Estavam disparando balas de borracha contra a garotada aglomerada em frente, que os xingava cantando em coro o repertório habitual: assassinos, *cipayos*, filhos da puta, algumas vezes em basco, outras em castelhano.

E o ônibus permanecia ali, queimando estoicamente em meio à batalha campal. E a fumaça preta. E o fedor de pneu queimado, que se espalhava pelas ruas próximas, feria as pituitárias, ardia nos olhos. Miren e Bittori ouviram alguns passantes reclamando baixinho: que quem paga os ônibus somos todos nós; que, se isto é defender os direitos do nosso povo, eu paro e vou embora.

— Shhh, que vão ouvir você — disse uma mulher ao marido.

Então o distinguiram, um dos encapuzados, a boca coberta com um lenço. Ué, Joxe Mari. O que está fazendo aí? Miren quase o chamou. O rapaz tinha saído da Parte Velha poucos minutos antes pela mesma esquina que elas. Uns seis ou sete deles, entre os quais o filho do açougueiro e o de Manoli, pararam na esquina da marisqueira. E Joxe Mari era um dos que corriam segurando uma mochila. Uma vez deixadas na calçada, uns e outros, e mais outros que foram chegando, esticaram a mão para pegar Miren não sabia o quê. Bittori tinha boa vista e avistou: pedras. Sim, eram pedras. Que eles atiravam com toda a força nos *ertzainas*.

8
Um episódio distante

O brilho de uma roda chamou a atenção de Miren. Bastou uma pequena concentração de luz matinal na bicicleta de Joxian para lhe evocar o episódio distante. O cenário? Aquela mesma cozinha. Sua memória evocou primeiro o tremor de suas mãos enquanto preparava o jantar. Só de pensar nisso, voltou a sentir o mesmo sufoco que na época atribuiu ao calor e à fumaça vindos da frigideira. Nem com a janela aberta conseguia aspirar ar suficiente.

Nove e meia, dez da noite, e por fim o ouviu chegar. O som inconfundível das pisadas na escada do prédio. Que mania de subir correndo. Hoje vai ouvir poucas e boas.

Ele entrou, grande, dezenove anos, cabelo até o ombro e o maldito brinco. Joxe Mari, garoto saudável, robusto, comilão, tinha crescido até se transformar em um rapaz alto e largo. Tinha dois palmos a mais de altura do que todos os outros membros da família, exceto pelo caçula, que também saiu alto, mas era de outra natureza, não sei, Gorka era magro, frágil; segundo Joxian, tinha mais cabeça.

Sobrancelhas zangadas, não o deixou lhe dar um beijo.

— Onde você estava?

Como se não soubesse. Como se não o tivesse visto de tarde no Bulevar de San Sebastián. Desde então ficou imaginando-o com a roupa queimada, uma ferida na testa, internado no hospital.

E ele, a princípio, respondeu com evasivas. Arredio demais. Aff, tinha que praticamente arrancar as palavras de sua boca com um saca-rolha. E, como não respondia, Miren lhe falou tudo. A hora, o lugar, a mochila cheia de pedras.

— Por acaso você foi um dos que tacaram fogo no ônibus? Não nos venha causar nenhum desgosto.

Desgosto porra nenhuma, começou a esbravejar. E Miren? A primeira coisa que fez foi fechar a janela correndo. É que a vila inteira vai ouvir. Forças de ocupação, liberdade de Euskal Herria. E ela segurou o cabo da frigideira disposta a se defender, porque, se tiver que bater nele, eu bato mesmo. Mas reparou no óleo quente e, claro, não tinha como. E nada de Joxian aparecer. Joxian no Pagoeta, e ela ali, sozinha com o filho enlouquecido falando aos berros de libertação, de luta, de

independência, tão agressivo que Miren chegou a pensar: ele vai me bater. E era seu filho, seu Joxe Mari, e ela o tinha parido e lhe dado o peito, e agora ficava assim, gritando com a própria mãe.

Desamarrou o avental, fez uma bola e o jogou, com raiva, com medo?, no chão, mais ou menos no mesmo lugar onde Joxian pôs a bicicleta agora, mas também que ideia trazer esse trambolho para dentro de casa. Não queria que o filho a visse chorar. Então saiu às pressas da cozinha, os olhos achinesados, os lábios para fora, o rosto deformado por uma expressão de pranto contido que ainda durava quando entrou/irrompeu no quarto de Gorka e lhe disse vai chamar *aita*. E Gorka, debruçado sobre seus livros e cadernos, perguntou o que estava acontecendo. A mãe lhe pediu pressa, e o rapaz, de dezesseis anos, saiu a toda para o Pagoeta.

Pouco depois, a partida interrompida, Joxian voltou para casa chateado.

— O que você fez com a sua mãe?

Tinha que falar com ele olhando para cima devido à diferença de altura. No brilho da roda, Miren via a cena completa sem precisar cansar a memória. Lá estavam em tamanho reduzido os azulejos até metade da parede, os tubos fluorescentes que derramavam uma claridade humilde, de classe operária, nos armários de fórmica e o cheiro de fritura na cozinha sem ventilação.

Faltou pouco para bater nele. Quem? O filho fortão no pai miúdo. Sacudiu-o. Nunca o tinha desafiado dessa maneira. E não havia contas a acertar: Joxian nunca tinha sido um pai agressivo. Agressivo, ele? Era mais de resmungar baixinho e fugir para o bar assim que sentia cheiro de discórdia. Porque sempre deixava tudo por minha conta, a educação dos filhos, as doenças, a paz da casa.

Na primeira sacudida, a boina dele saiu voando e caiu não no chão, mas na cadeira, como se a tivessem mandado sentar. Joxian recuou triste/atônito, amedrontado/pusilânime, com o escasso e grisalho cabelo que lhe restava em derrotado desgrenhamento, perdida para sempre a condição de macho alfa daquela família nada conflituosa, isso não, pelo menos até aquele momento.

Arantxa disse à mãe certo dia em que viera visitá-los:

— *Ama*, sabe qual é o problema da nossa família? É que nós sempre conversamos pouco uns com os outros.

— Ora.

— Eu acho que não nos conhecemos de verdade.

— Pois eu conheço todos vocês. Conheço muito bem.

E essa conversa também perdurava na roda, contida em um brilho entre dois raios, junto com a velha cena, ai, que não vou esquecer enquanto for viva. Ali podia ver Joxian, coitado, saindo da cozinha de cabeça baixa. E foi se deitar antes da hora

habitual, sem dar boa-noite, e ela não o ouviu roncar. Esse homem não dormiu a noite inteira.

Ficou vários dias sem falar. Já falava pouco. Agora, falava menos ainda. Joxe Mari também, calado, calado durante os quatro ou cinco dias que permaneceu em casa. Só abria a boca para comer. Depois, no sábado, juntou suas coisas e foi embora. Nesse momento nós não imaginávamos que seria para sempre. Talvez nem ele. Deixou uma folha de papel na mesa da cozinha: *Barkatu*. Nem assinatura tinha. Puxa vida, *barkatu*, em uma folha arrancada de um caderno do irmão, e mais nada. Nem *muxus*, nem aonde tinha ido, nem adeus.

Voltou dez dias depois, com uma bolsa cheia de roupa suja e um saco para levar parte dos pertences que tinha deixado no quarto, e deu à mãe um buquê de copos-de-leite.

— Para mim?

— Para quem mais seriam?

— De onde você tirou estas flores?

— Da loja, ora. De onde vou tirar? Do ar, por acaso?

Ficou olhando para ele. Seu filho. Quando era pequeno lhe dava banho, vestia, enfiava colheradas de mingau na boca. Faça o que fizer, pensei, ele é o meu Joxe Mari e tenho que amá-lo.

Enquanto o tambor da máquina de lavar girava, ele se sentou para almoçar. Quase liquidou sozinho o pão inteiro. Que tigre. E enquanto isso seu pai chegou da horta.

— *Kaixo*.

— *Kaixo*.

Essa foi toda a conversa. Quando a máquina terminou de lavar, Joxe Mari pôs as roupas molhadas em um saco. Depois as colocaria para secar no seu apartamento. Apartamento?

— Estou dividindo um apartamento alugado com uns amigos, na saída da estrada para Goizueta.

Joxe Mari se despediu, beijando primeiro a mãe, depois dando um tapinha afetuoso nas costas do pai. Levando a bolsa e o saco, voltou para seu mundo de amigos e sabe-se lá quem mais que, embora estivessem próximos, na mesma vila, seus pais não conheciam. Miren lembrou que tinha se debruçado na janela para vê-lo se afastando rua abaixo; mas dessa vez não conseguiu completar a recordação, porque Joxian mexeu a bicicleta de repente e o brilho da roda desapareceu.

9
Vermelho

Ikatza tinha lhe trazido mais uma vez um pássaro morto. Um pardal. O segundo em três dias. Às vezes, traz ratos. Parece que essa é a maneira que a gata tem de contribuir para a economia familiar ou de mostrar gratidão pelo tratamento recebido da dona. Sem a menor dificuldade, sobe pelo tronco da castanha-da-índia até um galho que lhe permite pular para uma das varandas do terceiro andar; desta passa à de Bittori, onde costuma deixar no chão ou na terra de algum vaso as presas que traz de presente. Quando a porta está aberta, não é raro que as deixe no tapete da sala.

— Quantas vezes vou ter que repetir para não trazer mais bichos?

Sente nojo? Um pouco, mas não é dada a melindres. Para ela o problema é que os presentes de Ikatza lhe evocam a ideia de morte violenta. No início os varria para a rua com a vassoura, mas alguns caíam nos carros estacionados em frente ao prédio, e isso, claro, não está certo. Para evitar desavenças com os vizinhos, faz tempo que leva os animais mortos para os fundos da casa, empurra com um pau para a pá de lixo e, com a devida discrição, joga no mato.

Com luvas de borracha, dedicava-se a essa ocupação quando a campainha tocou. Para não assustar a mãe, Xabier costuma anunciar sua chegada antes de abrir a porta.

Ao ver as luvas pergunta:

— Estava dando faxina?

— Não esperava que você viesse.

Filho alto, mãe baixa e um roçar de bochechas no saguão.

— Tive uma reunião com o advogado. Um caso de pouca importância que só levou uns minutos. Como estava aqui por perto, pensei em vir visitá-la e aproveitar para colher seu sangue. Assim você não precisa ir ao hospital amanhã.

— Tudo bem, mas tenta me machucar menos desta vez.

Xabier, que costuma ser calado, ficou falando de qualquer coisa para tentar distrair a mãe. Dos belos olhos sonolentos de Ikatza, que lambia as patas na poltrona. Da previsão do tempo. De como as castanhas estão caras este ano.

— Por que está preocupado com o preço das castanhas, com o salário que

ganha?

Bittori, de mangas arregaçadas, o cotovelo apoiado na mesa da sala, só queria falar, não queria ouvir. Um assunto monopoliza sua boca: Nerea.

Nerea isso, Nerea aquilo. Queixas, cenho franzido, recriminações.

— Posso dizer isto a você, porque é meu filho e temos intimidade: eu não aguento com ela. Nunca aguentei. Dizem que o primeiro parto é o pior, que nos seguintes o caminho já está aberto. Mas o parto dela me doeu mais que o seu. Muito, mas muito mais. E depois, que menina difícil. E, quando ficou adolescente, nem te conto. E agora é ainda pior. Eu achei que, depois do que aconteceu com o *aita*, ela ia botar a cabeça no lugar. Mas amargurou o meu luto.

— Não diga isso. À sua maneira, ela sofreu tanto quanto você e eu.

— Sei que e eu não deveria dizer essas coisas da minha filha, mas para que esconder o que sinto se, de qualquer jeito, falando ou calando, não vou deixar de sentir? É cada vez mais difícil não ter bronca dela. Não estou mais em idade de aguentar certos comportamentos, sabe? Ela foi para Londres há quatro dias com aquele marido cabeça de vento.

— Não esqueça que o meu cunhado tem nome.

— Não engulo.

— Enrique, por gentileza.

— Para mim se chama Não Engulo.

A agulha penetrou com facilidade a veia. O fino tubo logo se coloriu de vermelho.

Vermelho. Xabier, Xabier, você tem que ir para casa, aconteceu alguma coisa com seu pai. Dava para perceber, alguma coisa ruim. E estas palavras — aconteceu alguma coisa — ficaram ressoando dentro dele em um presente interminável, expelido bruscamente do fluir do tempo. Não lhe deram mais detalhes, nem teve coragem de perguntar; mas já se dava conta, pela cara da colega que lhe dera a notícia e a expressão dos que cruzavam com ele nos corredores, de que devia ter ocorrido algo muito grave com seu pai, algo muito vermelho, o pior. Em momento algum pensou na possibilidade de um acidente. Viu, no trajeto até a saída do hospital, sobrancelhas compungidas, testas franzidas de horror/compaixão e um velho colega que virou de repente para não pegar o mesmo elevador que ele. Então, o ETA. Enquanto atravessava a esplanada do estacionamento, estabeleceu três graus de gravidade: mobilidade restringida, a vida inteira em uma cadeira de rodas, o caixão.

Vermelho. Sua mão tremia tanto que não conseguiu enfiar a chave na ignição. Ela acabou caindo no chão do carro, e ele teve que se abaixar e procurá-la debaixo

do assento. Quem sabe seria mais sensato ir de táxi. Ligo o rádio, não ligo? Com a pressa, tinha se esquecido de tirar o jaleco. Falou sozinho, amaldiçoou sinais vermelhos, disse palavrões. Finalmente, diante das primeiras casas da vila, decidiu ligar o rádio. Música. Girou, nervoso, o dial. Música, anúncios, banalidades, piadas.

Vermelho. A Ertzaintza o obrigou a fazer um desvio. Estacionou em local proibido, atrás da igreja. Podem me multar à vontade. Chovia muito forte, e ele percorreu o caminho o mais depressa que pôde. A essa altura, já tinha ouvido a notícia no rádio, mas o locutor não deu informações sobre o estado da vítima. E, além do mais, disse errado o sobrenome. Entre a garagem e a casa dos seus pais, Xabier viu a mancha de sangue, já misturado com a água da chuva, que o arrastava pouco a pouco para o meio-fio. Ia tão depressa, estava tão nervoso que, por pouco, não o pisou. Aos agentes da Ertzaintza, se identificou como filho. Filho de quem? Ninguém lhe perguntou. O jaleco branco lhe abriu o caminho ou então estava com um aspecto tão óbvio de parente da vítima que nenhum *ertzaina* sequer cogitou perguntar aonde ia.

— Ainda não ligou para mim.

— Ela pode ter telefonado enquanto você estava fora. Eu liguei para você ontem e anteontem. Ninguém atendeu. Essa é uma das razões para eu ter vindo aqui. Queria ter certeza de que você está bem.

— Se estava tão preocupado, por que não veio antes?

— Porque sabia onde você estava e onde passou as últimas noites. A vila toda sabe.

— E o que tanto sabem de mim?

— Sabem que você desce do ônibus no ponto do parque industrial e depois vai para a casa tentando não cruzar com ninguém. Quem me contou isso, no hospital, foi alguém que viu você. Por isso não fiquei preocupado. E pode ser que Nerea tenha tentado falar com você várias vezes. Não vou perguntar suas intenções. É a sua vila, a sua casa. Mas, supondo que seu desejo seja reviver histórias do passado, eu ficaria muito grato se me mantivesse informado.

— É coisa minha.

Xabier guardou na maleta seus instrumentos e o sangue coletado da mãe.

— Eu sou parte dessa história.

Foi até onde estava a gata, que se deixou acariciar docilmente. Disse que não ia ficar para comer. Disse outras coisas. Beijou a mãe antes de partir e, como sabia que ela ia se debruçar na janela, antes de entrar no carro olhou para cima e, imaginando-a atrás da cortina, acenou com a mão.

10
Telefonemas

O telefone tocou. Com certeza é ela. Bittori não atendeu, e olha que bastava esticar o braço para pegá-lo. Que ligue, que ligue. E imaginava a filha dizendo, com uma impaciência cada vez maior, do outro lado da linha: *ama*, atende; *ama*, atende. Não atendeu. Dez minutos depois, o telefone voltou a tocar. *Ama*, atende. Inquieta com tanto barulho, Ikatza aproveitou que a porta da varanda estava aberta e foi para a rua.

Bittori foi até a foto de Txato, ensaiando uns passos de dança.

— Quer dançar, Txatito?

Segundos depois, o telefone parou de tocar.

— Era ela, a sua predileta. Como eu sei? Ora, marido, você entendia de caminhões, eu entendo da minha área.

Nerea não foi ao velório nem ao enterro do pai.

— Posso ter Alzheimer, esquecer que mataram você, esquecer até o meu nome; mas juro que, enquanto houver uma luzinha acesa na minha memória, vou lembrar o que ela fez, vou lembrar que ela não estava por perto quando mais precisamos.

A garota tinha se estabelecido em Zaragoza no ano anterior a fim de continuar lá o curso de direito. Não havia telefone no apartamento de estudantes na rua López Allué que dividia com duas colegas. Certa vez, quando foi visitá-la, Bittori anotou o número do bar sobre o qual a filha morava, para casos de emergência. Celular? Pelo que lembrava, pouca gente usava celular nessa época. Até aquele momento, Bittori não tinha precisado falar urgentemente com a filha. Agora não havia outro remédio.

E então Xabier, a seu pedido — porque ela, com os calmantes, o estupor e a consternação, não estava em condições de emendar duas frases seguidas — ligou para o bar, explicou quem era, disse o que tinha que dizer com um brio pesaroso e deu ao taberneiro as coordenadas da irmã. O homem, muito gentil, respondeu:

— Vou mandar alguém lá agora mesmo.

E Xabier: que, por favor, dissessem à sua irmã que ligasse imediatamente para casa e insistiu que era urgente, muito urgente. A pedido da mãe, não informou o motivo do telefonema. A essa altura a televisão e muitas estações de rádio já tinham divulgado a notícia. Xabier e Bittori imaginaram que Nerea já devia estar ciente do

que acontecera.

Mas ela não retornou a ligação. Passaram as horas. Primeiras declarações: atentado brutal, assassinato vil, um homem bom, condenamos, repudiamos sem atenuantes etc. Anoitecia. Xabier discou outra vez o número do bar. O taberneiro prometeu que mandaria seu filho de novo para dar o recado. Nada. Só na manhã seguinte é que Nerea ligou. Esperou um bom tempo em silêncio, até a mãe parar de chorar e se lamentar e desabafar e contar com uma voz entrecortada os detalhes do que ocorreu, antes de dizer em tom lúgubre, porém decidido, que resolvera permanecer em Zaragoza.

Oi? Os soluços de Bittori pararam de repente.

— Você vem para casa no primeiro ônibus. Sem discussão. Assassinaram o seu pai e você aí numa boa.

— Não estou numa boa, *ama*. Estou muito triste. Não quero ver *aita* morto. Não aguentaria. Não quero aparecer nos jornais. Não quero suportar os olhares do pessoal da vila. Você sabe como nos odeiam. Por favor, tente me entender.

Falava correndo, para não dar chance de a mãe interrompê-la e do pranto que lhe subia do centro do seu peito até a boca deixá-la sem voz.

E continuou falando, com os olhos arrasados de lágrimas:

— Em Zaragoza, ninguém me relaciona ao *aita*. Nem meus professores. Isso vai me permitir viver sossegada aqui. Não quero que fiquem cochichando na faculdade: "Olha, é a filha daquele que mataram." Se eu for para a vila agora e aparecer na televisão, na universidade todo mundo vai saber quem sou. Por isso vou ficar aqui, e faça-me o favor de não julgar meus sentimentos. Estou tão arrasada quanto você. Pelo amor de Deus, deixe que eu escolha minha própria forma de luto.

Bittori tentou participar do diálogo, mas Nerea desligou. E só apareceu na vila uma semana depois.

Fez os cálculos. Pessoas de Zaragoza (faculdade, vizinhança, amizades) que sabiam que ela era filha da última, depois penúltima, depois antepenúltima vítima do ETA: suas duas colegas de apartamento e mais ninguém, a menos que elas tenham dado com a língua nos dentes. O sobrenome é bem comum em Euskadi e se vê com frequência em outros lugares. Caso alguém pergunte se é parente do empresário de Guipúzcoa assassinado pelo ETA ou se o conhece, ela dirá que não.

Antes das duas colegas de apartamento, quem soube foi aquele garoto, o José Carlos. Viera buscá-la para irem a um bar próximo, onde tinham combinado de se encontrar com outros estudantes. Todos pretendiam ir à tardinha, em vários carros, a uma festa na Faculdade de Veterinária. Enquanto estavam fazendo graça e rindo, a notícia alcançou Nerea. Chamando José Carlos de lado, pediu-lhe que não a

deixasse sozinha e, sem dizer nada a ninguém, fosse para o apartamento com ela. Lá se trancaram no quarto. O rapaz procurava palavras de consolo, mas não encontrava. Passou um tempo esbravejando contra os terroristas e contra o atual governo, que não faz nada, e, por desejo da amiga desolada, ficou lá para dormir com ela.

— Você quer mesmo?

— Preciso.

Ele pediu desculpas adiantadas para o caso de não ter ereção. Não parava de falar:

— Mataram seu pai, porra, mataram seu pai.

Sem conseguir se concentrar nos jogos eróticos, ia soltando réstias de injúrias enquanto ela tentava calar sua boca com beijos. Por volta de meia-noite, montou nele e consumaram um coito rápido. José Carlos continuou murmurando exclamações, palavrões, frases de repulsa, até que, finalmente, vencido pelo cansaço, virou-se para um lado e não disse mais nada. Ao seu lado, com a luz apagada, Nerea passou a noite sem pregar os olhos. Apoiada na cabeceira da cama, ficou fumando enquanto revia lembranças do pai.

O telefone voltou a tocar. Dessa vez Bittori atendeu.

— *Ama*, até que enfim. Estou tentando falar com você há três dias.

— Como vão as coisas em Londres?

— Tudo fantástico. Não tenho nem palavras para descrever. Você trocou o capacho?

11
Inundação

Três dias de chuvas bíblicas, torrenciais ou qualquer coisa do tipo. À noite, na cama, Joxian ouvia inquieto o tamborilar de gotas furiosas espocando contra os telhados e ruas. E na fundição, cada vez que olhava para fora durante a jornada de trabalho, meneava a cabeça com um desânimo crescente ao ver aquele desabamento contínuo de água que esmaecia os morros próximos e devia estar fazendo o nível do rio aumentar perigosamente. Puta merda, a obra. E o temporal que não para, já são três dias e mais os que vierem.

As hortaliças eram o de menos. Ora, depois eu reponho. As árvores? Essas aguentam. De todo modo, as aveleiras já estão fodidas. Suas maiores preocupações eram perder as ferramentas e que a enchente carregasse o barraco onde cria os coelhos e a mureta. Comentou o assunto com um colega de trabalho.

— Se tivesse feito a mureta de cimento, isso não aconteceria.

No que Joxian retrucou:

— Eu estou cagando para a mureta. O problema é que, sem ela, o rio deve ter levado um monte de terra. Vai ficar um buraco deste tamanho. Quase um barranco. Na certa os coelhos morreram afogados. E a parreira nem se fala.

— Isso acontece porque você fez a horta na *erribera*.

— Porra, pois é lá que o solo produz mais.

No fim do dia, foi direto da fábrica para a horta. Continuava chovendo? Aos cântaros. Enquanto descia a encosta, de boina de lado e guarda-chuva, viu que a Ertzaintza tinha interrompido o tráfego na ponte. A água rápida, suja, estava a dois dedos de transbordar pelo parapeito. Que cenário! Se a água está quase passando por cima da ponte, que estrago não terá feito na horta, que fica mais abaixo? Deu a volta por trás de um quarteirão de casas. Porque, claro, uma coisa é o rio inundar, e outra é, além disso, ele arrancar, arrastar e destruir. Tocou uma campainha, informou seu propósito com a boca colada no interfone, abriram. E na casa do amigo, olhando da varanda que dava para o rio, disse:

— Deus do céu, onde está a minha horta?

Uns troncos pareciam canoas naufragando; galhos surgiam, depois afundavam na água cor de café com leite; passou um garrafão sujo dando uns pulos de joão-

bobo; também plásticos velozes; e a cólera fluvial exalava um cheiro forte que lembrava musgo, mofo e putrefação revirada. O amigo, talvez para atenuar os lamentos de Joxian, disse, apontando para a outra margem:

— Olha lá a oficina dos irmãos Arrizabalaga. Desta vez estão arruinados.

— Puta que pariu, meus coelhos.

— Vão gastar uma fortuna.

— Com todo o trabalho que tive. Até as gaiolas fui eu que fiz. Várias horas!

Passaram vários dias, a chuva parou, o nível da água desceu. As galochas de Joxian afundavam até a metade do cano na terra pastosa da horta. Sobreviveram as árvores revestidas de lama; também as aveleiras e — milagre ou boas raízes — a parreira. O restante era de chorar. A mureta que bordeava o rio tinha desaparecido, arrancada do solo. Não restava um tomateiro ou um alho-poró sequer, nada. Da parte baixa, junto à margem, a correnteza levou uma grande quantidade de terra com tudo o que havia ali: as framboeseiras, as groselheiras, o *txoko* dos copos-de-leite e as roseiras. No barraco estavam faltando as tábuas de um lado e a telha de amianto da cobertura. Os coelhos estavam em suas gaiolas, untados de limo, inchados, mortos. As ferramentas, só Deus sabe.

Joxian, depois disso, deu nas horas livres para ficar sentado no sofá da sala, com os cotovelos sobre as coxas e a cabeça entre as mãos. Uma estátua de tristeza. Perguntavam as coisas, ele não respondia.

— Quer o jornal?

Sequer se mexia. Até que Miren perdeu a paciência.

— Merda, se está sofrendo tanto por causa da horta, vai lá e arruma tudo.

Ele se levantou, dócil. Como se estivesse esperando que mandassem. No dia seguinte, pareceu mais animado. Meio que retomou o costume de jogar com os amigos no Pagoeta. Certo dia, chegou feliz do bar, quase eufórico. É que os amigos tinham lhe dado a ideia de construir um muro de concreto entre a horta e o rio.

— Afinal, quanto vai custar? Dois tostões.

Contou a Miren durante o jantar — congro ensopado, bilha de vinho e água com gás —, coçando o lado direito, que Txato tinha se oferecido para trazer um caminhão de terra para substituir tudo o que a enchente levara.

— Deve ser terra boa, sabe? De Navarra. Aproveitando um frete para lá, ele vai trazer sem cobrar nada.

Mas precisava construir o muro primeiro. E, antes de mais nada, fazer uma boa limpeza. Tarefas demais para um só. E o principal: quando? Depois do trabalho?

— Ah, você é quem sabe — retrucou Miren.

E o aconselhou a perguntar aos filhos se não podiam ajudar. Por isso, Joxian

esperou acordado até Gorka chegar e lhe disse: Gorka, no domingo, a horta, uma ajuda, você e seu irmão etc. E o rapaz não respondeu. Falta disposição a este menino. O pai disse, para animá-lo:

— Depois nós três vamos ao bar de sidra, comer um baita bife cada um. O que acha?

— Tudo bem.

Não disse mais nada, e o domingo chegou. Sol, temperatura boa e o rio outra vez em seu leito. Joxian desistiu de participar da etapa de cicloturismo porque a bicicleta é importante, mas a horta é mais. A horta é sua religião. Foi o que disse, com estas palavras, certa vez no Pagoeta em resposta a umas brincadeiras dos amigos. Quando morrer, que Deus não lhe venha com o paraíso nem bobagens do tipo; que lhe dê uma horta como a de agora. E todos riram.

Na rua:

— Você disse ao Joxe Mari que viesse às nove?

— Não disse.

— Caramba. Mas por quê?

Então lhe contou, teve que contar, não havia outro remédio.

— Faz duas semanas que meu irmão não mora mais na vila.

Joxian ficou imóvel, com cara de surpresa.

— Ele não nos disse nada. A mim, pelo menos, não. À *ama*, não sei. Ou todo mundo sabe, menos eu? Onde ele está agora?

— Não sabemos, *aita*. Acho que foi para a França. Falaram que ele nos dirá assim que puder.

— Quem falou?

— Uns amigos da vila.

Permaneceram em silêncio durante o restante do percurso até a horta. Quando chegaram, Joxian perguntou:

— Se está na França, como ele faz para ir trabalhar?

— Largou o ofício.

— Mas ainda nem terminou o aprendizado.

— Pois é.

— E o handebol?

— Também largou.

Fizeram o trabalho os dois sozinhos, cada um em um lado da horta. Por volta das onze, Gorka disse ao pai que tinha que ir embora. Deu-lhe, que estranho, um abraço de despedida. Nunca se abraçavam, e agora, por quê?

Sozinho na horta, Joxian continuou retirando a sujeira com uma pá até a hora do

almoço, limpou aqui e ali com a mangueira, pôs para secar ao sol as ferramentas resgatadas da lama. França? Que merda esse paspalhão perdeu na França? E, se não trabalha, como é que come?

12
A mureta

Fizeram a mureta. Quem? Joxian, Gorka, que tinha prometido levar um amigo que acabou não indo, e Guillermo (Guillermo!), que naquele tempo ainda era um genro simpático e cooperador.

Anos antes, Arantxa dissera na cozinha:

— *Ama,* estou namorando.

— Ah é? Alguém da vila?

— Ele mora em Rentería.

— E como se chama?

— Guillermo.

— Guillermo! Ele não é guarda civil?

Porém, eles não teriam conseguido sem a ajuda de Txato. Não conseguiriam nem a pau! É que, além de emprestar as cofragens, Txato arranjou um caminhão-betoneira que Joxian nunca soube quanto havia custado nem se o motorista havia recebido algum pagamento. Txato lhe disse: não se preocupe, que a construtora me deve favores. Por isso Joxian só teve que pagar o concreto. Ainda nem tinha terminado de restaurar a horta nem de consertar o barraco, e seus olhos já se alegravam com uma reluzente mureta à prova de enchentes, ou, segundo Txato, pelo menos de enchentes como a do mês passado.

Um problema: bem em frente à mureta havia um socavão que daria para um lago com peixes. Joxian segurou no ar um peixe imaginário, do tamanho de um atum, ao falar sobre eles. O outro: ah, mas isso tem jeito. Txato cumpriu a promessa que fizera no Pagoeta. Demorou a cumpri-la. Quanto tempo? Foi coisa de duas semanas. Até o dia em que surgiu um frete para Andosilla, em Navarra. Mandou o motorista trazer na volta uma carga de terra cultivável. Pelo visto também lhe deviam favores em Navarra. Muita gente devia favores a Txato. E Joxian, claro, agradecido. E, se for preciso pagar, pagará.

Outro problema: descarregaram a terra, com Txato ao volante, uma terra de tonalidade mais avermelhada do que a da região, pelo visto boa para uvas, e viram que a quantidade transportada não dava para encher o socavão.

— Precisaríamos de pelo menos uns três caminhões — observou Joxian.

Solução: fazer canteiros.

— Divide a horta em dois níveis, ligados por degraus ou uma rampa para o carrinho de mão. Então, se vier outra inundação, a água ficará na parte baixa do terreno. Com um pouco de sorte, só se perde metade da horta e não ela inteira, como desta vez.

Txato falava rápido, tinha ideias. Todo mundo achava isso. Aplicavam a ele o velho elogio: sabichão. Já Joxian carecia de agilidade mental. As coisas são como são. Se fosse mais safo, poderia ter entrado de sócio no negócio dos caminhões; mas hesitava, não teve iniciativa, Miren o dissuadiu. Como Txato era empreendedor e valente. Na vila todo mundo dizia isso, até que, da noite para o dia, TXATO ENTZUN PIM PAM PUM, e deixaram de mencioná-lo nas conversas, como se nunca tivesse existido.

Pois é, ele tinha ideias e também um problema. Qual? Este:

— Recebi outra carta.

> O ETA, organização armada para a revolução basca, dirige-se a você solicitando a entrega de 25 milhões de pesetas na qualidade de contribuição para a manutenção da estrutura armada necessária no processo revolucionário basco para a independência e o socialismo. De acordo com os dados reunidos pelos serviços de informação da organização etc.

O assunto lhe tirava o sono. Joxian: é normal, tiraria o sono de qualquer um.

— E a família?

— Não sabem.

— Melhor assim.

Para poupá-los de pesadelos e porque a princípio, que ingênuo, mas que ingênuo!, achou que o problema seria solucionado rapidamente, como se fosse um simples negócio. Pago e fico sossegado. Tinham mandado as cartas, assinadas com a cobra enroscada no machado e os símbolos do ETA, para a empresa. A primeira: 1,6 milhão de pesetas. Sem dizer nada a ninguém, pegou o carro e foi se encontrar na França com o tesoureiro da vez. Voltou para a vila aliviado, ouvindo música na estrada. Uma sacanagem, mas fazer o quê. Dias depois houve um atentado com um morto, viúva desolada, órfãos e declarações de condenação e repúdio, e Txato sentiu uma pontinha de culpa, puta que pariu, pensando que seu dinheiro podia ter sido usado para financiar explosivos e armas, e Joxian disse que sim, que entendia a situação. Mas, enfim, ele tinha pagado e achou que por um tempo, talvez alguns anos, iriam deixá-lo em paz. Mas não. Não haviam passado nem quatro meses

quando chegou a segunda carta.

— Agora estão pedindo 25 milhões. É muito, um absurdo.

— Estas coisas não deviam acontecer entre bascos — comentou Joxian, solidário.

— Mas seja sincero: eu tenho cara de explorador? Em toda a minha vida só fiz trabalhar feito um jumento e dar trabalho aos outros. Neste momento tenho quatorze empregados na folha. O que faço? Transfiro a empresa para Logroño e os deixo na mão, sem salário, sem seguro, sem porra nenhuma?

— Talvez eles tenham se enganado e mandado para você uma carta que era para outra pessoa.

— Eu não sou pobre, isso não. Mas somando as despesas, os impostos de uns, agora os impostos dos outros e mais outras coisas que nem conto para não aporrinhá-lo, mas você pode imaginar: manutenção, combustível, pagamentos atrasados e tudo o mais, no final não vá pensar que nado em ouro. Era só o que faltava. Não sei o que esse povo tem na cabeça. Eu continuo dirigindo o mesmo carro de dez anos atrás. Alguns caminhões estão velhos, mas de onde vou tirar dinheiro para comprar outros novos? Recentemente pedi um empréstimo para comprar dois. E o que mais me dói é que um desses homens a quem dou trabalho deve ter ido fuxicar com os terroristas: olha, aquele lá está cheio da grana.

Meneava a cabeça, apreensivo, o rosto com olheiras das poucas horas de sono.

— Mas não é por mim, veja bem. Essa gangue de assassinos não me assusta. Podem me dar um tiro que eu fico em paz. Morto, mas em paz. Na carta mencionam Nerea, o lugar onde ela estuda e outros detalhes.

— Não brinca.

— É isso que me deixa arrasado. O que você faria?

Joxian coçou a nuca antes de responder.

— Não sei.

Estavam na sombra da figueira, fumando, o tempo estava bom e uma lagartixa tomava sol em uma pedra. O caminhão, no meio da horta, com as rodas semiafundadas na terra fofa. E do outro lado do rio ouvia-se o constante chaca-chaca de uma máquina da oficina dos Arrizabalaga.

— Você acha que eles também pagam?

— Quem?

— Os Arrizabalaga.

Joxian deu de ombros.

— Só há três opções: você paga, emigra ou se arrisca. O que não me entra na cabeça é por que cismam tanto comigo mesmo depois de ter pagado o que me

pediram, sem nenhum dia de atraso.

— Eu não entendo dessas coisas, mas acho que houve um erro.

— Já disse que falam de Nerea.

— Quem sabe mandaram sem querer a carta do ano que vem.

Chaca-chaca. Txato, depois de jogar a guimba do cigarro no chão e pisá-la, disse:

— Posso te pedir um favor?

— Claro, fica à vontade.

— Sabe, eu estive pensando. Seria melhor conversar com eles, com algum chefe ou o responsável pelas finanças, e esclarecer minha situação. O padre com quem me encontrei é só um intermediário. Quem sabe eles reduzem a quantia ou me deixam pagar à prestação, entende?

— Acho uma boa ideia.

Chaca-chaca. Ouviam-se também pássaros e o som dos motores de carros e caminhões que cruzavam a ponte próxima.

— Preciso falar com o Joxe Mari. É esse o favor que te peço.

Joxian questiona espantado:

— O que meu filho tem a ver com tudo isso?

— Preciso de alguém que me arranje um contato.

— Joxe Mari não é do ETA, sabe? O que é isso? Além do mais, ele está fora. Onde? Não sabemos. Joxe Mari é um bobalhão, um preguiçoso. Largou o trabalho, e Miren diz que deve ter ido correr o mundo com os amigos. Vai ver agora está pela América.

Chaca-chaca-chaca.

13
A rampa, o banheiro, a cuidadora

Miren viu as coisas claramente desde o começo. Se não morassem no térreo, teriam que se mudar. Por quê? Caramba, porque não poderíamos ficar subindo e descendo Arantxa todo dia na cadeira de rodas pela escada. Imagina? Só três degraus separavam o portão do corredor da porta do apartamento. Pouca altura, mas mesmo assim não dá, por muito tempo será impossível.

— Um dia, digamos, você não está em casa, eu fico sem forças ou passo mal na rua. O que é que eu faço? Peço ajuda? Deixo Arantxa sozinha no portão?

Por isso lhe disse que arranjasse uma solução, e Joxian não hesitou um segundo sequer, pôs a boina na cabeça, foi para o Pagoeta e lá os conselhos dos amigos o encaminharam a uma marcenaria, onde encomendou uma rampa. O marceneiro, depois de tirar as medidas, fez, testou e instalou o artefato. E certa manhã os vizinhos se depararam com três quartos da largura da pequena escada ocupados por aquele estorvo de madeira, que ainda por cima se estendia quase meio metro além do degrau inferior, no piso de lajotas do portão, com o objetivo de reduzir o declive. Joxian e Miren experimentaram subir e descer a cadeira de rodas, primeiro sem Arantxa, depois com ela, e, sim, não havia dúvida, dali por adiante os três degraus não seriam mais um obstáculo para ir passear com a filha.

Para os vizinhos, da escada só ficaram disponíveis dois palmos de largura, a menos que, como faziam as crianças, subissem e descessem pela rampa — exatamente a recomendação de Miren para um deles que reclamou por não terem consultado a vizinhança sobre a questão da rampa.

— Então é só *passar* pela rampa. Que problema teria?

Problema duplo. Para eles, porque alguém pode escorregar e quebrar a cabeça. Para nós, porque toda vez que alguém andar na rampa vamos ouvir os passos dentro de casa e não vão nos deixar dormir à noite. No bar, sugeriram a Joxian que revestisse a superfície de madeira com carpete. Miren adorou a ideia. Um carpete: como não pensamos nisso antes? Serviria ao mesmo tempo para abafar o som dos passos e para evitar que alguém escorregasse. E então o colocaram, um conhecido o instalou, colado com cola de madeira, reforçando a fixação com uns pregos.

Joxian disse, agourento:

— Vão usar o carpete como capacho. Não quero nem pensar como vai ficar quando chover.

Todos os vizinhos, indiferentes ou resignados, talvez querendo evitar desavenças com a família de um membro do ETA, engoliram os protestos, menos um, Arrondo, o do segundo andar à direita. Na verdade, sua mulher mandou que exigisse a retirada daquele troço agora mesmo. A escada é de todo mundo; a mãe dela, de 88 anos, não consegue passar por aí etc. Ela e Miren já haviam tido um começo de discussão na saída da missa, com olhares ferinos, dentes rangendo e uma curva de desdém nos respectivos lábios superiores. E, em um sábado, Arrondo, homem de poucas porém fortes palavras, desceu com o ultimato: ou tiravam aquele trambolho dali, ou ele mesmo ia tirar, *porra*.

Foi Miren quem abriu a porta. Joxian estava na cozinha, escondido.

— Não vai tirar nada.

— Ah, não?

Arrondo é parrudão, mas imprudente. Não pensou, não calculou as consequências, sua mulher o havia atiçado. Por fim pegou a rampa e a jogou no canto das caixas de correio. Ai ai ai, Arrondo. Em que encrenca se meteu. Porque Miren, sem tirar o avental e de pantufas, foi à Taberna Arrano. Era cedo, havia pouca gente. Não importa. Dois bastam. Vinte minutos depois, Arrondo já tinha restituído a rampa ao seu lugar. Nunca mais houve a menor queixa, e o trambolho permanece lá, feio mas útil.

Joxian: podiam ter feito as coisas de outro modo. De que modo? De outro, sei lá, na boa, conversando.

— E por que você não foi lá conversar com ele, já que insiste tanto?

A rampa da escada não foi a única mudança feita para adaptar a casa às necessidades de Arantxa. Também reformaram o banheiro inteiro. Nossa, no final ficou totalmente diferente de antes. Para fazer a obra, seguiram as instruções de um folheto que receberam no Serviço de Reabilitação. Guillermo pagou uma parte. Miren: claro, queria se livrar dela o mais rápido possível. Olhem, aqui está a paralítica, vim devolvê-la porque já arranjei outra para esquentar a minha cama. E ainda ficou com os filhos, e Miren, na igreja, ao santo de Loiola: Inácio, te peço que o castigue da forma que achar melhor. E depois me devolva os meus netos e tire Joxe Mari da cadeia. Se me conceder tudo isso, não te peço mais nada. Juro.

Afinal, no dia em que Arantxa veio se instalar na casa, eles já tinham um banheiro que mais parecia de hospital cinco estrelas, com um box sem base nem degrau, de fácil acesso. Que mais? Barras de apoio, tapetes antiderrapantes, torneira de alavanca; enfim, tudo o que a diretora do Serviço de Reabilitação do hospital

recomendou e estava escrito no folheto.

Mas para lavá-la adequadamente são necessárias duas pessoas. Miren, sozinha, não consegue, pois Arantxa, tão magra antes, deu para engordar e agora pesa um bocado. É preciso despi-la, sentá-la na cadeira especial para o chuveiro, ensaboá-la, enxugá-la e vesti-la.

— Tudo bem, certo, certo, não me explique mais o que já sei.

E Joxian, que queria dar o fora o quanto antes para jogar seu carteado no Pagoeta, concordou em contratar os serviços de uma empregada. Porque o que Miren não admite de maneira alguma é que Joxian olhe/toque/segure Arantxa nua, mesmo sendo pai dela. Nem pensar.

No dia seguinte Joxian entra em casa e o que vê? Uma mulher miudinha de olhos meio indígenas e cabelo comprido, liso e preto que o recebe com uma reverência, duas fileiras brancas de dentes sorridentes, o chama de senhor, *senhor!*, e diz:

— Bom dia, senhor. Meu nome é Celeste, às suas ordens.

Do Equador. Muito simpática, hein? E educadinha.

Joxian, de noite, pergunta na cama:

— De onde você a tirou?

— Perguntando. Viu como é limpa e educada?

— Mas de onde você a tirou?

— No açougue, conversando. Juani: olha, eu conheço um pessoal do Equador, a mulher faz faxina sem cobrar muito. Moram ali embaixo, antes de chegar à ponte. O marido é entregador, trabalha com uma caminhonete. Então ontem fui dar um passeio com Arantxa, perguntei por ela e agora está aqui. Um tesouro de mulher. Contei a ela que meu filho mora em Andaluzia e que vou visitá-lo uma vez por mês. Celeste disse para eu não me preocupar, que ela cuida de Arantxa.

— E quanto vai pagar a ela?

— Dez euros a diária.

— É pouco.

— Eles são pobres. Vai ficar é agradecida.

14
Últimos lanches

Bittori era mais de torrada com geleia e descafeinado de máquina; já Miren, de chocolate com churros. Como engordam! Elas não ligavam. As duas se davam bem? Muito bem, eram íntimas. Em um sábado foram juntas a um café na Avenida, no seguinte a uma casa de churros da Parte Velha. Sempre em San Sebastián. Diziam San Sebastián tanto quanto diziam Donostia, em basco. Não eram rígidas. San Sebastián? Pois então San Sebastián. Donostia? Pois então Donostia. Começavam conversando em basco, passavam para o castelhano, depois voltavam para o basco, e assim a tarde toda.

— Imagina se tivéssemos virado freiras!

E riam. Irmã Bittori, irmã Miren. Nesse tom. Com penteados feitos no salão, as duas percorriam o rol das fofocas da vila, entendendo-se mutuamente sem se escutar, pois na maior parte do tempo as duas falavam ao mesmo tempo. Criticavam o padre, um mulherengo; malhavam as vizinhas; da casa e da cama, contavam tudo uma para a outra. As costas peludas de Joxian, as baixarias lascivas de Txato. Tudinho.

Também isto:

— Sabemos que está na França, mas não em que cidade. Finalmente o bandido nos mandou uma carta. O coitado do Joxian nem dorme de tanto desgosto. Fica se perguntando o que fizemos para nos acontecer isto.

Era uma tarde de torradas, de chuva e de vento. O café estava lotado. As duas já tinham o seu cantinho para conversar sem que ninguém incomodasse.

— Não deu para trazer a carta. Joxe Mari não deixa. Disse que era para rasgá-la. Eu então, zás, com dor no coração, juro, rasguei-a em pedaços. Joxian ficou histérico. Eu não atinei que dava para refazer o texto juntando os pedaços. Ah, então come a carta, rapaz. Ele pegou os fósforos e queimou os papéis dentro do tanque.

Quem trouxe a carta ontem à noite foi a namorada dele ou seja lá o que for, porque hoje em dia nunca se sabe. Tese de Miren: se juntam feito coelhos. Claro, agora existem formas de não engravidar. Sempre dizia isso, e Bittori concordava. Estavam convencidas de que tinham nascido trinta anos antes da hora. Franco, os

padres, o disse-me-disse: como eram ingênuas. Assim pensavam, lanchando, de olho nas mesas próximas para ver se não havia algum paroquiano de antena ligada.

— A carta, pelo correio? Não, mulher. Eles usam os próprios canais. Não tinha remetente. Por isso ficamos sem saber onde ele está morando. Visitas são proibidas. Alguns anos atrás, o pessoal ainda podia passar para o outro lado, vê-los, levar roupa e outras coisas que *fariam* falta. Agora é preciso muito cuidado, porque os fascistas vão atrás *de você*.

— Você não tem medo de que lhe aconteça alguma desgraça?

— Joxian tem. Ele às vezes fica em casa para ver se a foto de Joxe Mari aparece no telejornal, nem vai ao bar. Eu estou tranquila. Conheço meu filho. É esperto e forte. Sabe se defender.

Entre mordidas na torrada e goles de café com leite, Miren citava de cor uns trechos. Que não levassem os boatos a sério. As pessoas falam sem saber. Muito menos as mentiras dos jornais. Que entendia a militância como um sacrifício pela libertação do nosso povo e que, se alguém dissesse ao *aita* ou à *ama* que ele se meteu em um bando criminoso, que não acreditassem, que a única coisa que fazia era doar-se por inteiro em defesa do Euskal Herria e também dos direitos de quem reclama e depois não faz nada. Havia muitos *gudaris*, afirmava. Cada vez mais. A nata da juventude basca. E terminava: "Amo vocês. Não esqueço os meus irmãos. Um *muxu* grande, e espero que estejam orgulhosos."

Ikatza se aproxima silenciosa. Dá um pulo e se encarapita em seu colo, aguardando, paciente, as carícias. Os dedos de Bittori conferem que a coleira não está muito apertada, brincam com suas orelhas, roçam as pálpebras, que, pelo prazer do contato, permanecem fechadas. E diz Bittori, enquanto passa a mão nas costas da gata e esta ronrona, senti pena de verdade, minha Ikatza querida. Dá para imaginar? Eu com pena do filho da minha melhor amiga, que largou o trabalho, o time de handebol e a namorada, ou meio que namorada, para virar pistoleiro de uma organização dedicada ao assassinato em série.

E Miren? Sabe, Ikatza, já que você perguntou, vou dizer o que eu acho. No fundo, e que Txato me perdoe, eu a entendo. Entendo sua transformação, apesar de não aprová-la. Entre aquele lanche no café da Avenida e o seguinte, na casa de churros da Parte Velha, minha amiga Miren mudou. De repente era outra pessoa. Em suma, tomou partido do filho. Não tenho a menor dúvida de que ficou fanática por causa do instinto materno. No seu lugar, talvez eu fizesse o mesmo. Como virar as costas para o próprio filho, mesmo sabendo que está fazendo maldades? Até então, Miren nunca tinha se interessado por política. Eu não me interessava nem antes nem agora, e Txato muito menos. Txato só se preocupava com a família, a

bicicleta aos domingos e os seus caminhões durante o restante da semana.

Nacionalistas, eles? Nunquinha. No máximo no dia das eleições, para votar nos candidatos daqui. Eu, Ikatza *maitia*, nunca os ouvi opinando sobre questões políticas. E Arantxa, com certeza, tem muito pouco de *abertzale*, talvez nem isso. O pequeno, hah, esse aí é uma benção. Na verdade, não acredito que eles tenham educado os filhos no ódio. Foram os amigos, a patota, as más companhias que incutiram naquele sem-vergonha o veneno da doutrina que o levou a destruir a vida de sabe-se lá quantas famílias. E ainda deve se achar um herói. Dizem que é um dos durões. Dos durões ou dos burrões. Não sabe nem como se abre um livro.

Foi no sábado seguinte que a achou diferente pela primeira vez. Depois dos churros com chocolate, as duas foram como de costume para o ponto do ônibus, e o que veem? Uma manifestação das tantas que são feitas no Bulevar. O de sempre: cartazes, independência, anistia, *gora ETA*. Bastante gente. Dois ou três rostos da vila, chuva e guarda-chuvas. E, em vez de se esquivar da multidão, Miren disse: vamos, querida, vamos. Pegou seu braço, puxou-a e as duas se meteram no meio da massa, nem muito na frente nem muito atrás. E, de repente, Miren começa a repetir a plenos pulmões as palavras de ordem gritadas por aquela gente. *Vocês, fascistas, são os terroristas*. E Bittori ao seu lado, estranhando um pouco, mas, bem, lá foi ela.

Não sabia de nada. Txato não lhe havia contado. Pois é, Ikatza. Aquele cabeça-dura mantinha a história em segredo. Para nos proteger, disse depois. Que proteção! Podiam ter estraçalhado a todos nós com uma bomba.

Ela soube por intermédio de Miren, que sabia por intermédio de Joxian, sendo que este soubera pelos lábios do próprio Txato, na horta, na tarde em que levara o caminhão com terra de Andosilla. Não passou pela cabeça de Miren que sua amiga não soubesse de nada.

— Não temos como ir vê-lo. Porque, se *pudéssemos* ir, nós lhe diríamos: olha, fala com os chefes, que façam algo para deixar Txato em paz.

Bittori solta, de repente desconfiada:

— Deixar o meu marido em paz?

— Por causa das cartas.

— Cartas? Que cartas?

— Ah, mas vocês não conversaram sobre isso?

15
Encontros

Duas cagadas brancas, já secas, na laje, e outra, ainda maior, escorrendo pelos nomes da lápide. Atribuiu a façanha, resmungando, aos malditos pombos. Como um pássaro consegue soltar tal quantidade de excremento? Centenas, milhares, um mar de túmulos, e esses porcalhões tinham que vir cagar bem aqui no de Txato.

— Você está muito elegante, marido. Isto talvez te traga sorte.

Ela sempre com suas pilhérias. O que ia fazer? Abrir a ferida diariamente? Limpou como pôde, com umas folhas secas e molhos de grama arrancados aqui e ali. Deixou o restante para a chuva seguinte. Sussurrou essas palavras contemplando o horizonte sobre a cidade, onde se via uma longínqua nuvem solitária. E, como de costume, estendeu no chão o quadrado de plástico e o lenço.

— Vou todo dia à vila. Às vezes levo comida para esquentar lá. Quer saber? Coloquei um gerânio na varanda. Isso mesmo. Um bem grande e vermelho para que todos saibam que voltei.

Contou que não descia mais no ponto do parque industrial. E anteontem, você não vai acreditar, juntou coragem para entrar no Pagoeta. Eram onze da manhã. Havia pouca gente. À primeira vista, nenhum conhecido. O filho do dono estava atrás do balcão. Bittori passou vários dias mortificada com a tentação de, após tantos anos, pôr os pés naquele lugar. Não estava sequer com sede. Nem sede, nem fome e, para dizer a verdade, tampouco curiosidade, mas, sim, algo mais intenso, que fervia no fundo de sua mente.

— Bem, eu sei do que estou falando.

Chegava até a rua o típico rumor de vozes pontilhado por uma ou outra gargalhada. Entro, não entro? Entrou. No mesmo instante se fez silêncio. Havia mais ou menos uma dúzia de clientes. Não os contou. Todos se calaram ao mesmo tempo, desviando o olhar, para onde? Para onde ela não estava. E o rapaz que passava um pano entre os pratinhos de tira-gostos também não olhava para ela. Um silêncio agressivo, hostil? Não, era mais de interrogação, de estranheza. Tinha certeza disso.

— Txato, a gente percebe essas coisas.

O balcão tem forma de L. Bittori se instalou no lado mais curto, de costas para a

entrada. Aproveitou que ninguém prestava atenção nela para observar o local. O piso de lajotas de duas cores, o ventilador de teto, as prateleiras com garrafas enfileiradas. Tirando uns poucos detalhes, o bar estava com a aparência de sempre. Igual à época em que Bittori ia lá comprar picolé para os filhos pequenos. Os inesquecíveis picolés de laranja e de limão do Pagoeta, que nada mais eram que refrescos congelados em um molde, com um pauzinho para segurar.

— Não mudou nada, juro. As mesas onde vocês, homens, jogavam baralho continuam no mesmo lugar, encostadas nos lambris da parede. O salão, ao fundo. Os banheiros, descendo a escada. Não tem totó nem máquina de bolinhas como aquela que fazia tanto barulho, mas sim um caça-níqueis. Uma das poucas coisas novas que vi. Ah, e o cofrinho para os presos em cima do balcão. Cartazes de futebol e traineiras de corrida no lugar dos antigos de touros, e só. Parece que agora é o filho quem toma conta do estabelecimento.

Por fim, este se aproximou:

— O que vai querer?

Ela tentou em vão fazer com que seu olhar encontrasse com o dele. O rapaz, trinta e tantos anos, para ela um menino, brinco na orelha, uma mecha de cabelo no cangote, continuava ocupado com o pano, porém não mais a dois ou três metros de distância, como antes, mas bem na frente de Bittori. Para obrigá-lo a falar, perguntou se tinha descafeinado de máquina. Tinha. Os outros clientes retomaram suas conversas. Bittori não reconheceu as caras. Mas aquele ali de cabelo grisalho, não será por acaso...?

— Não tenho a menor dúvida de que todos ali estavam pensando a mesma coisa: é a mulher do Txato. Quando saí me deu vontade de virar e dizer tranquilamente da porta: "Sou a Bittori, qual é o problema? Não posso estar na minha vila?"

Não demonstrar amargura. Não chorar em público. Encarar de cabeça erguida as pessoas, as câmeras fotográficas. Prometeu isso no velório, com Txato no caixão.

— Quanto deu?

O rapaz disse uma quantia sem levantar o olhar. Para não ficar procurando no moedeiro, Bittori pagou com uma nota de dez. Enquanto esperava o troco, foi até o ângulo do L. Ali estava. O quê? O cofrinho. Na parte da frente, um adesivo: *Dispersiorik ez*. Sentiu uma tentação irresistível que foi descendo pelo braço esquerdo até o cotovelo, até a mão, até o dedo mindinho. Que ninguém me veja, que ninguém me veja. Disfarçadamente, esticou o dedo até roçar a unha na parte inferior do cofrinho. Nada, nem meio segundo, pois no mesmo instante tirou o dedo como se tivesse tocado em uma labareda.

— Não peça que te explique, porque eu mesma não entendo. Na hora me deixei levar.

Saiu. Na rua, céu azul, carros. Antes de chegar à esquina, a viu.

— Não a reconheci logo de cara.

E, quando percebeu quem era, minha Nossa Senhora!, ficou ali paralisada de susto e também por uma espécie de angústia. Mas paralisada mesmo, de verdade. Parecia que elas tinham seguido o seu caminho, e Bittori não conseguia sair do lugar. Grudada no chão. Mas é...

— Deixa eu te contar.

Bittori vinha subindo pela parte ensolarada da rua. Pela calçada oposta desciam algumas pessoas, entre elas uma senhora baixa, com traços de indígena andino. Do Peru ou coisa assim. Pois então, essa senhora estava empurrando uma cadeira de rodas, e na cadeira vinha sentada uma mulher com a cabeça ligeiramente inclinada na direção de um ombro e uma mão fechada como essas pessoas que não conseguem abrir a mão. A outra, em compensação, tinha movimento.

— Aí notei que ela estava fazendo sinais para mim. Pelo menos sacudiu a mão perto do peito, como se estivesse me cumprimentando. E me olhava, mas não de frente. Não sei como explicar. Com o rosto enviesado e um grande sorriso, um sorriso violento, com um pouco de saliva em um lado dos lábios e os olhos achinesados. À primeira vista era irreconhecível, juro. Parecia que estava tendo uma convulsão, sabe? Muito bem, pois era Arantxa. Está paralítica. Não me pergunte o que aconteceu com ela. Não tive coragem de atravessar a rua e perguntar.

Ficou na dúvida se Arantxa a tinha cumprimentado ou gesticulado para que se aproximasse. A mulher que cuida dela não percebeu nada, ocupada com a cadeira de rodas. Depois a levou rua abaixo, sem pressa, e Bittori, com pena de verdade, permaneceu no mesmo lugar até perdê-las de vista.

— Enfim, Txato, já te contei. E quer saber? Me dá dó. Para mim Arantxa sempre foi a melhor dessa família. Desde que era pequena, me parecia simpática. A mais sensata e normal de todos eles, e a única, como já te contei mais de uma vez, que teve pena de mim e dos nossos filhos.

Depois de guardar o quadrado de plástico e o lenço, Bittori se dirigiu para a saída do cemitério. Deu uma volta, ora por aqui, ora por ali, sempre com o objetivo de não topar com ninguém. Já quase no final do caminho, no vão entre dois túmulos, viu uma pomba e logo atrás o pombo inchado que a cortejava. Xô! Bateu o pé com força no chão e espantou as aves.

16
Missa de domingo

O sino é o mesmo; mas aos domingos, nas primeiras horas da manhã, não soa como nos outros dias. As badaladas dominicais se sucedem mais calmas, menos rudes, menos perturbadoras, como se estivessem apregoando em uma cadência preguiçosa: vizinhos, tlan, são oito da manhã, tlan; por mim vocês podem, tlan, permanecer na cama, tlan.

A essa altura, Joxian já estava pedalando havia 45 minutos por estradas provinciais. Aonde disse que ia? Não importa. A um bar no coração de Guipúzcoa no qual servem ovo frito com presunto, isso com certeza. Todas as etapas do clube de cicloturismo acabam com um prato de ovo frito com presunto, e depois a volta para casa.

Oito horas. O som da campainha coincidiu com uma das últimas badaladas, e Miren, descabelada, de camisola, abriu a porta para Celeste, que teve a gentileza (não era a primeira vez) de trazer-lhe meia forma de pão macio para o café da manhã.

— Ai, querida, não precisava se incomodar.

Com duas é mais fácil tirar Arantxa da cama. Miren reserva para si o tronco e a cabeça. Mas antes, enquanto sobe a persiana, dedica à filha demonstrações de ternura matinais em basco: *egun on, polita* e coisas do tipo. Celeste repete com seu sotaque andino o *egun on* e cuida das pernas.

Quando tem que mover a filha, Miren começa a recitar imperativos: pega, puxa, sobe, levanta, abaixa, mas não é para exercer o poder nem se mostrar autoritária. Então, por quê? É porque tem muito medo de que Arantxa caia e, embora tal coisa não tenha ocorrido até o momento, desconfia. Arregala os olhos, fica inquieta e frequentemente Celeste é obrigada a tranquilizá-la:

— Fique sossegada, Miren. Agorinha mesmo vamos levantá-la.

Como de hábito, colocaram-na na cadeira de rodas. Depois, Celeste antecedeu mãe e filha abrindo as portas. Apoiada nas duas mulheres, Arantxa ficou em pé. Não lhe falta vigor nas pernas. Então qual é o problema? É que tem um pé equino. A doutora Ulacia prognosticou que a médio prazo Arantxa, com uma bengala, ou apoiada em outra pessoa, será capaz de dar alguns passos e não descarta a esperança

de um dia vê-la andar dentro de casa.

Sentaram-na na privada; depois, na cadeira especial, debaixo do chuveiro. E Celeste se encarregou de ensaboar e enxaguar a moça porque faz isso melhor e tem mais paciência e é, como dizer?, mais delicada, coisa de que Miren não tinha plena consciência até que Arantxa, certo dia, lhe disse por meio do iPad: "Quero que Celeste me dê banho sempre."

— Por quê?

Volta a teclar: "Você é muito bruta."

Não tem voz. Em certos momentos se adivinha nos seus lábios uma palavra muda que os músculos do rosto tentam a todo custo articular, empurrando os rudimentos de linguagem que a boca insinua laboriosamente; mas daí a emitir sons compreensíveis há uma distância insuperável para ela. Contudo, é preciso incentivar Arantxa por meio de elogios. É o que aconselham a fisioterapeuta, assim como o neurologista, a diretora do Serviço de Reabilitação e a foniatra.

— Elogie, Miren. Elogie o tempo todo. Elogie qualquer tentativa que Arantxa fizer de falar ou se locomover.

Juntas, Miren (segura bem, coloca aí, toma cuidado) e Celeste enxugaram e vestiram Arantxa, depois Celeste a penteou e, enquanto isso, Miren foi preparar o café da manhã. É fácil penteá-la porque o cabelo está curto. Tinham cortado no hospital sem o seu consentimento. Como ia resistir naqueles dias em que as pálpebras eram a única parte do corpo que conseguia mexer?

Celeste foi embora, e deram as dez e depois as onze horas.

— Bem, vamos à missa.

Arantxa tira apressada o iPad do estojo. No que sua mãe dispara:

— Não. Eu já sei o que você vai me dizer.

E, de fato, ela diz por escrito: "Sou ateia."

— Nem comece. Se não quiser, não reze. Mas não pense que vai ficar aqui sozinha ou que eu vou perder a missa de domingo por causa do seu capricho. Você pode condenar sua alma tanto em casa quanto na igreja.

E arrancou o iPad da sua mão. Porque era tarde, disse. E levou-a, a mãe mal-humorada, a filha mal-humorada, a passos firmes pela rua, mas Miren tem um motivo. É que, se não chegar à igreja a tempo, podem ter pegado o seu lugar, na ponta de um banco que fica ao lado de uma coluna. Na frente da coluna, ao seu lado, posiciona Arantxa. Assim, a cadeira de rodas não atrapalha a passagem de ninguém, sua filha fica protegida das correntes de ar e ela pode conversar à vontade, sem forçar o pescoço, com a estátua de Inácio de Loyola, que fica ali do lado. Onde? No meio da parede, em uma mísula. Para falar a verdade, o que o padre diz,

de modo geral, não interessa muito a Miren, que além do mais já sabe a missa de cor. Mas conversar com Inácio, fazer promessas, propor tratos, enunciar súplicas e recriminações (tem dias em que o desanca de alto a baixo) é muito importante para ela. Tem o dobro de intimidade com ele do que tem com Joxian.

Enfim, o que não quer de forma alguma é sentar com Arantxa nas fileiras da frente. Jamais. Ainda fica vermelha ao pensar naquele domingo, que vergonha. Era a primeira vez, e ela não sabia onde deixar a cadeira de rodas. No corredor central? Péssima ideia. Foi então para a frente de tudo, achando que ali, por não ser lugar de passagem, a cadeira não incomodaria. Meu Deus, se ela soubesse! Arantxa com a alta recente do hospital, Miren com a ilusão de um milagre. Mas Jesus pegou a mão da filha de Jairo e disse: "Menina, acorda." Algo assim, mas com uma paralítica em vez de uma morta. E o mais curioso é que don Serapio deu boas-vindas a Arantxa pelo microfone antes de começar a missa e, depois, durante o sermão, apontou-a como exemplo da infinita bondade de Deus Nosso Senhor. Tais palavras não desagradaram Miren. A igreja estava bem cheia, todos conhecidos, e um pouco de consolo, de ânimo e de holofote nunca faz mal, certo?, e além do mais, quem sabe essa descrente não recupera a fé.

Quando chegou a hora da Eucaristia, o que faz don Serapio? Mas que homem intrometido. Pois pega e desce solenemente os três degraus que separam o altar da área dos bancos, vai até Arantxa e com todo o carinho, sério, até emocionado, lhe dá a hóstia para que comungasse. Minha Nossa Senhora! Mas ela não se confessou. Mas não acredita em Deus. Periga de Arantxa, teimosa como é, resolver cuspir a hóstia. E se engasgar? O caso é que, na saída de missa, no caminho de volta para casa, ela abriu a boca e ali estava, colada na língua, molinha, a forma consagrada; ainda bem. O que fazer com o corpo de Cristo? Não tem problema, Miren pinçou a bolacha úmida com dois dedos cuidadosos e a levou à própria boca. Fechou os olhos no meio da calçada, murmurou uma jaculatória e aquela foi a sua segunda comunhão do dia. O que mais podia fazer?

Encontrou seu lugar de sempre desocupado. Inácio isso, Inácio aquilo. Joxe Mari, coitadinho, tão longe, e a única coisa que fez foi lutar pelo Euskal Herria, você sabe disso. A garota, olha só o panorama que tenho. E o caçula não nos visita nem telefona. Ao seu lado, Arantxa dormia ou fingia estar dormindo em sinal de protesto. Contra mim! Como ela não pode gritar... E se a virem, qual o problema? A bênção de Deus Todo-Poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo, caia sobre vós. A missa tinha transcorrido rapidamente. Esperou as pessoas saírem. Como algumas delas são lentas, caramba. Uma vez vazia a igreja, foi para a sacristia. E Arantxa? Bem, também não é nenhuma tragédia ficar cinco minutos sozinha.

Foi direto ao ponto.

— Eu estou uma pilha de nervos, padre. Não prego o olho à noite. Desconfio que ela veio aqui criar encrenca, com certeza. Veio nos irritar. Nós já somos vítimas do Estado, e agora somos vítimas das vítimas. Apanhamos de todos os lados.

Afinal lhe fez o pedido. Que fosse falar com ela, que, por favor, descobrisse com que intenção ela vinha todo dia e a convencesse a ficar em San Sebastián.

O padre, que é baixinho, pôs a mão em seu ombro soltando uma rajada de mau hálito.

— Não se preocupe, Miren. Eu cuido disso.

17
Um passeio

É bonito, não é mesmo?, ter um filho que, apesar das suas muitas e importantes ocupações, dedica a manhã de um dia de trabalho à sua mãe. Lá vem ele, todo arrumado, embora o sapato não combine com a roupa. Bom gosto, o que se considera bom gosto para se vestir, isso ele não tem. Alguns têm filhos terroristas. O meu deu para médico. Por que não dizer, se é a verdade? Quarenta e oito anos, boa posição, casa própria, mas ainda sem mulher nem descendência. Sozinho, sempre sozinho. Nem pensa em viajar, como a irmã faz. Fico me perguntando se é feliz, se aproveita a vida.

Beijo entre mãe e filho ao lado dos relógios de La Concha, onde tinham marcado de se encontrarem. Ele propôs que fossem ao café do hotel de Londres; ela, que nem pensar. Ficar em um lugar fechado com esse tempo bom que está fazendo? Xabier espichou o olhar ao seu redor como se quisesse comprovar que a mãe tinha razão. E, sim, o aspecto do céu, a brisa suave e a temperatura agradável de outono eram um convite para dar um passeio.

— O que quer fazer?

— Vamos para lá.

E Bittori apontou com o queixo a direção do Paseo de Miraconcha. Não esperou a anuência do filho, saiu andando no rumo indicado e logo Xabier estava ao seu lado.

— Como é possível que até agora você não tenha arranjado uma esposa? Não entendo. Você é bonito, tem uma profissão de prestígio. O que mais? Não te falta dinheiro. As mulheres devem andar aos bandos atrás de você!

— É que eu não olho para trás.

— Escuta aqui, não pense que vou ficar escandalizada; mas será que por acaso você não gosta de homem?

— Gosto é do meu trabalho. De ajudar os pacientes, tratar os doentes, essas coisas.

— Você está escapulindo com evasivas.

— Eu não sirvo para o casamento, *ama*. Só isso. Também não sirvo para a escultura nem para o rúgbi e, no entanto, você não me pergunta nada sobre minha

relação com essas atividades.

Segurou seu braço. Uma mãe exibindo o filho em Miraconcha. À esquerda, o tráfego intenso, ciclistas nos dois sentidos, gente andando e gente de roupa esportiva praticando corrida; à direita, a baía, o mar, o conhecido festival aquático de tonalidades azuis e verdes que alegra a vista, com reflexos, ondas, barcos e o horizonte marinho ao longe.

Na véspera tinham conversado por telefone, por isso Bittori sabia que Xabier havia assuntado e lhe trazia os resultados, mas não sabia quais eram. Vamos, que contasse logo, que ela não estava aguentando mais de curiosidade.

— Antes de mais nada, quero dizer que é a última vez que faço isso. Divulgar informação confidencial sobre os pacientes pode custar o meu emprego. Desta vez contei com a ajuda de uma colega de confiança, que foi quem me passou a informação; mas, mesmo assim, temos que pisar em ovos com essas coisas.

Sua mãe: chega de conversa fiada, que contasse logo o que ela havia pedido que descobrisse. Continuam caminhando (o mar, a balaustrada branca, o morro Igueldo ao fundo) e ele começa seu relato, dizendo:

— Arantxa sofreu um AVC há dois anos. Não me pergunte em que circunstâncias, porque não me disseram. No relatório consta que foi internada inicialmente na UTI de um hospital em Palma de Mallorca, do que se deduz que estava de férias na ilha quando teve o ataque. E o problema, sem a menor dúvida, foi muito grave. Arantxa sofreu o que chamamos de síndrome de encarceramento devido a uma oclusão da artéria basilar.

— Dá pra ver que você é médico.

— Calma, já vou explicar. É dessa artéria que depende a irrigação sanguínea do sistema nervoso central. Ela é, por assim dizer, responsável por uma área para a qual convergem todas as vias que descem para a medula espinhal. Um problema nessa área pode deixar o corpo todo sem movimento. Foi o que aconteceu com ela, entende? Sua mente ficou aprisionada em um corpo paralisado. Apesar de ouvir e entender, ela não consegue ter reação alguma. Só consegue mover os olhos e as pálpebras.

A última pessoa dessa família a quem Bittori desejaria algum mal era ela. Certo dia, vinha descendo pela rua. Já estava casada com o rapaz de Rentería? Sim, mas ainda não tinha filhos. E Txato não participava mais das etapas de cicloturismo nem ia jogar cartas no Pagoeta com os amigos, e isso magoava muito o pobre homem, mas ele costumava dizer: ora, há coisas piores. Tinham aparecido pichações nas paredes. Uma das muitas: TXATO TXIBATO. Acho que deve ter sido por causa da rima, mas o negócio é difamar e meter medo. Fulano faz um pouquinho, sicrano faz

outro pouquinho e, quando a desgraça provocada por todos acontece, nenhum deles se sente responsável, porque, afinal, eu só pichei, eu só contei onde ele morava, eu só disse umas palavras que até podem ofender, mas, sabe, são só palavras, sons momentâneos no ar. Da noite para o dia, muita gente da vila parou de falar com eles. Falar? Isso já seria muito. Viravam a cara quando os viam. Amigos da vida inteira, vizinhos, algumas crianças também. O que os inocentes podem saber? Mas, claro, em casa escutam as conversas dos pais. Topou com Arantxa na rua. E não foi em voz baixa. Ela falou bem alto. Qualquer um que estivesse por perto ouviria.

— O que estão fazendo com vocês é uma canalhice, e eu não concordo.

Não disse mais nada. Não esperou resposta. Não a beijou no rosto como em outros tempos. Mas deu uma palmadinha solidária em seu ombro antes de seguir andando pela calçada. Foi mais ou menos isso o que disse. Talvez não tenham sido exatamente essas palavras, porque a memória às vezes falha. Mas, de todo modo, ela teve esse gesto amável que Bittori não esquece. Eu, esquecer? Nem morta.

— Ela foi internada em um hospital de Palma com um quadro grave que exigiu traqueostomia, respirador artificial e outros cuidados que não vou mencionar porque não creio que você tenha interesse. Basta saber que, neste momento, Arantxa não respira nem fala e nem, naturalmente, se alimenta sozinha. Ou seja, a vida dela depende totalmente de ajuda externa.

Mataram Txato em uma tarde de chuva, a poucos metros do portão de casa. E o padre, muito esperto, insistiu com Bittori que o enterro fosse realizado em San Sebastián. Como assim? Não, é porque lá iria mais gente. E ela: nem pensar, nós somos da vila, fomos batizados na vila, depois nos casamos na vila e na vila mataram o meu marido. O padre por fim cedeu. Fez-se o enterro, tocaram os sinos fúnebres, havia poucos moradores na igreja, alguns políticos da linha constitucionalista, alguns parentes que vieram especialmente para a ocasião e pouca gente mais. Funcionários da empresa? Nenhum. Na homilia, nem uma palavra sobre o atentado. Trágico acontecimento que abala a todos nós. Não viu Arantxa, mas Xabier diz que estava com o marido em um dos bancos dos fundos. Não vieram dar pêsames, mas estavam lá, ao contrário dos outros. E isso Bittori também não esquece.

Mãe e filho chegaram ao túnel do Antiguo, e o que faremos? Decidiram voltar. Xabier, explicativo, mas simplificando e resumindo para ser melhor entendido. Bittori, com uma expressão pensativa, olhava fixamente para além da cidade, dos morros e das nuvens distantes e soltas, imagens que nunca tinha visto, que via agora pela primeira vez: Arantxa entubada, Arantxa dizendo sim ou não só com a ajuda

das pálpebras. Eles merecem. Bom, não é bem assim, ela não, ela com certeza não.

— *Ama*, parece que não está me escutando.

— Você vai almoçar lá em casa?

— Não posso.

— Tem um compromisso? Como se chama a felizarda?

— Medicina.

Segundo Xabier, no melhor dos casos Arantxa um dia poderá se locomover dentro de casa com uma bengala ou com a ajuda de outras pessoas. Comer por conta própria, mas não é bom ficar sem supervisão enquanto ingere bebida e alimentos, e não é impossível que no futuro consiga fonar.

— Consiga o quê?

— Emitir a voz.

Além desses objetivos, e por mais esforços que ela faça na reabilitação (e, pelo que dizem, de fato está fazendo), Xabier não acreditava que a paciente pudesse um dia ter o que se pode chamar de vida normal.

Quando já iam se despedir diante dos relógios de La Concha:

— Você não ia me trazer os resultados do exame de sangue?

— Ah, ainda bem que você lembrou. Eu quase esqueci. Alguns valores não me convenceram muito, por isso pedi a Arruabarrena que examine você. Sem pressa, hein? Coisa de rotina. Só para ter certeza, sabe. De resto, você está forte como uma rocha.

Os dois se beijaram, se despediram. Passavam por ali bicicletas, carrinhos de bebê, pardais urbanos.

— E esse Arruabarrena, quem é?

— Um amigo, e um de nossos melhores especialistas.

Observou enquanto ele se afastava dali. Soube, intuiu, que depois de dar alguns passos o filho se viraria para ela. Por curiosidade, por costume, para observá-la? E assim foi. Bittori, que não tinha saído do lugar, perguntou com uma voz serena:

— É oncologista, não é?

Xabier assentiu. Fez um gesto, descartando a dramaticidade da coisa. E desapareceu por entre as fileiras de tamargueiras, com as costas um tanto curvadas, talvez porque, por ser alto, está costumado a olhar para baixo quando fala com as pessoas. Parece mentira que um homem dessa categoria continue solteiro. Será porque não tem bom gosto para se vestir?

18
Férias numa ilha

Não, essas coisas acontecem porque têm que acontecer ou, como dizia sua mãe, porque Deus ou santo Inácio, como representante de Deus, quis assim. Mas que azar, por que logo comigo? etc e tal. O rosário de queixas dos atingidos por uma adversidade (rá, rá, rá: não seja cínica, garota) era megarrepetido em seus pensamentos. E certa vez perguntou no iPad a Gorka, seu irmãozinho triste, ou simplesmente assustado?, se, já que era escritor, não gostaria de escrever a história dela. Gorka fez um olhar de susto e respondeu rapidamente que não, que só escrevia livros infantis. Arantxa lhe mostrou de novo a tela do aparelho: "Um dia eu mesma vou escrever contando tudo." Não era a primeira vez que anunciava, em tom de ameaça?, tal intenção.

Nessas ocasiões Miren se irritava.

— Vai escrever o quê, se não consegue nem escovar os dentes sozinha? E para quê? Para contar a todo mundo na vila as desgraças que se abateram sobre esta casa?

Olhava para eles (na cozinha, domingo, frango assado) na cadeira de rodas, mais lúcida (não seja convencida, garota) que todos os outros juntos. Que família tosca! Seu pai envelhecido, enrugado de tristeza, uma mancha de azeite no peitilho da camisa, sem entender nada do que acontecia ao seu redor nos últimos vinte anos. Seu irmão Gorka, que mora, escondido?, em Bilbao e passa longas temporadas sem dar sinais de vida. O outro irmão ausente, que não está aqui, mas é como se estivesse, pois é mencionado o tempo todo nas conversas; o fortão da família, mofando na cadeia há quantos anos?, já nem me lembro mais. E a *ama*, que tem mais ou menos a mesma sensibilidade e a mesma empatia que o cano de escape de uma moto; mas cozinha bem, verdade seja dita. E, ao observar o pai e a mãe ocupados com a mastigação, silenciosos, com a cabeça inclinada sobre o respectivo prato, lhe subia um fluxo de amargura, ou era de rancor?, do peito até a garganta (controle-se, garota) e fechava os olhos e percorria de novo com o carro alugado aquele trecho de estrada entre pinheiros, poucos quilômetros antes de chegar a Palma.

Tinham ido passar as férias em Cala Millor. Quem? Mãe e filha. Duas semanas

de agosto em um hotel simples, sem vista para o mar, mas não longe da praia. Endika, então com 17 anos, não quis ir com elas. Que não e não. E não é que a pequena estivesse com muita vontade de ir, mas Arantxa a convenceu com promessas de diversões, um pouco de chantagem sentimental e a compra de uma câmera fotográfica apesar das notas baixas na escola. Para Arantxa, o importante era se distanciar de Guillermo. Ela iria sozinha a qualquer lugar, mas lhe pesava na consciência deixar as crianças à mercê do pai. O casamento? Ora, isso não podia ser chamado de casamento. Uma briga atrás da outra. Vários dias sem se dirigir a palavra, trocando olhares de desprezo, ódio, nojo, quando eram obrigados a se olhar. Mas os filhos. Mas as amarras financeiras. Mas a casa comprada pelos dois. E os parentes, o que vão dizer? Arantxa tinha decidido não ceder, mas no fundo senti uma grande insegurança, sério, porque ele saía com umazinha e não fazia questão de esconder.

— Já que você se nega a transar, eu tenho que meter em algum lugar.

Assim mesmo. Na frente dos filhos. E, se não era na frente, por perto, de onde com certeza podiam ouvir as acusações amargas, as recriminações amargas, os gritos amargos.

Ainhoa, 13 anos:

— Mas, *ama*, é que prefiro ficar aqui com minhas amigas.

— Mas eu te peço por favor.

E foram as duas sozinhas. Guillermo as levou de carro ao aeroporto. Ainhoa pediu para que botasse música para tocar, e ele ligou o som a todo volume. Para não ter que falar, imagino. E no final deixou as malas no chão, beijou rapidamente a filha, desejou boa viagem não se sabe se para elas ou para as nuvens, porque falou olhando para as alturas como se fosse um retrato de santo, e logo empreendeu o percurso da volta. Não teve sequer a delicadeza de ajudá-las com a bagagem até o balcão de *check-in*.

Eu, na minha trajetória rumo à merda que ia dar entre uns pinheiros de Mallorca, justo quando mais estava aproveitando uns dias de relax, sem lágrimas, nem raivas, nem discussões; a companhia da sua filha, o sol, a água do mar e umas peripécias eróticas com um estrangeiro hospedado no mesmo hotel. Principalmente para voltar a sentir a velha comichão e se vingar das humilhações de Guillermo, que fazia pose de garanhão e de Casanova, mas na verdade não passava de um porquinho tremelicante na cama.

Passaram por Manacor, deixaram para trás outras vilas. Sintomas? Nenhum. O carro que tinham alugado surgia em sua memória enquanto mordiscava sem muita vontade o peito de frango que sua mãe tinha cortado em pedaços pequenos, uma

bolha de felicidade. Ela, ao volante; Ainhoa, de óculos escuros no banco ao lado, trocando mensagens de texto pelo celular em seu inglês sofrível (se me desse ouvidos e estudasse mais) com um rapaz alemão que tinha conhecido na praia e pelo qual estava perdidamente apaixonada. Como o amor nessa idade é bonito. E os pinheiros ao fundo, sob o céu azul da manhã, já preparados para estourar sua bolha.

Não sente mais as pernas. E conseguiu, não sabe como, parar o carro no meio da estrada, ou talvez o carro tenha parado sozinho porque a estrada era um pouco íngreme naquele trecho, e Arantxa, assim que conseguiu, puxou o freio de mão — as mãos, sim, podia mexer, assim como podia pensar, falar, ver e respirar e, na verdade, nada lhe doía.

— *Ama*, o que foi, por que parou?

— Sai do carro e vá pedir ajuda. Está acontecendo alguma coisa comigo.

Sexta-feira. Que azar, os meus filhos, por que tinha que acontecer logo comigo?, ia dizendo na ambulância. Um enfermeiro lhe fazia perguntas. Para mantê-la consciente? Ela respondia, distraída. Quase todos os seus pensamentos eram ocupados pelos filhos, seu trabalho de vendedora, seu futuro, mas acima de tudo pelos filhos, tão novos ainda, o que vai ser deles sem mim. Sábado, domingo. Arantxa cada vez mais tranquila, convicta: foi só um susto. Ainhoa, histérica, comportando-se mal. Como assim? Primeiro, não queria ir para um hotel de Palma nem voltar sozinha para o de Cala Millor; segundo, a ilha agora lhe parecia uma prisão e ela queria voltar para casa no primeiro avião. Deixaram que a menina dormisse no hospital, em uma cadeira ao lado da mãe. Guillermo, irrastreável. Endika, sabe-se lá onde estava. Com certeza fora de casa. Espero que não se meta em confusão. E finalmente, na segunda-feira, o médico falou de alta no dia seguinte, deu conselhos com uma voz circunspecta, sugeriu que Arantxa fizesse um *check-up* exaustivo quando voltasse para casa. Ela disse então por telefone à mãe e depois a Guillermo que não precisavam mais ir buscar Ainhoa em Mallorca, que iam voltar juntas como estava previsto. Decidiu passar os cinco dias de férias que lhe restavam em Cala Millor.

— Aqui é muito chato — disse Ainhoa.

— E o garoto alemão? Não vai se despedir dele?

O garoto alemão, de repente, era um pé no saco.

— Não fale assim, que vão te escutar.

Uma hora e meia depois, ao anoitecer, Arantxa estava entubada na UTI. Havia acabado de ter o segundo ataque, o forte, em meio a dores in-su-por-tá-veis. Ouvia tudo. O médico, as enfermeiras. E não conseguia responder, e isso lhe dava muita angústia, meu Deus, que situação, ficou apavorada pensando que podiam enfiá-la

em um caixão e enterrá-la viva por acharem que tinha morrido.

— Escuta aqui, querida, pode-se saber por que não está comendo?

Abriu os olhos. Parecia surpresa, até assombrada, ao ver a mãe à sua frente e o pai à esquerda, os lábios engordurados, atacando com voracidade uma coxa de frango.

19
Discrepância

Mas que calor faz nesta terra. Miren achava que o mar refrescava as ilhas.

— Não, *amona*.

— Faz o mesmo calor que quando vou visitar o *osaba* Joxe Mari.

A viagem? Um desastre. Tinha aterrissado em Palma com cinco horas e meia de atraso, depois de uma espera interminável, horrível etc., no aeroporto de Bilbao. Aguentou a sede, foi aguentando, continuou aguentando enquanto pôde, mas por fim teve que fazer uma despesa imprevista. Pediu uma garrafinha de água mineral sem gás porque o orçamento não dava para luxos maiores, mas também não queria beber da torneira dos banheiros. Na certa ia ficar desarranjada. Tinha imaginado que aplacaria a sede com o que lhe servissem no avião, mas passava o tempo (uma hora, outra...) e finalmente sentiu como se um punhado de areia lhe entupisse a garganta. Então se decidiu, foi ao bar e fez, brusca, quase zangada, seu modesto pedido.

O que estava acontecendo? Todos os aviões decolavam, menos o dela. Os alto-falantes só faziam anunciar outros voos (com destino a Munique, Paris, Málaga, embarquem pelo portão número...) e repetir a dois por três a mesma lengalenga: mantenha seus pertences o tempo todo sob controle.

Então perguntou aqui e ali aos demais passageiros que também estavam esperando diante do portão de embarque. Escute, com licença. E, como alguns eram estrangeiros e outros estavam tão desinformados quanto ela, não conseguia descobrir por quê, entenda bem, por que não nos deixam embarcar se o avião está ali ao lado da passarela, com as malas dentro.

E minha filha lá longe, no hospital. Agora não olhava mais para o relógio com o nervosismo de antes, mas com um início de resignação e de raiva lenta, e decidiu (calor, suor) ir para o andar de cima e matar a sede. Assim fez e tirou a rodela de limão do copo, saboreou-a e afinal mordiscou a parte branca da casca, já que a fome também apertava.

À saída do bar viu dois guardas civis vindo em sua direção. Reparou nos uniformes, não nos rostos. E um súbito constrangimento e uma repugnância invencível a fizeram parar ao lado do corrimão. Já mais perto, descobriu que eram

dois guardas jovens, um homem e uma mulher. E, como conversavam distraídos ao vir, olhou-os sem disfarçar. O que faço? Os *txakurras* com certeza sabem. Já bem perto, ficou desconcertada com a naturalidade/sorriso/cabelinho louro dela, com o rabo de cavalo para trás do boné. Olhou em volta. Se tiver gente da vila por aqui, estamos fodidos. E tomou coragem: por favor. Perguntou a ela. Não tem pinta de torturadora. E a policial, em um tom cordial que também desconcertou Miren, lhe disse que o aeroporto de Palma de Mallorca estava fechado.

— Como assim fechado?

No que a guarda respondeu:

— Sim, senhora. É porque houve um atentado contra dois colegas nossos. Mas não se preocupe. Provavelmente é uma medida provisória, e a senhora vai poder viajar.

— Ah, bom, bom.

E chegou a Palma. A cidade, lá embaixo, transformada em pontos luminosos, que preto o mar, e ao longe um último restinho da claridade violácea do crepúsculo. Tarde demais para ir visitar Arantxa no hospital. Ainhoa a estava esperando no aeroporto, como tinham combinado.

— Bem, e então?

— A *ama* está muito mal, com tubos por todos os lados.

— Pois o teu *aita* podia ter vindo no meu lugar. Essa brincadeira vai me custar um dinheirão.

— Ele disse que vem na segunda e me leva para casa no dia seguinte.

— Ah, ele não pretende ficar? Mas que cara de pau. Todo o trabalho e toda a despesa para cima de mim.

— *Amona*, não quero que fale mal do meu *aita*.

Uma enfermeira, Carme, muito simpática, cuidou de Ainhoa nos primeiros dias, até a chegada de Miren. Disse-lhe, consoladora e carinhosa, que não se preocupasse, que ela ia ajudá-la. E a levou de carro ao hotel de Cala Millor para que pegasse as malas. No caminho, deu explicações sobre o estado da mãe e disse palavras de ânimo.

— Você tem que amá-la muito.

Hospedou-a na sua casa, em Palmanova, onde morava com os dois filhos pequenos e o marido assim de gordo, porque o homem pesava no mínimo uns 150 quilos. Acho que antes de engordar ele devia até ter sido bem bonito com aqueles olhos azuis. Viera da Alemanha, tinha o rosto um pouco vermelho (ok, bem vermelho) e, quando falava comigo, dava para notar o sotaque. Com os meninos, ele falava em alemão, e com ela, naquele basco que usam em Mallorca.

Uma vez confirmado o dia em que Miren chegaria a Palma, Carme reservou para a avó e a neta um quarto com duas camas em uma pensão, longe das áreas mais propriamente turísticas, longe também do hospital, mas o que se há de fazer. Seguiu as instruções que Miren lhe passara por telefone.

— Olha, nada muito caro porque não somos ricos.

— Farei o possível.

Ela fez? E muito bem. Alojamento sem café da manhã, sem vista para o mar, ao lado de uma estrada barulhenta, longe do centro, mas barato, que é o que Miren queria, já prevendo uma permanência prolongada. Estava preocupada com as despesas que tudo aquilo ia gerar. E como vamos levar Arantxa para casa com o mar bem no meio do caminho? Inácio, me salva desta situação, por favor, te peço. E Guillermo? Por que ele, que é o marido, não resolve o problema? Não, mas é que ele tem que trabalhar. Não, mas é que o chefe. Não, mas é que nos próximos dias, eu não... Tudo desculpa.

Ainhoa lhe contou que o atentado tinha sido bem perto do apartamento de Carme e que o prédio todo tremeu. Um quadro se soltou da parede da sala. Quebrou o vidro de proteção e também uma luminária que estava embaixo, e o marido gordo de Carme ficou esbravejando na língua dele, e os meninos, chorando assustados por causa do estrondo e, pensava Ainhoa, também devido aos gritos do pai. Carme e Ainhoa tinham acabado de voltar do hospital. Iam preparar o jantar, como tinham combinado, quando se ouviu a explosão a poucas ruas dali. Onde? Souberam pelo rádio que em frente ao quartel da Guarda Civil. Logo depois se ouviu uma algazarra de sirenes e havia um cheiro estranho no ar.

— Você nem sabe, *amona*. Ontem, a essa mesma hora, eu passei por essa rua com Carme no carro dela. Imagina se a bomba explodisse quando estávamos lá.

— Não fala tão alto, que tem gente por perto.

Ainhoa, com olhos arregalados, se deixava levar pelo entusiasmo.

— Uma vizinha nos contou que os bombeiros tiveram que tirar pedaços de um corpo de cima de uma árvore.

— Para, para, que estamos comendo.

As duas tinham entrado num bar, não longe da pensão, para comer sanduíche.

— Você tem noção que todo esse problema da sua mãe vai me custar um bocado de dinheiro. Por isso tenho que controlar bem tudo o que gasto. Amanhã vamos fazer compras em algum supermercado e jantamos no quarto, mesmo que seja frio. De fome não vamos morrer, certo?

No que Ainhoa retruca, insistente:

— Eu não gosto que matem. Aqui é muito longe de Euskal Herria. Que culpa

têm as pessoas que moram aqui pelo que está acontecendo lá?

— Escuta, nós viemos para jantar ou o quê?

— A bomba podia ter explodido em cima de Carme e de mim.

— Isso não aconteceria, porque eles analisam muito bem quando vai se dar a explosão. O que você está pensando? Que eles colocam as bombas para qualquer um? Já viu explodir alguma em um colégio ou em um campo de futebol cheio de gente? As bombas são para defender os direitos do nosso povo e são usadas contra o inimigo. Contra os mesmos que torturaram o *osaba* Joxe Mari e ainda o torturam na cadeia. Se você não entende isso, não sei o que vai entender.

Miren observava fixamente a neta. Ainhoa olhava ora para a direita, ora para a esquerda, mas nunca nos olhos da avó. As duas estavam sentadas à mesa, num canto, e a menina, 15 anos, mordiscava seu sanduíche sem muito entusiasmo.

— Meu *aita* também não gosta que matem.

— Então foi seu *aita* quem enfiou essas ideias na sua cabeça.

— Não sei que ideias, *amona*. Só estou dizendo que não gosto que matem.

— Pois eles matam e são mortos. Assim são as guerras. Eu também não gosto de guerra, mas o que você quer? Que continuem oprimindo o povo basco pelos séculos afora?

— Pessoas boas não matam.

— Claro, isso também foi o Guillermo quem falou.

— Isso sou eu quem está dizendo.

— Quando for mais velha, você vai entender melhor. E agora termina logo o sanduíche e vamos embora, que tive um dia agitado demais para ainda ter que ouvir essas bobagens.

Ainhoa então, meio que falando para si mesma, disse/murmurou, com a voz entrecortada por um início de choro, que não estava mais com fome e deixou o resto do sanduíche, mais da metade, no prato. Miren, com uma expressão dura, também não terminou de comer o seu.

20
Luto prematuro

No sábado de manhã, Ainhoa teve uma grande decepção. Grande é pouco: enorme. Não era a primeira desde a chegada da avó, com quem não se dava nada bem. Segundo Guillermo:

— Quem pode se dar bem com uma mulher de mármore?

A decepção do sábado doeu em Ainhoa mais do que uma bofetada. Antes de sair para ir ao hospital, ela pediu à *amona* que lhe comprasse um cartão para o celular. Miren desenhou no rosto uma careta hostil assim que ouviu a palavra comprar. Depois: que já está tarde, que onde se compra isso, que quanto custa. E quando a menina, com a voz mais doce do mundo, revelou o preço, Miren disse que não e não, e foi enumerando pelo caminho as despesas que estava tendo.

— Para ficar falando com suas amigas você pode esperar, sabe, porque já vai voltar na terça. Que sorte! Eu ficarei aqui cuidando da sua mãe.

— A *ama* com certeza compraria o cartão para mim.

— Mas eu não sou sua *ama*.

Miren continuou falando e reclamando e não parava de se queixar, enquanto Ainhoa, ressentida, olhava para qualquer lado, para os outros passageiros do ônibus, para as casas e os transeuntes, menos para a cara da avó, negando-se ostensivamente a lhe dirigir a palavra.

No hospital, a sós, contou ao pai pelo telefone: *Aita,* está acontecendo isso e isso, não vou poder te ligar etc. No que ele:

— Filha, aguenta até segunda-feira.

E combinaram de se encontrar nesse dia a determinada hora na recepção do hotel onde Guillermo tinha reservado um quarto. Muito tempo antes, Ainhoa já estava à sua espera, toda arrumadinha, com suas coisas em uma mala, pois não queria voltar para a pensão por nada neste mundo.

E Miren, o que disse? O que ela podia dizer? Que pai e filha tinham armado para cima dela. Ao chegar ao quarto por volta das oito da noite e ver que as roupas da neta não estavam mais no armário, entendeu o que tinha acontecido. Bem, melhor assim. Mais espaço para mim e menos despesas.

Guillermo saiu de um táxi na entrada do hotel. A menina, feliz, foi correndo

abraçá-lo. Perguntas, respostas, palavras rápidas e no final outro abraço, como se ele lhe dissesse: fique tranquila, já estou aqui com você, agora vai ficar tudo bem; ela: foi horrível, ainda bem que você veio. De Arantxa quase não falaram. Guillermo havia pedido diariamente informações sobre o estado dela por telefone, o que contradizia a convicção de Miren: é um desalmado, não se interessa pela própria esposa. Ele se limitou a perguntar à menina se havia novidades, no que Ainhoa respondeu que não, que *ama* continuava com os tubos, mas:

— Acho que nunca mais vai poder se mexer.

Subiram para o quarto, e Guillermo tomou um banho; depois pai e filha foram passear pelo centro de Palma, entraram em uma loja de departamentos e Ainhoa comprou o cartão de celular. Antes de irem dormir, jantaram na varanda de um restaurante com vista para o porto.

— Não aguento mais comer banana e sanduíche.

Contra a luz do entardecer se recortavam os mastros das embarcações. Soprava uma brisa leve que tornava extremamente agradável estar ali. Viam-se sorrisos e rostos bronzeados, além de senhoras elegantes e pardais no chão à espera de algum bocado caridoso. Ainhoa pediu ao garçom uma segunda e logo depois uma terceira Coca-Cola para compensar, disse, as que a avó lhe negara nos dias anteriores.

— *Aita*, eu prefiro não ter que ir ao hospital amanhã. É que não quero ver a *amona*. Vai você, eu fico esperando no hotel e de tarde pegamos o avião. Afinal, a *ama* nem vai perceber.

Não havia avião. Como assim? Mudança de planos. A menina não estava entendendo mais nada. Aquela era a primeira vez que Guillermo visitava Mallorca e, claro, queria aproveitar. Seu chefe o liberara até quinta-feira.

— Puxa, *aita*.

Gestos pedindo calma.

— Amanhã vou ao hospital sozinho. Espero que algum médico me esclareça que futuro a *ama* pode esperar. Para mim tanto faz me encontrar ou não com a *amona*. Mas, se acontecer, e eu puder ter uma conversa sensata com ela, coisa que duvido, vou lhe explicar o futuro que *me* espera e que você e Endika já sabem qual é. Depois da visita, venho te buscar, e a partir daí teremos dois dias livres para fazermos o que bem quisermos. Podemos percorrer a ilha, andar de barco. Enfim, o que você preferir. Só diversão, prometo. Ah, e sem que a *amona* fique sabendo, porque também não quero que ela nos perturbe.

Tubos, respirador, sondas, cabos, aparelhos e, na cama, o corpo imóvel, de olhos abertos. Guillermo, bata cirúrgica, protetor de sapato, esticou o pescoço até introduzir o rosto no campo visual de Arantxa. Reação? Nenhuma. Tampouco ao

beijá-la na bochecha. Só um breve pestanejar. As pálpebras não chegaram a se juntar. Em voz baixa (tinham-no instruído a fazer isso) lhe disse que tinha vindo cuidar de Ainhoa, mas era como se falasse com uma estátua. E também lhe disse que sentia muito o que tinha acontecido. Porque, nunca se sabe, não lhe faltam ouvidos e com certeza estava acordada.

— Está me ouvindo?

Nada. Como teste, afastou o rosto devagar e, sim, ela o seguiu um pouquinho, não muito, com os olhos. Então Guillermo, não descartando que Arantxa estivesse ouvindo, lhe agradeceu pelos anos que haviam passado juntos, pelos filhos em comum e pelos bons momentos; pediu desculpas pelos maus e estava começando a fazer certas demonstrações de um afeto sussurrado e compassivo quando sua sogra entrou no quarto, com sobrancelhas hostis. Isso muito embora o regulamento determinasse que os visitantes deveriam entrar um de cada vez durante o horário limitado de visita; mas pelo visto as enfermeiras não a viram.

Miren chegou disparando recriminações. Primeiro por causa da camisa preta. Se não estava usando luto antes do tempo. O caso é que ele, calça cinza, mocassins pretos, tinha decidido usar uma roupa escura depois que a filha lhe contou por telefone, dias antes, que um padre tinha dado a extrema-unção à *ama*. E ele, francamente, pensava que Arantxa podia morrer a qualquer momento. De maneira que, sem má-fé, pôs a roupa escura na mala. Além disso, o que ele entendia dessas coisas, já que sempre deixara que Arantxa o vestisse, comprasse sua roupa, indicasse diariamente o que devia usar.

Aquele assunto interessava tão pouco a Guillermo que nem se deu ao trabalho de se defender dos ataques verbais da sogra. Meu Deus, que cara enfezada. Nem olhava para ela. Mas a velha matraca não fechava o bico, desrespeitando a regra de falar baixo ali. E a certa altura as acusações subiram de tom, entraram em terreno econômico/sentimental, e nesse ponto Guillermo, ah, isso não, decidiu enfrentá-la. E lhe disse poucas e boas, sereno, sem gritos, sem palavrões. E também, para terminar:

— Minha separação definitiva de Arantxa não tem nada a ver com isso que aconteceu. Já estava tudo acertado entre nós dois. Os nossos filhos sabem de tudo e aceitam. Então, não tem nada disso de que dei o fora, nem que deixei o peso todo nas suas costas. Tenha um pouco de respeito. Se não por mim, pelo menos pela sua filha, que eu nunca chamaria de peso. Você, sim.

E lhe jogou duas notas de cinquenta euros.

— Toma, pelas despesas que minha filha possa ter causado.

E foi embora.

21
A melhor de todos eles

Lembrou a sua promessa: que, se descobrisse mais detalhes, lhe informaria sem falta. E foi isso o que fizera. Então, em um intervalo do trabalho, se trancou na sua sala e ligou para ela.

Na mesa, um computador, papéis, isso, aquilo e uma foto em moldura prateada. Seu pai. O olhar do seu falecido pai, direto, limpo, bondoso, com um toque de advertência acentuado pela posição das sobrancelhas: proíbo você de ser injusto. O rosto de um homem trabalhador e eficiente, com poucas ideias, porém claras, e um instinto infalível para os negócios.

A mãe não atendia. Estaria na vila? Deixou o telefone tocar por um bom tempo. Quatorze, quinze toques. Se for preciso, o dia inteiro. Até sua mãe entender que não era engano nem a companhia telefônica fazendo uma pesquisa entre os usuários nem algum espertinho tramando vender-lhe o paraíso em forma de um vantajoso (para quem?) contrato, era ele, vamos, sei que você está aí. Dezesseis toques. Ao contar, dava umas batidinhas com a ponta da caneta no bloco de anotações, e nisso sua mãe pegou o fone.

Uma voz sussurrante, desconfiada:

— Alô?

— Sou eu.

— O que foi?

Se ela se lembrava do Ramón.

— Que Ramón?

— Ramón Lasa.

— Aquele que dirigia a ambulância?

— Ele ainda dirige.

Pois esse Ramón Lasa, que é um sujeito tranquilo, nacionalista, mas não quer se meter em encrencas, não mora mais na vila, mas vai muito lá para visitar a família e também porque ainda integra uma sociedade gastronômica local. Xabier se encontrou com ele na cafeteria do hospital. Com certeza sabe de alguma coisa. E, se não, tudo bem. Não custa tentar. Foi lhe perguntar com toda naturalidade, como se de repente, ao vê-lo no balcão mexendo o café com uma colherinha, tivesse lhe

surgido a curiosidade.

— Lembra da Arantxa?

— Claro, coitadinha. Vem fazer fisio de tarde. Eu já a trouxe mais de uma vez.

Para sua mãe:

— Para ele não desconfiar que eu estava atrás de informações, disse que haviam acabado de me contar que Arantxa teve um AVC e mencionei alguns detalhes: que aconteceu em Mallorca, que foi no verão de 2009, sabe. Nada de que ele ainda não tivesse conhecimento. E que tristeza, rapaz. O que é verdade, porque eu sinceramente lamento, pois de todos eles Arantxa era a melhor.

— A melhor? Era a única boa.

— O que eu queria era tirar alguma informação de Ramón sem ele perceber.

— Bem, resumindo: o que conseguiu?

Uns detalhes que não eram segredo para ninguém lá na vila. Antes de mais nada: assim que ela ficou como ficou, o marido pulou fora. O veredicto popular veiculado pela boca de Ramón Lassa: um sem-vergonha sem atenuantes.

— Na verdade, ele não disse sem atenuantes. Mas isso pode ser deduzido pela contundência com que pronunciou a palavra sem-vergonha. E me contou que o sujeito, ainda por cima, ficou com a guarda dos filhos. Melhor dizendo, da filha, pois o garoto já tem mais de vinte.

— Ele mora com o pai?

— Não perguntei.

— Fez mal.

Alberto (na verdade, Guillermo, mas eu não disse nada para não mostrar que sei mais do que parece) vive com outra. Se está casado ou não, isso Ramón não pôde dizer, porque tampouco sabe se ele chegou a se divorciar de Arantxa. Em todo caso, nunca aparece na vila. Os filhos, sim, quando vão visitar a mãe.

E continuou:

— Você quer muito saber se houve divórcio? Minha mãe deve saber. Se quiser, ligo para ela. A essa hora já deve estar acordada.

— Não, deixa, deixa. É só que acabei de saber o que houve com a pobre Arantxa e me deu calafrios.

E mais. O tal Alberto (que coisa: Guillermo, cacete) vendeu o apartamento de Rentería e deu a Arantxa a parte dela. Também fez uma arrecadação na vila, com cofrinhos nos bares e lojas, uma rifa, um jogo de futebol beneficente, e Ramón não sabia mais o quê, mas o fato é que muita gente ajudou a pagar a remoção de Arantxa do hospital de Mallorca e sua permanência posterior em uma clínica especializada na Catalunha.

Xabier olhou bem nos olhos da mãe. Seja justo, seja honesto, seja íntegro haja o que houver, digam o que disserem. A mãe ficou calada.

— Está me escutando?

— Continua.

— Ramón não me disse o nome da clínica, nem eu perguntei, para não expor minhas artimanhas de detetive. E não era preciso. Não foi difícil descobrir que Arantxa ficou internada durante oito meses no Instituto Guttmann. Vou explicar rapidamente. É um centro de Badalona especializado no tratamento e na reabilitação de pacientes com lesão medular e danos cerebrais. O melhorzinho que se possa imaginar. Mas, claro, tudo isso gera despesas que estão bem acima do nível econômico da família.

— Desde que eu os conheço, estão mal de dinheiro. E mais de uma vez seu pai os ajudou por baixo dos panos, sem esperar nada em troca. Olha só como nos pagaram.

— O caso é que Arantxa foi atendida no Guttmann até que finalmente pôde voltar para a vila, e agora faz a neurorreabilitação conosco.

— Mais alguma coisa?

— Não, mais nada. E você foi ontem ao consultório do Arruabarrena? O que ele disse?

— Ih, esqueci. Não sei onde estou com a cabeça.

— É importante que ele te examine.

— Importante ou urgente?

— Importante.

Depois se despediram, almas doendo, com um afeto frio, um frio afetuoso. E Xabier, de jaleco branco, olhou fixamente os pontos de tinta que salpicavam a parte de cima do bloco de anotações. Depois olhou nos olhos do pai, não seja injusto, cuida da *ama* por mim, e, para além da mesa, a porta branca que certa tarde, fazia muitos anos, quantos?, doze ou treze, se abriu de repente e ali estava ela, com uma expressão de pesar, parada na soleira.

— Vim te dizer que sou irmã de um assassino.

Convidou-a para entrar, mas Arantxa já o tinha feito por iniciativa própria; e para sentar-se, mas ela declinou.

— Imagino que vocês devem estar sofrendo. Sinto muito, de verdade, Xabier. *Barkatu*.

Em seu lábio inferior surgiu um esboço de soluço. Talvez por isso estivesse falando tão depressa, para que o choro não cortasse sua voz.

Arantxa falou, visivelmente nervosa, de solidariedade, de tristeza, de vergonha, e

enquanto isso deixou na mesa, bruscamente, um objeto verde e dourado que Xabier a princípio não reconheceu. Paralisado, temeroso, ficou desconfiado. Chegou a jogar o corpo um pouco para trás, pensando/temendo que aquele ato implicasse violência. Era uma simples pulseira de bijuteria, um brinquedo infantil.

— Seu pai comprou isto para mim quando eu era menina, numa festa da vila. Estávamos todos na rua, você não deve se lembrar. Txato comprou uma parecida para Nerea, e eu fiquei com inveja. Também queria uma. Minha mãe disse que não. Então Txato, sem dizer nada a ninguém, me levou até o negro que vendia essas miudezas e comprou esta pulseirinha para mim. Vim aqui devolver. Eu a achei lá em casa e não me sinto digna de ficar com ela. Queria dar para Bittori, mas não tenho coragem de olhar nos olhos dela.

Xabier, homem distante, encastelado no seu aprumo, fez um gesto de aprovação e mais nada. Nem uma palavra. Só aquele gesto, como que dizendo: muito bem. Ou talvez: eu te entendo, fica tranquila, não tenho nada contra você.

Dias antes, a Audiência Nacional havia condenado Joxe Mari a 126 anos de prisão. Xabier ficou sabendo por intermédio de Nerea, que tinha ouvido no rádio. Ficaram na dúvida se deviam contar à mãe. Xabier achou que era errado esconder dela e lhe telefonou; Bittori já sabia.

Depois se passaram os anos. Xabier tem preguiça de contá-los e continua aqui, na sua sala. Falou há pouco com a mãe, olhou para a porta, abriu uma das gavetas da mesa, onde guarda, não sabe bem por quê, a pulseira de plástico de Arantxa junto com uma garrafa, já aberta, de conhaque.

22
Lembranças em uma teia de aranha

Isto ninguém sabe, só eu. E ela? Ela também — se o acidente cerebral não esvaziou sua memória, talvez ainda se lembre do beijo. A menos que nessa época tenha dado tantos e em tantos caras que perdeu a conta, ou que tivesse bebido tanto naquela noite que não sabia mais o que fazia nem com quem.

É que essas garotas, hoje mulheres quarentonas, não tinham freio quando cismavam com alguém, ao passo que os rapazes eram/éramos uns palermas em questões erótico-amorosas, pelo menos eu era. O que Arantxa com certeza não sabe é que foi a primeira garota que Xabier beijou na boca.

Ao fim do dia de trabalho, foi se trancar na sua sala como de costume. Na mesa, a foto do pai, a garrafa de conhaque. E com uma calma melancólica foi rastreando os detalhes do mobiliário, do teto e das paredes em busca de lembranças.

Ele já podia ter ido para casa; mas lá, nos dias de semana, é um horror. Por mais que acenda todas as luzes, é acossado por uma espécie de penumbra que se adere aos objetos como uma camada de sujeira tenaz e deixa um peso triste nas pálpebras. Cada piscada, dlon, uma badalada fúnebre até que o sonífero faça efeito. Muitas vezes combatia a solidão nas redes sociais, em que usava nomes falsos. Trocava gracinhas sexuais. Com quem? Não fazia a menor ideia. Com Paula, por exemplo, ou com Palomita, pseudônimos atrás dos quais podia se esconder tanto um velho safado da província de Soria quanto uma adolescente madrilena, ainda acordada a altas horas da noite. Entrava em grupos de discussão, defendendo, com fartura de erros ortográficos deliberados, posições políticas que lhe dão repugnância. E também mandava textos mordazes comentando matérias da versão digital deste ou daquele jornal, só pelo prazer de ofender; e, sob a proteção de uma identidade falsa, brincar de vencer sua timidez incurável e de se sentir outro, não o homem solitário de 48 anos que era.

De maneira que, após o trabalho, Xabier muitas vezes preferia ficar uma ou duas horas em sua sala porque de vez em quando um membro da equipe médica ou um funcionário administrativo, ao ver a luz pelas frestas da porta no corredor, entrava para conversar um pouco com ele; mas também porque tinha a superstição de que lá dentro suas lembranças eram mais agradáveis do que as que a memória lhe trazia

em casa. Aproveitava para ler revistas da sua especialidade, analisar relatórios ou pensar nas velhas, e se possível, gratas peripécias do passado, até começar, por influxo do conhaque, a perder o controle dos seus pensamentos. Atingido esse ponto em que a embriaguez se anunciava, ele ia embora do hospital para voltar no dia seguinte.

Mas esse momento ainda não chegou, e ele bebe lentamente, saboreando, e esquadrinha a parede com um olhar tranquilo, em busca desta ou daquela sequência do seu passado. No ângulo formado pelas paredes e o teto, o pessoal da limpeza não tinha reparado em uma teia de aranha minúscula, perceptível apenas para um olho atento. Um restinho de gaze acinzentada sem a inquilina que a teceu. E nela ficou presa a lembrança do beijo de Arantxa. Que idade eu tinha? Vinte, 21 anos. E ela? Dois a menos.

São coisas corriqueiras que acontecem nas festas do interior. O pessoal dança, bebe, sua, todo mundo se conhece; se você é jovem e surge na sua frente um par de seios, você os pega; se uns lábios chegam mais perto, você os beija. Ninharias, migalhas que o esquecimento devora, o que não impede que, de repente, olhando a teia de aranha, a memória de Xabier as resgate.

É antes do serviço militar e ele estuda medicina em Pamplona. Tem fama de sem sal, de formal, de fechado em si mesmo; enfim, do que ele é realmente, um homem sério de verdade, sendo bem objetivo. Amigos? A velha turma de sempre, antes que os sucessivos casamentos a desagregassem. Não é bebedor nem fumante nem glutão nem esportista nem andarilho; mas, apesar de tudo isso, todos o apreciam porque faz parte da paisagem humana do lugar, frequentou o colégio com os outros, é o Xabier, tão da vila quanto o balcão da prefeitura ou as tílias da praça. Dá a impressão de que o futuro está à sua espera de braços abertos. É alto e boa-pinta, mas, ainda assim, nunca tem uma paquera. Sensato demais, tímido demais? Segundo seus conhecidos, deve ser algo assim.

Toma um gole de conhaque sem tirar os olhos da teiazinha de aranha. Mas por que sorriu? É que achou engraçado lembrar esse episódio. Em uma lateral da praça arde a fogueira de são João. As ruas estão apinhadas de gente. Crianças correm, brilham caras felizes, línguas lambem sorvetes, vizinhos desinibidos conversam aos gritos de uma calçada para a outra. Calor. Mas ele não mora em Pamplona? Mora, sim, mas veio passar uns dias com a família (e para que a mãe lave sua roupa), aproveitar o bom ambiente e ir beber com a turma. É com as últimas luzes do dia que, descendo pela rua, Arantxa e suas amigas se juntam a eles. Risos, mais bares, e ela lhe fala algo, o quê? Ele quase não consegue entender nada no meio daquela bagunça. E fala, disso sim ele se dá conta, com o rosto muito perto do seu. O rosto

onde só vê, apesar dos olhos pintados e dos lábios com batom, a filha mais velha dos melhores amigos dos seus pais, quase uma prima de sangue que, quando era menina, viu brincar infinitas vezes com Nerea.

Por isso quando, na penumbra rubra do pub, ela de repente mete a mão na sua braguilha, Xabier não capta o sentido da coisa. Pensa que é brincadeira, uma travessura para a qual não encontra explicação. E olha como se fosse um sonho para o diminuto resto da teia de aranha e se vê beijado com força por alguém que ele considera praticamente um membro da família. A língua ansiosa de Arantxa busca a sua língua quieta. Ele está quase que paralisado de assombro e também sente um terror cada vez maior ao ver que aquela fusão de lábios dura além do esperado e parece que é a sério, e pode ser que um parente, um conhecido, seus próprios amigos ou Nerea, que está no fundo do bar, dirijam o olhar para eles a qualquer momento. Arantxa, suor e perfume, aperta o corpo contra o flanco de Xabier. Diz em seu ouvido uau, estou toda molhada e lhe pergunta se não quer ir com ela para um lugar onde ninguém possa vê-los. Para Xabier, ainda hoje, essa é uma proposta incestuosa.

Agora, na sua sala, cai na risada. Olha só perder uma oportunidade dessas... A garota oferecida, a garota desejosa e desejante e disposta. Não, mas é que Pamplona, a Obra. Ficava inibido, não tinha coragem, no retiro do seu quarto de estudante se guiava por leis onanistas que levam igualmente à polução, mas sem os problemas do relacionamento afetivo. E olha para a teia de aranha e ri. E olha as sobrancelhas tranquilas do pai e ri. E toma outro gole da garrafa de conhaque e ri. Ri sem saber por quê, pois, na verdade, se sente sujo, enlameado, mofado de tristeza. Seja justo, seja íntegro. Sim, *aita*. Percebe que chegou ao ponto crítico a partir do qual mais uma gota de álcool o obrigaria a deixar o carro no estacionamento e pegar um táxi. Então guarda a garrafa na gaveta, vê a pulseira verde e dourada e diz amanhã vou devolver isso, puta que pariu, por que não trepei com ela? Resposta: porque você era/é um trou-xa. Seu pai, lá na foto, concorda, e Xabier reage com insolência: fique caladinho você aí. Definitivamente, é melhor pedir um táxi.

23
Corda invisível

Pensou: são só cinco minutos. Desço e volto. Tinha se informado antes sobre a hora que ela chegaria. E, quando já estava entrando no corredor que leva à sala de fisioterapia, Itziar Ulacia chamou-o por trás. A doutora vinha alarmada, gesticulando para que parasse. Os dois se conhecem bem, têm intimidade.

— Queria te avisar que hoje ela não veio acompanhada pela cuidadora, mas pela mãe. Você é quem sabe.

Xabier agradeceu e deu meia volta. No dia seguinte, perto da mesma hora, a doutora Ulacia ligou para o seu celular. Que, se queria ver Arantxa, podia descer tranquilamente, porque dessa vez tinha vindo com Celeste.

— Com quem?

— Com a equatoriana que cuida dela.

Mas Xabier já não estava tão decidido quanto na véspera. Vou, não vou? Por um lado, sua mãe ia todos os dias à vila, descia do ônibus em uma rua central, entrava nas lojas; em suma, se mostrava. E agora eu vou e me aproveito das sessões de fisioterapia para me aproximar da filha. Depois ela conta em casa. Ela se comunica sem problemas com o iPad. O que os pais vão pensar? Será que não vão desconfiar que fizemos um plano para persegui-los e tirar algum tipo de desforra?

Xabier era movido pela compaixão, uma corda invisível amarrada no seu pescoço. Não negue. Você tem pena dela porque é parte íntima do seu próprio passado. Não estará com pena de si mesmo por uma via indireta, certo? Estava falando sozinho sem notar que chamava a atenção. Dois jalecos brancos que vinham na direção contrária o interromperam, estranhando. Se estava tudo bem. Sim, está. E, embora ainda tivesse trabalho a fazer, foi à sua sala em busca de alguns minutos de solidão.

Calor. Desabotoados os botões de cima da camisa, tentou afrouxar a corda que apertava cada vez mais. Foi em vão. A corda não parava de puxá-lo, ora com força, ora com suavidade, e no final não teve outro remédio senão deixar-se arrastar.

Parece mentira: o dia inteiro entre corpos maltratados, corpos muitas vezes agonizantes, corpos sem esperança, corpos com as horas contadas, mães de dois e três filhos que não chegarão vivas à próxima noite de Natal, rapazes (a maioria

motoristas) marcados pela morte na flor da idade, toda essa carne com nome e sobrenome que depois serão lidos no jornal, e ele ali, imune à compaixão, mantendo a calma, consolando, austero, profissional, os parentes desolados, exercendo seu ofício (seja justo, seja honesto, seja íntegro) com a maior diligência possível. E, no entanto, agora tinha uma sensação diferente, embora não lhe coubesse qualquer responsabilidade médica em relação a Arantxa. Ou será que não era exatamente por isso, porque não podia ter com ela o mesmo vínculo que com um paciente qualquer, que o caso lhe causou uma impressão tão profunda? Essa pergunta ficou pairando no ar, sob a luz esvaída dos tubos fluorescentes. Não houve tempo para a resposta, porque ele já tinha saído do elevador e entrado, no passo acelerado que o puxão incessante da corda lhe impunha, na ala de reabilitação.

No fundo do corredor, sentada em um banco preso na parede, divisou a equatoriana. A mulher baixa, de traços andinos, tomava conta da cadeira de rodas. Quando o doutor chegou ao seu lado, ela se levantou depressa e o cumprimentou com uma ligeira reverência. Xabier correspondeu hierático, cerimonioso, evitando olhá-la no rosto.

E entrou. Dois jovens fisioterapeutas brincavam com um menino de uns dez ou doze anos. Amarrado com correias a uma maca, ele tinha sido colocado em posição vertical. Xabier conjeturou com seu olho clínico: citomegalovírus. Cumprimentou e foi cumprimentado, o menino o analisou com olhos grandes através dos óculos de grau, e um pouco adiante Xabier viu Arantxa antes que ela o visse, deitada em uma maca. A moça que a atendia lhe indicou com um gesto que estava a par da sua visita. Fazia com a paciente um exercício suave de alongamento e contração de um joelho. E Xabier, à medida que se aproximava, constatou: hipertonia, obesidade. Observada de perfil, de cabelo curto, ele não a reconheceu de primeira. Depois, sim, quando se aproximou da maca e pôde ver seus traços de perto. Talvez para atenuar os efeitos da surpresa, a fisioterapeuta teve a prudência de anunciar a Arantxa, com desenvoltura, a chegada de Xabier.

— Você tem uma visita do alto escalão.

Ele esperou a reação de Arantxa antes de lhe estender a mão. O primeiro segundo foi de assombro, talvez medo. Depois ela lhe deu um sorriso, fruto de uma súbita crispação do rosto. O lado direito do seu corpo tinha uma mobilidade aceitável. Apertou a mão dele com a sua desse lado. Depois fez uma careta que Xabier não soube interpretar.

— Como você está?

Arantxa, deitada, balançou a cabeça, enquanto desenhava com os lábios uma

palavra à qual a fisioterapeuta deu voz:

— Fodida.

Ele, sem jeito, tímido, sem fluidez nas palavras: que sentia muito pelo que havia acontecido com ela, que a doutora Ulacia lhe contara. Arantxa escutava com alegria, com uma cara de inegável fascinação, como se não conseguisse acreditar que o senhor educado e de jaleco branco que estava à sua frente fosse Xabier.

— Estão te tratando bem?

Ela fez que sim.

Xabier fez uma pergunta qualquer à fisioterapeuta sobre o exercício que estava realizando com a paciente, e, enquanto ela dava as explicações, Arantxa tentava dizer algo e sacudia a mão sã. A princípio não entenderam; mas nisso uma das fisioterapeutas que cuidava do menino a poucos metros de distância percebeu que Arantxa estava pedindo o iPad, foi ao corredor e pediu à equatoriana que o trouxesse. Semierguida na maca, Arantxa tirou a capa do aparelho e escreveu com um dedo ágil: "Sempre gostei de você, seu sacana."

E sorria com toda a força dos seus músculos faciais. Havia um grumo de saliva no canto dos lábios. Parecia tão feliz, tinha uma expressão tão risonha. Então, é agora ou nunca, Xabier tirou do bolso do jaleco a pulseira; pegou a mão direita de Arantxa, como se fosse tomar-lhe o pulso, e a colocou nele.

— Guardei durante todos esses anos para você. Por favor, nunca mais me devolva isto.

Ficou olhando para ele por um instante, séria, antes de escrever: "O que está esperando para me dar um beijo?" Ele a beijou no rosto. Depois disse que tinha que ir, que lhe desejava melhoras e outras palavras gentis. Arantxa pediu com gestos que esperasse um instante. Escreveu, bicando com o dedo no teclado, e mostrou-lhe a tela: "Se você tiver um AVC, nos casamos."

24
Uma pulseira de brinquedo

Um simples gerânio já a tinha deixado de mau humor, e agora essa. Essa é pior do que o gerânio, mas na verdade (pensaram o quê?, que vou me render?) faz parte da mesma manobra. Se tivesse descoberto o vaso sozinha, eu ficaria aliviada. Pois e daí, um vaso, ora essa. Mas não, tinham que vir, uma e depois a outra, com a mesma fofoca.

Primeiro Juani:

— Viu só? Colocou um gerânio na varanda.

Miren ficou em silêncio e não foi lá olhar. Pouco depois, andando pela rua, outra:

— Então, você já viu?

Dessa vez também não teve vontade de ir, embora a casa deles ficasse a quatro passos da sua.

Mas acabou por perder as estribeiras à noite, quando Joxian veio do Pagoeta com a mesma história e contando que alguém tinha dito o que Miren vai pensar quando vir isso. Então ela foi olhar o tal vaso no dia seguinte, e lá estava. Um gerânio qualquer, com duas flores vermelhas, como se dissesse: voltei, ponho a minha bandeira aqui e agora vão ter que me aguentar.

Miren disse a Joxian:

— Uma porcaria de gerânio que, se não levar para dentro assim que começar o frio, acabou-se.

— A casa é dela. Que ponha o que quiser.

E quando já tinha se convencido de que era melhor esquecer o assunto e seguir sua vida, que já lhe dava aporrinhações suficientes, afinal o que ela vai fazer comigo se a vila toda está do meu lado, a campainha tocou, ela abriu a porta e, antes que Celeste passasse pela soleira com a cadeira de rodas, Miren reconheceu a pulseira. Era só o que me faltava. Primeiro o gerânio e agora essa. Aproveitou o beijo de acolhida para analisar a bijuteria de perto. Não havia a menor dúvida. Vieram à sua mente imagens de um verão longínquo, de uma tarde de calor com a vila em festa. Também se lembra de que Franco tinha morrido no ano anterior. Os dois casais passeando com todas as crianças. Tinham rido com os *bertsolaris*. Miren menos do

que os outros, porque Joxe Mari estava perturbando a sua tarde. Menino levado, menino difícil, um verdadeiro moleque. Ficou se pendurando nas tábuas do estrado e um *bertsolari* brigou com ele. Tentou descer do carrossel em movimento, manchou a camisa de graxa em algum lugar, e dava para ver que Joxian estava quase orgulhoso de ter um filho que se comportava como um cabrito.

— Não é como um cabrito, mulher. Ele tem saúde.

E depois um lado da calça dele descosturou, me deu vontade de sentar-lhe um tapa no meio da rua. Todo o trabalho de lavar e costurar era dela. Em voz baixa:

— Em casa a gente conversa.

Joxian comprou uma bomba de creme para cada pirralho. E o fominha do Joxe Mari engoliu a sua inteira com duas mordidas. Depois deu uma dentada na de Nerea, e a menina não quis mais comer. E Joxian comprou outra bomba para ela, como se fôssemos ricos. Depois Joxe Mari tentou pegar a de Gorka, que devia ter uns cinco aninhos, não mais que isso, e o coitadinho se defendeu ou sabe-se lá o que fez, mas o caso é que o irmão se irritou e amassou a bomba em seu rosto, e tivemos que limpá-lo com um guardanapo do bar. Também sujou o tênis. Mais trabalho para mim.

Txato e Bittori já iam sair de férias para Lanzarote, depois foram com as crianças e nos trouxeram de presente um dromedário de cerâmica, mais feio que o capeta, mas enfim, para demonstrar apreço, o colocaram em cima da televisão, vai que um dia eles aparecem de visita e perguntam por esse troço. E ela, que Lanzarote, que o hotel, só para se mostrar, rindo porque nem Joxian nem Miren sabiam onde fica Lanzarote. Afinal, que já está um pouco tarde e as duas famílias decidiram voltar para casa, dar a janta para os pequenos e botá-los na cama. Assim poderiam sair mais tarde sem as crianças para aproveitar a noite, mas a única coisa que Miren queria de verdade era cair na cama e descansar.

No caminho para as respectivas casas, passaram por uma fileira de vendedores ambulantes. Havia de tudo: cerâmica artesanal, pantufas, bolsas; enfim, de tudo. E Txato, que era mais rápido para puxar a carteira do que um pistoleiro de faroeste, parou diante de um negro que vendia bijuterias e comprou uma pulseira para Nerea, o que nos deixou em uma sinuca porque, óbvio, Arantxa também queria uma e nós temos três filhos, não são dois como eles, e Joxian ganhava uma merda na fundição enquanto eles podiam ir para Lanzarote e se dar muitos outros luxos. Então é não, não e não. E Arantxa quase chorando, mais teimosa do que uma mula. E tanto insistiu que Txato a pegou pela mão e, sem perguntar nada a Joxian nem a mim, levou-a de volta para onde estava o negro. E agora ela me aparece em casa, mais de trinta anos depois, com a tal pulseira, porque é a mesma pulseira dourada com

contas verdes, não tenho a menor dúvida. Quanto custou a Txato? Umas pesetas? Miren ficou com raiva, apesar de engolir o desgosto de ela e Joxian receberem uma lição de como fazer os filhos felizes.

Ou será que estou enganada? Miren não tirava o olho da pulseira. Com Arantxa distraída vendo televisão, Celeste se despediu com aqueles seus modos doces e afáveis que aqui, na verdade, não se usam muito, mas são formidáveis. E Arantxa respondeu com seu jeito risonho, acenando com a mão saudável, e Miren, com o seu um pouco seco, enquanto a acompanhava até a porta, mas, em vez de fechá-la, saiu com Celeste para o corredor.

— Escuta, você sabe me dizer onde minha filha arranjou a pulseira que está usando?

— Um médico lhe deu esta tarde. É linda, não é?

— Sim, muito bonita. Você quer dizer que um enfermeiro deu a ela?

— Não, não. Veio um médico, não sei o nome. Nunca o vi antes. E achei que esse doutor talvez fosse um conhecido de vocês, pois veio só para ver Arantxa e, depois de ficar com ela por alguns minutos, lhe deu um beijo carinhoso na bochecha, e ela pareceu contente e feliz o tempo todo. Os dois conversaram. Bem, o doutor falava e Arantxa respondia com o iPad, e no final ele lhe deu essa pulseira de brinquedo.

— Por acaso não ouviu o nome do médico?

— Ai, infelizmente não, dona Miren, mas as fisioterapeutas o chamaram de doutor várias vezes. Se a senhora quiser, posso descobrir amanhã mesmo. Era um médico alto, de cabelo já grisalho nas laterais e usa óculos. Nunca o vi antes. É sério?

— Não. Era só para saber.

Joxian chegou em casa na hora de sempre, com o brilho de sempre nos olhos animados, coçando como sempre a camisa na altura do fígado. Chiavam na frigideira anchovas empanadas, a janela totalmente aberta para que a fumaça fosse para a rua. Arantxa olhava o vapor que saía do seu prato de sopa como que hipnotizada. Joxian a beijou na testa. Depois, quando se sentou à mesa, bufou cansado.

— Não estou com a menor fome.

— O que é isso? Não vai lavar as mãos? — dispara Miren com cara séria.

Ele as esfregou como se estivessem debaixo de uma torneira.

— Estão limpas.

— Seu porco...

E Joxian foi lavá-las no banheiro, resmungando, porém dócil. Quando voltou

para a cozinha, Miren, às costas de Arantxa, lhe fez uns gestos enfáticos que ele não entendeu.

— O quê?

Ela, pressionando os lábios, lançou-lhe um olhar furioso para que fosse mais discreto. E balançava a cabeça como se dissesse: meu Deus, quanta paciência preciso ter com este homem.

Por fim, Joxian reparou na pulseira. Não sabe disfarçar, Miren quase deu com a frigideira na sua cabeça.

— Que bonita! — Para a filha: — Você comprou?

Arantxa fez que não com veemência e, batendo várias vezes com a ponta do indicador no peito, desenhou duas palavras nos lábios: é minha. Joxian buscou alguma explicação no olhar áspero da esposa. Em vão. E daí por diante, até o final do jantar, preferiu se manter em silêncio para não falar bobagem.

Mais tarde, na cama, às escuras, o casal sussurrava.

— Nossa, mas não é possível.

— Que eu caia morta se não for. Essa pulseira quem comprou foi Txato, num dia de festa, muitos anos atrás, quando as crianças eram pequenas e nós ainda éramos amigos.

— Bem, tanto faz. Arantxa deve ter encontrado em uma gaveta e resolveu usar.

— Não seja bobo. Ela não encontrou a pulseira. Um médico lhe deu.

— Você está me deixando louco. Txato comprou...

— Shiii, fala mais baixo.

Aos sussurros:

— Txato comprou uma pulseira para Arantxa quando ela era menina. Até aí tudo bem. Então passam os anos, e um médico dá à nossa filha a pulseira da nossa filha. Que me cortem um braço se eu entendi.

— Eu só sei de uma coisa: só existe um médico que poderia fazer algo assim, além de dar um beijo no rosto de Arantxa.

— Quem?

— O filho mais velho, que, por alguma razão que desconheço, estava com a pulseira.

— Você vê novela demais na televisão.

— Estão armando alguma coisa. Você não percebe? Já se meteram nas nossas vidas, já estão dentro de casa, no quarto, estão até aqui na cama, conseguiram nos fazer falar deles o tempo todo. Por que você acha que ela voltou e não se esconde, e pôs um gerânio na varanda e frequenta as lojas da vila? Eles estão atrás de *nós*. Temos que fazer alguma coisa, Joxian.

— Sim, dormir.

— Estou falando sério.

— Eu também.

Pouco depois começou a roncar. Para Miren, deitada de lado, acordada, a escuridão se encheu de rostos, de luzes, de sons. De repente aparecia o gerânio, de repente, a pulseira. E Arantxa aos onze anos, fazendo birra porque queria uma pulseira igual à de Nerea. E via Joxe Mari amassando a bomba de creme na cara de Gorka. E Txato, que tirava a carteira do bolso como os caubóis dos filmes sacam a arma. E via ela, cujo nome não fala porque queima na boca. Ela, que voltou cheia de más intenções e, se está pensando que vou me acovardar, pois está muito enganada. Não conseguiu dormir. Outra noite em claro. A cabeça cheia de pensamentos, a escuridão cheia de fantasmas. Foi à cozinha, era mais de meia-noite, e escreveu "*Alde hemendik*" numa folha de papel. Passo o bilhete por baixo da porta dela, e vamos ver quem assusta mais a quem. Já ia saindo, mas e se ela reconhecer a letra? Pegou outra folha. Repetiu a frase, alterando a letra e escrevendo tudo em maiúsculas. Saiu para o corredor de sapato na mão a fim de não acordar ninguém e, depois de calçar-se no capacho, desceu, foi até o portão e o abriu. Saiu? Só um passo. Mas por quê? É que estava chovendo. Furiosamente. Chuva de vento. As gotas caíam de lado. Uma noite terrível. Disse para si mesma:

— Ora.

E então rasgou o papel, pôs os pedaços no bolso e voltou para a cama.

25
Não venha

Tocaram a campainha. O som curto e seco surpreendeu Bittori enquanto olhava, sentada na poltrona da sala, as capas da sua velha coleção de discos de vinil. Desde que passara a ir à casa da vila, era a primeira vez que ouvia aquela campainha estridente, tão familiar para ela em outros tempos.

Não se assustou. Esperava alguma visita? Sim e não, pois achava que, mais cedo ou mais tarde, alguém, melhor dizendo, *uma* alguém, viria aqui bisbilhotar, fazer perguntas, querendo saber as minhas intenções.

Não foi à toa que, poucos dias antes, esbarrara na rua com uma conhecida, um encontro tão mal encenado que não teve a menor dúvida de que não tinha sido casual.

— Meu Deus, Bittori, há quantos anos não nos vemos. Que alegria! Está bonita como sempre.

Umas palavras ácidas lhe subiram à boca: é, porque, sabe?, faz bem para a cútis que matem o seu marido e você fique viúva e sozinha. Mas engoliu todas. Tinha visto a mulher de longe, parada na esquina. Está me esperando, vai me fazer as perguntas que lhe pediram que fizesse. E ela as fez, fingindo que saíam de improviso. Uma das que não foram ao enterro, das que não lhe deram pêsames, das que pararam de falar conosco quando as pichações começaram. Não odeie, Bittori, não odeie. Respondeu com evasivas e palavras vagas, abrindo um sorriso falso que lhe deixou na boca uma sensação gelatinosa, fria, de medusa morta.

Abriu. Don Serapio. Quanta unção no olhar, quanta doçura no arco das sobrancelhas. Suas mãos pálidas, delicadas, que se separam e se juntam, o colarinho, a loção pós-barba. Em contrapartida, ela, quartzo facial, não mexia nem uma pestana. Assombro? Nem um pingo. Foi como se não tivesse visto ninguém no corredor ao abrir a porta.

O padre avançou à guisa de abraço, decidido a encostar a bochecha na dela. Sempre foi chegado ao afeto dérmico esse homem. Bittori recuou, brusca, com as feições tensas, marcando as distâncias. Ele disse em basco que tinha vindo visitá-la. Ela o examinava com uma visível precaução, a mão na porta para o caso de resolver fechá-la de repente no seu nariz. Respondeu/mandou que entrasse, tratando-o sem

reverência e em castelhano.

Na casa de Deus ele pode até mandar, mas aqui na minha mando eu. E don Serapio, com mais de setenta anos, adentrou na casa esquadrinhando pisos e paredes, móveis e enfeites, parecendo que usava os olhos como câmeras fotográficas. Ao seu nariz — eram quase duas da tarde — chegou o cheiro do feijão-branco com morcela que Bittori estava esquentando na cozinha.

— Está morando aqui?

— Claro, é a minha casa.

Bittori lhe cedeu a poltrona onde estivera sentada dando uma olhada na sua coleção de discos. Para que, toda vez que ele erguesse o olhar, topasse com a foto de Txato pendurada na parede. E trouxe uma cadeira da cozinha para se sentar. O padre começou a falar amenidades. Distribuiu elogios, gestos de branda amabilidade, palavras cheias de entonação humilde, tentando guiar a conversa; mas ela, nas poucas vezes que interveio, voltou para o castelhano com uma determinação desafiante, de maneira que don Serapio, em um gesto claramente destinado a suavizar a situação, desistiu de falar em basco.

Verdadeira rã verbal, pulava de um assunto, semiassunto ou subassunto para outro, detendo-se brevemente em questões meteorológicas, de saúde e de família, até que Bittori, ainda sem almoçar e com poucas reservas de paciência, cortou:

— Por que você não diz logo o que veio me dizer?

Don Serapio não conseguiu reprimir um olhar instintivo, por cima da cabeça de sua áspera interlocutora, para a foto emoldurada de Txato.

— Pois bem, Bittori. Não sei se você tem noção de que sua presença na vila causa certa inquietação. Inquietação não é bem a palavra correta.

— Preocupação?

— Eu me expressei mal. Desculpa. Digamos que as pessoas veem você vindo todos os dias aqui, estranham e fazem perguntas.

— E como você sabe que fazem perguntas? Elas vão à igreja te contar?

— Aqui na vila as novidades se espalham muito rápido. O fato é que, desde que você começou a vir, começaram os comentários. Você está vindo à sua própria cidade, isso ninguém discute. E, por mim, que seja bem-vinda. Mas as coisas são mais complicadas do que parecem assim à primeira vista, e o fato de você ter o direito legítimo de vir à sua casa não significa que outros moradores não tenham também os seus direitos.

— Por exemplo?

— Por exemplo, que possam refazer suas vidas e dar uma oportunidade à paz. A luta armada afetou duramente a nossa vila, assim como, não podemos esquecer,

algumas ações das forças de segurança do Estado. Infelizmente tivemos mortes: seu marido, que descanse em paz, e os dois guardas civis do atentado no parque industrial. Sem buscar atenuantes para essas tragédias terríveis que nos causam tanta dor, não devemos perder de vista o sofrimento de outras pessoas. Houve repressão, revistaram casas, prenderam e maltrataram, ou, para ser mais explícito, torturaram inocentes nos quartéis. Atualmente temos nove filhos da vila cumprindo penas de muitos anos na cadeia. Não vou discutir o mérito do castigo. Não sou jurista nem político, sou apenas um simples sacerdote que quer contribuir para que as pessoas da sua comunidade vivam em paz.

— Você não está insinuando que a paz está em perigo porque a viúva de um homem que foi assassinado vem passar algumas horas na própria casa?

— De jeito nenhum. Só vim lhe pedir um favor em nome do povo da vila. Se aceitar fazê-lo, fico muito agradecido; se não, acatarei resignadamente a sua decisão. Sei que você sofreu, Bittori. A última coisa que me ocorreria é duvidar dos seus sentimentos ou fazer recriminações. Nunca me esqueci de você e dos seus filhos nas minhas orações. E, acredite, se o seu marido não está agora na presença do Senhor, não é porque eu não tenha pedido mais de mil vezes. Mas, assim como Deus se ocupa das almas dos mortos, eu tenho que me encarregar das almas dos vivos da paróquia. Faço bem, faço mal? Com certeza cometo erros. Com certeza não emprego as palavras adequadas e mais de uma vez já disse o que não devia e não queria dizer. Ou falei quando tinha que ter calado. Ou me calei quando tinha que ter falado. Sou imperfeito como qualquer outro. Mesmo assim, tenho que cumprir até o final dos meus dias a missão que me foi encomendada. Sem esmorecer, sem desanimar. Você entende que não posso ir à casa de uma dessas famílias, que também estão arrasadas, e dizer: não, sinto muito, mas seu filho militava no ETA, que se danem? Você faria isso se estivesse no meu lugar?

— Se estivesse no seu lugar, eu falaria com clareza. O que quer de mim?

Dessa vez o padre, em vez de erguer o olhar para a foto de Txato, fixou-o por um instante no chão, entre os pés de Bittori e os seus.

— Que não venha mais.

— Que não venha à minha casa?

— Por uma temporada, até que os ânimos baixem e haja paz. Deus é misericordioso. O que você sofreu aqui Ele vai compensar no além. Não deixe o rancor tomar conta da sua alma.

Na manhã seguinte, ainda com uma sensação de falta de ar, Bittori foi ao Polloe para contar a Txato. Falou em pé porque estava chovendo muito e preferiu não sentar na ponta da laje molhada.

— Foi o que ele disse. Que eu não vá à vila para não atrapalhar o processo de paz. Veja só, são as vítimas que importunam. Querem nos varrer para debaixo do tapete. Que ninguém nos veja, e se desaparecermos da vida pública e eles conseguirem tirar seus presos da cadeia, isso é a paz e todo mundo fica contente, aqui não aconteceu nada. Ele disse que chegou a hora de perdoarmos uns aos outros. E, quando perguntei a quem tenho que pedir perdão, respondeu que a ninguém, mas que infelizmente eu era parte de um conflito em que a sociedade toda estava implicada, não apenas um grupo de cidadãos, e que não se pode descartar que aqueles que deveriam me pedir perdão também esperem, por sua vez, que outros lhes peçam perdão. E, como isso é muito difícil, o padre acha que o melhor, agora que não fazem mais atentados, é que a situação se acalme e a tensão acabe e a dor e as ofensas vão diminuindo com ajuda do tempo. O que você acha, Txato? Eu não perdi o controle, mas também não fiquei calada. Respondi:

Bittori encarou o padre diretamente nos olhos.

— Olha, Serapio. Quem não quiser me ver na vila que me dê quatro tiros como fizeram com Txato, porque pretendo continuar vindo aqui sempre que me der na veneta. Afinal, a única coisa que eu poderia perder, a vida, já destruíram há muitos anos. Não espero que ninguém me peça perdão, mas, na verdade, agora que penso no assunto, até que me pareceria um gesto bastante humano. E termino por aqui porque já passou da minha hora de comer. Diga a quem te mandou vir aqui que não vou parar até saber todos os detalhes do assassinato do meu marido.

— Bittori, pelo amor de Deus, para que botar o dedo na ferida?

E então retruquei:

— Para tirar todo o pus que ainda tem lá dentro. Senão, não fechará nunca. E não dissemos mais nada. Ele foi embora meio melancólico e com cara de ofendido. Pouco me importa. Assim que vi, por uma fresta da persiana, que já tinha saído e estava na rua, fui correndo para a cozinha comer um belo prato de feijão porque estava morrendo de fome. O que acha, Txato? Fiz bem? Você sabe que nunca me faltou personalidade.

26
Com eles ou conosco

Ao bater nos túmulos, a chuva fazia um barulho outonal, fresco, neblinoso, que agradava Bittori. Sim, porque, além de limpar um pouco tudo aqui, tenho a impressão de que algo do que ocorre na vida também chega aos mortos, não é? Pois eu me entendo.

Assim pensando, desviou de umas poças, viu caracóis nas lajes, teve a tentação (não seria a primeira vez) de levá-los para botar na panela. Protegia com o guarda-chuva o penteado feito em casa. Não parava de chover e, quando saiu do cemitério, pegou o ônibus que, por coincidência, chegou naquele momento. O que eu faço? Analisou de novo as circunstâncias e condições. Ainda tenho feijão de ontem, enchi a tigela de Ikatza com comida, ninguém me espera em casa. Estava muito irritada com a ideia de que don Serapio pudesse achar que ela tinha aceitado o seu pedido de não aparecer na vila por uns tempos. Então desceu no Bulevar, comprou dois pães-doces em uma padaria próxima e, que diabo, partiu para a vila no primeiro ônibus.

Lá chegando, comeu as sobras da véspera, requentadas. Fez uma coisa, fez outra. A tarde passou enquanto ligava fios, refazia conexões, tarefas que antigamente costumavam ser de Txato. Por fim, conseguiu pôr o toca-discos para funcionar. E no silêncio entre duas canções antigas lhe chegaram as badaladas do sino. Era sábado, e pegou o guarda-chuva e saiu. Para onde? Para onde podia ser? A missa das sete. E, ao entrar na igreja, teve vontade de sentar na primeira fila como naquela tarde já distante do enterro; mas achou que seria provocação demais. Então escolheu a ponta do último banco do bloco da direita, por ser um lugar de onde dava para abarcar com a vista todo o espaço da igreja, o que lhe permitiria observar tranquilamente os frequentadores.

Quando a missa começou, a igreja estava razoavelmente cheia, mas não tanto quanto nos velhos tempos. Ninguém foi se sentar perto de Bittori, do que ela deduziu que sua presença não tinha passado despercebida; mas tanto faz, eu não esperava mesmo ser recebida com aplausos neste templo do Senhor onde supostamente se prega o amor ao próximo.

O vazio ao seu redor a deixava muito visível; por isso, quando o padre saiu, com

casula verde, pela porta da sacristia que dava no altar, passou com a maior discrição possível para um banco do lado esquerdo. Encontrou abrigo atrás de umas pessoas que não conhecia. E, quando olhou para o lado por acaso, viu a cadeira de rodas diante da coluna.

Mesmo sem tê-la visto, Miren soube que Bittori estava na igreja. Ela tinha entrado com a filha pouco antes das sete. Alguém segurou a porta aberta para facilitar sua entrada. Quem? Não importa, qualquer um. E se sentou no lugar de sempre, com Arantxa ao lado e a estátua de santo Inácio de Loyola um pouco além, na penumbra da parede lateral. Então, uma boca sussurrou algo em seu ouvido. Miren moveu discretamente a cabeça, dando-se por informada, e não virou mais o rosto para a direita nem nesse momento nem enquanto durou a missa.

Cada vez mais atrevida. Dirigiu a Inácio, através do espaço entre a coluna e o pescoço de Arantxa, um olhar de furiosa recriminação. De que lado você está? Do deles ou do nosso? Assim que começou a missa teve vontade de ir embora. Que sacanagem ela vir aqui! Pediam tanto a paz nas suas manifestações e nos jornais, e quando finalmente temos paz não demoram nem dois dias para estragar tudo. Fez menção de se levantar, mas pensou melhor. Eu, ir embora? Pois ela que vá. E para Inácio: e, se você a prefere, podem ir os dois juntos.

O sermão. Uma numa ponta, a outra na outra do mesmo banco, separadas por três ou quatro fiéis, don Serapio as viu do alto do estrado com atril que fazia as vezes de púlpito. Não as mencionou, isso não, mas, esquecendo de repente o tema insosso que estava abordando, resolveu improvisar, meio atropeladamente no começo, verdade seja dita, frases sobre a paz e a reconciliação, o perdão e a convivência, dirigidas, não venham me dizer que não, principal, senão exclusivamente, às duas mulheres.

Contou uma história, um caso, uma parábola, sei lá o que era aquilo, sobre duas pessoas que tinham estreitos laços de amizade e eram felizes assim; certo dia brigaram e ficaram infelizes, mas Deus quis que se reconciliassem, e não foi nada fácil, mas após um tempo acabaram se reconciliando e recuperaram assim a sua antiga felicidade. Porque, como disse Jesus Cristo, amarás etc. E o padre se empolgou e que a paz isso e a paz aquilo. Fez, coisa rara nele, que costuma ser breve e circunspecto, um sermão ardoroso de uns vinte minutos.

A essa altura, Miren não falava mais com Inácio de Loyola. Nunca atende os meus pedidos. Decidiu, séria, não lhe dirigir mais a palavra. Imersa em ofensas e reflexões, demorou um pouco para perceber que Arantxa estava acenando para aquela mulher. Horror. Chegava a bambolear a cabeça sob o peso do sorriso. Sorriam seus olhos, sorriam os lábios, a testa, as orelhas. Um escândalo de sorriso.

Teve mesmo um AVC? Mas, pensando melhor, talvez não estivesse acenando e sim mostrando a pulseira, que em casa não tinha conseguido fazer com que tirasse de jeito nenhum. Mas, menina, é só um brinquedo. Disfarçadamente, soltou o freio da cadeira. E conseguiu girá-la com o pé de maneira que Arantxa ficou de frente para o altar, mas como essa boba, quanta paciência Deus tem que me dar, lutava para virar o rosto, sua mãe empurrou a cadeira um pouco mais e depois outro pouco para o lado da parede, impossibilitando que Arantxa pudesse se comunicar com ela.

Vez por outra Bittori olhava para a esquerda, desde que percebeu que Arantxa lhe fazia gestos. Esticando o pescoço, conseguia distinguir, além dos três ou quatro perfis interpostos, um pedaço da mãe e a filha inteira. Até que, em determinado momento, que estranho, viu que a cadeira de rodas não estava mais na mesma posição e não havia qualquer possibilidade de retribuir o sorriso de Arantxa.

De mãos unidas, Miren foi comungar. Deve estar me observando, sinto as agulhas dos seus olhos me perfurando. E, sim, estava olhando fixamente para ela, quanta santidade, acha que vai direto para o paraíso. Pois quero ver o que vão lhe dizer quando chegar com a túnica manchada com o sangue do meu marido. Formou-se uma pequena fila diante do padre. Bittori sentiu vontade de se incorporar à fila de comungantes. Não importa que eu não acredite nem pratique. E quando a outra, com a hóstia consagrada na língua, voltasse para o seu lugar pelo corredor central, talvez, quem sabe, seus olhares se cruzariam por um segundo. Bittori imaginou a cena. Sentiu de imediato um jorro de euforia. Chegou a fazer menção de se levantar. Foi impedida por uma pontada aguda na barriga, a terceira ou quarta nos últimos dias. Passou cinco minutos penosos sentindo-se tão mal que teve medo de desabar no chão. Fechou os olhos, respirou devagar, recuperou-se, e as pessoas, terminada a missa, já estavam se direcionando para a saída. Quando enfim se levantou, viu que a cadeira de rodas tinha desaparecido.

Foi uma das últimas a sair da igreja. Encaminhou-se para a escuridão da praça, e estava chovendo. Com certeza por causa da chuva as pessoas se dispersaram com rapidez. Bittori não dera nem cinco passos quando foi abordada por duas figuras indistintas.

— Lembra de nós?

Não identificou aquela voz, não via bem seus rostos, levou alguns segundos para reconhecê-los; mas depois, de perto, sim, fulano e fulana, um casal mais velho, gente da vila. Falavam em um tom de voz sussurrante.

— Foi uma grande alegria para nós vermos você na igreja. E então eu disse a este aqui: vamos esperá-la. Nós gostamos muito de você. Sempre gostamos.

Depois ele tomou a palavra e falou tão baixo que o barulho das gotas no guarda-

chuva obrigou Bittori a aguçar o ouvido:

— Nós nunca fomos nacionalistas. Mas, claro, é melhor ninguém saber disso por aqui.

Bittori agradeceu. Depois pediu desculpas por estar com pressa.

— Claro. Fique à vontade.

Pressa? Não tinha nenhuma. Sumiu na escuridão, protegeu-se num portão, ficou alguns instantes encostada na parede esperando que a dor passasse.

27
Almoço familiar

Domingo, paella. Nerea foi a primeira a chegar. Sem salto alto, sem lábios pintados e sem marido. Mãe e filha encostaram as bochechas no saguão.

— Como foi em Londres?

Nerea trouxe um capacho de presente. Comprado em tal lugar. Pronunciou o nome com certa ginástica labial, talvez por inércia das duas semanas em que estivera praticando o idioma.

— Não é bonito?

Um capacho com o desenho de um ônibus vermelho de dois andares. Bittori afirmou com entusiasmo falso que era lindo, mas para que gastar dinheiro, filha. Nerea foi lá fora substituir o velho. Deixou o velho encostado na parede para levá-lo mais tarde até a lixeira lá embaixo.

— E Quique? Não gosta de paella?

— Quique se acabou. Depois te conto.

Ikatza estava cochilando no sofá. Deixou-se acariciar sem abrir os olhos. Lá fora, dia cinza. A campainha tocou. Xabier beijou/abraçou a mãe, beijou/abraçou Nerea. Não prestou atenção na gata e não reparou no capacho novo, onde tinha acabado de esfregar as solas dos sapatos. Trouxe uma garrafa de vinho e flores. Não precisava gastar. Raramente os três comiam juntos. No Natal, no aniversário de Bittori e hoje? Pois sem nenhuma razão especial, simplesmente porque Nerea tinha voltado de Londres ou porque fazia um tempo que os três não se reuniam em torno de uma mesa. Xabier contou o caso triste de um paciente do hospital, depois outro bastante engraçado; mas, depois do primeiro, como podiam rir? Atacaram os antepastos. Nerea se alongava em peripécias turísticas (entramos em, fomos a, passamos por) e seu irmão, enquanto tirava a rolha da garrafa de vinho, parece que sentiu falta de um elemento narrativo. Reclamou:

— Onde está Quique?

— Continua em Londres, imagino.

Curiosidade e desconcerto paralisaram sua mão na rolha. Bittori interpôs depressa:

— Brigaram de novo.

— Não brigamos.

— Então se separaram.

— Não é a mesma coisa.

— Mas, de qualquer forma, vocês sempre moraram cada um no próprio apartamento. Ou estou enganada?

— Não está enganada.

Como mais cedo ou mais tarde eles iam ficar sabendo, Nerea contou, expôs, detalhou.

— Então já sabem. Foi uma separação de comum acordo. Se é definitiva ou não, o tempo dirá. Quique está disposto a depositar uma quantia mensal para mim. Obviamente eu lhe disse que não depositasse.

A mãe ergueu as sobrancelhas.

— Por que não?

— Porque prefiro não dever favores a ele.

Xabier ofereceu vinho à mãe, que declinou; e a Nerea, que tampouco quis. Fez menção de encher a própria taça; mas desistiu da ideia e abandonou a garrafa na mesa com o conteúdo intacto. Bittori se levantou para ir buscar a paella na cozinha. Nerea: se precisava de ajuda. E Bittori: não.

Ausente a mãe, os irmãos trocaram cochichos. Xabier:

— Por favor, não toque no assunto.

Voltando da cozinha, Bittori captou a última palavra.

— Que assunto?

O descanso de vime, com marcas pretas de queimaduras, já era usado pela família na casa da vila quando os filhos eram pequenos, quando o pai ainda estava vivo; e a paelheira, à qual faltavam pedaços de esmalte na borda, também. Faz anos que Nerea não se cansa de repetir para a mãe que jogue fora esses cacarecos do paleolítico inferior e compre novos. E era com os mesmos guardanapos de museu, senão de segunda mão, que Txato limpava a gordura dos dedos mais de vinte anos atrás.

Ainda saem do arroz os últimos fios de vapor. Bittori serve o prato de Xabier. O filho preferido? Preferido porque é inútil para a vida prática? Nerea tem outro estofo. Pega a escumadeira com determinação e se serve sozinha, enquanto evoca/enumera cafés da manhã, almoços, jantares de medíocre/duvidosa qualidade em Londres. E, quando já estão todos transferindo porções de paella dos pratos para as bocas, começa a expor seus planos a curto e a médio prazo. Ou seja:

— Finalmente decidi que, sim, irei assim que possível a um encontro de restauração na penitenciária.

Silêncio. É esse o assunto. Como não se ouvem vozes discordantes, continua:

— Conversei por telefone com a mediadora. É uma mulher muito simpática. Que me inspira confiança. No começo nem tanto, mas depois a fui conhecendo melhor. Disse a ela que voltei de Londres e estou disposta a reiniciar as entrevistas de preparação. E que mais? Ah, estou contando isso a vocês porque não gosto de fazer as coisas por trás. Imagino que são contra.

A mãe e o irmão olharam para ela ao mesmo tempo, graves, um tanto inexpressivos, e ao mesmo tempo pararam de olhar. Não estavam levando suas palavras a sério, ou o quê? Ouvia-se o movimento das mandíbulas. Os olhares permaneciam fixos nos pratos, que pouco a pouco iam esvaziando. Depois Bittori tomou pausadamente um gole de água, passou o guardanapo puído pelos lábios e perguntou com voz neutra, maquinal:

— O que você pretende conseguir?

— Não faço ideia. Também não sei ainda com quem vou me encontrar. Só tenho uma coisa definida na cabeça. Quero que um deles saiba o que nos fizeram e pelo que passamos.

— Quer dizer, pelo que você passou.

— Isso.

Xabier comia em silêncio.

— E depois?

— Vou escutar o que ele tiver a me dizer.

— Espera que te peça perdão?

— Para dizer a verdade, não pensei nisso. Segundo a mediadora, até hoje todos os que participaram dos encontros se sentiram melhor. Ela não soube de ninguém que tenha se arrependido. Há casos até de vítimas que no final se consideraram pessoas melhores. Não me parece que sentir alívio seja pouco. A partir daí, que seja bem-vindo tudo o que vier de positivo. É como uma ferida que para de supurar. Sempre fica uma cicatriz. Mas uma cicatriz já é uma forma de cura. E, não sei vocês, mas eu espero o dia em que possa me olhar no espelho sem ver apenas o rosto de uma vítima. Eles me prometeram a máxima discrição. A imprensa não será informada.

Xabier, com o cenho franzido, permaneceu calado. Várias vezes, nos dias anteriores, tinha pedido a Nerea que deixasse a mãe fora dessa história. Mas por quê? Para não lhe dar mais preocupações. Mas acontece que Bittori reagiu com serenidade.

— Olha, filha, faça o que achar mais sensato. Eu não me oponho. Uma pessoa do Departamento de Suporte às Vítimas me informou desses encontros há um

tempo e sei mais ou menos como funcionam. A ideia de ir conversar com um assassino entre muitos não me convence. Acho uma perda de tempo. Eles me fizeram tanto mal que não podem cicatrizar nenhuma ferida minha. Meu corpo inteiro é uma ferida. Acho que não preciso te explicar isso. Se, afinal, ficasse uma cicatriz, seria como a de quem teve o corpo inteiro queimado. Eu toda seria uma cicatriz. Talvez topasse olhar nos olhos do que matou o *aita*. A esse, sim, diria umas verdades. — Para Xabier: — E você, o que acha? Perdeu a língua?

Xabier continuou olhando para baixo.

— Acho que é uma questão muito pessoal. Eu não me meto.

— Pergunto se você também vai a um encontro desses.

— Não.

Soou decisivo, agressivo. E Nerea, empurrando para o centro da mesa o prato não de todo vazio, como sinal de que havia terminado de comer, disse:

— Depois do encontro, estou pensando em ir morar em outra cidade. Não sei qual. E não descarto ir para outro país.

Os dois se deram por comunicados sem julgar, sem fazer perguntas. Depois falaram, sucintos, sérios, de assuntos cotidianos, e o primeiro a se despedir, por ser domingo de jogo, sem sobremesa nem café, foi Xabier, que desde pequeno é sócio da Real Sociedad, embora vá pouco ao estádio. Nerea ajudou a tirar a mesa. Sozinhas as duas mulheres, perguntou à mãe o que achava dos seus projetos para o futuro.

— Você é adulta e sabe o que faz.

— Ou prefere que eu acabe como meu irmão?

— O que tem seu irmão?

— Ele é o homem mais triste que conheço.

— E o que você sabe de tristeza ou de qualquer merda?

— Eu também tenho motivos de sobra para estar arrasada. Mas, olha, em Londres, na mesma noite em que decidi com Quique que íamos dar um tempo, fui dar uma volta pela margem do rio. Pensei: o que faço? Pulo na água e tchau e bênção ou procuro uma saída para o labirinto em que estou presa há muito, muito tempo? Vi a corrente escura e os reflexos da cidade na água, e depois vi as pessoas, e ouvi música em algum lugar próximo, a brisa batia no meu rosto e concluí: que nada, Nerea, levanta essa cabeça, não se resigne, viva, isso, viva, garota, mesmo que esteja fodida, mexa-se, lute, procure. Aliás, soube que você vai à vila todo santo dia e achei ótimo. Imagino que também deve estar à procura de alguma coisa.

— Procura? Eu? Não estou procurando nada. Só vou à minha casa. Não posso ir à minha casa? Ou será que te incomoda?

Havia ira em seus olhos, em seus lábios contraídos. Não falaram mais nada. E um pouco mais tarde, ao sair do apartamento, Nerea notou que o capacho velho não estava mais no corredor.

28
Entre irmãos

Cinza de novembro. Relampejava quando Nerea saiu pelo portão. No fundo da ladeira por onde ela tinha que passar, um guarda-chuva preto ocultava o rosto de um homem parado. O coração de Nerea deu um pulo. Como assim se agora não tem mais terrorismo? A presença de um sujeito solitário em atitude de e com aspecto de lhe causou medo. Na dúvida, mudou de calçada. Logo depois o homem se virou. Era Xabier.

— Você não disse que estava com pressa para ir ao futebol?

— Mudei de ideia.

A razão? Porque achou mais importante falar com ela a sós. Nerea: que não a assustasse. Ele: que ficasse tranquila. Simplesmente era porque, como se viam pouco, os dois tinham poucas oportunidades de conversar em particular. Decidiram descer em direção à rua San Martín. No caminho, ela lhe disse que fechasse o guarda-chuva porque não estava mais chovendo, e ele fechou, e pouco depois estavam sentados no café do hotel Europa.

— Não sabia que você gostava de conhaque.

— Bem, temos que pedir alguma coisa. Não vamos ficar aqui sentados sem consumir nada, não é?

Ela pediu um chá de camomila. A paella lhe havia deixado um gosto gorduroso na boca e um peso no estômago e...

Xabier não prestou atenção nas queixas da irmã. Sem preâmbulos, entrou no assunto:

— Nós dois devíamos ter nos encontrado antes de ir à casa da *ama*, onde, com toda a sinceridade, eu não me senti nada bem. Devíamos ter combinado uma série de coisas para poupar nossa mãe de novos sofrimentos. Você fez tudo errado, mas reconheço que em parte a culpa é minha por não ter interferido a tempo.

— Por não ter me mandado calar a boca?

— Bastaria você ter dosado melhor tudo o que se refere aos seus planos para o futuro. Por simples prudência ou por uma coisa da qual não sei se já ouviu falar: delicadeza.

— Como a que você está tendo agora, certo?

— A história da sua enésima separação já seria o bastante. Teria sido melhor deixar o resto para outro dia. Talvez você ache que a *ama* reagiu com calma. Mas posso garantir que essa calma foi só fachada. É a máscara que ela usa desde que enviuvou. Finge ser forte. Mas, se você tivesse reparado bem, como eu reparei enquanto você tagarelava, aliás, com uma espécie de euforia que às vezes me chamou a atenção negativamente, teria visto na testa da *ama*, em seus olhos, que cada uma das suas palavras lhe caiu como uma pedrada.

— Ah, é? Pois acho estranho que você tenha reparado em alguma coisa, já que não vi você tirar os olhos do prato em nenhum momento.

— Tem coisas que se enxergam sem precisar olhar. Escuta aqui, Nerea. Talvez a sua separação do Quique tenha te afetado mais do que você demostra. Isso é só você quem sabe. Durante o almoço tive a impressão de ver uma mulher que de repente quer fazer muitas coisas, custe o que custar e sem levar em conta a repercussão que seus atos podem ter nas pessoas próximas. Você não parecia muito calma, para dizer a verdade.

— E se for isso mesmo? Ou será que tenho que adotar o seu jeito de ser?

— Antes de viajar para Londres, você disse que tinha desistido do encontro de restauração. Agora ficamos sabendo que pretende continuar com ele. E tudo isso para quê? Para ter um bem-estar psicológico antes de dar o fora? Salve-se quem puder, certo? Você consegue mesmo se sentir bem vendo como a *ama* está? Eu, não. Talvez pudesse, por alguns instantes, na presença do assassino arrependido. Mas depois voltaria para San Sebastián e veria que meu alívio não ajuda em nada os meus entes queridos, muito pelo contrário, e então voltaria a me sentir como antes ou até pior.

— Está me chamando de egoísta?

— Vamos deixar na conta da ingenuidade.

— Xabier, eu não sou mais a sua irmãzinha de oito anos. Já passou muito tempo desde a nossa infância. Não preciso de um mentor. Sei tomar minhas próprias decisões.

— Também acho. Por isso estou aqui conversando contigo, pois acredito que você seja uma pessoa capaz de tomar decisões, o que não a impede de errar. Erros que podem prejudicar os outros, como é o caso.

— Que exagero.

— Você tem uma versão pessoal do que aconteceu com o *aita*. Procura uma saída conveniente, de acordo com seus planos ou seja lá como chama isso. No final fica numa boa, começa uma vida nova em Casacristo de la Frontera, com palmeiras à beira-mar, e não pensa que talvez, ao agir dessa maneira, aumenta o sofrimento

dos que ficam aqui.

— Você e a *ama* estão bloqueados emocionalmente. Estão em um poço de tristeza, rancor e melancolia de onde não conseguem sair, e nem sei se querem sair. Eu cheguei ao fundo do poço. Agora chega. Alguma coisa tem que mudar dentro de mim. Por isso, depois de me informar bastante, pensei em encontrar um desses assassinos e lhe dizer: foram vocês que fizeram isso comigo, estas são as consequências, agora fica com elas, é de presente, e depois ir embora para longe com ou sem o seu perdão, para um lugar onde ninguém me reconheça nem fique sussurrando às minhas costas. E onde possa fazer alguma coisa pelos outros, sei lá, pelas mulheres agredidas, pelos órfãos. Portanto, zero egoísmo. Acho até que é mais egoísta ficar lambendo as feridas nesta cidade até o final dos meus dias. Para de olhar essa merda de taça de conhaque. Olha para mim. Sou uma mulher separada, sem filhos e com um pé na menopausa. Você está me magoando, me dá vontade de jogar esta camomila na sua cara.

Ele não se alterou. Não olhou para ela. Não tirou os olhos da taça nem quando disse à irmã:

— Tem uma coisa que você não sabe. Sinto muito por não ter contado antes. É outra das razões pelas quais deveríamos ter conversado antes. Acho que a *ama* está doente. Não sei bem a natureza do problema. Os resultados do último exame não prometem nada de bom. Enquanto você estava em Londres, consegui uma consulta com um dos melhores oncologistas aqui da região. Mas chegou o dia e a *ama* não foi ao consultório. Ela disse que esqueceu. Eu duvido. Tento não assustá-la. Disse a ela que é um exame de rotina. Claro que não é boba, e tem sintomas e sabe mais ou menos interpretá-los. Quero pedir que você por favor adie seus planos. Seria melhor, a meu ver, que desistisse deles, pelo menos enquanto nossa mãe ainda estiver viva. Seria generoso da sua parte não tomar atitudes que possam piorar o estado dela.

— Câncer?

— É o mais provável.

Xabier, duas taças de conhaque e o consumo da irmã, foi ao balcão e pediu a conta. Aproveitou para perguntar ao garçom o resultado do jogo. Zero a zero até a metade do primeiro tempo. Ao voltar para onde estava a irmã, não se sentou.

— Pensa nisso, e quando tiver uma resposta, por favor, me avise.

— Não há nada no que pensar. Amanhã vou ligar para a mediadora dizendo que desisti. O senhor doutor conseguiu mais uma vez o que queria. Mas juro que um dia, não sei quando, vou embora desta terra maldita.

Xabier se abaixou para lhe dar um beijo fraternal no rosto.

— Tempos difíceis.

— Eu que o diga.

E se despediram sucintamente, cordiais, sem alvoroço, sem sorrisos. Ele foi embora e não estava chovendo. Ela continuou na cadeira de canto, olhando através dos vidros, meio que hipnotizada, a cor cinzenta da rua.

29
Folha de duas cores

Só para justificar sua permanência prolongada no café, pediu uma água mineral. A tarde escurecia lá fora. Carros passavam com farol aceso. Pessoas no local? Poucas. E Nerea trocou de mesa. Agora estava sentada em um lugar mais próximo da porta de vidro, de onde dava para ver melhor o tráfego. Estava envolta em uma agradável sensação de isolamento. Sozinha, sonolenta, não sabia bem aonde ir.

Os carros não passavam de forma contínua, mas em intervalos impostos pelos sinais de trânsito no início da rua San Martín. Isso provocava em Nerea um leve prazer e tornava mais tolerável a sua tristeza, a sua tristeza com gosto de paella gordurosa.

E de repente, ronronante, passa um ônibus, mas não desses municipais. E ela estava dentro. Lá vamos nós, minha juventude e eu, rumo a Zaragoza para cursar o quarto ano de Direito por desejo/súplica/exigência do *aita*, que a todo custo queria proteger a filha tantos anos atrás.

Até Pamplona, em um ônibus da Roncalesa, de manhã bem cedo, foi uma choradeira. Minhas amigas, o jantar das quintas-feiras, as voltas de motocicleta, a discoteca. Ela perdeu/abandonou tudo isso naquele distante mês de outubro. E Zaragoza não lhe dizia nada. Uma cidade sem praia, sem baía, sem montanhas, que horror. Como se pode viver tão longe do mar? Mas o *aita* tinha insistido: não há outro jeito, acredita em mim. E, que quanto antes ela saísse de Euskadi, melhor. Para Barcelona, para Madrid, para onde quisesse. Que não se preocupasse com as despesas. O importante era ficar em segurança e terminar o curso com tranquilidade. E, como foi aceita na Universidade de Zaragoza, para Zaragoza ela foi, chorando até Pamplona, onde faria baldeação, com uma disposição melhor na segunda parte do trajeto. Como assim? Acontece que em Pamplona, no bar da rodoviária, tomou café com leite com um *pincho de tortilla* e, caramba, parece que, tendo satisfeito o estômago, a vida começou a lhe revelar um perfil mais sorridente. Um rapaz que viajava para Logroño, ou era outro lugar?, não lembra, se aproximou dela cortejante, adulador, cheio de expectativas. E ela, para se distrair, sem perder de vista o relógio da parede, lhe deu esperanças, um número falso de telefone e um beijo na boca. Acabou que a *tortilla* e o rapaz alegraram a sua manhã; dormiu até

Tudela e chegou a Zaragoza morrendo de fome, mas bem.

Só havia estado na cidade uma vez antes. Dois dias de um calorão infernal, de verdade; duas noites numa pensão que era um forno. Aproveitou para se matricular na faculdade e procurar um alojamento para estudantes. Em uma banca da praça San Francisco, comprou um exemplar do *El Heraldo de Aragón*, que jogou fora pouco depois em uma lixeira, exceto as páginas de classificados. Apartamento em Delicias, apartamento em Las Fuentes, apartamento aqui, apartamento acolá. Não sabia o nome de nenhum bairro. E o calor. Às duas da tarde, ninguém na rua. Nem um pássaro, nem uma mosca. Entrou em uma cabine telefônica. O aparelho queimava tanto que ela teve que segurá-lo com um lenço de papel. Discou um dos tantos números. Pediram um preço tão baixo que ela desconfiou a ponto de perguntar se o apartamento ficava mesmo em Zaragoza. Como assim? Na área urbana e não em um povoado da região. Sentiu uma reação de desconcerto do outro lado da linha. Na área urbana, claro. Então pensou: merda, onde eu me meti? Mas logo em seguida pegou um táxi para ir dar uma olhada no tal apartamento, pois queria voltar para casa o quanto antes, mas para isso tinha que resolver logo a questão do alojamento. Achou um bom sinal o taxista entender o endereço de primeira. Deduziu que era uma rua conhecida, que devia ter todas as coisas que não podem faltar em uma rua de cidade civilizada. Quais? Iluminação pública, calçadas, lojas. Por um momento, teve a tentação de perguntar ao taxista se ficava longe, mas mordeu a língua. Primeiro de vergonha, porque, lógico, qualquer um com mais de dois neurônios teria arranjado primeiro um mapa da cidade, e também porque, se o cara perceber que não conheço o terreno, vai dar uma volta que Deus me livre com a malícia de aumentar o lucro. Subiram até a rua Torrero. Passado o canal, já quase avistando o cemitério, o motorista disse é aqui, ela pagou a corrida e desceu. O apartamento? Bom. Limpo, totalmente o oposto de escuro, mobiliado com simplicidade. A vista, muito feia; mas, sabe o quê, não vim aqui para passar férias. A bem da verdade, Nerea já tinha aprovado o apartamento antes que tivessem lhe aberto a porta, enquanto subia as escadas do edifício. É que ela se lembrou do conselho dado pela mãe. Que o importante, filha, é ter um teto sobre a sua cabeça quando as aulas começarem; depois, com calma, você dá um jeito de se acomodar melhor. E também lhe disse para, ao entrar no prédio, reparar bem nas caixas de correio. Caramba, é porque estão sempre descuidadas na miséria, ao passo que as pessoas de bem procuram mantê-las limpas e em boas condições; e ela, como disse, só de olhar as caixas de correio, já tem uma ideia do tipo de gente que mora em um prédio. As caixas de correio causaram uma excelente impressão em Nerea, além da limpeza da escada e das paredes, e quando abriu a porta e apertou a mão da sua

futura colega de apartamento, já estava mais do que convencida de que havia encontrado uma residência em Zaragoza.

Durante os meses em que morou lá, quase não viu essa colega, uma garota de Huesca. Na verdade, nunca soube ao certo o que ela fazia na vida. Com certeza não era estudante. O pior do apartamento: a faculdade ficava muito longe, assim como os bares e *points* de diversão. Depois, vento norte e neblina, chegou o inverno e que frio, puta que me. Comprou um aquecedor elétrico. De pouco adiantou. Bastava se afastar alguns metros do foco de calor para voltar aquela sensação de facas gélidas atravessando seu corpo. Por isso, no início do ano seguinte se mudou para o apartamento da rua López Allué, mais aquecido e bem localizado, mas também mais caro. Dividia o espaço com duas garotas de Teruel. Uma, mais nova do que ela, também estudante de Direito; a outra, de Filologia. As três se deram bem logo de cara.

Zaragoza. Se o seu irmão soubesse, se a sua mãe soubesse. A não ser no começo, quando tiritava de frio no apartamento da rua Torrero e se sentia sozinha, envolta em uma membrana de nostalgia, lá ela esteve perto da felicidade. Na época não se dava conta. Só estava interessada em tirar o máximo de todas as possibilidades prazerosas da sua juventude. Fez amizades logo. Não encontrou em nenhum outro lugar gente tão aberta, de espírito tão sadio e caráter tão pacífico. E ela, sem se descuidar dos estudos (não foi reprovada em uma prova sequer), conheceu a noite, o amor físico, o álcool, um pouco menos o pó e a maconha. E aprendeu a prescindir do mar e da motocicleta, e esqueceu coisas preocupantes e dramáticas que talvez não devesse ter esquecido. Bem, não é que tenha esquecido. Elas lhe chegavam atenuadas pela distância ou nem chegavam, em parte porque sua família, principalmente o *aita*, sempre tão protetor, não queria que chegassem por nada no mundo.

Naquele domingo cinzento no café do hotel Europa, enquanto via os carros passando e lembrava, diante do seu copo e da garrafinha de água mineral, rostos e lugares de Zaragoza, episódios, festas e tantas peripécias próprias da vida estudantil, voltou a ter a mesma sensação aguda de muitas outras vezes, e todas as boas lembranças de repente se apresentaram como as folhas de certas árvores. De quais? Não importa. Esse tipo de folha que tem um lado de uma cor e o outro de outra, este de um verde brilhante, agradável, aquele de um verde mais pálido, que era o verde da culpa e do remorso. Olhava as próprias mãos e se arrependia de ter sido jovem; e, pior, de ter sido feliz.

Por telefone, sua mãe reclamava porque não ia visitá-los. Os dois se sentiam abandonados, agora que muita gente da vila tinha parado de falar com eles. E um

minuto depois vinha seu pai ao aparelho e, baixinho, dizia não venha, minha filha, nem pense nisso, nós vamos aí te visitar, e se precisar de algo é só falar. Caramba, como gostava dela. Meu *aita*, meu velho. E ela, em Zaragoza, achava que ele a mandara estudar fora para mantê-la distante da perseguição que vinha sofrendo. Porque Nerea sabia das ameaças e das pichações, e também que ele tinha começado os preparativos e a papelada para transferir a empresa para uma região mais tranquila. Ignorava, porém, o que sua mãe lhe contou quando já tinham enterrado o *aita*. Em uma carta de extorsão, mencionavam uma série de detalhes relacionados a Nerea. Todos corretos: o lugar onde ela estudava na época, seus jantares com a patota às quintas-feiras na Parte Velha de San Sebastián. Aliás, sabiam até a cor da sua motocicleta e onde costumava estacioná-la.

30
Esvaziar a memória

Já tinha bebido a água. Decidiu, às 19h15, pagar a conta e ir embora, mas... Mas o quê? Uma voz interior lhe disse: Nerea, não seja idiota, não faça a besteira de se trancar na solidão da sua casa com a cabeça cheia de recordações; despeja a memória aqui e agora, até ficar vazia; assim as lembranças não vão te aporrinhar mais tarde. Pensa: a noite é longa e novembro é úmido, escuro, um mês desgraçado.

Nesse momento sentiu o peso de tristeza, que a impediu de se levantar da cadeira. Mostrou a garrafinha de água mineral para o garçom, sinalizando que queria outra, mesmo sem ter sede. É que lhe dava vergonha ficar ali sentada sem consumir nada.

Ela, sua mãe e seu irmão, os três tinham se transformado em satélites de um homem assassinado. Quisessem ou não, suas respectivas vidas giravam havia muitos anos em torno daquele crime, daquele foco incessante de, de quê?, caramba, de tristeza, de dor, e isso tem que acabar, mas não sei como. E pegam e jogam fora a única ideia que eu tinha.

O garçom trouxe a garrafa de água e um copo com gelo e uma rodela de limão. E Nerea, cansada de observar o tráfego, encolhida de tédio e de nostalgia, nem se lembrou de agradecer. Ela, com seus botões, como se estivesse na sala de uma prisão diante de um etarra arrependido: minha família não sabe onde nem quando fiquei sabendo. Sempre acharam que tinha sido suas colegas de apartamento que lhe deram a notícia, avisadas pelo filho do dono do bar. Mas que importância tem. Contou à sua mãe que estava com umas amigas e tinha chegado tarde ao apartamento, já altas horas, sem saber o que havia acontecido.

Mentira. Por volta das cinco da tarde, ao sair da biblioteca, ouviu: houve um atentado. Alguém, às suas costas, perguntou: onde. Mas Nerea, que estava com pressa de voltar para o apartamento, deixar lá as coisas e se arrumar para uma festa na Faculdade de Veterinária, não prestou atenção no diálogo. Afinal, era mais um atentado. Aquilo simplesmente não despertou sua curiosidade. Amanhã na certa vai sair no jornal. E no apartamento, luzes apagadas, não havia ninguém. Tomou banho sem molhar o cabelo, pois lá fora estava frio e chovendo. E nisso chegou uma de suas colegas. Oi, oi. Nenhuma palavra sobre atentados. Pelo visto, Xabier ainda não

havia telefonado para o dono do bar, ou talvez este tivesse tocado a campainha quando nenhuma das três inquilinas estava em casa. Antes das seis, Nerea já estava pronta. Aliás, nunca levava muito tempo para se arrumar. Nessa época, não era tão afeita à maquiagem como agora. Deu umas borrifadas de perfume, e isso foi tudo. Um colega, como se chamava?, José Carlos, veio buscá-la e saíram.

Formavam um grupo de dez ou doze estudantes, garotos e garotas, alguns desconhecidos para Nerea. Nesse dia, tinham se encontrado em um bar da rua Maestro Tomás Bretón com a ideia de fazer um esquenta e na hora oportuna, que ela não sabia exatamente qual era, dividir-se em vários carros, porque, como lhe disseram, *mañana*, a Faculdade de Veterinária fica onde Judas perdeu as botas. Ela não fazia ideia. Perguntou se o lugar era longe demais para ir andando e houve risadas. Ela ficou séria. Mais que isso, tensa. Pensando que ela tinha se zangado, um dos rapazes lhe pediu desculpas. E uma garota: o que foi que te deu? A esta, sim, ela respondeu, mas com evasivas: não, nada, é que. Outra lhe perguntou se estava passando mal, no que ela voltou a responder que não. O que ia dizer?

Tinha visto por acaso no alto da parede, na tela de uma televisão colocada em uma prateleira, a foto do seu pai. E soube. Suspeitou? Não, soube com segurança total desde o primeiro instante. Logo depois, um letreiro na parte de baixo da imagem confirmou sua certeza: EMPRESÁRIO ASSASSINADO EM GUIPÚZCOA. Nerea, cercada de risos, de conversas banais e felizes, disfarçou. Seu coração batia com tal violência que lhe provocava uma dor intensa no peito. Assim que pararam de falar com ela, voltou a atenção para a televisão. Não conseguia escutar as pessoas que viu na tela por causa do barulho do bar. Pessoas falando em microfones. Um homem de jaleco branco, o *lehendakari* Ardanza com cara séria. E, por fim, viu uma rua e uma fachada que não teve dificuldade em reconhecer.

Não conseguiu conter a urina nessa hora. Ainda bem que estava com um jeans preto. E continuou aparentando naturalidade. Sussurra tudo isso para o terrorista imaginário que está sentado à sua frente nesse improvisado e ilusório encontro de restauração no café Europa. Ainda fiquei uns cinco minutos sentada à mesa. Chegou a esboçar um sorriso como resposta a uma brincadeira de um rapaz e bebeu sua cerveja com tranquilidade fingida. Ao longo dos anos, todos esses pormenores têm o efeito de brasas dentro do seu corpo. Nunca teve ninguém a quem contar essas coisas. À sua família? Impossível. Não entenderiam, apesar de terem padecido o mesmo infortúnio. A Quique? Ele sempre estava ocupado demais com seus negócios para mostrar algum interesse por histórias minhas de quando nós ainda nem nos conhecíamos.

Fez um sinal às escondidas para aquele rapaz, o José Carlos, que não era seu

namorado; mas, enfim, não tinha a mesma liberdade com nenhum dos outros que estavam no bar. E o rapaz entendeu que Nerea queria falar a sós com ele ou sei lá o que entendeu, se é que entendeu alguma coisa. O caso é que a seguiu até a rua e depois continuou, até quase a esquina. Já havia escurecido. Ela, com as coxas todas mijadas, esperou até estar a certa distância do bar para se virar. Então abraçou o amigo e desmoronou. Meu Deus, cada soluço. Ele, estupefato. O que foi, o que aconteceu? Eles te ofenderam? Ela: meu *aita*. Era a única coisa que conseguia articular: meu *aita*. E o rapaz, atônito: o que você está falando, o que houve? Até que por fim Nerea conseguiu respirar fundo e se expressar. Pediu ao amigo que a acompanhasse, por favor, até o apartamento.

Também pediu que não a deixasse sozinha, que ficasse com ela a noite toda. Certo, como você quiser, o que você quiser. Subiram até o apartamento. E Nerea, antes de mais nada, foi se lavar no banheiro. Em seguida, uma de suas colegas veio dizer que tinham avisado do bar de baixo que era para ela telefonar urgente para casa. Nerea: sim, é que o ETA matou meu pai. A garota, que não sabia de nada até aquele momento, pôs as mãos na cabeça e começou a chorar. E a outra, assustada, o que houve, o que aconteceu, também foi para o corredor. Fez uma pergunta ingênua: teu pai é guarda civil? E também começou a chorar. Nerea pediu/mandou que José Carlos fosse para o quarto com ela. Mas você não vai ligar? Ela: que viesse, que não saísse de perto dela. E os dois se deitaram e ele, mataram o seu pai, porra, mataram, e teve dificuldade para fazer amor. Esbravejou, xingou e dormiu. E Nerea, na cama, no escuro, fumou um cigarro atrás do outro até acabar com seu maço e o do amigo. Teria fumado todo o tabaco do universo.

Por fim amanheceu. As frestas da persiana foram iluminadas pela claridade do novo dia. Nerea teve uma sensação reconfortante, meio como se tivesse encontrado refúgio em uma data diferente da do dia anterior, cujo esquecimento sabia ser impossível. Foi como quando, depois de um terremoto, um incêndio, um fenômeno devastador, no meio das ruínas, você constata que sobreviveu. Coisa minha. Que horas seriam: sete, oito da manhã? O quarto saturado de fumaça, e, sem a menor consideração, ela sacudiu José Carlos, que dormia ao seu lado como um abençoado. Disse a ele que já podia ir. E o rapaz, pernas magras, peludas, se vestiu às pressas e foi embora, tão ansioso de obedecer que se esqueceu de me dizer algumas palavras bonitas e me dar um beijo de despedida.

E depois, sozinha, aconteceu uma coisa muito estranha: tudo estava normal. Como toda manhã, os sons do tráfego se apoderaram do ar, chovia como sempre, nas calçadas pedestres transitavam com guarda-chuvas. O que mais? As pessoas se dirigiam a seus compromissos como se não tivesse ocorrido um atentado na

véspera. Debruçada na janela, nua, Nerea se convenceu de que havia uma conspiração contra ela no mundo. E detestou a manhã e a chuva e a casa em frente e uma senhora que passou com um cachorrinho. Todas as coisas pareciam lhe dizer: pois é, mataram o seu pai, e daí? Os besouros e as galinhas também morrem. Esse pensamento lhe fez muito mal. De repente sentiu como se tivesse acordado de um pesadelo e agora entrasse em outro pior. E tirou da bolsa um espelhinho para olhar pela primeira vez seus olhos, seu nariz, sua testa de vítima do terrorismo. O frio matinal que vinha pela janela aberta começou a entrar em seu corpo, e ela entendeu de repente que o acontecimento da tarde anterior era verdade e que isso nem era o pior, que o pior ainda estava por vir, e ela não poderia adiar por muito tempo. Sentiu então um calafrio violento ao pensar que tinha que ligar para a mãe.

Ninguém sabe, ninguém vai saber. Sem tomar café, sem tomar banho, foi a um telefone público na avenida Goya. Deviam ser umas oito e meia da manhã. Bem, só ligou depois das dez. Ia e vinha pela calçada em frente, andava a esmo pela rua Fernando el Católico e pela Gran Vía e voltava, e, toda vez que chegava perto do telefone, mantinha distância e continuava se ensopando na chuva e tremendo de medo de dizer à mãe que, apesar de não ter provas nem trabalhos urgentes, não queria ir para a vila. Como assim? É que não quero ver o cadáver nem o caixão nem o túmulo, tudo isso é terrível para mim, e também não quero que me relacionem ao assassinato, que venham entrevistá-la e tirar fotos, e toda Zaragoza fique sabendo quem eu sou. Não parava de ensaiar a possível conversa telefônica com a mãe. Digo isto, digo aquilo. E numa banca da Gran Vía viu o rosto do pai na primeira página de um jornal e quase o comprou, mas não teve coragem. Mas por quê? Sentiu muita vergonha.

Foi para a vila sete dias depois, quando o pai já estava enterrado e já não era mais a última vítima fatal do ETA. A *ama* nunca me perdoou. Eu sei. Não é preciso que me diga. Nerea vem notando isso ao longo de todos esses anos, em uma infinidade de gestos, no tom de certas palavras, em recriminações por questões de pouca importância. Era tudo isso o que Nerea gostaria de contar na penitenciária para um terrorista arrependido e assim tirar de dentro de si para sempre, como quem vomita brasas que, mesmo velhas, ainda continuam acesas. E não pode, porque o senhor doutor diz que não e ela não quer problemas com a família; deixemos a festa rolar em paz.

— A conta, por favor?

31
Diálogo na escuridão

Na cozinha, ao entardecer, veio a bronca. Não teve tempo nem de tirar o sapato. Como assim o ETA está mandando cartas e você não lhe conta nada.

— Eu pensava que num casamento a gente conta tudo um para o outro, ou pelo menos as coisas importantes.

Sentado na cadeira, Txato desamarrava, impassível, o cadarço dos sapatos sem levantar o olhar em direção a Bittori, que, de pé à sua frente, o rosto vermelho de raiva, não fechava a matraca. E era isso e isso e mais aquilo, sem parar um minuto. E ele, depois de uma longa jornada de trabalho, deu um suspiro para o chão como que dizendo: vejamos quanto tempo vai durar essa avalanche.

— Como você descobriu?

— Conversando com Miren.

— Eu preferi resolver sozinho para não preocupar vocês.

E Bittori recomeçou a descompostura. Depois de um tempo, ele a interrompeu. O que tinha para a janta.

— Sapo ao molho pardo. Por que quer saber?

— Porque não estou com a menor fome.

Falaram pouco durante o jantar, cada qual mergulhado nas próprias reflexões. Txato se limitou a dizer três coisas: que ela, com suas recriminações e suas queixas, não estava facilitando as coisas; que esse tipo de assunto é tratado em segredo; e que tinham que queimar a língua do bobão do Joxian, que espalhou o caso contando para a mulher e sabe-se lá para quem mais.

Da cozinha foi direto para a cama. O berço, como ele dizia. E Bittori ficou lavando a louça do jantar. Não adiantava Nerea falar de vez em quando que o poder aquisitivo da família permitia a compra de um lava-louça. E Bittori falava que não, que um trambolho desses é uma despesa inútil para quem tem duas mãos, que consome muita água e muita energia, e que, quando você se casar, faça em sua casa como achar melhor, mas me deixe tranquila na minha.

Txato não costumava intervir nessas questões domésticas. Para ele tanto fazia ter lava-louça ou não. Madrugador, sempre foi para a cama cedo. Nos dias úteis às seis da manhã, às vezes antes, já estava dando duro no escritório. E nos fins de semana,

como participava das etapas dominicais de cicloturismo, também acordava antes da alvorada. Pode ser que alguma vez, concentrado em uma partida de mus disputada, tenha se esquecido de olhar o relógio; mas, tirando as exceções, às dez da noite o dia já tinha acabado para ele.

A única coisa que o fazia ficar acordado a essa hora eram as transmissões de futebol na televisão basca. Via os jogos até que chegava a hora de parar, pois Bittori mandava no aparelho e gostava de assistir aos seus programas sozinha.

Então, depois da janta, Txato foi se deitar como sempre: no lado de Bittori. Desde os primeiros dias de casados que esquentava a cama para ela. No verão também. Um hábito que não nasceu de qualquer acordo entre os dois e que ele não abandonava nem nos dias em que o casal brigava. Depois vinha Bittori, onze horas, meia-noite, e ele, sem acordar, rolava para o seu lado.

E chegou Bittori, que quase sempre folheava alguma revista sentimental na cama antes de dormir; mas dessa vez apagou logo o abajur da mesinha. Ficou sentada na escuridão, de braços cruzados, com as costas apoiadas na cabeceira. E ele, que era roncador, respirava em silêncio, o que fez Bittori deduzir que não estava dormindo.

— O que está esperando para me contar tudo?

Txato não respondeu; mas ela sabia/intuía que estava acordado e se absteve de repetir a pergunta. Depois de vários segundos, ele estalou a língua em sinal de desagrado e, com um ostensivo desinteresse, pôs Bittori a par dos principais pormenores do assédio que estava sofrendo, sem poupar números, sem esconder a viagem à França. Mas não disse uma palavra sequer sobre a menção a Nerea na última carta.

— O que você vai fazer?

— Vou esperar.

— Esperar o quê?

Bittori o ouviu se virar para ela na escuridão.

— Este ano já paguei, e eles não vão tirar mais nada de mim. Esses sacanas estão me pedindo um absurdo, logo agora que me comprometi com empréstimos e compras, e tenho vários clientes com o pagamento atrasado. Não se esqueça de que ainda estamos devendo uma parte do apartamento de San Sebastián. Quem sabe foi um engano. Algum imbecil que faz a contabilidade não registrou meu pagamento ou anotou onde não devia. Quem me garante que o sujeito a quem entreguei o envelope não ficou com o dinheiro para pagar seus caprichos? Ou talvez Joxian tenha razão, e esse segundo pedido era para outra pessoa. Por isso acho que, por enquanto, é melhor não fazer nada e esperar que o tempo esclareça as coisas. Se eu estiver errado, eles logo vão reclamar.

— Na verdade, estou com um pouco de medo.

— O medo não serve para nada.

— Essa gente é má e tem muitos amigos aqui na vila.

— O pessoal da vila me conhece. Eu sou daqui, falo basco, não me meto em rolos de política, dou emprego a muita gente. Sempre que fazem alguma arrecadação de fundos para festas, para o time de futebol ou para o que for, Txato colabora como todo mundo. Se alguém de fora vier me agredir, com certeza não conseguirá. Cuidado, que esse aí é dos nossos. Além do mais, comigo pode se falar, não é?

— Você parece muito confiante.

— Eu não durmo no ponto. Já tomei as minhas precauções. Na empresa, estou seguro. Sei como me defender.

— Ah, é? Como é isso? Tem uma pistola guardada na gaveta?

— O que eu tenho na gaveta é assunto meu, mas te digo que lá estou seguro. A coisa ficou complicada? Então levo os caminhões para outro lugar. Para La Rioja ou por aí. Eu comecei com menos do que isso quando era jovem, e veja se me saí bem ou não.

— Mesmo você sendo aqui da vila, não me surpreenderia que um dos seus funcionários tenha passado informações suas para o ETA.

— Pode ser.

— Você falou com outros empresários da região?

— Para quê? Com certeza todos pagam. Fiz uma insinuação ao mais velho dos irmãos Arrizabalaga. Ele saiu pela tangente. Essas coisas, como eu já disse, cada um resolve por sua conta.

Bittori escorregou por baixo do lençol e do cobertor até se acomodar em seu lugar. Ouviam-se, amortecidos, os sons da vizinhança, uma ou outra voz na rua, o caminhão do lixo. E o casal ficou costas contra costas, traseiro contra traseiro, e então Txato, com o rosto voltado para a parede do seu lado, soltou, tinha que soltar, estava pesando demais na sua língua:

— Quero que Nerea vá estudar fora. Em qualquer lugar, mas fora, depois do verão.

— Mas que história é essa agora?

— É só que eu quero que minha filha estude fora.

— Já falou com ela?

— Não. Quando você a vir, pode ir preparando o terreno.

Ficaram calados. Por baixo da varanda passou um grupo de farristas. Depois se fez silêncio, que foi rompido por instantes pelo sino da igreja para dar as horas.

Txato, contrariando seu costume, não roncou durante toda a noite.

32
Papéis e objetos

Enquanto o cobriam com a laje, Bittori, com os olhos secos, porque de hoje em diante não choro mais nem que esfreguem cebola neles, pensou que a próxima vez que entrar luz neste buraco será quando me enterrarem. Estava convicta de que aquele homem tinha levado um monte de segredos para o túmulo.

Muitas vezes lhe jogava isso na cara, seu bandido, principalmente durante as primeiras visitas ao cemitério.

— Você me deixou totalmente por fora. Acho que não me contou nem a metade do que estava acontecendo e do que te faziam. Txatito, no dia em que me colocarem aí ao teu lado, você vai ter muuuito o que me explicar.

Antes de voltar para casa, ela o perdoava. Sempre. Como não perdoar? Coitado do Txato, tão bom, tão protetor. E tão teimoso, acrescentava, mudando a voz para enfatizar que não era a única pessoa a ter tal opinião.

— Foram a sua teimosia e o ETA e que te mataram.

Liquidado o empresário, acabou-se a empresa. Quatorze demissões. Quantas vezes Bittori e Nerea ouviram Xabier repetir que é assim que os terroristas defendem os interesses da classe trabalhadora. Fechou o negócio, que remédio, não sem antes perguntar à mãe se queria assumi-lo. Eu? Fez a mesma pergunta a Nerea quando esta finalmente se dignou a aparecer na vila. Eu? Pois ele também não. Então, com a ajuda de uma consultora financeira, venderam o que deu para vender e se desfizeram do restante como sucata.

Xabier pendurou um letreiro na grade: "Fechado por motivo de falecimento." Sua mãe saiu da apatia por uns instantes para sussurrar que escrevesse: Fechado por motivo de assassinato. Ele não escreveu. E os funcionários da empresa? Nenhum deles assistiu ao velório. Dois foram ao enterro em San Sebastián.

Dias depois, um deles veio falar em nome de todos com o filho do patrão, perguntando quando voltariam ao trabalho. Nem nessa ocasião o funcionário se lembrou de dar pêsames. Xabier olhou para ele com uma mistura de pena e repugnância. Essa gente acha que o dono é assassinado e nada muda? Foi lhe dando trela com um brio professoral e linguagem elevada. E como o funcionário, surdo às explicações, insistia em saber quando voltariam a trabalhar, Xabier lhe explicou,

com a sua já minguada paciência, que ele era um simples médico e não tinha competência para tocar uma empresa de transportes.

Estava tendo tantos problemas com papelada de escritório, negociações com bancos, cancelamento de pedidos (alguns vindos do estrangeiro), venda dos bens, desativação da empresa e mil e uma questões burocráticas que, por fim, seguindo o conselho de um colega do hospital, acabou delegando isso tudo a especialistas.

Esse mesmo colega lhe fez uma pergunta/sugestão. Ele a transferiu para a mãe: uma possível solução com o intuito de preservar os postos de trabalho. Qual? Passar o negócio para os funcionários em condições financeiras vantajosas para eles.

— Nem pensar.

De repente, Bittori esqueceu o luto. Como podia dizer uma barbaridade dessas? Tinham feito um monte de greves, algumas vezes quebrando janelas, com piquete na entrada e ameaças ao *aita*. Havia entre eles um líder, muito agressivo, um tal de Andoni, sempre com o adesivo do sindicato LAB no casaco, que dava as cartas e, sozinho, tinha custado incontáveis horas de sono de Txato. E Txato o demitiu da empresa, mas ele voltou horas depois com dois valentões do sindicato e forçou sua recontratação. E o que dizer dos outros funcionários? Alguns, sim, boa gente, mas tiveram algum gesto de solidariedade, de compaixão, depois do assassinato? Bem que podiam ter mandado pelo menos um cartãozinho de condolências. Mas nem isso. Só dois deles apareceram no cemitério de Polloe, sem nos dizer nem uma palavra.

Portanto:

— Prefiro jogar tudo no lixo.

Xabier pôs no carro diversas caixas com notas, faturas, recibos e todo tipo de documentos, alguns perfeitamente organizados em fichários, outros soltos. Vai que. Vai que o quê? Isso mesmo, que aproveitando que não havia nem proprietário nem qualquer atividade no local, alguém entrasse para roubar e quebrar. Devedores querendo eliminar as provas da dívida. Adeptos da causa cujo ódio não se acalmara com o assassinato.

— Assim vamos ficar paranoicos — disse Nerea.

— Pode ser.

Todas aquelas pilhas de papéis só despertavam indiferença em Bittori. Que lhe dissessem onde tinha que assinar e pronto. Não queria saber nada da empresa. A empresa, dizia, era uma parte de Txato, como as orelhas de abano e o gosto por ciclismo. Xabier observou a mãe com atenção, para ver se estava brincando, mas não. E ela vaticinou sombriamente que, se assumissem o negócio, os filhos teriam a mesma sorte que o pai.

Em contrapartida, demonstrou muito interesse em conservar os objetos pessoais que o falecido mantinha no escritório. Certa tarde, Xabier os levou para o apartamento de San Sebastián em várias caixas de papelão. Tempos depois, ela e Xabier os deram a Nerea, que ainda os guarda em sua casa.

Nesse dia, Bittori lhe disse que já podia ir embora porque queria ficar sozinha enquanto examinava os pertences de Txato.

— Quero fazer um pequeno comentário sobre o conteúdo.

— Não.

— Você sabia que o *aita*...?

— Já te disse que não.

E foi não. Depois o acompanhou até a porta. Beijo e *agur*. Sozinha na casa, Bittori, passa fora, expulsou Ikatza do sofá, sentou-se e abriu as caixas. Txato nunca tinha lhe contado que guardava uma pistola no escritório. Surpresa? Nenhuma. Eu sempre imaginei. Ele não vivia dizendo que lá se sentia seguro? Pegou a arma preta. Está carregada? Nossa, como pesa. O metal frio, os dedos longe do gatilho pela dúvida. Mas a tentação era forte e apontou para o lustre do teto. O que o atirador sente quando a vítima cai, quando começa a jorrar sangue dos orifícios que as balas fazem no corpo?

Tirou umas seis caixas pequenas, vinte unidades de cartuchos calibre 9 x 19 mm, todas lacradas, menos uma. Txatito, meu gângster, meu pistoleiro, em quem você ia atirar se era um santo? Aliás, por que não estava armado no dia em que? Sei lá, imagino que talvez pudesse ter se defendido.

Pôs no chão os objetos mortíferos e pegou as fotos emolduradas que o marido tinha colocado em uma estante do escritório: uma com ela, os dois jovens, sorridentes, diante da torre de Pisa; uma de cada filho, Xabier com doze ou treze anos, Nerea, muito bonita, com o vestido da primeira comunhão; em outra estavam os quatro juntos, uma pintura na porta da igreja de Azpeitia, durante o casamento de um parente, e havia mais duas de Txato, cada uma com um dos filhos.

Tirou outras coisas que interessaram menos a Bittori. Esferográficas, uma caneta-tinteiro, troféus do clube de cicloturismo e de diversos campeonatos de mus, uma vela em forma de cacto que ganhou certa vez de Nerea, sua princesa, sua favorita, a que não veio para o enterro. Enfim, bobagens sentimentais, enfeites, lembranças. E as cartas de extorsão? Isso não. Na certa Txato as destruiu. Ou talvez Xabier as tenha enfiado entre os outros papéis.

33
Pichações

O escritório ficava em um mezanino. Era uma simples plataforma apoiada em pilares de aço, com uma divisória de vidro que permitia ao patrão abarcar com o olhar o interior do galpão e uma janela que dava para o terreno. Txato havia disposto daquele jeito para poder controlar o pátio, como dizia. Era muito controlador o Txato. Queria fazer tudo na empresa: cuidar da administração, fechar os contratos, fiscalizar as cargas e descargas, lubrificar os motores, calibrar os pneus, lavar os caminhões e dirigi-los. Vigiava as partidas e as chegadas, atento a um cliente que aparecesse ou a uma visita inesperada. Bastava ouvir o som de um motor para que se debruçasse na janela.

O imóvel era rodeado por um muro de cimento de uns dois metros de altura, que servia de base para uma tela de arame ainda mais alta. De noite, uma grade corrediça fechava a entrada. Ela costumava ficar aberta durante o expediente. Quando Nerea era criança, os garotos da vila lhe perguntavam se o *aita* dela tinha construído uma prisão. Para entrar na brincadeira, ela respondia que sim e que os funcionários eram os presos.

Certo dia, logo na primeira hora da manhã, Txato estava olhando pela janela o acoplamento de um caminhão e um reboque. Não confiava. Nunca confiava. Nem nos seus motoristas mais experientes. Terminada a manobra, o caminhão começou a avançar. Então ficou visível uma parte do muro até então oculta. E Txato leu do seu escritório as letras grandes e tortas, traçadas com spray: CHATO OPRESSOR.

Foi a primeira pichação que fizeram. Sua convicção inicial: coisa de arruaceiros. E mais que a acusação, que o irritou, e mais que a maldade feia e suja, que o irritou ainda mais, e mais que a espanholização ortográfica do seu apelido, que o tirou do sério, o que mais o indignou/inquietou foi os garranchos estarem na parte de dentro do muro. O que significava que um intruso tinha entrado, de noite?, no galpão. Bittori, que estava enxugando as mãos no avental, não descartou que fosse obra de um funcionário. Txato desceu do escritório pela escada metálica, estreita, íngreme, que qualquer dia desses, segundo Bittori, vai te matar, e estava mais preocupado em esconder seu aborrecimento do que em olhar onde pisava. Chegou à área da oficina de manutenção. Pediu uma pistola de pintar. Podia ter dito a um

funcionário que por favor cobrisse de tinta aquela bobagem. Mas Txato era um homem de ímpetos, de vamos lá, de decisões rápidas, e também de assumir o maior número possível de tarefas, fossem elas manuais ou burocráticas. Por isso foi até o muro e num minuto riscou a ofensa.

Em casa, durante o almoço, contou a Bittori. Repassaram os nomes dos funcionários (ela dizia operários) em busca do possível autor da pichação. Algum ressentido, alguém que achasse que foi tratado injustamente pelo patrão. Mas como sempre: sem testemunhas nem provas, não há nada a fazer. Nenhum dos dois cogitou em vincular a pichação às cartas de extorsão. Passaram as semanas, esqueceram o incidente e continuaram com seus hábitos diários.

Até um sábado, em meados de março, a partir do qual nada voltou a ser como antes na vida de Txato e sua família. Que horas eram? Umas onze da noite, mais ou menos. Joxian e ele vinham pela rua discutindo sobre alguma coisa, pois eram tão briguentos quanto bons amigos. Faziam dupla no mus e eram muito bons; mas às vezes, lógico, as cartas favorecem os adversários. Então, no caminho de volta para casa, não era raro que viessem pela rua jogando a culpa pela derrota um no outro.

Tinham jantado na sociedade gastronômica. Cada qual sua comida, o que a mulher mandara de casa. E, como tinham que madrugar, jogaram cartas antes de jantar e não depois, como das outras vezes. No dia seguinte enfrentariam uma etapa de cicloturismo bem longa, que terminaria em um bar do centro de Zumaya.

Enfim, estavam voltando para casa nem sóbrios nem bêbados, imersos em uma de suas disputas habituais, palavrão para cá, palavrão para lá, com total liberdade de vocabulário porque a amizade dos dois não corria risco. Fato é que, com o calor da conversa e a luz macilenta dos postes, não repararam em umas pichações recentes, junto a outras mais antigas e aos cartazes e anúncios de diversos tipos que cobriam em grande número a parte de baixo das fachadas. Primeiro não viram uma, ainda fresca, junto ao portão de Txato. Os dois amigos tinham parado para concluir a discussão. Já estavam se despedindo, um deles já tinha dito ao outro: tomara que não chova amanhã, e o outro: certo, pateta, então sete e meia na praça, quando o nome de seu amigo escrito na parede chamou a atenção de Joxian.

— Agora essa.

— O quê?

TXATO TXIBATO. Meu Deus do céu. E Joxian: que apagasse a pichação antes de ir dormir, que com essas coisas não se brinca. Quando se despediram, Txato, resmungando, a puta que os pariu, em vez de subir para casa foi à garagem, onde guardava umas latas velhas de tinta. Dedo-duro, eu? Tudo por causa da porra da rima. Eu nunca na vida falei com um policial. Outro problema: não tinha brocha.

Ou talvez sim, mas, com o nervosismo e a raiva, não estava encontrando. Então usou um pincel e jornais velhos. E a tinta? Cheia de grumos, mas não completamente seca. Conseguiu tornar mais ou menos ilegíveis as duas palavras. Sujou a calça, mas não se importou. Bittori vai reclamar. Que reclame. Dedo-duro. Em uma vila como aquela, a pior calúnia. E era a mesma que a de poucas semanas antes no muro da empresa.

Decidiu comprar tinta nova no dia seguinte, na volta da excursão de bicicleta. Disse isso a Bittori na cama. E ela:

— Quer dizer então que você acha que podem fazer mais pichações.

— Estou começando a achar que não é uma simples sacanagem de alguém. Temos que estar preparados.

— Nesse caso, de que adianta ficar apagando? Você sempre vai perder. E, vem cá, reparou se não havia mais pichações na rua?

— Eu vim com Joxian e não vimos nenhuma outra.

— Tem certeza?

— Certeza, certeza, não tenho. Mas agora já é tarde e estou de pijama.

Dedo-duro, opressor, traidor. Tinham escrito de tudo, em basco e em castelhano, em sua rua, nas ruas próximas, na praça. Como uma campanha de perseguição deve ser. Pelo menos vinte pichações no centro antigo. Um vândalo sozinho não faz tantas ao mesmo tempo. E sabe-se lá quantas mais pode haver nas casas das adjacências. Disso participaram o cálculo e muitas mãos. Saiu de casa bem cedo com seu traje de ciclista e a bicicleta, e não pôde acreditar nos próprios olhos. Txato isso, Txato aquilo. *Herriak ez du barkatuko*. Nesse nível. E, quando chegou à praça e se incorporou ao grupo de cicloturistas, notou, o quê?, notou alguma coisa, certa aspereza nos cumprimentos. E olhares que evitavam os seus. E sentiu falta das gozações das outras vezes, mas também ele poderia estar mais suscetível e fosse vítima das próprias fantasias e receios.

Começaram a pedalar. Quatorze ou quinze, os de sempre. Outros membros do clube já deviam ter saído ou sairiam mais tarde. E o único que pedalava perto dele era Joxian, que também se mostrava mais calado do que de costume. Antes de deixar para trás a última casa da vila, um grito de garoto o xingou por uma janela:

— Txato, filho da putaaa!

Nenhum dos seus companheiros fez qualquer menção de defendê-lo. Nenhum articulou um comentário, uma reprovação, uma réplica à ofensa. O grupo foi se desagregando. Costumava ser assim. Alguns pedalavam mais depressa do que outros. E Txato ficou sozinho com Joxian, que o tempo todo ia dois ou três metros atrás dele sem dizer uma palavra. Subindo o porto de Orio, se distanciou ainda

mais, embora fosse melhor em subidas do que Txato.

Por fim, avistaram o Zumaya. Já conheciam esse bar de outros anos. Lá carimbariam o cartão onde constavam, em diferentes quadradinhos, as etapas da temporada. E depois, a recompensa pelo esforço: ovo frito com presunto. Da rua se ouviam vozes e risadas. Txato entrou. Fez-se um silêncio repentino no bar. E isso já era demais para ele. Isso ele não podia aguentar. Não quis nem carimbar o cartão. Sem se despedir de ninguém, nem de Joxian, montou na bicicleta e empreendeu sozinho o caminho de volta para a vila.

34
Páginas mentais

A cabeleira de Joxe Mari batia nos ombros quando ele foi preso. O que houve com aqueles cachos, com o roçar do cabelo na testa e também aqui, no começo das costas? Melhor nem pensar. Quando se olha no espelho, ele diz: esse aí não sou eu.

E passou um ano, passaram dois, quatro, seis, cada um deles com seus dias de Natal, com suas festas da vila celebradas sem ele. Na verdade, tudo acontece sem ele. Não vê a água do rio correr, não ouve os sinos da igreja, e agora mesmo pagaria milhões (que não tem) para comer uns figos da horta do seu pai. Para não se desanimar, prefere não contar os anos de cadeia que ainda tem pela frente; mas lá no fundo das suas vagas esperanças não descarta a possibilidade de que quem sabe a organização, quem sabe o governo do Estado, quem sabe a pressão internacional etc. Certas noites, no escuro, tenta recriar na boca o sabor do vinho chacolí. Ou da sidra, tanto faz. E às vezes até parece, puta merda, que quase conseguiu.

No sexto ano surgiram entradas em seu cabelo. E, tudo bem, isso é o de menos. Certa vez encostou o cocuruto em uma barra da cama e, porra, sentiu um frio no couro cabeludo que nunca tinha sentido antes. Agora está careca. Totalmente careca. Se algum dia sair, lá na vila ninguém o reconhecerá. Raspou a cabeça quase a zero para disfarçar, para que pareça que não tem cabelo porque não quer.

Sua mãe não gosta da cabeça raspada. Mas também não gostava da cabeleira nos velhos tempos, você mais parece um mendigo, nem do brinco nem da militância, mas, quanto ao último, mudou da água para o vinho. Por ele? Com certeza. A *ama* é forte. Meu Deus, que coragem ela tem. Já o velho é feito de outro material, como Gorka. Calmos, bonachões. Eu puxei a *ama*, e deu nisso, aqui estou e aqui fico. Onde? Na cela. Na merda da cela da merda da cadeia, até a próxima transferência ou até me soltarem.

Hoje ele está de *txapeo*, mas na cara de pau, sabe? Não é pela luta nem pelos protestos. É para ficar sozinho e não ter que ver no pátio e nos corredores as mesmas caras de sempre. E, como faz tantas vezes, vai se deitar para debulhar lembranças como quem folheia um álbum de fotos. Às vezes fica duas ou três horas passando mentalmente as páginas de histórias velhas; por um lado a saudade o corrói por dentro, mas por outro as horas passam sem ele sentir. Já é alguma coisa,

sabe; algumas horas a menos da montanha de anos que lhe resta de condenação. Do que mais gosta nessas horas é da surpresa. Porque está ali, tranquilo, mergulhado nos próprios pensamentos, olhando para o teto, e de repente surge tal lembrança ou outra de tanto tempo atrás, de quando era livre e tinha cabelo e jogava handebol e bebia chacolí até dizer chega. Ou sidra, ou cerveja, o que fosse.

Deviam ter, quantos anos teriam: uns dez, doze? Por aí. Os dois iam juntos, Jokin e ele, inseparáveis, até os morros dos arredores, cada um com seu estilingue, para caçar passarinhos. Faziam os estilingues com forquilhas de aveleira, umas tiras de borracha cortadas de câmaras de ar e um pedaço de couro. Lembra que em um domingo, aproveitando que a empresa de Txato estava deserta por ser feriado, pularam a grade da entrada para chegar ao depósito de pneus descartados e lá, com uma navalha, cortaram tiras de uma câmara. Foram os melhores estilingues que tiveram. Sério. Você atirava um projétil de um lado para o outro do rio e caía bem mais à frente. Com bilhas de rolamento ou pedras, tentavam derrubar os pássaros; mas, que ele se lembre, nunca conseguiram caçar nenhum desse jeito. Em compensação, eram muito bons estourando garrafas ou acertando uma placa de trânsito que havia no final do parque industrial, até arrancarem toda a tinta a pedradas e no final nem deus adivinharia que placa era aquela. Certa tarde Jokin teve a ideia de apontar para as janelas. Crash, soavam os vidros quebrados. Crash. E saíam correndo, os safados, e um dia alguém se debruçou na janela e deu um grito, seus sem-vergonhas. Se quiser nos pegar, vem aqui correr. E rolavam de rir. Onze, doze anos. Uns moleques. Foi por aí que começou a luta armada. Estava nos genes. Sorri olhando para o teto. Que porra estou fazendo aqui, rindo feito bobo, no mundo da lua? Volta a ficar sério. Passa para outra página mental.

Já mais velhos, faziam pio-pio, Jokin, ele e às vezes Koldo também. Diz para o teto da cela que fazer pio-pio é mais para os espertos do que para os burros. Koldo não era uma coisa nem outra, mas tinha um pintassilgo que era um fenômeno de tão cantador. Nunca vi nada igual na minha vida. Koldo deixava a gaiola entre uns arbustos. O danado do pintassilgo, piu, piu, mandando ver nos trinados. Os três amigos esperavam em silêncio a uns vinte metros, fumando. Nem uma palavra, nem um som. De repente, após um sinal, saíamos do esconderijo a toda. E os pássaros, na debandada, ficavam grudados em umas varinhas untadas de cola. E sem a debandada também, não me venha agora com. Tentavam fugir, mas não conseguiam, e quanto mais batiam as asas mais ficavam grudados nas varinhas. Havia tardes em que nós caçávamos, sem exagero, uns sete ou oito pintassilgos, sempre tomando cuidado para que os meganhas não nos pegassem. E de noite as nossas *amatxos* fritavam os passarinhos para a janta. Que beleza de vida, pena que a

gente fica adulto. Koldo, mais tarde, virou pintassilgo. Quer dizer, que cantou. Mas quem pode censurá-lo? Foi estraçalhado no quartel de Intxaurrondo. Enfiavam a cabeça dele na água. A maldita banheira. E, claro, falou vários nomes. Jokin e ele: que não se preocupasse; afinal, mais cedo ou mais tarde viriam atrás de nós. Eles fugiram para a França e, uns meses depois, encontraram Koldo por acaso em um bar da Bretanha.

— Olha, vocês têm que me perdoar. Achei que não sairia vivo de lá.

— Fica tranquilo. Logo, logo vamos dar o mesmo tratamento a eles.

Com a espingarda de chumbinho de Jokin caçavam menos do que com o pio-pio; mas a espingarda era um brinquedo maravilhoso, os dois a compartilhavam e se divertiam até cansar. Depois, já na organização, quando fizeram o treinamento de armas, o instrutor ficou de boca aberta. Porra, caras, de onde vocês tiraram essa pontaria? Melhor que alguns veteranos, que vinham com muito blá-blá-blá mas na hora de acertar o alvo pareciam caolhos. Na barraca de tiro de uma festa de rua na vila, Jokin, pim pam, pim pam, não errava uma, e olha que, como afirmava, tinham entortado a mira de propósito. O velho da barraca lhe disse agora chega e lhe arrancou a espingarda da mão de cara feia. Isso só para não ter que dar o prêmio a Jokin. Logo se juntou uma porrada de garotos na frente da barraca. O velho não teve saída e lhe entregou o prêmio, uma pelúcia de merda.

Nessa época, Joxe Mari teve a primeira sensação do que seria atirar em uma pessoa. Às vezes, davam um tiro em algum gato. Mas em ser humano é diferente. E sussurrou para Jokin: você imagina? Essa ideia nunca tinha passado pela cabeça de Jokin. Dizia que a espingarda era para se divertir. Sonhava caçar com uma arma potente quando fosse adulto, óbvio que não para atirar em passarinhos e gatos, mas em javalis, cervos e animais assim. E sonhava com um safári na África.

Enquanto ele lhe contava isso, os dois escondidos atrás de umas moitas, Joxe Mari apontou para um caseiro que estava cortando grama na ladeira em frente com um saco na cabeça servindo de capuz para se proteger da chuva. Joxe Mari encostou o dedo no gatilho e imaginou o caseiro de repente dobrando o corpo para a frente e rolando ferido ladeira abaixo. Jokin lhe disse baixinho que com armas não se brinca. Quantos anos deviam ter, dezesseis? Não mais que isso. De noite sonhou que uma patrulha vinha buscá-lo com as sirenes ligadas porque tinha matado um policial, e muitos anos depois, com o olhar fixado no teto da cela, lembrou a cena do caseiro.

35
Caixa de chamas

Em cima do balcão, uma fileira de cofrinhos de diversas cores e outra de fotografias de militantes presos, um bloco de tíquetes para a rifa de uma *mariskada* e em um lado, junto à parede, o display de chaveiros, isqueiros, bandeiras, lenços e coisas assim. Os dois amigos estavam esperando em uma taverna da rua Juan de Bilbao, sentados no fundo, quase às escuras e sem beber álcool. Jokin sentiu sede e pediu água da bica à garota que estava no balcão, mexendo a cabeça no compasso da música, franjinha curta e reta, e ela lhe serviu um copo.

Joxe Mari toda hora olhava para o relógio. E Koldo, que não chegava. Jokin se distraía dando uma olhada nas páginas do *Egin*. A taverna e a rua, semivazias. Mesmo depois das oito da noite, hora de conversar e de beber. A garotada *abertzale* gritava palavras de ordem na manifestação de protesto contra a prisão recente de um comandante. E também a turma da vila, que tinha se deslocado para San Sebastián como quem vai para a guerra porque, sob qualquer ângulo, isto aqui é uma guerra. Ou um conflito, ou como queiram chamar. E Koldo foi junto com a turma, com a ordem de se encontrar com os dois amigos assim que o início da manifestação chegasse ao bulevar, onde se realizaria o rito de costume. Um membro da Mesa Nacional do Herri Batasuna leria um comunicado no coreto e, em algum momento da fala, dois encapuzados subiriam para queimar uma bandeira espanhola. Enquanto isso, os seis da vila desencadeariam a sua ação, para a qual haviam se preparado na véspera, em outro ponto da cidade, não distante dali.

Esperavam Koldo inquietos, sem beber uma gota de álcool. Outros bebem para tomar coragem, mas eles não, porque têm convicção e disciplina, e porque, dizem, gostam de fazer as coisas bem-feitas. Trabalho porco não é coisa de basco (Joxe Mari). Medo só para quem precisa (Jokin).

Vem logo, Koldo, Koldito, correndo se for o caso, mas não me falhe. Por que tanta pressa? Porque não queriam que os *jarraitxus* de Rentería passassem na frente deles. Já tinham sido mais espertos uma vez e ficaram com a glória. Como? Botaram fogo em uma van novinha de mais de vinte milhões de pesetas, uma Mercedes, e isso sim afeta os cofres municipais. Enquanto eles tiveram que se contentar com um Pegaso velho e ferrado, que ainda por cima queima muito pior e

não custa nem a metade. Até livraram a prefeitura dos gastos que teria com um ferro-velho.

Entra Koldo, camisa xadrez, mandíbula proeminente. Pede uma cervejinha. Nada disso.

— Porra, cara, estou com a boca seca de tanto gritar.

Não é hora de discussão. Os outros o deixam plantado diante do balcão. A taverneira, tão simpática, os incentiva.

— Vamos lá, campeões, uma cervejinha.

Para evitar o tinido das garrafas, Joxe Mari mantém a mochila pressionada contra o corpo. Avançam em passos rápidos pela rua Narrica. Koldo os alcança correndo.

— *Esperar por mim*, sacanas.

Ao fundo, no bulevar, ouve-se a massa repetindo as palavras de ordem. E Koldo, um passo atrás dos amigos, vai passando o informe, ofegante: um pandemônio de gente, mudaram a rota dos ônibus. Os outros dois não olham para trás nem respondem. Pouco depois, sim. Joxe Mari para por um instante diante da vitrine de uma chapelaria.

— Tem muitos *txakurras* lá?

— Que nada. Só alguns *beltzas*.

Os transeuntes não envolvidos na manifestação, prudentes, temerosos, se afastam da área. Céu azul, tarde agradável, um ou outro carrinho de bebê. Sente-se uma tensão no ar, uma estranha transparência, prelúdio de encrenca.

Jokin pergunta se Koldo tinha visto os caras de Rentería.

— Não.

— Bem, então vamos.

E os três seguem em fila indiana; Joxe Mari, o mais alto e corpulento, no meio, com a mochila cheia de coquetéis molotov. Entram, nem devagar nem depressa, no meio da multidão juvenil que canta: *Presoak kalera, amnistia osoa*. Permanecem em silêncio. Os manifestantes abrem caminho, pois veem algo neles, percebem algo, que sugere a conveniência de lhes facilitar a passagem.

Como fora combinado, se unem ao restante do grupo em um banco da praça de Guipúzcoa. À sua frente, uma imagem aprazível de pombos e pardais, netos com avós, senhoras com cachorros, namorados com namoradas, enfim, passantes que vão e vêm pelas trilhas de cascalho, sob as árvores.

Não se cumprimentam. Os seis rapazes rumam para a avenida, três por uma calçada, três pela outra. Pouco antes de chegarem, todos se reúnem ao lado de um andaime que sobe até o ponto mais alto de uma fachada. Ali cobrem a boca com um lenço e levantam os capuzes. Jokin prefere uma balaclava. É Koldo quem

amarra o lenço de Joxe Mari, para que ele não tenha que soltar a mochila.

Agora sabem que estão sendo observados; agora a sua aparência, olha, olha, chama muito a atenção. Algumas pessoas, ao vê-los, trocam de calçada e ficam murmurando dali; mas ninguém se contrapõe às suas intenções. Ninguém os repreende nem chama a polícia. E todo mundo sabe que esses garotos vão armar confusão.

Daí a pouco divisam um ônibus municipal. Saindo da rua Echaide, ele acaba de entrar na avenida onde eles estão. Pelo itinerário normal, o ônibus seguiria direto até o Bulevar, que agora está bloqueado por causa dos manifestantes. O grupo vê que é da linha 5, com passageiros, não muitos. Que azar, não é dos novos. Mas, uma vez com os rostos cobertos, não lhes restava outra opção senão agir. Sem titubear, Jokin disse: é esse. E foram pegar esse.

Deixaram vários carros passarem, mas mandaram parar o que vinha na frente do ônibus. Um deles bateu no capô; outro abriu a porta do lado da motorista, uma mulher de uns trinta e tantos anos, mandou que saísse do carro, logo em seguida quatro deles, vapt-vupt, cruzaram o veículo no meio da rua. A mulher dava gritos histéricos.

— Minha filha, minha filha!

Koldo a afastou com um empurrão.

— Sai, porra.

Quase que a derruba. A mulher, sem um sapato, perdido na confusão, lutava para voltar para o carro. E, do outro lado da rua, um senhor gritou:

— Deixa ela em paz, valentão.

Com a passagem bloqueada, o ônibus se viu obrigado a parar. E, como os rapazes perderam o interesse pelo carro, a mulher aproveitou para tirar do banco traseiro uma menina de dois ou três anos.

E o motorista do ônibus, qual é a dele? Será provocação? Estava paralisado de medo? Jokin insistiu que abrisse as portas, mas o cara não demonstrava ter entendido. Lançaram uma bilha de aço com o estilingue. O impacto deixou uma marca no para-brisa, sem chegar a atravessá-lo. Se pega no rosto do motorista... Este finalmente parece que entendeu o que o sujeito de balaclava estava mandando fazer e abriu as portas. Uma dúzia de passageiros desceu com receosa celeridade. Nesse instante explodiu no interior do ônibus a primeira garrafa incendiária. Joxe Mari dava instruções:

— *Apontar* para os bancos, os bancos.

O motorista pulou para fora. Levou alguns segundos para perceber que um sapato estava pegando fogo. Livrou-se dele às pressas. Sem perder tempo,

atravessou a pista batendo nas bainhas fumegantes da calça. A essa altura o ônibus já era uma enorme caixa de chamas. Desprendia-se dele uma fumaça espessa, roçando a fachada mais próxima. Os curiosos se aglomeraram a uma distância prudente. Um dos agressores tirou várias fotos com uma câmera que levava no bolso.

Terminada a ação, Joxe Mari gritou, de punho erguido, com o olhar fixo no ônibus em chamas.

— *Gora Euskadi askatuta!*

Seus companheiros, de punhos também erguidos, apoiaram:

— *Gora!*

— *Gora ETA!*

— *Gora!*

Os seis rapazes começaram a correr, alguns por uma rua, outros pela paralela, na direção do Bulevar. Tinham combinado de se reagruparem na praça de Guipúzcoa. Percorreram o resto do caminho com o rosto descoberto, conversando tranquilamente.

— Missão cumprida. Agora vamos beber.

O carrilhão da Câmara de Deputados difundia naquele momento seus doces e harmônicos dindons pela tarde púrpura.

36
De A a B

Mãos felicitantes não paravam de dar palmadinhas nas costas de Joxe Mari. Costas largas, duras, uma parede de músculos em casaco listrado. Assim que entravam no bar, fulano, sicrano, a irmã de, o primo de, e zás, palmadinha. É que Joxe Mari, dezenove anos, estava sentado à primeira mesa, logo na entrada da Arrano Taberna. A turma conversava em voz alta, disputando a hegemonia acústica do local com a música (rock radical basco) a todo volume. Um péssimo lugar para conspirar, segundo Jokin.

— Dá para nos ouvir da rua.

Quem quer que entrasse ou saísse de lá tinha que obrigatoriamente passar por trás de Joxe Mari. E ele respondia às felicitações com uma expressão de orgulho digno, sem grande entusiasmo, já que, na verdade, não tinha feito, como dizia meio que se desculpando, mais do que a sua obrigação. De manhã, o time de handebol da vila tinha vencido por 25 a 24 o de Elgóibar. Sete dos gols haviam sido marcados por Joxe Mari. O pessoal elogiava:

— Assim vai virar profissional.

— Vamos ver.

Do outro lado da mesa, Jokin tecia um panorama paradisíaco do socialismo e da independência, com os sete territórios do Euskal Herria unidos e sem classes sociais, onde até a grama, quanto quer apostar, vai falar basco. E depois, na opinião dele, ficar numa boa com os espanhóis e com os franceses, entende?, só que eles na casa deles e nós na nossa. Explicava os passos estratégicos conforme o caminho estabelecido pela Alternativa KAS. Com uma expressão unânime de aprovação, a turma enchia a cara, alguns com sangria, outros com cerveja.

O único que de vez em quando se distraía, olhava para outro lado, levantava o olhar em direção à televisão era Joxe Mari, a quem vez por outra um recém-chegado ou alguém que estava saindo dirigia a palavra.

Jokin deu um soco no tampo da mesa.

— Quem ficar no nosso caminho, impedindo a conquista do nosso objetivo como povo, vai levar porrada. Mesmo que *seja* meu *aita*, *caralho*. Isso é como ir de A até B. Estamos em A — pôs a ponta do indicador na mesa — e B está ali, perto

desse copo. Nós vamos chegar a B custe o que custar.

A roda de amigos o apoiava com gestos e palavras.

— Todo santo dia, cada um na sua vila ou na sua cidade, e assim chegamos lá — disse um.

— Mas vai ser complicado, hein? O Estado não é moleza — observou outro.

— O Estado é uma merda.

E Jokin, meio que reivindicando com um gesto os direitos de propriedade da conversa:

— Impérios maiores já caíram. *Olhar* o Napoleão. Você mata hoje um soldado; amanhã, outro; e o exército acaba ficando desfalcado.

Brindaram, brincalhões, unipensantes, pelos postulados da Alternativa KAS. Mas Joxe Mari não brindou nem acompanhou nada porque estava conversando com um rapaz da sua empresa, em pé ao seu lado. Pediram sua opinião.

— Vocês sabem que eu não gosto de política. Por mim tanto faz que mande este ou aquele. Eu só luto por um Euskal Herria como povo livre. O resto vocês podem embrulhar para presente. Como disse esse cara aqui — apontando para Jokin —, nós vamos de A até B, mas quando chegarmos em B, por favor, me deixa sossegado. Eu vou morar na serra, planto lá umas macieiras, monto um galinheiro e que se foda todo mundo.

Ouviram-se vozes discordantes:

— Também temos que pensar na classe operária.

— E, além do mais, temos antes que expulsar as forças espanholas de ocupação. A coisa não é tão fácil como você diz.

Joxe Mari bebeu um gole de sangria e, encarando cada membro do grupo com uma frieza desafiadora, disse:

— Vocês complicam tudo. Olhem, conquistando a independência, o resto depois a gente ajeita. Melhorar a vida dos trabalhadores? Perfeito. Melhora-se. Quem vai impedir, sem ninguém de fora nos governando? A questão da língua é a mesma coisa. Aqui todo mundo aprende basco e não se fala mais no assunto. A polícia e o exército espanhol? É de se supor que, uma vez independentes, já teremos dado um chute na bunda deles. Teremos a nossa própria polícia e o nosso exército, e eu, minhas galinhas e minhas macieiras.

— E Navarra, como fica?

Bufou, impaciente, antes de responder.

— É que, sem Navarra, nós não chegamos até B e não existe Euskal Herria. O mesmo vale para os territórios de Iparralde. Viu como vocês complicam tudo?

Não disse mais nada porque alguém estava acenando para ele da rua. Josune:

franja curta, uma cabeleira lisa que descia pelas costas, pulseiras de couro no braço com mangas arregaçadas. Joxe Mari, corpulento, tentou beijá-la. Ela recuou com um olhar duro. Não quer que a beije na rua, quantas vezes tem que lhe dizer.

— O que foi?

— Vi sua irmã na praça com um rapaz que parece namorado. Acho, porque estavam dançando bem agarradinhos. Arantxa beija em público. Eu não acho isso certo.

— Você veio fazer fofoca?

— Fui lá falar com ela para que me apresentasse o cara. Ele não é da vila.

— Olha, *neska*, minha irmã é mais velha do que eu. Ela deve saber com quem anda. Nisso eu não me meto.

— Não quer saber como se chama?

Para ele dava no mesmo.

— Guillermo.

Joxe Mari não achou o nome nem bom nem ruim. Já com o sobrenome, a coisa poderia ser bem diferente.

— Qual é o sobrenome?

— Não perguntei.

— Se entrar para a família vai ganhar um apelido. Não se preocupe.

Joxe Mari não se inquietava com o fato de Arantxa sair com um rapaz e que o trouxesse à vila para apresentá-lo aos conhecidos e, quem sabe, à família.

— Veio de fora. Está na cara. E não fala basco.

— Como você sabe?

— Caramba, porque quando Arantxa veio apresentá-lo eu falei com ele, e o cara não entendeu nada, tivemos que passar para o castelhano. Seria o fim da picada que um espanhol entrasse para a sua família. Vai ver ele até é da polícia e, com a desculpa de sair com sua irmã, vai é ficar de olho em nós todos, a começar por você.

Joxe Mari franziu o cenho.

— Ele não falar basco não quer dizer que...

— O quê?

Saíam gargalhadas, um alvoroço de vozes e música da Arrano Taberna. E Joxe Mari coçou a cabeça e olhou: ali perto, o grupo bebedor, alegre, e à sua frente, Josune de cara fechada.

— Bem, quando estiver com ela eu pergunto. Você vai entrar na taverna?

— Estão me esperando em casa.

— E quando posso te dar um beijo?

— Aqui não.

— Então vamos para aquele portão.

E foram para lá e ficaram uns cinco minutos abraçados na penumbra, entre a entrada do edifício e a fileira de caixas de correio, até que ouviram passos de alguém descendo a escada e voltaram depressa para a rua.

37
Bolo da discórdia

O nariz um pouco (bastante) achatado e o dente quebrado de Gorka têm uma explicação. Aos nove anos ele foi atropelado por um furgão. Podia ter morrido. Não seria o primeiro na vila. Ainda convalescente, perguntou aos pais, naquele tom doce, melódico, que já perdeu, mas que às vezes ressurge como um rastro fino em sua voz atual de adulto, se eles teriam colocado, caso tivesse morrido, uma cruz na beira da estrada como fizeram com Isidoro Otamendi, que perdeu a vida quando ia para o trabalho de manhã em sua moto.

Agora que o susto tinha passado, Joxian resolveu levar na brincadeira.

— Mas é claro. Uma cruz bem maior. E de ferro, para que durasse muitos anos.

Miren não achava essa conversa nada engraçada.

— Calem a boca de uma vez, por favor. Assim Deus castiga.

Um menino magro, frágil. Depois, na puberdade, espichou e andava sempre encurvado, como se tivesse vergonha da sua estatura ou talvez das espinhas que salpicavam seu rosto. Na rua, diziam à sua mãe que vai acabar ficando com a coluna torta se continuar assim. Para Miren, aquilo era pior que levar um tiro.

— O que quer que eu faça? Que o coloque de castigo se não parar de crescer?

Ao completar dezesseis anos, já era o mais alto da família. Diziam que outro mais robusto, mais maciço, menos elástico não teria sobrevivido ao acidente. Quem? Sua mãe, seu pai, todo mundo. Gorka havia aprendido a sorrir sem mostrar o dente quebrado. Em compensação, não dava para esconder o nariz achatado. Só um pouquinho achatado, também não vamos exagerar, na opinião de sua mãe.

— Ou preferia ter morrido?

Para ele, muito achatado, totalmente achatado, *ama*. E também para Joxe Mari, que espezinhava os seus complexos chamando-o de boxeador e desafiando-o para lutar.

De gozação, ficava na sua frente fazendo-se de intimidado:

— Não me bate, não me bate.

Nas primeiras semanas depois do acidente, o menino passou noites ruins. As imagens do atropelamento volta e meia surgiam em sua mente, seja em sonhos, seja durante as agitadas insônias. Sempre as mesmas imagens. O veículo vinha para cima

dele e o atropelava. O veículo vinha para cima dele e o atropelava. O veículo vinha para cima dele e ele só contava com o travesseiro para se proteger. Joxe Mari, com quem Gorka dividia o quarto, reclamava na cozinha.

— Ele grita de noite e não me deixa dormir.

E em seguida o imitava, exagerando os *ais* lastimosos. Zombava dele sem piedade. Joxian costumava intervir, conciliador e paternal, bom, bom, calma, olhando com tristeza para o filho mais novo.

Miren, pelo contrário, ia direto ao ponto.

— É melhor parar de incomodar o seu irmão de noite.

Nos seus pesadelos, os pneus guinchavam; ele virava a cabeça; dava tempo de ver os faróis/olhos da fera metálica. Vinham na sua direção tão rápido e diretamente. Já estavam ali: a três metros, a dois, a um. Impossível se esquivar. O sonho continha detalhes verídicos que antes não tinham vindo à sua memória: a estrada molhada de chuva, a luz esmaecida da tarde cinzenta, o para-choque que parecia uma boca com círculos de ferrugem prestes a devorá-lo.

Depois umas pernas se aproximam correndo. Alguém, o motorista?, diz um palavrão em castelhano. Qual? Não se lembra. Só sabe que não era um palavrão contra ele. De contrariedade, talvez. De estupor. Sente-se um cheiro de gasolina, de asfalto úmido, e ele estava consciente quando o tiraram de baixo do furgão, foi como tirá-lo de dentro de uma gaveta escura. Não sabe quem foi. Deve ter sido o motorista. E estava sangrando pela boca e pelo nariz, mas não doía nada. Nada? Fazia que não com a cabeça. Tampouco doía o braço quebrado, pelo menos no início. Parecia dormente. Gorka caiu de bruços no chão. Podia ter morrido. Sentiu tanta vergonha que não chorou. Dias depois, já em casa, Joxe Mari o provocava.

— Você com certeza chorou.

— Não chorei.

— Mentiroso. A vila toda ouviu!

E assim direto, várias vezes, até fazê-lo chorar. Mas isso foi em casa, quando Gorka estava se recuperando com o rosto deformado por um pomposo hematoma e um braço pendurado na tipoia. Na estrada, ao lado da caminhonete, não derramou uma lágrima. Estava com vergonha. Havia curiosos reunidos na calçada e gente nas janelas.

— Não é o filho caçula do Joxian?

Tinha sujado a roupa. Com seu sangue e a sujeira do asfalto. Ai, quando a *ama* souber. Perdeu um sapato. E o próprio motorista o levou para o hospital na caminhonete.

Consertaram o braço. O nariz, não. É que, enquanto era criança, não dava para

notar o problema. Mas depois, quando entrou na puberdade, à medida que o rosto mudava, ficava perceptível que o nariz não adquiria boa forma. O tabique estava fora do lugar, amassado ou torto, não se sabia bem. Já o dente quebrado todo mundo via. Sua mãe o consolava sem muita ternura.

— Você consegue respirar?

— Sim.

— Consegue morder?

— Sim.

— Então pronto. O que mais você quer?

O homem que atropelou Gorka era um senhor de Andoáin, de uns cinquenta anos, que trabalhava como entregador para uma confeitaria industrial. Duas semanas depois do acidente, foi visitar o menino em casa. Afável, perguntara várias vezes pelo telefone se Gorka estava se recuperando, se já se sentia bem, se podia levar a vida normalmente. Parecia preocupado. Por fim, um dia tocou a campainha no meio da manhã, Miren abriu a porta, mas Gorka estava na *ikastola* com o braço engessado. O homem deixou um bolo de presente para o menino.

— Bom, e para toda a família.

Um bolo feito de pão de ló coberto com uma grossa camada de chocolate e creme, pontilhada de cerejas de marzipã.

A discórdia começou pouco antes do almoço. A mais zangada era Miren. Lembrava que, na noite anterior, antes de ir se deitar, o bolo ainda estava inteiro na geladeira. Quando se levantou de manhã, faltava um pouco mais de um quarto. Sua primeira, para não dizer única, suspeita: Joxe Mari, o esfomeado da paróquia. Porque o pai, não acredito que. Ou sim? Um estava com o time de handebol em alguma vila da província; o outro tinha ido andar de bicicleta. Quando voltarem, um dos dois, ainda não sei qual, vai ter que se explicar. Arantxa viu a mãe falando sozinha, resmungando.

— O que foi, *ama?*

— Nada.

Foi tudo o que disseram. Chegou o pai, chegou o filho, com uma diferença de poucos minutos entre um e outro. Que horas deviam ser? Uma? Por aí. Famintos, cansados, Joxian com roupa de ciclista, perguntaram o que tinham para comer. Bronca, acusações, briga: isso é o que tinha.

Joxe Mari não teve o menor pudor em confessar. Mas, veja bem, o bolo já tinha sido cortado quando ele pegou um pedaço para o café da manhã. Por isso achou que ele era de todo mundo.

— Como assim cortado?

— Faltava um pedaço maior do que o que eu peguei. Juro por Deus, *ama*.

Miren, com os olhos raivosos, pressionando os dentes, virou-se para o marido e começou a ralhar com ele sem querer ouvir explicações. E Joxian, balançando a cabeça, negou. Então quem? Ele reconheceu que, pouco antes de sair de casa, não tinha resistido à tentação de comer três cerejas de marzipã, mas foi só isso. Não havia tocado no resto. Joxe Mari não acreditou:

— Vamos, *aita*, é impossível.

— O que é impossível?

— Quando fui tomar café da manhã, já faltava um pedaço grande do bolo, e você saiu de casa antes de mim.

— Que eu caia aqui mortinho se estiver mentindo. Quantas vezes preciso dizer que só comi três marzipãs? Já faltava um pedaço de bolo quando abri a geladeira.

Olharam para Gorka.

— Não, eu não.

Miren saiu em defesa do pequeno.

— Deixa o menino em paz. O bolo é dele. Se quiser, pode comer tudo sozinho.

E Gorka, por favor, não briguem, que o bolo é para todo mundo. As palavras conciliadoras do menino, ditas em tom doce, exaltaram ainda mais os ânimos da família; tanto que Miren, em um rompante de coragem, tirou o avental e disse:

— Podem comer sem mim.

E saiu da cozinha dando uns passos ressentidos, mas voltou um minuto depois em passos lentos e com o semblante tranquilo, já que nesse ínterim Arantxa, com quem topou na sala de jantar, o que foi, *ama*, por que estão gritando?, tinha acabado de lhe contar com toda naturalidade que:

— Ontem à noite cheguei com fome e peguei um pedaço.

— Você cortou o bolo?

— Não podia?

Os cinco comeram em silêncio. Foi Joxe Mari que, retirados os pratos, pôs o bolo na mesa e tirou a faca grande da gaveta.

— Chega, vamos parar de bobagem. Quem quer?

Arantxa fez que não com a cabeça. Miren não respondeu. Foi lavar a louça.

— Divide com teu irmão — disse Joxian.

Gorka só queria um pouquinho. Joxian achou que o pedaço estava pequeno demais.

— Dá um pouco mais para ele.

Mas Gorka alegou que não estava com fome. Joxe Mari pôs a travessa diante de si com a intenção visível de devorar o que ainda restava da sobremesa. Seu pai o

olhava assombrado. Como era possível que, depois das entradas, da sopa de grão-de-bico e do frango assado com batata que havia comido tanto quanto os outros membros da família somados, ainda houvesse lugar em seu estômago para tamanha quantidade de sobremesa? Por baixo da mesa lhe deu um pontapezinho na perna. Atraída a atenção do filho, pediu-lhe com gestos um pedaço. Que Joxe Mari lhe passou discretamente, pelas costas da mãe. Joxian comeu a toda velocidade. Depois foi Arantxa que, segurando o riso, também pediu um pedaço a Joxe Mari às escondidas.

38
Livros

Gorka, na época do estirão, passou a querer ficar mais tempo sozinho. Via pouco os seus irmãos em casa; só saía para ir à *ikastola*. O motivo? Os livros, ou, como seu pai dizia com a testa bem franzida, a porra dos livros. O garoto tinha contraído a febre de ler.

A preocupação crescia em seus pais. Não exatamente por causa dos livros. Mas por quê? Por passar tantas horas trancado no quarto, inclusive aos sábados e domingos, muitas vezes até o momento em que Joxe Mari chegava e o mandava apagar o abajur. Filho estranho, murmuravam. E Joxian:

— Pena que ele não tenha uma janelinha na cabeça para olhar lá dentro.

De noite, na cama, o casal conversava em voz baixa.

— Saiu?

— Que nada! Ficou lendo a tarde toda.

— Deve ter alguma prova.

— Já perguntei, e ele diz que não.

— A porra dos livros.

Certa manhã, na cozinha, em pé à sua frente, a mãe ficou observando enquanto o garoto tomava o café. Debruçado sobre a xícara, cabelo oleoso, mãos ossudas, acne. Miren controlava a língua, mas por fim teve que soltar.

— Escuta, será que você não tem problemas psicológicos?

Quatorze anos. Os amigos vinham procurar por ele, e ele nem os atendia. Qual era o problema, se estava doente ou zangado com eles. Com o passar do tempo, deixaram de aparecer. E Joxian ficava agoniado.

— Puta merda. Este meu filho.

E se aproximava dele. Pousava uma mão amistosa no seu ombro. Oferecia duzentas, trezentas pesetas.

— Vai, vai se divertir.

— *Aita,* não posso.

— Quem te proíbe?

— Não vê que estou lendo?

— Vamos, que eu te deixo fumar.

— Não, *aita*. Não insiste.

Algumas vezes, Joxian, oscilando entre solidário e curioso, lhe perguntava:

— O que você está lendo?

— É de um escritor russo. Fala de um estudante que matou duas mulheres com um machado.

Joxian saía do quarto confuso, preocupado. Quatorze anos, o dia todo trancado em casa feito um monge. Isso é normal? Assim pensando, parava no corredor, fixava o olhar escrutinador num objeto, não importava qual: na imagem de Inácio de Loyola, no armário embutido, numa maçaneta, em algo que lhe fosse compreensível num mero olhar, e durante alguns instantes procurava nesse objeto não sabia bem o quê, uma ordem, uma resposta, uma explicação para o que não entendia. Até chegar ao Pagoeta, não saía do seu pensamento a imagem de Gorka debruçado sobre um livro, a porra do livro.

De noite, dizia para Miren na cama:

— Ou ele é muito inteligente ou é bobo. Não sei a quem puxou.

— Se for bobo, puxou a você.

— Estou falando sério.

— Eu também.

E o caso é que depois tirava notas medíocres na escola. Claro que não tão fracas como as de Joxe Mari em seus tempos de estudante. Joxe Mari e o esporte, tudo bem; Joxe Mari e o trabalho manual, também; mas Joxe Mari e os estudos (e mais tarde também com as disciplinas teóricas da empresa metalúrgica onde foi aprendiz) eram como água e óleo, o que não o impedia de caçoar de Gorka.

— Ah, não me venha com essa. Tanto livro para depois ser aprovado por sorte em matemática e inglês?

Foi Arantxa quem transmitiu ao irmão caçula o gosto pela leitura. Como? É que de vez em quando, no aniversário dele, no dia do santo padroeiro, no Natal, ou simplesmente porque sim, lhe dava gibis de presente; com o passar dos anos, um ou outro livro. Coisa, aliás, que também fez com Joxe Mari, mas sem sucesso. Aqui, segundo Arantxa, cabe muito bem a famosa parábola da semente na terra árida e na terra fértil. Joxe Mari era um deserto intelectual. Em Gorka, terra propícia, germinou a paixão pela leitura.

E mais. Arantxa, quando Gorka era pequeno e ela uma menina de nove ou dez anos, gostava de ler em voz alta para o irmão, os dois sentados no chão, ou ele na cama e ela ao seu lado, histórias tradicionais; e também passagens da Bíblia, num livro com ilustrações adaptado para o entendimento infantil.

Durante o tempo em que o menino estava se recuperando do atropelamento

pelo furgão, Arantxa costumava ir à biblioteca municipal em busca de leitura para ele. Nessa época Gorka já lia sozinho, sussurrando as palavras, e começava a definir seus gostos: Júlio Verne, Salgari, depois os romances bélicos de Sven Hassel, assim como outros de espiões e detetives, tudo em edições baratas de bolso.

Mais tarde, sem contar nada aos pais, para quê?, Arantxa foi lhe emprestando seus próprios livros, uns trinta que guardava numa caixa de papelão em cima do armário. Romances de amor, principalmente, além de um *Guerra e paz* em uma versão resumida, *Fortunata e Jacinta* e seis ou sete de Álvaro de Laiglesia, que Gorka não achou tanta graça como ela, mas mesmo assim leu com interesse.

E, quando seus pais começaram a criticá-lo por ficar em casa lendo em vez de ir para a rua se divertir com os amigos, Arantxa lhe disse em particular, com voz de mistério, que não desse ouvidos.

— Leia tudo o que puder. Acumule cultura. Quanto mais, melhor. Para não cair no buraco onde muita gente está caindo neste país.

Buraco ou não buraco, Gorka se entregava à leitura com paixão, e Joxe Mari, quando o via com um livro na mão, zombava:

— Escuta, já que é assim, não quer aproveitar e ler as linhas da minha mão?

Certa noite, cada um na sua cama, lhe disse amargurado:

— Seria melhor deixar os livros de lado e se juntar à luta pela libertação do Euskal Herria. Amanhã tem manifestação às sete. Espero que não falte. Alguns amigos meus já perguntaram onde você se enfia. Todo pessoal da sua turma dá as caras, mas você, ninguém vê. O que eu vou dizer? Não, é que agora o cara ficou delicadinho e passa o dia todo lendo. Amanhã às sete quero te ver na praça.

E Gorka foi, que remédio. Para ser visto. Falou com um, cumprimentou outro, e Joxe Mari, que era um dos que vinham segurando o cartaz na frente da manifestação, piscou para ele. Gorka, misturado na massa juvenil, gritou palavras de ordem com um entusiasmo moderado. Da mesma maneira, levantando o punho como os outros, cantou o *Eusko Gudariak*. Às oito da noite já estava em casa, lendo.

39
Eu, o machado; você, a serpente

E cresceram, Gorka para cima, Joxe Mari para os lados. Os dois só se pareciam no sobrenome, em mais nada. Os amigos brincavam com Joxian. Se ele não dava comida para um, só para o outro. Em casa ele tomava cuidado para não mencionar as gozações a respeito dos filhos. É que Miren perdia as estribeiras. Que confusão ela armou com uma vizinha que veio insinuar que Gorka estava com solitária.

Quando Joxe Mari morava com a família, um irmão dormia à esquerda, e o outro, à direita, com as respectivas camas encostadas, num lado e na cabeceira, nas correspondentes paredes, e o espaço entre as duas era coberto com uma esteira.

E como a cama de Joxe Mari ficava no lado da janela, não havia espaço suficiente para os seus cartazes nem para toda a decoração esportiva e patriótica que gostava de colocar no quarto compartilhado. Foi assim que, hoje um cartaz, amanhã um quadro, acabou invadindo a área de Gorka, cuja mesinha ficava bem debaixo de um cartaz com o machado e a serpente e o lema *Bietan jarrai*.

O único pôster de Gorka era uma reprodução em formato grande da famosa foto de Antonio Machado no Café de las Salesas.

— Quem é esse aí?

— Ora, você sabe muito bem.

— Não, sério. O avô do Tarzan?

— Um poeta.

Era a velha piadinha: exatamente a resposta que Joxe Mari estava esperando para mandar a sua versão particular

> Oh, poeta,
> que belos versos compões,
> abaixa-me a braguilha
> e pega os meus colhões.

Na ausência de Gorka, Joxe Mari desenhou com marcador, no retrato de Antonio Machado, um bigode e óculos pretos de cego, e fez ao lado da boca um

balão de história em quadrinhos onde se lia: *Gora ETA*. E zombava, afirmando com cara de sarcasmo que o velho de chapéu sabia o que se dizia. Gorka, resignado, até apático, se deixava humilhar. Para desgosto de Arantxa, que sempre o repreendia:

— Por que não se defende? Por que não discute com ele?

— Prefiro que não fique zangado.

— Tem medo dele?

— Um pouco.

No que diz respeito às questões intelectuais, Gorka era muito superior ao irmão. Volta e meia o mais velho prosseguia na cama, no escuro, discussões que acabava de ter na Arrano Taberna com sua turma. Olhando para o teto, enquanto dava nervosas tragadas no último cigarro do dia, ele defendia a luta armada e a independência, e dali ninguém o tirava. As lengalengas teóricas de alguns amigos o irritavam profundamente. Só admitia objetivos: incorporar Navarra, expulsar a Guarda Civil, essas coisas, porra, que se entendem sem necessidade de nenhum rolo filosófico. E quando o sufoco dialético já tinha passado, ele se virava para Gorka e, amistoso, fraternal, sossegado, você está dormindo?, lhe fazia pedidos do tipo:

— Vem cá, me explica essa história de marxismo-leninismo, mas com palavras fáceis de entender e rapidinho porque amanhã tenho que madrugar.

O irmão caçula também superava Joxe Mari no domínio do basco. Lia regularmente obras literárias de escritores *euskaldunes* e, desde os dezesseis anos, escrevia nesse idioma poemas que só mostrava a Arantxa. E, bem, sem exagero, dava de dez em Joxe Mari e nos seus amigos, que falavam o que falavam, ou seja, o basco de casa e de rua ligeiramente melhorado na *ikastola*. Eles costumavam se reunir em suas respectivas casas para produzir cartazes escritos à mão que depois colavam nas paredes da vila. Vez por outra Joxe Mari os convocava para o seu quarto, e Gorka apontava os erros gramaticais e de ortografia que tivessem cometido, alguns deles crassos.

Seu irmão, incomodado mas impotente, desconfiava.

— Tem certeza?

— Claro.

— Bem, depois confirmo.

Afinal lhe davam ouvidos e corrigiam os erros, e tampouco era incomum que lhe perguntassem diretamente, antes mesmo de começar a tarefa, como se escrevia isso ou aquilo. E por aí, *poliki,* Joxe Mari começou a reconhecer os méritos do irmão e a respeitá-lo. Tanto que, certa noite, quando chegou da Arrano, disparou sem mais nem menos de uma cama para a outra:

— Pois manda ver com o basco, que também é parte da luta.

Ou seja, *bietan jarrai*. Estava claro, não? Argumentação simples, brusca, elementar: ele seria o machado, e Gorka, a serpente. Boa dupla. Alguém da turma deve ter aberto os olhos de Joxe Mari. Como assim? Bom, é que da noite para o dia ele parou de zombar do irmão, do seu gosto pelos livros, de sair pouco de casa e essas coisas.

E lhe pediu/implorou (não como antes, que mandava, que exigia) um favor. Qual? Três dias depois, sábado, seria realizada uma cerimônia de boas-vindas a Karburo na quadra da vila.

— Você não disse que ele era um babaca?

— Quem? Karburo? Babaca completo. Mais babaca, impossível. Mas pagou sete anos de cadeia por defender a causa e merece um *ongi etorri*. Uma coisa não invalida a outra. Já está tudo preparado.

— E o que eu tenho que fazer?

— Fotos.

— De Karburo?

— De Karburo e de todo o mundo. Você pega a câmera, vai para a quadra e tira fotos a torto e a direito como se fosse um fotógrafo de casamento. O máximo que puder, certo? Com alguma que ficar boa vamos fazer cartazes, a trezentas pesetas a unidade. A ideia foi do Jokin. Eu contei a ele que você tem uma câmera poderosa. Quero fazer um álbum com o resto das fotos. Já tenho o nome: álbum do *gudari*. Nós arcamos com as despesas, viu? Não precisa se preocupar com isso.

Chegou o sábado e estava entardecendo e Gorka, sem entusiasmo, dirigiu-se para a quadra com sua câmera pendurada no pescoço. Quando ia sair de casa, no corredor, Arantxa, olhos de recriminação, lhe perguntou por que você está indo se visivelmente não quer ir.

Miren interveio da cozinha:

— Ai, garota, deixa ele ir. Pelo menos sai uma vez!

No meio da quadra, encostado na parede lateral, se erguia o palanque. Presidido por um cartaz: KARBURO ONGI ETORRI. Ao lado da saudação, uma foto em branco e preto do homenageado quando era mais jovem, quando tinha mais cabelo, menos barriga e menos papada; do outro lado, sobre uma estrela vermelha, a frase: *Zure borroka gure eredu*. Polícia? Nem sinal, a não ser que algum agente estivesse camuflado de camponês no meio da multidão, com um risco não desprezível, pois ali todos se conhecem. Maré de *ikurriñas,* forte presença juvenil. Não faltavam boinas de quarenta anos para cima, nem um ou outro avô. E, tlan, tlon, tlan, tlon, um garoto e uma garota manipulavam perto do estrado os paus de uma *txalaparta*. O público foi se espalhando pelas arquibancadas como acontece num jogo de

futebol. Alguém cumprimentou Gorka.

— Vamos lá, fotógrafo.

Uma forma como outra qualquer de fazer a chamada, de avisar que já o tinham visto, sabemos qual é o teu trabalho, você fez bem em vir. Gorka não parava de tirar fotos. Da *txalaparta,* do público, do palanque ainda vazio. Tinha vários rolos de filme num bolso do casaco. Nerea, nessa época *abertzale,* sorriu quando passou. Gorka lhe apontou a câmera; ela ficou imóvel no gesto de jogar um beijo até o momento em que acionou o disparador. Que fizesse uma cópia para ela, hein? Gorka assentiu com a cabeça. A todo instante alguém lhe pedia cópias.

Uns metros mais à frente, deu com Josune. Perguntou por Joxe Mari.

— Deixei-o há pouco na Arrano.

Um minuto depois, aplausos. Karburo entrou na quadra fazendo com os dedos o sinal da vitória. Vinha ladeado por dois dirigentes do Herri Batasuna e vários vereadores da mesma linha ideológica. Gorka na frente, tirando fotos deles. Na verdade foi o primeiro a subir no estrado. Câmera na mão, subiu, desceu, foi, voltou, sem que ninguém reparasse nele, homem invisível. Fotografou todos os que tomaram a palavra diante do microfone. E o prefeito, que não falou, mas estava lá. E o dançarino do *aurresku,* e o *chistulari* que interpretou a peça musical acompanhada por um tamboril. E Karburo, emocionado, agradecido, gordo, camisa quadriculada, punho erguido, lágrimas nos olhos quando evocou os companheiros ainda encarcerados, conforme suas palavras, nas prisões de extermínio do Estado. Mais aplausos, *gora ETA* e flores, que uma menina de roupa típica lhe entregou.

Ficaram todos em pé para entoar o *Eusko Gudariak* de punho levantado. Ao final da canção, alguém corre. Quem? Dois rapazes com passa-montanhas enfiados na cabeça pulam para o palanque. Um deles abriu uma bandeira espanhola. Assobios multitudinários, júbilo. O outro acendeu com um isqueiro o tecido previamente embebido de gasolina. E Gorka, a poucos metros de distância, tirando fotos.

Escoltado por uma centena de rapazes, Karburo foi levado para a Arrano Taberna. Entre aplausos e *goras* ao ETA, tirou da parede a sua foto de preso. Depois foi para o salão, onde era oferecida uma caracolada em sua homenagem. Gorka terminou seu último rolo no salão e foi para casa.

— Não vai ficar para o jantar?

— Estão me esperando.

Ficou lendo até altas horas. Com as badaladas da meia-noite, apagou a luz. Pouco depois chegou Joxe Mari.

— E aí, você me viu?

— Não sei para que vocês cobrem o rosto se todo mundo os conhece.

— Tirou fotos da gente?

— Uma quando chegaram, mas deve ter saído mal porque vocês estavam correndo super-rápido. Dez ou doze enquanto botavam fogo na bandeira e mais algumas quando saíram.

— Temos que mandar revelar o quanto antes.

— Espero que o sujeito da loja de fotografia não resolva avisar a polícia.

Joxe Mari ficou em silêncio durante alguns segundos. A brasa do seu cigarro se iluminou na escuridão.

— Eu o mato.

40
Dois anos sem rosto

Não lembrava quando tinha se olhado no espelho pela última vez. Deve ter sido no hotel de Cala Millor. Onde, senão? Fez um esforço para reconstruir o quarto na memória. As duas camas juntas, o mobiliário funcional, o papel de parede. Típico de hotel barato. Um lugar para dormir e praticamente mais nada. Nem sequer tinha vista para o mar. Mas tinha, sim, um banheiro pequeno com um chuveiro e, em cima da pia, um espelho sem moldura. Será que se olhou nele antes de seguir para Palma com Ainhoa? Não imagina outra possibilidade. Desde pequena, Arantxa se habituou a andar bem arrumada. Não porque sua mãe mandasse, isso também, mas pelo gosto de agradar e de ver-se/sentir-se atraente. Arantxa era uma garota realmente bonita. Para a mãe, a mais bonita da vila. Para o pai, a mais bonita do mundo. E com esse rosto e esses olhos e essa cabeleira estava predestinada a pecar por coquetismo.

Guillermo, vinte e tantos anos atrás, pouco depois de começar a sair com ela:

— Que bonita você é! Como pode existir um rosto assim tão bonito?

— Este rosto, e não digo mais o quê, é só para quem gostar de mim.

— Pois então deve ser meu, porque ninguém pode gostar mais de você como eu gosto.

— É o que veremos.

Nem no hospital de Palma de Mallorca, onde rasparam sua cabeça, nem durante os meses de tratamento no Instituto Guttmann, Arantxa se olhou num espelho. Na época ninguém sabia disso, nem os médicos nem enfermeiros, só eu. E quando, sentada em sua cadeira de rodas, passava diante de uma porta de vidro, fechava os olhos correndo. Não queria de jeito nenhum saber que aspecto tinha. Por quê? Porque havia decidido ser muito determinada na recuperação e estava convencida de que, quando se visse refletida num espelho, ia se sentir destruída.

No princípio só podia mexer as pálpebras. Escutava e entendia tudo, e lembrava-se de tudo, e queria falar/responder/protestar/pedir, mas não conseguia. Não podia sequer abrir os lábios. Era alimentada por um orifício aqui, na barriga. Arantxa, Arantxa, você acabou virando uma mente capturada num corpo inútil. É o que eu era. E nos seus sonhos via-se presa dentro de uma armadura medieval que a

impedia de se expressar e de se mover, com a viseira levantada para poder olhar. Um horror. Via bem, mas não queria se ver. Na certa estou muito feia, babando, as feições tortas, e neste caso, pensava muitas vezes, preferiria estar morta.

— Por que fechou os olhos?

Quando trocaram os utensílios da casa, Miren comprou um espelho de corpo inteiro para o banheiro. Acontece que o comprou justamente para que a filha pudesse se olhar. Aí se deu conta.

— Ah, diabos. O que você não quer é se olhar.

E em seguida deu um grito para que Joxian viesse cobrir o espelho com jornal.

— Até você mudar de ideia. Porque, sabe, este espelho custou um dinheirão e, como você há de entender, não vamos jogar fora.

Joxian, condoído:

— Não se preocupe, filha. Vamos cobri-lo e acabou o problema.

Os outros espelhos da casa, ou agora ficavam altos demais para ela, como o do vestíbulo e um decorativo que havia na sala, ou fora do seu alcance, como o do armário dos pais e algum espelhinho de mão que houvesse em uma gaveta. Quando passeavam com ela, procurava não se olhar nas vitrines. Mas não pôde evitar que a fotografassem duas vezes rodeada pela equipe de fisioterapeutas; mas para mim tanto faz porque nunca vi essas fotos.

O pessoal da vila sempre a elogiava. O padre também. Principalmente o padre. Que linda está hoje. Até logo, lindinha. Enfim, esse tipo de frases falsas e condescendentes nas quais raramente faltava a palavra linda. Arantxa as achava detestáveis. Escreveu para sua mãe na tela do iPad: "Diz pra eles não me chamarem de linda."

— Escuta, deixa o pessoal em paz. Se dizem isso, deve ser por algum motivo.

Arantxa manifestou o desejo de ver sua imagem no espelho do banheiro um dia depois de ter conseguido ficar em pé pela primeira vez desde a fatídica manhã do AVC, ajudada por dois fisioterapeutas. A essa altura já comia e bebia por conta própria, mas nunca sozinha, isso não, por temor de que se engasgasse. Além disso: tinha recuperado a mobilidade da mão direita (a outra ainda estava enrijecida, mas já não tanto como no começo) e pouco a pouco, muito pouco a pouco, fazia leves progressos na fala.

Nutria a esperança de poder andar, pelo menos em casa, de poder um dia ir sozinha até a janela, ou à cozinha, alcançar objetos agora inalcançáveis: ações comuns para os outros; para mim, a glória. E que alvoroço na tarde em que chegou da fisio com a boa nova de ter ficado em pé sozinha por alguns instantes. Celeste, que tinha visto, confirmou aos prantos para Miren.

— Escuta, mas por que você está chorando?

— Desculpe, dona Miren. É que eu rezei tanto para que chegasse esse momento. Não consigo controlar a emoção.

No dia seguinte lhe deram banho, como de costume, as duas juntas. Cuidado, segura, não solta. O de sempre. Secá-la foi muito mais fácil que outras vezes, agora que, sustentada pelos braços fortes da mãe, era possível manter Arantxa em pé.

— Dona Miren, a senhora está chorando?

— Eu? Deve ter entrado água nos meus olhos.

E virou o rosto com o pretexto de concentrar-se na tarefa de enxugar a filha. Enquanto isso Arantxa emitia uma sucessão de ahs. Queria falar, queria dizer. Ahs que formavam uma trilha sonora capenga, tentativa agônica de pronunciar uma frase. Celeste imaginou/entendeu.

— O espelho?

Arantxa assentiu. Sua mãe:

— Quer se olhar?

A mesma resposta. Então Miren pediu a Celeste que tirasse o jornal, e a cuidadora, zás, arrancou rapidamente as folhas coladas com fita adesiva e, por fim, depois de dois anos sem ver o próprio corpo nu, sustentada por sua mãe, Arantxa teve coragem de se olhar no espelho.

Examinou-se com uma expressão grave, apoiada em um pé e nos dedos do outro. Tinha engordado. Sim, sim, bastante. Essas coxas. E tudo, peitos, quadris, barriga, tudo parecia ter deslocado alguns centímetros para baixo. E que pele mais pálida. A mão esquerda, espástica, se apertava contra as costelas. Também não estou gostando dos meus ombros. Nunca tive ombros caídos assim.

Gostou ainda menos do rosto. Sou eu, mas não sou eu. Os olhos sem a vitalidade de antes, meio abobalhados. Uma comissura de lábios ligeiramente mais baixa que a outra e uma falta geral de expressividade nas feições. Os cabelos brancos, tantos. Os sulcos da testa. Há muita preocupação e muita tristeza e muitas noites de insônia acumuladas nestes vincos, problemas e desgostos anteriores ao AVC, mas disso só eu sei.

Miren, às suas costas, lhe perguntou se estava contente. Ela respondeu, sem deixar de olhar-se no espelho, que não. Então triste? Também não.

— Poxa, então como é isso?

Da boca de Arantxa saiu outra trilha dissonante, incompreensível, de ahs.

41
Sua vida no espelho

Chovia. O que vamos fazer? Aos domingos Celeste não costumava ficar com Arantxa, a menos que Miren tivesse viajado à Andaluzia para visitar Joxe Mari.

— Assim não podemos ir a lugar nenhum.

Quatro da tarde. Por causa do mau tempo, não tinham saído de manhã para dar o passeio habitual. Aquilo não era só a chuva. Também soprava um vento dos demônios. Sempre é possível cobrir Arantxa e a cadeira com um impermeável especial comprado para isso, uma espécie de sacola com um orifício para a cabeça e um capuz, e sair nem que seja um pouquinho, para tomar ar, mas isso aí, hoje, mais parece um vendaval.

Miren:

— Ainda bem que fomos à missa ontem.

Sentada na cadeira de rodas, em frente à porta da varanda, Arantxa olhava para a rua. Torrentes de gotas furiosas se chocavam contra os vidros. Tarde cinza, vento ululante e Arantxa entediada/chateada. Escreveu no iPad: "Me leva ao banheiro."

E no banheiro, assim que se viu diante do espelho, pediu com gestos à mãe que saísse dali.

— Antes você não queria se olhar, agora quer ficar o tempo todo na frente do espelho.

Arantxa teclou com um dedo colérico: "Não te devo explicações."

A mãe saiu do banheiro ressentida.

— Pois eu não pedi nenhuma explicação.

Porta batendo. E Arantxa, trancada. Não se importava. Que droga de mãe. Ela está muito enganada se pensa que assim está me castigando. O desejo de Arantxa se chamava solidão. Sua maior vontade era finalmente ficar sozinha, fora do campo visual de aconselhadores, de empurradores de cadeira, de alimentadores, protetores e gente de modo geral solícita que vivia exibindo para ela seus prodigiosos (morro de rir) dotes para a paciência em suas distintas facetas: a paciência-carinho, a paciência-compaixão, a paciência-irritação mal disfarçada, a paciência-rancor por não ter feito o favor de morrer. Que vão todos à merda. Desde a tarde da sua desgraça ela não é mais dona da própria vida. E só queria ficar sozinha, porra,

sozinha. Para se olhar no espelho? Bem, e se for, e daí?

Olhou os próprios olhos, tensa, desafiadora, à espera de que começasse o filme das lembranças, o relato com cenas da sua vida partida. Sim, partida, em cacos como uma garrafa que caiu no chão. E em cada pedacinho, uma lembrança, um episódio, as sombras e figuras dispersas do passado.

Espelhinho, espelhinho, me diz quando, me diz onde, me diz quem. Arantxa lembrou um sábado de 1985. Já viera à sua memória outras vezes. O cara não era nem bonito nem feio, nem alto nem baixo. Ia sempre à discoteca KU, em Igueldo, como ela, e querendo ou não a gente acaba estabelecendo contato visual. Ele costumava ir lá com uns amigos; ela, com as suas amigas. Mas o garoto realmente não lhe interessava. Talvez pela roupa, sei lá, pela maneira de dançar. Meio gorila, sem graça, sem jogo de cintura. O menor sinal de elegância. E aqueles movimentos com a cabeça, por favor! Parecia que estava martelando pregos com a testa. Enfim, mais um no meio daquela tropa dançante e jovem.

Numa dessas tantas tardes, reparou que ele a estava olhando. Outros também a olhavam, e de vez em quando até dançava com algum, agarradinhos. Nesses momentos ela detestava que tentassem fazê-la rir. E olha que todos, pelo menos no começo, ensaiavam algum número engraçadinho. E, sim, havia nos olhos dele uma determinação poderosa, uma fixação de animal predador que lhe agradou, e quando a iluminação mudou e as luzes roxas se acenderam e começou a tocar música lenta, ele veio disparado em sua direção, e ela, parada ao lado do bar, disse que não.

O garoto (23 anos; Arantxa, 19) não insistiu. Tampouco deu sinais de ter ficado aborrecido com a rejeição. Não deu sinais de nada, mas cheirava bem. Continuou examinando-a naquela penumbra violácea com uns olhos quietos e seguros, como se estivesse esperando que Arantxa mudasse de ideia. Ela lhe deu as costas. Um instante depois, quando virou a cabeça, viu-o se afastando pela lateral da pista de dança, sereno e espigado, em direção ao sofá onde seus amigos estavam sentados. Um cheiro agradável ficou flutuando no ar. Voltou a notá-lo uma hora depois, enquanto fazia fila com suas amigas na frente da chapelaria. Quando se virou em busca do foco da fragrância, lá estava ele, bem às suas costas.

— Quem sabe outro dia você resolve ser mais simpática.

Teve um rompante de coragem. Como se atreve este palhaço? E além de tudo, na frente do pessoal e das suas amigas. Não olhou, não respondeu. Ele continuou falando com a boca pertinho da sua nuca. Por um lado, puxa-saco; por outro, impertinente, agindo como se os dois se conhecessem a vida toda. Finalmente trouxeram o casaco de Arantxa. Ela então se virou irada e disse ao garoto, com lábios desdenhosos, que a deixasse em paz, que tinha namorado.

— Não é verdade.

— E como você pode saber?

— Não é verdade porque Nerea me disse.

Isso a desconcertou.

— Você está me espionando?

Respondeu que sim com uma calma provocativa, e ainda disse que tinha certeza de que ela ia se fazer de difícil, mas pouco importava, porque não se daria por vencido assim tão rápido. Ah, está me desafiando? Quem esse frangote pensava que era? Arantxa teve uma enorme vontade de lhe dar um tabefe.

Sorri agora, tantos anos depois, lembrando a cena diante do espelho. As amigas se encontraram na área do estacionamento. Estamos todas? Típico: faltava Nerea, que continuava na entrada da discoteca aos beijos sabe-se lá com quem. Com o grupo finalmente reunido, as amigas se dirigiram para o ponto de ônibus, contentes e falantes. Arantxa foi sentar ao lado de Nerea. Perguntou, e sua amiga lhe respondeu que:

— Ele se chama Guillermo. Mora em Rentería. É um pouco sério, mas muito galã. E não lhe falta um toque de poeta. Quando dança agarradinho, fala umas coisas tão bonitas que parecem tiradas de livros. E, sim, veio me perguntar seu nome e se tem namorado. Parece que está de olho em você.

— Mas, vem cá, se o cara é tão galã por que não ficou com ele?

— Não faz meu tipo. A família é de uma aldeia de Salamanca.

— E o que isso tem a ver?

— Não, nada, mas é como eu digo, para uma dança, tudo bem. Para mais que isso, não.

Ela sim que tinha um toque, não exatamente de poeta, mas de racista e *abertzale*. Depois, as coisas nem sempre vão por onde a gente quer, e às vezes vão exatamente por onde menos deveriam ir, certo, espelhinho?

Chegou o sábado seguinte. As luzes roxas, a música lenta: viu-o se aproximando. Não sei para que se dá ao trabalho se vai ficar de mãos abanando outra vez. E planejou fazer isso, espelho querido, um sábado após o outro, toda vez que viesse lhe pedir uma dança. Imaginou a pergunta, a expectativa refletida em seus olhos, talvez uma recriminação ou um gesto de decepção como desenlace da cena, e no final suas costas de galã fracassado se afastando. O que Arantxa não previu é que o seu perfume chegaria um pouco antes dele.

— Então, vamos dançar?

Sete meses depois o apresentou aos seus pais.

42
O episódio de Londres

Em frente ao espelho do banheiro, no mesmo dia?, talvez outro?, falando sem voz: eu me lembro, ah se me lembro. Essas coisas não se esquecem. Depois do episódio de Londres, os dois combinaram que, certo, primeiro ela ia conhecer os pais dele, filho único, e mais para a frente visitariam a família dela. Guillermo temia/desconfiava, mas principalmente não captava o cálculo estratégico de Arantxa.

— Eu me lavo e faço a barba todos os dias, te respeito, trabalho. Por que você acha que não vão gostar de mim?

— A minha vila é menor que Rentería. Todo mundo se conhece. É melhor introduzir gente nova aos poucos.

— E o que isso tem a ver com a sua família? Vocês não se entendem?

— Não é essa a questão.

— Então não sei do que se trata.

— Vai descobrir assim que entrar no quarto dos meus irmãos e olhar as paredes.

Espera aí. Também não era indispensável conhecer seus respectivos pais e mães, irmãos, tios e tudo o mais. E então? Foi uma ideia/desejo de Arantxa, para dar uma base formal à relação depois do episódio de Londres.

Dentro do cabível, ele tinha se comportado bem. O que não impediu que Arantxa ficasse magoada porque não foi junto com ela. Sim, fiquei sentida, mas ele tinha que trabalhar. Com exceção deste detalhe, em todo o resto foi decente. Pena. O quê? Nada, coisas minhas. Se fosse um canalha, ela o mandaria à merda e economizaria vinte anos de casamento. Os últimos, nefastos. Sim, mas neste caso Endika e Ainhoa não teriam nascido. Bem, bem, de qualquer jeito é tarde para consertar.

Vendo que Arantxa estava apavorada, Guillermo se ofereceu para arranjar uma pessoa de confiança que fizesse a viagem com ela.

— Cara, teria que ser mais da minha confiança que da sua. E, antes de mais nada, quem paga a despesa? Isto vai nos sair os olhos da cara.

Então se abriu com Nerea. Olha, está acontecendo isso assim e assim. A amiga se entusiasmou com a ideia da viagem. Uau, um fim de semana em Londres. *My*

name is, I come from. E, claro, não teve a menor dificuldade para arrancar do seu adorável *aita* — que, afinal de contas era empresário — o *money* para a passagem aérea, a hospedagem no hotel e outros gastos. Estava eufórica, ansiosa para embarcar. Arantxa, preocupação marcada na testa, teve que lhe pedir calma e dizer que:

— Olha, nós não vamos fazer uma excursão.

— Eu sei, eu sei. Pode ficar tranquila. Eu te acompanho e fico o tempo todo contigo.

E pôs as mãos sobre o peito, uma em cima da outra, como uma santa de cartão postal.

— *Hello*, Londres. Sempre sonhei te conhecer.

— Não vai haver tempo para turismo.

— Não faz mal. O importante é poder se gabar de ter estado na Inglaterra.

Ai, a desmiolada e frívola Nerea. Mas Arantxa achava injusto brigar com ela, já que, afinal de contas, fez o favor imenso de acompanhá-la, pagando do próprio bolso (ou do bolso do Txato, que em paz descanse) a viagem e a estadia.

Guillermo assumiu as despesas de Arantxa. Todas? Até o último centavo. A seu favor: não foi preciso convencê-lo. Ele ofereceu um naco de suas economias sem titubear. Porque manias e defeitos, como você bem sabe, espelho, esse homem tem aos montes, mas nunca foi mesquinho, isso não, nem comigo nem com nossos filhos. A verdade seja dita.

Nessa época ele era auxiliar administrativo na Papelera Española. Ganhava um salário modesto, mas o que você quer? Era jovem, não estava amarrado a obrigações familiares e podia economizar, já que morava na casa dos pais, que o continuavam alimentando tal como quando era criança, se é que alguma vez deixou de ser.

Seu pai, que tinha se aposentado naquele ano, trabalhava como peão na fábrica de papel desde o princípio dos anos cinquenta. Lembrava o dia em que Franco, baixinho, de terno e chapéu, foi inaugurar as novas instalações, em 1965. Ele chegou já casado de uma vila da província de Salamanca; conseguiu o emprego na fábrica e lá ficou, em cima de uma máquina até a aposentadoria. Com ficha boa, diga-se de passagem, o que depois facilitou a entrada do filho na empresa.

Uma terceira pessoa, além de Guillermo e Nerea, tomou conhecimento da história de Londres. Sua mãe? Não. Joxian? Ora, esse não sabia de nada. Então? O irmão de Nerea. Arantxa foi falar com ele, morta de medo, pedindo ajuda urgente. Está acontecendo isso assim e assim. E pediu que ele guardasse o segredo, e Xabier, claro, concordou. Em 1985, Xabier ainda estudava medicina em Pamplona. Foi ele

quem fez os contatos, mexeu os pauzinhos, encontrou quem resolvesse para a amiga grávida da irmã tudo o que se referia à clínica de Londres.

Ninguém mais ficou sabendo. Nem a família de Guillermo nem as outras amigas de Arantxa. Nem tampouco, mais tarde, seus filhos. Nunca quis contar a eles. Para quê? E para a sua mãe, nem doida. Só faltava essa. Do jeito que ela era beata.

Nerea viajou na véspera, em um voo regular. Teve algumas horas para vadiar por Londres, ver lugares conhecidos, fazer compras, tirar fotografias e essas coisas. Vantagens de se ter dinheiro e tempo livre. Arantxa, no dia seguinte, tomou um voo fretado junto com trinta ou quarenta mulheres de toda a Espanha que iam a Londres para fazer o mesmo que ela. Algumas não tão jovens (trinta e tantos anos, calculava) e outras na flor da puberdade. Entre elas, uma menina de uns quinze anos, acompanhada por um senhor de cara séria que bem podia ser seu pai.

Arantxa passou um mau bocado na área de retirada das bagagens. Saíam as malas. Uma, outra, outra. A dela não saía. Ai, *ama*. As pessoas que tinham viajado no mesmo avião estavam indo embora, a esteira avançava fazendo um som que parecia cada vez mais sinistro, e sua mala não aparecia. Será que tinham perdido? Ou que algum viajante pegou sem ela perceber? Quando, finalmente, suspiro de alívio, a mala apareceu, Arantxa se encontrou sozinha. Teve bastante dificuldade para se orientar. Consequência: levou um bom tempo para encontrar a saída do aeroporto. Voltou a se sentir sozinha. Pior que isso, perdida. O que fazer? Decidiu, hiperventilando, pegar um táxi. Suas mãos estavam tremendo quando mostrou ao motorista uma folha de caderno onde havia anotado o nome e o endereço do hotel. No trajeto, o motorista falou várias vezes; mas ela, não, quer dizer, nada, de inglês nada. Demoraram tanto a chegar que Arantxa pensou: nossa, vai ver que este negro me sequestrou. E uma voz, por dentro, lhe dizia que o mais provável era que o motorista estivesse dando uma volta para fazer o taxímetro avançar. Por fim, o hotel. Estacionado em frente à entrada, um ônibus de onde desciam algumas garotas que tinham viajado no mesmo avião que ela. Puta que me. Se estivesse mais esperta naquela hora, podia ter economizado o dinheiro do táxi.

Na recepção encontrou Nerea, que a deixou quase zonza contando suas aventuras pelas ruas e lojas da cidade.

— Nere, não me deixa sozinha.

Combinaram que de noite iam dormir na mesma cama.

— Está com medo?

Caramba, que pergunta. Medo? Pouco depois de se deitar, Arantxa, vira para cá, vira para lá, se levantou impulsionada pela vontade de vomitar. Seus pés descalços sobre o velho, puído carpete. Seus murmúrios, lamentos?, no banheiro. O pânico

tinha se infiltrado nos seus ossos. E não era só por causa da intervenção, embora também, mas nem tanto, porque Xabier lhe dera uma série de explicações tranquilizadoras pelo telefone e ela sabia mais ou menos o que a esperava. O problema se agravava com seu completo desconhecimento da língua inglesa. Não se achava capaz de se locomover sozinha em Londres, encontrar os lugares, pedir ajuda em caso de necessidade. Estava pressionada o tempo todo em uma intensa, mais que isso, uma insuportável sensação de desamparo. E, sentada em sua cadeira de rodas diante do espelho, lembra que pensou: imagina se eu me perco, se um carro me atropela, se pego uma infecção na clínica por falta de higiene ou sei lá o quê, se torço o tornozelo descendo uma escada e não posso voltar para casa a tempo, enfim, se, por uma ou outra razão, meus pais ficam sabendo, ou Don Serapio, ou a vila toda, que horror.

E o caso, como veio a descobrir depois, é que sua mãe e a mãe de Nerea, que naquele tempo eram amigas íntimas, foram lanchar no sábado em San Sebastián, como de costume, e falaram de suas respectivas filhas, as duas por acaso viajando, não me diga, com palavras que Arantxa não tinha dificuldade para imaginar:

— Pois Nerea foi para Londres na quinta-feira com uma amiga da faculdade.

— Ah, é? Minha Arantxa está em Bilbao. Foi assistir ontem ao recital de uns cantores, mas não me pergunte quem porque de música moderna eu não entendo nada.

Madrugaram. Nerea desceu para o café da manhã. Arantxa, sem conseguir ingerir alimentos, se conformou com uns goles de água. Que nervos. Na hora marcada, dirigiram-se, uma decidida, brincalhona, a outra com o coração na mão, para a rua onde ficava a sede da organização que cuidava do assunto. Prédios de construção recente ao lado de outros de aspecto antigo; alguns, na verdade, com bastante sujeira na fachada. A organização ficava num desses últimos. Nerea foi a primeira a vê-lo, na calçada oposta.

— É lá, na porta azul.

Quando entraram, caras enviesadas, depois horror puro e simples. Sério. O motivo? É que a escada estreita que levava ao primeiro andar estava cheia de sujeira. Via-se um copo jogado. O que um copo está fazendo na porra da escada? E a mesma pergunta valia para os sacos plásticos, os papéis, uma garrafa, um resto de leite. Que nojo.

— Vou voltar, Nere. Prefiro ter o filho.

— Calma. Já que chegamos até aqui, vamos dar uma olhada, e depois você toma a decisão.

Acarinhou sua cabeça; consoladora e carinhosa, beijou-a na face; em suma,

convenceu-a. Subiram de mãos dadas e aguardaram vez numa sala com várias cadeiras e um sofá com o couro todo rachado e cartazes nas paredes. Arantxa reconheceu uma garota, que na véspera tinha viajado com ela no avião. Pouco depois chegou a menina de quinze anos em companhia do homem sério que podia ser seu pai. Havia mais gente. Inclusive um homem sonolento e sujo, com pinta de drogado. Quando a garota do avião ouviu a conversa delas, perguntou se eram espanholas. E Nerea disse que de Euskadi, e então a outra, sem que ninguém tivesse pedido, contou sua história.

Afinal foram atendidas. Nerea traduziu o melhor que pôde. Arantxa assinou onde lhe instruíram que assinasse. Depois lhe deram um formulário para o médico que a examinaria uma hora depois em uma clínica no centro de Londres. Desceram a escada cheia de lixo. Arantxa, em voz baixa:

— Pode me dizer de que estava rindo com a mulher do escritório?

— Não, é que ela pensava que sou eu que... Você sabe.

Na rua havia um transporte da organização. Cheio de mulheres jovens e seus acompanhantes, o veículo foi primeiro para a clínica, e dali, feitos os exames pertinentes, seguiu com os mesmos passageiros para uma casa na periferia. Era um bairro residencial, de casas baixas com terraço, lareira e jardim. Havia árvores nas calçadas e ruas limpas. Ou seja, nada de subúrbios imundos. Ufa, ainda bem.

O que mais? Mas como você é curioso, espelho. Uma enfermeira risonha, que assassinava o castelhano, recebeu as duas amigas. Arantxa ficou esperando numa sala com móveis modernos e plantas de interior. Ainda se lembra de uma garota com traços asiáticos, outra que parece indiana e várias das espanholas com as quais tinha viajado no avião.

E então, depois de esperar quase uma hora, deram-lhe uma pulseira de plástico com seu nome uma camisola de papel e pediram que se despisse. Chegou o médico, um homem de traços agradáveis, bigode grisalho e maneiras educadas que transmitia serenidade. Doutor Finks era o nome dele. A. Finks. Fez o seu trabalho, e o fez bem e pronto, espelho. Só uma coisa: quando acordei da anestesia, senti umas náuseas mortais; mas como não tinha nada no estômago, não vomitei. E no domingo, no comecinho da tarde, disso também me lembro, havia um ambiente diferente no avião. Todas aquelas mulheres pareciam mais relaxadas e, certamente, muito mais faladoras que na ida.

43
Namorados formais

O episódio de Londres os uniu. Dali por diante, namorados à moda antiga, desses que gostam de andar pela rua de mãos dadas, e algum tempo depois, cônjuges. Ele foi esperá-la no aeroporto com um buquê de flores consolador/carinhoso, acariciante/cortês; usou palavras não de todo cotidianas, em frases melodiosas cheias de ternura sincera, e ela apoiou a testa em seu peito como sinal de que perdoava a inoportuna, a não combinada inseminação.

Trouxe para Guillermo um abridor de garrafa comprado às pressas numa loja de *souvenirs* do aeroporto de Heathrow. O cabo reproduzia uma cabine telefônica vermelha em tamanho reduzido. Anos depois, o tal abridor reapareceu num móvel do apartamento que dividiam. Arantxa não hesitou em jogá-lo no lixo. O troço lhe trazia más lembranças e pode ser que Guillermo, que nunca sentiu falta dele (ou talvez sim, e não se manifestou), sentisse o mesmo.

Cúmplices no segredo, havia um acordo tácito entre os dois de jamais mencionar o episódio do aborto. Mas ele estava lá, sempre esteve lá, flutuando invisível em suas conversas, em seus olhares e, o que é pior, pelo menos para Arantxa, como uma sombra acrescentada à sombra dos seus filhos.

Durante as duas décadas de casamento, Arantxa e Guillermo fizeram várias viagens ao exterior. A Paris, com as crianças, duas vezes; a Veneza, ao Marrocos, a Portugal. A Londres, nunca. Nenhum dos dois propôs, ninguém pensou nisso. E às vezes, não sempre, mas às vezes, conversando com alguma velha amiga que encontrara por acaso na rua, ou fazendo um trâmite administrativo, quando lhe perguntavam quantos filhos tinha, Arantxa parava para pensar. Nada, meio segundo, o suficiente para não errar na conta. Três? Dois.

Com o passar dos anos, o episódio de Londres (como seria hoje aquela criatura que não nasceu?) foi recuando pouco a pouco para os recônditos de sua mente, sem cair por completo no esquecimento. De repente, por causa do AVC, voltou a estar presente em suas lembranças. Castigo de Deus, se é que Deus existe? Caprichos masoquistas de um cérebro que, preso num corpo inerte, se entretinha mortificando-se com histórias do passado? E isso já na UTI do hospital de Palma. Imóvel, entubada, certa noite não conseguiu tirar da cabeça aquela penosa aventura

que ainda agora, sentada em sua cadeira de rodas em frente ao espelho, na casa dos pais, lhe volta à memória sem que possa evitar.

O episódio os uniu. Agora se viam diariamente em San Sebastián. Nas tardes de tempo bom, os dois se sentavam num banco, dividiam um cone de castanha assada ou de amendoim, ou uma caixa de biscoitos ou bombons, e namoravam. Nos dias de chuva, não havia outro remédio senão ir namorar em algum café ou no cinema. Guillermo, que tinha muita lábia, dizia umas coisas lindas no ouvido de Arantxa. Quando davam nove horas, cada um pegava seu respectivo ônibus, e era assim, beijos e carinhos, todas as tardes.

— Docinho, temos que ir pensando em conhecer as famílias um do outro.

— Pois vamos começar pela sua.

— Você fala como se estivesse esperando problemas na sua casa.

— Não, nada disso. É só que vocês são menos, fica mais fácil. Enquanto isso, vou preparando minha família.

Em um sábado, Guillermo (ou Guille) levou-a para jantar na sua casa em Rentería. Quarto andar. Abriram a porta. Angelita: baixa, larga, gorducha, sessenta anos. À guisa de recepção, estampou na namorada do filho dois beijos que eram como duas tortas na cara: rotundos, cremosos, efusivos. Minha mãe nunca me beijou desse jeito. Assim, logo que pôs os pés naquele apartamento, o temor de Arantxa se dissipou.

O pai, mais distante, mas também franco em sua cordialidade. Rafael Hernández, homem simples, tímido, de pantufas quadriculadas e casaco de lã. Arantxa, cautelosa, tratou-o de senhor. Não, pelo amor de Deus! Pediram, solícitos, humildes, que os chamasse de você. E Angelita, querendo ser atenciosa com a convidada, foi lhe mostrar a casa.

— E aqui dormimos meu marido e eu.

Arantxa visitou-os várias vezes antes de apresentar Guillermo à sua família. Por ela, ficaria para dormir de bom grado. E por que não ficava? Não, é que os pais de Guillermo eram muito boa gente, mas, em determinadas questões, um pouco (bastante) antiquados. E ela replicava: Guille, meu bem, mas se nós dois, mas se Londres. E ele: sim, sim, mas por favor, que entendesse a situação. De forma que, de vez em quando, no fim da tarde, subiam o monte Urgull para praticar, com um preservativo, com pressa, com medo de ser flagrados, um coito silencioso atrás dos arbustos, brevemente prazeroso para ele, assumido com resignação por ela, que sempre acabava padecendo nas nádegas os espinhos, as pedras pontudas, a umidade da grama.

O espelho do banheiro lhe pergunta se o amava. Como os meus filhos, não.

Impossível. Mas de certo modo, sim, amava, principalmente no começo. Caso contrário não teria se incomodado de apresentá-lo à sua família. Ela nunca tinha levado um rapaz para casa. Guillermo foi o primeiro. E último. Começou falando dele com a mãe, um dia na cozinha. E quando acrescentou que morava em Rentería e se chamava Guillermo, Miren, que ouvia aquilo sonolenta, sem interesse especial, formou uns vincos de desconfiança na testa e teve que perguntar, ressabiada, se o rapaz não seria guarda civil. Não, auxiliar administrativo numa fábrica de papel. Perguntou se ganhava bem, e a coisa ficou por aí. Nem que bom, nem quando vamos conhecê-lo, nada de nada.

Horas depois, fez a mesma revelação ao pai. Talvez tenha escolhido um mau momento. Joxian estava saindo de casa para ir ao Pagoeta. E não disfarçou a pressa. É possível que quisesse sair antes que Miren voltasse das compras. Joxian não dava a mínima para essas histórias de garotos e garotas, de amores e namoricos. Mesmo assim dedicou um minuto à filha. Quando ela lhe contou, disse que estava contente. E logo a seguir:

— A *ama* sabe*?*

— Mas claro.

— Por que não traz o rapaz um dia aqui, que o levo para jantar na sociedade? Ele anda de bicicleta?

— Não anda de bicicleta, *aita*.

Joxian, aparentemente contrariado, não soube mais o que dizer. Deu um tapinha nas costas da filha, para demonstrar aprovação, meteu a boina na cabeça e saiu de casa.

Arantxa confiava mais no seu irmão mais novo. Quinze anos na época. Muito novo. Ainda assim, precisava de um aliado, e Gorka era o único membro da família para quem ela entreabria de vez em quando as portas da sua intimidade. Arantxa o achava mais sagaz que os pais.

Gorka perguntou, para começo de conversa, como se chamava o garoto.

— Guillermo.

— Guillermo de quê?

— Guillermo Hernández Carrizo.

Ele se ergueu na cama, onde estava lendo.

— É *abertzale?*

— Não se interessa por política.

— Mas, pelo menos, fala basco, não é?

— Nem uma palavra.

— Então Joxe Mari não vai gostar dele.

Arantxa passou o olhar pelas paredes cobertas de cartazes: anistia, *independentzia,* ETA, fotos de militantes da vila presos, propaganda eleitoral do Herri Batasuna.

— Por que acha que ele não vai gostar?

— Você sabe muito bem.

E foi Gorka, quinze aninhos, quem lhe deu a ideia de passear pela vila com Guillermo. Que aparecesse com ele, que fossem dançar juntos na praça um domingo e depois veriam o que aconteceria.

Foi o que fizeram. Entraram num bar, depois em outro. *Kaixo* por aqui, *kaixo* por ali. Percorreram o centro da vila de mãos dadas. E na praça, sob a folhagem densa das tílias, dançaram ao som das canções que uma banda interpretava no coreto. Então Arantxa divisou Josune, que os estava observando a certa distância, fez que não se dava conta e disse no ouvido de Guillermo que:

— Ali em frente está uma garota que sai com o meu irmão. Não se vire. Você vai ver como ela dá um jeito de descobrir quem é você e se fala basco.

Em casa, durante o jantar, Joxe Mari falou da sua partida de handebol. Nem ele, nem seus pais nem, muito menos, Gorka fizeram a menor alusão ao namorado de Arantxa, cuja presença de tarde no baile da praça era com toda certeza, àquela altura, o assunto principal da vila.

Só dois dias depois Joxe Mari enfiou a cabeça cabeluda entre o batente e a porta do quarto da irmã e disse:

— Um passarinho me contou que você está namorando.

Havia uma expressão de riso no seu rosto. Arantxa olhou-o fixamente, como que tentando descobrir algum sinal de hostilidade em suas feições, mas não. Ele continuou no mesmo tom festivo:

— Quem sabe um dia desses eu sou tio.

Várias semanas depois, Joxe Mari foi morar com seus amigos num apartamento da vila. Só então Arantxa teve coragem de levar Guillermo à casa dos seus pais.

44
Precauções

Txato era como era, fechado por dentro, trabalhador como só ele, teimoso. E essa teimosia, que tornava, ufa, um pouquinho difícil o convívio (contrariá-lo?, ai, Jesus!), foi o que lhe permitiu criar a empresa do zero, com mais esperança que capital, ali embaixo, ao lado do rio, num terreno cheio de sarças que tomou emprestado e acabou comprando, e depois manter o negócio em pé e fazê-lo crescer, caramba. Mas essa teimosia também foi, segundo Bittori, a sua perdição, como costumava acusá-lo no cemitério.

— Você podia estar vivo, mas foi muito cabeça dura. Podia ter pagado. Ou então podia ter ido com os caminhões para outro lugar, como tanto dizia mas nunca fez, ainda mais sabendo que eu iria junto.

Ele chegava em casa e não falava nada do trabalho. Se Bittori lhe perguntava como foi o dia, respondia seco, esquivo, invariável, que tudo bem. E ela nunca tinha certeza se tudo bem significava mal ou regular ou se realmente significava bem. Para sondar o estado de ânimo dele, examinava seu rosto em busca de indícios. Txato não gostava:

— O que está olhando?

Segundo a expressão, o brilho dos olhos ou as rugas na testa, Bittori tentava descobrir se o marido estava tranquilo, se tinha preocupações.

— Faz muito tempo que eles não te ameaçam?

— Bastante.

— Acha que te esqueceram?

— Não sei e nem me interessa saber.

Com Nerea em Zaragoza, Txato já não parecia tão afetado pelo medo. Nunca se saberá. Esse homem, dizia Bittori, foi enterrado com uma mortalha de segredos. O fato é que parecia menos angustiado desde que sua filha estava estudando fora. E Xabier? É que este, como não morava mais na vila, ele já considerava fora de perigo.

Em casa, Txato parou de mencionar a história das cartas. Sentia, isso sim, uma forte irritação toda vez que Bittori tocava no assunto.

— Cacete, se não te contei nada é porque não há nada de novo.

Txato, Txatito, repetia Bittori sem que viesse, nem pouco nem muito, ao caso, com mais tristeza que carinho. Esta é a verdade: ele ficou mais sozinho que chinelo de perneta. Os amigos? Não os procurava, não o procuravam. Todos o isolaram enquanto ele também se isolava. Não ia mais jogar baralho no Pagoeta nem jantar aos sábados na sociedade gastronômica. Uma vez, por acaso, topou com Joxian na rua. Os dois se entreolharam, Joxian fugazmente, ele com firmeza e expectativa, esperando não sabia o quê, um sinal, um gesto. E quando passou, Joxian levantou as sobrancelhas à guisa de cumprimento, como que dizendo: olha, eu pararia para falar com você, mas é que.

Txato pendurou a bicicleta. Pendurou para sempre. Um dia levou-a para a garagem e lá continua, pendurada no teto por dois ganchos e duas correntes. Parou de pagar a mensalidade do clube de cicloturismo. Ninguém cobrou. Tampouco lhe enviaram o convite que os sócios recebiam no final da temporada anunciando a data e a ordem do dia da assembleia anual. O certificado, diploma ou seja lá qual for o nome daquilo em que figuram as etapas percorridas e os pontos obtidos apareceu dobrado ao meio na sua caixa de correio. Quem trouxe não se dignou a tocar a campainha. De nada adiantou Txato ter sido, tempos antes, presidente do clube por um período de cinco anos. Que se danem todos. E aos domingos, Bittori, que antes reclamava porque no único dia da semana em que podiam estar juntos ele se mandava com seus amigos cicloturistas, agora tinha que aguentar o mau humor do marido noite e dia.

Txato gostava de ir andando para o trabalho, com sol ou com chuva. Afinal, eram só quinze minutos de caminhada. De bicicleta, menos. A partir do domingo em que fizeram as pichações, só se deslocava no seu velho Renault 21. Ele dizia que era para não obrigar ninguém a desviar o olhar ou atravessar de repente para a outra calçada. Aos sábados de tarde, e isso sim era novidade para ele, ia com Bittori para San Sebastián. Assistiam à missa, lanchavam juntos no mesmo café da Avenida da Liberdade que Bittori costumava frequentar com Miren quando eram amigas. E às vezes acontecia com ela e com o Txato que alguns conhecidos que na vila não os cumprimentavam vinham dizer oi e até paravam para conversar um pouco com eles, que dia bonito, hein?, em San Sebastián.

Txato tomava suas precauções. Bobo não era. Para começar, nunca estacionava o carro na rua. Bittori:

— Nem pensar.

Tinha garagem própria. E mesmo assim, antes de entrar, se agachava para examinar o carro por baixo. Mais tarde pensou em colocar umas placas de madeira em volta do veículo, amarradas com uns cordões de tal maneira que se alguém,

depois de conseguir entrar na garagem, coisa difícil, tivesse mexido ali, nem que fosse por alguns milímetros, ele perceberia. Na empresa, reservou um espaço no estacionamento dos caminhões que ele podia observar pela janela do escritório.

A garagem tinha um problema. É que ficava após a esquina, na casa contígua à sua. Isto o obrigava a dar uns quarenta ou cinquenta passos entre a garagem e o portão. Foi nesse curto trajeto que o mataram numa tarde chuvosa; mas como dizia Bittori sentada na beira do túmulo:

— Mataram você lá, foi sim, mas podia perfeitamente ter sido em outro lugar. Porque esses aí, quando querem caçar alguém, não descansam até conseguir.

No começo, apagava com uma brocha as frases que escreviam na porta metálica da garagem. Providenciou um balde de tinta branca para isso; mas era inútil. No dia seguinte voltavam a pichar. Txato *faxista,* opressor, ETA vai matar. Nesse nível. Afinal se acostumou a não olhar as pichações. E também mijavam na sua porta e ficava um fedor forte de urina.

Leu num jornal que as potenciais vítimas com hábitos fixos eram as mais desprotegidas. Ou seja, alvo fácil. Durante uns meses optou por não sair de casa dois dias seguidos à mesma hora. Mudava, também, de rota. Voltava à uma, à uma e meia ou às duas para almoçar, ou comia no escritório algo que Bittori tivesse lhe preparado. No fim do dia, terminava a jornada de trabalho às oito ou às nove, nove e meia ou dez, depende. O horário irregular o tirava do sério, ele que se gabava de trabalhar com a exatidão de um relógio. E quando viu sua filha em segurança estudando em Zaragoza, e também porque os meliantes que queriam infernizar sua vida diminuíram a perseguição, acabou voltando para a rotina e os hábitos de sempre, exceto quando o ETA cometia um assassinato, e então, forçado por Bittori, ele aumentava outra vez, durante um tempo, as precauções.

Uma coisa que fazia com frequência era puxar um pouquinho a cortina da janela da cozinha ou a da porta da varanda para examinar discretamente a rua. Observava com um olho cauteloso, tomando cuidado para que Bittori não notasse. É que ela se zangava. Mas como? Achava que assim ele manchava a cortina e a persiana com os dedos.

Anos depois, no cemitério:

— Essa gente não ficava parada ali na frente do portão. Nunca te ocorreu que quem te vigiava era um vizinho que também puxava a cortina da casa dele para anotar suas entradas e saídas e depois ia correndo contar a historinha toda para os terroristas? Não me surpreenderia que fosse outro porco que também não lava as mãos antes de se sentar para comer. Bom, nem antes nem depois. E, claro, alguém conhecido e até, se quiser saber, alguém que nos devia algum favor.

45
Dia de greve

Tinha sido assassinado num hotel de Madri, na hora do jantar, o deputado Josu Muguruza, de 31 anos, eleito pelo Herri Batasuna. Então, greve geral. Apoio moderado nas cidades grandes. Nas vilas, não há escapatória. Tudo fechado (lojas, bares, oficinas) ou aguardem as consequências. Do alto da ladeira, Txato divisou alguns funcionários seus ao lado da grade, onde estava pendurado o mesmo cartaz das outras vezes. Eram três. Andoni, brinco na orelha, e mais dois. O resto ficou em casa. Alguém telefonou na noite anterior, Txato, farto dessa gente que liga para esculhambar e ameaçar, explorador fascista, filho da puta, pode ir fazendo o testamento, ficou na dúvida se devia atender ou não. Afinal atendeu porque podia ser Nerea ligando de Zaragoza, nunca se sabe, mas não. Um funcionário queria lhe comunicar em tom respeitoso que preferiria ir trabalhar.

— Se quer trabalhar, por que não vai?

— Não, sabe, é que os outros...

De manhã cedo, quando desceu do carro diante da grade, Txato já sabia com que propósito aqueles três estavam lá montando guarda. Frio, grama coberta de orvalho e a neblina matinal que sobe do rio e fica flutuando durante horas na baixada. Olhou-os com desconfiança.

— O que foi?

Andoni, expressão turva, queixo desafiante:

— Hoje ninguém trabalha.

— Ninguém trabalha, ninguém recebe.

— Vamos ver quem sai perdendo.

— Saímos perdendo todos.

Uma vez Txato tinha tentado despedir aquele valentão, que era um mecânico medíocre, além de perigoso. Andoni rasgou a carta de demissão na cara do chefe sem se dar ao trabalho de ler. Horas depois apareceu na empresa acompanhado de dois indivíduos que se identificaram como membros do sindicato LAB. As ameaças chegaram a tal ponto que Txato não teve mais remédio senão readmitir aquele bandido cuja mera presença lhe dava um nó nas tripas.

Os três grevistas se aqueciam em volta de um barril metálico. Lá dentro ardiam

tábuas, galhos, pedaços de pau. Txato reclamou por terem se apropriado de um barril que não era deles. E as tábuas, nem se fala. Na claridade fraca, o sol ainda atrás do morro, o fogo avermelhava seus rostos. Txato: cara de brutos, de ressentidos sociais que mordem a mão que lhes dá de comer. Bittori:

— Sim, mas sem eles quem vai dirigir os caminhões, quem vai consertar?

Txato pediu/mandou que tirassem o barril porque queria abrir a grade. Andoni repetiu, áspero, cortante, que ninguém trabalhava. Os outros dois ficaram em silêncio. Coibidos? É que é muito grave impedir a entrada do patrão. E por trás de Andoni, que os comandava, empurraram, olhos baixos, o barril para um lado.

O líder se zangou:

— O que estão fazendo? — Será que não enxergava bem? E acrescentou, mordendo com raiva, com ódio?, as palavras: — Bem, mas *os caminhões, não vai sair nem entrar nenhum*.

Txato foi para o escritório. Pela janela, esticando o pescoço, dava para ver os três do piquete. Eles combatiam o frio saltitando, soprando as mãos. Soltavam bafos de vapor, conversavam, fumavam. Desgraçados. Encheram os miolos deles de palavras de ordem. Bonecos manipuláveis, ansiosos para obedecer. Como ficaram agradecidos quando os contratou! E Bittori:

— Você contrata gente daqui para que os salários não voem lá para fora.

Pois deu o emprego a esse Andoni de merda só porque uns conhecidos vieram com pedidos e rapapés para Bittori, e que por favor e coisa e tal. Se eu soubesse!

Sem perder tempo, ligou para vários clientes informando a situação. Que sentia muito e que por favor compreendessem. Depois, mais calmo, mas ainda com raiva, deu novos telefonemas, fez alterações na agenda, combinou novas datas, teve que cancelar (puta que o pariu!) um serviço importante, instruiu pelo telefone os motoristas que iam voltar nesse mesmo dia que estacionassem os caminhões em algum espaço livre no parque industrial. E Txato, ao ver que tinham se somado mais dois funcionários aos grevistas que estavam ao lado da grade, entre os quais o solícito que havia ligado na noite anterior, achou que isso não pode continuar assim, tenho que fazer alguma coisa, estes caras não vão me impor a vontade deles.

Confirmou pelo telefone que os ônibus não estavam circulando por causa da greve. Por volta das nove e meia da manhã, pediu um táxi. Vestiu o casaco e, sem apagar a luz para parecer que continuava no escritório, saiu do galpão por uma porta traseira que dava para o rio. Um pouco além, antes de chegar à ponte, começa um caminho que segue até a estrada. Não teve que esperar pelo táxi nem cinco minutos. Antes das dez chegou ao bairro de Amara de San Sebastián.

Surpresa: quem abriu a porta foi a mulher que Bittori detestava. Dizia que ela era

uma simples (separava as sílabas: sim-ples) auxiliar de enfermagem. Ao mencionar a profissão da amiga/companheira/amante do filho, franzia o nariz, levantava ligeiramente a comissura dos lábios.

— Médico com médica, enfermeiro com enfermeira.

E depois começava a tecer comentários adversos: não tem gosto para se vestir, é pedante, abusa do perfume. Era difícil para ela disfarçar a antipatia que sentiu por Aránzazu desde o primeiro instante. E sua aversão aumentou até chegar às raias da repulsa quando soube que era divorciada e, ainda por cima, mais velha que Xabier.

— Esse moleque, será que está precisando de uma segunda mãe? Não vê que essa espertinha quer se aproveitar da posição e do salário dele?

Para Txato, tanto fazia. Se é a mulher que seu filho escolheu, então é essa.

Não esperava encontrá-la no apartamento de Xabier.

— Estou incomodando?

— Não. Entre, entre.

Perguntou pelo filho. Que já vinha, que estava tomando banho. E Aránzazu, descalça e sumariamente vestida. Moravam juntos? Para Txato dava no mesmo. Sua teoria: os filhos, que sejam felizes; o resto é secundário. Mas Bittori:

— Você quer que sejam felizes só para te deixarem em paz.

— E se for isso mesmo, e daí?

Ouvia-se o som de um secador de cabelo, as unhas dos pés da mulher estavam pintadas de vermelho escuro, e na parede havia um quadro a óleo da baía de San Sebastián, assinado por um tal Avalos. Xabier tinha sugerido mais de uma vez ao pai que investisse em arte, mas é que eu não entendo dessas coisas, filho.

Txato perguntou se no hospital também estavam de greve.

— Greve? Não que eu saiba. — E quando Xabier, de roupão branco, entrou na sala: — Você ouviu falar de alguma greve?

— Não.

— É que os empregados do seu pai não foram trabalhar hoje.

Txato confirmou. Pai e filho se abraçaram, Xabier cheirava a água de colônia e disse num tom sarcástico que:

— Esta tarde tenho que operar. Esperemos, pela saúde do paciente, que nenhum piquete de grevistas apareça na sala de cirurgia durante a operação.

O pai não riu da brincadeira. Ao contrário, franziu o cenho, olhou duro, calou-se severo.

— O que foi, *aita?*

— Nada.

Aránzazu, intuição feminina, disse que ia sair para que eles pudessem conversar à

vontade. Que por favor lhe dessem cinco minutos, que não precisava de mais tempo para se vestir. Xabier deixou escorrer por entre os lábios um mas meio boboca, como um fio de saliva:

— Mas...

Txato propôs/pediu a Xabier que se sentassem no bar da esquina, onde ele estaria à sua espera. No bar faltava intimidade, sobravam ouvidos e, além do mais, Xabier não queria beber nada. Então ficaram andando pelas ruas próximas. Em busca de árvores e tranquilidade, chegaram ao passeio da Árvore de Gernika e o percorreram, sem parar de falar, até a ponte de María Cristina, de onde voltaram para o ponto de partida.

— É melhor a *ama* não saber que vim aqui. Mas, olha, do essencial ela está a par. Outros detalhes, contudo, eu guardo para mim. Não quero que ela se preocupe com problemas que talvez possam ser solucionados, por isso eu queria conversar com você a sós. Você é um homem de boa cabeça. Vai poder me aconselhar.

— Claro, *aita*. De que se trata?

— As coisas estão ficando pesadas para o meu lado lá na vila.

— Não me diga que voltaram a te atacar com pichações.

— Ultimamente têm me deixado em paz. Afinal se deram conta de que não sou um empresário forrado de milhões como pensavam. Ou pode ser que umas conversas recentes tenham acalmado a voracidade dessa gentinha.

— Que conversas? Não me contou nada.

— O que você quer, que eu publique nos jornais? Por intermédio de um conhecido, marquei um contato com eles na França. A ideia era explicar minha situação financeira, mostrar que me comprometi em investimentos e pedir uma prorrogação ou que me deixem pagar a prazo. Ouvi dizer que outros fazem assim e que esses bandidos são receptivos se você demonstrar vontade de pagar.

— Antes você era contra.

— A favor não sou, cacete, mas o que você quer, que me sequestrem?

— O que eles disseram?

— Fui ao encontro. Cheguei pontualmente, você me conhece. Não gosto de fazer ninguém me esperar. Quem esperou fui eu. Mais de uma hora e meia. Não veio ninguém. Parece que, desde aquela história dos GAL, eles andam muito desconfiados. Sei lá se algum policial à paisana não me seguiu sem que eu percebesse e eles o reconheceram. Pedi outro encontro. Negaram. Que sacanagem! Agora acho que podem ter visto a minha boa intenção e, por isso, me deixam em paz por ora, enquanto se ocupam de perturbar a vida de outros. Mas eu tenho que fazer alguma coisa, Xabier. Na vila estou muito exposto. Esta manhã mesmo três

imbecis pararam a empresa. Que coisa. Os próprios empregados decidem se é dia de trabalhar ou não. Não tenho a menor dúvida de que algum deles informa à organização cada passo que eu dou. Lembra de Andoni, o sobrinho de Sotero? Esse é o pior. Muito mau caráter.

— O que está esperando para mandá-lo embora?

— Algum dia, quando o ambiente se acalmar.

— Olha, *aita,* se você é empresário, não pode se misturar com a classe trabalhadora. Não sou classista, mas o que mais posso dizer? Qualquer pessoa que não simpatize contigo ou que tenha inveja de você pode te prejudicar. Nem precisa muito esforço, porque você está ao alcance da mão. Quem sabe passa todo dia pela porta da casa dele. A *ama* e você deveriam morar em outro lugar e ir à vila só de visita ou para trabalhar. Fazem pichações nas paredes? Pois que façam. Se você não estiver lá para ver... E quem faz pichações também faz qualquer outra maldade.

— Eu iria, mas sua mãe...

— A *ama* também. Ela já insinuou isso uma vez. Eu ouvi. O problema é que vocês não se comunicam.

— Pois desde que parei com a bicicleta e o carteado no bar, passamos mais tempo juntos do que nunca. Quase não saímos. Eu vou de casa para o trabalho e do trabalho para casa, e ela deixou de fazer as compras na vila.

— Isso não é vida.

— É a vida que temos. Podia ser pior. Meu pai lutou na guerra contra Franco. Destroçou uma perna e passou três anos na cadeia.

— E você tem certeza de que toma precauções?

— Quanto a isso, pode ficar tranquilo. Se quiserem me fazer algum mal, tem que ser fora da vila. Lá dentro eu ando com toda tranquilidade.

— Afinal como é que é? As coisas não estavam ficando pesadas lá?

— Sim. Eu adoraria levar a empresa para um lugar mais tranquilo. Para La Rioja, para Zaragoza, mas é complicado. Quase todos os meus clientes são desta área. Toda semana tem alguém precisando de um serviço urgente. Desses superurgentes. E se você está longe, não há o que fazer. Então chamam outra transportadora, tchau e bênção.

— Outra possibilidade é que você abra uma filial e vá transferindo o negócio aos poucos.

— Precisaria de um sócio, alguém de confiança para contratar funcionários lá ou cuidar da empresa aqui. Eu não posso estar em dois lugares ao mesmo tempo. O ideal seria achar uma solução mais fácil e que não leve muito tempo.

— Fecha a empresa, vende, passa a viver das suas economias.

— Você está louco? A empresa é a minha vida.

— Então só vejo uma solução. Se concordar, eu os ajudo a encontrar um apartamento e vocês vêm morar em San Sebastián. Na cidade estarão mais protegidos. E, afinal de contas, qual o problema?, se de qualquer maneira você vai para o trabalho de carro.

— Um apartamento é uma despesa alta. Estou pensando que sua mãe não...

— Quer que eu procure, sim ou não?

— Está bem, procura. Depois vemos.

46
Um dia chuvoso

No dia em que Txato foi assassinado, estava chovendo. Dia de trabalho, cinzento, desses que parecem não ter fim, em que tudo é lento, tudo está molhado, e a manhã e a tarde são iguais. Um dia normal, com os picos das montanhas que cercam a cidade cobertos de nuvens.

Txato chegou cedo ao escritório. Cedo? Sim, mais ou menos às seis, ainda escuro. Havia um calendário de bloco em cima da mesa, ele arrancou a folha correspondente, leu atrás. Depois escreveu numa página da agenda o número de dias que estava sem fumar: 114. Estava orgulhoso de associar sua perseverança a uma longa coluna de números, e Bittori, feliz porque não deixava a casa cheia de fumaça como antes, as cortinas amareladas e um cheiro horroroso nas paredes, nos móveis, no ar que respiravam.

Txato não sabia, como podia saber?, que via coisas, realizava tarefas, tinha pensamentos pela última vez. Para ele, amanheceu pela última vez. Também pela última vez realizou ações cotidianas. Pegou/tocou/olhou objetos durante a última manhã da sua vida.

Indo da casa para o trabalho, tomou as precauções habituais. As placas de madeira e os cordões em volta do carro, isso era visível a olho nu, estavam como ele costumava deixar. Foi por umas ruas em vez de outras, olhando volta e meia pelo retrovisor. E, sem saber, quase frustra o atentado que estava sendo preparado contra ele. Tinha um almoço de trabalho com um cliente em Beasain, mas, por volta das dez da manhã, esse cliente ligou para dizer que tivera um imprevisto e pediu que deixassem a reunião para outro dia.

— Claro, sem problema.

E Txato no fundo gostou, porque não queria viajar com um tempo tão ruim e estradas em condições tão precárias. Então, decisão fatídica, voltou ao plano habitual, que era conhecido pelos encarregados de executá-lo. Telefonou para Bittori avisando que ia almoçar em casa, foi, comeu e depois nunca mais almoçou.

Dentro da garagem, depois de desligar o motor, Txato ainda ficou um minuto ou dois sentado atrás do volante, para ouvir o final de uma música que estava tocando no rádio e ele adorava. E desceu, dispôs as placas e cordões, e via tudo ao

seu redor sem desconfiar que nunca mais iria ver novamente: as latas de tinta enfileiradas numa prateleira, a bicicleta pendurada no teto, as garrafas de vinho, os pneus sobressalentes, ferramentas e umas velharias, não muitas, encostadas ao longo das paredes para dar espaço para o carro no centro. Saiu da garagem cantarolando baixinho a canção que tinha acabado de ouvir. Fechou a porta de metal. Estava chovendo forte. E ele sem guarda-chuva, mas para quê? Afinal, eram só uns quarenta, cinquenta passos até seu portão.

Então o viu, corpulento, largo, parado na esquina. Como não vê-lo se, com aquele tempo horrível que estava fazendo, não havia uma alma na rua? Apesar de estar com o capuz levantado, reconheceu-o. Pelo jeito, pelo corpo volumoso, por qualquer coisa, e foi até lá, atravessando a rua, falar com ele.

— Rapaz, Joxe Mari. Você voltou? Que bom.

Aqueles olhos, aqueles lábios apertados, aquelas feições tensas. Trocaram olhares rapidamente, e no de Joxe Mari havia uma mistura de dureza/perplexidade, inquietação/estupor. Estava chovendo sobre as cabeças dos dois, e as lajotas da calçada eram de cor cinza. Faltavam algumas. Nos buracos se acumulava uma água escura, e subiam uns fios elétricos pela fachada da casa.

O sino da igreja bateu uma hora justamente quando os dois estavam se olhando. Ficaram frente a frente por um instante, imóveis, mudos, Txato esperando que Joxe Mari dissesse alguma coisa, Joxe Mari paralisado, com as mãos nos bolsos do casaco. De repente, desviou o olhar; de repente ia falar, mas não falou; de repente virou-se e, com passos rápidos, quase correndo, desapareceu rua abaixo, deixando Txato parado na esquina, querendo falar, querendo fazer-lhe perguntas.

Na cozinha, enquanto tirava os sapatos, para Bittori:

— Por que não acende a luz?

— Para quê, se dá para ver?

— Imagina quem acabei de encontrar na rua. Você pode passar o mês inteiro tentando adivinhar e não vai conseguir.

Uma panela soltava vapor, um bife chiava na frigideira. A única luz que havia na cozinha era o cinza desbotado que entrava pelo vidro da janela coberto de gotas de chuva.

Bittori, de avental, ocupada na frente do fogão, surda para as palavras do Txato:

— Quer que eu frite um pimentão ?

— Vi Joxe Mari.

Ela se virou, como se alguém tivesse enfiado uma agulha em suas costas, de olhos arregalados.

— O filho deles?

— Quem podia ser?

— Vocês se falaram?

— Eu, sim. Ele foi embora sem falar comigo, mas faltou isso — e fez como se estivesse apertando uma partícula entre as pontas do indicador e do polegar — para me cumprimentar. Acho que levou uns instantes para lembrar que a família dele não fala com a gente. Está forte como sempre e com a mesma cara de bobo.

Comiam, bebiam, sentados frente a frente. Txato mastigava fazendo barulho. Disse que estava contente por não ter ido a Beasain com aquele tempo. Bittori não ficou tão contente.

— Bem, se você fosse, eu não teria este trabalho. Porque para mim mesma eu não cozinho. Ainda bem que tinha carne no congelador.

— Mulher, se é por isso, podíamos ter ido a um restaurante.

— Para quê? Para nos olharem de cara feia?

— Não tem que ser um restaurante da vila.

— Ora, muita despesa.

Depois de um tempo, Bittori voltou ao assunto anterior. Estava com duas rugas desconfiadas entre os olhos.

— Mas ele é do ETA, não é?

— Quem?

— Quem pode ser? Você não acha estranho que um membro do ETA ande assim tranquilamente pela cidade, quando o mais normal seria que não quisesse ser visto pela polícia? Me diz uma coisa. Ele estava com um guarda-chuva?

— Guarda-chuva? Deixa eu pensar. Não. O que estava usando era o capuz na cabeça. Mas já disse que falei com ele. Quer dizer, não estava escondido nem nada assim. Deve ter vindo ver a família.

— Tem certeza de que não estava te vigiando?

— Como diabos ia estar me vigiando? Não te disse que eu estava ali na frente dele como estou agora na tua frente? Que maneira de vigiar é essa? E se ele quisesse me fazer alguma coisa, por que foi embora se eu estava ali à disposição?

— Bem, não sei, não gosto dessas coisas.

— Ora, ora. Se você disputar o campeonato mundial de desconfiança, vence de goleada. Quanto sorvete eu paguei no Pagoeta para esse garoto quando era criança! Pena que tenha ido embora, porque, se ele realmente é do ETA, porra, eu teria alguém lá dentro que poderia me pôr em contato com os chefes para explicar como estão minhas finanças.

Acabaram de almoçar, e essa foi a última refeição da vida de Txato. Depois Bittori foi lavar a louça. Ele disse que ia tirar um cochilo. Deitou vestido, em cima

da colcha; ficou mais de uma hora na cama, e essa foi a última vez que dormiu.

47
O que houve com eles?

Era o mais frouxo dos três. Miren, ríspida:

— O mais frouxo, não. O frouxo.

Koldo, sempre atrás, desde pequeno, aquele que passa a vida andando na sombra dos outros. Ele os delatou no quartel de Intxaurrondo.

— Senão, o seu filho e Jokin estariam aqui conosco, é o que eu digo, incendiando de vez em quando uma lixeira, certo, mas não entrariam na luta armada. Que levou uma surra? Como tantos outros, sabe, que aguentaram as porradas e os afogamentos sem abrir o bico.

Miren tinha uma birra enorme com aquele garoto. Ficava com a respiração acelerada só de ouvir o seu nome.

Joxian, por sua vez, não conseguia engolir era o pai dele, seu colega de trabalho na fundição. Os dois tinham compartilhado turnos ao pé do forno durante muitos anos e vertido centenas de vezes, ombro a ombro, o metal líquido nos moldes. Herminio, um emigrante da Andaluzia, assimilado, que veio para a vila quando era jovem para não morrer de fome, se casou com Manoli, uma basca da roça, ingênua e grandona, e com isso já se considerava mais basco que Deus. Fala basco? Sim, *kaixo, egun on* e paramos aqui. Desses havia aos montes, e por culpa do filho dele, um banana, o seu estava agora só Deus sabe onde, arriscando a vida, sem profissão, sem futuro, sem família, e o coitado do Jokin nem te conto.

Um operário se aposentou. Herminio foi colocado no lugar dele para polir as peças, limar as rebarbas e essas coisas. Desde então, ele e Joxian se viam menos. É que Herminio também não era de ir jogar cartas no bar com os amigos (amigos, ele?), nem de andar de bicicleta, nem sequer de ter alguma vida social. Ou estava na fundição, coberto de poeira, ou encadernando livros em sua casa para ganhar um extra. Mas, para dizer a verdade, com a bronca que Joxian tinha dele, era melhor nem aparecer.

Às vezes, durante os intervalos do trabalho, um dos dois ia até os fundos da fundição para fumar um cigarro e encontrava o outro.

— Soube de alguma coisa?

— Nada.

Sempre a mesma pergunta, sempre a mesma resposta. Não costumavam falar mais do que isso, e mesmo esse pouco era só se não houvesse colegas por perto. Conversavam sobre futebol, pelota basca, qualquer assunto que não fosse política e os seus filhos ausentes, ou então ficavam em silêncio lado a lado, soltando baforadas de fumaça com o olhar fixado nas montanhas em frente.

Houve uma época em que Herminio deu para fazer brindes com seu vinho barato de caixa toda vez que o ETA cometia um atentado mortal. Uma tarde, na presença de outros colegas, Joxian chamou sua atenção:

— Ora, Herminio, não brinca, que isso não é um jogo.

Em casa, Miren:

— É um bobalhão.

— Tenta ser engraçado e não consegue.

Um dia, na hora do cigarro, os dois se encontraram em frente ao portão. Macacões encardidos, rostos vermelhos, botas enegrecidas.

— Sabe de alguma coisa?

— Nada.

— Nós, sim.

Viu a alegria em seus olhos, o desejo de contar, os dentes amarelos, um deles revestido de ouro. Sussurrante, confidencial:

— Está no México, refugiado.

— Como você sabe?

— Escreveu uma carta para minha irmã que mora em Córdoba, e foi assim que descobrimos.

— Disse alguma coisa sobre Joxe Mari?

— Não menciona. Se você quiser, Manoli lhe pergunta. Ela vai para lá no verão.

Joxian deu de ombros. Decepção. Faltavam cinco meses para o verão. O que Koldo ia saber sobre o seu filho a essa altura? O outro foi ao ponto:

— A viagem custa os olhos da cara. Por enquanto, pensamos que ela é que deve ir, levando roupa e o que mais for preciso. Ele está longe, mas pelo menos fora de perigo. Finalmente vamos poder dormir tranquilos.

Só faltou sair dançando. Joxian foi direto do trabalho para casa, levando as novidades para a esposa. Meu Deus, por que não ficou quieto! Fazia muito tempo que não via Miren chorar com tanta amargura. Como soluçava, puta que pariu. E jogou o avental contra um calendário na parede. Lamentos, gemidos, raiva/tristeza, dor/dor. Por que tinha que acontecer logo com eles, onde estará, quem vai cuidar dele se ficar doente. E Joxian: que não gritasse, cacete, que iam ouvir da rua.

— Podem ouvir à vontade. Muito espertinho esse Koldito, aquele que deu os

nomes dos outros e agora está a salvo. Tomara que seja mordido por uma cobra dessas que tem lá no México.

— Está bem, está bem.

E de noite, Miren, no escuro da cama:

— Estou torcendo para que a polícia pegue logo Joxe Mari e acabe com isso de uma vez. Não paro de rezar para Santo Inácio. Que a polícia francesa o prenda. A espanhola não, hein? Que fique preso por um tempo, longe de confusões, e depois que o devolvam. O que você acha?

— Eu também. Mas você ficava chateada quando eu falava isso.

— Você tem ideia do que sente uma mãe?

— E o que um pai sente, não conta?

No dia seguinte, mais calmos, descobriram que concordavam que o exílio era preferível ao destino de Jokin. O que houve com ele? Bem, perdeu o rumo. Em 87, foi para o meio do campo e se matou com um tiro. Passaram-se semanas até que um pastor de ovelhas o encontrou por acaso, num terreno na província de Burgos. Estava irreconhecível, em estado avançado de decomposição e já meio comido pelos vermes. Portava uma carteira de identidade falsa. A Guarda Civil conseguiu identificá-lo pela foto. O ETA desmentiu a versão oficial num comunicado. Uma multidão se aglomerou na praça da vila para receber o caixão envolto numa *ikurriña,* e estava chovendo. Sempre chove nessas horas. Miren:

— Que bobagem.

Pois Joxian achava que sempre chove quando se realiza alguma celebração desse tipo. A igreja, lotada, com público em pé porque não havia lugar para todos. Muita gente de fora e políticos. Na sua homilia, Don Serapio com visível dificuldade de conter a emoção, disse: "espero que a trágica morte do nosso amado Jokin seja esclarecida algum dia." E depois uma longa fila de guarda-chuvas subiu até o cemitério. Cantaram o *Eusko Gudariak* diante do túmulo, gritaram *goras* ao ETA e promessas de vingança, e enfim desfilaram todos em direção à saída, e para trás só ficaram as coroas de flores e o silêncio das cruzes sob a chuva.

Josetxo deixou o açougue fechado por vários dias. Nunca superou a perda do filho. Alguns meses depois recebeu um diagnóstico de câncer. Durou um ano.

Joxian:

— Para mim foi a morte de Jokin que provocou essa doença. Um homem tão forte, tão saudável. Senão, não dá para entender.

Uma semana depois do enterro, empurrado por Miren, foi vê-lo pela primeira vez no açougue. Abraço, lágrimas, soluços. Como era corpulento Josetxo. E quando o açougueiro se acalmou, conversaram cara a cara, sentados na parte dos fundos, e

Joxian lhe perguntou sem rodeios que diabos havia acontecido.

— Todo mundo mente. A polícia mente, mente a esquerda *abertzale*. Todo mundo mente, Joxian, juro. A verdade não serve para ninguém.

Estava arrasado. E Juani, sua esposa, também, apesar de consolar-se rezando. O que Josetxo lhe contou nessa tarde, no açougue, Joxe Mari iria confirmar alguns anos depois, em um *vis-à-vis* na prisão de Picassent. Pois bem, é que a polícia francesa capturou Potros numa casa em Anglet, escondido debaixo da cama. Pegaram com ele uma mala e nessa mala havia mais de quinze quilos de documentos, entre os quais uma lista com centenas de nomes e dados pessoais de militantes ativos. Mas que chefinho do caralho! Merda, pegaram o Santi. Foi o que disseram, vazamento dos vazamentos, no noticiário da rede SER algumas horas depois. E, claro, houve uma debandada geral e perdas até dizer chega. Jokin ficou paranoico. Josetxo relatou o caso à sua maneira:

— Ele achou que estavam atrás dele, nessa hora se viu sozinho no apartamento de segurança e entrou em pânico. Os companheiros do *talde* o perderam de vista, e só apareceu algum tempo depois. Tinha se matado.

E Joxe Mari, no parlatório da prisão, sussurrando em basco, confirmou a história.

— Pois me disseram que andava esquisito havia algum tempo. Achava que tinham escondido microfones até no chuveiro. Alguém me contou que ele examinava as roupas pelo lado de dentro. Não confiava em ninguém. Agora, nenhum de nós imaginava que ia terminar como terminou. Foi uma porrada, *aita*. Fiquei arrasado. E se você quer saber a verdade, depois disso, perdi um pouco o entusiasmo pela luta.

48
Turno da tarde

O dia inteirinho chovendo, e tinha que trabalhar de tarde. Ele se debruçou na janela quase na hora de sair para a fundição. Céu nublado, a rua molhada, pouco trânsito e uma única nuvem ocupando todo o céu, tão baixa que, às vezes, ficava presa no para-raios da igreja.

Joxian nunca teve carro nem carteira de motorista. Ia para o trabalho a pé ou de bicicleta. Não com a bicicleta boa, lógico. Nos dias úteis usava uma velha que não precisava de muitos cuidados, com um cesto atrás e para-lamas. Miren lhe avisou que ia se atrasar. Ele olhou preocupado para o relógio. Que tarde que nada, ainda faltava meia hora. Chamou-a de apressadinha. Beijo de despedida? Não tinham esse costume. No vestíbulo, parou em frente ao armário embutido. Dilema: uma capa tipo poncho ou o guarda-chuva. O primeiro significava bicicleta; o segundo, vinte minutos pela estrada ladeira abaixo até a fundição. Escolheu o guarda-chuva.

E foi, pouca gente na rua, e bateu o ponto como todo dia e pôs o macacão, as botas, as luvas, o capacete e entrou no calor do galpão escuro. Não eram dias prósperos para a empresa. Nem para ela nem para o setor metalúrgico em geral. Sem estar a par das complexidades do negócio, ele percebia isto. Antes se produzia mais, chegavam mais pedidos, havia mais pessoal. Cuidado. Faltavam poucos anos para a sua aposentadoria. Sua ampla experiência como operador de forno o tornava praticamente imprescindível, ou pelo menos era o que pensava. Um futuro pior aguardava os jovens se, como se dizia, os donos fechassem a empresa. Ele, afinal de contas, já tinha os filhos crescidos e uma pensão assegurada.

Um motorista de caminhão trouxe a notícia no meio da tarde. Mais exatamente, um pedaço de notícia que tinha acabado de ouvir no rádio enquanto dirigia. Fato, hora, lugar. Detalhes? Poucos e vagos. A única coisa certa: por volta das quatro da tarde uma pessoa tinha sido baleada numa rua do centro da vila. Não ficou claro se a vítima tinha morrido.

Contaram a Joxian quando ele saiu para fumar. Quis saber:

— Um policial?

— Não tenho ideia.

— Bem, logo saberemos.

Terminada a jornada de trabalho, Joxian voltou para casa. Cada dia eu fico mais cansado. Os anos não passam em vão. Ia dizendo/pensando essas frases comuns pelas ruas desertas. O turno da manhã era menos cansativo. Você sai do trabalho com a doce ilusão das horas livres que ainda tem, com o apelo do mus, dos amigos, de algum jogo de futebol na TV antes de ir para a cama. Agora, ao contrário, não havia escolha, tinha que jantar sem muito apetite o peixe de todos os dias, porque essa mulher tem mania de peixe, cair na cama como se tivesse levado uma surra de porrete e, no dia seguinte, passar a manhã toda à toa.

Já era noite, ainda estava chovendo e tudo em que seu olhar esbarrava lhe parecia repetido, comum, familiar: as fachadas sempre com as janelas acesas, as árvores na praça mal iluminadas por poucos postes, o som sibilante dos pneus no asfalto molhado. Nem polícia, nem sirenes, nem luzes azuis. Não viu, a caminho de casa, qualquer sinal do atentado das quatro da tarde. Aqui as casas não são queimadas nem depredadas. Só viu o de sempre: portões às escuras, postes de luz, portas de bar de onde saíam sons de conversas e algumas risadas. Tentação de entrar, beber dois copinhos de tinto e beliscar uns espetinhos de anchova enquanto fumava um cigarro, numa espécie de recompensa pela jornada de trabalho, mas que nada: a esta hora, com este cansaço, e depois a mulher emburrada, melhor não.

Miren não lhe deu tempo nem de deixar o guarda-chuva na banheira. Mandou de supetão:

— O Txato morreu.

Fazia muito tempo que o nome do amigo de outras épocas não era pronunciado naquela casa.

— Não brinca.

Joxian permaneceu imóvel por alguns instantes. Feito um poste. Nem piscava. Até que, sem olhar para a esposa, perguntou como tinha acontecido.

— Pois, como acontecem essas coisas. De surpresa é que não foi. Já estavam anunciando em pichações.

— Foi o tal que mataram de tarde? Não brinca.

— Pois brinco. O Txato já era. É isso que a guerra faz, deixa mortos.

Puta merda, puta que pariu. Não parava de falar palavrões movendo a cabeça de um lado para outro em desgosto, em negação. Tentou jantar. Não deu. Sua mão tremia tanto que não conseguia segurar a colher, e isso incomodou Miren.

— Escuta aqui, você não vai ficar triste, certo?

Puta merda etc. E também:

— Um basco, uma pessoa daqui da vila como você e eu. Porra, se *dizesse* um policial, tudo bem, mas o Txato! Ele não era má pessoa.

— Não é questão de pessoas boas ou más. É a vida de um povo que está em jogo. Nós somos *abertzales* ou não somos? E não se esqueça, você tem um filho na luta.

E levantou-se da mesa com raiva. Lavou a louça do jantar em silêncio, e Joxian não saiu do lugar, nem mesmo quando, algum tempo depois, ela voltou à cozinha para lhe dizer que estavam falando na televisão do que tinha acontecido. Se queria ver, e ele fez que não com a cabeça.

— Pois eu vou para a cama.

Joxian ficou na cozinha. Encheu um copo com vinho do garrafão que guardava embaixo da pia e depois outro e mais outro. Bebendo e fumando viu passar meia-noite, uma hora, duas da manhã. Quando acabou o vinho, foi para a cama. Miren, com a luz apagada, voz firme, disse que:

— Se você chorar por aquele sujeito, vou dormir em outro quarto.

— Eu choro por quem bem entender.

Transcorreram os últimos trechos sombrios da noite. Joxian, deitado sem tirar a roupa, dormiu? Nem meio minuto. Assim que as frestas da persiana se encheram de claridade, ele se levantou. Aonde ia? Não houve resposta. Do banheiro, um longo jato de urina quebrou o silêncio da casa. E em vez de voltar para a cama, Joxian saiu sem tomar café. Nesse horário, tendo um turno à tarde? Andou de bicicleta, sem capa de chuva, embora estivesse chovendo, por uma estrada, depois por outra. Não interessava o rumo, não estava se importando com nada. E no meio da ladeira de Orio, no pequeno porto onde nos velhos tempos costumava apostar corrida com o Txato, que este sempre perdia porque, por mais esforço que fizesse pedalando, tinha menos pernas de ciclista que ele, parou na beira da estrada para desabafar sem testemunhas, puta que o pariu.

Pouco antes da uma da tarde, chegou em casa ensopado. Lavou-se e vestiu uma roupa limpa. E as lentilhas e o filé com alho frito ficaram em cima da mesa. Levou uma banana para a fundição e decidiu, com o cenho franzido, não falar com ninguém o dia todo. Manteve a palavra até quase o final da tarde. Então chega Herminio, o imbecil do Herminio, e lhe diz na hora do cigarro:

— Juro que vi o Joxe Mari ontem na vila.

— Você jura demais.

— Não, sério, foi quando vim para o trabalho. Ele estava dentro de um carro.

— Pois vai comprar uns óculos e para de me encher o saco. Meu filho está longe daqui. Não tão longe quanto o seu, mas vamos dizer que bem longe.

— É que assim, de perfil, eu achei...

— Você se confundiu.

Joxian jogou o cigarro no chão, apesar de não ter fumado nem a metade. Enquanto o apagava com o pé, murmurou uma palavra incompreensível. E depois voltou para o galpão.

49
Mostrar a cara

Na véspera, como fazia todos os anos no meio do outono, tinha vendido os coelhos para Juani. Dezessete ao todo, bem bonitos. Fazia um preço camarada e sentia até vergonha de receber o dinheiro. Por quê? Bem, muitas vezes Miren entrava no açougue; pedia a Juani, digamos, dois bifes de vitela, e ela, por conta própria, lhe dava mais dois ou metia na sacola, sem dizer nada, duas tiras de linguiça ou um pedaço de morcela, o que pudesse.

Esvaziadas as gaiolas, Joxian ia limpá-las para colocar nelas outras crias de coelho. Uma das suas atividades preferidas, criar coelhos, e eram dez da manhã. Sol, tranquilidade, trinados e, às vezes, o *tec-tec* de uma máquina na oficina dos Arrizabalaga, no outro lado do rio. Trocou uma grade suja por outra nova e estava tirando as gaiolas do barraco para arejar quando a viu, em pé, com sua bolsa e seu rosto murcho na entrada da horta.

Olhou-a pelo tempo que dura um raio. Surpreso? Não totalmente. Joxian já esperava encontrá-la por aí mais cedo ou mais tarde, agora que anda tanto pela vila. O que não previu é que viesse procurá-lo. Será que Miren tinha razão, que a doida aproveita que a luta armada acabou e vem aqui nos perturbar?

Deu as costas e continuou cuidando das gaiolas. Já, já ela vai embora. Sentia na nuca o seu olhar frio, puro veneno. E não havia mais placidez alguma em seu pequeno jardim paradisíaco. Até os pássaros pararam de cantar. E a máquina dos Arrizabalaga havia emudecido. Joxian trocou as gaiolas de lugar, só para fingir que estava ocupado, irritado consigo mesmo por não dar um jeito de acabar com aquela situação.

Depois de todos esses anos, quantos?, pelo menos vinte, ela lhe dirigiu a palavra.

— Joxian, vim para conversar.

— Então fala.

Isso foi feio, Joxian, isso foi brusco e, como ele sentiu logo em seguida, um calor envergonhado se espalhou rapidamente por todo o seu rosto. Meu Deus, e eu que estava aqui tão sossegado! Não teve outra saída senão virar a cabeça. Ela:

— Não vai me convidar para entrar?

— Entra.

Bittori enveredou pelo caminho ligeiramente em declive, entre as fileiras de alho-poró de um lado e as de escarolas e alface do outro. Olhava tudo com uma expressão impassível. Será que lembrava, reconhecia? Parou a dois passos de Joxian; elogiou a horta. Que bonita, que bem arrumada. Depois, apontando para um canteiro, perguntou se estava ali a terra de Navarra que o marido lhe trouxera. E Joxian, de cabeça baixa, assentiu.

Olharam-se, hostis? Não. Foi mais com curiosidade, examinando-se mutuamente como se tivessem dificuldade para se reconhecer. Joxian, tímido, na defensiva:

— Para que você veio?

— Para conversar.

— Para falar de quê? Não tenho nada a dizer.

— Ontem eu estive no Polloe. Vou muito, sabe? Lá, me sento na beira do túmulo e falo com ele. Pediu que te mandasse lembranças.

O que você pretende? Quer me provocar? Decidiu não responder. Suas mãos sujas do trabalho na horta; sua boina empoeirada, que tirou para enxugar com um lenço o suor da cabeça; as botas de quando trabalhava na fundição. Joxian tinha envelhecido. Estava grisalho nas laterais da cabeça e, em cima, careca. Bittori também parecia mais velha.

— Não vim discutir. Você não me fez nada e acho que não fiz nada de mal a você. Ou fiz? Talvez esteja errada. Nesse caso, não me importaria de te pedir perdão.

— Não precisa me pedir nada. O que passou, passou. Nem você nem eu podemos mudar.

— O que aconteceu? Eu só sei uma parte. Pensei: talvez Joxian possa completar a história. Essa esperança me trouxe aqui à sua horta. Eu só queria saber, e depois vou embora. Prometo.

— Então você vem à vila todo dia para que as pessoas te contem coisas do passado.

— A vila é tão minha quanto sua.

— Não posso negar.

— Mas parece que me considera uma forasteira, uma recém-chegada. Pois está muito enganado. Eu estou morando novamente na minha casa de sempre. Você conhece bem. Vinha nos visitar com frequência.

— Não estou interessado em saber onde você mora.

Pela primeira vez desde a sua chegada, Bittori esboçou um arco de sorriso. Suas sobrancelhas perderam a tristeza. E no bico de um dos seus sapatos havia um pouco de lama. Continuavam, ela lá, ele aqui, separados por um pequeno trecho do

caminho. E Bittori se certificou ostensivamente de que não estava pisando nas alfaces.

— Você era o melhor amigo do meu marido. Ainda vejo os dois andando de bicicleta, na quadra ou jogando baralho no bar. E me lembro de Miren, que me dizia: Bittori, o meu marido é casado com o seu. Nem com um machado vamos separá-los.

— Dizia isso?

— Pergunte a ela, você vai ver.

Joxian, cuidado. Esta mulher quer te enrolar. Por que a deixou entrar aqui na horta? Então ele se viu, não pôde evitar, mais jovem, deixando o Txato para trás no porto de Orio; e se viu apostando cem pesetas com ele na quadra da vila; na cozinha do clube, esquentando o jantar; no Pagoeta, discutindo, que besteira!, para que apostar com essa porcaria de cartas.

Fixou o olhar, não mais severo, agora brando de nostalgia, no dela, indiferente.

— Sempre fui amigo dele.

— Mas parou de falar com ele e de vir à nossa casa.

— O que tem a ver uma coisa com a outra?

— Nem ao enterro você foi. Ao enterro do seu amigo assassinado.

— De que está me acusando? Mesmo sem falar com ele, era meu amigo. E não falava com ele porque não dava. Vocês fizeram tudo errado. Deviam ter saído da vila. Um ano, dois, o tempo que fosse preciso. Agora ele estaria vivo, vocês poderiam voltar. E além do mais, estando fora, muitos de nós teriam até ajudado vocês.

— Os outros, não sei, mas você ainda pode me ajudar.

— Não sei como. O tempo não anda para trás.

— Tem razão. Não vamos ressuscitar o Txato. Mas bem que você poderia me fazer um favor. É muito fácil. Basta fazer uma pergunta ao seu filho por mim.

— Não mexa nessas coisas, Bittori. Nós também sofremos, e ainda estamos sofrendo. Faz a tua vida, deixa a gente viver a nossa. Cada um na sua casa. Agora temos paz. A melhor coisa a fazer é esquecer.

— Se você sofre, como vai esquecer?

— A Miren não vai achar graça nenhuma nisso que você está me dizendo.

— Ela nem precisa saber.

Joxian, após uma breve hesitação, voltou rapidamente para o barraco, insinuando com seu silêncio obstinado que considerava a conversa concluída. Bittori, fora de sua vista:

— Você não tem curiosidade de saber o que quero perguntar a Joxe Mari? —

Esperou em vão por uma resposta. Continuou: — Ele foi visto na vila na mesma tarde em que mataram o Txato.

De dentro da cabana:

— Fofoca.

— Sai daí. Mostra a cara.

Ele saiu. Seu lábio inferior tremia ligeiramente. Esse brilho nos olhos, são lágrimas?

— No julgamento isso não ficou provado.

— Pergunta a ele, Joxian. Pergunta, na próxima vez que o visitar, se foi ele que atirou. Eu preciso saber logo, porque não vou viver muito tempo mais. Não tenho rancor, acredite em mim. Não vou denunciá-lo. Só não quero é ser enterrada sem saber todos os detalhes do atentado. E diz a ele que, se me pedir perdão, eu perdoo, mas primeiro tem que me pedir.

— Bittori, por favor. Não mexa nessas coisas.

Pedido inútil, já tinha mexido. Bittori olhou ao redor. O canteiro, o muro de concreto, a figueira.

Com a boina nas mãos, Joxian viu-a se afastar pelo caminho ligeiramente inclinado.

50
A perna do *cipayo*

Sem esperar o beijo de boas-vindas, perguntou. Se ele tinha visto o telejornal. Gorka, contrariado, abatido, fez que sim. E disse que havia sentido vergonha, muita vergonha.

— Não me surpreende. Quem gosta de ter um assassino na família?

Nos olhos de Gorka brilhou uma faísca de súplica, como se estivesse dizendo: estas palavras são fortes demais, por favor não fala assim. Os crimes imputados ao grupo o deixavam de cabelo em pé.

Arantxa deu uma palmada de aprovação em suas costas largas e fortes, por não ter seguido o mesmo caminho que o nosso irmão. E acrescentou, imitando a voz da locutora: o perigoso terrorista. Eram três os militantes procurados. Fotos deles na tela. A de Joxe Mari, cabelo comprido, brinco na orelha, juventude, estava no centro.

Sem a menor dúvida, ficou famoso. Arantxa tinha recebido um telefonema da vila. De quem? Uma amiga dos velhos tempos. Para lhe dar parabéns.

— Deu vontade de mandá-la à merda. Não tive coragem. O que vou ganhar? Inimizade, críticas e todo mundo me dando gelo.

Sua previsão agourenta sobre o futuro de Joxe Mari, agora que tem um mandado de prisão contra ele: ou explode uma bomba enquanto ele a transporta ou manipula, e aí teremos um enterro com o caixão envolto na *ikurriña*, dança tradicional e o resto da programação folclórica; ou as forças de segurança o prendem a qualquer momento. Isto seria o melhor desenlace para todos: para suas potenciais vítimas, que salvariam a pele; para a família, porque saberíamos que, de onde está trancafiado, não vai fazer mal a ninguém nem correr perigo, e para ele mesmo, que desta forma pode conhecer a solidão que ajuda os homens a ficarem mais serenos e reflexivos.

Gorka, feições murchas, entristecidas, fez que sim de novo. Quis visitar a irmã por causa do aniversário dela e porque seus pais lhe disseram pelo telefone que estava grávida. Presentes? Dois. Um livrinho para crianças, em basco, *Piraten itsasontzi urdina,* sua primeira obra publicada, que lindo, de verdade, muito bonito, e flores.

Os dois irmãos decidiram não falar mais de Joxe Mari. Chega. Ou será que não havia outros assuntos importantes na vida? Arantxa saiu da sala para buscar um vaso. Casada com Guillermo, ela morava em Rentería, num apartamento no bairro de Capuchinos. E a foto de Joxe Mari, que, claro, agora é um herói para os garotos da vila, estava presente demais em seus respectivos pensamentos para ser esquecida. Então não puderam evitar; colocadas as flores num vaso de vidro, abordados rapidamente alguns assuntos circunstanciais, voltaram a falar do irmão.

Arantxa:

— Eu telefonei para os *aitas* logo depois.

— O que eles disseram?

— A *ama* está muito combativa. Não entende porcaria nenhuma de política, nunca leu um livro na vida, mas dispara palavras de ordem como quem solta foguetes. Acho que ela anda pela vila aprendendo de cor tudo o que vê nos cartazes. Antes de mais nada, defende seu filho. Não sei — pousou as mãos sobre a barriga — o que eu faria no lugar dela. O *aita*, como sempre, fica quieto. Mas aproveita que Joxe Mari não aparece em casa para comprar *El Diario Vasco*.

— Lembro o escândalo que nosso irmão fez dizendo que ele comprava um jornal espanholista. E olha que o *aita*, do jornal, só liga para a parte de esportes.

— E os obituários.

— É, verdade, e as palavras cruzadas.

— Como se tivesse algum interesse por política, caramba. Por que ele não pode ler o que quiser?

— Pois passou a comprar o *Egin* por pressão do Joxe Mari. Depois ia ao Pagoeta só para ler o seu *Diario Vasco* de sempre.

— E o que me diz da *ama,* que toda vez que vem me visitar leva a revista *Hola* e todas as publicações femininas que eu já li? Somos uma família de doidos, não me diga que não. Em 1975, você era muito pequeno, não deve se lembrar, ela chorou pela morte de Franco. Verdade, lá em casa, em frente à televisão em branco e preto, derramou suas lágrimas de espanhola desolada; mas é melhor não lembrá-la disso. Na última vez que veio me ver, ela perguntou se já pensamos no nome para o menino. Antes de responder, reparei que já estava franzindo a testa. Então, de brincadeira, disse que ia se chamar Juan Carlos, como o Rei. Ela quase cai para trás.

Os dois irmãos tomavam café com biscoitinhos. Boa química fraternal. Arantxa e Gorka sempre se entenderam bem. Quando eram pequenos, depois e agora. Pela janela, bairro dormitório, via-se a fachada de um edifício. Roupa secando nos varais. Um bujão de gás numa das varandas em frente. Um homem de camiseta debruçado no parapeito, fumando. Guillermo contava que tempos atrás podia-se ver daqui

uma parte do morro Jaizquíbel, mas construíram este prédio horrível e adeus paisagem.

Arantxa perguntou ao irmão se, quando dividia o quarto com Joxe Mari, ele:

— Não tentava te convencer a ir também agitar as manifestações?

— O tempo todo. O que me salvou foi que, na época, eu era muito pirralho. Ele me dizia que dali a três ou quatro anos contava comigo na linha de frente. Depois se contradizia. Uma vez nos encontramos num enfrentamento com a polícia, e ele ficou danado. Gritou: vai lá para trás, não está vendo que aqui pode apanhar?

— E por que você foi à manifestação?

— Ué, porque todo mundo ia.

E, na sua opinião, Joxe Mari fazia a mesma coisa, pelo menos no começo. Um jogo entre amigos, um esporte. Você vai, se arrisca, de vez em quando leva uma porrada e vida que segue. Depois, na taverna, bebe, come e comenta com a turma, e então percebe, com uma espécie de comichão gostosa, que pegou a febre que aquece e une a todos no calor de uma causa. De noite, deitado na cama, Joxe Mari contava bravatas. Que tinha acertado uma pedra no capacete de um *beltza* e ouviu um crac. Que tinha botado fogo num caixa eletrônico, o quinto do mês. Depois se virava na direção do irmão para beber admiração em seus olhos adolescentes. Orgulho idêntico revelava ao falar de suas vitórias com o time de handebol. Também um esporte, uma diversão, até que, de repente, apareceu o abismo.

Gorka, agora que pensa melhor no assunto, acha que Joxe Mari entrou no terreno do ódio nu e cru e de um fanatismo muito agressivo quando encontraram no rio Bidasoa o cadáver algemado daquele motorista de ônibus de Donostia.

— Zabalza?

— Esse mesmo.

Gorka lembrava que o irmão chegou em casa muito exaltado. Não tinha a menor dúvida, nem ele nem seus amigos, de que o motorista havia morrido no quartel de Intxaurrondo durante a tortura. Foi morto por eles, morreu nas mãos deles, dá no mesmo, e depois encenaram um episódio de fuga que não convence nem uma criancinha de colo. Gorka, impressionado, via seu irmão andando de um lado para o outro do quarto. E fervia em Joxe Mari, *puta que pariu,* uma raiva nova, mais intensa e inflamada que de costume, e captou em suas palavras e palavrões um desejo furioso de destruir, de se vingar, de prejudicar. A quem? Tanto faz, prejudicar como e onde for.

— Nessa época ele me ensinou a fazer coquetel molotov. Num sábado, tive que ir com ele à pedreira. Que eu deixasse os livros de lado. Preparei meia dúzia de garrafas incendiárias seguindo suas instruções e as jogamos, cabum, contra uma

rocha.

Tempos depois, ele acertou um *cipayo* com um coquetel molotov no Bulevar de Donostia. Para ele, dava no mesmo um *cipayo* ou um guarda civil. E uma perna do cara pegou fogo. Podia ter virado carvão. Felizmente os outros foram rápidos e conseguiram evitar uma tragédia.

— Joxe Mari não via dentro do uniforme uma pessoa que ganha um salário, que provavelmente tem mulher e filhos. Eu não me atrevia a dizer isso a ele, mas, sabe, negar a humanidade de uma pessoa pelo fato de usar uniforme me parecia uma coisa horrível. E no dia seguinte ele ficou cabreiro porque os jornais não mencionaram a perna do *cipayo*.

O pessoal da turma lhe pagou um jantar. Tinham estipulado esse prêmio para quem ateasse fogo num policial.

51
Na pedreira

Foi como nos filmes. Sério. Gorka saiu de casa no meio da manhã para ir à biblioteca. Um sábado. Tudo tão sossegado. Céu azul, poucas nuvens, temperatura boa. Então a viu, grande, gorda, na calçada oposta: Josune, que, em vez de responder ao cumprimento, *iepa,* pôs um dedo em frente aos lábios pedindo silêncio. Lábios que são muito finos ou então ficam para dentro da boca.

Andava um passo atrás dele.

— Não se vire. Continue, continue em frente.

E ele não se virou e continuou em frente. Ao virar a esquina, também em voz baixa, ela pediu/mandou que a esperasse na igreja. E se separaram.

Gorka foi se sentar num banco da última fileira. A igreja, vazia. Não havia qualquer iluminação além dos vitrais na parte de cima da parede. Se o padre aparecer, o que eu digo? Que me deu um ataque de devoção? Josune o fez esperar mais de vinte minutos. Ele, desconfiado, imaginava que tinha ocorrido alguma coisa grave. Folheava os livros já lidos que pretendia devolver na biblioteca. Olhava o relógio, olhava o retábulo, as estátuas, as colunas; voltava a olhar os livros. Por fim percebeu, por um leve rangido das dobradiças e a claridade repentina que entrou às suas costas, que a garota tinha aberto a porta. Josune o exortou com gestos para que se encontrasse com ela debaixo da escada que leva ao coro.

— Se alguém entrar, mesmo que seja conhecido, cada um para o seu lado. Fica avisado: estão me seguindo.

— Quem está te seguindo?

— Pois quem podia ser? A *txakurrada*. Não tenho certeza, hein? Mas sei lá se querem me usar para pegar mais gente. Joxe Mari está te procurando.

Cochichavam no espaço escuro. Gorka, desconcertado, inclinava o corpo para a frente a fim de não bater com a cabeça na parte de baixo da escada. Josune não tirava os olhos do corredor central e dos bancos, caso alguém aparecesse de repente.

— Seu irmão e Jokin estão te esperando na pedreira. Eles vão explicar. Eu não quero saber de confusão. Já fiz bastante trazendo o recado.

— Mas, vem cá, não vou estar em perigo?

— Preste atenção para não ser seguido por ninguém. Depois os dois te contam o que tiverem que contar.

Decidiram que ela sairia antes da igreja. Gorka, tem que me prometer, esperaria uns vinte minutos lá dentro. Melhor tempo demais do que de menos.

— Lembra de perguntar ao seu irmão se ele não tem nada para me dizer.

Ele resolveu ir primeiro à biblioteca. Por quê? Porque os livros iam atrapalhar, e também para não levantar suspeitas. É bem possível que, tendo sido visto com Josune, ele agora também esteja sendo vigiado.

Josune:

— Eles sabem que quem se manda tenta falar com a família e os amigos para pedir ajuda, dinheiro ou seja lá o que for. Portanto, *kontuz*. Eu já disse tudo o que tinha a dizer.

E lá se foi, corpulenta, com sua boca sem lábios. O que será que meu irmão vê nesta garota? Não dá para entender. O medo o tinha contagiado. Medo de quê, de quem? Não fazia ideia. Por via das dúvidas, permaneceu meia hora dentro da igreja. Tentou ler, mas quem dera.

Na praça, parou para observar. À esquerda, à direita, ao fundo, as janelas. O caminhão de gás, caras conhecidas, pombos procurando restos de comida. Estava sentindo uma grande inquietação. Puta que me. Eu que estava tão sossegado. Passou na frente do açougue de Josetxo. Será que ele sabe que o filho dele e o meu irmão estão com problemas? E saiu da biblioteca, sem os livros que queria pedir, por uma porta lateral que dava num beco. Deu uma olhada para um lado e para o outro. Ninguém. E daqui até segunda, o que vou ler?

Subiu à pedreira fazendo um rodeio. Abaixo, sobre os telhados da vila, soaram as doze badaladas do meio-dia. Cheiro de campo. Vacas dispersas, tranquilas. Volta e meia Gorka virava a cabeça para trás. Ninguém. Um estratagema: saiu do caminho para atravessar uma parte do morro sem vegetação, ainda úmido pelo orvalho matinal. Às suas costas havia uma grande extensão de capim onde seus perseguidores, se houvesse, não tinham a menor possibilidade de se esconder.

Encontrou seu irmão e o amigo numa construção em ruínas. Quando o viu de longe, um deles deu um poderoso assobio. Tanta precaução para isso? Perguntaram se o tinham seguido. Ele achava que não.

— O que vocês estão fazendo aqui?

— Nada, são os *txakurras,* que ontem pegaram Koldo e hoje vieram atrás de nós na hora do jantar. No fim nos safamos por pouco.

Fugiram com a roupa do corpo. Tinham passado a noite acocorados num canto daquela espécie de depósito ou galpão sem portas nem janelas, que ainda por cima

tinha uma parte do telhado destruída. Jokin: ainda bem que não era inverno. Em suas cabeças só havia uma ideia: cruzar a fronteira com a França o quanto antes. Mas, nestas condições, era impossível. Jokin estava de pantufas. Joxe Mari, só de camisa, se queixava de sono e de fome. Jokin sentia falta do cigarro.

— Você não fuma, certo?

Joxe Mari se adiantou à resposta do irmão:

— A única coisa que este aqui faz é ler livros.

Os dois amigos tinham uma módica soma de dinheiro. Módica, sim, mas quanto? Muito pouco, na verdade. As moedas no bolso, algumas das quais Joxe Mari tinha gastado ligando para Josune de um telefone público.

Uma falha dos guardas civis tinha permitido que escapassem.

— Aqueles burros erraram o andar.

Erraram? Até certo ponto. História prévia: dias antes, os jovens inquilinos perceberam que havia um cano furado no segundo andar. Eles e Koldo moravam no primeiro. Uma enorme mancha de umidade e círculos escuros (mofo?) no teto. O problema não parecia recente. Mas ninguém o notara até então. Era preciso fazer uma obra. O proprietário propôs que eles ficassem no apartamento no térreo à direita enquanto durasse o conserto. Nesse período, para compensar o transtorno, eles estariam dispensados de pagar o aluguel. Uma economia de dinheiro. Aceitaram.

Foi assim que os meganhas derrubaram a porta do primeiro andar, orientados pela informação que tinham arrancado de Koldo. E essa é outra. Koldo, como ficaram sabendo meses mais tarde, quase foi afogado na banheira, e o espancaram sem dó nem piedade até perder a consciência. Tinha sido preso de tarde, na rua, e levado para o quartel de Intxaurrondo. Não foi um acaso: estavam atrás deles três, mas só pegaram um. Koldo falou porque, claro, nesses casos, quem não fala? Mas guardou para si (ou desmaiou antes de poder revelar?) o detalhe da mudança provisória de endereço.

Quando chegaram ao apartamento, por volta das nove da noite, seus dois colegas estranharam não encontrá-lo lá. Onde terá se metido esse sacana? Era seu dia de fazer o jantar. Nem pão havia. Nisso, barulho de botas pisando rápidas. Onde? Fora, na escada. Você ouviu? Jokin foi discretamente até a janelinha do banheiro. Viu as viaturas dos meganhas.

— Vieram nos buscar.

Pularam da janela da cozinha para o pátio dos fundos. Joxe Mari não teve tempo nem de desligar a televisão. Ágeis, os dois se esconderam na noite e saíram correndo em direção ao morro. A lua iluminava o caminho. Chegaram ofegantes,

dormiram mal, se é que aquilo pode ser chamado de dormir. Sem cama, sem cobertor, sem o consolo do cigarro. Uma merda, mas psiu, silêncio. Assim é a luta.

— Irmão, agora é o momento em que você não pode falhar.

— O que tenho que fazer?

— Primeiro, vai à Arrano e fala com o Patxi. Se ele não estiver lá, não fala com ninguém. Entendeu? Com ninguém. Pede a ele que nos mande instruções para chegar a Iparralde, uns sanduíches e bebida. Mas cuidado. Não vai trazer a comida numa bandeja em cima da cabeça porque deve haver *txakurras* à paisana na vila. Suponho que o Patxi vai te entregar algum dinheiro para a gente. Guarda tudo bem guardado e traz aqui.

Gorka concordou.

— Nem pense em contar nada aos *aitas* lá em casa. Eu escrevo para eles quando puder.

— E também não é pra passar no açougue. E se encontrar na rua alguém da minha família, fica quieto, entendeu?

Gorka respondia que sim a tudo. Seu irmão:

— Agora vem a parte mais delicada. As nossas bicicletas estão nos fundos do prédio, encostadas numa parede embaixo do telheiro. Abre o cadeado — e lhe entregaram duas chaves — e traz uma bicicleta e o que Patxi tiver mandado para nós. A de Koldo você vai saber qual é, porque não temos a chave desse cadeado. Enquanto nós comemos, você vai lá buscar a outra bicicleta. Queremos sair daqui no máximo às quatro. Se puder ser antes, melhor. Tudo depende de você.

Gorka desceu para a vila, seguiu as instruções que tinha recebido, voltou pedalando a bicicleta com um envelope que Patxi lhe dera na Arrano, mas sem sanduíches nem bebida. Para custear a manutenção deles, mandaram uma quantia para Jokin e Joxe Mari dentro do envelope.

Quando Gorka voltou para o depósito na pedreira, os dois estavam mergulhados numa discussão.

— Dá para ouvir os gritos de vocês de longe.

Jokin insistia que o garoto tinha que entrar no apartamento e lhe trazer um par de sapatos. Que ele, de pantufas, não queria ir assim para a França. Que além disso chama muito a atenção um cara pedalando com esta pinta. Joxe Mari desistiu. Para o irmão:

— Pega a chave. Se verificar que a barra está limpa, então entra. Se entrar, pega os sapatos dele e, para mim, um casaco que está pendurado atrás da porta.

— E cigarro.

— Mas só se tiver certeza de que não corre perigo. Não quero que entre em

cana por nossa culpa.

Gorka voltou mais tarde com a segunda bicicleta. Contou que não tinha entrado no apartamento porque havia gente esquisita perto do portão. Mentira infame. O que não queria era se expor além da conta.

Joxe Mari:

— Tudo bem, não faz mal.

E Jokin:

— Que número você calça?

E trocou os sapatos dele pelas pantufas, argumentando que:

— Afinal, você só tem que ir daqui até a sua casa.

Depois se despediram com abraços/tapinhas nas costas. E Joxe Mari lhe estampou um beijo sonoro, fraternal, na bochecha.

— Você é um cara legal, sempre foi, *putaquepariu*.

Gorka já estava saindo quando se lembrou do recado de Josune.

— Se você não tem nada para dizer a ela.

Nesse momento Joxe Mari já estava dando as primeiras pedaladas.

— Diz a ela pra seguir com a vida.

E os dois amigos foram embora, e Gorka, dezesseis anos na época, os viu avançar nas bicicletas em direção à estrada, Joxe Mari com o casaco de lã que lhe pedira emprestado, o outro com os seus sapatos. Gorka teve uma sensação repentina de mau agouro.

52
Grande sonho

— Por que não me contou isso na época? Eu achava que confiávamos um no outro.

— Eu tinha dezesseis anos. Fiquei muito assustado. Tanto que, quando foram revistar a casa dos *aitas* poucos dias depois, eu tinha certeza de que estavam lá para me buscar, não o Joxe Mari, que afinal de contas já tinha se mandado. Quantas noites passei sem dormir por causa disso!

— Não contou aos *aitas* também?

— A ninguém.

Arantxa, severa/compreensiva, censurou-o. Será que não entendia que, ao buscar as bicicletas, ele se tornava cúmplice daqueles aprendizes de terrorista? Achava indigno (e tensionava as feições quando dizia isso, apertando os lábios, olhos de tigresa) que Joxe Mari o tenha utilizado como contato com a Arrano Taberna, mesmo sabendo como isso o comprometia. Por mais que fosse adolescente, se os guardas civis o pegassem:

— Iam te dar porrada até cansar o braço.

Suaviza o olhar. Ingênuo, pior que ingênuo. Mas, enfim, já faz bastante tempo tudo isso. E lhe ofereceu, risonha, outra xícara de café.

— Os dois desciam de bicicleta na direção da estrada, e eu me perguntei: por que estão tão alegres? E tive a sensação de que não voltaria a vê-los durante muito tempo.

— Você pode ir visitar Jokin no cemitério. E vimos hoje o nosso irmão, graças à foto do noticiário. Ou você esteve com ele nos últimos anos?

— Eu? Não faço a menor ideia de onde andou.

Gorka reconhece que, enquanto morava na vila, era muito difícil ficar à margem do ambiente *abertzale*. Num lugar pequeno, diz, não dá para escapar. Em manifestações, comemorações ou brigas, os tipos de coisas que sempre estavam acontecendo, não é que alguém fizesse chamada; mas sempre havia olhos encarregados de controlar quem estava lá e quem não.

Ele conta à irmã que entrava na Arrano de vez em quando. Pedia um espetinho, ficava quinze ou vinte minutos e tchau. Gostar, não gostava nem do cheiro daquele

lugar. Nunca foi de fumar nem de beber, e o esporte, francamente, como diz, não era com ele. Todo mundo conhecia seu gosto pela leitura. Todo mundo sabia que ele não era de farra nem de sair de noite. O mais comum é que ficasse em casa ou na biblioteca municipal. *Kartujo,* zombavam dele. Mas no fundo o respeitavam pelo seu domínio do basco.

E por uma outra razão. Uma circunstância que, como ele mesmo reconhece, o protegia.

— Ser irmão de Joxe Mari me dava prestígio. Ter um irmão no ETA, que nível! Eu podia parecer um cara esquisito, introvertido, pouco sociável, mas ninguém duvidava das minhas ideias políticas.

— Como assim? Você tinha ideias políticas?

Gorka teve que sorrir. Sacana! E se defende:

— De cinco em cinco meses me vem uma, mas passa logo.

Nesse momento se lembra de um incidente. Com quem?

— Com a *ama*. Uma tarde ela entrou no meu quarto para jogar na minha cara que eu ficava em casa mergulhado nos livros enquanto meu irmão se sacrificava pelo Euskal Herria, e o pessoal da vila estava todo na rua protestando contra não lembro o quê. E ainda disparou que, se Joxe Mari soubesse, teria um desgosto enorme.

— E o que você fez?

— O que podia fazer? Peguei o guarda-chuva e fui dar uns berros na manifestação.

Antes de completar dezessete anos, fez os seus cálculos. Desta submissão eu só saio mudando de ares (Donostia, Bilbao, ou até fora de Euskadi) e estudando. Ir para a universidade, seu grande sonho. Filologia Basca, Psicologia, nessa direção. Estudar seja o que for numa universidade de Paris, de Londres, imagina? Aos amigos, não disse uma palavra sobre o assunto.

— Comigo você falou.

— Comecei a rodada de consultas com o *aita*.

Domingo de tarde. Imaginou que o encontraria na horta. Desceu e lá estava ele juntando galhos e folhas para fazer uma fogueira. Não ignorava que aquele homem que em suas horas de lazer virava hortelão, com sua boina empoeirada e suas mãos curtidas por décadas de trabalho na fundição, não tinha a última palavra sobre o assunto que interessava a Gorka, embora fosse ele quem ganhava o salário, o sustento da família. Mesmo assim, Gorka quis sondar sua opinião.

Estudar? Joxian qualificou a ideia de maravilhosa. Outro que sonhava acordado: um filho médico como o Txato, um homem que tem cérebro e dirige uma empresa,

um verdadeiro cavalheiro com o armário cheio de gravatas. Gorka lhe recordou que os estudos (matrícula, livros, talvez viagens e um alojamento de estudantes numa cidade) acarretariam despesas. O pai, a princípio, não tinha reparado neste detalhe.

— Ah, merda. Pois você vai ter que perguntar à *ama*.

Miren não titubeou. Nem pensar.

— A menos que você trabalhe e pague o curso sozinho. Com a merreca que o seu pai ganha, nós vivemos apertados. De onde vamos tirar dinheiro? Apertando muito o cinto, poderíamos ajudar um pouco; mas de qualquer jeito, lamento, não ia dar para todas as despesas.

E imediatamente começou a proferir queixas, encadear lamentos. Que o Joxe Mari na França, que nem sei como chegamos até o fim de mês.

— E se eu pedir um empréstimo?

— A quem?

— Ao Txato. Antes vocês eram muito amigos.

— Está doido? Mas nem nos falamos mais!

E trocou as queixas e lamentos por críticas e acusações, por desprezo e condenação, e ficou tão irritada que Gorka não voltou a mencionar a questão dos estudos na casa dos pais.

— Foi aí que você veio falar comigo, não é? Mas não dava mesmo. Juro. Como vendedora na sapataria, eu tinha um salário modesto. Guille e eu já havíamos decidido casar e precisávamos até da última peseta.

— Eu entendo perfeitamente. Não fiquei com mágoa nenhuma. Daqui a uns dois ou três anos vou poder bancar a vida universitária, mas acho que já perdi esse bonde. Estou bem em Bilbao. Ganho um dinheirinho na emissora, não muito, mas, em compensação, posso fazer o que mais gosto, que é escrever. Está vendo, publiquei um livro. Pode ser que no ano que vem escreva outro. Fui convidado para uma série de leituras em diversas *ikastolas*. Pagam bem, aliás, muito bem. Contribuo para a difusão do basco. Vou me virando. E você?

Arantxa segurou o ventre com as duas mãos.

— Eu também vou ter que me virar. Daqui a uns quatro meses, se não houver algum imprevisto.

— Já escolheram o nome do meu sobrinho?

— Claro. Restituto.

— Vamos, fala sério.

— Endika ou Aitor. Estamos entre estes dois. Qual você prefere?

— Gosto mais de Endika.

53
O inimigo em casa

Nerea adorava aquele *slogan* que corria de boca em boca, que se lia em tantos lugares: *Juventude alegre e combativa*. E sempre votava, jovem, alegre, combativa, no Herri Batasuna. Não imaginava outra opção. É verdade que gostava mais da ideia de alegria que da ideia de combate. Jogar pedras, atear fogo, virar carros? Isso é coisa de garotos. Assim pensavam ela e suas amigas. Ou seja, que quando começava alguma confusão, vamos embora que estamos atrapalhando, e saíam de cena. Iam, sim, aos comícios e manifestações; mas é que na vila todos os jovens participavam deles de alguma forma. Assim como os filhos dos imigrantes de outras regiões e, naturalmente, os do prefeito, que era do PNV. Um deles estudava com Nerea, e os dois, ao lado de outros estudantes, abriam faixas, colavam cartazes, distribuíam panfletos ou faziam pichações nas paredes da faculdade.

Nerea viajou para Arrasate (que Bittori chamava de Mondragón) em março de 1987. Soube da notícia na Arrano Taberna.

— O que estão dizendo aí?

— Que Txomin Iturbe morreu.

— Como?

— Num acidente de trânsito na Argélia.

— Tem certeza?

— Nada é certo.

Vai ver que agentes secretos do Estado espanhol ou os assassinos dos GAL sabotaram os freios. Várias cabeças apoiaram essa hipótese com um gesto. Patxi tirou da parede a foto emoldurada do falecido. Depois de passar um pano, colocou-a em cima do balcão, onde todo mundo que entrasse na taberna poderia ver.

Os jornais confirmaram a versão oficial nos dias seguintes. Também havia morrido um policial argelino que estava dentro do carro. E para terminar de desfazer as dúvidas, uma militante do ETA envolvida no acidente estava com um braço engessado. Tudo mentira; mas, como Arantxa dizia em voz baixa, a sós, com tristeza e um irmão na França aprendendo a matar, se é que já não tinha entrado em ação: nesta nossa terra, a verdade já morreu há muito tempo.

— Você vai?

Bittori não achava graça nenhuma na ideia.

— Claro, *ama*. Todo o pessoal jovem vai.

Todo o pessoal? Arantxa não foi. Na véspera, sábado, disse que estava passando mal. Febre, calafrios, na certa um resfriado. As quatro amigas concordaram que era melhor ela ir para a cama de imediato. Leite quente com mel e suar bastante debaixo do cobertor. Assim tinha possibilidade de amanhecer suficientemente recuperada para ir com elas à homenagem/funeral em Arrasate. Então Arantxa voltou cedo para casa. E o resto da turma, a caminho da discoteca, planejou a viagem do dia seguinte.

Haviam comunicado que, no meio da manhã, sairiam dois ônibus da praça (despesas pagas pela Prefeitura); mas não, elas preferiam ir no carro de Nerea. Bem, no carro que Nerea ia pedir emprestado a Txato, certa de que seu pai o cederia, porque, aos domingos, não precisa dele e, claro, porque nunca lhe nega nada.

— Acho que não devia.

— Pô, *ama*. Minhas amigas vão. O que elas vão pensar se, depois de tudo combinado, eu ligo para dizer que vou deixá-las na mão? Até Arantxa, que estava se sentindo mal, voltou cedo para casa com a intenção de descansar e amanhã acordar curada.

— Você sabe muito bem que esse homem era um chefe do ETA e mandou matar muita gente.

Nerea, revirando os olhos, perdia a paciência.

— É bom você saber que Txomin encabeçou a luta do nosso povo durante anos. Largou tudo, a casa, o trabalho, a família, pelo Euskal Herria, e sofreu vários atentados. É um ídolo da juventude basca. Um herói. Herói, não. Um deus. Então, faça-me o favor. Quando estiver na rua, ou quando entrar numa loja, morda a língua antes de criticá-lo porque pode ter problemas e de quebra criar problemas para mim. Além do mais, o que você entende de política? Vai à missa, *ama*. Reza e comunga, e deixa o resto para nós.

Dez horas. Txato ainda não tinha voltado da sociedade, onde a essa hora devia estar terminando de jantar. Com certeza não voltaria tarde para casa, porque no dia seguinte, etapa dominical de cicloturismo, ia levantar cedo. Quando chegou, Nerea já estava deitada. Nessa época ainda não tinham feito as pichações contra o Txato, ele ainda descia diariamente para o bar e jantava aos sábados com os amigos; mas já havia recebido mais de uma carta da organização. Nerea não sabia. Xabier também não. E o casal ficou um bom tempo cochichando na cama.

— Entende a garota, mulher. Ela é jovem.

— Tem idade suficiente para saber que não é certo o que está fazendo.

— Pois, de cabeça fria, acho até que é melhor que ela vá a Mondragón.

— Apoiar uma quadrilha de mafiosos que extorque o pai dela?

— Nerea não sabe nada sobre isso. E eu prefiro que não saiba. Assim não vai se assustar. Deixa ela ir com as amigas e se divertir.

— E gritar *goras* ao ETA. Você bebeu?

— Um pouco. Enquanto minha filha estiver com *abertzales*, vão deixá-la em paz.

— Para mim é como se o inimigo se metesse na nossa casa.

— De qualquer maneira, meu problema pode ser solucionado sem que os nossos filhos fiquem preocupados.

— A questão é que você deixa essa garota fazer tudo o que ela quer. Imagine, ir ao enterro de um chefe do ETA com o carro de um ameaçado...! Pelo amor de Deus, onde já se viu coisa mais absurda!

Que a entendesse, que ela é jovem. E assim se passaram mais vinte minutos de desavenças e resmungos, até que, costas contra costas, cada um se entregou ao seu sono.

Como fazia todo domingo, Txato madrugou. Abrindo ligeiramente a cortina, observou à luz do poste em frente à sua casa se estava chovendo. Na cozinha, já com a roupa de ciclista, bebeu um café sem leite nem açúcar que foi seu único desjejum. Levou uma pera e uma maçã para o caminho, encheu a garrafa com água da torneira e, quando clareou, foi tirar a bicicleta da garagem.

Já alta a manhã, Bittori tentou, doce, afetuosa, dissuadir Nerea, que estava pronta para sair.

— E se eu te pedir como um favor?

— Não, *ama*.

— Faz isso por mim, por sua mãe.

— Quer que eu fique mal com as minhas amigas?

Bittori cerrou os dentes. Contrariedade? Não, para impedir a saída de palavras involuntárias. Se a discussão durar mais um minuto, ela conta à filha sobre as cartas de extorsão. Nossa Senhora! O que diria Txato?

As duas se despediram frias, lacônicas, sem se beijar. E Bittori foi até a janela para ver a filha andando em direção ao carro do pai. Nerea, magra, esbelta, dava uns pulinhos animados, mais próprios de menina que de mulher.

Atrás da cortina, Bittori meneou a cabeça em sinal de desgosto.

— Que idiota!

54
Mentira da febre

Passavam das onze. Quanto? Uns quinze minutos, talvez um pouco mais. Detalhe: na varanda da Prefeitura, a *ikurriña* tremulava a meio mastro. Para os lados da serra, viam-se nuvens (tinha relampejado para valer de manhã cedo); para os lados do rio e da estrada que vai para San Sebastián, também, mas com clarões no céu. Os ônibus lotados de passageiros, em sua maioria jovens, tinham acabado de partir.

Nerea entrou na praça dando uma saraivada de alegres buzinadas. Nos arcos, suas duas amigas a esperavam, ambas com *ikurriñas* enroladas em paus. E Arantxa? Saltando do carro, perguntou por ela. As outras pensavam que Nerea tinha ido buscá-la. Será que continua doente? Ela mora numa rua ali perto, atrás da igreja. Nerea: que voltava já. E enquanto suas amigas se aqueciam dentro do carro — não que estivesse fazendo muito frio, mas, caramba, o ar lá fora estava geladinho —, ela se dirigiu em passos velozes para a casa da amiga. Aquela casa tantas vezes visitada, onde tinha dormido tantas vezes quando era criança. Aquela casa, nesse momento Nerea não sabe, à qual nunca mais voltará.

A porta velha conhecida, o letreiro de latão com o sobrenome, a campainha apertada pela última vez na sua vida.

Miren abriu a porta.

— Ela está lá. Não sei o que tem.

Convidou-a para entrar, e Nerea foi direto para o quarto da amiga. Estava na cama, toda vestida. Será que tinha se deitado rapidamente quando a ouviu chegar?

— Não está passando bem?

Respondeu que não muito; mas, francamente, aquele aspecto, a força da sua voz, o olhar decidido, não eram próprios de uma pessoa doente. A princípio usou os mesmos argumentos que Bittori. Só diferia o vocabulário. Um homem justiceiro, caudilho de carrascos, que decidia a vida e a morte dos outros. E com as costas apoiadas no travesseiro, imitou-o:

— Matem fulano, matem sicrano.

Ao contrário de Bittori, Arantxa não falava com cara de sofrimento nem com os olhos arregalados, assustados. No seu rosto juvenil há desânimo. Desânimo? Mais:

amargura. Uma amargura translúcida, que transparece indignação através de si. Suas palavras confirmaram:

— *Ir* sem mim. Eu não tenho estômago para participar desse carnaval da morte. Em outros tempos iria com vocês. Agora é impossível.

— Por causa de Joxe Mari?

— Desde que ele entrou na organização, caiu uma venda da frente dos meus olhos. Não é que de repente eu esteja vendo as coisas de outra forma. É que finalmente as vejo.

— Vamos, não seja chata. Também não precisamos ficar na primeira fila.

— Nem na quinta nem na última.

— Ora, vai ser rapidinho. Depois pegamos o carro e saímos por aí nós quatro. Eu tinha pensado em ir a Zarauz, mas por mim tanto faz. Se você quiser, vamos a outro lugar. Pensa nisso como uma excursão.

A jovialidade de Nerea colidiu com o olhar gélido de Arantxa. Um súbito silêncio entre as duas amigas. Dois, três segundos sem piscar: cena congelada. Examinando-se. Uma com surpresa e estranhamento; a outra com dureza, distância, acusação?

— O que eu faço? Elas estão me esperando.

— Se tem que ir, vá.

Algo se rompeu silenciosamente entre elas nesse instante. O quê? Uma linha de afeto e confiança, um velho e tácito pacto de amigas. Por uma razão qualquer, o porteiro da discoteca KU não permitiu a entrada de uma delas num sábado à tarde. Já fazia algum tempo isso. Então o resto da turma não quis entrar. Ou todas ou nenhuma. E na frente do intolerante e corpulento porteiro, rasgaram os ingressos que tinham acabado de comprar. Enfia na bunda.

— Posso te pedir um favor?

— Pode, claro.

— Não conta nada ao pessoal. Diz que estou com febre, que não me sinto bem.

Pensativa, decepcionada, Nerea saiu daquele quarto ao qual jamais voltaria, atravessou a sala pela qual nunca mais passou desde então e falou pela última vez com Miren, que lhe perguntou, já de porta aberta:

— O que ela tem?

— Um pouco de febre.

— O que essa aí tem é que anda meio esquisita desde que começou a sair com o tal cara de Rentería.

Minutos depois, Nerea repetiu dentro do carro a mentira sobre a febre. As três amigas empreenderam a viagem. A estrada estava seca o bastante, ainda bem, com

muito trânsito até Beasáin, depois não mais. Vamos ser as últimas a chegar. Uma delas disse que não era a mesma coisa sem Arantxa, que não iam se divertir tanto. Divertir?

— Menos, garota, que nós vamos a um enterro.

O típico daquela época: uma blitz da Guarda Civil. Onde? Uns oito ou dez quilômetros antes de chegar a Arrasate. Entraram no final do que à primeira vista parecia um engarrafamento comum. Depois viram que não, que lá na frente os guardas estavam revistando os carros um por um, pedindo documentos a todo mundo. Distribuídos no acostamento, havia meia dúzia de viaturas da Guarda Civil e, cortando a pista, uma no começo e outra no final da área de controle, duas correntes com farpas de metal. Em cima de uma elevação, vários guardas civis, todos com o dedo no gatilho do fuzil automático. Mais abaixo, escondido atrás de uns arbustos, outro em atitude parecida. E mais um atrás de uma árvore. Todos com a arma pronta para atirar.

Fizeram um gesto imperioso mandando parar o carro. Nerea abaixou a janela. Documentos. Nem bom dia nem por favor. O guarda levou as três identidades para uma van, onde fizeram as famosas verificações. Limpas de antecedentes, de acusações. Quando voltava lentamente, com parcimônia, para fazê-las perder tempo, para que soubessem quem manda nesse trecho da estrada, entre este morro e aquele outro: para onde iam. Como se não soubesse. E por que tinham que responder? Mas era melhor não criar encrenca. Então Nerea, a porta-voz involuntária, a motorista, respondeu:

— Para Mondragón.

Mandaram sair do carro. Mas não com educação: queiram descer do carro. E, sim, com uma machadada verbal:

— Para fora as três.

Após um gesto do policial falador, aproximaram-se mais dois. Mãos de homem as revistaram. Uma: que humilhação. Outra: que nojo. Com estes termos iriam relatar tudo isso na Arrano Taberna no dia seguinte. E Nerea, quase a ponto de chorar, teve que abrir o porta-malas. Lá estavam a capa de chuva, uma bomba de ar para bicicleta, o guarda-chuva do seu pai e as *ikurriñas* enroladas.

— O que é esta porcaria?

— Duas bandeiras.

— Abre.

Nerea as desenrolou, já mordendo o lábio inferior num soluço incipiente. Tal como declarado, duas bandeiras reconhecidas pela Constituição espanhola. E de repente uma pontada de sarcasmo:

— Quer dizer então que vão à missa do etarra? Acham que Deus vai recebê-lo em sua glória?

Nerea se manteve num silêncio digno. Sentindo que tinha vencido o impulso de chorar, atreveu-se a olhar nos olhos do guarda. Olhos pretos nos quais se refletia, o quê? Puxa vida, sua mãe repetindo o sermão de ontem à noite e o desta manhã, e também Arantxa deitada na cama toda vestida. Sem dúvida teria sido melhor ter viajado com o grupo grande num dos ônibus. E, ao pensar nisso, sentiu uma labareda de coragem no centro do peito.

— Estou esperando uma resposta.

— Nós não vamos à missa.

Nesse momento, o guarda começou a xingar Txomin, o assassino, o terrorista, que morram assim todos esses filhos de puta etc. Fazendo um movimento autoritário com a cabeça, mandou as três garotas sumirem dali o quanto antes. Continuaram a viagem, e Nerea viu pelo retrovisor que o guarda tinha mandado parar o carro seguinte.

55
Como suas mães

Uma perguntou à outra. O quê? Se não era este o café onde suas mães vinham lanchar aos sábados. Arantxa acha que iam mais à casa de churros, mas não pode garantir. O que ela sabe com certeza é que sua mãe ainda gosta de churros e às vezes, quando vem a San Sebastián, compra meia dúzia para depois comer frios em casa. Nerea seria capaz de apostar qualquer coisa que, quando eram amigas, Miren e sua mãe vinham lanchar torradas com geleia neste café.

E o que elas duas faziam lá? Estavam sem notícias uma da outra havia um bom tempo. Tinham se encontrado agora há pouco, por acaso. Quase esbarraram na esquina da rua Churruca com a Avenida. Impossível desviar-se. No caso de Nerea, a surpresa não estava isenta de certo receio. Que nada, uma desconfiança passageira, desnecessária, aliás, pois ali estava, transbordante de simpatia como sempre, o sorriso de Arantxa, que avançou para beijá-la sem titubear. As duas se entreolharam avaliando o aspecto uma da outra e se interrompendo com elogios mútuos.

Decidiram, você tem um tempo?, pôr em dia suas respectivas vidas pessoais. Onde? Não na rua, naturalmente. Estava começando a escurecer e corria um vento desagradável. Nerea apontou para um café próximo. E para lá se foram as duas de braços dados.

— Há quanto tempo não nos vemos?

Ufa, desde que Arantxa foi morar em Rentería com Guillermo, coisa de ano e meio.

— Na vila eu estava me sentindo asfixiada. Sei que não é certo dizer isto, pois nasci e cresci e tinha os meus amigos lá. Mas eu não aguentava mais, tem muita gente contaminada pela política. Gente que hoje te dá um abraço e amanhã, por qualquer coisa que tenha escutado, não te dirige mais a palavra. Fui questionada por namorar um cara que não é basco. Isso mesmo. O que diria Joxe Mari se soubesse.

— Não acredito. Quem fez isso?

— Josune. O que mais me doeu é que, quando ela falou, não estávamos nós duas sozinhas. Fez uma espécie de julgamento popular, entende? Eu fiquei em silêncio. Num país como este é melhor calar a boca. Mas uns dias depois, quando a vi na rua, fui lhe dizer que namoro quem eu quiser e depois mandei ela à merda.

— Muito bem.

— Ela não era a única que não gostava do meu namorado. Minha mãe, sem ir mais longe, tinha os mesmos preconceitos. Pouco a pouco foi se resignando, por causa das vantagens que tem. Agora nos visita vez por outra em Rentería. O pobre do Guille. É um amorzinho. Chegou até a se inscrever para fazer aulas de basco, mas ainda parece meio cru. Tenho a impressão de que esse homem não é bom para idiomas.

Um garçom veio até a mesa. O que queriam tomar. Arantxa, hesitando um instante, pediu algo; Nerea, sem vacilar, pediu outra coisa e aproveitou para perguntar ao garçom se podia diminuir o volume da música.

— Como ia dizendo, parei de entrar nos bares da vila. Bem, à Arrano fazia muito tempo que não ia, para não ver a foto do meu irmão na parede. Minha vida estava em outro lugar, com o meu Guille e meu trabalho em San Sebastián, que é uma porcaria, mas preciso comer. Sentia uma vontade enorme de sair da vila. Aliás, vontade não é a palavra certa: obsessão. Meti na cabeça que lá não havia futuro. Estava muito incomodada. Até hoje, relembrando tudo aquilo, os nomes dos lugares, a cara de algumas pessoas, tenho ânsia de vômito. Desculpe por me exaltar. Não gostava de certos olhares. Imagino que Josune fez uma campanha contra mim. Mas não foi só ela. Assim que pude, fui com Guille para um apartamento. E lá estamos agora, casados no civil. Não vivemos mal, trabalhando e economizando para levar uma vida o mais decente possível.

— E seus pais, como reagiram?

— Minha mãe não achou graça nenhuma em me ver morando com meu namorado. Por causa do disse-me-disse. Tenho uma filha amigada, soltou um dia. Como se ainda estivéssemos nos tempos de Franco. Ela e tantos outros se acham muito revolucionários e vão às manifestações e gritam coisas; mas na verdade estão mais agarrados à tradição que marisco na pedra e são uns ignorantes de marca maior. Olha, *ama,* respondi, vamos dar um jeito nisso rapidamente. E me casei. Numa terça-feira de janeiro, sem vestido branco, sem convidados nem frescuras. Acabou o pecado mortal, não é isso o que queria? Para a minha mãe, que sonha com don Serapio casando seus filhos e com jogar guloseimas para as crianças na escada da igreja e exibir um modelito novo, aquilo foi um drama. Que não ia me perdoar, que isso não se faz com uma mãe. Um mês depois festejamos o casamento num restaurante. Com Gorka, que se negou veementemente a usar gravata, meus pais e os de Guille. Meu pai estava que era puro sentimentalismo. Não sei se foi de tanto beber *cava*, que não lhe cai bem. De repente vai e se lembra de Joxe Mari. Meteu na cabeça que não estamos todos lá e começou a chorar feito criança. Agora,

a favor dele tenho que dizer que se dá maravilhosamente com Guille. Já antes do casamento os dois se entendiam bem, acho que desde a vez em que Guille o ajudou na horta. Um dia eu lhe disse: *aita,* fico feliz de ver que você se dá bem com meu namorado, ou pelo menos melhor que a *ama*. E ele respondeu: é que sua mãe tem um gênio daqueles!

Chegou o garçom, trouxe os pedidos, pôs um pratinho com a conta ao lado de Nerea. Para castigá-la por ter pedido para abaixar a música? Ela repetiu o pedido. Resposta: já tinham diminuído o volume, não podiam abaixar mais. E o garçom não disse mais nada. Seguiu para outra mesa, e a música estava tão alta como no começo.

— Caramba, este chá está pelando.

— Você tem filhos?

Ocupada com o saquinho de chá, Arantxa meneou a cabeça. Nerea estranhou que a amiga tivesse respondido sem a olhar nos olhos. Por isso insistiu:

— Não entram no projeto familiar?

Então Arantxa levantou o rosto.

— Há uma coisa que não falei com Guille nem com ninguém. Posso te contar porque você foi comigo a Londres. Estou começando a pensar que talvez não tenham feito as coisas direito naquela clínica. Por mais que a minha ginecologista negue, tem alguma coisa que não funciona bem, e isso, como vou dizer, estraga um pouco a minha felicidade.

— Ou seja, vocês querem ter filhos.

— Estamos tentando há um bom tempo. A ideia de ter ficado estéril me assusta bastante, para dizer a verdade. Mas, enfim, conta sobre você, sua vida e seus projetos. Eu já contei a minha parte, que não é grande coisa como se vê. Continua estudando?

Nerea lambia distraidamente a colherinha. O que estava esperando para responder? Por um instante deu a impressão de que tentava se ver nos olhos castanhos de Arantxa. Verdade verdadeira, disse:

— Estive a ponto de parar. No fim das contas, decidi dar ouvidos ao meu pai e, depois do verão, vou continuar a faculdade em Zaragoza.

— Não parece estar muito contente.

— Tive um conflito em casa. Disse umas coisas que não devia. Reconheço com tristeza. Bem, mas meu pai me perdoa em tudo. Não é esse o problema. Por outro lado, e isso me serve de atenuante, meus pais não queriam me contar o que estava acontecendo. Para me proteger. Só fiquei sabendo depois. A princípio não entendia. Mas escuta aqui, *aita,* por que diabos eu tenho que ir estudar fora? Estou bem aqui,

no meu ambiente, com a minha turma. E ele insistia que fosse pensando em procurar outra universidade porque já estava decidido que eu não podia continuar em Euskadi. Minha mãe concordando com ele. E Xabier, a quem tinham contado antes de mim, também. Eu me opus, pensando que era um complô para me tratar feito criança. E eu não disse apenas não. Na hora me deu uma raiva! Foi aí que falei as tais coisas que agora queimam na minha memória.

— Eu sei que seu pai foi ameaçado. É esse o problema?

Nerea assentiu.

— Não conheço os detalhes. Na minha casa eles falam mal de vocês. É que minha mãe perdeu o juízo desde que Joxe Mari fugiu para a França. Eu a ouvi falar coisas horríveis sobre Txato. E não dava para discutir com ela. As duas famílias eram tão amigas! Amizade que eu conservo, veja bem. Por isso estou aqui conversando contigo, com muito prazer, aliás. Olha, se eu sair daqui e vir a Bittori andando pela outra calçada, vou lá correndo lhe dar um beijo. Pois bem, para dizer a verdade, eu entendo que o seu pai queira tirar você daqui.

— O que o meu pai não sabe, nem tem por que saber, é que não foi ele que me convenceu.

— Ah, não?

— Houve um incidente na Arrano. Não te contaram?

— Não tenho a menor ideia. Eu vou pouquíssimo lá.

— Com certeza tinham chegado à taverna os boatos maldosos sobre o meu pai. E eu não sabia de nada. Numa tarde qualquer entro lá e peço uma bebida ao Patxi. Pensei que ele, como estava ocupado limpando uns copos, não tinha me ouvido. Bem, então repeti o pedido. Ele nem me olhava. Que estranho. Na terceira, vem de cara feia e me manda desse jeito, tal como estou contando, que eu não tenho nada que estar lá e que não volte mais. Fiquei gelada. Não tive coragem de perguntar por quê.

— Essas coisas se explicam por si sós.

— Fui direto para casa. Meu pai chegou do trabalho. Fui lá, abracei-o, ensopei a camisa dele com meu choro e disse que sim, que ia estudar fora. Então vou em breve procurar onde morar em Zaragoza, sabe, uma cidade onde não conheço nada nem ninguém. Foi então que me dei conta de uma coisa. Você se esforça para dar um sentido, uma forma, uma ordem à sua vida, e no fim das contas a vida faz o que bem entende com você.

— Nem me fala.

56
Ameixas

Você se pergunta: valeu a pena? E a única resposta que encontra é o silêncio destas paredes, o rosto cada vez mais velho no espelho, a janela com seu pedaço de céu lembrando que há vida e pássaros e cores lá fora, para os outros. E quando se pergunta o que fez de errado, responde: nada. Sacrificou-se pelo Euskal Herria. Muito bem, garoto. E quando se pergunta outra vez, responde: eu não fui esperto, me manipularam. E se arrepende? Tem dias de fossa. Então lamenta ter feito certas coisas.

Continua assim um ano após o outro, até perder a conta. Pensa, repensa. Tem que preencher a solidão de alguma forma, não é? E, na verdade, está cada vez mais difícil aguentar a presença dos seus colegas de presídio. Rezar? Não, isso não é para ele. Para sua mãe, sim, que vem uma vez por mês e lhe diz:

— Filho, eu peço todo dia a Santo Inácio que tire você da cadeia, ou pelo menos que acabe com a dispersão e te leve para perto de casa.

No começo buscava companhia. Conversava sobre esportes no pátio com os presos comuns. Dentro do coletivo de presos do ETA, tinha fama de durão, leal, ortodoxo. O passar dos anos, as paredes silenciosas, os olhos de sua mãe no parlatório o foram consumindo, formando nele um vazio interno como se fosse o tronco de uma árvore velha. Agora aproveita qualquer ocasião para ficar sozinho e, justamente neste momento em que não queria lembrar nada, se vê dentro da cabine telefônica que ficava na saída da vila, com um dedo dentro da orelha porque os caminhões que passam não deixam ouvir nada. Josune, nervosa. Não quer saber de confusão. Na vila, todo mundo já sabe que prenderam Koldo e que depois a Guarda Civil tentou pegá-los também. Combinam que Josune vai pedir a Gorka que suba à pedreira. E tantos anos depois, na sua cela, Joxe Mari percebe que, se o telefone de Josune estivesse grampeado pela polícia, ele teria deixado a garota em maus lençóis, isso sem falar em Gorka.

Jokin:

— O que a Gorda falou?

— Que vai procurar meu irmão e que não quer se meter em confusão por nossa causa.

— Mandou pedir a Gorka um par de sapatos tamanho 42?

— Esqueci.

— Que número o seu irmão calça?

— Não tenho a menor ideia.

Também lhe vem à lembrança o envelope de Patxi. O conteúdo não é de se jogar fora: seis mil pesetas. A coisa começa bem. E um bilhete que terminava com palavras de ânimo e um *Gora Euskadi askatuta*. Nesse bilhete, um endereço em Oyarzun e o codinome do homem que ia recebê-los. Que perguntassem pelo Txapas. Sem assinatura nem timbre nem nada que pusesse a polícia na pista da Arrano caso interceptasse a carta. Cara esperto, esse Patxi, não é como eu ou o coitado do Jokin. Nós dois fomos roubados, ele perdeu a vida, eu a juventude.

A distância até Oyarzun era grande, e Joxe Mari estava sem comer nada. Para piorar, essas bicicletas são mais de passeio que de corrida. Jokin também não havia almoçado nem tomado café, nem jantado ontem. Certo, mas não é a mesma coisa, ele não tem a envergadura nem o estômago de Joxe Mari. Fizeram um pacto. Porque, claro, não iam ficar discutindo pela estrada nem perder tempo num almoço com vinho e charuto, e acabar chegando tarde ao encontro em Oyarzun. No caminho parariam para comer. Certo. Por fim entraram num bar em Rentería e acalmaram a fome, em pé na frente de um balcão, com uns sanduíches.

— Podíamos pegar um ônibus em Donostia e nos poupar das pedaladas e da suadeira.

— Temos que poupar é dinheiro. Ou você quer torrar tudo no primeiro dia?

O cara de Oyarzun, quarenta e tantos anos, estava avisado; mas pelo visto não confiava nos dois. Cara amarrada.

Mais tarde, a sós:

— Vai ver que não gosta de ser chamado de Txapas.

— Pois que se foda.

O homem os cumprimentou, secamente, em basco. Olhava para eles sem piscar, fez perguntas dessas que se respondem com sim ou não, meio que dando a entender: não estamos aqui para conversar. Pouco a pouco foi relaxando o cenho. E os levou para um porão onde passariam a noite. Cheiro forte de cola de carpinteiro. Nem cama, nem colchão. Nem a porra de uma pia. E como se Jokin ensaiasse um pedido/reclamação, o cara disparou que podiam ir embora se não gostassem. Sozinhos: isso é a luta. O que estavam esperando? Luxo, conforto? Joxe Mari esvaziou a bexiga num canto. Depois estenderam uns papelões no chão. Uma noite no depósito em escombros da pedreira, e agora isto. Dois dias seguidos sem jantar. A fadiga ajudou o sono. Não dormiram muito, mas era melhor que nada. De manhã

cedo, Joxe Mari resolveu explorar os arredores. Por uma porta baixa, no fundo do corredor, chegou a uma horta adjacente à casa. Nada, uma cerca, grama e quatro ameixeiras. As ameixas, verdes. Algumas já estavam amarelando. Joxe Mari mordiscou dez ou doze na parte menos azeda. Logo depois apareceu Txapas. Disse, incisivo, autoritário:

— Vamos.

Explicações? Zero. Não importa. Nós também não pedimos. E as bicicletas? Ficaram no porão. Quem sabe vinte e tantos anos depois ainda continuam lá, enferrujadas e com os pneus vazios. Txapas os levou numa caminhonete até uma paragem solitária de onde se divisava, a mais ou menos um quilômetro de distância, o estacionamento do hipermercado Mamut. Havia uma névoa matinal lá embaixo, mas por cima dela já se via que o céu estava aberto e que o dia ia ser de sol. A caminhonete parou no início de um caminho de terra.

— Aqui vocês descem.

Entregou um exemplar do jornal *Egin* e um maço de Ducados a cada um.

— *Esperar* aí, ao lado destas árvores.

Recomendou que segurassem o jornal e os cigarros de maneira que ficassem visíveis. Lembrou-lhes a senha e desejou boa sorte. E assim que os dois amigos desceram, arrancou.

Joxe Mari:

— Um de nós podia ir correndo comprar comida e água no Mamut. Estou com uma sede de cavalo.

— Não fode. E se aparece a pessoa que vem nos buscar e só encontra um? Aguenta um pouco.

Joxe Mari, deitado na cela, desenha um sorriso. Que dupla de iludidos. Pelo menos tinham cigarro. Jokin começou a folhear o *Egin*. Joxe Mari, e é por isso que sorri tantos anos depois, desceu por um pequeno barranco que havia atrás deles.

— Volto já.

— Aonde você vai?

Não respondeu. Sumiu no meio da vegetação espessa. E ali ficou escondido vários minutos. Depois se limpou com umas folhas do *Egin,* não com a capa, pois ia servir para identificá-lo, e foi se juntar com Jokin ao lado das árvores.

— O que foi?

— Nada.

Minutos depois, um carro parou à sua frente.

— A que horas passa a máquina?

— Vamos ter que tirar a neve da porta.

Saudações breves. Esse também não era muito falador, porém bem mais sociável que Txapas. Sentado ao seu lado, só Jokin conversava com ele. Joxe Mari, sozinho no banco de trás, murmurou de repente, falando para si mesmo:

— A porra das ameixas.

Jokin olhou para ele sem entender. Agora, na cela, olhando um pedaço de céu azul pela janela, Joxe Mari acha graça dessa lembrança.

57
Na reserva

Na memória, se vê debruçado em outra janela. Não nesta da cela, mas na janela de uma casa de campo na Bretanha. Foi só pensar e, zás, apesar dos anos que passaram, já está ali, na sua memória olfativa, vivo, exato, o cheiro da madeira. Um cheiro seco, talvez de séculos, que vinha das vigas e do piso inclinado, de tábuas. Jokin e eu estávamos brincando, cada um com uma moeda de dez francos. Faziam a moeda rodar pelo chão em declive. Ganhava quem chegasse mais perto da parede, mas sem tocar nela porque senão perdia. Quase sempre era Jokin quem ganhava. É que ele tinha a mão menor. E mais hábil, rapaz, reconhece. É, mas a minha estava acostumada é com a bola de handebol, não com esta merdinha de moeda que escorrega entre os dedos. E ela, claro, ou parava muito antes ou batia no rodapé.

Os dois militantes neófitos matavam o tempo como podiam.

— E isso, o que quer dizer?

— Novos.

— Que espertinho. O meu irmão Gorka, esse sim que conhece palavras estranhas.

O lento, o desesperador tempo de retiro na casa da Bretanha. Em qual delas? Em todas. Na primeira onde ficaram alojados, na última que dividiu com Jokin e na posterior, com um companheiro novo, antes de ser integrado num *talde*. Fecha os olhos e evoca o verdor do campo, as chuvas intermináveis, o tédio. Programa diário de atividades: esperar. E, depois, aquela falta de montanhas que para um basco, queira ou não queira, é mortal. Vai corroendo a alegria, tirando o ânimo.

A partida de Jokin foi um golpe duro para Joxe Mari. É que os dois se faziam companhia, jogavam, conversavam. E, de repente, a separação. Para sempre?

— Certamente vamos voltar a nos encontrar.

— Daqui a alguns anos seremos dirigentes históricos. Você e eu, com toda a responsabilidade das coisas. E enquanto os outros dão duro e arriscam a vida, nós dois numa boa em Iparralde, definindo os objetivos e dando ordens.

Agora, sim, começava a luta de verdade, pelo menos para Jokin. O sacana, de noite, não conseguia conter a alegria (ou a euforia misturada com nervosismo) por sair daquela situação de isolamento na Bretanha. Não parava de falar. Parecia

drogado. Joxe Mari, à meia-noite, à uma, o quarto cheio de fumaça de cigarro, ficava de saco cheio de tanta conversa. É que o outro não parava: planos, expectativas, lembranças do passado, casos da vila.

— Lembra aquela vez...?

E afinal ficou muito puto quando ele, só de sacanagem, disse tranquilamente, você vai ver como daqui a uns cinco ou seis anos vêm te buscar também.

Na verdade (pensa agora, deitado na cama da cela), nada correu como eles tinham imaginado. Enquanto estavam juntos, encaravam com humor as longas horas de inatividade. Jokin, um dia, durante um passeio pelo campo:

— Como é que nós vamos libertar Euskal Herria, porra, se nós mesmos não estamos livres, se temos que esperar instruções para dar um passo ou até para saber aonde temos que ir?

— Não seja chorão. Quando nos derem uma arma, você vai ver se libertamos ou não.

— O pessoal lá da vila tem que ficar orgulhoso de nós.

— Isso com certeza. Vamos botar a vila lá no alto.

Antes de entrar no carro, Jokin, todo contente, dirigiu os olhos para a janela, lá em cima, e fez um último gesto de despedida para Joxe Mari. O punho para o alto. Meio da manhã e chuva outra vez. Joxe Mari respondeu, de brincadeira, dando uma banana. Ia ficar sozinho, mais sozinho que chinelo de perneta. Viu Jokin mostrar a língua. Ele está pensando que vai para uma festa ou o quê? E essa imagem com a língua de fora é a última que guarda do amigo.

O carro se afastou dali aos pulos pelo caminho de terra. É que o trator do dono deixava uns sulcos enormes no chão. E continuava chovendo em cima da grama e da fila de macieiras na margem do caminho, e também daquelas árvores, carvalhos ou sei lá o quê, que tapavam a torre da igreja lá na vila e, mais perto, em cima das vacas do dono da casa, um bretão de nariz vermelho que toda noite brigava aos berros com sua mulher e com o qual eles só podiam se comunicar por meio de gestos.

Meses antes, em Hendaya, tinham recebido o tratamento padrão. De simples recrutinhas, como dizia Jokin. De caipiras, segundo Joxe Mari. Nem orquestra de boas-vindas nem membro da direção fazendo as honras da casa.

— Vocês falam francês?

— Nem uma palavra.

O encarregado do esquema de recepção foi direto ao ponto. Olhem, o que vocês podem esperar aqui é isso, isso e aquilo. Parecia cansado, o cara. Sei lá, por causa das olheiras. Aqui não tem essa história de santuário ou coisa que o valha.

Clandestinidade absoluta, muita cautela, disciplina e sacrifício. Tudo isso embutido em frases curtas que pareciam querer acabar logo. Repetiu a ideia de que nós somos feito cerejas num cesto. Você pega uma e vêm cinco ou seis juntas. E temos que evitar isso a todo custo, certo? Não podemos permitir que alguns caiam por causa da imprudência de outros.

— As condições são duras, não vamos nos enganar. Isto aqui não é um jogo.

Deu-lhes um alojamento provisório (e roupa e um rádio e outros objetos) numa granja próxima a Ascain. O proprietário, chamado Bernard, um cidadão basco-francês de sobrancelhas zangadas, recebeu-os com frieza, sério, de pescoço esticado, como que dizendo: são estes? Aparentemente esperava outros hóspedes. Mais experientes? De nível mais alto dentro da organização? E depois, no saguão, deu uns gritos na sua língua com o cara do esquema de recepção. Jokin e Joxe Mari não captavam de que se tratava aquela bronca. Que o granjeiro não parecia muito feliz com a presença dos dois recém-chegados, estava claro. Descobriram que ele falava um dialeto de basco que, com um pouco de esforço, podiam entender mais ou menos. Conseguiram conversar, nos dias seguintes. E se deram bem. Eles lhe ofereceram ajuda na granja. O homem gostava de esportes, inclusive handebol. Consequência: a partir do segundo dia, suas feições se suavizaram. Também as da mulher dele. Certa manhã ouviram até gargalhadas dentro da casa. E, sim, para não ficarem de braços cruzados, após três dias de isolamento, ajudaram um pouco a limpar, a levar e trazer coisas, sem sair da granja para que nenhum desconhecido os visse.

Em uma manhã cheia de sol e pássaros, vieram buscá-los num Renault 5. Reunião importante. Foi tudo o que disseram. Assim que o carro arrancou, tiveram que colocar uns óculos de lente opaca. Mais de uma hora de curvas. E por fim, sob as solas dos sapatos, o som inconfundível de cascalho. Que não olhassem. E Joxe Mari, já dentro da casa, divisou pela parte de baixo dos óculos umas lajotas vermelhas e degraus.

— Já podem olhar.

Na hora de apertar mãos, Santi sorriu para eles. *Kaixo,* disse; um *kaixo* tímido, insípido, responderam os dois. E a conversa correu bem desde o primeiro momento, porque descobriram que Santi tinha amigos na vila. Começaram por aí. E depois, as festas, e o baile na praça. Santi tinha informação sobre ambos. Deixou Jokin de boca aberta.

— Então você é o filho do açougueiro.

Perguntou por que tinham fugido. Eles responderam. Também perguntou por que queriam entrar na organização.

Joxe Mari:

— Já estávamos achando pouco incendiar ônibus e caixas eletrônicos. Queremos dar o passo definitivo.

E deram. Já tinham dado. Ficaram trancados durante cinco dias num quarto não muito maior que esta cela. Três passos de largura e cinco de comprimento. Talvez um pouco maior, mas não muito. Lembra que havia uma janela alta demais para se debruçar. E além disso estava tapada por uma cortina de tecido grosso, azul bem escuro, que quase não deixava entrar luz. Ouviam-se sons lá de fora: vozes e risos de crianças, o ratatá de um trator ou, senão, de uma máquina agrícola, e um sino que dava as horas, às vezes de longe, às vezes mais de perto, conforme a direção do vento. De vez em quando um galo cantava.

O cursinho de armas? Interessante. A parte teórica nem tanto. Mas pelo menos estavam ocupados. Foi ministrado por um instrutor com o rosto encoberto por uma balaclava. Nos dois primeiros dias, ele veio de bermuda e chinelo. Sabia tudo sobre explosivos, mas era desajeitado para montar e desmontar o fuzil automático. Ao seu lado, vigilante, ficava o responsável pela logística, com um nome de guerra que Jokin, entre eles, trocou por Belarri porque tinha umas orelhas deste tamanho. Joxe Mari achava impossível lhe dirigir a palavra sem olhar para elas. No dia do fuzil automático, teve que intervir porque o cara de balaclava não acertava uma.

O melhor da história, sem a menor dúvida, eram os exercícios de tiro. Lembro quando atiramos com uma calibre 7,65. Pou, pou. Belarri fazia cara de surpresa.

— Nossa, garotos, de onde tiraram essa pontaria?

Também atiraram com pistolas Browning, Stein e Firebird, esta última com um silenciador acoplado. Zum, zum, uma verdadeira maravilha. Belarri, mudo de assombro, principalmente por causa de Jokin, que não errava uma. Joxe Mari acha que foi graças à sua fama de bom atirador que o incorporaram primeiro a um *talde* que nesse momento precisava cobrir uma vaga. A separação foi um golpe duro.

Para combater a solidão, podia ter procurado Koldo, que na época morava por perto. Não teve vontade. Ele e Jokin o haviam encontrado certa tarde, por acaso, num bar em Brest. Puxa, puxa. Pois é, disseram, mas as palavras, o tom, os gestos não eram mais como na época em que dividiam o apartamento na vila.

— Escutem, vocês vão ter que me perdoar. Eu pensei que não ia sair vivo de lá.

— Fica tranquilo. Já, já vamos dar o mesmo remédio a eles.

Fizeram gracinhas, ficaram de se encontrar outro dia; mas o fato é que nunca mais o procuraram. Não confiavam.

58
Moleza

— Isso é moleza.

— Eu entro com o cano e vocês me esperam lá fora. Já está na hora de estrear.

Diziam que o sujeito traficava droga. A organização afirmou isto no comunicado que foi publicado dias depois no *Egin*. Uma *ekintza* rápida e fácil, nada espetacular, mas adequada para testar o brio de cada um. Foi o que Patxo lhe disse, para tranquilizá-lo?, e era verdade. Joxe Mari se lembrava dela com frequência porque foi a primeira com morte. Seu batismo de sangue alheio. As outras ações, tinha que rememorar. Das primeiras já esqueceu muitos detalhes. Tinham sido simples bicos: duas ou três explosões, um assalto. Essa do bar, ao contrário, estava muito presente na sua memória. Não por causa do cara. O cara era irrelevante. Recebo a ordem de executar um fulano, vou lá e executo seja quem for. A missão dele não era pensar nem sentir, era cumprir ordens. Essa gente que depois vem criticar não entende isto. Principalmente os jornalistas, moscas pegajosas que ficam à espreita de uma oportunidade para perguntar sobre arrependimento. Bem diferente é quando ele pergunta a si mesmo, sozinho na cela. Tem, às vezes, períodos de desânimo. Cada vez mais. Porra, é que são anos demais atrás das grades.

Receberam a informação com uma foto. Com esse nariz e esse bigode, não tinha erro. O cara, entre trinta e 35 anos, tomava conta de um pequeno bar, mais como um *pub*. Às vezes era ele quem ficava no balcão, às vezes, uma mulher. Ela não interessava. O bar ficava numa rua pouco movimentada. Vigilância? Nenhuma. E tampouco ia haver problemas para sair da área. Com toda razão, Patxo dizia que era moleza.

Em outros momentos haviam tirado na sorte quem ia fazer isto e quem aquilo. Dessa vez, não. Joxe Mari insistiu que era ele e mais ninguém. Só para provocar, Txopo propôs decidir na porrinha.

— Não, cacete.

— Tudo bem, tá certo.

Ele ia entrar no bar, Patxo ficaria esperando na calçada para cobrir a retirada e Txopo, que dos três era quem dirigia melhor, permaneceria sentado ao volante do carro. Isso aí, moleza.

Dormiram em uns colchonetes no apartamento onde os tinham recebido na véspera. E Joxe Mari, até hoje, não se lembra de ter tido algum sonho nessa noite relacionado com a *ekintza* do dia seguinte. Dispunham de uma televisão, jantaram o que havia na geladeira, viram um filme. E mais nada.

De manhã, não era bem nervosismo o que sentia, pelo menos não a ponto de impedir seu ar de tranquilidade diante dos companheiros, pois eram isso, companheiros, não amigos. Era como se, de repente, revivesse a tensão que, quando jogava no time de handebol, costumava sentir horas antes de uma partida importante. Nesses momentos, falava pouco e não gostava que falassem com ele, principalmente para não perder a concentração, não relaxar demais.

— Vamos.

E foram. Problemas, contratempos, imprevistos? Nenhum. Os outros conheciam um Joxe Mari mais brincalhão, mais falante. No trajeto:

— Você está chateado, é?

— Por que não param de encher meu saco?

Continuaram em silêncio. A rua solitária, com poucos carros, já no limite da área urbana. Encontraram vaga sem dificuldade. O objetivo chegou um ou dois minutos depois da hora que figurava na informação como habitual. O bigode, o nariz: era ele. Levantou a persiana sem olhar para os lados. Esse cara não sabe que só lhe resta um minuto de vida. E entrou no bar.

A verdade: Joxe Mari, no banco do carona, sentia o coração bater com força. No caminho parecia estar com as mãos pousadas sobre os joelhos. Pois nada disso. Estava é segurando as pernas para controlar o tremor. Hoje ele sabe que existe um antes e um depois da primeira vítima mortal, se bem que essas coisas, pensa, dependem de cada um. Porque, claro, você coloca uma bomba e arrebenta uma transmissora de televisão, por exemplo, ou uma agência bancária e, sim, faz um estrago, mas essas coisas podem ser repostas. Uma vida, não. Agora ele pensa nisso de cabeça fria. Na época, estava preocupado com outra coisa. O quê? Que os nervos lhe pregassem uma peça. Tinha medo de parecer frouxo, inseguro, na frente dos companheiros, ou que a *ekintza* desse errado por culpa dele.

Melhor agir em vez de ficar esquentando a cabeça. Desceu do carro decidido, convicto de que estava deixando o tremor e as palpitações lá dentro. Não fechou a porta totalmente. E Patxo, que viera no banco traseiro, tampouco. Falar, se entreolhar? Para quê? Eles tinham planejado tudo, e a luz intensa do sol veio bater em cheio no seu rosto.

Joxe Mari viu varandas com roupas penduradas. Este não é um bairro de ricos. Que estranho, não é?, pensar uma coisa assim naquele momento, com o peso da

Browning debaixo do casaco. Um dos lados da rua dava para um morro. Embaixo, a estrada. Lugar feio. Um grupo de meninos brincava ao fundo, num casarão cheio de escombros e mato crescendo em volta. O que quer dizer ao fundo? A uns cem ou 150 metros. Distantes e ocupados demais para prestarem atenção nos dois jovens que se dirigiam, um na frente do outro, para o bar. O coração de Joxe Mari não estava mais batendo tão forte. Acontecia igual quando jogava handebol. Assim que o árbitro apitava o começo da partida, ele se acalmava sem perder a tensão.

Enquanto avançava pela calçada, parou de ouvir os passos de Patxo às suas costas. Passou ao lado de um saguão com sua porta de vidro e seu número. Que número? Como vou lembrar tantos anos depois? Mas lembra, em contrapartida, que para entrar no bar era preciso subir dois degraus. Ou eram três? A persiana não estava totalmente levantada, mas o suficiente para não ter que agachar a cabeça. E de imediato sentiu um cheiro de fumaça antiga, de antro mal ventilado. Levou um segundo para acostumar os olhos à penumbra. E ficou desconcertado ao não ver o alvo dentro do bar. O lugar não era muito maior que esta cela, mas era bem mais comprido, com um vão de porta no fundo por onde de repente apareceram o nariz e o bigode.

— Dá para esperar um pouquinho? É que ainda não abri.

O cara usava uma correntinha em volta do pescoço. Os elos prateados refletiam a luz fraca da única lâmpada acesa. Desciam por seu peito ligeiramente peludo e se perdiam debaixo da camisa, motivo pelo qual Joxe Mari não podia saber o tipo de enfeite em que culminavam. O que fez foi fixar a vista naquele espaço, bem embaixo da garganta, compreendido entre os dois segmentos da corrente. Encostou ali o cano da Browning e atirou. Deu tempo de ver um súbito buraco sanguinolento antes que o cara desabasse para um lado e, na sua queda violenta, derrubasse um banquinho.

Ainda estava se mexendo no chão. Ainda pôde dizer/balbuciar, tentando erguer-se, com a voz entrecortada:

— Não atira. Pega o dinheiro.

Joxe Mari considerou que era uma provocação do alvo não morrer imediatamente, além de uma ofensa confundi-lo com um assaltante. O tom lastimoso, os esforços penosos para se levantar. Concluiu que o sujeito pretendia se mostrar humano para instigar piedade. Comigo, não. Viu as fileiras de garrafas, a barra onde as pessoas costumam apoiar o pé. E lembrou uma máxima do seu instrutor: nós não assassinamos, nós executamos. Muito cuidado, então, para não falhar. Deu um passo para a frente e, sem perder a calma, destroçou a cabeça do alvo a tiros.

Depois houve um silêncio. A dois passos dali estava a caixa registradora, aberta. Podia ter me aproveitado. Afinal, quem ia saber? Não pegou nada. Nem água da torneira. E esta é a melhor prova (disse para si mesmo já saindo do bar) da integridade da nossa luta.

59
Fio de vidro

Um taxista imprudente, ou será que é normal dirigir assim pelas ruas de Roma? Assustou com uma buzinada um grupo de turistas que, aglomerados no meio da pista em volta do guia, contemplava um edifício histórico. E depois, que labirinto de vielas, quantas curvas! Abrindo a janela, pôs o braço para fora cumprimentando um rapaz elegante que estava parado, chamando clientes, em frente à varanda (toldo e grandes vasos de barro) de um restaurante. Atravessaram trechos com calçamento de paralelepípedos. E no banco traseiro, entre as sacudidas, de mãos dadas, Aránzazu e Xabier se entreolhavam como que dizendo: o que fazemos? Rimos ou pedimos socorro?

Desceram na porta do hotel Albergo del Senato. Ali ao lado estavam o Panteão com suas colunas de granito e toda aquela gente tirando fotos; por perto, uma carruagem para turistas com seu cavalo entediado e seu chofer romântico-sonolento, e, no meio da praça, a fonte, naquele momento rodeada de adolescentes, colegiais?, com um lenço amarelo no pescoço, gorro da mesma cor e mochilas.

Aránzazu pagou a corrida. Tinham feito um caixa comum, e ela foi contando as notas. Trezentas mil liras. O taxista, com gestos e palavras de esquilo, sumiu, *buona giornata,* tão depressa como tinha aparecido. E antes de entrarem no hotel, carregando as malas, respirando fundo o ar morno do meio-dia, Aránzazu disse a Xabier em voz baixa:

— Juro por Deus, por algum tempo achei que o motorista tinha nos sequestrado.

Xabier, como era diferente nessa época, pelo menos nas horas de lazer: irônico, espirituoso, sarcástico (no hospital, nem tanto). Sua réplica:

— Nem precisa achar. Ele realmente nos sequestrou. O resgate foi a facada que ele cobrou.

Da janela do terceiro andar via-se a Piazza de la Rotonda? Conversa fiada! O quarto que lhes deram não tinha a menor semelhança com o do folheto que viram na agência de viagens. Espaçoso? Sim. Limpo? Também. Mas a janela dava para um sombrio pátio interno. Em frente, uma parede escurecida, de tijolo aparente, com umas janelinhas. Detalhe poético, segundo Aránzazu: um gato acomodado num

batente. E, mais acima, perto do beiral, uma arvorezinha heroica se agarrava à vida enterrando as raízes numa rachadura no muro.

— Sem reclamações, hein?

— Não, até que gostei do gato.

— O pátio interno tem suas vantagens. Na certa, quem está num quarto com vista para a praça não consegue pregar o olho de noite, por causa do barulho.

— Coitadinhos. Foram enganados. Já estou ficando até com pena deles, sem conhecer.

— Não esqueça a intenção da nossa viagem.

— Não estava pensando em outra coisa. Como você é cheirosa!

E começou a despi-la ali mesmo, junto à janela, e ela, pura condescendência depois de verificar que ninguém os olhava do pátio, lindos lábios risonhos, deixava-o à vontade e até afastava as pernas e levantava os braços e se colocava em posições que facilitavam a extração suave das roupas.

Havia dito/pedido: que não desse chance a mal-entendidos, que por favor lhe dissesse sem ambiguidade os seus desejos, físicos ou de qualquer outra índole, assim como ela faria igualmente com os próprios. Colegas, amigos, amantes, eus fundidos. Três dias em Roma iam permitir que medissem a profundidade da relação. Xabier tirou a roupa com rapidez. Penetrou-a, peito contra peito. Adivinhando o propósito, ela havia apoiado um pé na ponta de uma cadeira e, assim aberta, o acoplamento se consumou sem intervenção das mãos. Encaixados, sem mover os corpos, dirigiram o olhar ao mesmo tempo para o pátio. A parede, o gato, a arvorezinha. Quietos, unidos, sem se abraçar, ela com as mãos enlaçadas atrás da nuca, ele na altura dos rins. Um hábito gostoso que tinham. Sensação de serem dois em um sem que ninguém possua ninguém. Ela, sussurrando, como se temesse incomodar:

— Quer mais?

Ele disse que de noite. Ficaram imóveis, calados, um minuto, dois, cada qual imerso em suas fantasias e pensamentos, até que o membro, pouco a pouco amolecido, escorreu para fora do seu morno abrigo.

— Vamos almoçar?

Foram. Onde? Andaram um pouco pelas ruas. Por aqui, por ali, acabaram desembocando sem querer na praça Navona. A fonte com aquelas estátuas que Aránzazu achou monstruosas, o agradável sol de primavera, uma turma de freiras saindo daquela igreja em fila indiana e, logo em frente, a livraria Spagnola, à qual decidiram voltar quando tivessem matado a fome ou, senão, no dia seguinte.

Saindo por um ângulo da praça, em direção ao rio, pararam na porta de um restaurante. Vamos entrar, seja bom ou ruim, caro ou barato, porque a fome já

tiranizava seus corpos. Salada, nhoque, e ele, peixe, que não estava ruim mas tampouco era de aplaudir em pé.

— Sem reclamações, hein? Olha a sorte que tivemos com o tempo.

— Será que pescaram esta *orata* ali na fonte? Pergunto porque tem gosto de pé de estátua.

— Xabier, por favor, vão escutar.

— São italianos. Não entendem o que nós falamos.

— Entendem tudo. Se você quer criticar, fale em basco.

E brindaram com *vino rosso da casa,* cúmplices na risada, nos olhares maliciosos, na felicidade. Ele disse em basco: como você é cheirosa. Ela lhe relembrou o juramento que fizeram de vir a Roma só para se divertir. Tinham assumido este compromisso dias antes da viagem. Aránzazu imaginou um fio de vidro, sustentado por cada um deles numa ponta. Três dias em Roma com um fio que a qualquer momento podia quebrar. Era o seu medo. E Xabier, brincando:

— Pela nossa lua de mel.

— Calma aí, amiguinho. Não se precipite.

Fazia pouco mais de dois meses que ela conseguira o divórcio. Ufa, era um verdadeiro castigo falar do seu passado matrimonial. Por outro lado, achava difícil, impossível?, apagar oito anos de lembranças dolorosas. O ex-marido oftalmologista e Xabier se encontravam nos corredores, no elevador, no estacionamento do hospital. Também no estádio de Anoeta, pois os dois eram sócios da Real Sociedad, com cadeiras a menos de dez metros de distância no estádio. Xabier procurava, com a devida discrição, esquivar-se dele. Mas por quê? É que uma coisa o tinha incomodado. O outro, já divorciado, soube da sua relação com Aránzazu e disse a Xabier no café do hospital que cuidasse bem dela, que não a deixasse sozinha, e aproveitou para qualificá-la de mulher adorável mas frágil.

— Cuide bem dela.

Que intrometimento é esse? Mas é assim que costuma acontecer, geralmente as pessoas não querem se meter em confusão, muito menos no trabalho, e optam pela diplomacia e pelo silêncio. Então deixou passar, fez um gesto vago de concordância com os olhos voltados para a garçonete, quanto é? Ia se despedir sem terminar o café pingado e já tinha aberto a boca para dizer tchau, mas o outro foi mais rápido.

— Desejo toda a felicidade do mundo a vocês. De verdade. Mas não vai ser fácil. Sei por experiência.

De tarde contou a Aránzazu, e ela chorou, convencida de que as palavras do ex-marido equivaliam a uma praga.

— Você deve achar que estou exagerando.

Pela primeira vez a via chorar. Bela, discreta, mergulhada em uma elegante tristeza. Mulher sensível, 37 anos, três a mais que ele. Ficou observando seus olhos úmidos, fascinado. Abraçou-a, consolador, deleitando-se no calor fragrante que ela exalava e roçou o rosto em seu cabelo preto e beijou-a nos lábios com um doce afeto. Havia encanto em sua maneira de não destruir a sombra dos olhos com a ponta do lenço de papel; talvez, também, um indício de coquetismo ansioso e um grande medo. Vamos ver se estou mesmo exagerando. Esse medo era real e era profundo, estava lá dentro dela como uma dor surda/não concreta, mas nem por isso menos inquietante. O medo de não servir para uma relação amorosa de verdade, estável, e aquela era a sua última tentativa. Disse isto a ele num sábado à tarde, enquanto aguardavam para assistir a uma comédia no Teatro Principal.

— Definitivamente você é o último. Não tenho a menor dúvida. Se a nossa relação não der certo, esta desventurada dama aqui nunca mais volta a se apaixonar, nem morta. Fecho a porta para sempre.

Foi durante essa conversa que Aránzazu teve a ideia da viagem.

— Vamos passar alguns dias longe daqui, do trabalho, de todo mundo que conhecemos. Três ou quatro dias para ficar as 24 horas juntos. No final vamos descobrir até onde estamos dispostos a chegar, se combinamos, se queremos ter uma relação para além do sexo. O que você acha? Mas cada um pagando a sua parte.

E entraram no teatro. Na saída, enquanto passeavam pelo porto, ela disse a frase sobre o fio de vidro. Revelou o seu medo. Aos 37 anos, sentia-se uma flor murcha. O que podia oferecer. Com certeza, amor. Isto sem dúvida. Mas se Xabier desse prioridade a outros desejos (ter filhos, por exemplo), achava difícil que pudesse ser feliz ao seu lado. Este temor amargurava os seus dias, foi com ela para Roma, apareceu de novo lá embaixo. Onde? Naquele caminho que bordeia o Tevere. Os dois estavam sentados numa parte saliente do muro que parecia um banco fora de lugar. Tinham acabado de almoçar. Tomavam sol. A correnteza descia tranquila e turva. De repente, uma pedra que pegou no chão inspirou nele uma ideia desafortunada/pueril.

— Se eu conseguir jogar na outra margem é porque nada na vida vai poder nos separar.

— Esquece isso, por favor. É melhor não desafiar o destino.

— Está duvidando da minha força?

— Não, mas o rio é bastante largo.

— Ora, ora.

Tirou o casaco. Seu peito, suas costas são largos, mas a juventude já passou. Será

que não percebe? Ele, homem geralmente tão sensato, tão médico e tão racional, deu uma corridinha e arremessou a pedra com grande potência e desejo masculino de impressionar a fêmea. A pedra disparou em enorme velocidade pelo ar claro da primeira hora da tarde. Os dois seguiram com o olhar o arco da trajetória. A pedra, um pontinho escuro que se afastava pelo ar, começou a cair e caiu, glup, dentro da água.

— Tudo bem, era só brincadeira.

Dali foram visitar a Capela Sistina.

60
Médico com médico

Txato já estava indo fazer a sesta. Alegou que tinham acabado de conhecer essa mulher, que era cedo para julgá-la; mas Bittori, severa, incisiva, de avental em cima da roupa, insistia: médico com médica, enfermeiro com enfermeira. Depois, com o lábio desdenhoso e um gesto de cabeça caricato:

— O casalzinho. Meu Deus, mas ela é três anos mais velha. Esse pixote, será que está querendo uma segunda mãe ou o quê?

— Tudo bem, tudo bem.

— Tenho ou não tenho razão?

— Se o teu filho te escutar, você vai ver só.

— Estou falando contigo. Xabier não tem por que saber.

Os dois tinham saído poucos minutos antes, de mãos dadas. Nessa idade! O casalzinho feliz. O pessoal da vila devia estar morrendo de rir. Domingo e nuvens no céu. A Real Sociedad jogava às cinco. Depois do jogo, ela iria buscá-lo/pescá-lo, continuar puxando a linha até tirar o peixe da água e colocá-lo no cesto.

Bittori abriu as portas da varanda de par em par.

— Não dava para respirar direito. Não me diga que não é exagero. Até o consomê tinha gosto de perfume.

— Pois eu não senti. E não venha me dizer que ela não é bonita.

— O que você entende disso? Vai, vai para a cama sonhar com caminhões.

Os quatro podiam ter ido tranquilamente a um restaurante. Txato tinha sugerido isso desde o primeiro momento. E olha que não queria se meter onde não era chamado. Xabier fez a mesma proposta pouco depois pelo telefone, induzido, é preciso dizer, por Aránzazu, partidária de se conhecerem "em terreno neutro". Tanto o pai como o filho se mostraram dispostos a arcar com a despesa; mas Bittori disse que nem pensar. O motivo? A seu ver, no restaurante todo mundo se comporta como o que não é e, para se conhecer bem, não há lugar melhor que em casa.

Txato:

— Acha melhor passar a manhã toda cozinhando?

— E daí? Quando você me levou para conhecer sua família na aldeia, foi a sua

mãe que fez o almoço. Sopa de grão de bico e frango frito. Ainda me lembro. E no final ajudei a tirar a mesa. Já esta senhora, nem se ofereceu para me dar uma mão. Muito fina ela, toda maquiada e coisa e tal, mas bem que me viu tirando os pratos e não se mexeu. Que educação!

Eles eram esperados à uma e meia. Quinze minutos antes, Bittori pôs Txato para ficar vigiando, sem ser visto, hein?, ao lado da porta da varanda, com algumas instruções precisas. Um, que nem pensasse em tocar nas cortinas, que estão recém-lavadas; dois, que a avisasse assim que os visse despontar na rua, já que de maneira alguma queria receber essa mulher de avental.

— Essa mulher? Ela se chama Aránzazu.

— Não me interessa como se chama.

Além do mais, queria examiná-la antes das apresentações. Ah, e três: que não beliscasse os petiscos que estavam em cima da mesa: aspargos com maionese, presunto de Jabugo, bolinho de bacalhau, percebes, camarão.

— Está tudo contado.

Txato, de sentinela, quanta paciência Deus tem que me dar, vigiava a rua sem movimento porque era domingo. E na hora marcada, pontuais, de mãos dadas, viu-os aparecer em seu campo visual, ela com um buquê de flores. Que alta, que bonita, que elegante. Impressionado, ficou alguns segundos se deleitando com a contemplação da imagem antes de avisar Bittori, que veio em passos nervosos da cozinha, tirando o avental às pressas.

— O sapato não combina com a roupa.

— Pois me parece um monumento de mulher.

— Não encosta a mão na cortina, faça-me o favor.

— Que porte ela tem! É quase tão alta como o nosso filho.

— O preto do cabelo não é natural. E o broche na lapela parece, daqui, uma mancha de óleo. Eu diria que esta senhora não tem lá muito gosto.

Depois da despedida do já formalizado e reconhecido casal, Txato, que tinha comido e bebido por três, tirou a sua soneca? Tentou. Bittori, atarefada na cozinha, não conseguia se acalmar. E se abriu, mãe monologante, mãe dolorida, para a espuma na pia. Seu filho com aquela mulher, uma simples auxiliar de enfermagem. Manifestou opiniões adversas para o auditório formado pela louça suja. Disse isto à bucha; disse aquilo à torneira. Não tinha respostas, não encontrava a desejada compreensão. Precisava da proximidade de ouvidos humanos a qualquer custo. Em casa, naquele momento, só havia os do Txato. De maneira que, lamentando pela digestão e o repouso dele, entrou, isso lá é entrar?, bem, irrompeu no quarto. Vinha falando sozinha desde a cozinha, enxugando as mãos no avental. Sem parar de falar,

sentou-se na beira da cama. Deu uma sacudida no marido.

— Como você pode dormir tão tranquilamente?

Adeus, sesta. Com a língua amodorrada, ele balbuciou: o que foi, o que houve. Bittori não respondeu. Não parecia sequer interessada em conversar. Não buscava um interlocutor, só queria ouvidos.

— Não vejo como Xabier pode ser feliz com essa senhora. Ela pode ter as virtudes que você quiser. Eu, para dizer a verdade, não as vejo em lugar nenhum. Essa dona é cheia de manias. Nem provou o marisco. O presunto também não. Passei toda a santa manhã assando um leitãozinho, fui a Pamplona especialmente para comprá-lo e, afinal, acontece que ela é vegetariana. O que você me diz?

Um gesto da convidada não tinha passado despercebido a Bittori. Qual? Pensando que ninguém estava olhando, levou seus lábios pintados com malograda discrição ao ouvido de Xabier e verteu orelha adentro rápidos segredinhos que formavam um pedido, uma ordem? E o inocente, o sujeito que obedece a uma subalterna, deixou passar alguns segundos para parecer que a ideia era dele e disse:

— *Ama,* você não se importaria de tirar a cabeça do leitão?

Todos os olhares confluíram na travessa onde estava o crocante, suculento, pacífico animalzinho recém-servido no centro da mesa. Meio leitão encomendado a um açougueiro de Pamplona. Uns bons cobres havia custado a Bittori, além da viagem de ida e volta de ônibus. Tudo para receber a convidada com um produto de primeira qualidade.

Antes, comprava leitão com Josetxo. Comprava de tudo com ele. Havia confiança, havia amizade entre os dois. Agora não se dão nem bom-dia.

— Hein?

— Bom, é que Aránzazu não está acostumada.

Ele a defendia, claro. E ela deve nos ver como uns carnívoros primitivos. Bittori não pôde deixar de sentir a mediação de Xabier como uma punhalada.

— Imagina o nosso filho vivendo com uma pessoa assim. Meu Deus! Aqui em casa fomos a vida toda de carne e peixe. Porque, além do mais, esses comedores de planta são gente bem esquisita, cheia de não-me-toques. E como fala! Sempre bancando a professora, dando explicações o tempo todo. Uma simples auxiliar de enfermagem! Não me convence. Essa aí botou o olho no médico boboca, que entende muito de intervenções cirúrgicas, mas de viver com uma mulher não entende bulhufas, e disse: este aqui é para mim. Uma divorciada mais esperta que o demo. Uma mulher de segunda mão, que já mergulhou em todas as águas passadas e por passar. Come feito um passarinho. No bolo, nem tocou. Deve até gostar, mas esta manhã já ingeriu sua dose diária de carboidratos. Que metida! Você viu a cara

que fez quando eu disse que me levantei às sete da manhã para cozinhar? Não tem o menor interesse por nós. Ela vai direto ao que interessa, o que quer mesmo é pescar o cirurgião com casa própria e bom salário. Viu só quando lhe perguntei se queria levar um pedaço de bolo para casa? Não, obrigada, não se incomode. Deu vontade de jogar na cara dela.

— Quando terminar o discurso, me avisa. Quero ver se ainda consigo dormir um pouco.

— E essa viagem a Roma não está me cheirando nada bem! Não acredito que tenham dividido as despesas. Conheço Xabier. Ponho a mão no fogo que ele pagou tudo.

Muitos anos depois, visitando o cemitério, sentada na beira do túmulo tal como estava na beira da cama naquele dia longínquo, Bittori continuava remoendo o assunto.

— É claro que eu gostaria de ver Xabier com uma esposa. Mas bem casado, não com a primeira que lhe diga umas coisinhas no ouvido e sorria feito aquela enfermeira que ele levou à nossa casa num domingo, lembra? Esqueci como se chamava. Que víbora! Desconfiei das suas intenções assim que bati o olho nela. Você sabe que eu tenho olho bom para estas coisas. E, claro, se é para fazerem infeliz o nosso filho, prefiro que fique solteiro.

61
Uma miudeza agradável

Rosto transtornado, passos enérgicos. Quando a viu se aproximando pelo corredor, imaginou que vinha armar uma confusão. A recém-viúva que entrou no quarto; encontrou vazio o espaço ocupado até ontem pela cama do marido; perguntou a uma enfermeira, e esta, talvez sem as devidas considerações, transmitiu a notícia.

Agora vem lhe cobrar responsabilidades. De modo geral, pensa Xabier, elas é que não se resignam com o fato natural da morte; procuram um culpado, um assassino?, e ali está, de jaleco branco, alvo fácil para insultos, recriminações, acusações, o médico de plantão.

Nas mesmas circunstâncias, os maridos costumam ser mais fáceis de lidar. Geralmente eles implodem; elas (as mais jovens pode ser que não), explodem, derramando emoções sem controle. Pelo menos esta é sua experiência depois de duas décadas exercendo o ofício. Vez por outra alguma senhora perde as estribeiras na sua frente. Em geral uma mulher mais idosa, de cultura limitada, mas com grande capacidade para erupções verbais. Xabier viveu/suportou lances similares em diversas situações. E sempre aguenta com brio.

Essa octogenária passou dos limites. Em meio a gritos e soluços, soltou umas palavras ofensivas que causaram um dilaceramento interno em Xabier. Convencida de que o médico, por maldade, por descuido?, não tinha feito tudo o que podia para salvar o paciente, veio lhe dizer, sem modos, perturbada, berrando, que:

— Se fosse o seu pai no lugar do meu marido, tenho certeza que não o deixaria morrer.

Ameaça fazer uma queixa. E ele, paralisado. A alusão ao pai, terá sido pela idade do morto? Ela agita os braços no ar. Abre exageradamente a boca. Faltam-lhe dentes. E ele, impassível, enquanto a mulher conta que foi curada num hospital de Logroño de uma perfuração de... Busca o tecnicismo, não o encontra e conclui, brusca, com um pseudônimo popular: tripas.

Xabier olha para o fundo desses olhos chorosos, desatinados, furiosos sem mover um músculo do rosto. Momentos depois, já um pouco mais sossegada a mulher, Xabier lhe pergunta com um frio respeito:

— A senhora conhece o meu pai?

— Não. Nem é preciso. Mas certamente se fosse ele o paciente você teria se esforçado mais.

É isso o que queria saber. Se o conhecia, se sabia o que aconteceu. Xabier não tem a menor vontade de continuar escutando a velha. Nem lhe dá pêsames. Diz educadamente com licença, que precisa atender outros pacientes. Pouco depois, com o ânimo no chão, está sentado à mesa do seu consultório. Serve conhaque num copo de plástico. Toma num gole só. Enche o copo de novo sem tirar os olhos da fotografia do pai. Suas sobrancelhas severas, as orelhas que felizmente nem ele nem a irmã herdaram. Nos ouvidos de Xabier ainda ressoa a voz rascante da senhora no corredor: você não o deixaria morrer. *Aita,* eu te deixei morrer? Seja como for, não impediu. Você não impediu, Xabier. Quem diz isto? São os olhos sérios do pai. E desde então perdeu a coragem, sentiu vergonha, considerou indigno tentar arrancar da vida uns pedaços de felicidade.

Depois do segundo gole, levantou os olhos em direção à teia de aranha, lá em cima, em busca de bons momentos do passado, pois os teve, claro que teve, e não foi só durante a infância, quando é mais fácil conceber ilusões. Agora, ao contrário, sente uma espécie de repulsa à alegria.

Quantas vezes teve a tentação de pedir às funcionárias da limpeza que por favor não destruam/removam a teia de aranha! É que o privariam bruscamente de tantas lembranças. E, sem ir mais longe, o privariam desta que agora, depois do terceiro gole de conhaque, lhe devolve a imagem de Aránzazu. Quando, onde? Se quisesse, poderia saber a data. Todos os fatos da sua vida ocorreram a uma determinada distância temporal do assassinato do pai. Terminou a faculdade sete anos antes de, participou daquele congresso de cirurgia cardiovascular em Munique nove anos depois de. Tal como os fatos históricos em relação ao nascimento de Jesus Cristo. E Aránzazu é anterior ao ponto zero e também um pouco, muito pouco, posterior, só umas horas.

Ele se lembra bem do lugar e da hora. O café Gaviria, na Avenida, ao entardecer. É verão. Um ano e uns meses antes de. Mas isso, naquele momento, nem ele nem ela podem saber. Como as mesas externas estavam todas ocupadas, decidiram sentar-se lá dentro.

Bebe outro gole de conhaque, que depois o obrigará a tomar um táxi para voltar para casa. Não entende porque vem à sua memória um episódio aparentemente tão banal; mas não se pode pedir a uma teia de aranha que escolha sua presa. Captura, quando captura, o que cai nela; mesmo que seja, como esta recordação, nada, uma miudeza agradável, um jogo de namorados incipientes.

Ele está, médico ainda fazendo residência, sentado aqui; ela, auxiliar de enfermagem, no outro lado da mesa. Não é o primeiro encontro. Já dormiram juntos duas vezes. A última, ontem à noite; mas isso, o que significa? Olha para ela, escrutinando; não consegue evitar. Aránzazu está contando certo episódio da sua vida pessoal com uma visível intensidade. O que está dizendo? Algo de quando estava casada. Ele quase não escuta. Observa fascinado os seus lábios e por um instante não se importa que ela perceba. Esses lábios, quando Aránzazu fala e quando dá uma tragada elegante, mimosa?, no cigarro. Lábios frescos, femininos, bem torneados, que se movimentam com naturalidade e, ao pronunciar o u, insinuam um beijo fugaz no ar. Lábios encantadores nos quais ele, agora mesmo, de bom grado passaria a língua vagarosamente. Esses lábios no rosto gracioso de Aránzazu o atormentam. E eu, que trabalho com corpos, que tenho que me esforçar para não ver neles somente órgãos e vasos sanguíneos e tecido muscular e ossos, sou arrastado por um irresistível impulso erótico.

— O que está olhando?

— Imagino que já devem ter falado muitas vezes que você é linda.

— Quer dizer que não está me escutando.

— Impossível.

— Eu não sou mais como antes. Já tenho meus anos de vida.

— A natureza caprichou quando te fez.

— Ora, Xabier, que assim você me deixa vermelha.

Ele então pousou a mão direita sobre a base do abajur, com a palma para cima. Parecia um gesto de mendigo pedindo alguma coisa. Os chimpanzés também oferecem a mão aberta para os seus congêneres como pedido de reconciliação, sei lá, como um gesto (li uma vez) acolhedor e pacífico. E Aránzazu correspondeu, pousando sua mão menor, palma contra palma, na de Xabier.

A teia de aranha, lá em cima, guardava com nitidez esta lembrança distante. O tato lhe comunicou que na mão de Aránzazu havia uma profunda concentração de humanidade. Mão morna, suave. Mão de uma mulher que conheceu decepções e certamente também sofrimentos; que trabalhou muito; que pegou, levou, levantou, e que é, era, um maravilhoso instrumento de prazer.

E a vê com sua pele delicada, seus dedos magros e confiantes, as unhas pintadas de vermelho. De repente sentiu na palma da mão a pessoa inteira que o tato anunciava com uma enorme força de ternura. Ai, meu Deus, esta mulher está apaixonada até os ossos.

62
Busca domiciliar

Os quatro estavam dormindo quando começou a confusão, tarde da noite. Chegaram pelo menos seis, alguns com balaclava, dando uns berros que nem te conto. Havia mais gente no portão. Outros fecharam a rua. Um monte de guardas civis. Pá pá, que *abririam*. Miren, na cama, para Joxian:

— Você vai ou vou eu?

— Olha para ver quem é.

— Quem pode ser? A polícia.

Primeiro tocaram a campainha. Depois fizeram um escarcéu batendo na porta. A essa altura a vizinhança toda já devia estar acordada. Miren, com a luz do abajur ligada, enfiou os pés no chinelo às pressas e vestiu o roupão em cima da camisola. Disse a Joxian:

— Deve ser por causa de Joxe Mari.

Assim que começou a abrir, empurraram a porta para dentro. Viu o cano de uma arma. Viu duas botas pretas no capacho. Rápido, que saísse da frente. Vinham revistar tudo. E os *txakurras* se dividiram tão rapidamente dentro da casa que ela não sabe dizer quantos eram.

Deixaram os quatro na sala. Gorka de cueca e descalço. Arantxa, sim, tivera tempo de vestir alguma coisa, mas também estava de pé no chão. E Joxian, de pijama, assustado, com uma mancha de urina nas calças.

Mandado judicial? Nem pensaram em pedir. Não tinham ideia. Tampouco sabiam algo de Joxe Mari, com exceção de Gorka, como tomaram conhecimento depois, mas o garoto não quis falar nada. No fim das contas, os guardas tinham, sim, um mandado judicial. Quem o apresentou foi o mesmo sujeito que tinha dito que mais cedo ou mais tarde iam pegar o terrorista, e aí ele ia ver o que é bom para a tosse. E foi esse que jogou o mandado no chão, para vocês limparem o rabo com ele, e perguntou pelo quarto de Joxe Mari.

— Meu filho não mora mais aqui.

— Seu filho está cadastrado nesta casa e sabemos que vocês escondem armas.

— Pois aqui ele não mora.

Qual era o quarto do terrorista, senão iam virar o apartamento de cabeça para

baixo. E para Gorka, quem é você, quantos anos tem? E Miren pensa que, se o garoto tivesse dois anos a mais, seria preso. Gorka se identificou. Muito novo ainda. Constrangido, perguntou se podia se vestir.

— Aqui ninguém se mexe.

Pouco depois, outro *txakurra* mandou os quatro saírem e ficarem no corredor, assim como estavam, dizendo que nem sonhem em abrir uma gaveta ou tocar em alguma coisa. E, por nada, ou porque não estava andando com a devida rapidez, deu um empurrão em Gorka.

Pouco depois de saírem do apartamento, apareceu, com cara de sono, a secretária do tribunal, que cumprimentou os quatro como se os conhecesse desde crianças. Dois guardas civis armados, um no lance de escadas que leva para o primeiro andar, o outro na porta da rua, ficaram vigiando o lugar.

Miren estava com uma fisionomia tensa, dura. Com cara de raiva, ofereceu o seu roupão a Gorka, você vai sentir frio; mas o garoto, abatido, silencioso, não aceitou.

Volta e meia a luz se apagava. O guarda postado ao lado da porta estava perto do interruptor e o apertava. Tinham tapado o olho mágico dos vizinhos da frente com fita isolante. Um xis. Não sei se mesmo assim os vizinhos viram o que estava acontecendo, mas em dado momento ele ou ela abriu silenciosamente a porta, só um pouquinho, o suficiente para passar a mão e jogar dois cobertores no chão do corredor.

Joxian tiritava de frio. Gorka tiritava de frio. Pai e filho pegaram os cobertores. Arantxa disse que ela não precisava. Miren nem se fala: a raiva/ódio a aquecia. Luz, escuridão. Luz, escuridão. E continuou assim por um bocado de tempo. De vez em quando, ouviam-se sons inquietantes dentro do apartamento. Miren, sussurrando entre os dentes:

— Vão destruir a nossa casa.

Arantxa perguntou aos guardas se podemos nos sentar, e um deles deu de ombros e respondeu que estava cagando e andando. Então a garota foi se sentar no degrau de cima; ao seu lado, mais tarde, Gorka, enrolado no cobertor dos vizinhos. Joxian, um bom tempo depois, se sentou no chão. Olhava continuamente o relógio, preocupado porque tinha que ir trabalhar às seis. Só Miren ficou em pé, rígida, digna, impaciente.

Em determinado momento, começaram a ouvir vozes na rua. Jovens da vila que tinham pulado da cama e, reunidos em alguma esquina, gritavam palavras de ordem em coro no meio da noite: Polícia assassina; *Txakurrak kanpora* e outras peças do repertório habitual.

A revista durou cerca de quatro horas. Até um cachorro levaram para o

apartamento; segundo Miren, para molhar de baba as nossas coisas e, vai ver, para mijar e cagar também. Deixaram a casa como se tivesse passado um vendaval. E tudo isso para quê, se Joxe Mari não tinha mais nada no seu antigo quarto? O mais prejudicado foi Gorka. Levaram sua pasta do colégio, um caderno com poemas manuscritos, um álbum de fotos e coisas assim. Arantxa sentiu falta de uma dúzia de filmes em fitas de vídeo.

O dia despontou cinzento. Joxian saiu de bicicleta para a fundição. Tinha desistido do café da manhã e de se lavar direito, mas mesmo assim ia chegar tarde. Arantxa teve tempo de arrumar seu quarto antes de sair para o trabalho. Reclamou: derrubaram um vidro de perfume, presente de Guillermo. De uma das gavetas da cômoda, tinham arrancado o puxador. O quarto de Gorka foi o que ficou em situação mais precária. Minha nossa! Sua mãe lhe disse: vai, vai para a *ikastola,* ela se encarregava.

Ao longo da manhã, foi colocando coisas em sacos plásticos para jogar no lixo. Coisas, algumas novas, que encontrava espalhadas no chão. Meias, roupa íntima; enfim, peças e objetos em que supunha que os guardas tinham encostado as mãos, e o cachorro, o focinho. E muito embora fossem coisas suas e do seu marido e dos seus filhos, tinha nojo de tocá-las. Ia pegando com dois garfos, não lhe ocorreu ideia melhor. E meteu as de maior valor na máquina de lavar ou, se não era roupa, deixou de molho na pia da cozinha. Sentia asco de respirar em sua própria casa. Abriu as janelas e entrou muito vento. Esfregou o chão com água sanitária, passou um pano molhado nos móveis, limpou/desinfetou maçanetas. Vez por outra voltava a limpar onde já limpara porque tinha a sensação de que ainda havia marcas, cheiro, sei lá, as almas sujas dos *txakurras*.

Por volta das dez da manhã, bateu na porta dos vizinhos da frente. O olho-mágico ainda estava coberto com as duas tiras de fita isolante. Quem era.

— Sou eu.

Abriram. E Miren devolveu os cobertores, agradecida. Eles a convidaram para entrar. Ela aceitou. Disse que não queria ficar sozinha em sua casa violada.

— Ai, mulher, cada coisa que você fala.

Os vizinhos contaram a sua versão. Os sons, as vozes, o susto. Não tinham conseguido pregar o olho a noite toda. Serviram um café a Miren. Trouxeram uma caixa de biscoitos. Ela também contou sua versão do que tinha acontecido. Que desgraça, com Joxe Mari! Não sabiam nada dele, exceto que não estava na vila. Às onze, disse que tinha que sair e se despediu dos vizinhos. Entrou em casa um instantinho. Não ficou nem cinco minutos lá dentro. O tempo exato para pentear o cabelo e trocar de roupa. Depois, disposta a falar com Josetxo ou com Juani e

perguntar se também tinham ido à casa deles, deixou as janelas totalmente abertas ao sair. Se roubarem, roubaram.

63
Material político

Encontrou Juani numa hora ruim, sozinha no açougue.

— E Josetxo? — perguntou por cima de várias cabeças.

— No médico.

— Se quiser, volto mais tarde.

— Não, espera.

Um pouco depois, as duas mulheres puderam conversar a sós por um minuto.

— Vocês sabem de alguma coisa?

— Nada.

— Esta noite reviraram a minha casa.

— Não se fala de outra coisa na vila. Quem sabe vêm hoje à nossa.

— Capaz.

— E o que eles queriam?

— Coisas de Joxe Mari. Dizem que ele é terrorista. Pensavam que iam encontrar armas. Como não tem nada, levaram qualquer coisa que encontraram.

— Josetxo está nervoso. Acha que nossos filhos entraram na luta armada. Esses dois, diz, nós não vamos ver por muito tempo.

— Teu marido tem cada ideia.

— Patxi esteve ontem aqui. Disse a Josetxo que, se tivermos papéis de Jokin em casa, é para jogar fora sem falta. Mais claro, só água. Bem, tenho que ir.

— Ele não disse onde estão esses dois?

— Eu perguntei, está pensando o quê. Mas ele não estava muito conversador. O que queria mesmo era que *jogaríamos* fora os papéis o quanto antes.

— Caramba, à minha casa não veio avisar.

E então, andando na rua, lembrou, relacionou, deduziu, desconfiou. Ai, *ene!* Na véspera tinha surpreendido Gorka em cima, de sapato!, de uma cadeira, arrancando os cartazes de Joxe Mari da parede. E no chão havia dois sacos plásticos cheios de jornais e revistas. Uma vez eu tinha perguntado a ele por que não tirava aquelas porcarias da parede, agora que seu irmão não mora mais aqui. Ele: não, *ama,* se ele souber, me bate.

— Meu filho, o que está fazendo aí em cima?

— Nada. Vou mudar um pouco a cara do quarto.

— E não podia cobrir a cadeira com um jornal?

Na volta para casa, Miren foi falando sozinha pela rua. Alguém a cumprimentou, ela respondeu sem virar o rosto. Se os *txakurras* tivessem visto aqueles cartazes, pronto. Levariam todos nós de mãos amarradas para o quartel. Uma ideia a intrigava. Gorka fez na nossa casa o mesmo que Patxi pediu a Juani e Josetxo que fizessem às pressas na casa deles. Que coincidência, não é mesmo? Preciso esclarecer isto.

Assim que o garoto cruzou a porta, foi abordá-lo sem lhe dar tempo sequer de tirar o sapato. Vamos lá, que lhe explicasse por que tirou da parede os cartazes de Joxe Mari. Porque quer colocar outros no lugar.

— Onde estão esses outros cartazes? As paredes ficaram vazias.

— Puxa, *ama,* é que vou arranjando aos poucos.

— O que fez com os cartazes do seu irmão?

— Joguei fora.

— Não eram seus.

— Estavam sujos e velhos.

— E umas revistas e papéis que Joxe Mari guardava no armário?

— Preciso de espaço, e ele não está aqui.

Chegou perto e olhou-o nos olhos. Um segundo, dois, e no terceiro, plaf, mandou-lhe um tabefe que estalou no seu rosto.

— Isto é por não me dizer a verdade.

Como Jokin e seu irmão tinham pedido, Gorka foi à vila e na Arrano contou a Patxi o que tinha que contar. E Patxi disse puxa, caramba, nossa mãe, e sem perder tempo agiu, fez, organizou. No final, logo depois de se despedir do garoto, que ia buscar a primeira das duas bicicletas para Jokin e o seu irmão, chamou-o de novo, vem cá. Foi então que perguntou se ainda havia material de Joxe Mari na casa dos seus *aitas*. Material?

— Material político, você sabe.

Levou alguns segundos para captar a ideia. Quer dizer: cartazes, propaganda, algum exemplar do *Zutabe*. Ah, sim, havia bastante. Que rasgasse tudo correndo.

— O quanto antes, ouviu?

Não explicou por que era preciso fazer aquela limpa com urgência, nem Gorka, assustado, pensou em pedir explicações. Entendeu, claro, o essencial da mensagem: que tinha que se apressar.

— Agora você sabe — disse para a mãe.

— Por que não me disse quando eu perguntei?

— Isso agora não importa mais. Não é suficiente que os *txakurras* não tenham encontrado nada?

— E já que você anda tão ativo, não sabe onde está teu irmão?

— Não faço a menor ideia.

— Tem certeza?

— Juro, *ama*. Mas dá para imaginar.

— Onde, então?

— Você sabe melhor do que eu. E eu só quero uma coisa, que me deixem em paz.

Foi correndo para o quarto. Comprido, magro, cada dia com as costas mais curvas. Trancou-se lá dentro e não saía. Miren: que a acelga estava esfriando, que ela teve uma manhã muita complicada e não queria ter mais problemas agora. Foi ficando impaciente, levantava a voz, disse que e ameaçou de. Então se ouviu um giro capitulante da chave. Gorka sentou-se à mesa da cozinha. Começou a comer cabisbaixo. Estava com os olhos irritados, parecia ter chorado, e o rosto pontilhado de espinhas.

Comeu isso, comeu aquilo. Com bastante apetite, aliás. E de vez em quando Miren voltava os olhos em sua direção. Para ver se estava comendo, para ver se estava chorando? Afinal lhe ofereceu a fruteira sem dizer uma palavra. E quando foi tirar seu prato com os ossos do frango, roçou na mão dele. Gorka afastou-a no mesmo instante, decidido a evitar uma possível carícia.

Depois se levantou da mesa. Antes de sair da cozinha, Miren perguntou se ele tinha gostado da comida. Gorka deu de ombros, e ela não insistiu.

64
Onde está meu filho?

Os quatro jantaram na cozinha à hora de costume. Prato principal, o de sempre. Esta mulher tem mania de peixe. Frito, ensopado, tanto faz: peixe na segunda, na terça, na quarta, e assim por diante até que a morte nos livre de jantares. E, claro, todos gostam, alguns mais, outros menos; só que, segundo Joxian, de vez em quando poderíamos mudar um pouco.

— No domingo fiz croquete.

— De bacalhau, cacete.

Miren, que para este tipo de queixa é mais surda que uma porta, preparou primeiro escarola com alho picado, azeite e vinagre. Depois trouxe a sopa de macarrão que sobrara da véspera e por fim pôs no centro da mesa, toalha de linóleo, uma travessa de anchova empanada. Para as mulheres, água da pia. Os homens costumam dividir uma jarra de vinho com água gasosa, com mais do segundo que do primeiro.

— Espero que os meganhas não voltem esta noite — comentou Arantxa, irônica.

Miren teve um calafrio:

— Para com isso, que depois de passar por aquela coisa horrorosa não precisamos ficar lembrando.

— Quem sabe eles vêm devolver as minhas fitas de vídeo e me pagar um vidro novo de perfume.

— Com certeza.

— Vou dormir vestida, por via das dúvidas.

Sua mãe mandou-a calar a boca. Joxian interferiu em defesa da filha.

— Só faltava não se poder falar nesta casa.

Falar? Na frente dos filhos? Com Arantxa bancando a engraçadinha? Miren, que estava pensando em contar durante o jantar uma conversa confidencial que tivera à tarde, preferiu tratar do assunto a sós com Joxian quando os dois estivessem deitados. Na cama, sem mais preâmbulos:

— Falei com Patxi.

— Que Patxi?

— O da Taverna. Esse cara sabe tudo.

No meio da tarde, Miren tinha entrado na Arrano. Quantos eram: quatro, cinco rapazes? Não passavam disso. A música num volume que nem um surdo deixaria de ouvir. Não sei como os vizinhos não reclamam. Ou talvez reclamem, sim, mas só dentro de casa, porque com esses garotos é melhor evitar atritos. E até parecia que Patxi, trinta e tantos anos, brinco em uma orelha, estava esperando por ela. Mas por quê? É que, assim que a viu entrar na Taverna, fez um gesto indicando que o seguisse até o depósito.

Joxian balançou a cabeça em sinal de desagrado.

— Quem mandou você se meter onde não é chamada, cacete.

— Pelo meu filho, eu me meto onde for preciso. Quer que te conte ou não?

O depósito tinha cheiro de vinho azedo e mofo. Ainda estavam lá as paredes de pedra e as vigas de quando aquilo era um estábulo. Miren ainda lembrava. Fazia tantos anos. Ela era menina, e na sua casa volta e meia a mandavam ir lá para comprar leite ordenhado ali mesmo.

Patxi fechou a porta. Antes que Miren pudesse falar qualquer coisa, pediu calma. Ela respondeu que estava calma. E estava mesmo? Em absoluto.

— Você sabe onde está Joxe Mari? Me diz agora mesmo.

— Espera um pouco, Miren, calma.

— Caramba, já falei que estou calma. Sou a mãe, ele é meu filho. É normal que queira saber onde ele se meteu.

— Está na clandestinidade.

— Muito bem. Mas onde fica isso? Ele não precisa sair de onde está. Eu posso ir.

Impossível. Que não era mais como antes, quando as famílias viajavam para o sul da França nos fins de semana levando dinheiro, roupa e cigarros para os refugiados. Por culpa dos GAL, os militantes agora tinham que aumentar as precauções.

— Ou seja, não podemos vê-lo — observou Joxian.

— Não foi isso que acabei de dizer?

— Então Josetxo tem razão. Só o veremos daqui a mil anos.

— Segundo Patxi, há duas possibilidades. Ou nosso filho vai para o México ou algum outro país por aí, ou então entra na organização.

— Prefiro que vá para bem longe.

— O que você prefere não interessa.

— Pois a mim interessa. Sei o que estou dizendo.

— O que você sabe muito bem é falar besteira.

Não contou, para quê?, que em dado momento Patxi pousou as mãos nos ombros de Miren. Ela teve a impressão de que se tratava de um gesto não exatamente de carinho, mas de reconhecimento, de homenagem, como que dizendo: você tem motivos para estar orgulhosa do seu filho. E com as mãos aqui, nos ombros, lhe contou, apaziguador, didático, que existiam canais internos de distribuição de correspondência entre os militantes e suas famílias.

— Ah, quer dizer que ele pode nos escrever?

— Sim, e vocês, a ele.

— Posso mandar um pacote? É aniversário dele daqui a pouco e não quero que fique sem um presentinho.

Na cama, Joxian de repente se virou e olhou para ela.

— Você falou isso? Está pensando que Joxe Mari foi para uma colônia de férias?

— Não me venha com essa. Ele é meu filho. Fui eu que o pari. Foi você, por acaso? Porque você só ficou sabendo no dia seguinte.

— Bem, chega de tanta conversa fiada, que já estou por aqui dessa história do parto.

— Eu cheia de dores e você lá no bar, e agora, ainda por cima, não gosta nem que eu lembre. Pois ele é meu filho e não quero que passe frio no inverno nem fique triste sem receber um presente de aniversário.

Patxi tirou as mãos dos ombros de Miren. Disse a ela que esquecesse o pacote por enquanto, mas que fosse para casa tranquila, porque a organização não deixa os militantes na mão. Repetiu que ela devia ficar orgulhosa, explicando que, se houvesse muitos rapazes como Joxe Mari no Euskal Herria, faz tempo que seríamos um povo livre. Antes de saírem do depósito, prometeu que, se chegasse alguma comunicação (carta, bilhete, o que for), ele se encarregaria de levar à sua casa. Apontou para a porta que estava à sua frente e disse que:

— Dali para fora não falamos mais nada.

E depois, na Taverna, sob a vista de cinco ou seis garotos, não quis que ela fosse embora sem estampar-lhe um beijo na bochecha.

— Já te contei tudo — disse para Joxian.

— O que foi que me contou? Continuamos sem saber onde ele está nem o que anda fazendo. Também não é preciso ter muita imaginação para saber. Ninguém entra no ETA para cuidar de um jardim.

— Não sabemos se entrou no ETA. Vai ver, ele agora está viajando para o México. Mas se tiver entrado, é para libertar o Euskal Herria.

— Para matar.

— Se eu soubesse, não te contava nada.

— Não eduquei meu filho para matar.

— Educar? Quem foi que você educou? Nunca te vi fazer nada com nossos filhos. Passou metade da vida no bar e a outra metade na bicicleta.

— E ia passear na fundição todo dia, não me enche a paciência.

Seus olhares se cruzaram por um instante. Desdenhosos, distantes? Em todo caso, vazios de cordialidade. Depois Miren apagou o abajur e, com um movimento enérgico, deitou-se de lado, dando as costas para o marido. Este, às escuras, disse:

— Se eu *teria* vinte anos menos, ia amanhã mesmo atrás dele, dava-lhe uns bons tabefes e trazia para casa.

Miren não respondeu, e não disseram mais nada.

65
Bênção

Ainda se falavam. Ainda dividiam segredos e lanchavam juntas aos sábados à tarde em San Sebastián. E olha que podiam ter buscado a companhia de outras mulheres da vila. Por exemplo de Juani, com quem mantinham uma boa amizade, ou até Manoli, com quem tinham menos contato. Mas não. No seu ritual dos sábados não havia espaço para mais ninguém, principalmente para os respectivos maridos. Por favor! Vão lá, podem ir jogar cartas e andar de bicicleta, e nos deixem sossegadas. Também iam juntas à missa e se sentavam uma ao lado da outra.

Miren mergulhou um churro no chocolate quente. Mordeu. Disse, mastigando, enquanto limpava as pontas dos dedos com um guardanapo de papel, que desde a noite da batida policial não se sentia à vontade em sua casa.

— Como assim?

— Não sei explicar. É como se tivessem me sujado para sempre. Uma sujeira que não se vê, mas dá para sentir. Por mais que eu passe pano, continua lá, e sinto um nojo que nem te conto. E quando vejo na rua um carro da Guarda Civil, me dá uma coisa!

— Eu te entendo perfeitamente.

— Lá em casa alguma coisa mudou. Não somos mais como antes de Joxe Mari *fugiria* para a França. O pequeno não fala nada. Não sei o que ele tem. Ficou traumatizado?, pergunto. Ele não me responde. Arantxa ri de mim, do pai, das pessoas da vila, de tudo, parece que com esse garoto de Rentería ficou mais boba do que já era. E Joxian e eu, sei lá, nos últimos tempos não estamos nos entendendo bem. É discussão para cá, discussão para lá o tempo todo.

— Deve estar abalado com a história de Joxe Mari.

— Abalado? Está no fundo do poço. Não dá para explicar. Antes ele não chorava nem nos enterros. Agora, quando menos se espera, já está de olho vermelho e boca inchada. Vai correndo se trancar no banheiro para que eu não veja.

— E você, como fica nessa história?

— Ah, vou estar sempre com meu filho, aconteça o que acontecer. Não me importa o que as pessoas digam. Claro que prefiro que ele esteja por perto e que trabalhe e forme uma família; mas, não sendo assim, tenho que aceitar o que vier.

Para dizer a verdade, e só digo isto a você, hein?, ando me sentindo muito insegura por causa de Joxian. — Deslizou o olhar pelas mesas vizinhas para ver se ninguém estava escutando e, com a boca quase no ouvido de Bittori, sussurrou: — Ele diz que, se Joxe Mari pegar em armas, nunca mais olha para a cara dele. Sua esperança é que o garoto vá se refugiar no México ou por aí. Mas, e se não for? Eu tinha pensado em falar com don Serapio.

— Com o padre? Mas esse homem, o que ele pode te dizer?

— Quem sabe me dá algum conselho. Juani foi se confessar e voltou aliviada.

— Pois então vá falar com ele. Além de tempo, você não pode perder nada.

No domingo, as duas amigas foram de braços dados à santa missa. Miren volta e meia virava a cabeça para a estátua de Santo Inácio de Loyola e, com um leve tremor nos lábios, lhe sussurrava alguma coisa. O quê? Que protegesse o seu filho, que cuidasse dele agora que ela não podia fazer isso. Não é possível, dizia, que um garoto tão generoso e tão nobre esteja numa organização criminosa, como escrevem os jornais espanhóis. Ele tem um coração deste tamanho. Sempre deu tudo pelos outros, no time de handebol, no trabalho, em qualquer lugar, e agora como não vai dar tudo pelo seu povo? Pois você também é basco, certo, Inácio?

— O que você disse? — perguntou Bittori.

— Nada, estava rezando.

Comungaram. Foram e vieram pelo corredor central, uma na frente da outra, de cabeça baixa e mãos entrelaçadas. Devoção de quase freiras. Mais exatamente: por um triz. Você lembra? Faltou isto, a pontinha de uma unha, para as duas entrarem num convento quando eram jovens. E depois de tantos anos, meio de brincadeira, meio a sério, repetiam a mesma ideia: toda vez que uma das duas brigava com o marido, depois se arrependia de ter preferido o casamento aos hábitos e que bobagem nós fizemos.

— Mas e os filhos, irmã Bittori.

— Não tem como voltar atrás, irmã Miren.

Antes de abrir a boca e oferecer a língua para receber a hóstia consagrada, Miren sussurrou para don Serapio, depois eu volto, hein?, e o padre, discreto, cerimonioso, assentiu.

Acabada a missa, todos se dirigiram para a saída. Don Serapio soprou as velas do altar; precedido pelo coroinha, que abriu a porta, entrou na sacristia. E era esse o momento que Miren estava esperando para ir falar com ele.

— Você vem?

— É melhor ir sozinha. Isso é muito íntimo. Eu espero na praça e depois você me conta.

Don Serapio estava tirando a casula quando Miren entrou na sacristia. Quando a viu, testa suada, rosto severo, mandou o coroinha sair. Preso a alguma obrigação, o adolescente demorava a obedecer.

— Não te disse para ir embora?

O coroinha então se apressou para sair da sacristia, mas deixou a porta aberta. Será possível! O padre, resmungando, passos enérgicos, foi lá fechar. Quando se viu a sós com a mulher, ofereceu-lhe a cadeira com um gesto gentil. E enquanto também se sentava, perguntou se ela viera pelo mesmo motivo que Juani do Josetxo, e Miren confirmou.

Pegou por cima da mesa uma das suas mãos entre as dele, pálidas, não afeitas ao trabalho rude como as de Joxian, que são ásperas e parecem de pedra estorricada. Para que segura a minha mão? Pois não sei. E, acariciando o dorso da sua mão, o padre lhe disse:

— Tire as dúvidas e os remorsos da cabeça. Esta nossa luta, a minha na paróquia, a sua em casa, servindo à família, e a de Joxe Mari, onde ele estiver, é a luta justa de um povo em sua legítima aspiração a escolher o próprio destino. É a luta de Davi contra Golias, da qual eu já falei muitas vezes na missa. Não é uma luta individual, egoísta, é acima de tudo um sacrifício coletivo, e Joxe Mari, assim como Jokin e tantos outros, assumiu a sua parte com todas as consequências, entende?

Miren balançou a cabeça em sinal afirmativo. Don Serapio lhe deu, compreensivo, carinhoso, dois tapinhas no dorso da mão. E prosseguiu:

— Por acaso Deus manifestou que não deseja bascos em sua presença? Deus quer junto a si os seus bascos bons, assim como também quer, não se esqueça, seus espanhóis bons e seus franceses e seus poloneses. E fez os bascos assim como nós somos, tenazes em nossos propósitos, trabalhadores e firmes na ideia de uma nação soberana. Por isso eu me atreveria a afirmar que temos a missão cristã de defender a nossa identidade, portanto a nossa cultura e, acima de tudo, a nossa língua. Se esta desaparecer, olha, Miren, responde com toda a franqueza, quem vai rezar a Deus em *euskera*, quem vai cantar em *euskera*? Posso responder? Ninguém. Você acha que Golias, com o seu tricórnio na cabeça e seus torturadores de porão de quartel, vai mexer uma palha a favor da nossa identidade? Outro dia revistaram a sua casa, no meio da noite. Você não se sentiu humilhada?

— Ai, don Serapio, não me lembre disso que fico até sem ar.

— Viu? A mesma humilhação que você e sua família tiveram que enfrentar é sofrida diariamente por milhares de pessoas no Euskal Herria. E aqueles que nos maltratam são os mesmos que depois falam de democracia. A democracia deles, aquela que nos oprime como povo. Por isso eu te digo, de todo coração, que nossa

luta não apenas é justa. É necessária, hoje mais do que nunca. É indispensável, porque é defensiva e tem a paz como objetivo. Você nunca ouviu as palavras do bispo da nossa diocese? Volta tranquila para casa. E se um dia, nos próximos meses ou seja quando for, encontrar o teu filho, pode dizer a ele da minha parte, da parte do padre da vila, que tem a minha bênção e que rezo muito por ele.

Miren saiu da sacristia, atravessou a igreja por um corredor lateral. Nossa, mas que padre. Ouvindo-o falar me deu até vontade de seguir o exemplo de Joxe Mari. Por um instante, sem interromper os seus passos, dirigiu o olhar para a estátua de Santo Inácio. Vê se aprende a dar ânimo aos outros.

Na praça de novo. Domingo azul, os pombos, correria e algazarra de crianças à sombra das tílias. Bittori? Estava ali, sentada num banco. Miren se dirigiu para lá.

— Vamos, no caminho eu te conto.

— Está parecendo tranquila.

— Da próxima vez que Joxian me vier com suas aflições e seus medos, vai escutar poucas e boas. Agora, sim, minhas ideias estão claras.

66
Klaus-Dieter

Conheceu Klaus-Dieter. Depois se apaixonou por Klaus-Dieter. Aqueles cabelos louros e lisos que se moviam com uma graça especial quando ele dançava e também, só que menos, quando andava. Um metro e noventa, um garoto bonito demais. E alemão. Com a perspectiva de novidades que isto implicava: um país novo, outra cultura, outro idioma, outros gestos, outros cheiros, e adeus, talvez para sempre, a tudo isto aqui. Adeus à minha mãe insuportável, à minha terra que amei e hoje me é indiferente e às vezes odiosa, e a tudo o que me rodeia, tão chato, tão previsível. Adeus, senão vou direto para a velhice sem escalas.

O garoto fazia parte do grupo de jovens alemães que todo ano cursava um semestre na Faculdade de Filosofia e Letras. O que estudavam? Ela não sabe exatamente. Qualquer coisa relacionada ao idioma ou o próprio idioma. Podiam ser vistos de manhã, nove ou dez, garotos e garotas, no café da universidade, a princípio todos juntos, em grupos, sorridentes, um pouquinho bobocas, nada barulhentos, apesar de serem tantos. Depois, como na mesma época todos os anos, acontecia o que era de se esperar. Pouco a pouco iam se misturando com a população estudantil nativa. Nada de outro mundo: faziam amizade, começavam namoros que, via de regra, duravam até o dia em que o membro estrangeiro do casal voltava para o seu país.

Nerea o tinha visto algumas vezes. Sentiu-se atraída porque o garoto era francamente um gato; mas isso, o que significa? Sentia atração por tantos outros, inclusive alguns professores. Os dois não se encontraram em nenhuma festa, em nenhum bar; não houve oportunidades nem olhares; nunca tinha falado com ele. Será que dominava a língua espanhola? Pelo menos estava aprendendo, não é mesmo? E, além do mais, às vezes essa história de falar, dependendo das circunstâncias, é dispensável. Conhecê-lo, só foi conhecer mais tarde.

Nesse meio tempo, mataram o seu *aita*. Mas, e ela? Será que rompeu vínculos, saía pouco, foi se isolar? Nada disso, só que: quando a conversa entre colegas da faculdade assumia um viés político, ela perdia o interesse, desviava o olhar, ia ao banheiro. Entrou numa espécie de urgência sexual que antes da morte do pai nunca havia sentido, pelo menos não com a mesma intensidade. Tentava em vão descobrir

um motivo para o seu desejo físico constante. Porque prazer, prazer mesmo, sentia bem pouquinho. É que nunca fui de ter orgasmo fácil. Relaxava fazendo sexo, só isso. E também (antes e durante, mais antes que durante) levantava a sua autoestima. Havia dias em que estava lá embaixo. Principalmente em sala de aula, quando se dava conta de que nem prestando a maior atenção entendia as explicações dos professores. Então dava uma olhada angustiada em volta, para seus colegas que anotavam coisas, que levantavam a mão para participar das discussões, até para questionar o professor, e achava que todos ali eram mais espertos e mais bem preparados que ela, e que tinham um futuro brilhante pela frente, e ela, um futuro doméstico, monótono, de pessoa que não interessa nem agrada a ninguém, de pessoa que, diante do espelho, sente uma forte rejeição a si mesma.

Saía para caçar com muita frequência. Não se conformava com qualquer um. Buscava homens atléticos, de aspecto asseado. E, graciosa, simpática, extrovertida, sempre abatia a sua presa. Bastava um rosto sorridente a metros de distância e a mosca se dirigia para a teia de aranha. Às vezes soprava um vento norte nas ruas de Zaragoza ou estava chovendo muito ou simplesmente ela sentia preguiça de trocar de roupa, e então optava pela solução mais fácil: ligava para José Carlos de um telefone público próximo. Dizia: vem. E o garoto se dirigia para o apartamento, satisfazia a moradora e ia embora.

O caso com Klaus-Dieter começou em março, quando já faltavam poucas semanas para ele empreender a viagem de volta ao seu país. Não foi outra a razão da pressa, do mal-entendido, porque o fato é que aquilo foi um baita mal-entendido. Ela ainda sorri quando se lembra. Foi bonito enquanto durou e, além do mais, você não vai negar que ele, sem saber de nada, te ajudou a terminar a faculdade. Como assim? Pois, para seguir os passos dele, você mergulhou nos livros, passou em todas as matérias, ficou livre da promessa de terminar a faculdade, que fizera anos antes ao seu falecido pai. Uma faculdade que, diga-se de passagem, pouco lhe interessava.

A festa foi no Colégio Mayor Pedro Cerbuna, numa sexta-feira. Desanimada, ela pensou em não sair de casa. Com pouca esperança de que atendesse, ligou para José Carlos. Quem atendeu foi um colega de apartamento. Não estava, tinha ido para a sua terra e voltaria no domingo. E Nerea imaginou-o de volta, no domingo à tarde, com o pacote habitual de embutidos (a morcelinha, o chouriço picante e essas coisas), e antes disso, no sábado, suponho que domingo também, passeando com a namorada oficial pela beira do rio, de mãos dadas porque mais que isso ela não deixa, coisa que não o incomodava porque para suas poluções já tinha Nerea, que se divertia a valer ouvindo, de pernas abertas na sua estreita e rangente cama do apartamento alugado, as histórias provincianas do seu amigo.

Antes de desligar:

— Sabe de alguma balada interessante na cidade esta noite?

O garoto falou de uma festa ou show, não tinha muita certeza, lá no Pedro Cerbuna. E acrescentou, sem que a interlocutora tivesse pedido sua opinião, que era um lance de riquinhos. Nerea perguntou às suas colegas de apartamento se queriam ir. Elas responderam que não. O que fazer? Foi se trancar no quarto, disposta a gastar as últimas horas do dia lendo um romance, mas se animou com um resto de pó que tinha guardado e, por volta das nove da noite, saiu para caçar.

Lá estava ele, mais alto que todos à sua volta, dançando frenético com aquele lindo balanço de cabelo. Sem camisa, o rosto vermelho de tanto se mexer, louro, desajeitado. Vinte, 22, 24 anos? Não havia a menor dúvida de que estava se esbaldando. Balançava o corpo com umas sacudidas violentas, como certamente não faria em seu país. Mas aqui, além de uns poucos colegas de faculdade, quem o conhece?

De repente cruzaram os olhares por cima de várias cabeças, e para Nerea aquilo bastou. Não sabe exprimir o que sentiu. Pensa em lugares comuns: tremor interno, momento mágico, flechada de cupido. E o rapaz deve ter notado sua fascinação, porque ficou olhando para ela com cara de assombro, e até diminuiu a intensidade da dança e lhe sorriu com uns dentes maravilhosos.

Saiu pela rua devorando-o aos beijos. Nerea, o que você está fazendo. Nerea, o que está acontecendo contigo. Tinha que segurá-lo pelo pescoço e puxar para baixo, porque tinha dois palmos de altura a mais, para alcançar sua boca com a dela, ávida, impaciente. E se esfregava, caçadora caçada, contra seu corpo, molhada entre as pernas, quase a ponto de gritar. O que ia pensar de mim?

Ele morava bem longe, num apartamento dividido com outros dois estudantes alemães, lá para os lados de San José. Para Nerea, a distância não importava. Iria atrás dele até o fim do mundo. O rapaz falava com um sotaque marcante. *Neguea,* dizia. Irresistível. Um sotaque que aumentava ainda mais os seus encantos. Cometia erros gramaticais que Nerea achava o máximo de graça e de charme. E ela, que nunca na vida tinha pronunciado uma palavra em alemão, dizia seu nome, e certamente dizia errado, ou com muito sotaque, pelo que deduzia das risadas de Klaus-Dieter, mas que sacana, e do visível prazer que ele sentia fazendo-a repetir várias vezes.

Já passavam das duas da madrugada. Iam os dois andando, o ar frio, a lua ali sobre os telhados, pelas ruas quase sem tráfego, a noite inteira para eles. Mais livres, impossível. Vez por outra paravam para juntar as línguas, para acariciar lentamente os rostos, para esfregar frenéticos os respectivos corpos sob a proteção de uma

árvore, na entrada escura de algum portão. Ela, apaixonada como uma garota de quinze anos por um astro da música; ele, mais comedido, mas de modo algum esquivo. Talvez fosse tímido. E no final do longo trajeto, uma cama.

67
Três semanas de amor

Conviveram durante três semanas. Dormiam ora no apartamento dele, ora no dela. A vantagem do apartamento de Nerea? Ficava a quatro passos da universidade. O principal defeito? A cama estreita e, para ele, muito curta. O apartamento de Klaus-Dieter era exatamente o contrário. Ficava longe; mas lá, em compensação, dispunham de uma cama de casal onde podiam, além de pular à vontade, dormir folgados.

Que três semanas! Ainda hoje, duas décadas depois, Nerea as incluiria integralmente, com suas noites e seus dias, com suas manhãs e suas tardes, numa sequência imaginária dos momentos culminantes da sua vida. Pensa num título: *Antologia da felicidade*. Não acredita que pudesse reunir material autobiográfico para um livro grosso ou um filme longo. Selecionaria episódios da sua infância, alguma viagem memorável, alegrias dispersas e, sem sombra de dúvida, as três semanas que passou em Zaragoza com seu garoto alemão. Nunca mais voltou a amar alguém com a mesma paixão, com tanta entrega. Nem Quique, por mais que aquele esnobe quisesse. Não estaria exagerando? Que eu caia mortinha agora mesmo.

Foi pena ter conhecido Klaus-Dieter tão tarde, quando faltava pouco para ele terminar seu semestre em Zaragoza e se reincorporar à universidade de Gotinga, onde estudava. Conscientes disso, eles se amavam com pressa. Mas não de forma compulsiva (bem, certas noites, sim). Os dois se amavam sem parar, o que não é o mesmo. Nerea fazia o possível para ficar o tempo todo perto do seu garoto louro. Perdia as aulas na faculdade, assistia às dele ou o esperava fora, sentada num banco do corredor, fumando. Comiam juntos, dormiam juntos e, de vez em quando, até tomavam banho juntos.

Certas manhãs, Nerea acordava antes de Klaus-Dieter e ficava um bom tempo observando-o com admiração. As feições graciosas, o corpo bem formado. Aproximava a mão da sua boca e se deleitava sentindo na palma as exalações pausadas de ar. Ou, tomando cuidado para não acordá-lo, brincava de enrolar num dedo uma mecha do seu cabelo. E até cortou uma, da nuca, com tesouras sigilosas. Um feixe precioso de fios louros, de uns seis ou sete centímetros de comprimento. E para quê? Para possuir algo do garoto que ela pudesse olhar e tocar quando ele

voltasse para o seu país.

No início luminoso do dia, Nerea gostava de acariciar com um mamilo o rosto de Klaus-Dieter. Os lábios adormecidos, as pálpebras fechadas, a bochecha ainda sem barbear, com uns pelos louros que arranhavam agradavelmente aquela sua parte tão sensível. E ia acordando-o com suavidade. Ele, que conhecia a brincadeira, sorria sem abrir os olhos. Por acaso alguma mulher já amou você assim lá na sua terra fria? Às vezes, Nerea lhe perguntava em voz alta; mas ele, como ia responder se não entendia nem metade das palavras?

Depois Nerea continuava acariciando-o com seus seios mornos, corpo abaixo. E se demorava na barriga e na parte interna das coxas cobertas de uma penugem tênue, e beijava e lambia seu membro, e a luz matinal entrava pela janela, e aquilo era uma delícia diária que não ia durar muito, que durou pouco, que foi bonita, intensa, maravilhosa enquanto durou.

Disposta a agradar seu garoto alemão, nesse período se habituou a tomar chá, ela que na época era fanática por café. E nada do típico saquinho mergulhado na xícara, sem graça nem mistério. O chá, guardado numa caixa metálica, fora trazido da Alemanha por Klaus-Dieter. E também o coador de pano, já preto de tanto uso. Na cozinha, Nerea observava encantada aquele ritual singelo, reparando nos diferentes passos, na quantidade adequada de chá, no tempo exato que o coador devia ficar submerso na água quente do bule. E nada de leite nem de açúcar. Ele costumava tomar o primeiro gole de olhos fechados, esticando os lábios com cautela para não se queimar, e ela, sentada ao lado, olhava aquilo em silêncio como quem assiste a uma cerimônia sagrada.

E o caso é que a comunicação não era muito fácil entre eles. Klaus-Dieter assassinava a língua espanhola. Nerea se expressava com dificuldade em seu inglês enferrujado pela falta de uso. O desconhecimento dos respectivos idiomas os impedia de ter conversas de uma certa profundidade. Mas os dois se entendiam, antes de mais nada, por sua vontade resoluta de compreenderem um ao outro, com gestos, com palavras soltas, frases breves, ou então lançando mão do dicionário. De tanto praticar com ela, o garoto melhorou bastante o seu espanhol. E ela, que não tocou em um único livro da faculdade durante aquelas três semanas de amor, começou a aprender alemão com a ajuda de um manual comprado numa livraria da praça San Francisco. Klaus-Dieter e seus colegas de apartamento, Wolfgang e Marcel, morriam de rir toda vez que Nerea pronunciava alguma palavra em seu idioma. E para aumentar a diversão, os safados apontavam com o dedo esta ou aquela sacanagem no dicionário para ela ler em voz alta.

Klaus-Dieter era vegetariano. Nerea parou de comer carne na sua presença. Ele

também não consumia peixe nem frutos do mar, mas fazia uma exceção: camarão grelhado. Tinha paixão. "Na Alemanha disso pouco", dizia. Às vezes os dois desciam andando até o Tubo de tardinha e ficavam roxos de tanto comer camarão e lagostim, que para Klaus-Dieter eram a mesma coisa: camarão pequeno e camarão grande. Não fumava. Isto já era mais problemático para Nerea. Com medo de desagradar o namorado, ela se trancava no banheiro dos bares para fumar. E em outros momentos, quando, por exemplo, ficava sentada no corredor da faculdade esperando que ele saísse da aula, consumia vários cigarros em sequência.

Um dia, na cama, Klaus-Dieter lhe revelou muito sério que era religioso.

— Eu acredito *a* Deus.

— Em Deus.

— Eu acredito em Deus. Você?

— Não sei.

Era membro da Igreja Evangélica Luterana. E Nerea, que estava animada pensando em ir morar com ele na Alemanha, estava disposta a mudar de religião para agradá-lo.

O garoto cismou que ela tinha que ir visitá-lo sem falta em Gotinga. Insistia:

— *Vem você a mim visitar?*

Ela prometeu. Porque, lógico, este cara não me escapa. Onde vou encontrar outro igual? E voltou a prometer a mesma coisa na estação de El Portillo, enquanto os dois consumiam, acoplados na plataforma, os últimos minutos de ternura. Wolfgang teve que puxar o braço do amigo para que este subisse no vagão. Poucos segundos depois, o trem saiu.

Nerea o viu partir debruçado na janela. Adeus, cabeleira loura. Adeus, sorriso encantador. Ela o amava tanto; mas tanto, tanto. Passaram outros vagões com outras cabeças para fora e outras mãos se despedindo. Em um minuto a plataforma ficou deserta. Nerea estava sozinha, a vista fixa na paisagem de postes, fios e trilhos por onde o trem tinha sumido. Triste? Sim, mas não chorando, já que tinham combinado um reencontro em Gotinga no final do verão, quando Klaus-Dieter ia começar um novo semestre na faculdade. Ele prometeu lhe escrever assim que chegasse à Alemanha. Vai me escrever, não vai me escrever. Se cumprir a promessa, é porque existe amor; se não, é que fui um simples instrumento dele para ter orgasmo.

Todas as manhãs Nerea descia para olhar a caixa de correio. À tarde também, embora o carteiro costumasse passar entre onze e uma da tarde, e não voltava depois. Após uma semana, detectou os primeiros arranhões em sua esperança. Depois, os arranhões se transformaram em rachaduras. As lágrimas que ela não

chorou na estação, agora chora sozinha. E, resignada, fecha o manual de alemão que tinha ficado aberto durante todos esses dias em cima da escrivaninha e o mete/joga, com a mecha de cabelos louros entre as suas páginas, numa gaveta do armário.

Dias depois chegou a carta, a primeira das poucas que trocaram. Dessa vez as lágrimas eram de alegria. Aquela carta coalhada de erros, cada qual mais adorável que o outro, com um adesivo azul em forma de coração junto à assinatura, dissipou as dúvidas de Nerea. Tinha certeza de que o futuro estava à sua espera na Alemanha. Foi direto para a faculdade. Pediu a diversos colegas de curso suas anotações para fotocopiar. Agora não faltava mais às aulas, não ia mais a festas nem saía de noite. Passava horas e horas isolada na biblioteca ou no seu quarto, estudando como não fizera durante toda a faculdade. Seu plano: formar-se nesse verão, fazer a mala e tchau.

Perto dos exames, um dia cruzou com José Carlos no campus. Caramba, fazia muito tempo que ela não aparecia, se esteve doente, se não quer que passe na sua casa um dia destes. Olhou para ele como se não estivesse ali na sua frente. Com desdém? Mais para indiferença. Respondeu que não e seguiu em frente.

68
Fim de curso

Nerea passou em todos os exames e conseguiu a licenciatura. Dois meses de estudo intenso lhe permitiram acumular uma quantidade aceitável de conhecimento. Aos sábados de tarde, como prêmio à sua perseverança durante a semana, ia assistir a um filme no cinema Palafox. O filme era o de menos. Às vezes via de novo o mesmo da semana anterior pela simples razão de que lhe deixara uma lembrança agradável.

Escolhia o Palafox a dedo. Mas por quê? É que o Tubo ficava ali perto, e gostava de fazer um ritual na saída, coisas dela. Entrava num bar; sentada a uma mesa ou, não havendo mesa disponível, em pé diante do balcão, saboreava uma porção de camarão grelhado, ensimesmada em lembranças do seu garoto alemão. O que ele estará fazendo a estas horas? Será que se lembra de mim? Aqueles camarões, e às vezes um iogurte mais tarde, em casa, eram o seu jantar. De noite, trancada no quarto, continuava às voltas com os livros e as anotações de Direito, até que, por volta de meia-noite, às vezes antes, sua cabeça lhe dizia: menina, por hoje chega. Perdeu quatro quilos em menos de dois meses.

Foi prestar os exames munida não só de conhecimentos. Levava também um pouco de ciência rabiscada em umas colas escondidas dentro das mangas. Principalmente por insegurança. Como salva-vidas, dizia para si mesma, em caso de naufragar nas águas insondáveis da ignorância. Na realidade nunca as usou, exceto para copiar quatro coisinhas na prova de Filosofia do Direito.

Nota dez? Nenhuma. Não precisava. Ela teve a sensação, mais que de atingir uma meta, de ter se livrado de uma carga pesada. Tem certeza? Absoluta. Quando saiu da faculdade na manhã em que recebeu o último resultado, ao descer a escadaria da frente, escolheu uma dentre as nuvens, qual?, aquela, no fundo, e lhe sussurrou:

— Viu, *aita*, fiz o que você me pediu. Agora estou livre para decidir meu futuro sozinha.

Nada se interpõe ao seu projeto de viagem à Alemanha. Ela ria sozinha andando pela rua. Estou ficando doidinha feito a *ama*. Meses antes, Xabier lhe contara que a mãe costumava ir a Polloe conversar com o túmulo do Txato. Xabier disse isto

visivelmente comovido. Temia que sua mãe se deprimisse, mas o deprimido era ele; que não se recuperasse do duro golpe que recebeu, mas quem não se recuperava era ele. Nerea não deu muita importância à coisa. Para amenizar a conversa, disse que, se a entrada no cemitério fosse paga, sua mãe não iria. Xabier, cenho franzido, não achou graça na piada.

Na saída da Cidade Universitária, Nerea sentiu vontade de entrar numa cabine telefônica e dar a boa notícia à mãe. Ligo, não ligo? Uma certa precaução alimentava suas dúvidas. Viu uma cabine, passou direto. Na rua Fernando el Católico, depois de muita hesitação, se decidiu. Porque, claro, como vou esconder da minha mãe que terminei a faculdade? Enfiou as moedas no aparelho, chegou a discar os três primeiros números, desligou. Motivo? É que eu conheço a peça. Sei que vai dizer alguma coisa para azedar o meu dia triunfal.

Pois acontece que escondeu a notícia durante duas semanas. Amanhã eu telefono. Mas o amanhã chegava e Nerea adiava a ligação para o dia seguinte. Várias vezes assim. Para ganhar tempo, para não se aborrecer. Sua mãe tinha se mudado para San Sebastián. Morar com ela? Um horror. Voltar para a vila? Nem pensar. Na última vez que esteve lá, muitos amigos e conhecidos dos velhos tempos não a cumprimentaram. Fez suas contas, falou com as colegas de apartamento, decidiu. O quê? Passar o verão inteiro em Zaragoza. Elas avisaram:

— Zaragoza, no verão, é um forno.

Não se importava. Também era o lugar para onde Klaus-Dieter mandava as cartas. Claro que poderia dar um endereço em San Sebastián ao seu garoto louro. Ah, é? Qual? Só dispunha do endereço da mãe. Portanto, não. Já imaginava a cena. Nerea, chegou uma carta da Alemanha para você. Quem te escreveu? Você não tem namorado? Sem contar que também podia abrir o envelope com a desculpa de não ter visto bem o destinatário. Era bem capaz.

Das suas colegas, uma havia cancelado o contrato de aluguel, como Nerea, no final de julho; a outra, que ainda tinha um ano de estudos pela frente, pretendia continuar no apartamento. O que vou fazer, explicou, é procurar duas novas inquilinas na volta das férias. Nerea lhe perguntou se não podia continuar no seu quarto durante os meses de agosto e setembro. E para que a colega, durante esse tempo, não arcasse sozinha com a despesa do aluguel, propôs pagar a sua parte diretamente a ela, e não à proprietária. A outra aceitou feliz da vida.

Zaragoza em agosto: 38, 40, 44 graus. Sol, ruas desertas. Aqueles dias pareciam eternos. Ocupou o tempo lendo romances, dando passeios no fim da tarde, quando o calor começava a esmorecer, e estudando alemão. Idioma difícil. Não lhe entrava na cabeça como era possível que, a esta altura da História, as pessoas, na padaria, no

hospital, de uma janela para a outra, pudessem se expressar com declinações como os antigos romanos. Procurou uma escola de idiomas nas páginas amarelas para se inscrever num curso intensivo. Em agosto? Nem atendiam o telefone.

Dias de marasmo, de tédio. Mesmo assim, era melhor passá-los numa tórrida solidão, em passeios no fim de tarde e, de vez em quando, deitada na piscina da Hípica com um livro fascinante/ameno, policial/fácil de entender, que ficar ouvindo recriminações maternas da manhã até a noite. Pelo telefone, nas poucas vezes que ligava: que por que ela ainda estava em Zaragoza se tinha terminado os estudos. Não, é que. E inventava uma desculpa qualquer. Logo em seguida dizia que não estava escutando, como se ouve mal, não estou ouvindo nada, ou então que as moedas iam acabar. Da Alemanha e de Klaus-Dieter, nem meia palavra.

Para Nerea, o pior daquela temporada de solidão e calor sufocante era a falta de correspondência. Já em julho, as cartas de Klaus-Dieter chegavam cada vez mais espaçadas. Em agosto não chegou nenhuma. Nerea sabia por quê, o que não significa que não se sentisse decepcionada toda vez que ia espiar a caixa de correio e, como ontem, como anteontem, a encontrava vazia. O que estava acontecendo? Nada, é que Klaus-Dieter tinha ido para Edimburgo, onde ficaria um mês. Nesse período, ela enviou uma dúzia de cartas para o apartamento de Gotinga, salpicadas de frases em língua alemã. Algumas ela copiava do manual; outras, menos convencionais, compunha de qualquer jeito, com a ajuda sempre precária do dicionário. Em setembro recebeu, aleluia, uma resposta. Tinha voltado da viagem, sentia falta dela, *eu tenho saudades a ti,* e lembrou-a da sua promessa de ir visitá-lo em outubro.

Seu pai a levara para Zaragoza. Xabier foi buscá-la em Zaragoza.

— A *ama* me pediu. E como não tenho que trabalhar hoje, aqui estou.

O motivo para ir buscá-la? Transportar seus muitos pertences. Levou um bom tempo para colocar tudo no carro. Só os livros ocupavam duas caixas grandes. Xabier estirou o banco traseiro para que o porta-malas ficasse mais espaçoso. Encheu-o até em cima.

— Onde podemos almoçar?

Antes de partir, os dois irmãos foram comer num restaurante próximo. Mastigavam, bebiam, conversaram.

— A *ama* estava ficando preocupada porque você não voltava.

— Eu já expliquei a ela que tinha uns assuntos para resolver antes de sair de Zaragoza.

— Era o que eu imaginava. Assuntos da universidade?

— Assuntos do coração.

A frase, taxativa, expressada num tom juvenil/desafiante, não afetou Xabier, que continuou cortando seu escalope de vitela com toda a pachorra. Às vezes, distraído, desviava o olhar para os comensais das mesas vizinhas. As confidências da irmã não pareciam despertar a sua curiosidade nem lhe causar qualquer impacto, até que ouviu a palavra. Que palavra? Qual pode ser? Alemanha. O garfo parado no ar, com um pedaço de carne espetado na ponta, Xabier dirigiu a Nerea um olhar, de estupor? Em todo caso, de alerta.

— O que você vai fazer?

— Dia nove pego um trem para lá. Com passagem só de ida.

— A *ama* já sabe?

— Por enquanto, só quem sabe é você.

A conversa desandou. Cortadas por ilhas de silêncio, as sequências de palavras se sucediam. E o descontínuo manso rio verbal arrastava, sem força, as evasivas, os rodeios, os assuntos de pouca importância. Xabier não terminou o seu prato e pediu a conta.

— Ou você queria sobremesa?

— Hein?

— Se quiser sobremesa, podemos ficar mais um pouco. Não tem pressa.

— Não, não. Você se importa que eu fume um cigarro antes de ir?

Vinte minutos depois, já tinham deixado para trás o que, segundo Nerea, podia ser considerado o último prédio de Zaragoza. Xabier dirigia, e ela, num tom teatral/comemorativo de nostalgia impostada, improvisou um breve discurso de despedida. Tirava sarro engrossando a voz. Que ali terminava uma etapa da sua vida, que levava consigo uma boa lembrança da cidade, mas não pretendia voltar nos próximos três mil anos.

Xabier levou um bom tempo para quebrar o silêncio.

— A *ama* está muito sozinha, tenho medo de que perca completamente o senso de realidade. Eu tento passar o maior tempo possível com ela, mas o trabalho me absorve muito. Ela tem o sonho de ver você exercendo a advocacia. Não te falou?

— Eu odeio Direito.

— Bem, eu também não vou ao hospital diariamente para me divertir. A gente precisa viver, concorda?

— Sim, mas não fazendo qualquer coisa, e, para mim, advocacia é pior que qualquer coisa. Para falar a verdade, vejo o meu futuro longe daqui. Eu conheci uma pessoa. Vou fazer uma tentativa.

— Você parece muito feliz.

— Isso te incomoda?

— De jeito nenhum. Só te peço que disfarce um pouco na frente da *ama*. Você há de convir que na nossa família nem todo mundo tem motivo para estar alegre.

— Mano, eu conheço bem essa fossa. Não vou cair nela. Posso te fazer uma pergunta? Por simples curiosidade. Se não quiser, não responda. — Sem tirar os olhos da estrada, Xabier assentiu. — Desde que o *aita* morreu...

— Não morreu, foi assassinado.

— O resultado é o mesmo.

— Para mim existe uma diferença essencial.

— Bem. Desde que ele foi assassinado, e já vai fazer um ano, você riu alguma vez? Sei lá, espontaneamente, por alguma bobagem que alguém disse no hospital, ou quem sabe vendo um filme. Será que em algum momento se esqueceu de tudo e deu pelo menos uma risadinha?

— É possível. Não me lembro.

— Ou se proibiu a felicidade?

— Eu não sei o que é felicidade. Imagino que se trata de uma ciência que você domina bem. Parece especialista. Eu me limito a respirar, fazer meu trabalho e cuidar da *ama*. Já é o bastante.

— Você não para de falar da *ama*.

— Acho que ela está mal, caiu nessa fossa de que você falou. Fico preocupado.

— Que bom, filho. Eu, em compensação, parece que não me preocupo. É isto que está insinuando? Que não dou a mínima? Que fico na minha?

— Ninguém cobrou nada de você nem joga coisa nenhuma na sua cara. Quanto a isso, pode ficar tranquila. A empresa do *aita* está fechada. Não estamos mal de dinheiro. Você é jovem, então aproveite enquanto pode.

Decidiram mudar de assunto. Tinham acabado de entrar em Navarra. Sol, planície, paisagens secas. De vez em quando, o horizonte de uma vila. Nerea, de repente:

— Tem notícia da Aránzazu?

— Faz muito tempo que não sei nada dela. A última coisa que ouvi é que tinha ido para Gana como voluntária, mas não sei, não tenho muita certeza. Por que pergunta?

— Não, por nada. Gostava dela.

Interromperam a conversa neste ponto. Mais adiante, quando já tinham deixado Tudela atrás, Nerea ligou o rádio.

69
A ruptura

As pichações contra Txato tiraram o apetite de Joxian. E também lhe tiraram seu melhor amigo. Porque numa cidade, ainda vai; mas na vila, onde todo mundo se conhece, você não pode ter vínculo com alguém marcado. Vinha pensando essas coisas naquele domingo, no trajeto de Zumaya para casa. Tinha ido com Txato, voltava sem ele. Quem vai ser agora meu parceiro no mus? Depois do almoço, que não descia, que não conseguiu terminar, tinha saído do bar com os outros; mas se fingiu de cansado na primeira ladeira e ficou para trás. Mais tarde, antes de chegar a Guetaria, decidiu descer da bicicleta, sentar um pouco numa pedra de frente para o mar e organizar seus pensamentos. O mar é grande. O mar é como Deus, que está perto e longe, que nos lembra que somos pequenos, puta merda, e como!, e, se lhe *daria* vontade, nos destruía. Foi mais difícil que nunca chegar à vila. Em Arejo teve vontade de pegar um ônibus. E a bicicleta? Poderia deixá-la acorrentada em algum lugar. E se for roubada? Cuidado, que tem muita gente de fora por aqui. Continuou pedalando sem ânimo, sem se concentrar no tráfego, absorto em suas reflexões sombrias.

Quando entrou em casa, Miren, na cozinha, de avental, olhou-o nos olhos; mas não severa, não carrancuda: inquisitiva. Ele esperava uma bronca pela demora. Ela só disse:

— Vai tomar seu banho.

E aquilo era quase a ternura recuperada de outros tempos. Nem sequer usou um tom duro como tantas vezes, ou como faz quando lhe conta uma coisa corriqueira com toda suavidade, mas pela voz e pela cara ele vê que logo em seguida vai começar a trovejar.

— Não estou com a menor fome.

— Pois então senta para me ver comendo.

E conversaram, graves, secos, tomando sopa, mastigando filezinhos de cordeiro, os dois sentados à mesa sem a companhia dos filhos.

— Você já sabe, não é?

— Primeiro Joxe Mari, agora isto.

— Não é a mesma coisa.

— Desgraça em cima de desgraça.

— Ela me telefonou. Deviam ser quase dez horas. Desliguei na cara.

— Mas ontem mesmo vocês foram juntas ao café.

— Ontem foi ontem, hoje é outro dia. Não há mais amizade. Vai se acostumando com a ideia.

— Tantos anos. Não te dá pena?

— Tenho pena é do nosso Euskal Herria, que não deixam ser livre.

— Não vou me acostumar. Txato é meu amigo.

— Era. E nada de ir falar com ele. Seria melhor que eles fossem embora daqui. Com todo o dinheiro que têm, o que custa comprar uma casa lá para baixo? É só vontade de provocar.

— Eles não vão embora. Txato é teimoso.

— Pois a luta não perdoa. Têm que ir embora, senão vão ser expulsos. Que escolham.

Pouco antes das dez da manhã, o telefone tocou. Miren não tinha a menor dúvida: era ela. Uma hora e meia antes havia recebido outra ligação que a tirou da cama. Juani: se já sabia, não era surpresa, fazia tempo que.

E concluiu:

— Ficaram ricos explorando a classe trabalhadora, e agora chegou a conta. Não sou só eu que digo isto. Todo mundo na vila também. Estou te avisando porque todos nós sabemos que você e ela são muito amigas.

Miren, de cabelo recém-lavado, ainda não seco, desceu de lenço na cabeça e chinelo nos pés. Não teve que andar muito. Havia pichações até nas paredes da igreja: Txato delator, opressor, *alde hemendik, Herriak ez du barkatuko*. Nesse estilo. Não era uma nem duas; eram doze, quinze, vinte, e seguiam rua abaixo e rua acima. Muitas mãos tinham participado daquilo. Uma coisa grande e planejada. Pressentiu: aposto que ela vai me ligar para saber se já estou sabendo e pedir que eu vá lá e interceda e livre a cara dele? Sempre se aproveitando dos outros.

Pois é, Bittori ligou. Ainda não tinham batido as badaladas das dez horas. E Miren, que estava no banheiro enrolando o cabelo, correu para o telefone decidida a romper o relacionamento.

— Alô.

— Miren, sou eu. Você...?

Assim que escutou/reconheceu a voz, desligou. Que cara de pau. Meu filho arriscando a vida pelo Euskal Herria e essa gentinha que não para de explorar o povo. Aqui se faz, aqui se paga. E, assim murmurando, voltou ao banheiro para terminar de enrolar o cabelo.

Transcorreram vários dias sem que Miren a visse. Quantos? Muitos, pelo menos duas semanas. Será que não sai de casa? Ele, sim, ela viu uma vez, de longe, saindo de carro da rua onde fica sua garagem.

Dela, só sabia o que Juani tinha lhe contado. O quê? Que teve a petulância de entrar aqui. Esperou a vez, pediu. Juani lhe disse: não temos. Pediu outra coisa, não lembro o quê, e Juani voltou a responder que não temos. Ela então, atrevida e senhoril, disse que, nesse caso, me corte duzentos gramas deste presunto de York e apontou para a peça, e Juani lhe mandou um olhar capaz de abrir um buraco na parede e disse para você não temos nada.

Um dia, Miren a viu na rua. Muito pouco, dois segundos. Tinha se encontrado por acaso com o padre. Se havia notícias de Joxe Mari. Continuamos esperando. Mentira. Naquela altura, Patxi já lhe entregara duas cartas; mas isto é melhor ficar entre nós.

Conversaram. Don Serapio, perguntador como sempre. E, nisso, Miren a viu por cima de um ombro do padre. Vinha na sua direção, com aquela bolsa velha e puída que costumava levar para San Sebastián aos sábados e olheiras no rosto. Ganham tanto, e ela sai com esta bolsa de mendiga. É muito pão-durismo. Rapidamente Miren foi se colocar ao lado de don Serapio, dando as costas para a mulher que se aproximava. Miren e o padre ocupavam toda a calçada. A outra, com cuidado, teve que descer o meio-fio para seguir em frente. Não cumprimentou nem foi cumprimentada. Não os olhou nem eles a olharam. E logo em seguida Miren voltou à sua posição frente a frente com o padre.

— Vocês não se falam? — perguntou Don Serapio, após alguns instantes.

— Eu? Com essa aí? Por favor!

— Pelo seu próprio bem, eles deveriam sair da vila.

— Pois vá lá e diga isto a ela, porque parece que não querem nem saber.

Mas Joxian, de sua parte, falou uma vez, em segredo, com Txato. Foi esperá-lo perto da garagem. Quando? Uma noite, depois do jantar, a pretexto de levar o lixo para a rua. Sentia um peso na consciência e precisava acabar com aquilo. Havia tentado antes, sem sucesso, erguendo um pouco as sobrancelhas à guisa de saudação quando passava por ele na rua. E ultimamente deu para descer com o saco de lixo, tarefa que em geral cabia a Gorka.

Mas Txato voltava do trabalho às vezes numa hora, outras vezes em outra. O fato é que tomava suas precauções. E se não fosse naquela rua escura da garagem, Joxian não queria abordá-lo. Por fim, uma noite pôde falar com ele.

— Sou eu.

— O que você quer?

As mãos de Joxian tremiam, tremia a sua voz, e não parava de olhar para os dois lados da rua, com medo de ser visto conversando com Txato.

— Nada. Queria te dizer que sinto muito, que não dá para falar contigo na rua porque posso ter problemas depois. Mas se nos encontrarmos por aí, saiba que te cumprimento mentalmente.

— Alguma vez já te disseram que você é um covarde?

— Eu me digo isso o tempo todo. Mas não muda nada. Posso te dar um abraço? Aqui ninguém nos vê.

— Deixa para quando você for capaz de fazer isso à luz do dia.

— Se *poderia* te ajudar, juro...

— Não se preocupe. Bastam teus cumprimentos mentais.

Txato se afastou com passos tranquilos, sua silhueta mal definida sob a luz mortiça do poste. Joxian esperou que o ex-amigo dobrasse a esquina para empreender o caminho de volta para casa. Nunca mais voltou a vê-lo tão de perto. Txato saiu andando com uma das mãos no bolso da calça. Não demorou muito a passar pelo ponto exato onde, numa tarde chuvosa, cada vez mais próxima, um militante do ETA vai lhe tirar a vida.

70
Pátrias e bobagens

Contam, dizem, saiu nos jornais, que foi um pastor que o encontrou. Esse pastor ia tocando suas ovelhas por uns campos áridos da província de Burgos, e lá estava o cadáver desfigurado e meio comido pelos bichos.

O pastor disse aos guardas civis que havia uma pistola ao lado do morto. O ministro do Interior considerou que este fato era suficiente para confirmar a hipótese de suicídio. O tipo de arma permitiu vincular o morto com o ETA.

Num dos bolsos do cadáver, os guardas encontraram uma carteira de identidade com um nome falso. De noite, o telejornal exibiu a fotografia. Na vila, todo mundo o reconheceu.

Patxi, reservadamente, disse a Juani e a Josetxo que já fazia algum tempo que a organização não tinha notícias de Jokin.

— Vocês vão ter que se preparar para o pior.

O caixão chegou envolto numa *ikurriña*. Chuva e guarda-chuvas. Polícia assassina!, gritaram em coro centenas de bocas na rua. Fizeram um enterro multitudinário, cantaram de punho para o alto, prometeram vingança para Jokin e o enterraram. E, no verão, um retrato dele em grandes dimensões presidiu a festa do padroeiro na sacada da Prefeitura.

Os pais, arrasados. O açougue, vários dias fechado. Mas enquanto Juani se recuperava pouco a pouco, interiorizava a dor, encontrava consolo na oração, Josetxo caiu numa depressão profunda. Bem, isso é o que diziam. Quem? Os vizinhos. E também Juani, que naqueles dias foi duas ou três vezes à casa de Miren para desabafar. Falou dos silêncios intermináveis de Josetxo e das muitas horas que o marido ficava deitado durante o dia, sem que ninguém conseguisse tirá-lo da cama.

As duas mulheres combinaram/decidiram que Joxian iria conversar com ele, fazer um pouco de companhia e também, quem sabe, entre homens, levantar seu ânimo. Joxian, quando chegou em casa de noite:

— Você já me mandou lá uma vez, e foi horrível.

Rosnou, xingava, amaldiçoava. Trapaceiras, metidas, fofoqueiras. E Miren, impassível, continuava empanando o peixe de janela aberta. Deixou-o falar como

quem espera que acabe a corda de um relógio.

Mais tarde, na cama:

— Olha, se não quer ir, não vá. Amanhã digo a Juani que você se recusou, e assunto encerrado.

— É melhor você fechar o bico, que já me aporrinhou bastante hoje.

E foi de novo, resmungando pela rua. Sabia/temia que o outro ia fazer uma cena de lágrimas como na primeira vez, e quero ver como vou aguentar. Já era quase hora de fechar. Não havia fregueses no açougue. Cheiro de carne, de sebo. E Josetxo, atrás do balcão com seu avental branco salpicado de listras sanguinolentas, começou a chorar quando viu Joxian, sacudindo violentamente os ombros, dando uns soluços profundos, guturais. E se atirou, grande, fornido, para abraçá-lo, enquanto Joxian, dando umas palmadinhas em suas costas poderosas, lhe transmitia ânimo à sua maneira:

— *Putaquepariu,* Josetxo, *putaquepariu*.

Não lhe ocorria outra coisa para dizer. Buscava as palavras, só encontrava palavrões e blasfêmias. E nem sequer tinha muita certeza de que estava dizendo essas coisas com a cara e a voz apropriadas. Além do mais, o Josetxo, tudo bem, certo, mas muito amigo ele nunca foi. Amigo mesmo era o Txato. Esse, sim, apesar de não se falarem mais. Com o açougueiro, que nunca foi de jogar baralho no bar nem de andar de bicicleta, não tinha tanta intimidade.

Josetxo decidiu fechar um pouco antes da hora de sempre. Pediu a Joxian que abaixasse a persiana porque não queria que ninguém que passasse pela rua o visse naquele estado. Depois, com as mãos na cintura, olhando languidamente para o teto, pouco a pouco foi se acalmando. Então pousou uma das suas mãos enormes no ombro de Joxian, para indicar que, a partir deste momento, estou em condições de conversar.

— Eu já imaginava que você viria.

— São coisas da minha mulher e da tua. Agora estou de novo aqui contigo, e não sei o que dizer.

— Finalmente alguém que não me vem com mentiras. Obrigado.

Levou-o para se sentar nos fundos da loja. Ofereceu-lhe a bebida (sem álcool, tem que ser) que havia na geladeira. Ofereceu-lhe comida. Sem formalidade: se quisesse beliscar alguma coisa, era só pegar no balcão.

— E pega o que quiser. Pão, não tenho.

Joxian recusou tudo menos o convite para se sentar.

— Nem pense em querer me consolar. Se você tem um pingo de juízo, vai correndo procurar o teu filho. Na França, onde for. Encontra o garoto, quebra a

cara dele e traz de volta para casa, ou senão entrega logo para a polícia. Reza para que ele seja preso o mais cedo possível. Teu filho vai para a cadeia, mas pelo menos você não o perde como eu perdi o meu.

Sentado na cadeira, Joxian permaneceu em silêncio com cara de cerimônia.

— Não me deixaram nem organizar o enterro. Pegaram meu filho e fizeram uma ceninha patriótica. Aproveitaram que ele *morreria*. Para usá-lo com objetivos políticos, sabe? Como usam todo mundo. Burros, isso é que eles são. Ingênuos. Joxe Mari também. Esquentam a cabeça deles, dão armas e dizem, vamos lá, toca a matar. Lá em casa nunca se falou de política. Eu não me interesso por política. Você, sim?

— Nem um pouco.

— Metem umas ideias erradas na cabeça deles e, como são jovens, mordem a isca. Depois se acham heróis porque andam armados. E nem pensam que, a troco de nada, porque afinal o prêmio é a cadeia ou o cemitério, largaram o trabalho, a família, os amigos. Tudo para cumprir as ordens de meia dúzia de aproveitadores. E para destruir a vida de outras pessoas, deixando viúvas e órfãos em todas as esquinas.

— Não vai sair dizendo isso por aí, hein?

— Eu digo o que bem entender.

— Vão atazanar a sua vida.

— Eu tinha um filho, perdi. O que mais me importa na vida?

— Olha o Txato. Ninguém mais fala com ele.

— Pois vai lá você, que é amigo dele, e fala.

— Vai acontecer a mesma coisa comigo.

— País de mentirosos e covardes! Olha, Joxian, presta a atenção no que estou dizendo. Para de bobagem e vai procurar Joxe Mari.

— Não é tão fácil como você pensa.

— Se eu soubesse onde Jokin estava, denunciaria à polícia. Hoje eu teria um filho, mesmo que *seria* na cadeia. E não me importa se ele parasse de falar comigo. Da cadeia se sai um dia. Do cemitério, nunca mais.

Após quase uma hora de conversa, Joxian saiu do açougue cabisbaixo. Tinha planejado ir jogar no Pagoeta. Mas como posso me concentrar nas cartas depois de tudo o que ele me falou? Foi direto para casa com o pacote de embutidos e a morcela que Josetxo lhe dera.

Miren estranhou:

— Voltou rápido. Conseguiu levantar o ânimo dele?

— Nem um milímetro, e em compensação ele afundou o meu. Não me peça

nunca mais para ir lá.

71
Filha esquisita

Era janeiro. Era terça-feira. Quem é que tem uma ideia dessas! Terça de manhã. Um dia cinza, chuvoso, de trabalho. Para um acontecimento tão importante, que tem que ficar a vida toda na memória, escolhe-se um fim de semana de primavera ou de verão, meu Deus!, com céu azul, temperatura agradável e a família bem vestida, sorridente, posando para o fotógrafo na porta da igreja. Francamente, que falta de classe. Arantxa tinha ligado. A que horas? Às onze e pouco. Miren atendeu. Não lhe deu parabéns. Disse, seca, séria, que isso não se faz com uma mãe. E a mãe não quis saber os detalhes, não quis saber de nada, despediu-se, desligou e se recusou a chorar. Eu, chorar? Que fique lá com a vida dela.

Pouco depois das duas, Joxian chega da fundição.

— Má notícia.

— Foi preso?

— Casou.

— Quem?

— Sua filha.

— E isso é má notícia?

— Mas você é bobo de verdade ou só parece? Ela se casou no civil com o cara de Salamanca. Agora pensa um pouco, faz as contas. Sem a bênção de Deus, sem nos avisar, sem comemoração. Que nem ciganos!

De repente Joxian arregalou os olhos. Olhos de coruja no meio de feições cansadas: desde as seis da manhã ao pé do forno. Discordou. Primeiro, achava o casamento da filha uma grande notícia e que era preciso comemorar, porra. Depois: há quanto tempo eles estão morando juntos? Não sabia. Dois, três anos? De todo modo, vários, razão pela qual Miren não se cansava de criticá-los. Então já era hora de formalizar a relação. Que sua filha se casasse com o homem que amava não era motivo de desgosto para Joxian, muito pelo contrário. E o rapaz, nosso genro, não é de Salamanca, ele nasceu em Rentería. E mesmo que fosse de Salamanca, qual o problema?

— Para mim, tanto faz se é chinês, negro ou cigano. É o homem que minha filha escolheu. Ponto final.

— Você é bobo, sempre foi bobo e vai morrer bobo. Não sabe do que está falando. Deve ter levado uma pedrada na cabeça de manhã. Pois então, já que se acha tão esperto, vai lá contar a don Serapio que tua filha se casou fora da igreja com um sujeito que não fala basco.

— Com um homem educado, trabalhador, que a respeita e ama.

Era demais para Miren: arrancou o avental com raiva. Jogou-o em cima da cadeira. E exclamou, por entre dentes, enquanto saía da cozinha às pressas para se trancar no banheiro e chorar sem testemunhas:

— Ai, Jesus, como estou sozinha, como estou sozinha!

Transcorreram outros dias, caíram outras chuvas. Em fevereiro as duas famílias decidiram se reunir num restaurante. Miren, sarcástica: comemoração na intimidade como se *seria* um enterro. Ao todo, sete comensais: o jovem casal, os respectivos pais e Gorka, que, contrariando o critério de sua mãe, se negou a ir de paletó e gravata porque depois do almoço pretendia ver uns amigos e não queria que rissem dele. Miren insistiu, inflexível, exigente. Arantxa e Guillermo interviram a favor do garoto, que compareceu ao restaurante de camiseta e tênis e foi o primeiro a sair.

Os outros homens se vestiram como mandam a tradição e as esposas. O terno ficava largo aqui, folgado e abaulado ali. Os três tinham jeito de proletários num dia excepcional de elegância, vestidos/fantasiados pelas respectivas companheiras, as quais se encarregaram também, fica quieto, não se mexe, de fazer o nó das gravatas.

Elas, melhor. Com mais gosto e mais estilo. As três penteadas em salão de beleza. Arantxa com o vestido verde-escuro que tinha usado na manhã do casamento, e no cabelo, de lado, uma rosa de pano da mesma cor; Miren, com um modelo azul-marinho comprado numa loja de San Sebastián, e Angelita havia embutido suas gorduras num conjunto de saia e blusa, bege a primeira, branca a segunda, que deu motivos a Miren para criticá-la de noite na cama.

Joxian, de rosto virado para a parede, tentou em vão calar aquela boca que tinha entrado em erupção verbal a pouca distância dos seus ouvidos. O dia tinha sido longo, precisava descansar. Miren, encostada na cabeceira, não deu importância. Perguntou:

— O que você achou de tudo?

— Bom. A carne, um pouco dura.

Para que foi falar? Não viu que assim prolonga a conversa? Acabou se arrependendo, não necessariamente da resposta, mas do simples fato de ter respondido; só que já era tarde.

— Dura? Parecia uma sola. E o consomê, com gosto de nada. Nós já comemos em lugares melhores e menos caros. Mas, claro, quando as coisas não se fazem

como Deus manda, dá nisso.

— Se você por acaso ainda não sabe, amanhã tenho que trabalhar.

— Parece que Arantxa e a sogra se dão bem. Viu como ela a ajudou a abrir o guardanapo? E depois, como tirou uma mancha de maionese daqui, do bigode? Porque se aquilo não é bigode, eu sou uma bispa. O carinho que Arantxa nunca deu à própria mãe dá agora a essa senhora gorda de Salamanca.

— Tudo bem, tudo bem. Não vamos começar.

— Você e seu genro pareciam íntimos. De que estavam rindo?

— Vai implicar com ele também? O rapaz é um doce, carinhoso que só ele. O que me preocupa mesmo é como ele se deixa dominar pela nossa filha.

— Parecia que vocês estavam numa conversa particular.

— Nós dois gostamos de esportes.

— E sua cena sentimental? O que me diz de abrir o berreiro na frente de todo mundo? Nesses casos, se vai para a rua ou para o banheiro, não se dá um espetáculo público. Passei a maior vergonha da minha vida.

— Já te disse que não deu para evitar.

— O que não deu para você evitar foi cair de boca no espumante. Não sou cega. Vi logo que estava coçando o flanco.

— Não complica as coisas. É que me lembrei do nosso filho. A família festejando, e ele sabe-se lá onde está.

— Você fez um papel ridículo. Só faltou que *começaria* a falar de Joxe Mari com eles. Eu jogo um prato na tua cara, escuta bem o que estou dizendo.

— Certo. Agora posso dormir?

Miren apagou a luz do abajur do seu lado. Fazia tempo que Joxian tinha apagado o dele. O casal ficou em silêncio? Ele, sim. Miren, sem mudar de posição na cama, continuou tecendo comentários, críticas, censuras, na escuridão.

— Eles parecem que estão deslocados. Podem ser gentis, educados e tudo o que você quiser, mas dá para ver que não são daqui. Aquela maneira de falar, aqueles gestos. E achei até que mastigam diferente. Pode ir se preparando para ter um neto de sobrenome Hernández. Só de pensar me dá dor de barriga. Para mim, é isso que dá vontade de chorar, e não Joxe Mari, que está defendendo a causa do Euskal Herria. Não sei não, Joxian. Não sei não. O que foi que nós fizemos de errado? Você sabe? Por que será que nos saiu uma filha tão esquisita? Joxian, você está dormindo?

72
Missão sagrada

Havia um prêmio literário para jovens em San Sebastián. A Caixa Econômica Provincial de Guipúzcoa promovia todo ano. Miren entendeu parcialmente a informação que lhe deram pelo telefone, de forma que, na hora do jantar, quando Gorka chegou em casa, tudo o que ela conseguiu lhe contar foi que:

— Ligou um senhor perguntando por você. Diz que ganhou alguma coisa na caixa econômica.

Foi só na manhã seguinte que Gorka, quase dezoito anos, conseguiu confirmar o que pressentia/desejava. Tinha recebido o primeiro prêmio na categoria poesia em *euskera,* com um poema intitulado *Mendiko ahotsa*. Seu primeiro sucesso.

Ninguém, nem seus melhores amigos, sabia que ele tinha participado de um concurso literário. Não era a primeira vez. Se eu ganhar, ótimo; se não, quem vai saber? E, claro, no final toda a vila tomou conhecimento, já que na tarde da entrega do prêmio um jornalista o entrevistou e, no dia seguinte, a foto do jovem escritor e suas declarações saíram nas páginas de cultura do *El Diario Vasco*. Os outros jornais da região também deram a notícia, mas sem foto nem entrevista. Cada ganhador iria receber dez mil pesetas.

— Dez mil? Nossa! — Joxian deu uma robusta palmada de parabéns nas costas do filho. E olhava para ele sorridente, aprovativo, de boca aberta de tanto orgulho. — O que está esperando para ir escrever no quarto? Você pode ficar rico.

— O que vai fazer com o dinheiro? — perguntou Miren.

— Ainda não recebi.

— Quando receber.

— Preciso de roupa e sapatos.

Quem mais se alegrou com esse triunfo modesto, mas ainda assim um triunfo, foi Joxian. No Pagoeta, caiu de bom grado nas brincadeiras benevolentes dos amigos. Que sendo ele tão bronco, de onde tinha saído aquele garoto prodígio. Nesse tom. Joxian, pueril, feliz, se gabou do filho. Os genes, dizia. Os outros replicaram:

— Só se forem os genes da tua mulher.

E ele se defendeu, bem-humorado:

— Dela? Imagina!

Teve que prometer aos parceiros de jogo que, mesmo se ganhasse a partida, pagaria a bebida. E para os outros que estavam no bar, também pagou uma rodada.

A apoteose, no dia seguinte. O patrão foi pessoalmente ao forno da fundição para lhe dar parabéns. Joxian, tímido, tirou às pressas a luva encardida para apertar aquela mão branca e poderosa, cujo pulso ostentava um relógio de marca. Qual marca? Não fazia ideia.

Para Gorka, na cozinha:

— Para comprar um troço daqueles eu teria que trabalhar muitos dias, e você, ganhar muitos prêmios.

Miren tinha um orgulho silencioso. Um orgulho de absorção, de fora para dentro, como uma esponja que se impregna. E, exceto por um esporádico estiramento do pescoço, não deixava transparecer a satisfação que sentia.

— Está contente, *ama?*

— Mas é claro.

Naqueles dias, assim que Gorka entrava em casa, Miren lhe transmitia os cumprimentos de fulano e de beltrano. E enumerava, com as pupilas dilatadas por uma espécie de euforia, as pessoas com quem tinha cruzado na rua e mandaram parabéns para quem, para o escritor? Eram mais para o ganhador das dez mil pesetas e o rapaz cuja foto saiu no jornal, que era o que realmente deslumbrava a todos. E isso provocava em Miren uma intensa, uma silenciosa contração de satisfação, como se os seus ossos, vísceras, órgãos, músculos, e até seus vasos sanguíneos, se comprimissem num ponto central do corpo, o que lhe dava um prazer que tinha uma boa dose de compensação.

— Já é hora de nos invejarem também.

Arantxa, num telefonema, aconselhou o irmão a tomar cuidado. É claro que estava contente. Muito. Que maravilha, campeão, disse para dissipar qualquer dúvida a respeito. E também que sempre tinha acreditado nele. Não se esqueceu de transmitir os parabéns de Guille, que também lhe mandava um forte abraço. Depois pediu que não se expusesse muito.

— Você me entende.

Gorka não entendia. Ela deve ter percebido, porque, após alguns segundos de silêncio, acrescentou que:

— É melhor você continuar escrevendo suas coisas e não deixar ninguém se aproveitar do seu talento.

— Por enquanto todos foram simpáticos comigo.

— Isso é ótimo. Mas alguém da vila se interessou pelo poema que ganhou o

prêmio? Alguém leu?

— Não.

— Entendeu agora?

— Acho que estou começando a entender.

Gorka se lembrou da advertência da irmã alguns dias depois, enquanto se dirigia para a igreja onde don Serapio o estava esperando. Miren tinha se encontrado de manhã com o padre, e este lhe disse que queria falar com Gorka e parabenizá-lo pessoalmente.

— Se você for às cinco, ele vai estar na sacristia.

— O que está querendo comigo?

— O que vai querer? Quer te dar parabéns.

— Tudo isso é um pouco de exagero. Eu só escrevi um poema.

— Aqui na vila não tem muita gente ganhando prêmio de poesia. Portanto vá ver o padre às cinco, e seja simpático, hein? Não se esqueça de tomar um banho antes.

Foi a contragosto, tolhido pela timidez. Nunca estivera a sós com o padre. Ficou coçando o nariz o tempo todo para se proteger do mau hálito dele. Don Serapio, ao falar, batia as pontas dos dedos umas nas outras. Em seu rosto se desenhava com frequência um semblante de ternura dolorida. E se expressava, parcimonioso, num *euskera* pulcro de seminário salpicado de modismos antigos.

— O nosso povo sempre foi um povo empreendedor, aventureiro, de homens valentes e piedosos. Nós trabalhamos a madeira, a pedra, o ferro, e estivemos em todos os mares; mas no curso dos séculos, infelizmente, os bascos não têm prestado suficiente atenção às letras. Contudo, o que eu posso dizer que você ignore? Justamente você que, pelo que sei, é um grande leitor e, pelo que sabemos agora, um poeta.

Gorka assentia, inibido. Diante dele, um espelho de parede que estava ao lado do cabide das casulas lhe devolvia sua imagem espigada, seu nariz um pouco (bastante) amassado. O padre, incansável.

— Deus te deu talento e vocação, e eu, meu filho, te peço em nome Dele que sejas disciplinado e ponhas tuas habilidades a serviço do nosso povo. É uma tarefa que cabe muito especialmente a vocês, jovens que estão começando a escrever. Vocês têm energia, têm saúde e um longo futuro pela frente. Quem melhor do que vocês para dar forma a uma literatura que possa ser o pilar central da salvaguarda da nossa língua? Entende o que estou dizendo?

— Claro.

— O idioma basco, alma dos bascos, precisa se apoiar numa literatura própria.

Romances, teatro, poesia. Tudo isso. Não basta que as crianças frequentem a *ikastola,* que os pais falem e cantem em *euskera*. São mais necessários que nunca os grandes escritores que levem o idioma ao seu máximo esplendor. Um Shakespeare, um Cervantes, em *euskera*, isso sim seria maravilhoso. Já imaginou?

Gorka se viu no espelho, assentindo.

— Ai, este meu entusiasmo! O que eu queria te dizer é que continue aprendendo e escrevendo, para que o nosso povo construa uma cultura também pelas tuas mãos. Quando você escrever, é o Euskal Herria que, de dentro de ti, estará escrevendo. Nós sabemos que isto é uma responsabilidade enorme, talvez por ora grande demais para um homem ainda jovem e inexperiente como você. Mas é uma missão, acredite, bela, muito bela, e, neste momento da nossa história, digo isto sem medo de exagerar, sagrada. Você tem a minha bênção, Gorka. Se alguma necessidade te afligir, não importa de que tipo, não hesite em me procurar. Quando for preciso, daremos a você nossa ajuda para que possa se dedicar com intensidade ao nobre ofício de escrever.

Meia hora depois, Gorka saiu meio aturdido da sacristia. O padre tinha se despedido com um abraço. Aquele inesperado choque de peitos impressionou o garoto. Era uma proximidade física para a qual não estava preparado. Será que me considera um eleito? Andando pela rua, sentiu um vazio interno, uma espécie de melancolia existencial, fruto da estranheza. Que curioso: don Serapio não se referiu em momento algum a Joxe Mari. Que estranho: não lhe fez a recriminação que já esperava: te vejo pouco na missa. E se lembrou, como não lembrar, daquilo que Arantxa lhe havia dito recentemente pelo telefone. O padre tampouco tinha demonstrado interesse em conhecer o seu poema.

Quando entrou em casa, sua mãe perguntou:

— O que queria don Serapio?

— O que mais seria? Me dar parabéns.

— Era o que eu pensava.

Dias depois, quem vem falar com Gorka sobre o prêmio literário? Ninguém. Nem tampouco sua mãe, quando ele chega em casa, lhe enuncia a lista diária de parabenizadores. Portanto, tranquilidade. Finalmente. Pelo menos era o que ele pensava. Tudo bem, porque já estava farto de felicitações e piadas, de palmadas nas costas, algumas sinceras, de gozação a maioria. E ainda por cima, estava farto do próprio poema, que, relido na solidão do seu quarto, de repente lhe pareceu tão fraco que não podia olhar para ele sem sentir vergonha.

Em suma, ninguém o chateava mais quando entrou, sábado de tarde, na Arrano Taverna. Cada vez achava mais desagradável entrar lá, ver a foto do irmão, ouvir

perguntarem por ele. E a fumaça, e o barulho, e o cheiro, e os copos mal lavados, às vezes com marca de batom. Mas afinal os amigos te arrastam e você vai. Se não for, chama a atenção. E se chama a atenção, é ruim.

A certa altura foi até o balcão. A turma tinha pedido mais uma rodada de sangria. Dessa vez foi Gorka o encarregado de buscar os copos. Patxi, do outro lado do balcão, feições tensas, lhe cravou um olhar duro. Inclinou-se para ele:

— Você está agindo errado, e eu não gosto disso.

As sobrancelhas de Gorka se ergueram de repente. Durante dois ou três segundos, seu rosto ficou paralisado numa expressão de assombro. E teve medo de enfrentar os olhos sérios do taberneiro.

— O que foi?

— Que seja a última vez que você fala para um jornal fascista e aceita dinheiro de uma entidade bancária que explora os trabalhadores. O primeiro erro não tem mais solução. Espero que não se repita. Mas o segundo tem. Sabe o que é isto? — E plantou diante do seu rosto assustado, em cima do balcão úmido, o cofre dos presos. — Aqui cabem exatamente dez mil pesetas.

73
Se está, está

Após o dia de trabalho na sapataria, Arantxa saiu e se deparou na rua, sob as primeiras sombras do entardecer, com seu irmão Gorka esperando-a com cara de cão triste. O que houve? Precisava lhe pedir um favor. Se podia ficar na sua casa por uns dias. Por quê? A vida estava se tornando insuportável para ele na vila.

— E os *aitas,* o que dizem?

— Eu queria falar primeiro contigo.

— Nós só temos uma cama. A nossa — avisou Arantxa.

Não se importava de dormir em cima de um cobertor no chão e fazer um travesseiro de toalha. Arantxa, com um gesto extra feito com a mão, lhe pediu calma. Tinham um sofá, embora talvez fosse um pouco pequeno.

— É que você não para de crescer.

Perguntou se ele estava fugindo da polícia. Resposta: não. Tem certeza? Sim. Arantxa suspirou aliviada. Aquela turma, então?

— Aquela turma e mais alguém.

Os dois irmãos decidiram tomar o ônibus para Rentería onde Gorka iria contar, na presença de Guille, tudo o que estava acontecendo com ele na vila.

— Porque, se vai ficar uns dias conosco, Guille tem direito de saber o motivo, não acha?

— Claro.

Situação: Guillermo e Arantxa ali, no sofá, antes do jantar; Gorka em frente, sentado numa cadeira trazida da cozinha porque o jovem casal, apesar de trabalhar muito, ainda não tinha economizado o suficiente para terminar de mobiliar o apartamento. Gorka contou com mais detalhes o que já havia antecipado à irmã durante a viagem de ônibus. Na presença do cunhado, começou pela conclusão:

— Ou vou morar fora da vila ou sigo os passos de Joxe Mari. Não tenho mais alternativa. Eles me pressionam. Acham que sou frouxo. Falam que os livros estão fazendo mal à minha cabeça e riem de mim. Deram para me chamar de *Kartujo*. E o pior é que estão conseguindo me dominar e me obrigam a fazer coisas que não quero. Hoje em dia não tenho nenhum amigo com quem possa conversar como estou fazendo com vocês. Quase não falo nada, por medo de dizer o que não devo.

E ontem à noite foi a última gota. Estou cansadíssimo. Não dormi um segundo. Quase fui me esconder no monte, mas depois me lembrei de vocês.

— Conta para o Guille o que você me disse no ônibus. Ontem, num canto escuro da Arrano, Peio veio sussurrar com ele e outro amigo que tinha quatro coquetéis molotov guardados num esconderijo.

Guille: quem era Peio.

— Um cara da turma que está cada dia mais radical.

Arantxa deu mais detalhes:

— O pai dele era o maior bêbado da vila. Todo dia passava pela rua fazendo ziguezague. Já morreu.

Pelo visto, Patxi tinha deixado Peio levar para casa várias garrafas vazias. E o garoto, por conta própria, conseguiu a gasolina. Comprada? Que nada! Tinha usado uma mangueira para tirar do tanque de combustível de carros e caminhões. É muito fácil. Fez os coquetéis. Também misturava óleo de motor para que o fogo, como dizia, fosse mais pegajoso. Foi treinar sozinho na pedreira. Depois sobraram quatro.

— Ele é fascinado por armas e por luta, qualquer dia desses entra no ETA.

Peio propôs que fizessem uma *ekintza* depois de escurecer. Não sabia o objetivo. Se alguém tinha alguma ideia. Primeiro falaram na Casa do Povo. A porta ainda estava com as queimaduras da última vez.

— E o *batzoki?*

— Não fode, que meu *aita* deve estar lá jogando mus — disse Juancar.

Gorka ficava calado. Gorka bebia em silêncio sua sangria e olhava disfarçadamente o relógio, esperando um momento oportuno para se despedir. Aquilo estava ficando feio. Viu seus dois amigos mais que decididos, as pupilas brilhando pelo álcool ingerido. Pena, dizia Peio, que não houvesse alguma porrada com os *cipayos* esta tarde, para fritar uns dois ou três. Agora falavam em atear fogo no carro de um inimigo do Euskal Herria. E assim, de tanto falarem e gesticularem sem qualquer discrição, a Taverna inteira já sabia o que estavam tramando naquele canto. Então Patxi foi até lá para sugerir/mandar que fossem dar uma volta. Porque, claro, ali na Arrano não quer problemas. Para assuntos comprometedores, existe um aposento interno. E então insinuou, como quem não quer nada, dizendo sem dizer, que tem um cara por aí que é dono de caminhões.

— Eu, a princípio, não entendi, porque estava mais preocupado em dar o fora que qualquer outra coisa. Peio e Juancar perceberam de cara que Patxi estava falando do Txato.

Guille: quem era o Txato.

Arantxa então explicou:

— Já te falei dele uma vez. O homem da empresa de transportes. Aquele que não se assusta com as ameaças do ETA. Parece que não paga o imposto revolucionário, ou atrasa o pagamento, ou não paga o suficiente, sei lá. Correm tantos rumores! O caso é que fizeram uma campanha de assédio para intimidá-lo, e na vila todo mundo está contra ele. Um bom homem. Para o meu pai, um irmão, e para mim, quase um tio. Agora não falamos mais com ele nem com sua família, apesar de nunca nos terem feito nenhum mal. É um país de loucos.

E Gorka, encurralado entre a mesa e a parede pelos amigos, se defendia. Que não, sério, que ele não, que tinha que ir embora. Insistiram. Que levava no máximo uma hora. Nem isso. O plano era simples: jogar os quatro coquetéis e voltar para a vila, você para a porra dos seus livros. Do balcão, Patxi os viu, aprendizes de *gudari,* discutindo e gesticulando. Foi de novo para aquele canto, dessa vez com a desculpa de tirar os copos.

— Posso saber que merda está acontecendo?

— Aqui, o *Kartujo,* que diz que não vem.

— É um cagão.

— Parece mentira que seja irmão de Joxe Mari.

Gorka ficou em silêncio, e Patxi se virou, sério, sereno, em sua direção:

— Escuta aqui, garoto, num grupo, quando você conhece o plano de ação, fica até o final e não trai. Se não queria participar, devia ter ido embora antes. Ninguém te obrigou. Mas se está dentro, então está. E agora, fora daqui os três. Amanhã me pagam a conta. Ou então eu perdoo. Depende do que fizerem.

Gorka tinha sido relacionado ao verbo "trair". Daí a "delator" era um pulo. Aquilo desbaratou sua resistência. E de repente foi tomado por tanta vergonha que era como se estivesse andando nu pela rua, com seu corpo alto, ossudo, à vista de toda a população da vila. Quase se engasgou com um nó de enjoo na garganta. E era nojo de si mesmo. Sentia-se um covarde, uma marionete desprezível, um bicho estranho, um peixe fora d'água, um pássaro depenado, e sua maior preocupação era que os outros percebessem sua tristeza. Os outros, o que fazem? Repetem na rua, em tom de recriminação, o argumento de Patxi, até que Gorka diz: tudo bem, certo, vamos lá. E foram buscar, alegres, bêbados, *gora ETA, amnistia osoa* e essas coisas todas, as quatro garrafas incendiárias que Peio havia escondido.

Com as garrafas dentro de uma sacola, desceram em direção ao rio. A tarde, escura, mas ainda com uma faixa roxa de céu acima dos morros. Decidiram jogar um coquetel cada um, e Peio, que os tinha preparado, dois. Quando já estavam perto do objetivo, Juancar fez psiu pedindo silêncio. Viram que a grade da entrada estava fechada. Alta demais para pular. Além disso, terminava em pontas metálicas

aguçadas. Que azar: só havia dois caminhões. Um bem ao lado da entrada do galpão.

— Porra, está longe.

Impossível acertar uma garrafa arremessando de fora da esplanada. O outro caminhão estava estacionado com a cabine do motorista quase encostada no muro. Dificuldades? Pelo menos três. Primeiro, a tela de arame os obrigava a jogar as garrafas como um projétil de fogo de artifício. Assim não dava para apontar direito. A segunda dificuldade era a massa impenetrável de arbustos que havia na frente do muro, o que os impedia de chegar perto do alvo. E a terceira? Pois o caso é que, rodeados de árvores, estava escuro à beça e não se via nem por onde andavam.

Não havia luz na janela do escritório.

— Ótimo. Estamos sozinhos.

Peio, impaciente, lançou o primeiro coquetel. Jogou bem alto para não bater no arame. Sem pontaria. A garrafa estourou no asfalto. A única vantagem é que agora o resplendor do fogo permitia ver melhor o caminhão.

— Disseram que era a minha vez. Eu tinha certeza de que não acertaria no caminhão. Como podiam me criticar se Peio também tinha falhado? E, de repente, enquanto estávamos acendendo o pavio, ouvimos uma voz gritar: desgraçados, desgraçados. E não foi só isso. Pum, um tiro. Juro. E o Txato, correndo pela esplanada abaixo. Pum, outro tiro. Se disparava para acertar, não sei. Mas não havia dúvida de que estava com uma pistola na mão.

Porra, porra, este cara vai nos matar. Nós começamos a correr. Não estávamos de capuz nem com nada para cobrir o rosto. De qualquer maneira, acho que não podia nos reconhecer por causa da escuridão. Em vez de nos seguir, Txato ficou apagando o fogo. Para mim, se ele quisesse teria liquidado os três. Eu não dormi a noite inteira, e hoje estou há horas andando de um lado para o outro. Ficaria muito agradecido se vocês me deixassem passar uns dias aqui. Depois vejo como sair da vila. Se continuar lá, vou acabar igual a Joxe Mari.

Arantxa se levantou do sofá.

— Tudo bem. Vou preparar o jantar. E enquanto isso, você liga para casa e explica aos *aitas* qual é a situação.

— O que aconteceu ontem não posso contar.

— Inventa alguma coisa.

— O quê?

— Guille, o que você diria no lugar dele?

— Eu? Sei lá. Que querem me dar porrada ou algo assim.

74
Movimento de Libertação Pessoal

Durante um tempo, Gorka encontrou refúgio na solidão. Aos poucos foi se afastando dos amigos. E nem pisava na Arrano Taverna. Estudava, lia, escrevia versos e contos. Depois os rasgava, convencido de que não valiam nada. Não desanimava. Estou aprendendo. Enquanto isso, alimentava uma vaga esperança de um dia trabalhar, mas onde? Na fundição, como seu pai sugeriu várias vezes? Joxian se ofereceu para falar com o pessoal do administrativo. Nem sonhando. Vinte e um anos e ainda morava com os pais. Seu pai ficava triste e o achava esquisito; sua mãe reclamava o tempo todo. É para abrir os olhos dele, dizia, certa de que tinha um filho inútil.

De vez em quando Gorka ia a lançamentos de livros, conferências e mesas-redondas em San Sebastián, onde havia outros escritores, e conheceu alguns. Parou de pegar livros emprestados na biblioteca da vila. Acima de tudo, para não encontrar conhecidos pela rua ou na sala de leitura. Em compensação, tornou-se frequentador assíduo da Biblioteca Municipal, na Parte Velha de San Sebastián, onde passava tardes inteiras debruçado sobre livros, enciclopédias, jornais.

No entanto, ele sabia que, enquanto morasse com os pais, não conseguiria se livrar da vila. As festas, os eventos políticos, os telefonemas dos amigos tinham um efeito de atração do qual não conseguia escapar por completo. Lançou mão da arte da evasiva, tornou-se um mestre em fingimento. Nas manifestações de presença obrigatória, dava um jeito de ficar em lugares estratégicos. Primeiro ao lado dos amigos, depois a alguns passos deles e, quando já tinha certeza de que sua presença fora notada, parava para falar com alguém, de preferência uma pessoa mais velha; depois ficava para trás como quem não quer nada e, no momento oportuno, dava no pé.

Sumia com frequência da vila durante vários dias. Tinha combinado isso com Arantxa. Que podia ficar no apartamento dela, e assim ia se afastando da turma. Mas de parasita não tinha nada. Ajudava a irmã e o cunhado em tudo o que podia. Enquanto eles estavam trabalhando, deixava a casa um brinco. Ajudou a colocar o papel de parede da sala. Pintou o teto da cozinha sozinho. E, querendo lavar uma mão com a outra, tentou ensinar uns rudimentos de *euskera* ao cunhado. Tiveram

que desistir porque era completamente impossível. Guille era uma negação para idiomas.

Certo dia a sorte topou com Gorka e o favoreceu. Como? O rapaz encontrou trabalho, ou um trabalho o encontrou, e ainda por cima fora da vila; não pagava bem, isso não, mas era do seu gosto: vendedor em uma livraria em San Sebastián. Os donos já o conheciam, ele foi ao lançamento de um livro e lhe perguntaram olha, você não gostaria e tal? Não titubeou. Foi a primeira vitória do que ele chamava de Movimento de Libertação Pessoal, cujo objetivo se limitava a um único ponto: conseguir minha independência. Não se tratava só de ganhar uns trocados; é que agora sua atividade profissional lhe permitia sair da vila diariamente sem ter que dar explicações a ninguém, porque todo mundo sabia para onde ia de manhã ao subir no ônibus.

Durante o tempo em que foi livreiro, publicou resenhas de livros em *euskera*, uma ou outra peça literária curta em revistas, de vez em quando artigos de temática cultural no jornal *Egin*. Publicar no *Egin* lhe servia de salvo-conduto na vila. Ninguém o censurava, ninguém desconfiava dele. Ele quase não aparecia? É, mas era publicado no *Egin*.

Certa tarde viu Patxi na rua. De uma calçada para a outra:

— Muito bom o seu artigo de ontem. Não entendi nada, mas gostei. Continue assim.

O idioma basco se transformou na sua principal fonte de renda. Lucrativa? Por enquanto dava para ir levando. Fazia de tudo. Recebia encomendas de textos de quarta-capa, redação de folhetos, pequenas traduções. Uma editora aceitou publicar um livrinho infantil dele. Na última hora, o editor, sem consultá-lo, mudou o título. Virou *Piraten itsasontzi urdina*. Gorka não achou ruim, mas preferia o dele. Ficou com um gosto amargo na boca por causa dessa ingerência em sua obra.

Arantxa lhe disse que não criasse caso e o aconselhou a dedicar, no futuro, seus maiores esforços criativos à literatura infantil.

— Enquanto escrever para crianças, não vai ter problema. Mas ai de você, rapaz, se quiser se meter nas confusões aqui da terra. Em todo caso, se decidir escrever para adultos, ambiente as histórias bem longe de Euskadi. Na África ou na América, como tanta gente faz.

A sorte lhe sorriu e ele realizou, em condições mais do que favoráveis, seu sonho de deixar para sempre a vila natal. O que aconteceu? Foi que certa tarde conheceu Ramuntxo. E o caso é que Gorka não pretendia ir à *vernissage* daquela exposição de pintura basca na galeria Altxerri; mas perdeu o ônibus, estava chovendo, o lugar era perto. Enfim, entrou na exposição para matar o tempo, como que puxado por uma

corda invisível. E lá estava Ramuntxo, com um canapé de camarão, ovo cozido e maionese na mão. Conversaram. O bom *euskera* que Gorka fala deixou Ramuntxo, onze anos mais velho do que ele, atônito. Os dois se deram bem. E saindo da galeria, para conversar com mais tranquilidade, foram para o bar embaixo. Continuaram se entendendo bem, e afinal, por volta das dez da noite, Ramuntxo se ofereceu para levar Gorka de carro à sua vila. Gorka ficou encantado não só pelo favor da carona, mas também porque, pela primeira vez em muito tempo, constatou que havia uma pessoa no mundo, além da sua irmã, com quem podia conversar com toda franqueza.

Dois meses depois, foi se instalar em Bilbao com Ramuntxo. A ideia inicial era que trabalhasse para ele como secretário e também como redator de textos radiofônicos. Ramuntxo, divorciado, pai de uma menina, Amaia, a quem amava loucamente, levou Gorka para morar com ele em seu apartamento na rua Licenciado Poza. Deu-lhe um quarto e uma mesa, e pagava bem mais do que os donos da livraria de San Sebastián.

Mas lhe pediu/proibiu que escrevesse uma única linha sequer para o *Egin*.

— Não se queime. Escute o que estou dizendo.

Gorka produzia uns textos tão lindos, tão profundos e bem escritos que um tempo depois Ramuntxo decidiu incorporá-lo à rádio. Não teve problemas para que empregassem o seu jovem amigo. E para Gorka aquilo foi como subir aos céus.

Não era uma estação de grande alcance. Cerca de oitenta por certo da programação era em *euskera*. E havia locutores que maltratavam a gramática. Melhor para Gorka, que, como lia muito bem, se expressava com fluidez, tinha um domínio enorme do idioma e, ainda por cima, boa voz, passou em pouco tempo de redator, assistente, encarregado da discotecagem, responsável pela cafeteira e garoto de recados a falar ao microfone, no início em companhia de Ramuntxo, depois sozinho.

Ele gostava demais do trabalho, tanto que permanecia na emissora além do horário normal. Sentava-se ao lado do técnico de som para que lhe ensinasse a usar o console de controle. E estava sempre atento também à eventual chegada à cidade de algum escritor, artista, cantor. Então corria atrás com um gravador e o entrevistava. Mais tarde passou a fazer o mesmo com atletas ou qualquer um que tivesse um nome e se dispusesse a responder às suas perguntas.

Vendo-o tão entusiasmado, Ramuntxo lhe deu um programa de meia hora só para ele, sobre literatura basca, todo dia às dez da noite, menos sábado e domingo. Gorka ficou feliz.

75
Vaso de porcelana

Aránzazu, de óculos escuros, se acomodou no assento de proa enquanto Xabier remava. Na popa, lia-se o nome do barco: Lorea Bi. É que antes tinha havido um Lorea Bat. Pertencia ao irmão de Aránzazu, que deixara a chave com eles. Desde novinha, ela gostava de dar umas voltas na baía com o Lorea Bat, que era mais pesado e difícil de manobrar que este de agora. A bordo, amigas do colégio, algum namorado ocasional, raramente ela sozinha. O Lorea Bi tem motor de popa, mas Xabier preferiu usar os remos. Afinal, para passar a tarde não era preciso esvaziar o tanque de combustível do irmão de Aránzazu.

— Mas, garoto, é só um bocadinho!

— Um pouco de exercício vai me fazer bem. Recomendo tanto aos meus pacientes, e acaba que sou eu que levo a vida sedentária que critico.

Soltaram as amarras. Avançaram devagar por entre as filas de embarcações atracadas, com cuidado para não tocar em nenhuma. Aránzazu orientava: cuidado com, puxa um pouco para, não vai tão. E, quando chegaram com o barco a uma área aberta, ela acendeu um cigarro e se deixou levar.

Dia perfeito. Tarde azul do final de primavera. As águas do porto imóveis, com peixes que subitamente, ao se virarem de repente, acendem um brilho de prata no fundo escuro. Sentados lá em cima, na beira de um braço estreito de mar, seis ou sete pescadores de caniço, a maioria rapazes, enfileirados. Com a maré baixa se via uma faixa larga do muro coberta de algas. Caranguejos nas gretas. E Xabier agourento, desconfiado:

— Só falta algum desmiolado destes nos espetar com o anzol.

Foram para a baía. No espaço aberto, o Lorea Bi começa a balançar. Já dá para sentir o formidável volume da água, o poder das ondas que são como avisos. O que dizem? O mesmo de sempre: que a água é viva e vocês são uns bichinhos em cima de uma casca flutuante. Mar agitado? Que nada, mas se você não pega o jeito das ondas, o balanço constante intimida e a brisa vai se encorpando. Envolve agressiva a embarcação, chicoteia, porque sabe que você está sem defesa. E Aránzazu, com o cabelo desgrenhado, mas como ela é bonita, teve que prendê-lo em um coque.

O que ela temia era outra coisa.

— Queria poder fazer um buraco na sua cabeça e de vez em quando olhar lá dentro e ver o que você pensa, o que sente. Quando eu era criança, fazia "relicários" com minhas amigas do bairro. Cada uma de nós cavava um buraquinho na terra; colocávamos lá dentro margaridas, folhas de trevo, alguma bobagem, um cacho de cabelo; cobríamos com um pedaço de vidro e no dia seguinte voltávamos para olhar. Eu agora faria a mesma coisa na sua testa para ver o que tem aí dentro.

— Pois não se acanhe. Quando eu estiver dormindo, pode me fazer uma trepanação que eu nem vou perceber. Você sabe que meu sono é pesado.

Xabier dá um ritmo pausado às remadas. É que não quero ficar com as mãos cheias de bolhas. Um impulso leve, mas contínuo, é suficiente para que o Lorea Bi, que é rápido (casco de plástico reforçado com fibra de vidro), deslize na superfície da água. Para onde vão? Para lugar nenhum. Vão ficar sozinhos diante da cidade de onde, à medida que entram na baía, chega cada vez menos sons, e mesmo estes, abafados.

Aránzazu, cambaleando, já sem os óculos escuros, passou para o assento da popa a fim de ver o rosto de Xabier enquanto ele fala. E, para manter o equilíbrio, apoiou-se por um instante em seus ombros quando foi de um extremo ao outro do barco. Essas mãos estão mornas, são suaves, há veludo apaixonado nelas. E depois Aránzazu se livrou da sandália tipo chinelo, da blusa azul, da calça jeans e, desejosa de sol, ficou de biquíni. Os pés, com unhas pintadas de vermelho-escuro, são miúdos e ainda juvenis.

— Não sei o que fazer, *maitia*, para a sua mãe gostar de mim. Não é por falta de esforço. Mas, juro, meus recursos estão acabando. O que você me aconselha?

— Minha mãe é uma pessoa que tem um mundo mental meio limitado. Não se preocupe. Qualquer dia desses, ela descobrirá como você é maravilhosa, e as duas vão acabar ficando amigas.

— Duvido. Ela não aceita que eu, uma simples auxiliar de enfermagem, tenha lhe roubado o filho.

— Ela te disse isso?

— Eu vejo, Xabier. Tenho olhos.

— Os olhos mais bonitos que já vi na vida.

Outra declaração? Sem dúvida merecida. Era bonita, com um toque de maturidade: o meu tipo. Nem velha nem criança. Mulher em seu auge, com as primeiras rugas no canto das pálpebras que a deixavam ainda mais atraente e o bônus da experiência em assuntos mundanos, quando ainda não há derrotismo/resignação, e, sim, saúde, sortimento de esperanças, alegria apesar do divórcio que a deixara desnorteada, com dolorosas marcas psicológicas, até Xabier

aparecer.

Os lábios, plenos, talvez o melhor daquele rosto agraciado. E, quando os abria, exibia uma dentição fresca, branca, maravilhosa. Como eu me lembro! Da humana/linda, da bela/terna.

Aránzazu lhe pediu, entre a ilha e o monte Urgull, sem barcos nem canoas por perto, balançando suavemente com as ondas, que passasse bronzeador nas suas costas. Eu vejo corpos todo dia, mas este é o corpo que amo. Xabier a amava. E amava muito. E ela:

— Ultimamente ando tendo um sonho recorrente. Quer ouvir?

— Quero.

— Estou andando por um bosque ou uma montanha com uns precipícios horríveis. Tenho um vaso de porcelana nas mãos. Não sei descrevê-lo. Alguém me sussurra no ouvido que é uma peça valiosa. Seria uma catástrofe se ela quebrasse.

— Imagino o final. O vaso cai no chão e quebra, fazendo um baita barulho.

— Devo ter sonhado com essa cena mais de cinco vezes nas últimas semanas. Acho que estou ficando obcecada. O vaso, outras vezes era uma garrafa, sempre se quebra. No sonho tenho vontade de chorar, mas fico com vergonha. As pessoas apontam para mim e, em vez de me ajudarem, criticam. Não sei onde me esconder. Então começo a correr feito uma louca e de repente me dou conta de que estou novamente com um vaso, uma garrafa ou um objeto frágil nas mãos que vai se quebrar e que de fato se quebra.

— Você devia escrever, tem boas ideias.

Depois de passar o creme nas costas dela, Xabier levantou a parte de cima do biquíni, sobretudo para tocar em seus peitos, para acariciá-los com a desculpa de aplicar o bronzeador. Ela pediu? Não, mas Aránzazu não lhe nega nada que tenha a ver com seu corpo. Se ele toca, que toque. Se chupa, que chupe. Se entra, que entre. Já tinha dito a ele antes daqueles dias felizes que passaram em Roma. Que não lhe oculte os seus desejos, que a use para o seu prazer quando e como quiser, em troca de afeto sincero. Que se conforma com isso. Se é que você me entende. Claro.

Seus peitos são mais para pequenos, um pouco caídos, mas extremamente sensíveis. De maneira que, quando Xabier os massageia/aperta/beija com delicadeza, com carinho minucioso, não é raro ela ter um calafrio de prazer e querer mais.

Pergunta, de olhos fechados, concentrada nas sensações agradáveis, se no hospital ele às vezes sente alguma pulsão erótica quando trata mulheres bonitas.

— Na sala de cirurgia, jamais. Durante as consultas, não vou dizer que não. Pode ser que uma lufada de perfume me faça esquecer por um instante que sou um

mecânico de corpos. Acho que acontece com todo mundo. Contigo não?

— Não muito.

— Já tratei verdadeiras beldades, mas como ficar fascinado sabendo que dentro desses corpos está crescendo um tumor ou que os rins pararam de funcionar?

Decidem sair da baía. Para onde? Para lá, atrás da ilha, onde estarão completamente sozinhos. Xabier volta a remar.

— Não me lembro de ter tido uma ereção durante o trabalho.

Evoca, enquanto rema, caras de dor, feridas sangrentas, doenças. Evoca corpos nus, sim, incluindo jovens e bem formados, mas cheios de sofrimento e de angústia, entubados, inconscientes, condenados a uma morte certa hoje, amanhã, dentro de três semanas, e ele não está lá para experimentar pulsões. Ora, essa. E nem também para se deixar levar pela compaixão.

O Lorea Bi avança com rapidez. À sua volta o mar espuma. As pás dos remos penetram com delicadeza a água cada vez mais escura. Escura porque mais profunda. E também um pouco mais agitada. Ninguém. Nem uma vela, nem um perfil de casco de navio daqui até o horizonte remoto. E Aránzazu acendeu um cigarro e ficou tomando sol em uma toalha que estendeu na plataforma da popa, com os pés em cima da tábua do assento. Xabier contemplava seu corpo em escorço. Como pode ser tão bonita? As pernas esbeltas, lisas, bem torneadas, que andaram pela vida até chegar a mim. Os joelhos, as coxas com uns vestígios de celulite que deixam Aránzazu angustiada. É que ela é vaidosa. Dizia que não, que era uma questão de amor próprio. E ele pousou os olhos na calcinha vermelha do biquíni, no tecido debaixo do qual se insinuava outras vezes o sexo em suave relevo, mas não naquela tarde.

— Quem foi o primeiro?

— Um amigo do meu irmão, na casa dos meus pais. Eu tinha quinze anos.

— Garota precoce.

— Por um lado, morria de curiosidade. Por outro, vi claramente que, se eu não deixasse, o cara ia me estuprar. Não tenho a menor dúvida disso. Não havia mais ninguém em casa. Meu irmão ainda não tinha chegado. Então fingi que queria, e com esse truque da docilidade a coisa só durou alguns minutos.

— Não vai me dizer que não ficou com um trauma pelo resto da vida.

— Não fiquei. Também não me doeu especialmente.

Uma hora e meia depois, decidiram voltar. A maré-cheia tinha começado. Com o mesmo esforço de antes, avançavam o dobro de distância. Às vezes Xabier conseguia fazer as remadas coincidirem com o impulso das ondas. O Lorea Bi era catapultado para a frente. Entrou na baía em um piscar de olhos.

O sol caía. O horizonte marinho, lá nas lonjuras do poente, copiava o amarelo intenso do céu. O ar esfriou, e Aránzazu já estava se vestindo. Fizeram planos: iam jantar uns espetinhos na Parte Velha e depois direto para casa, porque no dia seguinte ambos tinham que trabalhar de manhã.

Na altura do Aquário ouviram o primeiro estrondo. Logo em seguida, o segundo. Parecem fogos de dia de festa, mas os moradores sabem: é a polícia disparando balas de borracha contra os manifestantes.

— Tem confusão no Bulevar.

— Os futuros terroristas estão treinando. Na hora do enfrentamento, botam fogo em alguma coisa e depois vão encher a cara nos bares da Parte Velha.

Xabier esbravejava, remando, e Aránzazu se surpreendeu com o tom veemente das suas palavras. O motivo? É que:

— Nunca te ouvi falar assim. Parece até outra pessoa.

— Penso no meu pai e não consigo me conter.

— Ainda estão perseguindo o seu pai?

— Não param. Outro dia uns garotos tentaram botar fogo num caminhão. O velho estava atento. Não conseguiram. Senti um frio na espinha quando me confessou que por um triz não cometeu um erro, segundo ele o pior erro que um homem pode cometer.

— Assim você me assusta. De que erro ele estava falando?

— Não perguntei. Vi pela cara dele que não queria se aprofundar no assunto. Mas tenho um palpite. Bem, quase uma certeza.

— Será que não está pensando em usar a violência?

— Acho que tem uma arma no escritório e sentiu uma forte tentação de usá-la para se defender.

Estavam chegando ao porto. No fundo, por cima das casas, se erguia uma coluna de fumaça preta.

— Um erro assim provocaria represálias. Os bárbaros adorariam que todos nós entrássemos no jogo deles. Desse modo teriam provas da existência dessa guerra que só existe na cabeça deles. Não quero te magoar, *maitia*, mas é o que eu acho.

— Não magoa. É isso o que o meu pai acha também. Qualquer dia destes vão me matar, ele diz com toda a frieza. Eu insisto que vá morar no apartamento que nós o ajudamos a comprar em San Sebastián. Ele promete que em breve vai tomar a decisão. Faz pose de forte, mas minha mãe conta que ele chora na cama certas noites.

— Como podem fazer mal ao teu pai, um basco bom e *euskaldun*?

— Sim, e proprietário de uma empresa. Todo esse delírio da luta armada tem

que ser financiado, não se esqueça. Ainda há pichações contra ele nas ruas da vila. Você acha que os vizinhos cogitam em apagar? Quanto mais penso nisso, mais raiva me dá.

— Ver você sofrendo, *maitia*, me parte o coração. Vamos deixar os espetinhos para outro dia?

— É melhor. Até perdi o apetite.

76
Chora tranquilo

Não lhe disseram nada. Não sabia. Sou o filho. Não detalhou de quem. Nem precisava. Devem ter notado pela cara. Além do mais, um jaleco branco, queira ou não, provoca um respeito instintivo. Deixaram-no passar. A tarde cinza, o coração acelerado, só reparou na mancha de sangue no último instante. É que não dava para ver bem no chão molhado. Quase pisou nele. Então foi aqui. Não sabia. Não lhe disseram nada. No seu pensamento se desenharam rastros vermelhos em forma de sola de sapato no curto trajeto até a casa dos seus pais. Ou agora só da mãe?

Se Txato tivesse morrido, não estaria ali estendido no chão, coberto com um lençol, esperando que o juiz autorizasse a remoção do cadáver? E não se viam ambulâncias junto com as viaturas da *Ertzaintza*. Portanto, foi levado daqui. Portanto, enquanto existe espaço para a intervenção médica, há um fio de esperança.

Dois *ertzainas* saíram da casa conversando informalmente. Da boca de um deles brotou um farfalhar de riso. Ao cruzarem com o jaleco branco na escada, os dois se calaram. Uma breve saudação. Xabier imaginou que lhe dariam pêsames em caso de. Você é parente do falecido, vitimado, assassinado, executado; enfim, do defunto? Sentiam muito, nossas condolências. Mas, em vez de se condoerem, os dois continuaram descendo a escada. Pouco depois, quando Xabier já estava empurrando a porta que os *ertzainas* tinham deixado entreaberta, ouviu-os voltarem à maré de trivialidades.

Entrou. Entrou com passos cautelosos, como quem não quer perturbar o descanso de alguém que está dormindo. O cheiro familiar, o hall na penumbra. Fazia meses que não visitava a casa. O motivo? Porque evitava ir à vila. Simples assim. Sentia-se observado, olhado de viés, e já acontecera duas vezes que, andando pela rua, gente que conhecia desde que nasceu lhe virava a cara. Por isso, para ver os pais preferia, nos últimos tempos, que eles fossem a San Sebastián.

No cabideiro de parede viu pendurado o velho casaco de Txato, o casaco que usara por tantos anos. E Xabier teve que estender a mão e tocar nele. Não sei por que fiz isso. Foram só alguns segundos, talvez para verificar se no objeto havia algum vestígio da vida de seu dono.

Dirigiu-se para o único lugar iluminado da casa e, de fato, ali, na sala, encontrou a mãe. Desolada, lacrimosa, soluçante? Naquele momento, Bittori estava observando a rua pelas frestas da persiana. E, ao ouvir a chegada do filho, se virou de repente, e em seu rosto havia uma serenidade irada, uma integridade altiva, uma espécie de digna tensão que apagava de suas feições qualquer traço de angústia.

— Não quero que me dê nenhuma injeção.

Que para se acalmar ela se virava sozinha. Não era como ele, que se jogou emocionado nos braços da mãe.

— Pode chorar à vontade se isso te ajuda. Mas nos meus olhos ninguém vai ver uma lágrima. Não darei esse gostinho a eles.

Mas Xabier não se continha, inclinado sobre a mãe, apertando-a num abraço comovido. Atormentado de dor: sua mãe com uns chinelos velhos, a felpa de um deles salpicada de sangue; sua mãe aparentando força; sua mãe grisalha; sua desventurada mãe; ali perto dos dois, na mesa, os óculos de leitura que Txato usava em casa, a caneta dele, o jornal aberto na página das palavras cruzadas. E escuto, no meio de uma crise de choro, ela me perguntar se quero que prepare alguma coisa para eu comer. Será que ficou tão abalada que perdeu a noção da realidade? Estava em negação?

Muito pelo contrário. Bittori não tinha a menor dúvida de que:

— Está morto. Vai se acostumando com a ideia.

— Quem te disse?

— Eu sei. Quando o vi, ainda estava respirando; mas já nas últimas. Não vai sair dessa. Acho que arrebentaram a cabeça dele. Txato se foi, você vai ver.

— Foi levado para o hospital, imagino.

— Sim, mas não adianta, você vai ver.

Coitada da Nerea quando souber. Tinha que avisá-la sem falta. Xabier, já mais calmo, procurou na gaveta indicada por sua mãe um pedaço de papel com o número do telefone. Atenderam na mesma hora. Não tocou nem duas vezes. Dava para ouvir as vozes e sons típicos de um bar. Deixou o recado sem entrar em detalhes. Só explicou quem era e pediu o favor. Qual? Que dissessem à sua irmã que entrasse em contato urgentemente com a família. Frisou que era urgente. Para maior segurança, repetiu o endereço de Nerea. O homem do bar lhe respondeu que não precisava, que se lembrava da garota.

— Tem certeza de que o *aita* estava vivo quando o colocaram na ambulância?

— Não saí de perto dele nem um instante. Ele mexia as pálpebras, e eu não parava de falar porque pensei: se parar, esse aqui vai embora. Mas ele não conseguia me responder. Estava se esvaindo em sangue. Era tanto sangue que tive que trocar

de roupa quando voltei para casa.

— Queria saber se ele estava consciente.

— Olha, você está me deixando tonta. As pálpebras ele mexia, sim. Um pouco.

— Foi você quem chamou a polícia e a ambulância?

— Eu não chamei ninguém. Eles chegaram de repente, com as sirenes no volume máximo. Algum vizinho deve ter ligado. É que dei uns gritos. Devem ter ouvido até na vila vizinha.

Depois da sesta, Txato tomou um café; na verdade, um resto frio que encontrou na cafeteira. Bittori, que o ouviu rosnar, se ofereceu para fazer um fresco; mas Txato, ou porque a viu sonolenta no sofá, de braços cruzados em atitude de tirar um cochilo, ou porque estava cheio de pressa como sempre, recusou o oferecimento.

— Para mim está bom assim.

Saiu. A que horas? Faltava pouco para as quatro. E agora ela se arrependia de não ter ido até o hall dar em Txato o beijo que poderia ter sido o último de sua vida, Deus queira que não. Teria sido melhor ter empregado sua energia em uma despedida mais íntima, depois de tantos anos de casamento e dois filhos, que desperdiçá-la com uma conversa estúpida sobre café quente ou frio.

— Se você quer saber, só me lembro dos sons. Primeiro o barulho da porta quando ele saiu para o trabalho, depois seus passos na escada, e então nada, eu no sofá de olhos fechados, pensando: vou dormir um pouquinho. E, de repente, os tiros. Não me pergunte quantos. Mas que eram tiros, olha, disso não tive a menor dúvida. Então corri para a varanda. Vi Txato caído na calçada e mais ninguém por ali. Não vi quem atirou, se é que foi um só. Bem, também não fiquei olhando, desci correndo para a rua e, quando vi o sangue, já comecei a gritar feito louca. Pensa que alguém veio me ajudar? Porque eu queria levantar teu pai. Pensei: tenho que colocar este homem de pé. Pesa muito. Dois ou três conseguem, mas não apareceu ninguém. Então comecei a falar com ele. Estava tão abalada que soltei: eu te amo. Nós nunca tínhamos falado essas coisas um para o outro. Nem quando éramos namorados. É que não saía. Nós o demonstrávamos e pronto. Mas é que na hora eu tinha que falar sem parar, senão ele ia embora. E, olha, se for mesmo para o caixão, que pelo menos saiba que eu o amava. Ninguém me ajudou. A rua, deserta. As janelas, fechadas. É como estou dizendo, ninguém. E como chovia. Alguém deve ter visto tudo atrás de uma cortina e chamou a polícia e a ambulância. Senão não teria como chegarem tão rápido. Em dez minutos a *Ertzaintza* já estava aqui. E, pouco depois, a ambulância.

O telefone tocou. Nerea? Bittori gesticulou para o filho, vai, vai, atende logo.

Xabier, de pé junto ao aparelho, só teve que se virar e esticar o braço.

— Alô.

— *Gora ETA!*

Desligou.

— Já vi que não era a tua irmã.

— Tem gente querendo nos fazer mal. É melhor não atender o telefone.

— E se Nerea ligar?

E Bittori também estava esperando o telefonema do hospital.

— Não se preocupe. Eu resolvo isso — disse Xabier.

Discou um número. Cumprimentou, falou, perguntou. E quem estava do outro lado da linha lhe deu outro número, que ele foi anotando num bloco de notas. Depois ligou para esse número. A mãe atrás dele, no sofá. E Xabier lhe dando as costas, como se fossem uma espécie de parede.

— Sinto muito, Xabier. Não deu para fazer nada.

Agradeceu em tom neutro. Obrigado por quê? Por nada. Era uma forma de fingir valentia. E desligou. Minhas costas, e atrás minha mãe, e o momento difícil de me virar. Evitou encará-la para que não pudesse ler em seus olhos. Procurou as palavras: acabaram de me comunicar que, você precisa saber que. Mas, em vez disso, disse que ia ao hospital para se informar e ligaria de lá dando notícias. Pediu a ela que:

— Se ouvir xingamentos, desligue rapidamente o telefone. Promete?

77
Intenções sombrias

Dois dias depois da missa de corpo presente, Txato foi sepultado no cemitério de Polloe. Pouca gente foi ao enterro. Nenhuma ausência pesou tanto para Bittori como a de Nerea. Que ela estava agravando o seu luto, que nunca iria perdoá-la. Xabier mediava, compreensivo, razoável, conciliador, entre a mãe e a filha. Em vão. Nem consolava aqui, nem persuadia lá. Tinha a impressão de que os sulcos de irritação na testa da mãe estavam cada vez mais fundos. Ligando várias vezes para o bar de Zaragoza, tentou entrar em contato com a irmã e convencê-la a voltar para casa o quanto antes. O primeiro objetivo se revelou difícil, além de cada vez mais desagradável, pois ele percebeu que estava se tornando um estorvo para o dono do bar. O segundo simplesmente não deu certo, decidida como estava Nerea a não aceitar o fato físico da morte do pai. Ah, então é assim? Em uma descarga final de ressentimento, Bittori disse ao filho que não se importava, que Nerea cuidasse da própria vida assim como ela cuidaria da sua, e que:

— Sabe de uma coisa? Não acredito mais em Deus.

Manhã cinzenta a do enterro. Ainda bem que não estava chovendo nem ventando. Senão, lá em cima, onde poderia se proteger? Cruzes, lápides, caminhos. Mais abaixo, os telhados da cidade envoltos em neblina de outono. Dizem que é um cemitério bonito. Que consolo! Os poucos que compareceram se reuniram diante do panteão e, quando foi puxada a laje, apareceu o caixão do vovô Martín. Vieram os parentes de Azpeitia, que só vemos em casamentos e enterros. Veio a irmã de Bittori, que de qualquer maneira não entendia nada porque a coitada estava mais para lá do que para cá da cabeça. Veio meia dúzia de vizinhos que deram pêsames abafando a voz. Junto com eles, dois funcionários da empresa de Txato. Entende-se. Longe da vila, ninguém está vendo, ninguém vai criticar. Bittori, com olheiras, calma, agradeceu a todos, um por um, pela presença.

Tal como na tarde da missa, os parentes de Azpeitia perguntaram por Nerea.

— Não, é que ela não pôde vir. Vocês sabem, estuda em Zaragoza.

Xabier, filho guarda-costas, não saía de perto de Bittori. E estava ao seu lado, na hora das primeiras despedidas, quando reparou na mulher de óculos escuros, afastada dos outros uns vinte passos, como se estivesse visitando outro túmulo. É

ela. Quem? Quem poderia ser: Aránzazu. Depois do que aconteceu entre eles, Xabier não esperava vê-la de novo. Talvez um dia, de passagem, oi, oi, no estacionamento ou no café do hospital.

— Eu te espero na saída — disse para a mãe.

— Aonde você vai?

Não respondeu. Não precisava. Bittori tinha acabado de reconhecer a enfermeira. Mas ele não dizia que tinham terminado?

Enquanto se aproximava de Aránzazu, mais bonita do que nunca, Xabier notou o silêncio que surgiu em volta. Sério, profissional, apertou sua mão. Não ia beijá-la com toda aquela gente ali, certo?

Começaram a andar, a meio metro um do outro, em direção à saída do cemitério, fazendo um pequeno desvio para se distanciar dos outros.

— Fiquei um pouco afastada para não incomodar.

— Você sabe que não incomoda.

— O teu pai me tratava bem. Desde o primeiro dia foi simpático comigo. Já não posso dizer o mesmo da tua mãe.

— Para com isso, por favor.

— Vim me despedir do teu pai e também protestar contra o terrorismo. Se este país fosse mais decente, o enterro teria lotado o cemitério.

— O que se pode fazer.

— Aliás, aproveito para me despedir de você, também para sempre.

— Você vai embora?

Escuta aqui, Xabier, o que você tem com isso? De fato, não sei por que perguntei. Na verdade, tudo tinha sido falado/terminado entre os dois, falado por ambos, terminado por ele, em um canto do café do hotel Londres. E ela, que era uma pessoa de bom coração, não se pode negar, teve o nobre gesto de ir ao enterro de Txato; que era, ao mesmo tempo, o enterro de um amor no qual tinha depositado muitas esperanças, muita entrega e toda a sua energia. Isso é metafórico. Pois que seja. Aquele amor tão frágil, tão de vidro e porcelana, que você partiu em pedacinhos, sim, você, está ali morto, no mesmo túmulo que o teu pai. Na antevéspera, quando as já vertidas lágrimas inevitáveis começaram a dar lugar à resignação, Aránzazu disse:

— Quem matou seu pai quebrou o que nos unia.

Não parecia magoada. Motivos não lhe faltavam para isso. Xabier, seu sem-vergonha, como você pôde tratá-la desse jeito? Como? Não se faça de bobo. Ela, a princípio, não entendia. Logo depois da morte de Txato, pensou que Xabier estava cego pela raiva e pela aflição. E se dispôs, ingênua e generosa, a lhe dar carinho,

aliviá-lo de uma parte dos sofrimentos; por ela, jogaria toda a dor nas próprias costas. E lhe prometeu amor, companhia fiel, na hora mais trágica de todas, dizendo com os olhos marejados que:

— Vou te fazer feliz, *maitia*, juro.

— Mas é que eu não posso ser feliz.

— Quem é que te proíbe?

— Eu me proíbo. Neste momento não me ocorre um crime mais monstruoso do que a pretensão de ser feliz.

— Eu fico vazia.

Admitiu, como que falando sozinha, seu azar com os homens; disse adeus, foi embora e agora estava ali no cemitério, de óculos escuros em um dia cinzento.

— Se você não se incomoda, uma amiga minha vai passar no seu apartamento para pegar as minhas coisas. E levar as suas que ficaram lá em casa.

— Como você quiser. Tenha certeza de que...

Ela o interrompeu.

— Minhas certezas não são da sua conta. Encontrei uma luz quando menos esperava. Por recomendação de um conhecido, eu me inscrevi no Médicos Sem Fronteiras. Ainda é cedo para ter uma resposta, mas pelo telefone me disseram que estão precisando urgentemente de enfermeiros e que, com meu currículo, vão me aceitar sem problemas. Então vou deixar o hospital, deixar esta cidade e em breve fazer um curso de preparação. O caso é que na outra noite, depois que nos despedimos, fiquei andando pelo Paseo Nuevo com as intenções mais sombrias.

— Não brinca com isso.

— Não havia ninguém por perto. Estava escuro. Seria bem fácil. Um belo cenário para um suicídio romântico. A tentação foi fortíssima. De repente refleti: pensa bem, Aránzazu, tem tanta gente sofrendo no mundo, padecendo de fome, epidemias, guerras. Por que, em vez de pular, você não joga as suas mágoas no mar e faz alguma coisa pelos outros? Algo que ajude os mais necessitados e dê um sentido positivo à sua vida. Foi essa a decisão que tomei.

— Acho uma ótima decisão.

Daí a pouco chegaram à saída do cemitério.

— Talvez você devesse embarcar em uma aventura parecida.

— Vou pensar no assunto.

Despediram-se com um aperto formal de mãos. Ela, depois de dar alguns passos, virou o rosto sorridente.

— Obrigada pelos bons momentos.

— Eu digo o mesmo.

— Você não devia ter jogado aquela pedra em Roma.

Parado ao lado da grade, Xabier observou Aránzazu se afastar. Aquele último sorriso lhe deixou com uma sensação agridoce. Uma cena de lágrimas, gritos, acusações teria sido bem mais fácil de digerir. Sentiu uma dolorosa admiração por sua forma de andar, a silhueta esbelta, os ombros retos. Lembrou-se dela nua. Esteve a ponto de chamá-la. Mais do que isso, teve uma forte tentação de sair correndo atrás dela.

Mas nesse instante sua mãe chegou e pegou o seu braço.

— Você não disse que tinham terminado?

— Ela veio se despedir. Vai morar longe.

— Melhor. Ela não era para você. Percebi isso no dia em que a conheci.

78
O curso

Que ia passar um longo tempo na reserva, isso ele já sabia. Tinha conversado com Jokin. Estando os dois juntos, as chuvas cinzentas da Bretanha, a espera interminável e o tédio eram mais suportáveis e, com a devida discrição, não faltavam diversões. Sabiam que mais de um militante driblava a disciplina. Eles não. Bem, um pouco, no limite certo para não ganhar fama de rebeldes.

Às vezes passeavam pelo campo com as bicicletas dos donos da casa. Roubavam frutas, caçavam rãs, entalhavam figuras de madeira com o canivete e uma vez foram à festa de uma vila próxima onde beberam uma espécie de sidra, para dar-lhe um nome, que segundo Joxe Mari tinha gosto de *pixa*.

Mas mandaram Jokin para um grupo operacional. Joxe Mari ficou sozinho, e mais tarde com Patxo, que era um cara legal, mas não era Jokin. Também não confiava muito nele. Mas por quê? Sei lá. Havia sempre uma espécie de distância entre os dois. Isso se notava no trato. Os dois se davam bem, certo. Mas é como se *haveria* um barulhinho no motor. Algo que não encaixava.

Depois de um tempo, os gendarmes franceses, junto com integrantes da Polícia Judicial, homens da PAF e agentes secretos dos Renseignements Généraux capturaram Santi Potros em uma casa em Anglet. Era tanta cautela que pedia, e agora foi preso com uma mala de couro. Dentro, um tesouro para a polícia: um fichário com os nomes de mais de quatrocentos militantes do ETA em atividade, seus pseudônimos, o endereço, número de telefone, o carro que usam e até a placa. Caíram como moscas nas semanas seguintes.

Patxo acreditava que, se ele e Joxe Mari tivessem sido convocados antes, também teriam sido pegos. E também achava que:

— A organização precisa cobrir as baixas. Você vai ver que qualquer dia desses virão aqui nos dizer: vamos lá, garotos, podem mandar ver.

Mas não. A inatividade se prolongou por vários meses. Nesse ínterim, Joxe Mari recebeu, pelos canais internos da organização, uma carta dos pais com um recorte do jornal *Egin* revelando pormenores da "estranha" morte de Jokin. Uma porrada para Joxe Mari. Não se lembrava de ter chorado tanto, nem quando era criança. E, para que Patxo não o visse, se fez de doente e ficou dois dias sem comer e sem se

levantar da cama.

— Você não tem dúvidas sobre a luta armada?

Patxo não titubeava:

— Eu entrei nisso sabendo de todas as consequências.

— Você não disse que o seu pai tem que ser levado de um lado para outro numa cadeira de rodas?

— Sim, e daí?

— Talvez fosse melhor você ajudá-lo.

— Para isso minhas irmãs estão lá.

Nunca chegou a fazer amizade com aquele cara. É que, além do mais, Joxe Mari achava estranho passar o dia inteiro grudado em alguém que não era da sua vila. Patxo tinha sido criado em Lasarte. Não tinha sobrenome basco e não falava *euskera*. Para que esse cara se mete na luta? O que ele é, o típico burro que pinta listras no lombo para parecer uma zebra? Desconfiava de que podia ser um infiltrado da Guarda Civil. De qualquer jeito, preferia não conversar com ele sobre coisas pessoais.

Anos depois contou à mãe, durante uma visita sua à prisão, que naqueles dias, quando soube da morte de Jokin, por pouco não pediu que o deixassem sair.

— Mas que boa hora para pensar nisso. Olha só Koldo, lépido e fagueiro, com a mulher mexicana e os filhos lá na vila.

Joxe Mari estava quase, quase decidido. Na verdade, pretendia dizer isso ao contato na próxima vez que o visse; mas foi então que este trouxe um bilhete lacrado informando que em breve os dois fariam um curso intensivo de formação para serem incorporados sem demora à luta.

Patxo viu claramente:

— Companheiro, agora não tem mais volta. Vai começar a farra.

— Topo qualquer coisa para sair daqui.

Estava caindo um aguaceiro quando embarcaram no trem. Não parou de chover durante a viagem inteira. Baldeação em uma cidade, baldeação em outra. E no meio da tarde chegaram a Bordeaux, onde ainda chovia tanto quanto de manhã.

Em um bar da estação, encontraram-se com o encarregado de recebê-los. O sujeito era muito apressadinho, e tive que virar num gole só o copo de vinho que haviam acabado de me servir. Já no carro, mandou que eles colocassem uns óculos opacos e se abaixassem. Joxe Mari conhecia o procedimento, desde quando Jokin e ele foram falar com Santi Potros. Depois de uma hora e pouco circulando por aí, entraram em uma casa onde se ouvia música. Só então puderam tirar os óculos.

Ficaram oito dias trancados em um quarto sem janelas, de três passos de largura

por cinco de comprimento. Muito pequeno para os dois, o que forçava uma proximidade corporal que tirava Joxe Mari do sério. Com Jokin ele dividiria até a roupa de baixo. Com esse outro, não tinha a mesma intimidade. De noite era pior. O tal Patxo devia ter um desvio no septo nasal. O fato é que fazia um ruído muito desagradável quando dormia. Não é que roncasse. Quem roncava era Joxe Mari. Aquilo parecia mais um fole de onde saía um rosnado sibilante. O que perdurava hora após hora, até o amanhecer.

Só podiam sair do quarto para ir ao banheiro, no andar de baixo. Que tentassem ver e lembrar o mínimo possível. Muitas vezes se ouvia música a todo volume dentro da casa. Assim, os ocupantes ignoravam o que os outros faziam ou diziam. Um *talde*, explicou o instrutor, atua como unidade isolada, de forma que, se vocês forem presos, não vão poder dar informações que comprometam o funcionamento geral da organização, entenderam? E os dois assentiam ao mesmo tempo.

De manhã, as aulas teóricas quase matavam Joxe Mari de tédio. Ele olhava discretamente para o relógio e calculava o tempo que faltava para a hora do almoço. Nunca se deu bem com os estudos. Desde pequeno, na *ikastola*, tinha que fazer um esforço enorme para se concentrar. Nos cursos da militância, a mesma coisa. Na parte da tarde, porém, passavam para a parte prática, mexiam com armas, e aí, sim; aí ele era tomado por um vivo entusiasmo e de repente se sentia como nos velhos tempos, quando subia com os amigos na pedreira da vila para fazer experiências com coquetéis molotov, bombas e fogos de artifício. Essa era a praia dele, ação, movimento, não aqueles papos chatos sobre teoria de explosivos que lhe davam um cansaço insuperável.

Patxo e ele treinaram montagem e desmontagem de armas. Aprenderam a preparar armadilhas mortíferas e carros-bomba. O que mais? Montavam mecanismos temporizadores. Depois explodiam o detonador em um barril metálico cheio de areia. Também lhes ensinaram tudo o que é necessário sobre esconderijos e formas de contato, e também a abrir fechaduras de carro. O instrutor insistia nas medidas de segurança, muito cuidado e atenção e coisa e tal. Explicou como deveriam se comportar caso fossem presos. Os exercícios de tiro se limitaram a uma tarde, e só com pistola, porque a polícia francesa estava de olho. Sair para dar uns tiros em um bosque da região já não era tão fácil como alguns anos antes. Uma pena para Joxe Mari. Não havia nada que o empolgasse mais do que atirar em um alvo.

Beijou a culatra da Browning.

— Gosto mais disto aqui do que de foder.

Todos riram. Aqueles imbecis pensavam que era brincadeira?

— Mas, rapaz, uma coisa não anula a outra — observou o instrutor.

E à noite, a última do seu isolamento naquela casa, Joxe Mari não conseguiu dormir. Os pensamentos, o eco dos tiros recentes, a respiração sibilante de Patxo. Então começou a falar sozinho. Baixinho? Que nada, no tom normal, como se estivesse conversando com alguém. Duas e tanto da madrugada. Já se via apontando a arma, e não exatamente para alvos de papel. O outro acordou.

— O que está falando aí? — perguntou na escuridão

— De quem é o recorde de execuções do ETA?

— Não tenho a menor ideia. De Iñaki de Juana, ou alguém do comando Madri.

— Esse cara liquidou mais de cinquenta?

— Mas que porra de pergunta é essa? Já é tarde à beça, teremos que sair daqui a poucas horas.

Ficaram em silêncio, na escuridão, por vários minutos. E Patxo já estava começando a emitir aquele barulhinho respiratório que dava nos nervos de Joxe Mari, que disse de repente:

— A morte de Jokin vai custar muito sangue ao Estado. Vou mandar tanta gente para debaixo da terra que um dia meu nome vai constar nos livros como o militante mais sanguinário do ETA.

— Porra, cara, para com isso.

— Meu amigo não vale menos de cem mortes. Eu vou contar. Cada vez que matar alguém, vou fazer um risco num caderno.

— Isso é entender a luta armada como uma questão pessoal.

— E que merda você tem a ver com isso, seu panaca. Seria melhor você aprender a respirar enquanto dorme.

79
O roçar da medusa

Talvez o dia estivesse mais frio do que Joxe Mari previra antes de sair, e só percebeu quando chegaram, abaixados ele e Patxo no banco traseiro com a cara junto aos joelhos para não ver nem saber, à casa onde o chefe ou um dos chefes os aguardava. O caso é que, quando o contato disse que ia levá-los para uma reunião com a direção, Patxo e ele pensaram que iam apresentá-los a Ternera; mas quem estava naquela casa em Bordeaux, ou nos arredores, ou sabe-se lá onde, era Pakito.

Mas, então, e o dia frio, o que tem a ver? É que quando Joxe Mari estava diante do chefe, que tinha um sorriso morto e uns olhos de peixe começando a apodrecer, sentiu uma lufada de ar gelado que o fez pensar: puxa, devia ter colocado o casaco. Era como no supermercado quando você entra na seção de congelados e é surpreendido por uma repentina queda de temperatura. A janela estava fechada, Joxe Mari teve a sensação de que o frio vinha daquele homem, que, apesar da sua condição de chefe, os recebeu com uma visível timidez.

Ou talvez fosse apenas uma fantasia dele, suscitada pela fascinação temerosa do novato diante do veterano da luta armada a quem se atribuía um histórico tão tenebroso quanto sangrento. Dizia-se que ele tinha matado Moreno Bergareche, Pertur, e mandado executar Yoyes, que era de Ordizia como ele, e destruir a casa-quartel de Zaragoza com crianças dentro. A Patxo ofereceu a mão. A mim, uma palmadinha nas costas que me deu a sensação de uma medusa roçando em meu corpo. Era a bênção, o ingresso definitivo no ETA. E o sorriso imóvel e os olhos turvos de peixe permaneciam ali.

Convidou-os para se sentarem em um sofá.

— Você é o que jogava handebol?

Muito astuto. Pensei: sopraram no ouvido dele, agora quer se fazer de bem informado. Mas pelo visto, e pelo que me contaram outros caras que também conversaram com ele, aquilo não passava de vontade de agradar. De fato, disse que esperava que os dois se sentissem à vontade participando de um *talde* operacional.

Homem minucioso, calculista, mostrou-lhes um mapa da província de Guipúzcoa. No papel, com o dedo indicador, fez um círculo.

— Esta é a área de vocês. Aqui, tudo o que quiserem. Policiais, guardas civis,

ertzainas, o que vier pela frente. Temos que atacar com firmeza até o Estado se sentar para negociar.

Joxe Mari percebeu na mesma hora que sua vila ficava dentro do círculo marcado por Pakito, o que não achou nem bom nem ruim. A referência principal era o rio Oria de Villabona para baixo. E assim se chamariam: comando Oria, integrado por três membros. O terceiro, Txopo, os estava esperando em um apartamento alugado.

— Vocês não podem fazer nada em Donostia. Não se metam lá. Tem outros lá. Mas dentro desta área — apontou de novo para o mapa — vocês são os reis. Podem fazer o estrago que quiserem.

Depois entregou uma Browning a cada um, com carregadores e balas. E também documentos falsos, um saco plástico com dinheiro e, por fim, um saco maior com explosivos, cordão detonador e diversos elementos para fabricar bombas.

— Vocês mesmos estabelecem os objetivos na sua área, certo? E podem mandar bala. Com a mão firme.

Um problema com os *mugalaris*, que problema?, não se sabe, reteve os dois militantes novatos na casa de um casal francês, perdida em uma paragem solitária aonde se chegava saindo da estrada que vai de Urrugne a Ascain. Seis dias de espera, que eles aproveitaram para fazer caminhadas pela serra. Ninguém disse que não podiam passear. Certa tarde testaram as pistolas. Assim, seguiam os conselhos recebidos na etapa de preparação, já que, segundo o instrutor, deve-se verificar o bom funcionamento das armas antes de empreender qualquer ação. Pois então, subiram por um caminho de terra até um lugar afastado, com muitas árvores, e se revezaram. Um vigiava enquanto o outro se entretinha dando uns bons tiros.

Certa noite tiveram uma surpresa desagradável. Joxe Mari, que remédio, já tinha meio que se acostumado com a respiração sibilante do seu companheiro. Mesmo assim, às vezes o barulho era insuportável e lhe dava vontade de ir até lá e dar um soco no nariz do outro.

Sem conseguir dormir, acendeu a luz. Era muito tarde. Então os viu. Saindo de trás de um quadro pendurado na parede, acima de sua cama. O quê? Insetos. Insetos de barriga escura que se moviam em várias direções, nem depressa nem devagar. Esmagou um deles a esmo, um que era maior do que os outros. E ao tirar o dedo viu a mancha de sangue na parede. Minha nossa: percevejos. Avisou Patxo e os dois passaram mais de uma hora matando-os.

— Comando Oria em ação.

— Escuta aqui, Patxo, se está precisando de um codinome tenho um ótimo para você: Imbecil.

Joxe Mari se dava conta: as noites mal dormidas o estavam deixando azedo. Ficava irritado por qualquer coisinha. Tornou-se belicoso, impaciente, provocador. Brigou com a dona da casa em *euskera*, porque não falava nada de francês, por causa da comida. Disse, gritando, agressivo, que era uma porcaria. Pouca, insípida, malfeita. E de tarde, na volta do trabalho, o marido da dona da casa ameaçou expulsá-lo.

Nas primeiras horas da noite, trancado com Patxo no quarto, evocou, nostálgico, a comida da mãe.

— Não conheço ninguém que cozinhe melhor do que ela. Imagino que neste momento está fritando peixe lá em casa. Nós sempre jantamos peixe. O cheiro chega até aqui. Não está sentindo? Não está sentindo cheiro de salmonete empanado e alho frito?

E esticava o pescoço e farejava o ar do quarto como se realmente os salmonetes maternos estivessem flutuando diante do seu nariz.

— Escuta aqui, você não vai ficar sentimental agora, certo?

— Sentimental porra nenhuma. Desde que entramos nesta casa, estou é com fome. Eu comeria agora um bife deste tamanho com pimentão e batata frita.

Nem sequer tinham televisão. Então, depois de esmagar quatro ou cinco percevejos, apagaram a luz antes da hora habitual. Assim que Patxo começou a incomodar com seu assobio, Joxe Mari levou o colchão para o corredor da forma mais silenciosa possível. Dormiu como uma pedra a noite inteira, e bem que estava precisando. De manhã cedo, foi ao campo, colheu um ramo de flores silvestres e na hora do café da manhã, brincalhão, sorridente, deu de presente à dona da casa. O gesto simpático lhe permitiu fazer as pazes com ela.

Nesse mesmo dia, à tarde, uma caminhonete Renault preta veio buscar os dois militantes. Partiram em direção a Ibardin. O tempo? Nublado, mas seco, com alguns buracos por onde as primeiras estrelas logo surgiram. Pouco antes de escurecer, saltaram do veículo em um lugar bastante arborizado. Do mato saíram duas sombras jovens. Não perderam tempo com conversa, puseram nas costas as nossas mochilas, que pesavam uma tonelada, e se mandaram morro acima, com nós dois atrás. Pouco depois fomos envolvidos por uma escuridão tão densa que não se via dois palmos diante do nariz. Não sei como aqueles *mugalaris* faziam para se orientar; deviam conhecer o caminho como a palma da mão. Depois saiu a lua. Agora, sim, dava para reconhecer formas, contornos, volumes e ver-se uns aos outros.

Andaram em silêncio cerca de uma hora até chegarem ao alto de um morro. Dali se avistavam a silhueta do monte Larrún e os pontos luminosos das Ventas de

Ibardin. Nisso, o grupo parou e um dos *mugalaris*, depois de ficar escutando por alguns segundos, deu um balido imitando uma cabra. Não distante dali, responderam com outro similar. Era o sinal combinado para a troca de *mugalaris*. Dessa forma, Joxe Mari e Patxo souberam que tinham atravessado a fronteira. E logo em seguida começaram a descida para Vera de Bidasoa.

Quando chegaram atrás da capela do cemitério, disseram-lhes que esperassem ali. Ficaram quase meia hora sentados com as mochilas, até receberem um sinal para que descessem para a estrada. A névoa que subia do rio evanescia as casas. E a pura verdade é que passamos frio. Já estava quase clareando quando entraram em um carro. No trajeto até Irún pararam várias vezes para esperar que um homem que ia de moto na frente voltasse confirmando que o caminho estava limpo. A viagem terminou no começo da manhã, na avenida Zarauz de San Sebastián. Sob a marquise de um ponto de ônibus, os dois se encontraram com Txopo, que não conheciam.

80
Comando Oria

Deitado na cama da sua cela, Joxe Mari se lembrava. De quê? De que nessa época fez 21 anos e era o mais novo dos três. Na verdade não havia muita diferença entre eles. Txopo, com 24 anos, era o mais velho.

— Por que te chamam de Txopo?

— Coisa de infância.

Quando ele era pequeno, ia jogar futebol em um gramadinho perto de casa. Um varal de tubos metálicos fazia as vezes de gol. Não havia garotos nem espaço suficientes para organizar uma partida de verdade. Por isso jogavam três contra três, quatro contra quatro, não mais do que isso, e ele era o único goleiro. E gostava de transmitir as partidas tanto quanto de defender os chutes dos dois times.

— Espera aí, explica isso.

Dava o nome de um jogador famoso a cada garoto, e lá do gol, em voz alta, descrevia os lances da partida como um locutor de rádio. E como quase sempre se referia a si mesmo como Txopo, em homenagem a Iríbar, seu ídolo na época, adotou o apelido para sempre.

Patxo, também amante de futebol, torcia pela Real Sociedad.

— Não brinca que você é Athletic.

— Com muita honra.

— Então começamos mal. Mas vem cá: por que você não se ofereceu para o comando Vizcaya?

— Porque não me disseram que aqui eu teria que conviver com gente como você.

E Joxe Mari, para conciliar, interferiu:

— Tudo bem, pessoal, chega. Também existem outros esportes.

— É? Quais?

— O handebol.

Para provocar, os outros replicavam:

— Ora, isso não é esporte.

— O que é, então?

— O handebol é para o futebol o mesmo que o pingue-pongue é para o tênis.

— Ou o que uma punheta é para uma trepada.

E riam, ri ri ri, rá rá rá, os sacanas, enquanto Joxe Mari os observava sem mover uma pestana.

Txopo se encarregava das tarefas próprias de um militante de apoio. Pelas suas costas, para não provocar um de seus ataques de raiva, Patxo o chamava de menino dos recados ou, simplesmente, de recadeiro. Tudo o que sabia de luta, de militância, de armas, que não era pouco, ele tinha aprendido sozinho, sem passar pelos canais de recrutamento na França. Não lhe faltavam astúcia nem dotes organizacionais, e tinha prática. Antes de se juntar a Joxe Mari e Patxo, nunca havia participado diretamente de uma *ekintza*, mas atuara como colaborador secreto de alguns comandos-satélite de Donosti em questões de logística, que era o que sabia fazer melhor.

— Um dia serei o chefe do ETA.

Eu o vejo como uma aranha, sempre quieto, à espreita, esperando a presa. Não se dava bem em manifestações, muito menos em confusões com a polícia. A estratégia dele, segundo suas próprias palavras: manter a calma, aprender e chamar o mínimo possível de atenção. Patxo não entendia:

— Na sua idade, como se pode ser tão velho?

— Você vai entender melhor quando ganhar um pouco mais de maturidade.

Txopo não era fichado na polícia. Nunca tinha sido detido. Era um entusiasta da causa, com um componente ideológico que Patxo e Joxe Mari, mais partidários da ação, não possuíam. Também tinha mais instrução do que eles. Cursara um ano de Geografia e História no campus de Mundaiz da Universidade de Deusto. Quando chegaram as provas de fim de ano, não apareceu. Deixou passar um tempo e se matriculou de novo. Era de família rica.

Joxe Mari gostou dele logo de cara. O motivo? Txopo era um craque em todo tipo de problema prático. Tornava fácil o difícil, solucionava encrencas, era cauteloso e precavido. E sabia cozinhar.

Ele tinha alugado o apartamento da avenida Zarauz, terceiro andar com elevador, havia quase um mês. Pagava sempre em dia e em dinheiro, sem nenhum contrato além de um acordo verbal com a proprietária. Vaga de garagem? Sim, mas, como era coletiva e encarecia o aluguel, declinou. Foi morar no apartamento à espera da chegada dos colegas, dando a entender que era estudante para quem topasse com ele no portão. Com este intuito, entrava e saía do prédio diariamente com uma pasta ou um livro nas mãos.

Uma vantagem do apartamento: por perto havia terminais de ônibus para o interior da província e também para se chegar ao centro da cidade. Txopo dizia que:

— É melhor você morar fora de sua área de atuação. Faz a operação e depois se retira e leva uma vida normal como qualquer um. E aqui em Donostia, em um bairro como este, é mais fácil se camuflar. Três caras jovens em uma vila onde todo mundo se conhece, onde só existem meia dúzia de bares, chamaria muito a atenção.

— Caramba, Txopo, a inteligência vai transbordar das suas orelhas.

Dias antes da nossa chegada, o cara estivera inspecionando a área. De novo: trabalhador como uma formiga, calculador como uma aranha que, antes de mais nada, faz a sua teia. Foi para cá, foi para lá, procurou. Andando pela estrada de Igara, tinha achado um lugar ótimo para fazer um esconderijo. Não era longe. Quinze minutos a pé. Os três foram para lá em um domingo, separados uns cem passos um do outro. Na altura de um casario abandonado, com o teto caído, saíram da estrada para subir uma ladeira íngreme, em direção do Anjo da Guarda. Logo a seguir entraram em um pinheiral. Até ali tinham avançado por um caminho cheio de sarças e urtigas, sinal de que fazia muito tempo que ninguém passava por lá. Patxo e Joxe Mari aprovaram o lugar.

Sem esconderijos não se pode atuar. Nesse ponto nós três concordávamos. Pouco antes tinham mandado um primeiro relatório para a direção. Enumeraram pormenores relativos ao apartamento operacional, descreviam a zona, pediam um carro e material. Por eles, já estavam preparados. Patxo não se importava de guardar as armas e os explosivos no apartamento. Txopo se opunha ferrenhamente. Expôs as suas razões. E Joxe Mari, que como responsável pelo grupo tinha a última palavra, pendeu para o lado de Txopo, aceitando como única exceção as armas de autodefesa e uso imediato.

— Se escondermos o material, ele poderá ser usado por outros companheiros caso os *txakurras* nos peguem. Temos que fazer os esconderijos já.

Primeiro passo: comprar dois tonéis de plástico. Isso é fácil. Mas como transportá-los sem levantar suspeitas? Precisavam de um carro.

— Claro, vamos roubar um — sugeriu Patxo.

Txopo se exasperava:

— Você viu filmes demais.

Disse que ele se encarregaria do problema. Como fez isso? Não tenho ideia. Arranjou dois tonéis de plástico azul, novíssimos, com tampa de rosca e capacidade de 220 litros cada um. Também conseguiu uma caminhonete emprestada. De quem? Não tenho ideia. Ele se negava a responder. Como insistimos, disse que de um primo seu que era encanador, mas sabe-se lá. E escondeu os dois tonéis no casario em ruínas, no caminho para Igara. Dentro dos tonéis, também novas, as pás para cavar os buracos. O cara não esquecia um detalhe.

— Porra, Txopo, não sei para que viemos se afinal você resolve tudo sozinho.

— Ou se faz as coisas bem, ou não se faz.

Txopo era extraordinário. Ele tinha muito valor. Alguns chefes do ETA não valiam nem a metade.

De manhã cedo foram os três para o pinheiral. Tranquilamente, ouvindo o cantar dos pássaros, enterraram os tonéis, um aqui, o outro um pouco mais acima. Depois cobriram a terra retirada com folhas secas de pinheiro. No final não se notava que tinham cavado por ali.

Deitado na cama da cela, Joxe Mari se lembrava.

81
Só o doutor triste foi se despedir dela

No meio da manhã do dia 9 de outubro, Nerea embarcou no trem que a levaria a Paris. Lá chegando, à tarde, iria para outra estação e, antes de prosseguir a viagem em um vagão-leito, teria algumas horas para perambular pelos arredores da Gare du Nord, desde que conseguisse deixar a bagagem em um lugar seguro.

Mais ou menos à mesma hora da manhã, Bittori, que não quis levar a filha à estação, eu?, ora, ora, foi ao cemitério. Dessa vez, e sem com isso abrir um precedente, subiu toda a ladeira de Eguía a pé. Precisava de ar fresco e exercício físico para aliviar o desgosto que corroía em seu estômago. Até o último instante tinha esperado que Nerea entrasse em seu quarto para dizer: *ama*, você tem razão, eu vou ficar. Vai mesmo? Sim, foi uma loucura, não sei onde estava com a cabeça. Mas não entrou. E então ela, que havia mais de uma hora estava acordada na cama, de orelha antenada nos preparativos de Nerea, não se despediu.

Com a pressa, com a raiva, esqueceu o quadrado de plástico em casa. Não faz mal. A laje, manhã de sol, estava seca, e a poeira eu tiro dando umas sacudidas na saia.

— Ela foi embora. É, Txato. A tua filha querida, a luz dos teus olhos, lembra? Pois foi embora, pelo visto para sempre. Tem um caso na Alemanha. Não vá pensar que ela estava muito comunicativa. Foi Xabier quem me contou. Senão, não fico sabendo de nada. Que ia viajar, isso sim ela me disse, mas eu achei, eu pensei que, você me entende. Essa aí não volta mais. Está se lixando para nós. Até me falou o nome do namorado, mas você acha que eu consigo decorar uma palavra tão esquisita? Tanto dinheiro investido na educação dela. E agora jogou o futuro no lixo, porque o que vai fazer lá se não sabe a língua? Passar as camisas de um alemão? Eu não conheço o sujeito nem de foto. E você aí estendido, sem poder passar uma descompostura nessa perdida. É de um egoísmo que não tem mais tamanho. Ela poderia ser advogada, sabe. Ter um escritório próprio, viver com conforto e ser o orgulho do pai falecido. Mas não. Você vai ver como torra em pouco tempo o dinheiro que você lhe deixou.

Quem apareceu na estação, de surpresa, foi Xabier.

— Como não sei quando vamos nos ver de novo, não queria que você fosse

embora sem um abraço.

— Você não tem que trabalhar?

— Combinei com um colega.

Trocaram amenidades, elogiaram a manhã de sol, disfarçaram. Mas, de repente, ela: que teria preferido que você não tivesse contado à *ama* o motivo da minha viagem, pois pretendia lhe explicar ela mesma da Alemanha, por telefone ou em uma carta extensa. De um jeito ou de outro a *ama* saberia. A reação? Bem, certamente seria a mesma, mas pelo menos mãe e filha teriam se poupado da desagradável briga da véspera.

Xabier, divergente, professoral no tom de voz e nos gestos:

— Não, olha, nesse caso você deveria ter escondido o seu plano de mim também. Está fora de cogitação eu ter segredos com a *ama*, seja qual for o assunto. Não se trata de ela saber ou não saber. Simplesmente não concebo não ter uma relação transparente e sincera com ela.

— Pois a sua intervenção me deixou triste. Não pense que estou viajando muito animada, só espero que melhore conforme vou me aproximando do meu destino. A briga de ontem à noite foi bem pesada. Como você vê, ela não veio se despedir. Também não se despediu em casa. Se você tivesse ficado quieto e me deixado fazer as coisas do meu jeito, talvez não tivéssemos chegado a essa situação.

— A tática falhou. É isso o que quer dizer?

— O que eu quero dizer é que não preciso da sua tutela. Já tenho idade. Digo isso sem nenhum ressentimento, juro. Sei para onde vou e por quê. Olha em volta. Está vendo alguma amiga minha que tenha vindo se despedir? Eu não tenho amigas nem amigos nesta terra. O que estou fazendo em um lugar assim? Mofar aqui sozinha? Morar com a *ama*, comer frango assado todo domingo com ela e contigo e na hora da sobremesa derramar umas lágrimas os três juntos?

— Isso que você disse foi meio amargo e injusto, não me diga que não.

— Você quer que eu desista da viagem, não quer?

— De jeito nenhum. Vim te desejar tudo de bom.

— Obrigada. Mas, sabe de uma coisa, mano? Meu ânimo melhoraria bastante se você dissesse isso com mais alegria.

— Deixo a alegria por sua conta.

— E isso? Não foi dito com amargura?

— Aqui está tudo acabado. Sem dúvida você faz bem em ir embora. Afinal, o que deixa para trás? Uma família em pedaços, um pai assassinado.

— Para trás ficam só os dois, você e a *ama*. O *aita*, não. O *aita* vai aqui dentro.

E levou, enérgica, veemente, a mão ao coração.

— Isso está bem dito, mana. Não vou insistir com as nossas tristezas. Só te peço que telefone para a *ama* de vez em quando. Diga umas coisas agradáveis, manda uma carta vez por outra, ok? Quem sabe um pacotinho com produtos da região. Para que ela se sinta querida, entende? Não custa nada.

Continuaram conversando até que o trem entrou na plataforma. Quando chegará lá? Vão te buscar? Quando vai nos mandar seu endereço para correspondência? Essas coisas e, depois, gestos de boa vontade: se precisar de alguma coisa, se tiver que resolver alguma burocracia, não hesite em.

— E como disse que ele se chama?

— Klaus-Dieter.

Xabier, gesto de assentimento, repetiu o nome para si mesmo. Estava dando algum tipo de aprovação? E pediu de novo a Nerea que não se esquecesse da *ama*. Porque a *ama*, e também a *ama,* e mais uma vez a *ama*.

Na porta do vagão, beijou com afeto as bochechas da irmã. E a ajudou a subir com a mala pesada. Depois, de súbito, deu meia-volta e se encaminhou para a saída antes que o trem começasse a se movimentar. Nerea suspeitou: ele não quer que eu o veja emocionado.

Seu irmão, o doutor Triste: um homem alto, cada dia mais magro, costeletas (desde quando?) grisalhas, que caminhava olhando para o chão. Para não ter que cumprimentar caso cruzasse com algum conhecido? Há muita solidão naquelas costas que se afastam. Será que vai se virar e acenar para a irmã? Não se virou.

E Nerea continuou observando-o pensativa pela janela do trem. Vou-me embora sem chorar. Parece até um verso de música. Coitado do Xabier, a vida toda se esforçando para ter uma boa posição social, para agradar a mamãe e o papai. Lá vai ele, esquivando-se de corpos, ele que nunca fez nada de errado, que não sabe comprar roupa sozinho, com seu pulôver azul-marinho nos ombros, as mangas amarradas sobre o peito e sua camisa quadriculada sem ter quem a passe a ferro. Faltavam poucos passos para entrar no prédio da estação. Também não olhou para trás nesse momento.

Segundos depois as portas se fecharam. O trem partiu. Entrou no bairro de Gros em baixa velocidade. Lá se viam, em algumas janelas que davam para a ferrovia, varais com roupa pendurada. Nerea ficou em pé por um bom tempo, desfrutando sua intensa sensação de despedida. O porto de Pasajes, o monte Jaizquíbel, os subúrbios de Rentería: pensava estar vendo tudo pela última vez, e isso não lhe importava. Vou-me embora sem chorar. Finalmente, pouco antes da fronteira, foi se sentar. O passaporte! Procurou na bolsa, o coração quase saindo pela boca. Estava lá. Ufa, que susto.

82
He's my boyfriend

No fim da tarde de 10 de outubro, morrendo de sono, Nerea desceu do trem na estação de Gotinga. Como chovia! Não dava para descrever. Fora da cobertura da plataforma, uma neblina pairava no nível do chão. As gotas, ao bater no solo, viravam vapor. Ou era o que parecia. E, ao longe, sobre os telhados e as copas das árvores, abria-se um clarão entre as nuvens. A tarde era toda uma luz estranha e um som de chuva violenta.

Gente? Pouca. E o garoto louro não estava lá. Talvez dentro da estação, a salvo do mau tempo? Não estava. Ou lá fora, na praça? Também não. Deve ter ido embora, cansado de esperar. Fazia horas que ela deveria ter chegado, mas uma greve de ferroviários na Bélgica, é muito azar, tinha obrigado o trem noturno a dar uma volta enorme e, claro, Nerea perdeu a conexão seguinte. Agora estava sozinha, com sua mala pesada e seu cansaço de mais de 24 horas de viagem, na estação de Gotinga. Deu uma olhada satisfeita ao redor. Em pouco tempo tudo isto vai me parecer familiar.

Sabia de cor o endereço de Klaus-Dieter. Durante a viagem ficou treinando a pronúncia do nome da rua e do número. Sabia contar até cem em alemão. E mais: durante a viagem, aprendeu um bom vocabulário. Duzentas e cinquenta e cinco palavras escolhidas por ela. Palavras que imaginou serem usuais. Enfim, nomes disso e daquilo, uns trinta adjetivos, muitos verbos. E naquela manhã e no começo da tarde havia revisado a lista várias vezes. Quem sabe, um dia o alemão venha a ser meu idioma principal. Meu e dos meus três filhos meio louros, duas meninas e um menino. Tinha sonhado/previsto tudo e agora sorria: todos com um olho castanho e o outro azul. Ah, e o menino vai ter o nome do seu falecido avô.

Tinha escrito o endereço em um pedaço de papel: Kreuzbergring 21. Antes de ir para Edimburgo, Klaus-Dieter lhe havia explicado em uma carta cheia de erros encantadores que a rua ficava atrás da universidade, uns 15 minutos a pé da estação. Onde fica a universidade? Não faço ideia. Não parava de chover. Nerea se sentia incapaz de pronunciar a palavra Kreuzbergring de forma compreensível. E, mesmo que conseguisse dizê-la mais ou menos bem, como entenderia depois as explicações? Por isso, em vez de pedir ajuda a alguém do lugar, entrou em um táxi e

mostrou o pedaço de papel ao motorista.

Quase dormiu no táxi. Querendo absorver impressões do seu novo mundo, contemplava pela janela detalhes da cidade como se olhasse tudo através de um celofane de cansaço. Normal: passara a noite toda penando com o traca-traca do trem sem conseguir pregar o olho. A noite toda, sacudidas, calor, a companhia indesejada de cinco corpos estranhos/respirantes/descalços nos respectivos beliches, ela deitada na cama de cima, ainda bem, e um velho embaixo de Nerea, de camiseta, que depois de meia hora de viagem já roncava como um urso.

A viagem de táxi não durou nem cinco minutos. Nerea não se entendia com os marcos alemães. Para não ter que contar o dinheiro, pagou com uma nota de cem e acha, não tem certeza, que exagerou na gorjeta. Só isso explicaria a efusiva solicitude do motorista, que levou a mala até o portão e encheu seus ouvidos de palavras com certeza amáveis que ela não entendeu.

Nerea parou diante da fileira de caixas de correio, não muito limpas, aliás. Lá estava: Klaus-Dieter Kirsten, escrito com marcador em uma tira de papel ao lado de outros dois nomes. E imaginou a mão de um carteiro alemão ao introduzir naquela caixa metálica as suas cartas, transbordantes de ternura, saudade e solidão, escritas durante o tórrido verão de Zaragoza. Tirou da bolsa um vidro de perfume e deu duas borrifadas antes de subir, erguendo a mala com as duas mãos, por degraus de madeira rangentes, um, dois, três andares. No corredor, perto da porta, havia um móvel fixado na parede, uma espécie de estante sem fundo, com cinco prateleiras cheias de calçados. Nerea arrumou rapidamente o cabelo antes de tocar a campainha, já pronta para o abraço, para o beijo na boca.

Pouco depois, ouviu-se dentro do apartamento uns passos se aproximando por um piso de madeira. A porta se abriu. Uma garota de cabelo curto e louro olhou, com um gesto não hostil, isso não, mas tampouco amistoso, primeiro para os olhos de Nerea, depois sua mala e de novo, agora de cenho franzido, seus olhos. A garota, rechonchuda, lábios finos, não fez o menor esforço para conversar com ela nem a convidou para entrar. Com seu melhor sorriso, Nerea perguntou:

— Klaus-Dieter?

A garota repetiu, corrigiu?, o nome em voz alta, com a cara voltada para o interior do apartamento. E, sem esperar que o aludido entrasse em cena, começou a falar/brigar com ele em seu idioma. E, sim, estava mesmo brigando. Nerea não entendia uma palavra, mas era como se entendesse. A fisionomia quase feroz, a voz alta: isso é universal. Logo em seguida Klaus-Dieter apareceu na porta. Tímido, ruborizado, sério, balbuciou um oi sem graça, destituído de afeto, e estendeu a mão formalmente a Nerea sem sair para abraçá-la no corredor, sem convidá-la para

entrar no apartamento. Estava com uns tamancos nos pés, enormes e muito gastos. E o casaco de lã com cotoveleiras costuradas também não era lá muito sedutor.

Pela primeira e única vez a garota se dirigiu a Nerea. Em inglês.

— *He's my boyfriend. And who are you?*

A essa altura, Nerea já tinha captado todo o sentido da situação. Falou primeiro com a garota, marcando a pronúncia, sem perder a calma:

— *I thought he was my boyfriend.*

Depois, sem esperar a resposta, se dirigiu a ele, olhando fixamente dentro dos seus olhos:

— Vou ter que dormir na rua?

A garota perdeu as estribeiras com essa tentativa de uma desconhecida de se comunicar com seu namorado em um idioma que lhe era incompreensível. Agora gritava mais alto, mostrou um dedo ameaçador a Klaus-Dieter, deu um tapa no braço dele e foi esbravejando para o interior do apartamento. Klaus-Dieter ficou sozinho diante de Nerea. Nem nesse momento se dignou a sair para o corredor.

— *Sinto muito por problema. Você aqui espera por favor. Eu Wolfgang chamo, sim? Ele, apartamento grande para você dormir.*

Enquanto fechava a porta devagar, repetiu, em um espanhol cheio de erros, nervoso, tímido, com o rosto colado na abertura, que ia ligar para seu amigo Wolfgang. Nerea ainda permaneceu coisa de um minuto no corredor. Rio, choro? Que diabos eu faço? Através da parede se ouviam vozes e soluços da garota. Pode ficar com ele, querida. Todinho de presente para você.

Desceu com sua mala pesada, que tem rodinhas, sim, mas que na escada não servem para nada. Será que desde o início tudo foi um mal-entendido? Vai ver ele não soube se expressar ou, quem sabe, eu entendi errado. Mas então por quê, como, e as cartas, e a insistência para vir visitá-lo, e o endereço, e a data de chegada, e. Esse cara é um grandíssimo babaca? Quer dizer que eu me apaixonei por um babaca? Briguei com a minha mãe por causa de um babaca? Será que a babaca sou eu? E agora o que vou fazer, sozinha e exausta em um país estrangeiro?

Continuava chovendo, mas não com tanta força, e aquela área clara entre as nuvens tinha aumentado e já estava quase em cima da cidade. Ainda não anoitecera, mas faltava pouco. Perguntou em inglês onde ficava *the city-centre*. Saiu andando na direção indicada. Ao passar pelo que parecia um campus universitário, podia jurar que um rapaz que vinha no sentido contrário e passou a uns dez metros dela era Wolfgang. Não tinha certeza, não se incomodou em verificar. Em Zaragoza, esses caras eram uma coisa, aqui, são outra.

Seus olhos quase fechavam de tanto sono, estava com sede, as pernas doíam.

Não pensava em nada. Em nada? Juro, nesse momento não me importava com nada. Mas observava as fachadas com atenção em busca da palavra salvadora. Que palavra? Qual poderia ser: hotel. Em uma das tantas ruas, encontrou um. Caro, barato, limpo, sujo? Tanto fazia. Quando entrou no quarto, bebeu uma garrafa de água mineral. Foi o seu jantar. Ainda não eram nem nove da noite quando foi se deitar. Dormiu na mesma hora.

83
Um azar

Às oito da manhã, depois de um banho reparador, Nerea desceu para tomar o café da manhã. Enquanto fazia o prato, lembrou-se, agradecida, do *aita*. É que sem você eu não poderia me permitir estes luxos. O fiasco da véspera não tinha lhe deixado a menor tristeza. Que estranho, não é? Eu não deveria estar desesperada? A que se deve essa sensação de alívio? Constatou: o cara por quem se apaixonara em Zaragoza não era aquele pobre-diabo de ontem, de tamanco e casaco de lã. O sotaque do outro quando falava castelhano lhe parecia encantador; o do imbecil da véspera, apesar de ser o mesmo, causava repulsa. O que vai acontecer agora com seus três filhos meio louros? Nada, mulher: vão nascer outros diferentes no lugar. A gente vem ao mundo como quem ganha na loteria. Fulaninho de tal, parabéns, é a sua vez de nascer; você recebe um corpo, arranjam lugar em um útero e por fim é parido por alguém que em geral se costuma chamar de mãe. Pegou dois croissants. Cuidado, Nereíta, que a felicidade engorda. A bandeja com potinhos de geleia e mel de vários tipos tinha uma cara excelente.

De bom humor, descansada (tinha dormido onze horas e meia direto), limpa, alimentada. E agora o quê? Abriu a cortina, olhou pela janela do quarto: nuvens, mas sem chuva, casas baixas, um caminhão de lixo, dois operários com coletes refletivos trabalhando dentro de uma vala. Isto aqui parece um vilarejo. A possibilidade de encontrar Klaus-Dieter na rua com a garota rechonchuda (seu namorado vegetariano enganava você: comia camarão e lagostim) ou com algum dos estudantes alemães de Zaragoza a demoveu de ficar para conhecer Gotinga. Voltar para casa? Que humilhação! Mas você voltou tão rápido? Bem, é que.

Antes de seguir em frente, deu uma aliviada na mala. Tirou discos, livros, doces típicos, a caixa de frutas de Aragón, as quatro garrafinhas da cerveja que os dois bebiam juntos nos bares de Zaragoza e outros presentes para o amor da sua vida. E também seu gordo dicionário espanhol-alemão, a gramática, um livro de exercícios com as respostas nas páginas finais e outras coisas que, na verdade, só tinham sentido no caso de uma permanência prolongada na Alemanha. O pessoal da limpeza do hotel vai ficar contente quando descobrir que quem pernoitou neste quarto foi a sobrinha do Papai Noel. E a mecha de cabelo louro, uma relíquia de

uma paixão até ontem ainda venerada, hoje detestada como uma excrescência repugnante (Nerea, não seja má), foi parar na privada.

A recepcionista lhe deu um mapa de Gotinga que lhe permitiu chegar facilmente à estação que ficava perto. Sua intenção: embarcar no primeiro trem que a levasse para uma cidade interessante, conhecer lugares novos; em suma, dar um passeio pela Europa antes de voltar para casa e fazer o doutorado em Direito, arranjar um trabalho, ficar grávida, depois veria.

À uma da tarde estava em Frankfurt. Hospedou-se em um hotel no centro, um pouco mais barato do que o da véspera; comeu em um restaurante italiano um prato de *penne all'arrabiata* divino, fez compras, perambulou sem rumo. Em uma livraria de dois andares, sentou-se para olhar um atlas. Com o livro aberto no colo, estudou possíveis rotas. Primeiro iria para Munique, isso era certo. Lá decidiria entre descer para a Áustria e a Suíça ou se dirigir para Freiburg e a Floresta Negra. Entrando na Suíça, se me der vontade, vou para a Itália.

Mais tarde ligou para a mãe do telefone do quarto. Ia lhe contar que de namorada se transformara em turista; mas Bittori se mostrou tão pouco comunicativa, tão seca e desanimada que Nerea perdeu a vontade de compartilhar suas aventuras e, depois de comentar com a mãe umas generalidades sobre o tempo e a comida, se despediu. Nem sequer disse de onde estava ligando. Bittori também não quis saber. Não lhe perguntou como estava nem se tinha feito boa viagem. Não lhe perguntou nada.

Amanheceu o dia 12 de outubro. O tempo aberto e a temperatura agradável eram um convite para passear em Frankfurt. E, com essa ideia, sua câmara fotográfica e um mapa da cidade, Nerea saiu do hotel no meio da manhã. No dia seguinte começaria uma nova etapa da viagem, de forma que em cada cidade passaria duas noites e um dia completo, a menos que se encantasse com o lugar e resolvesse prolongar a visita. Decidiria na hora. Afinal, não tinha que dar satisfações a ninguém, como aliás pretendo fazer até o fim da minha vida. Quanto às despesas, interpretou-as como um prêmio pela formatura. Já que minha mãe não teve a gentileza de recompensar o meu esforço, eu me dou esta viagem de presente, e bem que merecido.

Procurou, tranquila, fotogênica, o rio e por acaso se deparou com a casa natal de Goethe. Leu no folder que lhe deram no hotel: fora reconstruída depois da guerra. Não entrou. Para quê, se não era autêntica? No entanto, diante da célebre fachada lhe veio um forte desejo por cultura e história. E, para equilibrar a jornada, dividiu-a em manhã instrutiva, almoço em um lugar típico e tarde de lazer e compras.

Tomada essa decisão, dobrou à esquerda em uma esquina, avistou a torre e os

muros avermelhados da igreja de São Paulo e foi para lá. Entrou na igreja, que não achou grande coisa, e na saída, em vez de descer diretamente para o rio, seguiu andando pela rua porque estava determinada a visitar o Museu de Arte Moderna de qualquer jeito. Viu arte, ou o que hoje chamam de arte; deu uma volta completa em torno da catedral para fotografá-la de vários ângulos, comprou óculos escuros e, já com os pés cansados, necessitando de alimento e bebida, foi até o rio e o atravessou por uma ponte que, já perto da outra margem, passava por uma estreita ilha arborizada.

Por essa ponte, Nerea chegou ao bairro de Sachsenhausen. Recomendado na recepção do hotel. E em uma margem do mapa anotara o nome e o endereço de um restaurante. Almoçou lá, em um salão com umas mesas compridas de madeira que compartilhou com outros comensais. Costela assada e batata frita com molho de um gosto penetrante que depois ficou voltando à sua boca. Aliviou a sede com sidra da região, mais doce e menos turva do que a que servem nos bares da sua vila. Não gostava de uma coisa. De quê? É que atraía olhares masculinos, olhares de homens jovens sentados à sua mesa que buscavam seus olhos diretamente e sorriam e levantavam brindadores/simpáticos/brincalhões as jarras e os copos, e várias vezes tentaram envolvê-la em uma conversa. Não respondeu além do mínimo exigido pelas normas elementares de cortesia. Sinto muito, gente; mas é que já esgotei minha cota de alemães para o resto da vida.

Tomou o café em outro lugar. Onde? Sentada na coberta do barco em que fez um passeio pelo rio Meno. O sol de outono se detinha agradavelmente no seu rosto, e ela, de puro prazer, deixava-se adormecer de braços cruzados, sem prestar atenção nas explicações em inglês e alemão que saíam do alto-falante, olhando de vez em quando para a fileira de edifícios ao longo de uma margem e da outra. Por vezes sentia na pele uma lufada leve de brisa. Era uma espécie de carícia fresca que acentuava ainda mais sua sensação de bem-estar. Ninguém, com a breve exceção da mulher que lhe serviu o café com um biscoitinho, lhe dirigiu a palavra. Estava a sós consigo mesma, sem pensar, sem sofrer, sem lembrar, livre. Um momento de perfeição. Abria os olhos: sobre a cidade se estendia o céu azul. Fechava os olhos: sentia-se de novo embalada pelo ronronar do motor.

E depois, já em terra firme, tudo se distorceu. Não de imediato: Nerea ainda teve tempo de olhar vitrines, entrar em lojas, experimentar roupas. Mas, às 17h15, um azar a fez entrar em uma rua, não em qualquer outra, e lá se deparou com a cena. A uns cem metros de distância, viu uma aglomeração; um pouco mais à frente, acima da linha de cabeças, havia um bonde parado, duas ambulâncias também paradas. A curiosidade dominou Nerea e ela, fatídica decisão, foi até lá

olhar com suas sacolas de compras nas mãos. Vários policiais impediam que os pedestres chegassem perto do local do acidente. Nerea conseguiu abrir passagem até a beira da calçada. Seu coração deu um pulo tão grande que por um segundo teve medo de desmaiar. Recuou no mesmo instante, mas era tarde demais, pois já tinha visto aquilo que não devia ter visto, a imagem física da morte, o corpo inerte, coberto com uma manta que deixava os pés de fora, ao lado do bonde parado, ao lado dos socorristas que nada faziam porque não havia mais nada a fazer.

O mapa de Frankfurt, sem o qual ela não conseguiria encontrar o hotel, tremia em suas mãos. *Aita, aita*, dizia. E alguns transeuntes se viravam para olhar aquela mulher de aspecto estrangeiro que vinha andando depressa, aos soluços. Na recepção não conseguiu evitar que sua voz ficasse embargada ao pedir que a acordassem às cinco da manhã. Um táxi a levou bem cedo para o aeroporto.

84
Bascos assassinos

A ideia de irem a Zaragoza foi de Xabier. E a propôs, convincente, aos pais, e assim os três saíram bem cedo para aproveitar melhor o dia, com Xabier ao volante. Um domingo de fim de janeiro daquele ano fatídico, mas eles ainda não sabiam desse detalhe. Motivo, ou melhor, desculpa, para a viagem: a Real Sociedad ia jogar em Romareda a partir das cinco contra o Real Zaragoza. Xabier disse ao pai que tinham mudado o turno de trabalho de Aránzazu. Uma sacanagem. Ela não podia ir. Que não gostava de viajar sozinho, que era uma pena perder as duas entradas, que tinham custado umas boas pesetas. Txato, antes de responder, olhou pela janela. Observou brevemente a única coisa que se via dali: nuvens. E disse, como se a resposta tivesse acabado de lhe chegar dos céus, que sim, que iria com todo prazer a um jogo da Real, apesar de serem todos uns bundões.

Bittori não olhou para lugar nenhum; aderiu à viagem sem vacilar. O futebol? Não ligava. Desde o final do ano não via Nerea. Mãe controladora, mãe curiosa, queria aproveitar e dar uma olhada no apartamento novo. Conhecia o anterior, o da rua Torrero que ficava bem longe da universidade. Achou bom. Limpo e coisa e tal. Mas ela ainda não tinha examinado esse de agora. Vamos ver, vamos ver.

No caminho, pai e filho decidiram se encontrar com Nerea em algum lugar que não fosse o apartamento da garota. Caso contrário, segundo Xabier:

— Ela vai pensar, com toda a razão, que viemos passar o dedo nos móveis.

— Mas veja bem, limpeza não faz mal a ninguém.

Txato não se manifestava.

— *Ama*, ela mora com duas colegas. Não podemos aparecer no apartamento feito um batalhão de fiscais.

— Eu não disse isso.

— E se ela estiver com uma visita particular?

— Ela sabe da nossa viagem desde quinta-feira.

— Talvez eu esteja me expressando mal. Quando se diz visita particular, significa visita íntima.

— Quanto cuidado.

É que Bittori tinha que subir ao apartamento de Nerea de qualquer maneira. Por

quê? Porque tinha levado um frasco de lula em sua tinta feita por ela, tomate em conserva, vagem (a 280 pesetas o quilo, só pode ser de ouro), feijão-branco de Tolosa e outras coisas que enumerou, sozinha no banco traseiro, tocando sucessivamente com o indicador as pontas dos dedos da outra mão.

— Vocês têm que entender que não posso ficar andando por Zaragoza cheia de comida.

— Se você tivesse avisado, teríamos vindo de caminhão. Acha que nossa filha está passando fome? — interveio Txato.

— Você, cala esse bico.

— Por que eu tenho que me calar?

— Porque você não é mãe e porque estou dizendo.

Fizeram uma parada em Valtierra a pedido de Bittori. E, enquanto ela ia aliviar sua urgência, pai e filho desceram do carro para esticar as pernas. Um deles sugeriu, sem entusiasmo, que fossem à lanchonete. O outro era partidário de perder o mínimo de tempo possível, por isso ficaram onde estavam. Txato, ainda fumante naquela época, acendeu um cigarro.

— Na sexta-feira enfiaram miúdos de frango na nossa caixa de correio. Foi um horror. E o fedor, melhor nem lembrar. A *ama* não quer que eu conte nada. Para não te preocupar.

— Se eu pudesse, obrigaria vocês dois a saírem da vila hoje mesmo, assim que voltarmos de Zaragoza.

— Mas não pode. Já limpamos a caixa. Eles não vão me assustar. É gente da vila. Quem pode ser? Garotos. Mas, se eu pegar um deles, vai levar uma punição que nunca mais vai esquecer. Você sabe como é o meu advogado.

Xabier deu uma olhada em volta.

— Por que você não transfere a empresa para cá? Olha só estes campos. Quanta paz. Tem a estrada aqui perto. Em um instante você está em Euskadi. O que me diz?

Txato imitou o olhar exploratório do filho.

— É um pouco seco aqui.

— Mas pelo menos dá para respirar.

— Na vila também tem ar. E também tem funcionários e mecânicos e motoristas, não se esqueça. Eu não conheço ninguém aqui.

— Não vou ficar te aporrinhando toda vez que nos encontramos. Só digo que, se acontecer alguma coisa ruim com você ou com a *ama*, eu nunca vou me perdoar.

— Ora, não precisa ficar agoniado. Sua mãe tinha razão. Não sei por que fui contar para você.

Às dez avistaram as primeiras casas de Zaragoza. O tempo estava mais para frio (nove graus segundo um termômetro de rua), porém seco. Não encontraram vaga para estacionar na rua López Allué, apenas numa paralela. E afinal, depois de tanto debater, os três entraram no apartamento de Nerea. Ela mesma insistiu que subissem.

Na escada, Bittori se permitiu uma brincadeira.

— Fica avisada. Estes dois vêm com a intenção de conferir se está tudo limpo.

— E as outras inquilinas? — perguntou Txato já dentro do apartamento.

— Não estão. Às vezes elas passam o fim de semana na casa dos pais.

A família completa. Quando tinha sido a última vez que os quatro se reuniram? Na noite do Ano-Novo. E quando será a próxima? Não haverá próxima, mas eles não sabem disso. Um ano depois, Bittori lembraria Txato disso, sentada na beirada do seu túmulo.

— Foi a última vez que nós quatro estivemos juntos, lembra? — Fez de conta que o falecido, debaixo da laje, duvidava. — É claro que tenho certeza. No verão seguinte, Nerea só ficou uma semana e pouco em casa. E nessa época Xabier estava viajando, de férias com aquela enfermeira louca para casar com ele. Ah, minha memória é muito boa!

Txato tinha esse costume bem típico dele. Bittori o interpretava como uma forma de marcar território. Era como um cachorro que vai deixando seu testemunho de urina por onde passa. Só que Txato fazia isso com dinheiro. Embora ele tenha tentado disfarçar, ela, que vê até o que não vê e se não vê sente o cheiro, o surpreendeu escondendo duas notas de cinco mil pesetas no quarto de Nerea, embaixo de um livro, convicto de que ninguém estava olhando.

— Que generoso você era, marido. Principalmente com a sua filha, a favorita, que depois não veio à missa nem ao enterro.

Nerea mostrou o apartamento à família. Isto aqui assim, aquilo ali assado. Também mostrou, sem que entrassem, mas para que tivessem uma impressão visual, os quartos das colegas. Eles, um batalhão benévolo de inspetores, a seguiam pela casa toda com gestos e comentários de aprovação. E Txato, que parecia comovido vendo a filha numa casa, numa cidade, num ambiente para ele desconhecidos, disse a mesma frase em três momentos:

— Se precisar de alguma coisa, já sabe.

Na terceira, Bittori cortou:

— Não precisa repetir a mesma ladainha.

Os quatro saíram. Nerea os guiava pela rua, de braço dado com o pai. E percorreram devagar, conversando, num clima bom, toda a Gran Via, o Paseo de la

Independencia, pouco movimentado àquela hora, e o Tubo, onde pairava um cheirinho de fritura. Embora ainda não fosse meio-dia, Txato já queria saber onde havia um bom restaurante. Os quatro entraram na Basílica do Pilar. Bittori se ajoelhou para fazer umas preces à Virgem. Ela ainda tinha fé. Os outros esperaram lá fora a devota que quis ser freira, a irmã Bittori. Riram, cúmplices na gozação, agora que ela não estava ouvindo. E viam pela praça pessoas com o brasão da Real Sociedad. Algumas, reparando no cachecol azul e branco de Xabier, o cumprimentavam.

— Quem são? — perguntou Txato.

— Não faço ideia.

A comida? Boa. Só quem se queixou foi Bittori, na hora de pagar, convencida de que:

— Perceberam pelo sotaque que não somos daqui e disseram: vamos meter a mão nesses daí.

Os outros membros da família discordaram, unânimes na opinião de que, em relação a San Sebastián, haviam cobrado um preço razoável. Já na rua, Nerea confirmou que Zaragoza (aluguéis, alimentação, lazer) era uma cidade onde se pode viver tranquilamente com menos dinheiro do que em outros lugares.

Bittori, que não sossegava, disse:

— Pois continuo achando que nos enganaram.

Na praça da Espanha, Txato e Xabier pegaram um táxi que os deixou perto do estádio de futebol. As mulheres foram primeiro a uma sorveteria no Paseo de la Independencia; depois voltaram a pé para o apartamento, onde Bittori, não se meta, teimou que ia limpar os vidros das janelas. Então, no embalo, foi para o banheiro e os móveis da cozinha. E olha que, na sua opinião, repetidamente manifestada, o apartamento estava limpo.

— Mas é que eu não sei ficar à toa.

Enquanto isso, pai e filho estavam em pé em uma curva do estádio, misturados na torcida *donostiarra*. Os jogadores ainda nem tinham entrado em campo quando, da arquibancada vizinha, começaram a chover insultos: etarras, bascos de merda, bascos assassinos e coisas assim. Eles respondiam cantando e agitando *ikurriñas* e bandeiras azul e branco, e diziam uns aos outros:

— Não liga, nós viemos aqui para incentivar o time.

Txato ficou incomodado.

— Eu não esperava por isso.

— Tudo bem, *aita*. Tem campos bem piores do que este. É só uma questão de se acostumar e praticar a surdez.

— Estão muito perto. Dali podem jogar pedras na gente.

— Fica tranquilo. Tudo isso faz parte do ritual. E, como nós vamos ganhar, nossa vingança será ver essa gente soltando fumaça pelas orelhas.

O Zaragoza ganhou de 2 a 1 graças a um pênalti cobrado e convertido pelo goleiro. Quando faltavam dez minutos para o final do jogo, o resultado ainda era zero a zero. E a vitória suavizou os ânimos do público local, que agora se limitava a dar bananas para a torcida azul e branco. Fora do estádio, com o céu já escuro, Xabier guardou o cachecol num bolso do casaco.

— Prefiro não provocar, sabe? Temos que ser prudentes.

Levaram um bom tempo para conseguir um táxi. Por fim, passou um que os levou para a rua López Allué. Lá se despediram de Nerea. Beijos e abraços no portão.

— Filha, se precisar de alguma coisa, já sabe — disse Txato quase chorando.

Voltaram para o carro. Tinham quebrado os dois espelhos retrovisores e, dos dois lados, afundado, a pontapés?, a carroceria. Os outros carros, na frente e atrás, estavam intactos. Bem, pelo menos conseguiram voltar para casa.

— Não pensem que eu não tinha imaginado — comentou Xabier, no caminho.

— Imaginado o quê?

— Que era arriscado deixar o dia todo na rua um carro com placa de San Sebastián.

Também tinham destruído os limpadores de para-brisas. Só descobriram isso mais adiante, na área de descanso de Imárcoain, onde Bittori quis parar porque precisava ir urgentemente ao banheiro.

Acendendo um cigarro, Txato disse para Xabier:

— Não se preocupe com o conserto. Eu resolvo.

— Não resolve nada.

— Eu pago.

— Não paga nada.

E ficaram nisso até Bittori voltar.

85
O apartamento

Txato delegou a compra do apartamento em San Sebastián a Xabier, que por sua vez delegou a tarefa a Aránzazu depois que ela disse:

— Pode deixar comigo, *maitia*, que vou falar com meu irmão. Ele entende dessas coisas.

O que Txato não queria era um palácio que custasse um dinheirão.

— Nunca vivi com luxo e nem preciso disso.

— Mas não vai querer levar a *ama* para uma palhoça, certo?

— Fora da vila, a *ama* jamais vai se sentir à vontade em lugar nenhum.

— Sugiro que você veja essa compra como um investimento.

Txato não estava muito seguro quanto à ideia de ir morar em San Sebastián, pelo menos não no curto prazo. Xabier insistia na urgência da mudança. E Nerea também, desde que soube das pichações nas paredes da vila. Esses dois se mancomunaram pelas minhas costas. Txato cedeu ou fez de conta que cedia para não entrar em atrito com os filhos. Deixou o tempo passar, ficava enrolando e, sim, por fim aceitou comprar um apartamento em San Sebastián, mas disse que só sairia da vila se as coisas ficassem muito feias.

— Elas já estão feias.

— Mais feias ainda.

E afirmou que não se abandona o barco quando começa um temporal, só quando ele afunda. Que por isso ou por aquilo infernizavam a vida deles? Bem, então Txato e Bittori se instalariam em San Sebastián, onde ele estudaria, com calma?, vamos ver, a forma de transferir a empresa para La Rioja ou outro lugar perto de Euskadi para se distanciar o mínimo possível da maioria dos seus clientes.

— E então sua irmã poderia usar o apartamento novo, porque ela vai ter que morar em algum lugar quando terminar a faculdade.

Pouco tempo depois o irmão de Aránzazu ofereceu a Txato duas possibilidades de compra. As duas de apartamentos de particulares, cujo preço podia ser negociado diretamente com os respectivos proprietários. O irmão de Aránzazu se expressava bem, tinha boa pinta (e muito fixador no cabelo). Ele concluiu:

— Duas pechinchas, pode acreditar.

Se Txato não comprasse, ele compraria. Segundo Aránzazu, o irmão vivia disso, de vender caro o que comprava barato. E depois, com o lucro, passava três ou quatro meses seguidos viajando pelo mundo.

Para Txato, essa ideia de não trabalhar de segunda a domingo o ano inteiro parecia meio estranha. Xabier lhe pediu com gestos que não fizesse esse tipo de comentários. Txato mudou de assunto.

— Bem, bem, vamos ter que dar uma olhada neles.

E, mesmo achando que Bittori vetaria os dois apartamentos, levou-a para que desse seu parecer. O do bairro de Gros, espaçoso, com vista para o passeio da Zurriola, ela achou frio, escuro, muito exposto à umidade do mar. E, além do mais, era no quinto andar. Nem pensar. O outro, na rua Urbieta, causou uma impressão negativa por causa do assoalho gasto, do pé-direito muito alto, do barulho, é muita coincidência, de uma furadeira no apartamento de cima, de onde deduziu que as paredes não eram grossas o suficiente, e dos sons vindos da rua.

— Daqui sinto o cheiro da fumaça dos carros.

Como dizia Txato: nem Deus entende essa mulher. Em casa, ela insistia na conveniência de sair da vila, levar os caminhões para um lugar mais calmo e deixar para trás toda essa gente ruim e invejosa daqui, mas, quando ele tomava alguma iniciativa visando mudar de ares, Bittori sabotava.

Um tempo depois, Aránzazu trouxe a notícia de outro apartamento à venda. Citou as palavras do irmão: que seria uma loucura desperdiçar aquela pechincha. Sempre as pechinchas. Dessa vez, pai e filho decidiram deixar Bittori de fora da operação de compra. Subiram a pé um trecho da ladeira de Aldapeta.

— Você vai ver como a *ama* vai reclamar desta subida.

Analisaram o apartamento. Terceiro andar com elevador, propriedade de três herdeiros em conflito, com pressa para converter em capital a propriedade que estavam vendendo a um preço baixo. E o irmão de Aránzazu, em nome de Txato, comprou-o por um preço considerável, mas, mesmo assim, muito mais baixo do que os três donos poderiam conseguir se fossem mais espertos.

Bittori também não esteve presente na entrega das chaves. Mas eles não puderam esconder a compra por mais tempo. Aránzazu foi buscá-la de carro e, enquanto as esperavam, tarde bonita, boa temperatura, Txato e Xabier ficaram na varanda. Tinha vista para a ilha de Santa Clara. Para Urgull, o cume do monte Igueldo e uma faixa de mar sob o céu amarelo do ocaso.

— Isto aqui é bonito. A *ama* vai gostar.

— Até parece que você não conhece a peça. Mesmo se ganhasse de presente o Alhambra de Granada, essa mulher iria preferir morar na vila.

Pai e filho se debruçaram no parapeito. À sua frente, um castanheiro-da-índia cuja copa chegava a menos de um metro do terceiro andar. Olhavam as casas próximas, os carros estacionados, a rua deserta. Lugar calmo, vizinhança boa.

— Você está variando o trajeto que faz para ir ao trabalho?

— Às vezes, quando me lembro.

— Você me prometeu.

— Olha, se quiserem me pegar, eles vão me pegar. Posso ir hoje por aqui, amanhã por ali. Mas, com certeza, mais cedo ou mais tarde vou passar por onde estão me esperando.

— A sua tranquilidade me preocupa.

— Você quer que eu fique nervoso?

— Nervoso, não. Alerta.

— Sabe, Xabier, os canalhas que me telefonam para xingar e ameaçar, e também os que fazem as pichações, não me preocupam nem um pouquinho. Eles não me enganam. São gentinha lá da vila. O que querem? Querem que eu fique em casa me cagando de medo ou vá embora para outro lugar. Mas eles não me metem medo nenhum. A *ama* acha que nos perseguem porque deixamos de ser pobres. Eles nos conheceram em tempos mais difíceis, quando éramos como eles: uns infelizes. Agora veem que temos um filho médico, uma filha que estuda, me veem com os meus caminhões, e não suportam ver essas coisas. Então, de um jeito ou de outro, tentam infernizar a nossa existência. Acham que tudo o que eu tenho foi roubado. Então que trabalhassem como eu trabalhei, porra.

— Se eles são maus, mais um motivo para tomar precauções.

— Ora, deixa eles virem. Eu os convido para jantar, sabe. E, se encherem muito o meu saco, este ano ficam sem doação para as festas. Aí vão ver quem é Txato. Sou mais basco que todos eles juntos. E eles sabem disso. Até os cinco anos, eu não falava uma palavra de castelhano. Meu pai, que descanse em paz, teve a perna destroçada por uma rajada de metralhadora ao defender Euskadi na frente de batalha de Elgueta. Já velho, ainda rangia os dentes toda vez que tinha câimbra. O que foi, está doendo?, perguntávamos. Foda-se Franco e a puta que o pariu, respondia. E pegou três anos de prisão, só não foi fuzilado por milagre.

— O que quer dizer com isso tudo, *aita*? Você acha que o ETA está interessado no que aconteceu com seu pai?

— Porra, eles não dizem que defendem o povo basco? Se eu não sou o povo basco, pois me diga quem é.

— *Aita*, por favor! Você tem que se convencer de que o ETA é, como vou dizer?, um mecanismo de ação.

— Se não quer que eu entenda, continue falando difícil desse jeito.

— O ETA tem que atuar continuamente. Não tem outro jeito. Faz tempo que caiu no automatismo da atividade cega. Se não fizer barulho, não é, não existe, não cumpre nenhuma função. Essa forma mafiosa de funcionamento está acima da vontade dos seus integrantes. Nem os chefes podem escapar dela. Certo, eles tomam as decisões, mas é só fachada. Não têm como deixar de tomá-las porque, uma vez que ganhou velocidade, a máquina do terror não pode parar. Entendeu?

— Não, não entendi nada.

— É só ler os jornais.

— Acho que você se preocupa demais.

— Mataram a sangue-frio Yoyes, que tinha sido dirigente do grupo. Não têm compaixão entre eles mesmos, e você quer que tenham de nós porque teu pai lutou há cinquenta anos num batalhão de *gudaris*? Ora, ora. O que me preocupa é a sua ingenuidade.

— Filho, eu não estudei como você. Tudo o que está dizendo me soa a filosofia. Não consigo entender como gente que diz defender o *euskera* mate *euskaldunes*. Que gente que quer construir Euskadi mate bascos. Matar guardas civis ou gente de fora é outra coisa. Eu acho errado, mas na lógica do terrorista não deixa de ter sentido.

— Essa lógica não existe. É tudo um delírio, e provavelmente um negócio.

— É melhor deixar a coisa esfriar. Com o tempo, eles se esquecem de mim. Você vai ver. Algumas pessoas da vila não falam mais comigo? Que se fodam. Olha, a única coisa que me chateia é não andar de bicicleta aos domingos. Mas, fora isso, não estou perdendo nada.

O carro de Aránzazu desceu a rampa em baixa velocidade. A primeira a saltar foi Bittori. Olhou, com a cara amarrada, para cima; descobriu o marido e o filho debruçados na varanda. Não esperou até chegar ao apartamento. Disse da rua, sem a preocupação de ser ouvida nas outras casas:

— Já vi que comprou sem me consultar.

Txato confidenciou para Xabier:

— Essa, sim, me mete medo. Tem um gênio!

86
Tinha outros planos

Da cama ouvia a chuva. Um rumor cinzento que parecia lhe dizer: Txato, Txato, acorda, levanta e vem se molhar. E talvez para adiar o momento de se expor ao tempo inclemente, ou por causa da luz esmaecida filtrada pela cortina que lhe dava preguiça e peso nas pálpebras, ou porque, cancelado o seu compromisso com um cliente em Beasáin, não tinha muita coisa a fazer no escritório essa tarde, estendeu a sesta para além do tempo habitual. O que isto quer dizer? Que dormiu uma hora inteira, sem sonhos nem preocupações, enquanto normalmente vinte ou trinta minutos eram mais que suficiente.

Sentado na beira da cama, teve vontade de acender um cigarro, mas não. Vício superado, mas a tentação continuava provocando-o de vez em quando. Cento e quatorze dias antes havia fumado o último. Não perdia a conta, e em torno dela ia enchendo diariamente um bolão de orgulho. Houve alguns casos de câncer de pulmão e de esôfago na sua família. Também na de Bittori, e também na vila. Ele não queria enfrentar a mesma sorte. Tinha outros planos.

Calçou os sapatos. O que eu faço? Pergunta supérflua, vindo deste homem que se fosse solteiro estaria morando no escritório. Além de tudo, tem que vigiar. Não pode confiar nos empregados, não pode deixá-los sozinhos. E se o telefone tocar? De repente, estava com pressa. Pressa? Era culpa por ter preferido a cama ao trabalho durante mais de uma hora. E esticou a colcha o melhor que pôde para que Bittori, de noite, não viesse com reclamações.

Na sala, em cima da mesa, continuavam os óculos de leitura e o jornal aberto na página das palavras cruzadas. Se tivesse dormido menos, tentaria terminar. A maldita ilha filipina de quatro letras, que já tinha aparecido outras vezes e ele nunca lembra o nome. Fruta comum nos vales pireneus. A menor ideia. E, sentada no sofá de braços cruzados, Bittori abriu preguiçosamente as pálpebras ao ouvi-lo entrar. Que horas eram.

— Quase quatro.

— Ficou preso na cama?

Decepção na cozinha: não havia café, só um restinho já frio, sobra do café da manhã, na cafeteira. Txato rosnou entre os dentes. Bittori, que dorme sem dormir,

que nunca dormia totalmente, nem de noite, ouviu.

— Vou fazer.

Pelo visto, ele queria que fosse como sempre, porque já estava preparado para não ter que esperar e sair voando para o trabalho. Não sem um leve sentimento de mágoa, alegou pressa.

— Este aqui serve.

Dizendo isso, bebeu aquele líquido escuro diretamente da jarra. Bittori continuou amodorrada no sofá. O gosto amargo do gole obrigou Txato a fazer uma careta. E afinal, depois de resmungar um palavrão, surgiu no vão da porta. Não se aproximou de Bittori nem ela foi até ele. Despediu-se, não seco, isso não, mas lacônico.

— Até a hora do jantar.

Bittori balançou a cabeça em sinal afirmativo, como que dizendo: eu respondo à saudação, mas estou morrendo de sono, não quero falar, conforme-se com este gesto. E voltou a fechar as pálpebras.

Na escada, Txato acendeu a luz. O cinza profundo da tarde se espalhava por todos os lados, roía as cores, espessava as sombras. E chegando ao portão, Txato deu uma olhada no interior da caixa de correio. Não procurava correspondência. O carteiro já havia passado de manhã. Às vezes enfiavam lá porcarias ou papéis com palavrões e ameaças; se bem que fazia uns dois meses que os tinham deixado em paz quanto a isso. Em compensação, dias antes seu nome havia aparecido no muro do coreto dentro de um alvo. Uma vizinha, sussurrante, foi contar a Bittori. Sabe o quê? Se não fosse ela nem tomariam conhecimento, porque fazia tempo que nenhum dos dois ia à praça. Enfim, uma sacanagem. Pois uma coisa é te aporrinharem e ofenderem, e outra o próprio pessoal da vila (bem, alguns) pedir a tua morte.

Saiu pelo portão, mas não totalmente. Deu um passo para fora do prédio. Na mesma hora, recuou. Chuva e cor de chumbo. Não se viam carros; bem, sim: um furgão se afastava naquele instante no final da ladeira. Ninguém andando na rua apesar da hora; mas é que caía um toró. Parado na soleira, pensou em voltar para buscar o guarda-chuva. Ora, ela deve estar dormindo e, afinal, daqui até a garagem é um pulo. Txato tentava juntar ânimo para começar a correr. Antes, lançou um olhar investigativo para as nuvens sem a menor esperança de que a chuva parasse.

Lá estava a faixa, acima da rua, estendida entre a sua varanda e o poste de luz em frente. PRESOAK KALERA, AMNISTIA OSOA. De tempos em tempos penduram uma, nem sempre de conteúdo político. Também havia as relacionadas com as festas da vila. Há vários anos lhe pediram, ele consentiu, sem muito

entusiasmo; mas, olha, não vamos criar caso com o pessoal da vila, especialmente com os rapazes. Então, vez por outra eles vêm com uma escada e amarram a ponta de uma faixa no peitoril. E por que bem na sua varanda, e não naquela mais para cá ou mais para lá? Por causa deste poste de merda, que tinha que ficar bem aí em frente.

Numa das vezes em que encheram de imundícies a sua caixa de correio, entrou em casa furioso. Bittori, ao vê-lo acelerado, vociferante, com uma faca na mão, perguntou aonde você vai.

— Vou cortar as cordas da faixa.

Ela se interpôs.

— Não vai cortar coisa nenhuma.

— Sai da frente, Bittori, que estou soltando fogo pelas ventas.

— Pois pode apagar esse fogo. Não quero mais problemas além dos que já temos.

Bittori não saiu da frente, e Txato, amaldiçoando e xingando, até jogou a boina contra a parede com raiva, mas teve que se resignar a que amarrassem uma faixa no peitoril da varanda de vez em quando.

Como fazia quando era criança, contou:

— *Bat, bi, hiru.*

E saiu em direção à garagem. Correndo? Só os três primeiros passos. Depois reduziu a velocidade. Na verdade não estava andando, para não prolongar o tempo de exposição à chuva, nem correndo, para não escorregar no chão molhado. Avançou num trotezinho de homem maduro bundudo. Percurso de uma dúzia de metros, já nem isso. Afinal, tinha roupa seca no escritório para se trocar.

E como chovia. Puta que me. Parecia até que as nuvens o estavam esperando para desabarem de repente todas juntas em cima dele. Na beira da pista havia se formado um arroio. Ainda não eram nem quatro da tarde e já parecia que a noite entrava na vila. E a essa hora ainda é cedo para acender a iluminação pública.

Uma figura jovem, ágil, imprecisa, surgiu entre dois carros estacionados junto à calçada em frente. O capuz impediu Txato de ver seus olhos. Vinha na sua direção, mas não diretamente. Quem? Um indivíduo de pouco mais de vinte anos, algum rapaz da vila que se protegia do temporal abaixando o rosto. Dando um pulo, alcançou a calçada por trás do Txato. Txato seguiu seu caminho, e já faltava pouco para chegar à esquina.

Então, às suas costas, muito perto, soou um tiro.

E depois outro.

E outro.

E outro.

87
Cogumelos e urtigas

Fazia tempo que corriam boatos inquietantes sobre a situação financeira da fábrica. Falavam de, diziam que. E Guillermo começou a dormir pouco e mal à noite, e a temer por seu emprego. Seu filho Endika tinha dois anos e meio na época. E a menina ainda não havia nascido, mas já estava a caminho. Ele e Arantxa, adaptados à sua vida simples, de classe média baixa com esperança de prosperar no futuro, eram felizes ou se julgavam/diziam felizes, o que, na opinião de ambos, é a mesma coisa, mas isso vai ruir quando faltar base econômica sob os seus pés.

Na cama, já tarde da noite:

— Sem o salário da fábrica quero ver como vamos fazer.

— Quem sabe você tem sorte e despedem outros.

— Quem?

— Fala mais baixo, que vai acordar o menino.

— Do pessoal do escritório, quem você acha que eles teriam mais motivos para despedir do que eu?

— Os de mais idade, assim ficam com os jovens. Olha, senão você encontra alguma outra coisa. Enquanto isso a gente se vira com o meu salário. Não é muito, mas é melhor que nada.

— Não dá, Arantxa. Eu fiz as contas e vi que não dá. Em breve seremos quatro bocas.

Ela não tinha lhe contado nada sobre um incidente na sapataria. Que incidente? Que a dona, que é seca que só ela, reclamou que Arantxa devia ter esperado mais um tempo para ficar grávida. E depois, por intermédio de uma colega de trabalho, soube que a dona andava falando mal dela pelas costas. Preferiu não contar nada a Guillermo, pois não queria aumentar as preocupações dele.

Guillermo, caviloso, angustiado, obcecado:

— Pode esquecer as férias, o carro novo e tudo o mais.

— Fica tranquilo, homem. Você vai ver que tudo dá certo se nós lutarmos juntos.

— Eu queria que fôssemos felizes, mas não conseguimos. Será que não dá para ser feliz neste mundo? Eu não sei para que nascemos.

— Guille, por favor. Felicidade perfeita só existe nos filmes. Você está pedindo muito.

— Eu não peço, exijo. Sou um homem trabalhador, cumpridor dos meus deveres. Faço o que me mandam. E faço bem. Quero a minha parte, a minha modesta parte.

Uns dias depois, voltou para casa antes da hora habitual. Pôs a carta de demissão em cima da mesa da cozinha e ficou um bom tempo apertando Endika contra o peito. Dois aninhos aquela criança, e ele sem trabalho, sem perspectiva de futuro: um inútil.

— Não diga isso.

— É isso que eu sou. Um sujeito que é demitido e a fábrica sem ele continua funcionando tão bem como antes. O típico coitado que precisa que a mulher lhe dê uns trocados para tomar uma cerveja no bar.

Guillermo: um homem à deriva. Subia a colina de manhã, voltava com morangos silvestres, cogumelos, urtigas. Dava aulas sentado à mesa da cozinha: que as urtigas são comestíveis, que podem ser bebidas como infusão. O caso era se convencer de que alimentava a família. Saía ao amanhecer, transformado num montanhês com suas botas e sua mochila de coletor de frutos. E trazia de tudo, até maçãs, sabe-se lá de que pomar, e galhos de aveleira que depois cortava em pauzinhos para fazer um castelo para o menino. Outras vezes, se o tempo permitia, ia pescar com seu caniço na entrada do porto ou nas pedras de Jaizquíbel. Ficou taciturno, a testa enrugada, olhar zangado, amigo da solidão, e não podia ser contrariado porque pulava na mesma hora. E quando Ainhoa nasceu, a coisa piorou.

Na primeira vez que pegou a menina no colo, disse-lhe:

— Que azar, pequena. Você nasceu em casa de pobre.

Frequentemente interrompia seus longos silêncios para soltar afirmações deste tipo, sempre com um tom de ressentimento nas palavras. Arantxa se calava, sofredora, resignada, para não piorar a situação. Às vezes não aguentava. Que merda, eu também tenho meus sentimentos. E manifestava seu ponto de vista procurando não se alterar.

— É uma ferida no seu amor próprio.

— O que você sabe, sua bobalhona?

Neste tom. Melindroso, agressivo, com amargura. E nada de benzinho, querida, meu amor, como antes. Na cama, ela deixava. Porque, claro, se ele ficar sem isso, entra em parafuso e me agride. Eram uns coitos rotineiros, sem prazer para ela, de rápido desafogo para ele. Ternura, zero. Tampouco o contrário, isso não. Mais como uma formalidade, fazendo um som triste de barrigas entrechocadas.

Guillermo, poucos dias depois de ficar desempregado, já estava deprimido, já falava essa bobagem de se jogar na linha do trem. E mais tarde começou a prever, na presença dos filhos, tão pequenos, um futuro tenebroso com frases um tanto empoladas que as crianças não entendiam nem eram ditas para que entendessem. Subitamente se debruçava sobre o berço de Ainhoa e lhe pintava, com um discurso para adultos, um panorama atroz de privações. E com Endika fazia o mesmo. De repente o pegava nos braços e dizia alguma coisa negativa, agourenta, desgostosa.

Das tarefas domésticas se ocupava menos que quando trabalhava na fábrica de papel. O motivo? Porque achava humilhante passar o aspirador, lavar a louça, limpar os vidros.

— Não nasci para ser dona de casa.

— Ah, e eu sim?

Era nessas situações que Guillermo falava seriamente em se jogar na linha do trem ou beber uma garrafa de água sanitária. Arantxa ficava irritada, cerrando os dentes, os olhos úmidos, mas via ao seu lado os dois filhos tão tenros, tão frágeis, e preferia conter-se. Havia dias em que desabafava com uma colega do trabalho. Contava uma coisa, contava outra, detalhes desconexos, mas não o todo nem as partes mais íntimas, já que as duas não eram unidas por uma amizade íntima. Amigas, amigas mesmo, Arantxa não tinha. O casamento a afastara da turma da sua vila. Em Rentería, só se relacionava com as vizinhas de maneira esporádica e, mais frequentemente, com gente do círculo de Guillermo. De resto, preferia arrancar um olho que contar tudo à sua mãe. Miren sabia que o genro estava desempregado. E sequer pensou em perguntar se precisavam de ajuda.

Arantxa se abriu foi com Angelita e Rafael. Contou-lhes inclusive que o filho ameaçava se jogar na linha do trem e beber água sanitária. Responderam, ele: não se preocupe; ela: pode ficar tranquila. E os socorreram com uma generosidade irrestrita. Rafael pagou a hipoteca da casa durante um ano; Angelita ia toda semana ao supermercado com Arantxa e pagava as compras (o carrinho cheio até em cima) com seu cartão. E Guillermo? Nem desconfiava. Estava muito ocupado andando na colina atrás de urtigas e falando sozinho.

Até que, dez meses depois de ter perdido o emprego, lhe ocorreu uma coisa inesperada. Numa tarde como tantas outras, empurrando o carrinho de Ainhoa na praça de Los Fueros, Guillermo se encontrou com seu amigo Manolo Zamarreño. E Manolo o viu, fez gestos pedindo que parasse e veio, todo sorridente. Tinha uma notícia esperançosa e algo mais. O quê? Um número de telefone anotado numa folha de papel. Que ligasse sem falta, se fosse possível ainda hoje, pois havia uma vaga no escritório do hipermercado Mamute, precisavam urgentemente de um

substituto.

— Telefona. Talvez você tenha sorte, não perde tempo.

E foi assim que Guillermo trocou os cogumelos e as urtigas pelos números. Ganhava menos que na fábrica, mas ganhava. Em poucos dias, recuperou o bom humor e a vontade de viver. Ficou afável, brincalhão, generoso, e pediu desculpas a Arantxa pelos meses difíceis que a fizera passar, mas que entendesse, por favor, que em todo aquele tempo ele tinha padecido de uma angústia muito grande.

— Dois filhos, não poder alimentá-los, você sabe.

Com o primeiro salário que recebeu, convidou-a para jantar num restaurante. Certo dia, na volta do trabalho, lhe trouxe uma rosa. Arantxa colocou-a num recipiente com água, sem muita cerimônia porque Ainhoa estava chorando no quarto como sempre. E na manhã seguinte, assim que ele saiu de casa, Arantxa jogou a flor no lixo.

88
Pão ensanguentado

Era quinta-feira, 25 de junho. Guillermo e Arantxa tinham conseguido um jeito de tirar uma semana de férias ao mesmo tempo. Nem sempre era possível, mas dessa vez, sim. Na época, os dois trabalhando, podiam se permitir alguns luxos, embora modestos. E como as crianças já estavam um pouco maiores (Endika com seis anos, a menina com quase quatro), podiam fazer passeios sem as complicações e limitações que os bebês geralmente acarretam.

Ontem os quatro foram à praia de Biarritz; hoje era dia de almoçar na casa da *amona* Miren, e amanhã, pois veremos. Tinham comprado um carro usado. Nada de especial, mas suficiente para suas necessidades.

Problema daquela quinta-feira: não tinham pão para o jantar. Isto se resolve facilmente. Guillermo, quem me dera que todas as nossas desgraças fossem como esta, se ofereceu para ir rapidinho até a padaria e comprar meia peça grande. Perguntou, jovial, já com a porta aberta: quem queria ir com ele. Para separar as crianças que não paravam de brigar, Arantxa disse:

— Leva Endika, que está me irritando.

E ele (vamos, campeão) levou-o.

Uma quinta-feira que nunca mais vão esquecer, que podia ter custado a vida do pai e do filho. Não teriam sido os primeiros nem seriam os últimos. Concretamente, os dois passaram de mãos dadas ao lado da *scooter* preta onde o explosivo estava escondido. Guillermo, juro pela minha vida, se lembrava bem. Arantxa:

— Tem certeza?

Não tinha a menor dúvida, pois ficou irritado ao ver aquela lambreta estacionada em cima da calçada e comentou alguma coisa com o menino, algo assim como: isto não se faz, isto é errado, ou, enfim, qualquer coisa nessa linha.

Alguns metros à frente, na entrada da padaria, encontrou Manolo Zamarreño, que saía com um pão. Eram 11h05, talvez 11h10. E Manolo, enquanto trocava umas palavras circunstanciais com Guillermo, bagunçou o cabelo de Endika de forma carinhosa.

Na rua, ali perto, o segurança o esperava.

Segurança? Pois é. É que em dezembro tinham matado seu amigo José Luis num

bar de Irún, e ele ocupou seu lugar como vereador pelo Partido Popular na Câmara de Rentería. Guillermo, em casa, quando soube:

— Tem que ter colhão.

— Pois eu, Guille, se fosse dessas que vão à missa, rezaria por ele. É melhor que o Todo-poderoso o proteja. E se o eliminarem, nem pense em assumir o cargo, hein?

— Eu? Está louca? Eu quero viver.

Manolo estava no cargo havia poucos dias e, já de partida, queimaram seu carro. Depois o xingavam, faziam cartazes vexatórios usando a fotografia dele e escreveram seu nome dentro de um alvo. Mas ele não se assustava. Declarou à imprensa: "Aqui nasci e aqui fico." E, sim, ficou uma semana e mais algumas, não muitas, até a sua hora fatal naquela quinta-feira de junho em que desceu para comprar o pão diário e parou por uns instantes para falar com Guillermo.

Um estava entrando na padaria, o outro, saindo. Depois de uma conversa breve, Manolo começou a subir a rua com o segurança atrás. Guillermo ficou esperando a sua vez diante do balcão. De repente ouviu-se um estrondo descomunal. Endika caiu no chão. Barulho de vidros quebrados. Guille foi correndo levantar o menino. E lhe disse, paternal, acelerado, falsamente tranquilo:

— Não chora, não sai daqui, eu volto logo.

E saiu.

Na altura do número 7 tinha explodido a *scooter*. Manolo? Não o viu. Só via o segurança, sentado no chão, as costas apoiadas contra um carro, o rosto escurecido. Veículos danificados. Um silêncio momentâneo, espesso, fumegante. E depois já as primeiras vozes, gritos de mulher, gente (vizinhos) que vinha para olhar/socorrer.

E Manolo?

Ali. Onde? Entre dois carros, deitado sobre seu próprio sangue, muito sangue. Preto por causa da explosão, que aparentemente o havia atingido em cheio. Quase nu, só com a roupa de baixo e os sapatos. Num pulso via-se o relógio. E o pão que tinha acabado de comprar, partido ao meio.

Com o menino no colo, não olha, não olha, Guillermo foi obrigado a passar, antes que a polícia chegasse e fechasse a rua, perto do lugar dos destroços e do cadáver e do segurança sentado no chão.

— Você olhou? Diz a verdade.

— Não, *aita*.

— Jura?

— Não vi nada.

No caminho encontrou Arantxa, que vinha toda esbaforida com os olhos

alarmados.

— Vocês estão bem? O que houve?

— Manolo.

— Hein?

— Manolo.

Abria a boca e só lhe saía isto: Manolo.

— Manolo Zamarreño?

Ele confirmou, com o menino ainda no colo. Não foi necessário dar explicações. Arantxa, cara de estupor, bateu na testa com a palma da mão. E não falaram mais nada. Subiram às pressas para o apartamento onde ela, em seu ataque de pânico, tinha deixado o ferro ligado e a menina sozinha. Não demorou a ulular, longe, cada vez mais perto, já dentro do bairro, a primeira sirene.

Nisso o telefone toca. Angelita. O que houve. Mas que estrondo. Arantxa, na frente das crianças, contou sem contar, disse sem dizer, mas avisando que não estava sozinha, e sua sogra, imaginando a situação, afirmou que tinha entendido.

Guillermo instalou seu desalento/indignação na cozinha como quem finca um poste na terra, e daqui ninguém me tira, sentado à mesa com a cabeça entre as mãos. O resto da família se retirou para o quarto das crianças. Estas acompanharam a mãe num silêncio intimidado. É que o pai estava gemendo de forma escandalosa. Arantxa levou o radinho. De orelha encostada no aparelho, em volume baixo, depois de algum tempo teve a confirmação definitiva: atentado a bomba, bairro de Capuchinos, um morto.

Fez uma trança em Ainhoa. Desmanchou. Voltou a fazer. Ainda faltavam duas horas para ir jantar na casa dos seus pais, mas precisava de uma ocupação qualquer para preencher o tempo e recuperar a calma e se entregar ao alívio, ao enorme alívio, ufa, de estar com seus filhos, tocá-los, senti-los, saber que estão sãos e salvos.

Endika, quieto ao seu lado, segurava uma ponta da sua saia como quem se segura dentro de um ônibus. A mãe deu alguns passos para pegar a sacola de grampos na gaveta da cômoda e o menino seguiu-a em silêncio. E na volta a mesma coisa, sem largar a saia.

Pela porta entreaberta chegavam, quase inaudíveis, em intervalos irregulares, os soluços declinantes, já mais graves que agudos, de Guillermo. A princípio, Arantxa, protetora dos filhos, teve vontade de fechar a porta. Mas mudou logo de ideia. Que escutem, que tomem conhecimento, que saibam em que tipo de país vão ter que crescer.

Na cozinha, Guillermo falava agora, vociferante, de política. Difamava o nacionalismo, envenenador de consciências, dizia, que jogava tantos jovens bascos

no caminho do crime. E distribuía culpas: o *lehendakari* com sua língua de duas pontas, o bispo hipócrita, os *abertzales* encharcados até as orelhas de sangue alheio e todos esses vizinhos malvados que informam ao ETA a que hora a vítima passa por este ou aquele lugar. Despeitado, arremedou:

— Aqui vocês têm um espanhol, podem matá-lo à vontade quando for comprar pão. Que ele é pai de família? Devia ter pensado antes de se meter a vereador. Que é boa pessoa e nunca matou uma mosca na vida? Tudo bem, mas é de um partido espanholista que nos oprime, e aqui existe um conflito.

Meu Deus do céu, será que este homem está falando com a janela aberta? Arantxa foi verificar.

— Vão ouvir.

— Pois podem ouvir à vontade.

A janela da cozinha estava fechada.

— Você não mora sozinho.

— Estou com um ódio feroz. É como se a urtiga estivesse ardendo por dentro do meu corpo. Arantxa, minha vida, diga alguma coisa que acabe com este ódio que está me dilacerando. Odiar é a última coisa que eu quero na vida.

— Desabafa, protesta, mas sem gritar. Da porta de casa para fora, bico calado. Combinado? Não vai me arrumar uma encrenca. Nós vamos ao enterro, daremos pêsames. Não temos por que perder a decência.

— No estado em que estou, você há de entender que não posso ir à casa dos seus pais. Vai sozinha com as crianças.

— Com toda certeza você não vai. Só falta que mencione meu irmão e fique discutindo com minha mãe, que virou uma fanática.

— O coitadinho do filho preso, um assassino de marca maior.

— Bem, esquece. Você me prometeu que nunca íamos tocar no assunto na frente dos meus pais. As crianças têm o direito de visitar os avós.

Por volta de uma e meia, Arantxa saiu de casa com as crianças bem arrumadas, limpas, cheirosas. Ainhoa foi dar um beijo no pai. Endika, atrás, com uma voz dengosa:

— Está triste, *aita?*

— Muito triste.

— Pelo que aconteceu com Manolo?

— Quer dizer, então você olhou.

— Mas com um olho só.

Abraçou o menino, abraçou Arantxa, foi com os três até a porta, viu-os descer o primeiro lance da escada e, quando se viraram para dar adeus, jogou um beijo com a

mão.

89
O ar no salão

Se Miren soubesse. Soubesse o quê? Que seus netos, quando não estavam na sua frente, às vezes a chamavam de *amona* má. De nada adiantavam os esforços de Arantxa para fazê-los mudar de opinião. Sabia: no máximo vão se calar para atender ao meu pedido, mas não posso impedir que sintam o que sentem.

Até na pequena Ainhoa, antes de fazer quatro anos, sentia-se em relação à *amona* Miren um bocadinho de rejeição, que no caso de Endika adquiria, dependendo da ocasião, uma forma de hostilidade aberta.

Era o contrário com Angelita e Rafael. Em parte porque eles conviviam mais tempo com as crianças, que viam diariamente, e dispunham de mais possibilidades de oferecer distração e afeto. Mas também porque eram agradáveis, generosos, divertidos, sem a aspereza e a severidade costumeiras de Miren, que não eram por má fé, mas porque ela era e sempre tinha sido assim, dura de temperamento, impaciente também com seus filhos, com seu marido e, na verdade, com todo mundo.

Quanto ao *aitona* Joxian, esse homem, na verdade, contava pouco. Bem, não contava em absoluto. Geralmente Ainhoa e Endika o viam uma ou duas vezes por mês; mas quando o viam, ele ficava sentado na cadeira, quieto, insípido, calado, sem iniciativa para propor atividades, e muitas vezes era como se não estivesse lá.

Certa vez Endika tinha perguntado à sua mãe por que o *aitona* Joxian fala tão pouco.

— Pois não deve ter nada para dizer.

— O *aita* diz que é porque o *osaba* Joxe Mari está na cadeia.

— Pode ser.

Na quinta-feira do atentado em Rentería, quando Arantxa chegou com as crianças na casa dos pais, o *aitona* Joxian ainda não tinha voltado do Pagoeta, motivo pelo qual Miren estava de cara amarrada.

Abriu a porta. Alegria? Nenhuma. Muito pelo contrário, aquele cenho áspero, aquele brilho irado nos olhos.

— Pensei que era o seu pai. Ainda não voltou do bar. Hoje ele com certeza vai ouvir.

Depois dirigiu-se aos netos com um carinho incisivo, os chinelos gastos, o avental salpicado de manchas de umidade. E será que não pensou em se arrumar, suavizar o rosto, dizer às crianças algo que as faça rir e ficar à vontade, ou então dar um presentinho, uma surpresa?

Não se abaixa o suficiente para que a beijem sem dificuldade. Então vai e critica Endika por ter entrado na casa sem cumprimentar ninguém.

— Comeram a tua língua ou o quê?

À menina, perguntou quem fez essa trança toda torta, e para Arantxa:

— Seu marido não vem?

— Não estava se sentindo bem.

E nem pergunta se está doente, ou machucado, nada. Mas por quê? É que não lhe sai. Se fuçarem nas suas intimidades, ela se defende dizendo que não fez outra coisa na vida senão trabalhar. A prova estava ali: a mesa servida, a casa toda saturada de cheiro bom de comida, o calor do forno. Tinha se esforçado outra vez. A manhã toda. Inclusive desde a véspera, que foi quando preparou o bechamel dos croquetes. Claro que estava cansada, firmemente convencida de que ninguém lhe agradece nada, faça o que fizer.

E sua obsessão pelo *euskera*. Uma atitude reivindicativa, exigente, cobrando de seus netos toda vez que a visitavam. Fazia perguntas para induzi-los a falar o idioma da pátria, e eles falavam com naturalidade e fluidez, embora com as limitações próprias da idade. E não era raro que, quando Guillermo estava presente, as crianças passassem ao castelhano sem perceber.

Miren intervinha áspera, rigorosa:

— Aqui falamos *euskera*.

O que era uma forma de isolar Guillermo. Frequentemente se comunicava com ele por intermédio de Arantxa.

— Pergunte ao seu marido se quer mais grão de bico.

E Arantxa, que remédio, se virava para Guillermo e traduzia a pergunta. Guillermo não perdia o senso de humor.

— Diz a ela que me dê dezoito unidades.

Joxian chegou coçando o flanco, sinal de que tinha bebido. Para Miren não importa se foi muito ou pouco. Basta ele fazer uma vez esse gesto impensado para ficar furiosa. Com a filha e os netos em casa, se conteve. Mesmo assim, Arantxa ouviu da sala que, enquanto ele tirava os sapatos, a mãe o acusava em voz baixa. De chegar tarde? Mas eram 14h25 e tinham combinado começar a comer às duas e meia. Ou será que o esperava em casa mais cedo para ajudar? Mas quando foi que este homem ajudou?

O ar na sala, sobre a mesa repleta de petiscos, quanto trabalho!, parecia ter sido esticado por alguém. Havia uma tensão de material elástico que pode se romper a qualquer momento. As crianças, que à sua maneira também deviam notar esse fenômeno inquietante, se calavam disciplinadas, expectantes, resistindo por ordem materna ao apelo apetitoso dos croquetes expostos em perfeita ordem sobre uma travessa de cerâmica.

De pantufas nos pés, disfarçando com dificuldade que tinha acabado de levar uma bronca, o *aitona* entrou na sala. Já antes, ao chegar da rua, tinha cumprimentado lacônico, beijado mole. E quando fez menção de sentar-se no seu lugar habitual, de costas para a porta da varanda, Miren lhe perguntou se tinha lavado as mãos. Netos e filha na frente, não replicou e foi, cordeirinho, lavá-las no banheiro para deixar a festa seguir em paz.

Sentados à mesa, os cinco mastigavam, bebiam. Joxian, água como os outros, que vinho já tinha tomado o suficiente esta manhã. E no ambiente, entre as cabeças inclinadas sobre os pratos, continuava aquela tensão aéreo-humana, perceptível até para as crianças, que sempre se comportavam com vivacidade, agora estranhamente silenciosas. Os adultos, para disfarçar, falavam de coisas triviais. Mas o assunto do dia estava no ar e todos sabem e ninguém o menciona, talvez para não perturbar o encontro familiar? É que não se veem com muita frequência. Afinal, daqui a uma hora ou hora e meia já estamos indo embora.

Joxian pelo visto estava ardendo de curiosidade com a notícia que ouvira no Pagoeta. Num momento em que Miren foi levar os pratos sujos para a cozinha e estava tirando do armário louça limpa para a sobremesa, perguntou a Arantxa, em voz baixa, quem era o morto. Ela respondeu com um sussurro similar:

— Um amigo de Guille.

— Não brinca.

— Aquele que o ajudou a arranjar trabalho.

— Não acredito.

Miren, de volta à sala, carregando os pratos:

— De que estão falando?

— Não, nada.

Nada? O ar ficou ainda mais tenso. Um puxão mais e rasga. Mas de repente veio um pudim de nata, festejado com alvoroço pelas crianças, e uma oportuna intervenção de Joxian, que deu uma moeda de cinco pesetas a cada neto. Paz e sobremesa. Depois quase dá uma mancada. Como? Porque pegou sem pensar o controle remoto. Já o tinha dirigido para o aparelho, já ia ligar a televisão; e aí, Rentería, bomba, um morto no bairro de Capuchinos. Arantxa conseguiu impedi-lo

a tempo mediante um discreto e rápido pontapé por baixo da mesa. E talvez Miren tenha notado. Ou será que já pressentia fazia tempo a comunicação secreta entre pai e filha?

De modo que, desconfiada, em dado momento, sozinha e ofegante na cozinha, chamou Endika, seis anos, com um pretexto qualquer e então o ar estourou. Miren deu um jeito de arrancar do menino por que seu *aita* não viera almoçar. E o menino, que não tinha sido instruído para driblar a astúcia da *amona,* contou a verdade. Em sua perspectiva infantil, mas a verdade. E entre outras coisas disse que:

— Uns homens maus mataram um amigo do meu *aita*.

— E por isso ele não veio almoçar?

— É que ficou a manhã toda chorando.

— Pois que tipo de homem é esse que chora tanto?

O que desagradou Endika, que, voltando para a sala, contou à mãe. Joxian teve um reflexo. Tentou reter sua filha segurando-a pelo braço, mas na sua mão envelhecida, com artrose, faltou a agilidade necessária. Arantxa se levantou da mesa com um enérgico/irado impulso, dirigiu-se da mesma maneira à cozinha e lá aconteceu o que foi impossível evitar que acontecesse.

— Escuta, o que você disse ao meu filho?

— E vocês, o que foi que lhe disseram sobre homens maus?

Caras transtornadas, olhares coléricos, palavras que saem das bocas como disparos.

Arantxa, agressiva, desafiante, desatou a falar em castelhano.

— Eu só não perdi um filho e fiquei viúva por milagre. Os dois passaram ao lado da bomba meio minuto antes da explosão.

— Nós não lutamos contra inocentes.

— Ah, mas você luta? Tenho que te dar parabéns pelo que aconteceu esta manhã?

— Esse vereador, amigo do teu marido, era do PP.

— Você está doida? Antes de mais nada era uma boa pessoa, um pai de família, um homem com direito de defender suas ideias.

— Era um opressor. E não esqueça que você tem um irmão mofando numa prisão espanhola por culpa de pessoas boas como essa.

— O seu filho, esse que te dá tanto orgulho, foi condenado com provas por crimes de sangue. Por isso está na cadeia, porque é terrorista. Repito, terrorista, e não por falar *euskera* como você contou uma vez a Endika. Mentirosa, pior que mentirosa.

— O que você tem a dizer contra o meu filho, um *gudari* que arriscou a vida pelo

Euskal Herria?

— Pois vá à casa das vítimas do seu filho, tenha coragem e explique a eles. Quero ver se consegue olhar eles nos olhos.

— Esses são amigos do seu marido. Ele que vá.

— Por que nunca chama Guillermo pelo nome? O nome queima? Para você, imagino que ele é um opressor.

— Muito basco não é.

— Nasceu aqui, antes que eu.

— Hernández Carrizo, e não fala *euskera*. Se isso é ser basco...

Nesse ponto, Arantxa deu por terminada a conversa. Passou por Joxian, que estava na soleira da porta assistindo à briga com as sobrancelhas retraídas, incapaz de intervir.

— Puxa, *aita*. Não sei como você conseguiu aguentar tantos anos com ela.

— Filha, não vá embora.

Arantxa chamou as crianças, pegou os sapatos para calçá-los na escada ou na rua, tanto faz, e, sem dizer palavra alguma nem se despedir, levou-as/empurrou-as para fora do apartamento. Miren se mantinha num ressentido, áspero, pétreo silêncio na cozinha e Joxian, cambaleando de tristeza, tentou impedir a passagem da filha e dos netos.

— Não vão embora, por favor.

Foi inútil? Arantxa ficou cinco anos sem falar com a mãe.

90
Susto

Nessa época não se usava capacete. Nada disso. Talvez algum babaca fazendo pose de profissional colocasse uma proteção na cabeça, e mais nada. Eles usavam um gorro, óculos escuros e roupa de ciclista para que ninguém os reconhecesse. Joxe Mari, certa tarde, atravessou a sua vila olhando de esguelha para os lados das ruas. Patxo, no dia anterior, tinha lançado o desafio.

— Aposto que você não tem colhão para isso.

— Pois não vejo mérito nenhum. Minha vila está cheia de gente andando de bicicleta. Ninguém se vira para olhar.

E assim foi. Nenhum transeunte pareceu perceber que aquele fornido ciclista de boina e óculos escuros era ele. Percorreu a rua que rodeia a praça, passou na frente do Pagoeta, desceu até o rio. Na margem oposta, viu seu pai (a boina, a camisa quadriculada, as costas encurvadas, como está velho) atarefado no pomar. Patxo perguntou o que estava olhando.

— Não, nada. Queria me despedir da minha vila.

A menos que chovesse, eles preferiam as bicicletas ao carro ou aos ônibus de linha para suas andanças pela província em busca de objetivos, sua principal, para não dizer única, ocupação naqueles dias. As bicicletas lhes permitiam ir a um mesmo lugar separados, mas sem se perder de vista. E combinaram um sinal para que aquele que ia pedalando na frente avisasse de algum perigo ao que vinha atrás. Distância: não menos de cinquenta, não mais de cem metros. E jamais, ao chegar a uma área urbana, entravam no mesmo bar. Depois das excursões, primeiro um, depois o outro, subiam as bicicletas de elevador. Na vertical, cabiam no apartamento. Lá se encontravam com Txopo, que, como era ficha limpa, mantinha ou procurava manter uma vida normal de estudante.

Nos cursinhos de armas tinham lhes ensinado a desconfiar. A luz acesa de um quarto, a qualquer hora do dia, significava que um deles estava no apartamento e não havia problema. Todas as luzes apagadas e uma moeda dentro da caixa, deixada pelo último a sair: apartamento vazio. Se a moeda não estava: cuidado, não subam. O mesmo se houvesse meia toalha pendurada para fora da janela ou luz em todos os quartos ou se o capacho não estivesse na posição estabelecida. Uma vez Patxo se

esqueceu de cumprir as normas. Se Txopo não interferisse, Joxe Mari teria quebrado a cara dele.

Pedalaram, dia útil, frio, cinza, mas sem chuva nem vento, desde o início da tarde pela região de Andoáin, Villabona e Asteasu. Antes de tudo para não ficarem inativos, mas também porque, depois de uma semana de inverno cruel, afinal o tempo estava convidativo para dar uma volta de bicicleta. Não podiam fazer nada além de pedalar daqui para lá, pois o contato lhes trouxera um bilhete da direção determinando que não agissem até segunda ordem. Disso deduziram que o comando Donosti andava preparando alguma *ekintza* das grandes e eles não deviam interferir, ou então a organização tinha chegado a algum tipo de acordo por baixo dos panos com o governo.

Joxe Mari ficou desanimado.

— Somos um *talde* de segunda.

E Patxo tentava levantar sua moral.

— Não se preocupe. Assim que surgir uma oportunidade, fazemos uma ação espetacular, e eles vão aprender a nos respeitar.

— Isso se o Estado não pedir penico. Porque se a luta armada acabar de repente, quero saber qual foi a nossa contribuição.

— Rapaz, não seja pessimista. Acho que isso ainda vai durar alguns anos.

Em Recalde, na altura da funerária, quase no final da excursão, Joxe Mari parou como fazia às vezes para dar uns minutos de vantagem ao seu companheiro, e depois voltou a pedalar. Quando chegou, que diabos este cara está fazendo aí?, estranhou ao ver Patxo do lado de fora do portão. Lá em cima, as luzes apagadas.

Os dois se juntaram na esquina.

— A moeda não está lá.

— Vamos embora.

Sem perder tempo seguiram na direção do bairro El Antiguo. Não pararam até chegar, pouco depois, à praça Benta-Berri. Lá, o que vamos fazer?, decidiram primeiro se acalmar e depois traçar um plano. Escureceu por completo. Eram nove da noite. Cada vez circulavam menos veículos na área. O frio, que enquanto eles pedalavam não se sentia tanto, agora estava penetrando nos ossos. E Joxe Mari, cujo corpanzil começava a sentir falta do jantar, engoliu o último chocolate dos que costumava levar, além de bananas e maçãs, para as excursões.

Uma coisa estava clara: de noite, vestidos de ciclistas, chamariam muita atenção na rua.

— Com esta pinta, aonde podemos ir?

— E com este frio castigando e a pouca roupa que temos, vamos ficar

congelados se continuarmos assim ao ar livre.

— *Putaquepariu*.

— Sugiro voltarmos para dar uma olhada. Quem sabe Txopo se esqueceu de deixar a moeda na caixa. Já aconteceu uma vez comigo.

— Se tiver se distraído, quebro a cara dele.

— Vamos.

As janelas do apartamento continuavam apagadas. Na rua deserta não se viam movimentos suspeitos, mas sabe-se lá se não havia *txakurras* escondidos em algum carro estacionado por ali ou atrás das cortinas de uma casa próxima. Deixaram as bicicletas encostadas no poste de um semáforo. Exalavam pela boca um hálito denso. Patxo estava tremendo de frio e não escondia seu medo de ficar doente. Joxe Mari tentava se aquecer dando pulos e fazendo exercícios de ginástica. Rosnava sem cessar. Muito palavrão, muito xingamento, mas não conseguia sair de sua indecisão.

Patxo, hirto, nariz vermelho, teve uma ideia.

— É suficiente um de nós subir. Se estiverem nos esperando, um vai ser preso e o outro pode escapar.

— Mas que babaca. Se você for preso, é como se me *pegariam* e vice-versa. Com as porradas que vai levar dos meganhas no quartel, você reza o pai-nosso em latim, em russo e num monte de línguas que nem conhece.

A geada que estava caindo, a indumentária inadequada para a hora e o lugar, a fome/frio/cansaço, tudo os empurrava a tomarem a decisão que afinal tomaram. Subiram separados, um pelo elevador, outro pela escada.

O capacho? No lugar. Bom sinal. Mas, cuidado, a porta não estava trancada. Dane-se, já tinham introduzido a chave no buraco da fechadura e seja o que Deus quiser. Patxo, que estava na frente, acendeu a luz do vestíbulo. Silêncio. Tinham engatilhado suas respectivas Browning, porque eles sem o berro na mão não vão a lugar nenhum. E por este motivo costumavam levar uma capanga em volta da cintura toda vez que iam passear de bicicleta.

Encontraram Txopo, o que te fizeram?, no chão do quarto, com a bochecha em cima de uma poça de vômito, consciente e dobrado sobre si mesmo.

— Se eu me mexer, é pior.

Levaram, desconfiados, ingênuos, alguns instantes para entender que o problema do seu parceiro era de origem natural. Enquanto ele não disse: onde vocês estavam, seus putos?, não pararam de apontar as armas para as paredes, o teto, o armário, o próprio Txopo. Por que não tinha acendido a luz. Imbecis, porque não conseguia se mexer. Não dava para ver? Tinha começado a sentir uma dor horrível assim que chegou da rua. De repente, ainda dentro do elevador. Com suas últimas forças,

conseguiu entrar no apartamento. Onde doía? Aqui. E aqui era uma coxa, mas também as costas e depois um lado da barriga. O que fazemos? Ameaçou pedir socorro aos berros se não fossem buscar ajuda. Tentaram levantá-lo. Impossível: doía ainda mais. E o vômito e o fedor.

— Temos que limpar isso.

— Limpa você.

Joxe Mari fez um gesto para que Patxo o seguisse até a cozinha. Lá dialogaram aos sussurros, de porta fechada.

— Não podemos deixar os socorristas entrarem no apartamento. Muito arriscado.

— Pois temos que agir rápido porque, se ele morrer, vai ser um problema ainda maior.

Os gemidos do Txopo no chão do quarto deixavam Joxe Mari exasperado. Encerrou a conversa ordenando, autoritário, chefe, decidido:

— Vai trocar de roupa ou põe um casaco por cima, traz o carro e espera em frente ao portão.

— Você está maluco? As caixas com o armamento estão na mala.

Um olhar que não admite réplica, um olhar que é como chama de um maçarico. Patxo: se isto acabar mal, não vai ser culpa dele. E se vestiu depressa, resmungando. Saiu do apartamento murmurando sei lá o que a respeito de responsabilidade. E Joxe Mari foi ao quarto de Txopo para lhe dizer: fica tranquilo, não se preocupa, aguenta firme e essas coisas. Depois trocou de roupa rapidamente.

Da janela da cozinha viu chegar pela rua o Seat 127 que o comando rouba-carro lhes dera. O porta-malas, cheio de caixas. Vai entender: por um lado te mandam um lote de armas e material para confeccionar explosivos, e por outro lado te dizem que não faça nada por enquanto. Eles tinham planejado aproveitar a escuridão da noite para colocar a carga em bolsas de esporte, levar para o apartamento com a devida discrição, examinar bem e decidir o que iam enterrar no esconderijo e o que não.

Não havia tempo a perder. Joxe Mari puxou Txopo pelos pés para tirar seu rosto da poça de vômito. Tremendo. Minha *ama,* ela sim que serve para essas coisas. Limpou-o um pouco com uma toalha. Foi para o corredor e apertou o botão do elevador. Os vizinhos? Em suas casas. Eles se encontravam pouco. Ouvia-se por ali uma televisão. Sem muitas considerações, carregou seu companheiro como se fosse um saco. Viu pelo olho-mágico que ninguém tinha subido no elevador. Então saiu com Txopo no ombro, desceu e, quando Patxo lhe indicou com a mão que a rua estava limpa, descarregou rapidamente no banco de trás do carro o companheiro

gemendo de dor. Foi se sentar na frente e deu ordem de arrancar.

— Para onde vamos?

— Segue em frente. Vou te dizer já, já.

Deixaram Txopo numa posição indefinível, não se sabe bem, sentado?, dobrado?, num banco dos jardins de Ondarreta, perto da estrada que vai para Igueldo. Patxo ficou preocupado com o companheiro.

— Vai congelar, assim.

E Joxe Mari em silêncio, até que, passando pela rua Matía, uma cabine telefônica chamou sua atenção.

— Para. Vou descer aqui. Volta para o apartamento.

Antes de mais nada, entrou num bar ali perto. E enquanto tomava uma cerveja, consultou a lista telefônica. Depois, da cabine, ligou para o hospital da Cruz Vermelha, cuja fachada principal se via do outro lado da rua. Sem muitas explicações, contou que:

— Olha, tem aqui um rapaz sentindo muita dor.

Disse onde e, quando teve certeza de que haviam entendido, desligou. Um minuto depois uma ambulância passou ali perto, supõe-se que em direção ao lugar indicado.

Passaram-se dois dias, dois longos dias sem qualquer notícia de Txopo. Nisso, toca a campainha. Ficaram assustados. Será ele? Pelo interfone: que abrissem. Parece que, na mesma noite em que foi internado no hospital, tinha conseguido eliminar na urina o cálculo renal que o estava matando. Por via das dúvidas, o mantiveram 24 horas em observação. Pediu desculpas aos companheiros pela aporrinhação que tinha causado e agradeceu sua ajuda. Que tal uma comemoração. Como? Ele se ofereceu para fazer um jantar de primeira para os dois. Lula em sua tinta, merluza ao molho, o que quisessem. Joxe Mari:

— Você me lembra a minha *amatxo,* que sempre faz peixe no jantar.

Txopo disse que ia comprar os ingredientes e se encarregaria de tudo. Eles só precisavam ter fome. Ótimo, rapaz. E em seguida foi para o seu quarto. No chão ainda estavam a toalha suja e a poça já seca de vômito.

91
A lista

Receberam uma lista de nomes e endereços pela via habitual. Empresários da região, donos de restaurantes e lojas, enfim, gente com posses e fortuna que não tinha acertado suas contas com a organização. No total, nove fulanos. O papel não vinha com instruções, nem precisava. Um nome chamou a atenção de Patxo.

— Aqui tem um da tua vila.

— É conhecido como Txato. Ele tem uma empresa de transportes ao lado do rio, um pouco acima da horta do meu pai. Eu não sabia que é um dos que não pagam. Que safado!

Proposta de Txopo: já que o alvo era conhecido e facilmente localizável, que tal começarem por ele? Teriam que descobrir por onde se movimenta, a que horas, se anda acompanhado e tudo isso.

Patxo aproveitou a oportunidade para provocar.

— Vai ver que Joxe Mari não gosta da ideia. Sendo vizinho, lá da vila dele, a coisa talvez mude um pouco de figura.

— O que é que muda? Você é retardado ou o quê? Pouco me importa onde o inimigo mora. Até parece que *seria* um parente. Se tem que ser eliminado, a gente elimina. As ordens não se comentam nem se discutem.

Decidiram que ele não ia participar das tarefas de vigilância para não pôr em risco sua segurança nem a do grupo. Mas, isso sim, na primeira noite foi à vila com seus companheiros no Seat 127. Sem descer do carro, ia explicando. Esta é a empresa. Ele mora aqui, no primeiro apartamento. Ali, onde está escrito Arrano Taverna, vocês têm que perguntar por Patxi. E depois disso se limitou a fiscalizar as ações do *talde* sentado no apartamento de San Sebastián. Para que não houvesse dúvidas:

— No final, se decidirmos atacar, eu estarei lá.

Com sua cautela habitual, Patxi, o nunca protagonista, o jamais preso, mesmo sendo o amo do albergue *abertzale* do lugar, conseguiu um alojamento para eles por intermédio de um terceiro. Depois mandou dizer que não se metia mais na história e pediu que não viessem à Arrano. Joxe Mari, compreensivo:

— Tem razão. Lá todo mundo se conhece. Dois caras de fora chamam muito a

atenção. Basta um de nós.

Patxo se estabeleceu na vila durante uma semana. Txopo ia diariamente de um apartamento para o outro com informações, mensagens, pedidos, mas sempre pernoitava em San Sebastián, onde além do mais se encarregava de escrever os relatórios, coisa que Joxe Mari lhe agradecia de todo o coração, já que não se dava muito bem com as letras.

Sete dias foram suficientes para Patxo reunir informações. Até de sobra, dizia. E relatou aos companheiros os resultados da sua pesquisa.

— Acontece que o cara que me emprestou o quarto trabalha na empresa do alvo.

— Como se chama?

— Andoni.

— Conheço. É um valentão do sindicato LAB.

— Com a ajuda dele, descobri um monte de detalhes da vida do capitalista, que, aliás, ele não suporta.

Joxe Mari, discrepante, argumentador:

— Pois eu acho que a luta armada não é uma questão de suportar ou não suportar o próximo. Quer dizer, não se trata de mandar bala naqueles que não achamos simpáticos. Porque, se fosse assim, eu teria que dar uns tiros agora mesmo em Andoni. Por quê? Porque ele é um animal. E vem de família. O seu tio Sotero é desses que pendurava a bandeira da Espanha na janela no tempo de Franco e agora está no Herri Batasuna. Com toda franqueza, não confio nesse tipo de gente. Txato, como pessoa, me cai melhor; mas é claro que tenho que ir pegá-lo porque a libertação de Euskal Herria exige isso.

— Tudo bem, não esquenta a cabeça e deixa o Patxo passar a informação.

— Como eu estava dizendo. O empresário troca frequentemente o trajeto, mas não pode variar muito. Vai de carro. Andoni, que me contou um monte de coisas sobre ele, confirmou que não tem um horário fixo de trabalho. Nota-se que é o chefe; começa e termina quando lhe dá na telha. Mas, atenção. A primeira coisa que faz quando sai pelo portão da casa é andar até uma garagem que não fica na mesma rua, mas numa transversal.

— Que novidade você tá me contando. Quando eu era criança, estive muitas vezes lá dentro.

— Nesses quarenta ou cinquenta passos, entre o portão e a garagem, é fácil pegá-lo, tanto na ida como na volta. Em especial, o trecho entre a garagem e a esquina parece perfeito para uma *ekintza*. A rua é estreita, bastante escura, e quase não passa gente nem carros por lá. Sequestrá-lo seria mole.

— É, mas não temos infraestrutura. Onde o metemos? E além do mais, não se podem fazer essas coisas sem consultar a direção. Então, nada de sequestro. Txato me reconheceria de olhos fechados, só pela voz. Esquece a ideia.

— Eu não disse vamos sequestrá-lo, disse que seria fácil.

— Então explica melhor as coisas.

— Ele não frequenta bares. Esse detalhe Andoni já tinha me adiantado. Antes, frequentava. Agora não, porque o pessoal *abertzale* da vila o deixa acuado. É muito madrugador. Entre uma e uma e meia da tarde vai almoçar em casa. No período em que estive lá, só não foi uma vez. Diz Andoni que, dependendo do dia, às vezes fica para almoçar no escritório. Volta para o trabalho por volta das três e meia, um pouco mais, um pouco menos. Na segunda-feira saiu de casa às quinze para as quatro. Como sempre, vai andando até a garagem e lá pega o carro, um Renault 21 vermelho. Fazer uma *ekintza* no fim do dia, acho complicado. Anteontem eram onze horas e o cara continuava sem aparecer. Fui embora.

— Segurança?

— Nada. Repito, este alvo é mamão com açúcar.

Joxe Mari não tinha tanta certeza, balançava a cabeça, hesitava: antes nós deveríamos, teríamos que. Seus companheiros não tinham a menor dificuldade em desmontar cada uma de suas objeções. Aquilo era moleza: pouco esforço logístico, vítima sem escapatória, vila onde até os postes são *abertzales,* fácil retirada do lugar. O que mais estava querendo? Pois nem assim. Mas ele continuava com seus escrúpulos e seus poréns. Eles: que havia algum tempo Patxi estava preparando o terreno com uma campanha de pichações e assédio, e que:

— Hoje em dia ninguém levanta um dedo para defender esse empresário.

— Porra, o que eu não quero é que Patxi, Andoni e todos esses caras achem que são padrinhos da *ekintza*. Nós não somos cães de caça deles. Quem garante que depois não vão sair por aí contando isso e aquilo, ou que não exista um infiltrado entre eles? Já deram a sua colaboração. Muito bem. Mas, depois, quem decide quando, onde e como somos nós.

— Bem, sendo assim, podemos deixar passar um tempo antes de atacar.

— É o que eu estava tentando dizer, que do jeito que eles querem é precipitado demais. E *contra* menos gente estiver a par, melhor.

Assim fizeram e, entrementes, final da primavera, o verão inteiro e parte do outono, se ocuparam de outros nomes da lista. Um deles era o dono de uma pequena metalúrgica em Lasarte. Quando se deram conta de que o alvo, um homem gordo de uns sessenta anos, costumava estacionar o carro num descampado próximo à fábrica, pensaram: por que não colocamos uma bomba embaixo? Até

como forma de testar, porque, fora do curso de armas, nunca tinham preparado uma explosão e já era hora de começar. De modo que um dia Joxe Mari foi a esse lugar e num instantinho instalou o artefato embaixo do carro. De lá foi passar a tarde com Patxo num bar de sidra ali perto e ficaram esperando tranquilamente o estrondo. Apostaram a conta.

— Se explodir antes das oito, ganho eu.

Não houve explosão, não houve estrondo, ninguém ganhou a aposta. Já tarde da noite, saíram do bar. Que coisa mais estranha. Quem sabe o dono da metalúrgica foi para casa a pé, ou de bicicleta, ou foram buscá-lo, ou sei lá o quê. Chegando ao apartamento perguntaram a Txopo. Não tinha a menor ideia. Ligaram primeiro a televisão, depois o rádio, por fim o equipamento de interceptar as comunicações da polícia. Nada. No dia seguinte, esperaram que a notícia surgisse de uma hora para a outra. Espera inútil. Deixaram passar mais 24 horas antes de voltar ao lugar. Dessa vez usaram as bicicletas. O carro do gordo não estava no descampado. Talvez ao lado ou atrás da oficina? Tampouco. Conclusão: a bomba tinha falhado.

Joxe Mari, de péssimo humor, lembrando-se de umas palavras que o instrutor costumava dizer:

— Não foi a bomba que falhou, fomos nós.

E reconstituíram juntos todos os sucessivos passos que deram na elaboração do artefato. No curso de armas, sempre insistiam que fizessem testes antes. Fizeram. Que merda pode ter acontecido?

Patxo:

— Sabe o que eu acho? Que o gordo farejou a cilada e chamou os *txakurras*.

— Não acredito. Se os TEDAX tivessem interferido, a coisa chegaria aos jornais. Para mim a bomba se soltou e está largada em alguma sarjeta por aí.

Para dar o troco, decidiram destruir a fábrica do gordo. Nem os alicerces iam sobrar, *putaquepariu*. Certo dia de manhã, Joxe Mari e Patxo foram estudar o terreno e ver onde deviam colocar a bomba para que causasse o maior estrago possível e, em vez da metalúrgica, encontraram um galpão vazio. Não sobrava nem o letreiro da entrada. Parece que o dono, apavorado, tinha fechado a indústria ou levado para um lugar mais seguro. A bomba que já haviam montado, com seis quilos de amônia e temporizador, foi destinada a outro da lista, dono de um bar. A imprensa destacou a magnitude dos destroços. Não houve feridos a lamentar.

92
O filho mais querido

Anunciaram uma visita no parlatório. Lá estavam de novo os olhos da mãe atrás do vidro. Há neles uma incerteza inicial, uma expectativa temerosa até vê-lo chegar, grande e com um aspecto saudável, embora sem cabelo. Então se suavizam; tornam-se claros, carinhosos, maternos; parecem conservar um vestígio de juventude em meio a feições cada vez mais marcadas pelos estragos da velhice.

O *aita* vem pouco à prisão, uma ou duas vezes por ano. Ela atribui isto à fadiga da longa viagem de ônibus e ao fato de que seu pai já não é mais aquele de antes, e arremete contra o Estado (Miren nunca diz Espanha) e sua política de dispersão dos presos. Mas Joxe Mari sabe que sua mãe prefere que Joxian não venha. É que ele fica emocionado. Toda vez que vem, solta umas lágrimas: o filho, tantos anos, vou morrer sem vê-lo em liberdade. E ela acha que isso baixa o moral de Joxe Mari.

Além disso, os dois costumam discutir durante a viagem. Por bobagens. Desde antes de partir, ainda em casa, ela diz que o marido está mal barbeado ou que tem pelos saindo da orelha, e depois, no ônibus, lhe faz advertências, censuras, recriminações na presença de outros parentes de presos. Por essa via vai roendo o seu amor próprio, e ele fica irritado, e fica mais irritado, e afinal contra-ataca, rude, zangado, grosseiro. Na volta é a mesma coisa. Então é melhor que fique em casa.

Joxe Mari esperava o repertório habitual: as queixas pelo desconforto da viagem, a desumanidade que é a dispersão, o calor da Andaluzia. Por que têm que castigar as famílias dos presos? E também as habituais fofocas da vila, os últimos falecimentos, os lentos progressos de Arantxa na reabilitação.

No entanto, hoje foi diferente. Acontece que, muito cuidado com o que dizemos, estão se sentindo vigiados. Falam em basco, mas na certa os carcereiros gravam a conversa e têm quem traduza depois. Então não tocam em assuntos políticos delicados ou, não havendo outro remédio, o fazem aos sussurros, com rodeios e subentendidos e meias palavras. Depois de tantos anos, já são peritos nesse tipo de comunicação. Os dois se entendem, conjuminam, basta se olharem nos olhos para sondar os pensamentos um do outro. E ela, tão parca a vida toda para expressar emoções, uma vez lhe disse subitamente, com o vidro interposto, que ele era o seu filho mais querido.

E qual é a novidade de hoje? De repente, após dez minutos de conversa, Miren começa a falar cheia de mistério, sussurra, diz. O quê? Que está com um problema que não a deixa dormir de noite. E ao ver sua cara de preocupação, Joxe Mari entendeu que se tratava de um desses assuntos que não convém mencionar abertamente no parlatório. O *aita?* Arantxa? Miren nega. A maluca? Confirma. De novo? Volta a confirmar enquanto encosta a mão no vidro e mostra as linhas escritas na palma com uma letra apertada: "Quer saber se foi você que atirou no marido".

— Manda logo à merda.

— Ela é muito grudenta.

— Por que a deixa vir falar com você?

— Não foi comigo que ela falou. Ah, se tivesse esse atrevimento! Mas o *aita,* você sabe. Ele sim acaba aceitando, e ela fica atenta para ir abordá-lo na horta. E depois Arantxa lhe escreve coisas no iPad quando as duas se encontram. Eu sempre digo para Celeste: quando topar com essa senhora, vá embora para outro lugar. Mas, menino, ninguém me dá ouvidos.

Disfarçou introduzindo um recheio insubstancial no diálogo. Se estava comendo bem ultimamente.

— Botam muito sal em tudo.

E enquanto isso Miren mostrava ao filho a palma da outra mão: "O que lhe respondemos?"

— Porque, senão, ela vai acabar me deixando louca também. Já te disse que não consigo mais dormir.

— Na vila não tem uns rapazes para espantar essa mosca? No meu tempo, isso não acontecia.

— A vila não é mais a mesma. Agora não há pichações nem cartazes como antes. Está tudo um pouco morto.

— Porra, mas tem que haver alguém. Fala você sabe com quem.

— Desde que ele fechou a taverna, quase não o vemos. Parece que ninguém quer saber mais de nada. Agora só se fala do processo de paz e de pedir perdão às vítimas. Perdão uma ova. Ou será que nós não somos vítimas? Cada vez temos menos força, nós ficamos sozinhos. E se você abrir a boca, vêm e te levam por apologia ao terrorismo.

Deitado na cela, Joxe Mari olhava o pedaço de céu enquadrado pela janela. Céu azul do entardecer, atravessado por uma linha branca de fumaça de avião. Sinto que estou afundando. Seu estômago ardia. Dizem que colocam uns produtos na comida para amansar os presos. E ele, que tinha fama de etarra durão, devia receber uma

dose dupla. Será isso, ou coisa pior? Perspectiva horrível: morrer de câncer, sem nunca mais voltar à vila. Pensou nisso muitas vezes. Houve casos.

Em lugar do céu azul via agora pela janela as mãos da sua mãe e o que tinha lido nelas. Que não me venham com viúvas desconsoladas. Se querem rever a sua história, podem ir procurar nos arquivos. O passado passou. Que a luta armada acabou? Perfeito. *Gora ETA* pelos séculos afora, e vamos olhar para a frente.

De repente, contrariando a sua vontade, começou a chover com bastante força. Onde? Na sua memória. Estava afundando pouco a pouco. O durão, o primeiro a começar as greves de fome e o último a sair, aquele que tomava a palavra nas assembleias para desprezar os presos que mordiam o anzol da reinserção.

Mas um homem pode ser um barco. Um homem pode ser um barco com casco de aço. Depois passam os anos e surgem rachaduras. Por elas entram a água da nostalgia, contaminada de solidão, e a água da consciência de ter errado e de não poder remediar o erro, e a água que corrói tanto, a do arrependimento que se sente e não se fala por medo, por vergonha, para não ficar mal com os companheiros. E assim o homem, já um barco rachado, vai a pique em algum momento.

A janela da cela é coberta por um cinza repentino. Não parava de chover desde a tarde anterior. A vantagem é que o mau tempo varre as pessoas da rua. Ninguém quer parar para conversar, todo mundo vai depressa para onde tiver que ir. A pouca distância da esquina estava a cabine telefônica. Realmente, era como se a tivessem colocado ali de propósito para facilitar a *ekintza*. Como assim? É que, por um lado, lá dentro ele se protegia da chuva; por outro, a cabine lhe oferecia um esconderijo e ao mesmo tempo um posto de observação imbatíveis. E se aparecesse alguém do lugar? Nesse caso podia fingir que estava falando pelo telefone. Também ajudavam os vidros um tanto embaçados. E com o capuz na cabeça, nem te conto. Uma pessoa da vila teria que meter a cabeça dentro da cabine para saber que era ele que estava ali.

Viu o Renault 21 vermelho aparecer no começo da rua. Seu coração deu um pulo. Nervoso? Bem, sim, um pouco; mas não como nos primeiros tempos, quando suas pernas tremiam. Depois de tantos atentados, tinha aprendido a manter a calma. Falou sobre isso com Patxo que, conforme dizia, sentia a mesma coisa toda vez que chegava a hora de agir.

— É normal. Nós não somos psicopatas.

Um impulso instintivo o fez apalpar o volume da Browning no bolso do moletom. Acima de tudo, não falhar. Distinguiu obscuramente o perfil do Txato dentro do carro. Aquelas orelhas grandes só tinham mais três, quatro minutos de vida, quando muito. Detalhe tranquilizador: o alvo estava sozinho. Patxo, durante

todos os dias que passou recolhendo informações na vila, nunca o tinha visto sair ou voltar acompanhado.

Depois que Txato virou a esquina, Joxe Mari, com os olhos no ponteiro dos segundos do relógio, esperou meio minuto antes de sair da cabine. Era um suplemento temporário de vida que concedeu ao Txato para que abrisse a porta da garagem sem se alarmar nem desconfiar de nada. Teve a impressão de que o ponteiro avançava com mais lentidão que de costume. Vamos, vamos. Chegou à esquina a tempo de ver Txato voltar para o carro e entrar na garagem. O plano: quando saísse, ele iria ao seu encontro e o executaria. Um tiro lhe parecia pouco. Era melhor se assegurar, vai que a vítima o reconhece e sobrevive. Depois, sem perder tempo, mas tampouco de um jeito que atraísse possíveis olhares da vizinhança com uma corrida destrambelhada, ele se dirigiria para onde Patxo estava à sua espera com o carro.

Txato demorou a sair. O que estava esperando? Achou que talvez parasse de chover de uma hora para a outra? Quem estava se molhando era Joxe Mari. Colou seu corpo à parede, na quina do edifício, para receber a menor quantidade de água possível. Sabia que a garagem não tinha outra porta, de maneira que, mais cedo ou mais tarde, Txato vai ter que sair e voltar para casa. E saiu, sem guarda-chuva. Estava ali, enchendo os pulmões com as últimas inspirações de oxigênio da sua vida, a uns dez passos de distância. E, observado de perfil enquanto girava a chave, tinha um ligeiro balanço/tremor de lábios como se estivesse falando sozinho ou cantando em voz baixa. Assim que começou a andar, ele me viu. A Browning empunhada dentro do bolso, e Txato, o que está fazendo, que merda você está fazendo, atravessa para este lado da rua e vem direto na minha direção. A cena não estava prevista no roteiro.

— Rapaz, Joxe Mari! Está de volta? Que bom.

Aqueles olhos, aquelas orelhas enormes, aquele gesto amistoso. O amigo do seu pai que lhe comprava sorvete quando era menino. O sino da igreja bateu uma hora. Esse som familiar, metálico, peremptório, soou para ele como a palavra *não*. Não faça isso. Não o mate. Ficaram mudos um na frente do outro. E era evidente que Txato esperava uma resposta às suas palavras simpáticas. Sou membro do ETA e vim te executar. Mas ele não disse isto. Não conseguiu dizer. O sino tinha repicado um *não* lá no alto. É que era Txato, porra. Seus olhos, suas orelhas, o sorriso. E Joxe Mari deu meia volta e foi embora, não correndo, isso não, mas em passos rápidos.

Entrou no carro, bateu a porta com força.

— Não deu. Tinha um vizinho por lá. Pode arrancar, vamos comer.

— Ele te viu?

— Acho que não.

— Podíamos tentar quando voltar para o trabalho. O que acha?

— Não sei.

— Estamos há muitos dias sem fazer uma operação.

— Certo, mas então você vai para a cabine telefônica e eu espero no carro. Hoje já me molhei demais.

— Por mim...

Avisaram a Miren que o tempo estava acabando, senhora. E ela não se dignou a olhar para o funcionário que falava. Levantando-se da cadeira, começou a se despedir do filho.

— Bem, *maitia*, ânimo e já sabe, hein? Volto dentro de um mês, ou talvez antes, se sua irmã não tiver uma recaída.

— Não fala com aquela maluca, *ama*. Promete. Nem uma palavra. Se ela quer mesmo saber, que consulte as atas da Audiência Nacional.

— Está decidida a se intrometer nas nossas vidas. É muito grudenta.

— Não liga. Ela vai desgrudar.

93
O país dos calados

Acontece que Ramuntxo soube da notícia em casa, pelo rádio, enquanto Gorka, que estava na emissora, ocupadíssimo gravando primeiro uma entrevista com um editor, depois outra com um livreiro de Bilbao, não tinha a menor ideia do que tinha acontecido.

Meio da tarde de um dia de trabalho como tantos. Dois colegas conversavam na sala ao lado. Um deles, recém-chegado da rua, disse entre outras coisas: não para de chover, houve um atentado, quando chega Ramuntxo? Gorka não deu a menor importância a essas palavras.

Que importava a chuva, se sua jornada de trabalho só terminava dentro de várias horas? Quanto ao segundo fato, estava tão acostumado com as ações violentas do ETA que dificilmente podia se surpreender com mais uma. Com o passar dos anos, tinha criado uma crosta de conformismo. Por acaso sou o único? Não é que ficasse indiferente aos assassinatos do grupo, mas estes tinham se tornado uma rotina que embotava em seu corpo tudo aquilo que deveria gerar indignação e pena. De forma que, a menos que o atentado tivesse causado um número elevado de mortes, como aquele do Hipercor de Barcelona, esse, sim, estragou o meu dia, ou que entre os mortos houvesse crianças, ele se limitava a dar-se por informado e guardava suas opiniões para si mesmo.

Em contrapartida, toda vez que chegava aos seus ouvidos a notícia da prisão de membros do grupo, seu coração se acelerava e ia correndo verificar se o irmão estava entre os capturados. Gorka desejava ardentemente que o tirassem o quanto antes da luta armada. Disse isso a Ramuntxo (e a mais ninguém) em diversas ocasiões.

— No dia em que o pegarem, vou ficar feliz. Por ele, mas também pela minha família. Destruiu a vida dos meus pais.

Pouco antes das sete, Ramuntxo chegou à rádio, com as ombreiras da capa salpicadas por pontos úmidos.

— Ouviu alguma coisa sobre o atentado desta tarde?

— Não sei de nada.

— Mataram a tiros um empresário da sua vila.

— Como se chama?

— Não guardei o nome; mas, se você quiser descubro logo.

— Não, deixa, deixa.

O que foi como se dissesse: mais tarde vou me informar por conta própria, quando não houver ninguém perto observando a minha reação. Não lhe ocorria quem podia ser a vítima, por mais que repassasse nomes e rostos. Mas pressentiu que, quando soubesse, teria uma desagradável, triste?, surpresa.

Pensou em donos de fábricas e oficinas, em comerciantes, em pessoas da vila donas de um negócio. Lembrou-se de alguns, todos nacionalistas declarados, além de *euskaldunes,* que talvez o ETA poderia pressionar, como já tinha feito tantas vezes, principalmente para tirar sua grana, mas não a vida, porque nesse caso o grupo teria que se ver com o PNV. Afinal não chegou a nenhuma conclusão e, como a curiosidade o atiçava, em determinado momento, sem se despedir dos colegas, desceu para o bar da esquina.

O Txato. Em cima do balcão estava a xícara de café descafeinado que tinham acabado de servir. Ele nem provou. O Txato. Sua foto em branco e preto na tela da televisão. Que horror, que sacanagem. O Txato. E de volta à emissora, dentro do elevador, teve uma dolorosa sensação de tristeza dando um nó em sua garganta ao lembrar que Txato foi o homem que lhe ensinou a andar de bicicleta quando era criança. Seu pai ajudou, mas quem de fato lhe deu os melhores conselhos e explicou a maneira certa de pedalar sem cair foi Txato. E corria ao meu lado no estacionamento da empresa, segurando e soltando o selim da bicicleta de Xabier, pronto para me segurar a qualquer momento se eu me inclinasse demais para um lado. Prometeu que, se aprendesse, lhe daria uma bicicleta de presente, e afinal me deu, foi a primeira bicicleta da minha vida, e agora está morto, assassinado.

Ramuntxo, que o viu entrar, leu imediatamente em seu rosto de onde estava vindo e o que tinha descoberto.

— Então você o conhecia.

— Devem ter se enganado. Na certa foram pegar outro e mataram a pessoa errada.

— Quem sabe ele é um dos que se negam a pagar o imposto revolucionário.

— Ele e o meu pai eram parceiros no mus, amigos a vida toda, mas minha irmã me contou, pelo telefone, que houve algum problema entre eles e ultimamente não se falavam mais.

— Isso teve um significado político.

— Acho que não. Ele era um homem apolítico e também um homem bom, que dava emprego aos outros, que adorava conviver com o pessoal da vila e, claro,

euskaldun.

— Pois, sendo bom ou não, deve ter feito alguma coisa. O ETA não mata sem motivo. Presta atenção, que não estou defendendo a luta armada. Não vá me interpretar mal.

— Não sei, não sei. Faz muito tempo que não vou lá, com certeza estou desinformado sobre algumas coisas.

— Quer ir este fim de semana, e levamos Amaia?

— Não, acho melhor não.

Mais tarde, Ramuntxo entrou no estúdio para fazer seu programa sobre a atualidade musical no Euskal Herria. Gorka aproveitou e ligou para casa do telefone da estação. Joxian atendeu.

— A *ama* não está. Foi para a praça, uma manifestação pela anistia.

— Poucas horas depois de matarem uma pessoa da vila?

— Eu disse a ela: você tem um parafuso a menos. E com o toró que está caindo. Mas ela pegou a febre *abertzale*. Ninguém segura a sua mãe.

Joxian parecia apático, medroso, vacilante ao telefone. Disse que não queria sair de casa. Para não ouvir detalhes do que aconteceu? É que não para de chover. E o reumatismo. E quem sabe, por fim, sincero:

— Além do mais, não estou com vontade de ver ninguém.

A conversa, insípida, entrou num remanso de silêncio, quebrado por Gorka após alguns instantes:

— Onde o mataram?

Não disse quem foi morto. Nem o pai nem o filho pronunciaram uma única vez o nome ou o apelido da vítima.

— Ao lado da casa dele. Pelo visto o estavam esperando.

— Parece que vocês não se viam mais.

— Como você sabe?

— *Aita,* de vez em quando eu falo com algum amigo da vila.

— E com a Arantxa?

— Também.

Joxian considerava o falecido como um amigo. Apesar de tudo. Aqui, no meu coração. Não se falavam, primeiro por causa do disse-me-disse, depois por causa de Miren, que não o suportava. Que nem sonhasse em se encontrar com esse homem, dizia. Não se esqueça que alguém pode ver. Devia ser por causa de Joxe Mari, certamente. Ela ficou transtornada. Ou também pela morte do filho do açougueiro. Essa morte provocou muito rancor na vila. Ninguém acredita que ele se matou. Se fosse por Joxian, daria pêsames a Bittori, porque seria a coisa certa a fazer depois de

tantos anos de amizade, mas não vai ser possível. Joxian não se sentia com forças para ir à casa dela. Ir às escondidas, de que outra forma?, e olhar nos seus olhos. Além do mais a pobre mulher deve estar sofrendo, e ele reconhece que não sabe lidar com situações assim. Se ele, Gorka, não podia mandar de Bilbao um cartão desses com tarja preta.

— Assina Gorka e família.

— E por que não escreve você? Não precisa olhar nos olhos dela. Assina Joxian e família, e pronto.

— Filho, o que custa escrever umas palavras? Eu nunca te peço um favor.

— Bem, vou ver.

Já de noite, Gorka estava fazendo massagem em Ramuntxo sobre uma maca dobrável que tinham comprado para isso. Cobriam a superfície com toalhas para não sujar, já que costumavam passar óleo um no outro. Enquanto friccionava as costas de Ramuntxo, Gorka contava pormenores da conversa com o pai.

— Você vai escrever para a viúva?

— Claro que não. Se não tiver outro remédio, digo ao meu *aita* que escrevi. Afinal, ele não tem como saber. Por que faço isso?

— Por covardia.

— Exato. Porque sou tão covarde quanto ele e tantos outros que, a esta altura, na minha vila, devem estar dizendo baixinho, para que ninguém escute: isso é uma crueldade, um derramamento inútil de sangue, assim não se constrói uma pátria. Mas ninguém vai fazer nada. Já devem ter lavado a rua com mangueira para não ficarem marcas do crime. E amanhã vai haver murmúrios no ar, mas no fundo tudo vai continuar igual. O pessoal irá à próxima manifestação a favor do ETA, sabendo que é bom ser visto no meio da manada. É o preço que se paga para viver com tranquilidade no país dos calados.

— Tudo bem, não fique tão revoltado.

— Tem razão. Que direito eu tenho de acusar alguém? Sou igual aos outros. Imagina se amanhã nós dois condenássemos no rádio o assassinato de hoje? Antes de meio-dia já teriam nos cortado a subvenção ou estaríamos no olho da rua. Com os livros é a mesma coisa. Se você pisar na linha, vira um leproso, até um inimigo. Quem escreve em castelhano ainda tem saídas. Pode ser publicado em Madri e Barcelona, e quem sabe, com sorte e talento, vai em frente. É muito diferente para nós que escrevemos em *euskera*. Fecham todas as portas, não nos convidam para nada, nós não existimos. Não tenho dúvida de que vou passar a vida toda escrevendo para crianças, apesar de estar por aqui de bruxas, dragões e piratas.

— E aquele romance que você planejava?

— Aqui estão as anotações. De qualquer maneira eu escrevo. Neste caso vou fazer metade da história transcorrer no Canadá, e a outra metade, numa ilha remota.

— É, hoje não tá fácil pra você, rapaz. Melhor terminar a massagem, e vamos para a cama.

94
Amaia

Ramuntxo ficava com Amaia dois fins de semana por mês. Cuidar da filha, que adorava, implicava para ele 48 horas de medo, insegurança, estresse, decepções. Sua convicção: que não servia para pai, que fazia tudo errado. E a menina, enfim, tampouco fazia um mínimo de esforço para atenuar as dificuldades. Gorka não tinha dúvida: essa criatura tem algum transtorno da personalidade. Quando a ouvia chegar, já ficava alerta. Vamos ver o que ela nos faz/quebra/estraga nesta vez.

Depois do divórcio, a mãe tinha ido morar com a menina em Vitoria, o que obrigava Ramuntxo a fazer duas viagens nos fins de semana alternados, sexta-feira à tarde, quando ia de carro buscar a filha, e aos domingos também à tarde, quando a levava de volta, quase sempre irritado consigo mesmo. A história, salvo exceções, se repetia de forma invariável. Na ida, viajava cheio de expectativas que depois a menina desbaratava. Ramuntxo exagerava a condescendência com ela, mimava a pequena Amaia e atendia aos seus caprichos sem que a menina o recompensasse com uma expressão de alegria; entusiasmo, nem pensar. Como pode uma criatura tão pequena ter tamanha frieza? A única resposta que ocorria a Ramuntxo é que a mãe falava mal dele o tempo todo.

Quando Gorka a conheceu, Amaia tinha oito anos. Já então era um ser inexplicável, de uma só expressão e séria. De repente aprontava alguma, respondia mal com uma tranquilidade maligna, achava o ponto exato para tirar qualquer um do prumo. Às vezes fazia ou dizia algo próprio de uma criança retardada; um minuto depois dava sinais de inteligência superior. O tempo não melhorou a coisas. À medida que crescia, ela foi ficando mais complicada, mais imprevisível e, sobretudo, mais difícil de agradar. Uma chantagista, na opinião de Gorka.

Ramuntxo:

— Rapaz, não diga isto, que me deixa arrasado.

Era linda. Uma bonequinha, com seus cachos, olhos bem pretos e uns lábios compridos e finos que davam ao seu rosto bonito um toque prematuro de mulher. Havia dias em que falava pouco. Horas e horas em silêncio, absorta, indolente. Outras vezes era preciso paciência e esforço para fazê-la ficar calada. Quando lhe falava em *euskera*, ela respondia em castelhano; se continuava a conversa em

castelhano, passava ao *euskera*. Na hora de comer, nunca se sabia o que ia aprontar. Um dia devorava com apetite dois pratos de espaguete com molho de tomate e queijo; na visita seguinte, recusava o que parecia ter apreciado tanto na anterior. E era assim com tudo: com os jogos, com os lugares aonde pai e filha iam se divertir, com as histórias que Ramuntxo lhe contava de noite, na cama, antes de apagar a luz. Hoje sim, amanhã não e vice-versa. E às vezes, sem qualquer motivo aparente, começava a chorar. Ramuntxo entrava em pânico. O que eu faço, o que eu faço? E também ficava com os olhos embargados. Afinal, agoniado e triste, confessava a Gorka que não sabia lidar com a menina e que, se as coisas continuarem assim, vou perdê-la.

— Nunca tentou dar uma palmada?

— Não tentei nem vou tentar. Se ela contar para a mãe, eu fico sem poder ver minha filha por ordem judicial.

— Pois talvez, à sua maneira, Amaia esteja pedindo isso. *Aita,* me dá um tabefe, me tira do labirinto.

— Nota-se que você não é pai. Isto é a maior besteira que já te ouvi dizer.

A vinda da menina ao apartamento de duas em duas semanas também tinha consequências diretas para Gorka. Quais? Bem, para começar, era obrigado a dormir no escritório, num colchonete. Enquanto a menina estivesse por perto, não havia massagens, não havia intimidade entre os dois moradores da casa. Ramuntxo não dispunha de um segundo sequer que não fosse dedicado à filha. Gorka procurava ficar fora do apartamento o máximo de tempo possível. Muitas vezes, passava o dia inteiro na rádio, lendo livros, escrevendo contos e poemas e adiantando tarefas da semana seguinte; ou ia ver trocentos filmes em diversos cinemas; ou então, se o tempo permitia, saía andando pela margem do estuário até Erandio, ou mesmo mais adiante, até Algorta, e voltava de ônibus. Vez por outra aproveitava para visitar sua irmã em Rentería, escondido dos pais. Quase não ia à vila. Só quando não dava para evitar. No Natal e essas coisas. Para não se expor à avalanche de reclamações maternas. Para que ninguém o abordasse na rua.

— *Kaixo, Kartujo.* Quanto tempo.

Preferia aguentar os caprichos da menina, embora sofresse por Ramuntxo. Uma típica diabrura: eles estavam em casa tranquilamente, a menina sentada na frente da televisão, e de repente, clac, plaf, se assustavam com o estrépito de um objeto de vidro ou de louça se quebrando. Os dois adultos saíam correndo. Aos seus olhos se oferecia uma imagem nada incomum: Amaia com uma cara inexpressiva e o chão, em volta dela, cheio de cacos. Ramuntxo não se atrevia a gritar com ela por medo de que contasse à sua *ama*. Explicava, pedia, não dava importância ao que tinha

acontecido, juntava os pedaços espalhados ou pedia discretamente a Gorka que os tirasse, e desviava a atenção da menina para qualquer outro assunto. Foi a mesma coisa quando ela quebrou o despertador de Gorka. Ramuntxo comprou logo um novo, fazendo de conta que nada havia acontecido.

Nenhum dos dois achava que Amaia jogava as coisas no chão por má fé. Mas, tampouco, que elas caíam da sua mão sem querer. E, sem qualquer dúvida, tentar encontrar algum indício de intenção nas feições dela era perder tempo.

Uma vez Gorka surpreendeu-a riscando o dorso da mão com um garfo até aparecerem arranhões quase sangrando. Costumava também enfileirar coisas em qualquer lugar: no tapete, em cima da mesa, dentro da banheira. Filas de cenouras tiradas da geladeira, círculos de colherinhas de café, torres de livros, de CDs, do que fosse.

Aquela menina não era normal, faltava um parafuso. O problema é que não podia dizer isto a Ramuntxo porque ele caía num poço de angústia.

Como aconteceu certo sábado quando Gorka voltou da vila, para onde tinha ido na véspera. Não teve outro remédio. Arantxa tinha telefonado para a rádio.

— Imagino que você já soube.

— Sim. E vou te dizer uma coisa: fiquei contente.

— Deve estar levando porrada até dizer chega.

— Bem, não, não estou falando disso.

— Eu também acho que, para o bem dele, é melhor que saia de circulação, mas você tem que visitar os *aitas*. Não podemos deixá-los sozinhos nestas circunstâncias. Eu vou para lá esta tarde, quando sair do trabalho.

A Guarda Civil tinha capturado Joxe Mari. E também, junto com ele, os outros dois membros do comando Oria. Era o acontecimento que abria os noticiários do dia. Gorka tinha material já gravado para ocasiões excepcionais, e por isso foi autorizado a se ausentar da emissora. Com a promessa, isso sim, de que na tarde seguinte não faltaria ao trabalho. E, como sempre, foi de ônibus, fez companhia aos pais, dormiu na sua velha cama da adolescência, e no sábado de manhã, não vai ficar para a manifestação?, não posso, mas é pelo teu irmão, voltou para Bilbao. Ao chegar, encontrou Ramuntxo fora de si.

— Amaia.

— O que houve com ela?

— Não está aqui, fugiu. Desci um instante para comprar pão e na volta a porta do apartamento estava aberta e ela tinha desaparecido.

Enquanto Gorka, consolador, o abraçava, Ramuntxo se deixou levar pelo pessimismo. A menina, em sua fuga, podia cair nas mãos de uma quadrilha de

traficantes. Pintou um panorama truculento de venda de órgãos e exploração sexual. Já se via privado do direito de estar com a filha ou sendo condenado a muitos anos de cadeia.

— Você já foi procurar?

— Perguntei em lojas e bares. Ninguém a viu. O que faço? Telefono para a *Ertzaintza?* Mas se eu fizer isso, a notícia chega à imprensa, minha ex fica sabendo e a confusão atinge dimensões descomunais.

— Vamos descer e dar uma olhada pelos arredores. Você vai por uma calçada e eu pela outra.

Não chegaram longe. Uma vizinha que encontraram no portão avisou que a menina tinha sido vista no terraço. E, de fato, lá estava ela, tranquilamente, sentada dentro de um quadrado que tinha feito no chão enfileirando fotos do álbum do pai. Ramuntxo, aliviado, pegou-a no colo. Nem uma palavra de bronca. Gorka se encarregou de apanhar as fotos. E Amaia, onze anos na época, ao voltar para o apartamento, disse com a sua seriedade habitual que queria ir para a casa da mãe.

95
Vinho de garrafão

JOXE MARI ASKATU. Foi a primeira coisa que atraiu a atenção de Gorka assim que desceu do ônibus. Uma faixa de grandes dimensões estendida entre duas fachadas. E depois, de tanto em tanto, cartazes com a foto do irmão e a mesma exigência de libertação. Assim se manipula um homem e se fabrica um herói. Se o pessoal daqui soubesse a repugnância que tudo isso me causa. Andava depressa, impelido pelo desejo/esperança de que ninguém o interpelasse na rua antes de chegar à casa dos pais.

Foi parado por um grupo na saída de um bar. Aguentou no meio da calçada, estoico, sorriso frouxo, pálpebras lentas, cinco ou seis abraços, alguns bastante úmidos de suor.

— Estamos com vocês.

— Se precisarem de alguma coisa, já sabem.

Além de agradecer laconicamente, não soube mais o que dizer. Na certa, pensaram que estava abatido por causa da prisão de Joxe Mari. E o convidaram para uma bebida. Vamos, vamos. Fez a cara mais murcha do seu repertório de gestos postiços, enquanto alegava, não exatamente pesaroso, mas murcho, que tinha acabado de chegar à vila e precisava ver seus pais o quanto antes. Seu *euskera* bem modulado impressionava bem, e ele sabia. Talvez em outras circunstâncias o arrastassem até o balcão do bar, querendo ou não. Dessa vez, compreensivos, não insistiram. E Gorka pôde seguir seu caminho com as costas quentes de tantos tapinhas.

O portão, com seu cheiro e sua penumbra de sempre. E de repente foi abraçado ao pé dos três degraus, por quem?, uma figura de preto com cheiro ruim na boca. Don Serapio tinha acabado de sair da casa dos seus pais.

— Veio ficar com sua família neste momento difícil? Isso é muito bom, filho. Estou vendo que agora já é um homem feito e, além do mais, ajuizado. A sua *ama* me parece forte. Mulher de ferro, hein? O *aita* me preocupa mais.

Depois de alguns instantes, os olhos de Gorka se acostumaram à escassez de luz. Então pôde distinguir sem dificuldade a cara de tonto do padre, o brilho aquoso dos seus olhos. Parecia mais baixo que em outros tempos. Estará encolhendo?

— Pobre Joxian. Que Deus tenha piedade dele. Não sei como vai superar esta situação. Sua mãe me contou que passa o dia todo na horta. Nem veio almoçar.

— Pois tenho que ir buscá-lo.

— Vá, filho, vá. Rezo muito por vocês e por Joxe Mari. Rezo pedindo a Deus que ele seja tratado de forma humana. Não desanime. Seja forte. Seus pais precisam de você. Como andam as coisas em Bilbao?

— Bem.

Para se despedir, o padre lhe deu uma palmadinha no braço, perto do ombro, que evocou em Gorka um gesto de pêsames. E, totalmente vestido de preto, mas sem batina, ajeitou a boina na cabeça e foi embora.

Dentro do apartamento ouviam-se vozes. Vozes tranquilas de mulheres. A da sua mãe, com certeza. A outra? Parecia conhecida. Encostou o ouvido na porta. Voz de Arantxa, que disse que viria depois do trabalho, não é. De Juani? Apurou a audição e, sim, a açougueira estava lá dentro. Olhou o relógio no escurinho. Ainda não era muito tarde. O que eu faço? Parado no corredor, imaginou sua entrada na casa da família, a recepção da *ama* reclamando que há muito tempo ele não aparece ou que telefona pouco, na frente da mãe daquele que se suicidou. Ou que mataram? Nunca se saberá com certeza. E pensou que eu, agora, não entro aí nem louco. Pôs a cabeça para fora do portão para se certificar que o padre já tinha se afastado, como de fato acontecera. Enveredou então pelo caminho da horta.

Encontrou seu pai dentro do barraco, descalço, bêbado.

— Então, você veio?

— Como dá para ver.

Tinha montado uma mesa precária colocando uma tábua em cima de uma gaiola de coelhos, e da mesma maneira, com outra gaiola, um banco. E em cima da tábua que servia de mesa via-se um copo e um velho garrafão de vinho coberto de poeira e teias de aranha.

— Enquanto não entornar tudo isso, não volto para casa.

Joxian não parecia surpreso com a chegada do filho. Ao vê-lo, desligou o rádio. Havia um cheiro forte dentro do barraco. De umidade, de capim velho e de vinho. Os coelhos, quietinhos. Alguns faziam com o focinho um movimento nervoso de morder. Grossas veias atravessavam o dorso das mãos de Joxian. Mãos inchadas, calosas, em que nessa época já começavam a se manifestar alguns sintomas de artrose.

— Sabe-se alguma coisa do meu irmão?

— Teu irmão é um assassino. Isso é tudo o que se sabe. Acha pouco? Agora vai ter o castigo que merece e mais algum de quebra, porque os sacanas da Audiência

estão querendo usar esses carneirinhos de pistola na mão para dar o exemplo. A *ama* tem razão. Eu fui um pai muito mole. Com umas boas porradas a tempo, teria corrigido as coisas. O que você acha?

— Neste país andam corrigindo muitas coisas na base da porrada. E estamos desse jeito. E então, não se sabe mesmo de nada?

— Enquanto não se cansarem de enchê-lo de porrada, não vamos ter notícia.

A embriaguez de Joxian não era como a de um bêbado escravo do seu vinho diário e pobretão. Desde jovem, ele era um bebedor moderado, embora assíduo. Pode ser que tomasse um copinho a mais de vez em quando. Mas isso de hoje, como denominar? Um desejo de nublar a realidade, um esforço de rebeldia, um castigo para si mesmo por não ter sido um pai como deveria? Apesar de ter bebido muito, ele articulava bem. Raciocinava sem dificuldade. Não coçava o flanco. Fixava a vista num ponto, ficava imóvel por um longo tempo e de repente tomava um gole, sem saborear, às vezes balançando a cabeça em sinal de reprovação. Gorka, parado ao lado da entrada, o observava com o peito apertado de compaixão, e também com um laivo de repulsa. Se pudesse, este homem beberia um mar de vinho. Os pés, violáceos, inchados, disformes.

— Escuta aqui, você por acaso não tem ligação com essa quadrilha, não é?

— Não, *aita*. Eu trabalho na rádio, me pagam, não faço mal a ninguém.

— Cuidado para não seguir os passos do teu irmão, hein? Você já viu aonde levam. Meu Deus, que pena ele vai pegar. Tem muito sangue nas mãos. Ouviu todos os crimes atribuídos a ele? Acho que não vou vê-lo mais do lado de fora, basta somar vinte, trinta anos à minha idade de agora. Não tem jeito. A essa altura, já vou estar debaixo da terra.

E para reter um soluço que lhe subia à garganta, enfiou às pressas outro gole de vinho goela abaixo. Pai e filho ficaram algum tempo em silêncio, sem se olhar. De repente:

— Você viu a *ama?*

— Vim direto para cá.

— E como sabia que eu estava na horta?

— O padre me falou.

— O padre? Não quero nem ouvir falar dele. Que desgraçado. Esse aí é dos piores, fique sabendo. Ele vai com sua conversinha para os jovens, insufla ideias e esquenta a cabeça deles. E quando acontece o que sempre acontece, recua, prega e dá comunhão com carinha de santo. Isto não se pode dizer à *ama* porque vira uma fera. Mas você é boba ou o quê?, eu lhe pergunto. Não sabe que o padre deixa os rapazes guardarem seus cartazes e bandeiras e seus sprays no porão da igreja? Isso

não tem nada a ver, diz ela. Pois claro que tem a ver. Joxe Mari, que eu saiba, não nasceu com uma pistola na não. O padre, os amigos, sei lá, o levaram pelo mau caminho. E como ele não tem muita coisa aqui dentro — apontou para o centro da testa —, mordeu a isca.

Em seguida, convidou o filho para beber. Gorka pensou em aceitar, só para que o garrafão se esvaziasse antes. Mas não viu na mesa improvisada outro copo além do que estava sendo usado pelo pai e declinou.

— Tem uma coisa que eu quero que você saiba, *aita*.

— E me disseram que Joxe Mari estava na vila quando mataram o Txato. Não tiro isto da cabeça.

— É um assunto da minha vida pessoal.

— Muita coincidência, não é? Que merda esse bobalhão estava fazendo na vila no dia em que mataram meu melhor amigo? Se eu ficar sabendo que foi o grupo dele, não vou perdoar nunca.

— Eu vivo com um homem em Bilbao. — Ocupado em acender outro cigarro, Joxian não estava escutando. — Nós moramos juntos. Ele se chama Ramón. Bem, eu o chamo de Ramuntxo.

— Mas com certeza, na primeira vez que eu falar com ele, onde quer que seja, vou lhe perguntar cara a cara. E não vai adiantar nada mentir, para mim, o pai dele, porque vou ler a verdade nos seus olhos.

Gorka decidiu interromper sua mal iniciada confissão. Como não percebeu que aquele não era o momento adequado nem seu pai estava nas melhores condições para prestar atenção e entender? O lugar, sim, era bom. Tinha imaginado a cena diversas vezes. Ele se via, como agora, a sós com Joxian no barraco da horta e lhe contava seu segredo às escondidas da mãe. Do pai podia esperar um gesto de compreensão. No pior dos casos, Joxian se resignaria. Condenação? Nenhuma. Ou ele abençoa ou se cala. E com certeza guardaria o segredo como estava fazendo Arantxa, que de repente, já de noitinha, apareceu na horta.

— Tá tão fedido aqui nesta pocilga que ninguém consegue respirar. *Aita*, mas que bêbado. — Para o irmão: — E o que você está fazendo aqui? A *ama* está soltando fumaça pelas ventas com a ideia de que você continua em Bilbao. Ela me mandou vir aqui perguntar se tem que preparar o jantar ou não. Comprou sardinha para um batalhão.

Gorka ajudou o pai a se levantar, enquanto Arantxa, sem parar de falar, procurava os sapatos dele entre as gaiolas dos coelhos.

— Tem certeza que vai conseguir andar?

— Claro que sim, porra.

— O que me dizem do *gudari?*

— Agora pelo menos vamos saber onde ele está.

— Foi o que eu disse a Guille. Em compensação, a *ama* está virando uma revolucionária ardorosa. Não me surpreende que vocês se escondam dela. Juani vai atrás, e ninguém aguenta as duas. Que dupla.

96
Nerea e a solidão

Foi Bittori quem ligou para o escritório de advocacia em San Sebastián. Se não podiam contratar sua filha para que fosse aprendendo o ofício. Aceitaram, mas sem carteira assinada, com honorários puramente simbólicos, e só porque um dos advogados devia favores a Txato, que em paz descanse, ou talvez por pena pelo que tinha acontecido com ele. Muito trabalho, tédio absoluto, chefes secos e arrogantes, pouca compensação econômica. Assim descreveu Nerea para a mãe, depois de alguns meses, a primeira ocupação profissional de sua vida. Resposta materna:

— Melhor que nada. Todos nós começamos de baixo.

O sonho de Bittori: que assim como Xabier era um cirurgião de prestígio, sua filha fosse advogada ou juíza. O mesmo sonho, sem dúvida, que o falecido Txato desejaria ver realizado.

Um ano e três meses depois de ter entrado no escritório de advocacia, Nerea o deixou. Anunciou que ia sair e, aí sim, aí é que lhe ofereceram melhores condições de trabalho, um contrato e carteira assinada. Sinto muito, amiguinhos, *but it's too late*. Disse tchau a todos, e Bittori teve que se despedir para sempre do seu sonho.

Nerea estivera estudando ofertas de trabalho em segredo durante todo aquele tempo e conseguiu, fazendo o concurso, um emprego na agência da Receita da rua Oquendo. Mais tarde foi transferida para o do bairro de Errotaburu. Não era motivada por necessidades econômicas. Na verdade, seu pai, que, embora a pouca instrução, lidara habilmente com questões burocráticas e administrativas, tinha resolvido a sua vida no aspecto material. Além disso, Xabier lhe deu conselhos de irmão criterioso em relação à herança. Nerea poupou, comprou ações, investiu; enfim, tinha um pé de meia. Mas, claro, a gente precisa preencher a vida com argumentos, ter uma ordem e uma direção, dar a cada amanhecer um motivo realmente estimulante para se levantar da cama, senão com esperança, pelo menos com energia, para não acabar paralisado, inclusive no pensamento, por pura inatividade.

— Ai, filha, você virou filósofa.

Mas pagou à vista sem hesitar um apartamento de três quartos no bairro de Amara. Reformou e mobiliou tudo. Sua mãe: para que gastava tanto se na casa dela

as duas cabiam perfeitamente.

— Que ideia, *ama*. Não íamos parar de discutir.

Com o ir e vir dos dias, o século XX foi acabando e ela conheceu homens. Ou melhor, eles a conheceram. O que quer dizer que se aproximavam dela risonhamente sedutores, soltando elogios com pose de galãs, ou então forjavam encontros falsamente casuais. Até um dos advogados do escritório, parece mentira, casado e pai de três filhos, se insinuou. Ela, que já vinha captando o clima fazia uns dias, cortou rapidamente o avanço lascivo. Não fazia parte dos seus planos destruir famílias.

Fez amizades femininas. Na academia e no trabalho. Com ninguém da sua vila. Era só o que faltava. E quando lhe perguntavam de onde era, declarava-se natural de San Sebastián. Integrou-se a um grupo de mulheres do qual fazia parte uma viúva de 31 anos. De vez em quando elas falavam, nos jantares de sábado, ou na praia, nos bares, sobre a dor que a morte de um ser querido provoca e de como é difícil para alguns superar a desgraça. Nerea escutava sem intervir, pois tinha o firme propósito de não revelar a ninguém que era filha de uma vítima de terrorismo.

Deixando de lado episódios sexuais esporádicos, tentou mais de uma vez um amor como ela entendia.

— E como entendia?

Confessava às amigas sua aspiração de ter uma convivência a dois, por longos anos e com filhos, mas de modo algum mais de dois. Tudo bem tranquilo, limpo e burguês, como um casamento à moda antiga.

— E seu pai levando você de braços dados ao altar.

— Isso não vai ser possível. Meu pai morreu de câncer há dois anos e meio. Fumava muito.

Quando fez trinta anos, Nerea deu por concluída sua quota de namoricos. Aventuras? Não, obrigada. Já tivera suficientes. E contava para um círculo de rostos sorridentes a história do bonitão louro que ela seguiu feito uma boba até a Alemanha e a decepção monumental que teve. Suas amigas já conheciam aquela peripécia em seus menores detalhes, mas não se cansavam de ouvi-la, e vez por outra Nerea tinha que contar de novo. O motivo? Porque era prato cheio para piadas e gargalhadas. Em contrapartida, jamais mencionou a pessoa atropelada pelo bonde em Frankfurt.

Suas tentativas cada vez mais espaçadas de encontrar um amor duradouro, um amor de doce lar, poltrona, tapete e pantufas, tinham sempre desenlaces desfavoráveis. Decepcionada e cansada dos homens, pensava: menina, nunca mais

se apaixone por ninguém. Mas as semanas passavam, os meses, e, quando ela menos esperava, voltava a sentir, onde?, em cima, embaixo, entre as pernas, um formigamento de excitação e de entusiasmo. Era como recair em um vício que já parecia superado. Um nome, um semblante, um novo timbre de voz irrompiam em sua vida; apagavam a sensação pegajosa de solidão sempre grudada em seu corpo e a enchiam de euforia, de inquietações agradáveis, até que, após um tempo, por uma razão ou por outra, a miragem se desmanchava e ela constatava mais uma vez que aquele ser fascinante, em cuja presença seus batimentos se aceleravam, não passava de uma projeção dos seus desejos e que na verdade o tal sujeito era de uma vulgaridade e de um egoísmo intoleráveis.

A ansiada exceção: Eneko, oito anos mais velho que ela. Os dois se conheciam de vista do bar Tánger, onde Nerea costumava tomar um *bitter* ao meio-dia no tempo em que trabalhava no escritório da rua Oquendo. Frequentemente se viam no bar, porque ele trabalhava perto, numa imobiliária na praça de Guipúzcoa. Olhares, cumprimentos, mais olhares, e enfim Eneko tomou coragem para abordá-la. Olá, sou fulano, trabalho aqui ao lado, o que acha de nos conhecermos? Simples assim. Um homem fácil, direto, despretensioso. Desses que, ainda não queimados pelo ácido do casamento, chegam a um encontro trazendo uma rosa ou com um livro de presente. Defeitos? À primeira vista, nenhum que não pudesse ser perdoado: falta de gosto para se vestir, um pouco acima do peso, interesse por futebol.

Nerea se acostumou à sua companhia, ao toque ligeiramente paterno-protetor desse homem, mais velho que Xabier, que lhe transmitia tranquilidade e, coisa rara, sabia fazê-la rir. Eneko, um homem-sofá: macio, fofo, ótimo para o repouso. Em dias de chuva, ele a protegia com o guarda-chuva enquanto ficava se molhando. Este tipo de detalhe tem muito valor para Nerea. E lá estava ela, após alguns meses, às voltas com a ideia de propor-lhe algo mais que sair juntos, porque o homem lhe caía francamente bem. Pergunta das amigas: se havia amor. Claro, mas também amizade, o que não é o mesmo. Nerea dizia que a amizade é o que sustenta a relação do casal quando o amor se relaxa e perde a chama.

Havia, porém, um buraco negro, sem fundo, que os separava. Uma fenda que se abria entre os dois, acompanhou-os a cada minuto durante os cerca de dez meses em que conviveram estreitamente, e não a viam, e Eneko nunca a viu de fato. Por isso, se ainda estiver vivo, o que terá sido dele?, talvez continue se perguntando o que deu errado. E o fato era que, assim como ela omitia a história do pai, ele se calava sobre um irmão que cumpria pena por atos de terrorismo na prisão de Badajoz. O amor, a amizade, a risada, o homem-sofá, a rosa ou o livro de presente,

em poucos segundos aquela fenda profunda engoliu tudo.

Foi assim. Entardecia, numa segunda-feira chuvosa de janeiro, ano de 1995. Nerea e Eneko decidiram dar sua volta habitual pela Parte Velha, beliscar uns petiscos, regar com vinho e depois ir para a casa dele, ou para a casa dela ou cada qual para a sua, que amanhã, *maitia,* é dia de trabalho. De bar em bar, dividindo o guarda-chuva, entraram na rua 31 de Agosto. E Nerea vinha rindo de uns gracejos que Eneko dizia. Na altura do bar La Cepa, de repente o riso se cortou. Ela sabia, pelas notícias do rádio, que cinco ou seis horas antes um pistoleiro do ETA tinha assassinado lá dentro o subprefeito enquanto este jantava com uns companheiros de partido.

— Não foi aqui que mataram Gregorio Ordóñez?

— Eu não derramo nem uma lágrima por esse aí. Por causa de gente como ele é que meu irmão está na prisão.

Passaram em frente. E Nerea se afastou um pouco do guarda-chuva e já sentia os pingos num braço e tinha começado a ver a fenda.

— Um irmão na prisão?

— Em Badajoz. Não te falei? Vai ficar um tempão.

— Por que foi preso?

— E por que pode ser? Por lutar por aquilo que ama.

Chegaram à altura da igreja de Santa María. Eneko voltou às suas piadas, mas na boca da namorada já não havia riso. Nerea nem sequer escutava. E discretamente largou seu braço com a desculpa de procurar alguma coisa dentro da bolsa. O que eu faço? Saio correndo? Sua face, pura rigidez, ricto impostado, fingia serenidade. Dentro dela se desatou uma onda de nervosismo tão forte que não pôde evitar que lhe escapasse uma quantidade significativa de urina. Parecia eterno o caminho até o Bulevar. Ele falava, jovial, brincalhão; ela silenciava. No ponto de ônibus, despediu-se depois de deixá-lo, com um misto de repugnância e terror, beijar seu rosto. Embora houvesse lugares livres ao lado das janelas com vista para a calçada onde ele estava esperando, debaixo do guarda-chuva, o aceno costumeiro, Nerea foi sentar-se no lado oposto. No trajeto até Amara, pensou na forma de justificar a ruptura. Telefonou para ele assim que chegou em casa. Que havia outro homem na sua vida. Uma mentira infalível nesses casos. Disse isto e, sem esperar a reação dele, desligou. Podia ter falado a verdade; mas, nesse caso, teria que mencionar o seu pai. Nem morta.

Às amigas contou umas generalidades sobre o fim da relação. Também não é que estivessem muito interessadas. O grupo se dispersou nos anos seguintes, mas de vez em quando, embora nunca completo, se reunia para jantar em algum

restaurante. E como sempre: umas arranjaram namorado, a viúva se casou de novo, outra conseguiu emprego em Barcelona. Essas coisas. E Nerea? Pois andava por aí, grudada na própria solidão. Gostava de se compensar com viagens aos limites do mundo: Alasca, Nova Zelândia, África do Sul. Também preenchia seu ócio com atividades: entrou num curso de idiomas para melhorar seu inglês, ia com mais frequência à academia, inscreveu-se num curso de culinária. Às vezes, sim, saía com alguma amiga separada ou quase se separando, que passava horas contando seus problemas familiares e conjugais e lhe pedia conselhos, logo a ela, que não tinha a menor experiência como mãe nem como esposa.

E, enfim, acumulando primaveras, fez 36 anos. Trinta e seis! Como passa rápido. Mas não vou ficar amarga, hein? E como era a época da festa em San Sebastián, foi com uma amiga ver o hasteamento da bandeira na praça da Constituição. Dançaram, beberam e continuaram bebendo, e em determinado momento, muito tarde, Nerea se viu dentro de um táxi ao lado de um homem que tinha um sorriso perfeito, cheirava maravilhosamente bem, apalpava seus peitos e mais que isso não me pergunte, porque não me lembro. Guardo, sim, na memória umas imagens imprecisas. Sei, pelo som da água, que ele tomou banho às tantas da madrugada. Depois veio e despiu-a, Nerea deitada de bruços numa cama estranha, bêbada de perder os sentidos. Deduziu que o homem a penetrou, porque de manhã havia restos de esperma entre suas coxas. Ele a estava esperando na sala, decorada luxuosamente. Era bonito, usava um roupão de seda azul marinho e a mesa estava posta para o café da manhã, com flores, velas e um monte de coisas gostosas para beber e comer. Um negócio indescritível. Foi então, na hora de se sentar à sua frente, que Nerea soube o nome dele: Enrique.

— Mas meus amigos me chamam de Quique.

97
A procissão dos assassinos

Horas depois de tê-lo conhecido, Bittori, numa conversa ao telefone com a filha, considerou-o uma pessoa sem sentimentos: um esnobe. O homem mais vaidoso que já pôs os pés na Terra. Um gastador de espelhos, todo fumigado de perfume, um sujeito que fala para ouvir a própria voz. E, com um sarcasmo descarado, perguntou a Nerea se esse senhor, de noite, vai para a cama de paletó e gravata. Nerea lhe disse para ir se acostumando porque ele havia entrado na sua vida para ficar.

— Não vai dizer que não o acha bonito.

— Até demais.

— E elegante.

— Aff, uma barbaridade. Quero ver como você vai fazer para que não o roubem. Vai ter que ficar de olho nele 24 horas por dia.

Bittori não sabia que Quique e Nerea já tinham resolvido esse problema. O acordo custou a Nerea noites em claro e lágrimas; mas, enquanto isso, sozinha, fez seus cálculos, pesou vantagens e desvantagens e por fim, aconselhada por uma amiga, decidiu compensar o egoísmo dele com seu próprio egoísmo. Foda-se. E se rendeu. A partir desse instante sentiu uma espécie de dilatação interna da sua pessoa. O quê? Como? Digamos que me senti liberada. Outra consequência: entre Quique e ela nasceu uma identificação/cumplicidade que ao longo de todos esses anos serviu de base sólida à relação, apesar das repetidas e praticamente periódicas rupturas.

À guisa de explicação, Nerea contou um caso à amiga:

— Duvido que exista no mundo um casal que tenha se separado mais vezes do que nós. Certo dia, na casa dele, eu disse que era para sempre, que aquela separação era definitiva. Mas como estava chovendo, e eu tinha ido ao cabeleireiro horas antes e estava sem guarda-chuva, preferi ficar lá e passamos uma das noites mais ternas e românticas de que me lembro.

Em momento algum Quique tentou disfarçar. Chegou tarde a um encontro, com um arranhão recente no queixo. Pediu desculpas, explícito, impassível:

— Meu bem, desculpa o atraso. Estava com uma garota e a coisa se prolongou.

Na cabeça de Nerea uma explosão luminosa formou a palavra: ruptura. E depois da pirotecnia abriu-se em sua escuridão mental uma árvore de faíscas e em cada uma podia-se ler: acabou. Esse cara não só me mete chifres, como ainda esfrega a sua insolência na minha cara. Estavam saindo juntos havia poucos meses. E agora essa. Nerea estava apaixonada por ele dos pés à cabeça, ida e volta, e poderia jurar que Quique, gentil, doce, como é boa-pinta o sacana, correspondia. Desconcertada, olhou em volta como que procurando a câmera escondida que confirmaria a pegadinha.

— O que é isso?

Ele pareceu sinceramente surpreso. Nerea, sua bobinha, vou ter mesmo que explicar? E explicou:

— Meu bem, outros homens têm paixão por tênis ou colecionam selos e moedas. Eu, como posso dizer?, eu gosto de sexo. Preciso da sensação de possuir corpos femininos. Centenas, milhares, todos os que puder enquanto tiver forças. É um esporte em que sou muito bom, sabe? Não tem nada a ver com a nossa relação, que é simplesmente maravilhosa. Eu te amo loucamente. Você é a minha Nerea, a *only one*. Que não haja a menor dúvida. Em contrapartida, as fornecedoras de orgasmos com quem vou para a cama sem saber onde moram nem como se chamam não significam nada para mim do ponto de vista dos sentimentos. Repito: na-da. São instrumentos de prazer. Ponto-final. Veja como eu não tenho segredos. Você não vai malhar? Então... eu também vou, só que, em vez de subir em uma esteira, me exercito com um corpo atraente. Eu lamentaria muito se você não me aceitasse como sou.

— Mas você aceitaria que eu fizesse o mesmo com corpos masculinos?

— Vem cá, quando foi que eu te disse não faça isso ou não faça aquilo?

— Bem, então me dá um tempo. Vou pensar.

Levantou-se, estavam na varanda do Caravanserai, uma tarde azul com crianças e pombos, e Nerea saiu dali contornando a catedral, séria, desconcertada, questionando-se: meu Deus, mas o que está acontecendo comigo que não o mando à merda? Mas, se o mandar à merda, como o recupero depois? E imaginava situações, cada uma mais humilhante, mais constrangedora do que a outra, todas opostas ao que ela entendia por relacionamento de um casal, sei lá, uma relação normal, razoável, de sofá e pantufas. Feitos um para o outro, fidelidade, essas coisas. Claro que, aos 36 anos, tampouco estou disposta a perder o último bonde, principalmente um bonde tão bem-feito como esse.

Foi conversar urgentemente com uma amiga de confiança. Olheiras depois de uma noite sem dormir. Na mesa, café com leite e croissants. Depois de ouvir os

pormenores do caso, a amiga perguntou na lata a Nerea se ela amava Quique.

— Acho que não posso dizer que não. Caso contrário, suponho que já o teria mandado se ferrar. O problema é que não quero dividi-lo com ninguém. Quero ele inteiro só para mim.

— E o que você lhe dá em troca? Já tem 35 anos.

— Trinta e seis.

— Olha, Nerea, querida, não acho que seja uma situação tão difícil como você pintou para mim ao telefone ontem à noite. Se o ama de verdade, não lhe resta muitas opções. Ou uma separação imediata, com o que você o perde completamente e volta a ficar sozinha com seus 37 anos.

— Trinta e seis.

— Ou então entra no jogo com astúcia e tolera o pendor dele por orgasmos. É duro, eu sei. Mas o importante é ganhar a parada.

— E se ele se apaixonar por outra?

— Tenho a impressão de que o risco é maior com os insatisfeitos e reprimidos.

— E se ele pegar uma doença? Aids, por exemplo. E me contaminar?

— Entendo. Então liga para ele e diz que acabou.

— Está doida?

— Então você vai ter que aceitá-lo como é.

— Vai ser difícil.

— Vai, sim, mas você consegue.

— Ele é um porco.

— É o seu porco, Nerea. Trate-o bem.

Não quis se encontrar com ele em nenhum dos lugares de sempre. Por quê? Para não exagerar a submissão. Quique, carinhoso ao telefone, não fez perguntas, aceitou. Escondida atrás da banca de jornal do Bulevar, Nerea o viu chegar pontualmente e ocupar, todo elegante, uma mesa na varanda do bar Barandiarán. Enquanto isso, ela foi se sentar em um banco de rua, onde Quique não podia vê-la, e se entreteve durante vinte minutos observando a multidão. Que espere. Antes de ir ao encontro dele, retocou a sombra com a ajuda de um espelhinho e pôs nos pulsos umas gotas de um perfume obscenamente caro que tinha acabado de comprar.

Porque, se eu me propuser a isso, esse vaidoso não me ganha em elegância nem em bom cheiro. Avançou entre a multidão insinuando ares de modelo, toc, toc, com seu salto alto, cabelo solto, sabendo-se olhada por uns e por outros, e também por Quique, que da varanda do bar a observava chegando de frente. No meio do trajeto seus lábios lhe desobedeceram. Esse sorriso, Nerea, não negue, foi um pequeno

deslize. Um? Foi *o* deslize. E Quique se levantou para recebê-la, beijador, elogiante, e lhe ofereceu a cadeira como um cavalheiro bem-educado.

Nerea foi direto ao ponto.

— Jamais na minha frente.

Não disse mais nada. Quique fez um leve gesto de aprovação, tratou de ser atendido pelo garçom, tirou um estojinho de couro de um bolso interno do paletó. Deu-o a Nerea em silêncio. Dentro, uma corrente com um pingente de folha de ginkgo biloba, tudo em ouro. Nerea qualificou o presente, sem muita efusão, de bonito. Depois disso, Quique lhe ofereceu a boca, e os lábios dela foram ao seu encontro.

Conversaram sobre vários assuntos. Ele bebia goles do seu uísque com gelo e de vez em quando erguia o copo para olhar através do líquido; ela, que tinha aula de inglês dentro de uma hora, pedira uma água tônica. Nisso, viram sair da rua Mayor, a poucos metros de onde estavam, a procissão habitual de familiares de presos do ETA. Homens e mulheres avançavam em passos calmos, distribuídos em duas filas paralelas, alguns conversando, outros calados. Cada um deles segurava um sarrafo comprido coroado com um cartaz. Os cartazes mostravam a foto de um militante do ETA preso e, embaixo, seu nome. Os retratados, todos jovens, sem exceção, eram filhos, irmãos, cônjuges dos portadores. E os transeuntes se afastavam a fim de deixá-los passar.

Andando pela Parte Velha, Nerea tinha se deparado muitas vezes com passeatas como aquela, às vezes de repente, ao virar uma esquina. Nunca prestava a menor atenção nelas, nem se interessava. Era como se não existissem. Virava as costas, tchau e bênção. Distinguiu Miren na fila mais próxima à varanda do bar, séria e rígida com a fotografia do filho. Nerea já a tinha visto outras vezes.

— Lá vai a procissão dos assassinos — solta Quique.

— Fala mais baixo. Não quero ter problemas.

Então ele se aproximou para sussurrar no ouvido de Nerea:

— Lá vai a procissão dos assassinos. — E, voltando a se recostar na cadeira, já com o tom de voz habitual: — É melhor assim? Eu penso a mesma coisa falando alto ou falando baixo.

Agora foi Nerea quem ofereceu a boca, e ele que veio com a sua para completar o beijo.

98
Casamento de vestido branco

Marcaram a data do casamento. Poucos dias depois, uma mulher abordou Nerea em uma rua de Amara.

— Vou me matar e a culpa é sua.

Pelo visto, estava à espera dela. Não a conhecia, não perguntou seu nome. Tentou se esquivar, mas a outra (uns trinta anos, atraente) impediu sua passagem.

— Você nunca vai fazê-lo feliz como eu faria.

Nerea começou a entender. Havia desespero nesse rosto que a encara de perto com olhos desafiantes, ferozes, irritados por terem vertido lágrimas recentemente. A mulher prosseguiu, não agressiva, não insultante, mas com o dedo em riste de ameaça/advertência e claros sinais de que sofria de algum transtorno.

— Não tenha ilusões. Com a sua idade, acha que vai satisfazê-lo?

Nerea, contente. Nerea, contente. Nerea não se conteve.

— Por que não se mata de uma vez, porra, e me deixa em paz?

Pelo visto a mulher não esperava uma reação daquelas. Ficou abobalhada, hipnotizada, cravada no chão. E Nerea aproveitou seu estupor/desconcerto para deixá-la para trás e prosseguir, com passos decididos, toc, toc, em seu caminho. Nunca mais voltou a vê-la. Terá se matado como disse ou prometeu? Prometeu? Não seja perversa, garota.

Teve vontade de contar o incidente a Quique, mas para quê. Imaginou que a mulher devia ser uma das tantas que abriu as pernas para ele. Coitadinha. Quem sabe era uma que não se contentava em representar o papel de FOSA (Fornecedora de Orgasmos Sociedade Anônima) e quis disputar o trono comigo.

Pediu conselhos a Xabier: comunhão ou separação de bens. O que ele achava. Sem a menor hesitação, seu irmão optou pela segunda. E explicou que não dizia isso por hostilidade contra Quique.

— Afinal de contas, ele tem uma boa posição financeira. Mas, como não se sabe o que pode acontecer no futuro, seria bom você reservar para si a última palavra em relação ao seu patrimônio.

E assim foi feito no cartório, e Quique não fez qualquer objeção. Casaram-se, ele ateu, ela com dúvidas religiosas, na catedral do Bom Pastor. Bittori declarou que só

iria à catedral se a cerimônia não fosse oficializada pelo bispo. Disse que aquele senhor só pratica a misericórdia com os assassinos, que, por favor, não falassem o nome dele na sua frente porque lhe embrulhava o estômago e que, principalmente por causa dele, tinha perdido a fé. Os pais de Quique, navarros de Tudela, tinham fé. E, principalmente por causa deles, mas, de quebra, também para dar ao acontecimento um brilho de cerimônia mais requintada, casaram-se na igreja, os dois noivos vestidos de branco.

Por vários meses, os sorrisos dos novos cônjuges (com o palácio de Miramar ao fundo) ficaram expostos na vitrine de uma loja de fotografia situada em um dos arcos da praça de Guipúzcoa.

O banquete, realizado em um restaurante de Ulía com vista para o mar, se prolongou até o fim da tarde. Bittori, na hora das despedidas, bêbada?, disse uma coisa que deixou Nerea intrigada.

— Eu te desejo muita felicidade, que muita falta vai te fazer.

Nerea contou isso a Xabier logo depois, chamando-o para um canto.

— Por favor, não liga para isso. A *ama* tem a história que tem. E em dias especiais como hoje é possível que seja atormentada pelas lembranças.

Isso foi em um sábado. Na segunda, os recém-casados seguiram de trem para Madri. Andaram, visitaram, amaram-se muito, porque ele era movido pela esperança, a pressa?, de ser pai o quanto antes, achando que bastava entrar no quarto do hotel e começar os trabalhos sem tirar a colcha. Nesses momentos, Nerea pensava no rosto transtornado da mulher que lhe dissera na rua que ela nunca iria satisfazer o marido. Complacente, submissa, ela seguia as instruções de Quique: fica assim, vira, vem cá. Assim que os ofegos da cópula terminavam, ele já cogitava nomes para a criança, o que desagradava Nerea porque, como dizia, isso dá azar.

Em Madri pegaram um avião para Praga. Tinham planejado passar lá o restante da lua de mel. A ideia foi de Nerea. Uma amiga lhe falara maravilhas da cidade. Que isso, que aquilo; que a ponte de não sei quê e a catedral de não sei quantos. Vamos a Praga? Então vamos a Praga. O que você quiser, meu bem. Dono, meio a meio com um sócio, de uma empresa de produção e distribuição de bebidas, Quique considerou que a viagem seria uma oportunidade esplêndida para estudar *in loco* a possibilidade de fazer negócios na República Tcheca, país onde até então não tinha clientes. E, com a intenção de tentar a sorte, pôs na bagagem um maço de folhetos com informações em inglês sobre seus produtos, assim como uma caixa de papelão com umas vinte garrafinhas de várias bebidas. Dizia que:

— Na Alemanha e na Áustria todo ano compram com a gente um monte de *pacharán*. Não vejo por que os tchecos não gostariam do que seus vizinhos gostam.

— E o que vai fazer com os folhetos? Distribuir nos supermercados de Praga?

— Deixa comigo, que eu tenho jeito para essas coisas.

Em Praga, como em Madri, passearam fotografando, visitaram interessados, copularam com fins reprodutivos. Mas houve uma diferença, na forma de um episódio inesperado que ainda aflora em suas conversas quando lembram a lua de mel em Praga. Foi que, dois dias depois da chegada, decidiram ir andando ao bairro de Malá Strana e almoçar lá, e no caminho ver e fotografar os lugares históricos e detalhes curiosos do mobiliário urbano do trajeto. O dia ensolarado favorecia o plano. E também um mapa de fácil manuseio que lhes deram na recepção do hotel.

Por umas ruas de pedras, desceram até a ponte Carlos. E, soltando frases de admiração, atravessaram o pequeno túnel entre as duas torres da entrada. Nerea, de óculos escuros, quis tirar uma foto embaixo de uma das estátuas. Deixou a bolsa ao pé da mureta enquanto arrumava o cabelo e nesse momento apareceu um garoto de quatorze, quinze, no máximo dezesseis anos, que pegou a bolsa pelas alças e, sem se importar de ser visto, saiu correndo. Nerea percebeu na hora. Gritou na direção de Quique e das figuras de pedra e da Europa inteira a palavra *bolsa*, e teve tempo de mencionar seu conteúdo: o passaporte, o cartão Visa. O que foi uma forma eficaz de esporear o marido.

Quique foi atrás do ladrão. Era a primeira vez na vida que Nerea o via correr. E como corria rápido. Além do mais, as circunstâncias estavam a seu favor. Porque, como o garoto tinha que ultrapassar turistas lentos, quase parados, quando Quique chegava estes já tinham aberto caminho. O ladrão esbarrou em um homem de traços orientais. Já se via alcançado e quem sabe surrado por aquele estrangeiro veloz, e não teve ideia melhor do que jogar a bolsa no rio com a provável esperança de criar um dilema para seu perseguidor.

Mas que dilema, que nada. Abandonando imediatamente a perseguição, Quique correu até a mureta. Nerea, a uns trinta metros de distância, viu-o tirar os sapatos a toda velocidade e pôr alguma coisa dentro de um deles. O Patek Philippe? Que outra coisa poderia ser. O rio Moldávia, na sua passagem por Praga, é um rio e tanto. Vai que nos dá um susto. E teve vontade de chamá-lo, pelo amor de Deus, que não pulasse; mas Quique pulou de pé, e ela foi pegar os sapatos e o relógio de luxo.

Lá embaixo estava ele, com sua camisa branca de cento e vinte euros no meio da correnteza escura, mostrando a Nerea a bolsa resgatada, enquanto nadava tranquilo, risonho, varonil, até a margem próxima. Um grupo de asiáticos aplaudiu na ponte. E Nerea, com os sapatos de Quique na mão e o Patek Philippe em segurança, sentia-se como uma fruta muito madura, a ponto de explodir de tanto amor. Os

dois se encontraram na margem. Solidária por ele estar molhado, pulou nos braços de Quique. E muitas câmeras fotográficas espalhadas em volta registraram o abraço. O marido encharcado e a esposa feliz voltaram para o hotel pelo mesmo trajeto. Enquanto cruzavam a ponte, de mãos dadas, Nerea se lembrou da FOSA que a abordara na rua semanas antes.

99
O quarto membro

Os longos anos de prisão pesam. E como pesam. As brigas com os companheiros cansam, desmoralizam, assim como os atritos com os carcereiros e as greves de fome. A solidão, que por um lado serve de escape/refúgio, por outro te deixa exposto aos piores fantasmas, desgasta demais. Deitado na cama, Joxe Mari se sente inseguro. Foi um erro responder à carta da esposa de Txato. Ai, se a *ama* ficar sabendo. Não quero nem pensar. Mas é exatamente isso que ele não para de fazer nos últimos tempos e, desde que escreveu para Bittori, com mais intensidade ainda: lidar com as dúvidas, esvaziar no chão a bagagem de memórias; em poucas palavras, queimar a cuca. Aqui, na cadeia, pensar muito enfraquece. Deixa a gente diante da verdade amarga. Eis a sua vida, rapaz, jogada como um monte de lixo entre as quatro paredes de uma cela.

Mergulhado em reflexões, olha para o chão e o que vê? O que poderia ser? O chão daqui, que imediatamente se transforma no chão daquele apartamento da avenida Zarauz, em um sábado de agosto de tantos anos atrás, com a cidade em festa. Era dia de faxina. Antes os três se alternavam na tarefa. Mas esse sistema provocava confusão. É a minha vez? É a sua? De quem é? Sempre assim. O azarado do dia acabava ficando com todo o trabalho. E olha que se limitavam ao essencial, passar um pano aqui, o aspirador ali, para que a sujeira não chegasse até o pescoço. Foi Joxe Mari quem decretou: gente, faxina em equipe aos sábados. E trabalhavam os três no estilo de quartel. Vamos lá, você o banheiro, você a sala, eu a cozinha. Pim pá pum: uma hora, e pronto.

Haviam ligado o rádio. Como de costume. O rádio tem que estar ligado. Para se inteirarem logo quando algo acontece. Assim ficam sabendo se houve uma *blitz* ontem, se fizeram uma *ekintza* e onde, se caiu um *talde*. Parecia que, quanto mais secreta uma informação, com mais rapidez a mídia a divulgava. E isso, claro, pode ser muito útil para os que estão na luta. Para quê? Para tomar precauções e até para cair fora a tempo se as coisas derem errado. Nunca se sabe.

Desde as três da tarde, mais ou menos, eles já sabiam que havia acontecido algo grave no bairro de Morlans. Um locutor contava/denunciava que o local estava cercado. Não deixavam a imprensa entrar. Quem? A Guarda Civil. Ouviram-se tiros

a distância, muitos tiros, e uma explosão. Os detalhes eram vagos e escassos, mas suficientes para revelar que os meganhas estavam fazendo uma operação de grande envergadura em San Sebastián.

Para Joxe Mari essa história não cheirava bem desde o começo.

— Txopo, para o que você está fazendo e vai vigiar a rua.

Por volta das seis da tarde, tiveram uma primeira confirmação. Os *txakurras* aniquilaram o comando Donosti. Falava-se de três mortos em uma casa em Morlans. O locutor também disse que tinham ocorrido prisões em outros lugares, mas não informou onde.

Joxe Mari perguntou para Txopo, que continuava grudado na janela:

— E aí?

— Nada.

Mas ele não confiava. Quando menos se espera, esses putos chegam e derrubam a porta.

— Acho que nós dois deveríamos ir embora daqui, e ele fica — disse a Patxo.

— O que nós temos a ver com o comando Donosti? Não conhecemos os caras nem somos o *talde* de apoio deles.

— Talvez o nosso trabalho de informação tenha chegado às mãos deles. Ou tenhamos compartilhado o mesmo contato com a direção, sei lá. Vamos sair, nem que seja só por uma noite. Txopo nos dirá amanhã se houve movimentos estranhos na rua.

Até então tinham sido três, agora eram quatro. A suspeita incessante de que estavam sendo vigiados/perseguidos se instalou neles. Mais um membro. Bastante influente, aliás. Falaram disso na escuridão, deitados em uma subida do monte Igueldo, onde passaram a noite em sacos de dormir. Patxo não estava totalmente convencido.

— Mas então por que não vieram atrás da gente?

— Porque eles esperam até poder puxar o fio e pegar toda a meada.

— Você não está entrando em paranoia, está?

— Outro dia encontrei um vizinho no elevador. Olá, olá. Já é a segunda vez que vejo o cara em pouco tempo. Não sei você, mas essas coisas nunca me parecem coincidências. Olha o que aconteceu em Morlans. Em algum momento os *txakurras* deram com a pista de alguém. Disseram: olho vivo, pois, se seguirmos esse passarinho, mais cedo ou mais tarde encontraremos o bando. É assim que funciona essa guerra, Patxo. Não adianta negar.

— Se *seria* tão fácil, já teriam acabado com o ETA.

— Do ETA não ganha nem deus. Sim, nós perdemos militantes. Mas para cada

um que cai, entram dois ou três. Aqui tem pólvora para muito tempo.

Ouviu-se um estrondo ao longe.

— O que foi isso?

E logo a seguir, a noite, no lado da cidade, se acendeu em cascatas luminosas, em grandes rosetas de faíscas multicoloridas. Eram os fogos da Semana Grande sobre a baía. Joxe Mari e Patxo se sentaram na beira do arvoredo para olhar e, esquecidos da conversa recente, comentavam cada figura pirotécnica.

— Olha, olha.

— Porra, que bonito.

Terminado o espetáculo, voltaram para a escuridão das árvores e foram dormir dentro dos sacos, na noite estival do monte.

Havia um concerto de grilos. Patxo reclamava:

— Toda essa gente lá embaixo, puta merda, na maior festa, fazendo fila nas sorveterias, e nós aqui arriscando o couro pela libertação. Às vezes, tenho vontade de pegar o fuzil automático e, pá, pá, dar um castiguinho bem merecido nesse pessoal.

— Fica tranquilo, pois, quando a batuta estiver na nossa mão, eles vão ter que dançar ao som da nossa música.

Às sete da manhã, foram ao encontro marcado com Txopo atrás da Faculdade de Direito.

— E aí?

— Nada.

Mas Joxe Mari, com olheiras, todo descabelado, continuava com o pé atrás. Encarregou Txopo de arranjar um alojamento temporário para ele e Patxo. Enquanto isso, os dois dormiriam ao relento nos sacos. Patxo deixou claro que discordava. Então Joxe Mari transformou a proposta em ordem e não se fala mais nisso. Selou sua autoridade com uns palavrões. Não era fácil contrariar Joxe Mari. Tinha braços fortes, musculosos, e estava assustado.

Na segunda-feira, Txopo avisou que eles podiam ficar no apartamento de um colega de turma dele e sua mulher, mas que eles impunham algumas condições. Quais? Que não saíssem de casa para que ninguém os visse passar, já que moravam em um prédio de sete andares, na entrada de Añorga, com muito movimento de vizinhos, e que fossem embora até sexta-feira no máximo. Joxe Mari considerou o prazo razoável. Expressou sua habitual preocupação com a questão alimentar. Txopo: que a comida não era problema, que bastaria os anfitriões comprarem dois pães em vez de um.

— Ah, certo.

À tarde pegaram o ônibus para Lasarte. Desceram no ponto de Añorga, onde a mulher os estava esperando. Levou-os para o apartamento, em um edifício próximo à linha do trem. Era rechonchuda, simpática, faladora, com a franja típica de membro da esquerda *abertzale*; ele era mais calado e mal-humorado, e tinha uma cicatriz em curva sob o nariz que sugeria ter tido o lábio leporino operado. De comum acordo, decidiram não revelar os nomes verdadeiros, o que no nosso caso tinha sentido, porque não nos conheciam, ao passo que nós podíamos perguntar a Txopo como eles se chamavam ou então ver no térreo, escrito na caixa de correio, mas não importa. O caso era inserir um pouco de aventura na rotina.

Enquanto jantavam, deram umas risadas ao escolher os apelidos. Quando não esqueciam, confundiam um com o outro, provocando cenas ridículas. Assim, para acabar com o rolo, os dois foram apelidados de Dama e Cavalo, e Joxe Mari e Patxo, de Pão e Chocolate. Ideia dela que, aliás, não passou de um simples passatempo do primeiro dia e não serviu para nada, já que dali em diante, quando se falavam, não usavam os apelidos combinados ou simplesmente diziam: escuta; isso quando Patxo de vez em quando não chamava Joxe Mari pelo seu nome e vice-versa.

Cavalo ficou de cara amarrada desde o começo. Joxe Mari notou que há algo errado com esse cara. E Patxo, de noite, os dois conversando aos sussurros de cama para cama, também achava que ele não gosta da nossa presença. Ela, em compensação, tagarela e boa cozinheira, sempre alegrava o ambiente. Quem sabe o problema é esse.

— Ciúme?

— Com certeza.

— Eu não vejo motivo para isso.

E Joxe Mari, deitado na cama da cela, o olhar fixo no teto, apesar de estar com o moral lá embaixo, não consegue conter o sorriso. O Cavalo não era bobo; mas, claro, como trabalhava como barraqueiro na praia de Ondarreta durante a temporada de verão, não tinha outro remédio senão sair de manhã e passar o dia inteiro fora de casa. Já na terça-feira, a Dama, peitos grandes, entrou no banheiro com pouca roupa, fingindo que não tinha percebido que Patxo estava tomando banho, embora se ouvisse o barulho da água em todo o apartamento. Uma vez lá dentro (ai, desculpa), Patxo entendeu a intenção e, o que podia fazer?, convidou-a para entrar no box. Ela, encantada. E aos ouvidos de Joxe Mari, que estava lendo o jornal na sala, chegaram os gemidos e arquejos.

À noite perguntou ao companheiro:

— Não me diga que você comeu.

— Pode se preparar, que amanhã o mais provável é que seja a sua vez.

Mas Joxe Mari, quando a viu se chegar, adotou uma atitude de recusa a qualquer contato carnal. É que esse tipo de situação sempre me deixa encabulado. Não dou para isso. E a quadrada da Josune nunca me ensinou. Além do mais, como disse a Patxo quando estavam sozinhos, ele desconfiava de Cavalo. Irado de ciúmes, era capaz até de delatá-los. Essa ideia preocupava demais Joxe Mari, agravada pelas constantes insinuações lascivas da gorducha. Porra, que mulher mais safada. De modo que na quinta-feira, sem sequer esperar o café da manhã, agradeceram a hospitalidade e, separados por uma margem de meia hora, voltaram para o apartamento da avenida Zarauz. Txopo garantiu que tinha vigiado a rua todos aqueles dias e que a princípio não vira nada de suspeito.

100
A queda

Iniciaram uma sequência de *ekintzas* e só não fizeram mais porque o material demorava a chegar. Reclamaram: o que está acontecendo? E o contato, de mau humor, respondeu que eles não eram os únicos. Uma bomba de amônia que colocaram na passagem de um comboio da Guarda Civil falhou, e olha, se tivesse explodido iam voar meganhas para tudo quanto é lado e eles marcariam muitos pontos dentro da organização.

Destruíram a loja de automóveis de um sujeito do qual se dizia que isso, que aquilo e mais aquilo outro. Seria verdade? Tanto faz. Destruíram. Foi preciso até evacuar o edifício. Um assalto a uma agência bancária os ajudou a melhorar as finanças, que isso sim era um problema. Viviam com menos do que o necessário. E já tinham planejado até o último detalhe a execução de um policial aposentado quando souberam que toda a direção do ETA tinha sido capturada em Bidart, dentro de uma residência, casa de campo, chalé ou o que fosse.

Desconcerto total. Pior: sensação de orfandade. O que fazer? Joxe Mari, preocupado, agourento, lembrou que, no dia da prisão de Potros, encontraram com ele uma longa lista de militantes. Vai ver que esses inúteis também foram presos com a listagem completa. Patxo logo avisou:

— Eu não volto para o monte.

Decidiram aguardar o desenrolar dos acontecimentos e suspender as atividades até a situação se esclarecer. Os três passavam o dia todo fora do apartamento. Por precaução e por insistência de Joxe Mari, que via guardas à paisana até na forma das nuvens. Arranjaram umas varas de pescar. Com bom ou com mau tempo, eles iam andando para as pedras de Tximistarri, menos Txopo, que preferia cinemas e bibliotecas a ficar várias horas olhando se a rolha afundava na água. Antes de sair, colocavam entre a porta e a moldura, como sinal, pedacinhos quase invisíveis de linha e de fita adesiva. E, embaixo do capacho, uma lasca fina, curva, de vidro, resto de uma taça de vinho, que quebraria se fosse pisada. Ao entardecer, o primeiro a voltar verificava as marcas. Se estivessem no lugar, entrava no apartamento e acendia a luz como combinado.

Meses de incerteza. Quando será que vão reconstruir a direção, porra? Perderam

o contato. Ninguém lhes fornecia armas. Txopo teve que pedir ajuda aos pais para pagar o aluguel do apartamento. E, enquanto isso, o Estado celebrou todo feliz sua Exposição Universal de Sevilha e seus Jogos Olímpicos de Barcelona. Certa manhã, Joxe Mari disse foda-se, eu me arrisco. E então pegou um trem na estação de Amara e desceu em Hendaya. Depois de passar três dias na França, voltou para o apartamento, morrendo de fome, sujo, desmoralizado.

— O ETA não vai voltar a ser como era antes. A porrada de março foi um golpe duríssimo.

— Quem são os novos chefes?

— Tem vários. Não se entendem. Estão mais perdidos que cego em tiroteio.

Mesmo assim, a viagem não foi em vão. Tinha marcado um encontro em um bar do bairro de Gros com um militante que servia de correio, vamos ver se entendi, com um cara da nova direção ou próximo a ela ou sei lá o quê. Joxe Mari estava desconfiado. Mandou Patxo ir tomar uma cerveja no lugar uma hora antes.

— E então?

— Nada.

Então foi lá e entregou ao cara uma carta datilografada por Txopo, na qual solicitavam ir para Iparralde, o país basco francês, e passar um tempo na reserva. Justificavam: não somos operacionais, precisamos nos atualizar em preparação de bombas, estamos muito verdes em estratégia. Tiveram que esperar várias semanas por uma resposta. Solicitação aceita. E os mandaram passar uma temporada como *mugalaris*. Txopo se juntou a eles alguns meses depois.

Arranjaram para Patxo um emprego em uma granja avícola, propriedade de um casal francês de convicções nacionalistas. Com os donos e seus filhos, e a ajuda de um manual, ele se dispôs a aprender *euskera*. Mas ele não falava? Pois é, só sabia as vinte palavras que a gente pega querendo ou não, e por essa razão seus companheiros costumavam criticá-lo severamente. Se você não fala *euskera*, não é basco, por mais que faça parte do ETA, diziam. Ele alegava o seu compromisso com a independência. Os outros o mandavam à merda.

Quanto a Joxe Mari, demonstrou grande interesse em aumentar seus conhecimentos em matéria de explosivos. O atentado fracassado contra o comboio da Guarda Civil estava cravado na sua memória como um espinho. E Txopo? Txopo finalmente fez o curso de armas. Quando, um tempo depois, os três se reincorporaram à luta, estavam convencidos de que eram um *talde* mais competente, mais forte, mais mortífero do que antes.

Foram presos cinco meses depois. E ainda agora, depois de tantos anos, Joxe Mari se questiona o que falhou, quem falhou. A organização estava infiltrada por

agentes duplos, como diziam? Os três integrantes do *talde* baixaram a guarda*?* Eu, não. O Patxo, não há outra explicação. O que a princípio era uma simples desconfiança, logo se transformou em certeza. Foram capturados poucos dias antes de fazer uma ação espetacular, quando já estava tudo preparado: a hora, o lugar, o carro-bomba. E Joxe Mari não tinha a menor dúvida de que houvera uma delação. Durante as sessões do julgamento na Audiência Nacional, não se dignava a dirigir a palavra a Patxo quando passava por ele no aquário. Não lhe concedia sequer a honra de um olhar. Era como se não existisse.

Demorou muito para mudar de opinião, mas continua convencido até hoje de que eles foram presos por culpa de Patxo. Reconheço que não fazia sentido colaborar com a *txakurrada* para depois pegar uma porrada de anos de cadeia, onde ele ainda está. Portanto, não traiu, isso não; mas foi imprudente.

Certa noite, ele parecia mais melancólico, abatido.

— Qual é o problema?

— Meu pai está muito mal. Acho que não vai durar muito.

Umas luzes vermelhas se acenderam na cabeça de Joxe Mari.

— E como você sabe disso? — questionou.

Percebendo que batera com a língua nos dentes, Patxo não teve saída e confessou que havia visitado a família em segredo. Quando? Na verdade, várias vezes. Uma falta de disciplina grave. Seus companheiros lhe pediram/exigiram mais detalhes. Ele os deu, cada um mais atroz do que o outro. Seu pai esquelético, pálido, com dores horríveis. Seu pai, que já não reconhecia ninguém. Seu pai que.

— Bem, já chega.

Não fazia nem um mês que tinham trocado de apartamento por motivo de segurança. E agora essa. Joxe Mari não conseguiu dormir direito naquela noite. Levantou-se várias vezes da cama. Do seu quarto em penumbra espiava a rua deserta, as luzes acesas, os carros estacionados. Cinco, dez minutos, e voltava a se deitar. De manhã falou com Txopo a sós.

— Estou com um mau pressentimento. O que você acha?

— Quem sabe ele não foi visto lá e você está se preocupando à toa.

— Nossos nomes com certeza estão em algum papel receptado pela polícia. Ou então um preso pode ter falado depois de ser moído de pancada. Basta eles colocarem um *txakurra* à paisana perto da casa dos nossos *aitas*. Ao pegar um, pegam todos. Vamos dar o fora?

— De novo? Espera uns dias. Primeiro fazemos a *ekintza* e depois mudamos de ares.

Afinal se deixou convencer, ele que sempre era tão cuidadoso, tão pé-atrás.

Talvez estivesse cansado. Cansado de quê? De tanto ir para cá e para lá, de vigiar, de passar a vida em um estado contínuo de inquietação e tensão, e da porra da clandestinidade, que aos poucos vai desgastando a gente. Poderia ter se defendido, porque, desde que ouviu a explosão na porta do apartamento até o primeiro *txakurra* entrar aos berros no seu quarto, ele teve tempo de pegar a pistola; mas, que diabo, ainda sou jovem, e um dia vão me soltar. Faltavam cinco minutos para a uma e meia da madrugada. No primeiro instante senti alívio. Talvez porque era muito ingênuo e não tinha a menor ideia do que me esperava.

101
Txoria txori

Assim que ele nota, pressente, fareja a poeira da tristeza se levantar do chão, começa a assobiar sua melodia predileta. Não precisa escolher. Vem sozinha. Sente uma gratidão profunda a essa canção. Coisa sua. Às vezes, quando está indo para o refeitório, ou no pátio, ou após se despedir da mãe no parlatório, busca o seu rápido efeito tranquilizante sussurrando-a, *Hegoak ebaki banizkio*, tão baixinho que é quase como se estivesse só pensando, sempre imitando a voz de Mikel Laboa. Já prometeu: no dia em que recuperar a liberdade, assim que chegar à vila vai subir o monte para cantar *Txoria txori* tendo apenas as plantas e as árvores como testemunha.

Enquanto o tiravam do apartamento, viu por acaso o CD de Laboa. Fazia muito tempo que não o ouvia. Estava lá, na mesa, e lá ficou. Para Joxe Mari essa foi a última imagem do seu mundo de até então, do mundo que estava acabando para sempre.

A revista da casa durou várias horas. Mantiveram os dois separados, cada um em um quarto, com as mãos algemadas nas costas. Armas? Sim, havia algumas. O restante estava no esconderijo; mas isso os *txakurras* só vão descobrir mais tarde. Foram interrogados na presença do secretário do tribunal. E o que é isto? E onde está? E onde guardou? Depois os colocaram em veículos diferentes. Joxe Mari foi o último a ser levado.

— Vamos lá, fortão.

Já estava começando a clarear. O frescor azulado da manhã, os pássaros trinantes, os vizinhos nas janelas. E, quando entrou no furgão, foi arrancado bruscamente da sonolência e do aturdimento pelo tapão de um guarda civil que se sentiu olhado. Que não olhasse. E outro guarda, ao lado, disse com uma pachorra cheia de escárnio:

— Você está fodido, *gudari*.

Obrigaram-no a viajar com a cabeça entre as pernas, como fez quando foi se encontrar com Pakito. Foi nessa posição que lhe veio à mente pela primeira vez a canção, *Hegoak ebaki banizkio/nirea izango zen*. Iam a alta velocidade. Por um momento se sentiu a salvo dentro da canção. Essa canção ia ser o seu refúgio, a sua

toca mais profunda. Eu me escondo aqui e deixo vocês pensarem que me pegaram.

Ponto de chegada, o quartel de Intxaurrondo. Depois das impressões digitais e das fotos, tiraram sua roupa e alguém lhe disse aqui você vai ser bem tratado, mas tem que merecer. Nós não damos presentes. Tiraram o brinco da sua orelha. Não queriam bichas lá. E cobriram sua cabeça com uma balaclava. Devem ter colocado com a abertura dos olhos virada para trás, porque não via nada. Depois o trancaram em uma cela. Nenhum xingamento, nenhum empurrão, nenhuma pancada. As horas transcorriam. Ouvia passos, vozes fracas. De repente, uns gritos de dor, de queixa, através das paredes. Patxo? Joxe Mari, ainda algemado, tentava combater o frio lembrando a canção.

Em algum momento da manhã foi levado para o interrogatório. Que fosse sensato, que seus colegas já tinham confessado, que fizeram a caveira dele. Covarde, traidor, incapaz, foi chamado de tudo por eles.

— Que amigos, agora jogam a culpa em você por terem sido presos.

Foi crivado de perguntas cujas respostas os *txakurras* já sabiam de cor. Perguntas corriqueiras: como se chamava, como se chamavam seus companheiros, quantos anos tinha, onde ficava o apartamento do grupo. E as perguntas, perguntas, perguntas, se repetiam a tal velocidade que Joxe Mari não conseguia terminar a resposta. Às vezes, uma voz na frente e outra atrás ou ao lado faziam duas perguntas diferentes ao mesmo tempo. E, apesar de não ver ninguém, percebia pelas vozes, pisadas e outros sons que estava rodeado por um grupo numeroso de guardas civis. De repente choveram seis, sete, oito socos seguidos na sua cabeça. Alguém vociferava perto da sua orelha. Só entendia palavras soltas: paciência, nega, cansando, colaborar. Tudo gritado. E ameaças. E mais socos. E insultos. Caiu, foi derrubado?, da cadeira. Deitado no chão, levou, assassino de merda, uma saraivada de chutes que vinham de todos os lados, sem que ele, com as mãos atadas às costas, pudesse se proteger.

Voltaram a sentá-lo. Alguém disse algo baixinho. O que foi? Não tenho ideia. Resmungos. Agora as perguntas eram outras. E, quando se deu conta de que eles não batiam nos breves momentos que ele levava para responder, passou a prolongar as respostas acrescentando detalhes, em sua maioria supérfluos. E estava claro que tinham tirado uma penca de informação de Txopo e Patxo. Por isso as perguntas agora se referiam a minúcias da vida cotidiana dos três militantes e a aspectos concretos de atentados, de entregas de material, dos quais sem dúvida os *txakurras* já tinham conhecimento.

Queriam nomes. Diante da menor hesitação, baixavam o cacete. E também havia um guarda civil por ali, um pouco mais afastado, propondo dar logo um tiro na

nuca do puto do etarra e jogá-lo no mar. O rosto de Joxe Mari ardia sob a balaclava. E a canção? Não veio, não lembrou, não conseguia pensar. Depois de duas, três horas de espancamento, ainda não tinham perguntado pelo esconderijo. Talvez fosse uma armadilha do interrogatório. Decidiu informar a localização. Assim param de me bater. Disse: as armas estão em tal lugar. Ah, é? E por que não disse antes? Como eles podiam saber que não era mentira? Tiraram a balaclava da sua cabeça. E, enquanto uma mão puxava seu cabelo para abaixar a cabeça, alguém lhe proibiu de olhar os rostos. Trouxeram um mapa da província. E até lhe deram água. Morna, mas água. E, quando ia indicar um lugar com a ponta do dedo, viu que a localização do buraco estava marcada com um x. Então eles já sabiam. Nem sequer o levaram até lá. Na certa já tinham feito a viagem com um dos seus companheiros, ou com os dois, e desenterrado os tonéis.

Foi empurrado, já de noite, para dentro de um veículo, com três *txakurras* que continuaram lhe fazendo perguntas, sobretudo para humilhá-lo. O que achava da bandeira espanhola. Se tinha namorada e quantas vezes a havia fodido. Nesse nível. E, com exceção de alguns tapas no início da viagem, não bateram nele em todo o trajeto até Madri. Desde o jantar da véspera não havia comido nada. Mas a fome não era seu principal problema. Pior era o sono. Toda vez que fechava os olhos e a cabeça desabava sob o peso da fadiga, os guardas puxavam seu cabelo com força.

— Acorda, *gudari*.

Depois eles passaram a conversar sobre assuntos deles. Deixaram-no em paz, mas continuavam vigilantes para evitar que fechasse os olhos. Ele fechava. Era impossível não fechar. Então o sacudiam violentamente, puxavam seu cabelo. No final lhe permitiram dormir um pouco. De repente me veio a canção. *Ez zuen aldegingo*. Ou talvez só tenha sonhado. Quase nada, uns segundos, algumas palavras sem imagens. E aquilo me fez muito bem.

Quando o acordaram, ainda de noite, o veículo avançava a toda velocidade pelas ruas de Madri. O destino final? A Direção Geral da Guarda Civil, na rua Guzmán el Bueno. Ele não sabe o que o espera. Como diabos ia saber, se eu achava que em Intxaurrondo já tinha levado a dose regulamentar de porrada. No estacionamento obrigaram-no a ficar um tempão em pé, de cara contra a parede. Parece que seus companheiros também tinham acabado de chegar e o procedimento era para que não se vissem. Prédio de tijolo aparente. Escritórios e gabinetes. Mas ele foi levado para um calabouço subterrâneo. E advertiram: que colabore, que não olhe para o rosto de ninguém nem dirija a palavra a outros presos no caso de cruzar com eles.

E começa um círculo infernal para Joxe Mari que vai da cela à sala de interrogatório, dali ao exame do médico, de novo para a cela e começa tudo mais

uma vez. Quatro dias incomunicável, fora o tempo passado no quartel de Intxaurrondo. Que colabore, que não resista, que não banque o espertinho, que colabore, que colabore, a palhaçada acabou. Primeiro colocaram uma máscara nele. Depois uma balaclava, depois outra, três no total. Ele sua, treme. Esses também queriam nomes. Se tinha estado com fulano, se conhecia beltrano. Atribuíram-lhe atentados. Negou, e imediatamente bateram várias vezes em sua cabeça com cassetetes ou porretes forrados com alguma coisa, sei lá o quê, espuma ou fita isolante. Mais perguntas, mais pancadas. Para que não tivesse ilusões, de mãos nas costas, foi obrigado a segurar uma pistola e um carregador. Que apertasse com força para que as impressões digitais ficassem bem gravadas. Parabéns, etarra. Tinha acabado de virar o assassino de não sei quem.

— É o que nós chamamos de provas fidedignas.

E, de repente, vamos lá, faz dez flexões. Perguntas sobre sua vida pessoal, seus pais, sua patota, os bares da vila, a *ikastola*, gente *abertzale* do lugar. Mais flexões e o elevador. Ele não entende o que é. Já vão lhe explicar. Colocado de frente para a parede, tinha que ficar de cócoras, levantar, acocorar-se de novo e continuar fazendo isso, coberto de suor, por um bom tempo.

Enfiaram sua cabeça em um saco plástico. A falta de ar o deixou frenético, e então se debateu de pura angústia. Como era robusto, foram necessários vários agentes para imobilizá-lo. Dois ou três sentados em cima dele enquanto outro se encarregava de apertar o saco plástico em volta do pescoço. A morte estava nesse saco. Há um ponto a partir do qual a pessoa cai no outro lado. Aí não há oxigênio que devolva a vida, depois eles teriam que se livrar do corpo. A boca aberta tenta a todo custo aspirar um pouco, o mínimo que fosse, de ar. Mas só o que entra é o plástico. Eles conhecem o ponto crítico. Joxe Mari sente que os pulmões vão explodir. Quando estava prestes a perder os sentidos, deixam que ele aspire um pouco de ar antes de levá-lo de novo à beira da asfixia. Assim fazem oito, nove vezes. E por fim ele perdeu os sentidos.

Contou ao médico que o tinham torturado. E este replicou, entediado, que no relatório só podia registrar lesões, de forma alguma opiniões subjetivas ou juízos de valor. Algum osso fraturado? Alguma hemorragia? Nada? Em todo caso, que falasse com o juiz, mas não vai adiantar muito. Joxe Mari, com o rosto inchado, mas sem feridas aparentes, não insistiu. E dali em diante se limitou a aproveitar a visita à enfermaria para saber o dia e a hora e beber água.

Na segunda, ou foi na terceira?, noite, lhe deram choques elétricos. Nu, com a balaclava na cabeça, jogado no chão áspero, lhe aplicavam os eletrodos nas pernas, nos testículos, atrás das orelhas. Ele se encolhe, pula, grita. Às vezes seu corpo dá

uma sacudida violenta quando fazem os eletrodos faiscarem a pouca distância para assustá-lo. E mais perguntas e mais socos, pancadas na cabeça, nas costas e nos ombros. Querem saber quando entrou no ETA, quem o recebeu, como eram os treinamentos, quem ensina, quem manda. E socos e eletrodos. Foi levado à enfermaria, o corpo pontilhado de manchas vermelhas, queimaduras pequenas e uma ou outra ferida sangrando. O médico as cobriu com uma pomada. Disse que eram seis da tarde.

No dia seguinte, a programação mudou. Vieram tirá-lo da cela subterrânea. E um dos homens que o levaram para o escritório lhe advertiu no caminho:

— Muito cuidado para não falar nada diferente do que nos disse, porque senão desce outra vez e não sai vivo.

Lá em cima, suavidade, educação e a presença de um defensor público. As perguntas não eram diferentes das que já lhe haviam feito nos interrogatórios do porão, mas, sem gritos, tinham certo ar de conversa. Seguiu as instruções. Para evitar a ferocidade dos interrogatórios não se chateou ao obedecer. E assinou com desdém sem olhar o papel.

Os maus-tratos acabaram. De manhã o levaram para tomar banho. Enquanto se vestia, um *txakurra* veio conversar numa boa. Se ele achava que nessa idade tinha valido a pena se meter no ETA para passar um bocado de anos na cadeia, jogar fora a juventude e fazer seus pais sofrerem, em vez de aproveitar a vida, constituir família e tudo mais. Depois lhe ofereceu um cigarro.

— Não fumo.

De manhã foi levado ao gabinete do juiz da Audiência Nacional. Joxe Mari tinha uma bola de ódio dentro do peito. Uma bola dura, quente. Eu nunca tinha sentido isso, nem durante as *ekintzas*. Rejeitou o defensor público que lhe ofereceram. Exigiu um da sua linha ideológica, com experiência em defender presos do ETA. Depois de uma longa discussão, chamaram uma advogada e começou o interrogatório. Assim que ouviu a primeira pergunta, Joxe Mari disse que tinha sido torturado. O juiz revirou os olhos.

— Já começamos.

Sugeriu, displicente, enquanto folheava papéis, que fizesse a denúncia correspondente no tribunal. Disse que não era hora nem lugar para isso. E Joxe Mari se viu impotente, e a bola de ódio não parava de crescer dentro do seu corpo, e no fundo tudo aquilo lhe era indiferente. Negou as acusações e, para acabar de uma vez com aquele circo, disse que se dispunha a prestar depoimento e respondeu seco, direto, com o seu sotaque basco carregado.

Depois foi levado para a cela. Lá o deixaram sozinho por um bom tempo, à

espera do furgão que o transportaria para a cadeia. Havia cheiro de umidade, de ar parado. E na parede, surpresa, viu frases escritas em basco, e o anagrama do ETA, e o contorno do Euskal Herria em volta do lema: *Gora Euskadi askatuta*. Que pena não ter uma caneta à mão. Sentiu uma espécie de euforia, talvez por não se sentir sozinho, embora estivesse sozinho, sabe como é. E começou a cantar, primeiro em sussurros, depois com a voz normal: *Hegoak ebaki banizkio*...

102
A primeira carta

"Querido Joxe Mari." Querido? Que horror. Riscou a palavra assim que a viu escrita. Diante de Bittori, na parede, estava pendurada a foto de Txato. Pode ficar tranquilo, é só um rascunho. A folha de papel estava profanada por aquela fórmula insincera de saudação. Bittori pegou outra da resma que estava em um canto da mesa. Escrevia com o corpo inclinado para a frente em uma posição forçada. Só assim conseguia tolerar a dor no abdômen, que não lhe dava trégua a partir das últimas horas da tarde. Ikatza dormia um sono leve a pouca distância, em cima de uma das almofadas do sofá. De vez em quando abria os olhos. De vez em quando lambia uma pata. E eram mais de meia-noite e meia.

"Olá, Joxe Mari." Que coisa mais brega. "*Kaixo*, Joxe Mari." Torceu o nariz. Aquilo era forçar uma intimidade que não tinham. Por fim, se limitou a escrever o nome do destinatário seguido de dois pontos. Teve a tentação, por orgulho?, de se apresentar como a Louca, que é como a família dele me chama. Sabia disso por intermédio de Arantxa, com quem muitas vezes se encontrava na rua, sempre em companhia daquela cuidadora com cara de índia dos Andes que a leva para passear. "Meus pais te chamam de Louca, mas não ligue." Bittori achou que, se revelasse essa confidência, poderia indispor os dois irmãos. Não revelou. Em vez disso, escreveu: sou a Bittori, você deve se lembrar de mim, não quero criar problemas para você, acredite que estou livre de ódio etc. Releu o primeiro parágrafo com desagrado, mas o que você está querendo. Vai em frente e, quando for o caso, corrige.

Em uma folha à parte, tinha anotado os assuntos que queria abordar na carta. Não eram numerosos. Também não pretendia se estender muito. Para que tanto esforço se ele não me responder depois? Entretanto, esses poucos assuntos a deixaram tensa e preocupada, insegura e insone, durante vários dias. Foi direto ao ponto. Que não era movida por rancor. O motivo da carta? Saber com o maior detalhamento possível como o seu marido morreu. Principalmente, quem atirou. Mais: ela estava disposta a perdoar, mas com uma condição. Qual? Que ele lhe pedisse perdão. Explicou que não se tratava de uma exigência, era um pedido. Será que não era se rebaixar demais? Não se importava. Escreveu que, devido à sua

doença, ia viver pouco. Apagou a frase imediatamente. Justo nesse momento lhe veio outro ataque de dor. Ikatza deve ter notado, pois acordou assustada.

"Estou numa idade em que não creio ter muito tempo de vida pela frente." Releu. Sim, estas palavras soavam mais discretas. A verdade lhe pareceu forte demais. Se eu disser, vai pensar que estou mentindo. Pior do que isso: que quero provocar pena. Só ela sabia a verdade. Nem mesmo os filhos, mas achava pouco provável que Xabier não desconfiasse. Senão, por que insiste tanto que ela vá ao oncologista? Jogar a culpa na idade era menos dramático. Ao ler este trecho, ele com certeza vai pensar na mãe, tão idosa quanto Bittori. Vai amolecer. E ela, claro, ficaria muito grata se, antes que a baixassem ao túmulo, lhe contasse em que circunstâncias Txato tinha morrido. Precisava saber, só isso.

E chegou ao delicado ponto de dizer a ele que, não nos enganemos, no dia em que eles/vocês o mataram, Txato contou quando chegou em casa para almoçar que tinha visto Joxe Mari e que parou um instante para falar com ele. E que, embora não tenha assistido ao julgamento na Audiência Nacional, porque nem lhe avisaram, ela soube pela sentença que tinham provado que Joxe Mari estava envolvido no assassinato. Apagou. Na morte do seu marido. "Peço de todo o coração que me conte a sua versão dos fatos." Se ele não era de escrever, estava disposta a viajar até a prisão para ouvi-lo, e assim não haveria papéis escritos, caso seja esse o problema. Seu único desejo, repetiu, era saber a verdade antes de morrer e perdoar. Apagou. Que lhe pedisse perdão e perdoar de imediato, ter essa paz e depois morrer.

Dom, dom, duas da manhã no relógio de parede. Bittori releu o texto cheio de palavras riscadas. Vou passar a limpo de manhã. Nisso lhe veio a primeira náusea. Ui, minha mãe do céu. Depois outra. Na terceira, soltou uma golfada de vômito na mesa, não conseguiu evitar, e claro que também na carta e um pouco nas folhas. Quando foi se afastar da mesa, caiu ou se deixou cair, não sabe bem. Lembra, isso sim, que a pontada na barriga foi tão intensa que a obrigou a ficar em posição fetal no tapete. Nem por isso estava disposta a acreditar em Deus, como outras pessoas fazem ao se verem diante da grande escuridão. Para que isso? Se eu morrer, morri. Fez um esforço para se arrastar até o telefone, ali perto, três metros, na cômoda, e, no entanto, tão longe. Longe? Inalcançável. Desta eu não saio. Isto aqui, ai, é o fim. Meus filhos. Antes de perder os sentidos, a última coisa que viu foi Ikatza, que viera se esfregar em seu rosto. A gata lhe roçou a testa com sua pelagem preta e seu rabo suave. Ikatza silenciosa, Ikatza preta, Ikatza bonita. Vamos ver se ela será a última coisa que eu vejo na vida.

Acordou mais ou menos às dez, a sala transbordante de luz matinal. Dor? Nenhuma. Mistérios do corpo. Fez a faxina devagar, dosando o esforço. Vai que. E

abriu as portas e janelas para ventilar a casa. Ligou para Xabier, e mãe e filho falaram amenidades durante cinco minutos. A seguir ligou para Nerea, e mãe e filha falaram amenidades durante meia hora. Ao meio-dia, ainda não havia comido nada. Não tinha coragem. Beliscou a ponta de uma acelga, um pedacinho de batata cozida, sobras da véspera, sobretudo porque não gosta de jogar comida fora, mas não conseguiu comer. Mas por quê? É que tinha medo de introduzir alimentos sólidos em suas vísceras doloridas. E, afinal, para enganar a fome, preparou uma xícara de chá de camomila.

Viajar para a vila antes das cinco? Tinha pouco sentido. Joxian é desses que dormem depois do almoço, geralmente chega à horta ali pelo meio da tarde. Na primeira vez, Bittori esperou sua chegada escondida entre as árvores, no outro lado do rio. Depois descobriu que também dava para observá-lo da ponte, por um espaço que havia entre as aveleiras. Ficar na ponte, perto do ponto do ônibus, lhe poupava um bom trecho do caminho. Só queria vê-lo chegar. É que, para escapar dela, Joxian se trancava no barraco; mas esse homem não me engana e não estou disposta a chamar aos berros, era só o que me faltava.

Por um momento pensou na possibilidade de Joxian não aceitar receber a carta. Será que vai ter coragem? É muito medroso. Sempre foi, desde jovem. Tirou o envelope da bolsa. Ela o deixaria ali. Onde? Em cima de uma gaiola de coelhos. Como se tivesse nojo.

— Vou entregar sua carta a Miren, ok? Depois é com ela. Ela é que viaja.

— Você não visita o seu filho?

— Eu? Pouco.

Nas primeiras vezes que foi procurá-lo na horta, Joxian foi arisco, falando com uma rudeza que Bittori não sabia se atribuía à timidez ou à irritação. Porque esse homem não tem nada de rancoroso. Não é do seu feitio odiar. De jeito nenhum. E de tanto falar com ele numa boa, de tanto que o coitado se sentiu constrangido, acabou limando sua aspereza.

Joxian, rosto vermelho (o vinho?), indicou a carta com um movimento de queixo:

— Isto vai me trazer problemas.

— Eu daria esta carta para a sua mulher, mas tenho a impressão de que não vai querer falar comigo, e olha que não sei que mal fiz a ela.

— Não posso garantir que ela leve a carta para o meu filho.

— Por quê? Eu escrevi com boa intenção.

— Que diabo, mas é que você mexe em coisas que não é para mexer.

Será que entregou a carta a Miren? Como saber, se depois ele ficou dois dias

seguidos sem aparecer na horta, pelo menos nas horas habituais? Talvez porque estava chovendo e não precisava regar. Mas e os coelhos? Com certeza ele tem que os alimentar. Bittori deduziu que, para fugir dela, Joxian descia para a horta na última hora da tarde ou já de noite, ou então de manhã cedo.

No terceiro dia, Bittori circulou pela vila com pouca esperança de encontrar Joxian. Depois de dar várias voltas por aqui e por ali, foi ao Pagoeta para tomar um descafeinado de máquina. Sua presença quase diária nas ruas da vila já tinha deixado de chamar a atenção. No bar, nenhum freguês lhe dirigiu a palavra; mas também não a olharam enviesado. Pagou e na saída uns homens que estavam entrando a cumprimentaram com um leve aceno de cabeça.

Já que não estava chovendo, decidiu atravessar a praça em direção a sua casa e depois dar uma voltinha e passar perto da de Joxian. Depois de avançar uns passos, divisou a cadeira de rodas e a mulher miúda de traços indígenas sentada ao lado, na mureta. Sem titubear, seguiu pela sombra das tílias ao encontro delas. E Arantxa, como sempre que a via, mostrou um semblante alegre. Com um gesto brusco da mão saudável, pediu o iPad. A cuidadora lhe deu. Bittori se abaixou para beijar Arantxa, e esta correspondeu com o mesmo alvoroço mudo e violento das outras vezes. E, tomada pela pressa, começou a digitar as letras nervosamente com um dedo só. Era óbvio que queria lhe dizer algo com urgência. Bittori leu: "Minha mãe rasgou sua carta."

— Rasgou?

Arantxa confirma. Volta a escrever: "Não dê mais cartas a ela. Nunca vai levá-las. É má."

— Mulher, não fala assim da sua mãe.

O dedo fino, pálido, trabalha entre as fileiras de letras. A cuidadora fica em silêncio, com os olhos fixos na tela. Bittori lê: "Se quer escrever ao terrorista da minha família, existe uma solução."

— Que solução?

Escrever para a prisão. Para a prisão? Com duas sacudidas efusivas de cabeça Arantxa responde que sim. Tenta pronunciar palavras. Emite uns sons agudos, incompreensíveis. Às vezes é capaz de articular alguma coisa; mas hoje, o que está havendo?, por mais que se esforce, não consegue, fica angustiada, tem um bloqueio. Então escreve: "Está em Puerto de Santa María I, módulo 3. Escreve o nome dele que chega com certeza."

— Você acha que ele vai ler a carta?

Arantxa faz um gesto com a mão, expressando dúvida. A outra mão, espasmódica, fica pressionada contra a barriga.

103
A segunda carta

E já sem o menor sinal de alegria ou de qualquer outro sentimento identificável no rosto de feições gélidas, viu-a ir até o fundo da praça. É uma mulher boa. Havia uns pombos ciscando no chão, intercalados com pardais saltitantes, e na rua lateral, em frente às casas, o homem do gás, sujo, forte, jogava no ombro o centésimo bujão da jornada.

Celeste esperou Bittori se afastar delas para dizer:

— Miren vai ficar zangada se souber que nós paramos para conversar com essa senhora.

Arantxa não conseguia virar totalmente a cabeça. Por isso não pôde encarar os olhos da cuidadora, em pé atrás da cadeira de rodas. Escreveu com um dedo enérgico/furioso no teclado do iPad: "Você vai contar?"

— Claro que não, Arantxa. O que você pensa que sou? Mas olha em volta todas as pessoas que talvez estejam nos observando.

Não quis incorrer na falsidade de perguntar a Bittori pelo conteúdo da carta. Para quê, se já o sabia. Tinha lido o texto? É claro que sim. E o conservava cheio de manchas gordurosas em uma gaveta.

Era hora do jantar, três noites antes, e acho que a província de Guipúzcoa inteirinha estava sentindo o cheiro do peixe e do alho frito da minha mãe. As duas mulheres na cozinha. Arantxa na cadeira de rodas, ao lado da mesa. A janela aberta. Por ela saíam cheiros e vapores em direção à rua. E, de repente, o som familiar da chave na fechadura. Joxian entrou coçando a lateral da barriga, a boina um pouco inclinada para a frente. Em um saco plástico trazia uma alface, vagem e outras verduras que cultiva na horta, e pôs tudo ao lado da urna da Virgem, que vai de casa em casa e nesse dia estava ali sob a guarda deles. Com a mão livre, porque com a outra não parava de se coçar como quem toca harpa nas costelas, tirou o envelope branco do bolso de dentro do casaco.

— Ela me deu isto para entregar a Joxe Mari.

Miren, pressionando os lábios, olhos irados, quis confirmar:

— Quem foi que te deu isto?

— Quem poderia ser? A Louca.

— Você falou com ela?

— O que posso fazer se ela vai à horta? Enxotá-la com um pedaço de pau?

— Me dá aqui.

Miren pegou a carta com um movimento brusco. Rasgou-a: rás. Juntou, em um gesto altivo, mãos rápidas, as duas metades. Rasgou de novo: rás. E jogou os pedaços na lata de lixo, que guardava em um vão fechado embaixo da pia.

— Vamos, hora de jantar.

Discutiram? Não. Só uma coisa: que ficasse uns dias sem ir à horta. E os coelhos, como é que ficam? Teria que deixá-los morrer de fome?

— Então vai lá cedinho e dá comida para eles.

— Ela vai pular o muro e enfiar mais cartas pelas frestas da porta.

— Nem traz para cá. É melhor queimar.

No dia seguinte levantou-se quase tão cedo quanto nos tempos da fundição para ir logo cuidar dos seus bichos. Então surpreendeu Arantxa na cozinha, e o que está fazendo aqui. Como se não estivesse vendo. Na cadeira de rodas, parada diante da pia, Arantxa tinha colocado a lata de lixo no colo. Pediu silêncio ao pai com um dedo nos lábios. Isso foi na época em que, apoiando-se em uma bengala, na beirada dos móveis, no que fosse, vontade de ferro, ela conseguia se levantar sozinha e dar uns curtos, vacilantes, trêmulos passos apesar do pé equino, e já havia caído algumas vezes sem maiores consequências. Por fim, com os dedos da mão saudável já melados, tirou do lixo fedorento o último pedaço da carta.

— Se a *ama* souber, vai armar confusão — alertou Joxian aos sussurros.

Arantxa: elevação de ombros, balanço displicente da cabeça, como que dizendo e eu com isso, não tenho medo dela. Limpou meio por cima os pedaços da carta no avental da mãe, pendurado atrás da porta. Deslocava-se com dificuldade na cadeira de rodas. Seu pai tentou ajudá-la. Ela, áspera, rejeitante, deu a entender que não precisava. Mas ele, como de costume, foi vencido pela compaixão. Como a filha ia conseguir mover a cadeira só com uma mão? Exatamente como tinha feito pouco antes na direção contrária.

— Então vai, vai.

E, tentando não fazer barulho para que Miren, ainda deitada, não ouvisse, levou a carta para o seu quarto sem perder mais tempo.

Sozinha, no lado da cama sem grade, esticando o melhor que pôde os lençóis revirados, juntou os pedaços da carta. "Joxe Mari: Sou a Bittori. Você vai estranhar que." Por isso, no meio da manhã, quando a encontrou, Arantxa estava a par do conteúdo. Ficou na dúvida entre devolver os pedaços de papel ao lixo ou guardá-los, mas guardar para quê. Bem, depois veria o que fazer. E por ora os escondeu em

uma gaveta da cômoda.

À uma da tarde, Celeste a levou de volta para casa. O pai, a mãe e a filha almoçaram de olhos fixos na televisão, *A roleta da fortuna*, menos Joxian, ensimesmado, sonolento, que não se interessa por esse programa. E, além do mais, a gritaria do público juvenil o deixava quase louco.

— Dá para abaixar um pouco?

Depois do almoço, enquanto esperava a ambulância que a leva de tarde para a fisioterapia, Arantxa escreveu no iPad para o irmão. Contou, explicou, avisou que Bittori, a do Txato, ia mandar uma carta para ele na prisão "e eu gostaria que você respondesse, quem pede isso é a irmã que não te esquece, e a *ama* não tem por que saber". Nesse tom cordial/cortante, severo/afetuoso. Terminou: "Ela é uma mulher boa. *Muxu bat*." É muito azar uma canhota ficar com a mão esquerda inutilizada. Lutou, não aceitando as limitações, com mais raiva do que destreza, tentando copiar o texto para uma folha de papel, mesmo prevendo que a tentativa fracassaria. Fracassou? Completamente.

Só veria os filhos no sábado, e ainda era quinta-feira. O que fazer? Quem é que poderia transcrever a carta e enfiá-la com rapidez em uma caixa de correio? Questão delicada: quem fizer isso a lerá. Descartou o pai. Celeste? Só virá amanhã. Além do mais, não confio muito. Não é que ela fosse contar a Miren, isso não. Mas com certeza ela conta à família detalhes da sua experiência cotidiana com a excepcional (ou paralítica, não sei que palavra essa gente usa), e quem me garante que depois eles não saem por aí falando.

Uma hora de fisioterapia. Cumprimentou ao chegar de um jeito que todos os presentes entenderam:

— Oi.

E, como consequência, cercada de jalecos brancos, recebeu elogios e parabéns. É preciso levantar o ânimo do paciente. É a norma da casa, mas Arantxa tem horror de ser tratada como uma criança ou idosa. Não sou retardada.

Plano de reabilitação: exercícios destinados a reduzir a hipertonia na mão e no braço esquerdos. Depois vão trabalhar os membros inferiores. A fisioterapeuta perguntou se tinha voltado a sentir o formigamento. Respondeu que não. Bom sinal. Os progressos são lentos, lentos, mas são progressos. E no final da sessão vão tentar colocá-la em pé para que se firme e ande alguns metros, claro que com apoio.

Havia muita agitação na sala, um ir e vir constante de fisioterapeutas, pacientes e acompanhantes. E vozes. Arantxa não estava com o iPad à mão. Por isso não teve como pedir o favor a alguém; mas depois, sim, quando ficou sozinha com a fonoaudióloga e pôde lhe explicar.

— A carta é muito longa? — perguntou a doutora.

Nada. Quatorze linhas. O ideal era enviá-la dali mesmo para o seu e-mail e ela, de noite, assim que chegasse em casa, a transcreveria em um papel e postaria em um correio perto da sua rua. Prometeu. Cumpriu? Arantxa ficou na dúvida; mas, um mês depois, recebeu um cartão-postal em um envelope, para que sua mãe não lesse?, escrito por Joxe Mari. Continha brincadeiras e afeto, assim como um PS que dizia: "Escreveu." Não esclarecia quem havia escrito, não precisava. "E respondi."

104
A terceira e a quarta cartas

Chegou, que surpresa, uma carta da sua irmã. Aberta, claro. Joxe Mari está no regime especial. Limitam suas saídas ao pátio, mais ou menos a cada duas semanas o trocam de cela, leem sua correspondência, tiram fotocópias, que arquivam.

Primeira vez que a irmã lhe escreve em mais de quinze anos. Os cartões de Natal com uma mensagem-padrão de final invariável — "e um próspero" (será de sacanagem?) "Ano-Novo te deseja esta família, que não te esquece" — não contam.

Certa vez, no início, ela escreveu umas linhas de estímulo ao final de uma carta dos pais, e depois nunca mais. Arantxa, a espanhola da família, mas mesmo assim gosta dela. Por mim, pode até se enrolar na bandeira do Estado. Não aceitaria isso de nenhum parente, nem do irmão caçula. Principalmente desse, aliás. Mas com Arantxa é diferente. Arantxa é minha irmã, porra. Se casou com aquele babaca que a deixou na mão. Foi o castigo que teve por ser espanhola.

De repente Joxe Mari teve uma recordação, sua mãe lhe dizendo toda séria, em um desses telefonemas a que ele tem direito, que tinha ocorrido um acidente muito feio com sua irmã em Mallorca. O que minha irmã estava fazendo em Mallorca? De férias com Ainhoa. E depois disso Miren dispensou qualquer delicadeza.

— Conversei com um médico de lá. Pelo que entendi, vai ficar boba para sempre.

Não era a letra dela. Obviamente, alguém deve ter escrito a seu pedido porque ela não consegue sozinha. E avisava sobre uma carta que com certeza chegaria em breve. De quem? De Bittori, a do Txato. Era só o que faltava. E que, por favor, não mencionasse o assunto com a *ama*. A alegria do começo se dissipou. Então era isso? Ele sabia por intermédio da mãe, ela lhe dissera isto recentemente no parlatório, que essa mulher deveria estar internada no manicômio de Mondragón e que:

— Deu para nos perseguir. Não deixa o *aita* em paz. Desde que a luta armada acabou, os inimigos do Euskal Herria ficaram corajosos. Devem achar que foram os únicos que sofreram. Com certeza buscam vingança. Querem nos destruir e que nos humilhemos pedindo perdão. Eu, pedir perdão? Prefiro me jogar no rio.

Dois dias depois lhe entregaram a carta anunciada pela irmã. Seu primeiro impulso? Rasgá-la na hora, na frente do funcionário. Agora é que entendeu por que

Arantxa, sem dúvida às pressas, lhe havia escrito. Para refreá-lo. Para conter seu instinto. Senão a carta da Louca teria ido diretamente para a privada. Mas, assim que ficou sozinho, leu-a.

Isto é uma armadilha para baixar o meu moral. Como se eu, por estar em uma prisão espanhola de extermínio, já não *teria* o ânimo lá embaixo. O tom humilde, o receio de incomodar, o pedido ridículo. Mas o que essa velha está pensando? Que vou lhe dar informações sobre uma *ekintza*? Para que o pessoal da cadeia tome conhecimento? Para que ela mostre a um jornalista da ultradireita?

Rás rás, rasgou a folha. "É uma mulher boa." Boa uma ova. Mas não adiantou se desfazer às pressas dos pedaços de papel, porque agora sabia o conteúdo da carta. "Sou a Bittori. Você deve se lembrar de mim." Ao fim de uma semana, continuavam voltando à sua mente aquelas linhas desenhadas com esmero. Deu até voz a elas. A voz da mulher de Txato tal como ele se lembrava. Escutava essa voz o tempo todo. No refeitório, no pátio, deitado na cama enquanto esperava ser vencido pelo sono. Uma obsessão. Um fantasma que o perseguia. Frequentemente sonhava com os velhos tempos. Agora ainda mais. E se via como naquela época, em frente ao Pagoeta, chupando um gomo de laranja ou de limão que Txato tinha comprado para os filhos e para ele e seus irmãos, todos crianças, a rua cheia de sol e de gente com roupas de domingo. E os sinos da igreja. E o cheiro que saía do bar, de camarão grelhado, de fumaça de charuto e cigarro.

Deixou passar um tempo, mas por fim se cansou de tantos gomos imaginários e do cheiro de camarão lá no fundo incontrolável da sua mente. E pensou: responde qualquer bobagem para se livrar dela. Para que entenda que você não vai entrar nesse jogo. E foi o que fez. Escreveu-lhe em poucos segundos, hostil, militante, desdenhoso. Nada, quatro linhas. Que não se arrependia; que aspirava a um Euskal Herria independente, socialista e *euskaldun*; que ainda era do ETA e que era a última vez que respondia a uma carta. Depois escreveu um cartão-postal para a irmã e entregou os dois envelopes para que controlassem a sua correspondência antes de enviar, ou a comessem com tomate, ou limpassem a bunda com ela.

Ele ainda resistia. Outros presos da organização, cada vez mais, pulavam do barco, e isso dói. O próprio Pakito, que loucura. O cara que lhe deu sua primeira pistola, que lhe disse: sai matando o máximo que puder. Pakito, que comeu escondido na cela quando os outros presos fizeram a enésima greve de fome. E Potros e Arróspide e Josu de Mondragón e Idoia López. Foram expulsos, não foram? Que importância tem ser expulso de um navio encalhado em terra firme. E também perguntaram a Joxe Mari, fazia coisa de um ano, e não era a primeira vez, se não queria subscrever a carta em que os 45 abaixo assinados condenamos a

violência e pedimos perdão às vítimas. Como crianças arrependidas de terem feito uma travessura. Arrependidos a esta altura e, principalmente, para quê? Arrependidos de verdade? O que eles querem é voltar para casa. Traidores. Frouxos. Egoístas. Tanto sacrifício para isto. Para nada. Para absolutamente nada. Já vinha pensando nessas coisas havia um tempo. Na verdade, há anos, e cada vez que vê a mãe mais envelhecida, sem saúde, no parlatório, ou quando soube o que aconteceu com a irmã, ou quando pensa nos sobrinhos e percebe que não os conhece e não pode brincar com eles, ou quando toma conhecimento de que seu *aita* virou um farrapo mofado de tristeza. Por culpa dele? Pode ser. E o Estado está mais forte do que nunca. O inimigo desassombrado vem nos cobrar a conta. A organização abandona a luta e deixa os presos para trás como trapos inúteis. Em um rompante de raiva/desespero, de nojo/desolação, deu um soco na parede tão forte que esfolou os dedos e ficou chorando por um bom tempo na solidão da cela, primeiro em silêncio, com as mãos contra a parede, como se o estivessem revistando; depois, na mesma posição, quando voltou a se lembrar dos gomos de laranja e de limão da sua infância, dando soluços que com certeza eram ouvidos lá fora, mas ele não ligava. Não ligava a mínima.

Na manhã seguinte, sentou-se para escrever em uma folha quadriculada de caderno.

> Bittori:
> Esquece a carta do outro dia. Foi escrita com raiva. Isso acontece às vezes. Agora estou tranquilo. Serei breve. Não fui eu quem atirou no seu marido. Não importa quem foi, porque seu marido era um alvo do ETA. Não dá para voltar atrás no tempo. Eu gostaria que isso não tivesse acontecido. Pedir perdão é difícil. Não estou maduro para dar um passo assim. A verdade é que não entrei no ETA para ser mau. Defendi certas ideias. Meu problema é que amei demais o meu povo. Posso me arrepender disso? É só o que tenho a dizer. Por favor, não me escreva mais. E, por favor, também não se aproxime da minha família. Desejo a você tudo de bom.

Despediu-se, direto: *agur*. E agora? Não queria que nenhum funcionário lesse a carta. Não porque contivesse alguma informação comprometedora ou relevante, isso não. Era por outra coisa. É que era uma carta íntima demais. Mesmo não dando muitos detalhes, aqui estou quase nu.

Já tinha ouvido falar dos serviços do Pecas, preso comum, de regime semiaberto, drogado, nariz achatado. Um cara que exibe a língua quando fala com seu sotaque

andaluz carregado, porque lhe faltam dentes embaixo e em cima. Fazia favores em troca de dinheiro. Joxe Mari foi falar com ele no pátio.

— Pecas, quando você tem saída?

— No sábado.

— Quer ganhar cinco euros?

— Depende. O que tenho que fazer?

— Colocar uma carta no correio.

— Isso custa dez.

— Certo.

105
Reconciliação

Miren e Arantxa acabaram ficando cinco anos sem se falar. Não se telefonavam, não mandavam cartões de Natal, não se felicitavam nos respectivos aniversários. Nada. E em todo esse tempo Miren não viu os netos nem foi convidada para a primeira comunhão deles. Convidada? Nem sequer recebeu os típicos avisos pelo correio. Também não viu o genro em todo esse tempo, mas isso pouco lhe importava, porque não tinha qualquer apreço por ele.

Cabeças-duras, a mãe e a filha, teimosas como mulas, dizia Joxian. Como mulas? Era sua maneira de se expressar. Ele, sim, de vez em quando pegava o ônibus para San Sebastián e lá o de Rentería, visitava Arantxa e Guillermo, levava verduras e frutas da horta, e de vez em quando até um coelho (no começo, vivo, depois esfolado e pronto para a panela, porque as crianças, depois de brincarem com o animal, ficavam horrorizadas por ter que matá-lo), passava a tarde com os netos, comprava bugigangas, dava um trocado a cada um ao se despedir. Enfim, com toda a sua boa vontade, embora fosse sem graça, calado, sem brilho, cumpria a função de avô.

Para manter a paz, visitava a filha escondido de Miren. Dizia que ia descer para a horta e só voltaria para o jantar. Na terceira ou quarta vez, Miren o liberou da criancice de mentir.

— Pensa que não sei aonde você vai?

Como descobriu? Não faço ideia. Dali por diante, Joxian não precisou mais de subterfúgios. Quando ia para a horta, dizia com clareza que ia para a horta. E, quando ia ver o pessoal de Rentería, só dizia que ia sair.

Na volta, Miren se limitava a perguntar:

— E então?

— Tudo bem.

E ponto-final, a menos que Joxian, com as sobrancelhas melancólicas, prolongasse o breve diálogo perguntando se ela não pensava em ir ver os netos algum dia.

— Eu? Eles sabem onde moro.

O que Joxian não contava a Miren era que Arantxa e Guillermo viviam em

estado de guerra. Às vezes, quando chegava, parado no corredor diante da porta do apartamento, já ouvia os berros. E as crianças ali, assistindo às brigas contínuas dos pais. Joxian entrava na apartamento com seu maço de alho-poró ou seu saco de maçãs; encontrava a filha chorando, os netos assustados e Guillermo, que, com cara de louco, saía batendo a porta sem lhe dar boa-tarde.

— Só aguento por causa das crianças — contava Arantxa para o pai, baixinho.

Havia um bom tempo que ela negava seu corpo a Guillermo. Não permitia nem que roçasse nela de passagem. E, como o apartamento era pequeno, depois da noite em que ela decidiu não ter mais relações sexuais com o marido, os dois ainda continuaram dividindo a cama, mas por pouco tempo, uns dez ou doze dias de costas um para o outro, até que Arantxa comprou um colchonete, dobrável em três partes, e a partir de então passou a dormir no chão, no quarto da menina.

O último coito, lembra, que coisa mais repulsiva. Pareciam dois insetos. Nem uma palavra amável nem um simples beijo ao terminar. Tinham tido uma discussão durante o jantar sobre um assunto qualquer, porque a essa altura não discutiam mais por isso ou por aquilo, mas por tudo e por nada, principalmente por nada. E, na cama, ele ficou com vontade. E vamos lá, ora essa. Gozou logo. Ela pensou: é a última vez. Não sou propriedade desse cara. E odiava o cheiro dele, que tanto a atraía antes, e achava insuportável sua voz anasalada, seu falatório explicativo, seu jeito de sabichão.

Guillermo, arrogante, ofensivo:

— Então vou às putas.

— Ah, então quer dizer que até agora eu fui a sua puta e, ainda por cima, de graça.

Arantxa tinha um desejo cada dia mais forte que não podia realizar. Por quê? Porque não ganhava o suficiente na sapataria. Da mãe, que ajuda poderia esperar se as duas nem se falavam? Do pai, sim: alface, avelãs e, de vez em quando, umas palavras desajeitadas de consolo. Dos sogros, que eram gente boa, o mesmo: favores e cordialidade pelos quais ela era grata, que tornavam sua vida mais suportável, mas não lhe davam o ansiado alívio financeiro.

Ela se sentia presa. Não é que Guillermo ganhasse muito mais do que ela; mas, claro, juntando os dois salários, a família podia se manter sem passar aperto. No caminho para o trabalho, e também na volta, e em casa, e na verdade em qualquer lugar, a qualquer hora, ela fazia cálculos, sempre com o pensamento em se separar do marido. A hipoteca, a comida, a roupa, o colégio. Despesas a que se somavam outras; e que, se ela fosse embora com as crianças, grande tentação, não poderia cobrir com seu modesto salário de vendedora. Logo esquecia as contas. Pensava:

vou dar o fora, depois arranjo um jeito de refazer minha vida. E então Endika entrava na cozinha com algum pedido e pouco depois chegava Ainhoa com uma necessidade, e Arantxa voltava a entender que estava presa no fundo de um poço do qual jamais conseguiria sair apenas com suas limitadas forças.

O que menos lhe importava é que Guillermo (tinha deixado de chamá-lo de Guille, ele não merece) saísse com outras mulheres. Certas noites ele não dormia em casa. Arantxa não pedia explicações. Ciúmes? Pelo contrário, queria que ele se envolvesse com alguma, pedisse o divórcio e sumisse da sua vida.

Foi para Jaca com a amante em um fim de semana. Arantxa soube por intermédio de Endika.

— O *aita* foi para Jaca com uma garota.

— Como você sabe?

— Porque pedi para ir junto e ele disse que não pode me levar porque vai com uma garota.

— Deve ter uma namorada.

— É claro que ele tem.

Pelo menos não sonegava dinheiro para manter a família. Em casa, não ajudava em nada. Nem para limpar nem para cozinhar. Nunca moveu um dedo. Sua mãe, sim. Angelita, cada vez menos ágil com o reumatismo e o desgaste no quadril, vinha com frequência, passava, limpava os vidros, fazia a comida das crianças. E também podia contar com Rafael para levar os netos aqui ou ali e depois ir buscar. Portanto, nesse sentido Arantxa não tinha do que se queixar. Seu principal problema era a dependência econômica. Se ganhasse mais, já teria me divorciado. Mas o apartamento, mas as crianças. Sujeições, grilhões, incerteza. Medo? É possível que sim. E se consolava a sós maquinando planos para quando os filhos chegassem à idade adulta e fossem independentes.

Em uma sexta-feira de maio, Guillermo e Arantxa se engalfinharam em uma das discussões mais azedas de que ela se lembra. Uma discussão que só não foi mais longe porque, em um rompante de raiva/pânico, Arantxa pegou a bolsa e, sem tirar as pantufas, saiu precipitadamente de casa. Foi no dia em que o ETA assassinou dois policiais em Sangüesa com uma bomba colocada embaixo de um carro.

Poucos dias antes, o atentado que tirou a vida de Manolo Zamarreño havia completado cinco anos. Guillermo ainda estava abalado. De fato, nunca mais comprou nada na padaria do bairro. Certa noite saiu com uma lata de tinta para apagar uma pichação, ETA HERRIA ZUREKIN, que havia surgido de tarde ao lado do portão. E Arantxa tentou dissuadi-lo, olha que você vai se meter em confusão, mas ele desceu, ai que porra, e na manhã seguinte havia uma mancha

branca desse tamanho na parede.

E imagino que deve ter sido por causa da tristeza, da saudade dolorosa e do rancor que ardiam dentro de Guillermo que ele perdeu as estribeiras. Porque perdeu, e como. Pela primeira vez depois de muito tempo, marido e mulher decidiram fazer algo fora de casa em família. E foram a uma missa na companhia dos filhos com a intenção de homenagear o amigo assassinado. Dias depois, zás, bomba, e dois homens perdem a vida de forma parecida e em uma hora parecida com a de Manolo. Quem eram as vítimas? Eram dois policiais que tinham ido a Sangüesa com seu escritório móvel para emitir carteiras de identidade. E Guillermo ficou arrasado. Deve ter sido isso. Para Arantxa, não há outra explicação. Os dois não tinham se visto o dia todo. Ela chegou do trabalho no fim da tarde. Na primeira desavença, por uma besteira qualquer, Guillermo estourou. Que olhos, que acritude, que gritos. Dois homens com filhos, dizia. Dois pobres homens assassinados por usarem uniforme.

— Assassinados por gente como seu irmão.

Meu irmão? Nunca falavam dele. Por que o menciona se sabe que isso pode me magoar? E ainda vai e acrescenta que tomara que mofe na cadeia. Quem? Joxe Mari? Arantxa pediu/exigiu que não se metesse com seu irmão. Ele achou que o estava defendendo, que defendia aquele assassino de merda. Endika, ali presente, fazendo o dever do colégio, e Ainhoa no quarto, com certeza ouvindo tudo. Ouvindo o pai dar uns berros descomunais, monologar áspero, vociferar transtornado e amaldiçoar a hora em que permitiu que dessem nomes bascos aos seus filhos. E para quê? Para agradar a avó *abertzale* com quem agora eles nem falavam.

— Meus filhos são espanhóis e eu sou espanhol.

— Vão te escutar lá fora.

— Que escutem. Não se pode ser espanhol na Espanha?

Arantxa arrancou o avental. Jogou-o no chão. Soltou uma expressão pesada. Reconhece isso. Sentia-se ofendida. Em sua basquidade? Não, porque a basquidade, a espanholidade e a puta que pariu tudo isso não me importam. Mas não quis tolerar que ele insultasse seu irmão. Então lhe disse o que lhe disse, e ele, que era chato, metido a sabichão e miserável, mas não violento, pelo menos até aquele dia, levantou a mão. Para bater nela? Para quê, então? Foi nesse momento que ela, diante do monstro que acabava de surgir nas feições repudiadas do marido, recuou assustada. Olhou em volta. Se visse uma faca, uma concha, uma tesoura, alguma coisa com que se defender, sem dúvida pegaria. O que pegou foi sua bolsa, pendurada em um cabideiro do vestíbulo e foi para a rua com um rufar de

palpitações no peito. Nem tirou as pantufas. E a bolsa, bem, pegou a bolsa porque teve o reflexo de lembrar que o moedeiro estava lá. Na hora de fechar a porta, ouviu às suas costas que Guillermo a chamava de nacionalista. Coisa que, na boca dele, era uma injúria.

Sua primeira ideia? Passar a noite na casa dos sogros. Eles moravam perto, estavam à mão; mas no caminho foi tomada pelas dúvidas. É que, horror, via-se dando explicações, expondo à consideração dos sogros a verdade do seu casamento turbulento. E, sabe, porque também não podia descartar a possibilidade de eles tomarem partido do filho (filho único, rei da casa) ou lhe pedirem, sobretudo Angelita, submissão de esposa, submissão de mãe e submissão de nora. Então contou o dinheiro sob a luz de uma vitrine e, sim, tinha de sobra para o ônibus.

Uma hora depois, Miren abriu a porta para ela. Não parecia surpresa, como se já estivesse esperando aquele momento. Olhou para as pantufas. Não fez nenhum comentário. E ali mesmo, depois de cinco anos, mãe e filha se beijaram nem frias nem cordiais.

— Você vai jantar?

— O que tem?

— Tortilha de legumes e bacalhau.

— Bem, se me aceita à mesa...

— Que bobagem, menina. Como não vou te aceitar?

Os três jantaram na cozinha. Arantxa não contou aos pais sobre a briga que tivera com Guillermo nem estes lhe perguntaram o motivo daquela visita inesperada. Espetavam em silêncio os respectivos garfos nas rodelas de tomate com alho picado e azeite servidas em uma travessa. Joxian sorria cabisbaixo.

— Posso saber do que está rindo? — questionou Miren.

Arantxa se adiantou à possível resposta do pai.

— Deixa. Pelo menos tem alguém que ri na família.

106
Síndrome de cativeiro

E olha que, como se soube mais tarde, ela não tinha tomado conhecimento de que um padre lhe dera a extrema-unção no hospital. Seu maior temor: que a declarassem morta. Que entrasse no quarto um médico sem experiência (ou experiente, mas pouco amigo da gente basca), ou uma enfermeira muito nova, talvez insatisfeita com seu salário, trabalhando contrariada, e, vendo-a ali parada, algum deles dissesse sem verificar muito: esta mulher não está mais viva, que a levem para o depósito, tem outro paciente precisando do leito.

Arantxa, estátua deitada, só podia piscar. Não conseguia fazer nenhum outro movimento. Por isso, quando alguém entrava no quarto, ela piscava sem parar. Reparem que eu não morri. Via, escutava, pensava, mas não podia se mexer nem falar. E entendia, angustiada, tudo o que era dito em volta. Saíam do seu corpo tubos, sondas; estava rodeada de fios, aparelhos, e vivia, se é que isso pode ser chamado de vida, com a ajuda de um respirador.

Aprisionada em um corpo inerte. Uma mente cativa em uma armadura de carne. Tinha se transformado nisso. E se lembrava com tristeza dos filhos e pensava no seu trabalho, no que ia dizer à patroa, olha que bobagem, quando voltasse, se é que ia voltar. Que azar. Aos 44 anos. Teve um pensamento que depois lhe voltou muitas vezes: talvez fosse melhor ter morrido. Pelo menos os defuntos não dão, não damos, trabalho.

De repente, o rosto da mãe surgiu em seu campo visual.

— *Kaixo, maitia*. Como o doutor disse que você entende tudo, vou avisá-la por via das dúvidas. Guillermo veio buscar Ainhoa. Chegou ontem a Palma. Agora ele se faz de simpático, mas não me engana. Conversamos um pouco, e te digo. Veio se despedir. Entenda bem. Veio se despedir para sempre porque, obviamente, no seu estado você não lhe interessa mais. Como não poderá mais passar as camisas dele... Enfim, prefiro calar a minha boca. *Maitia*, pisca os olhos duas vezes para eu saber que me entendeu.

Meia hora depois, Guillermo entrou no quarto.

— Está me ouvindo?

E Arantxa não pôde se defender de um beijo na testa. Nem nesse momento viu

o rosto de Guillermo. Que cara ele estará fazendo? Por estar fora do seu campo visual, ele não precisava fingir expressões de pena. Não fosse pela voz, ela não saberia quem estava falando. Por que sussurra? Será que acha que está em um cemitério e tem que manter o devido respeito aos mortos?

— Não se preocupe com Ainhoa, ok? Eu cuido dela. Sinto muito, de verdade, pelo que aconteceu contigo. Sua mãe me disse que você entende tudo o que lhe dizem.

Guillermo aproximou o rosto até que Arantxa finalmente o viu. Um teste? Foi se afastando aos poucos e, sim, Arantxa o seguiu um pouquinho, não muito, com o olhar. Quando percebeu que aquilo era uma experiência, fechou os olhos. Como se estivesse dormindo. Guillermo não entendeu que ela estava suplicando do fundo do seu silêncio que ele não falasse mais nada, que fosse cuidar dos filhos e a deixasse em paz. Não se dava conta de que a presença dele naquele quarto tornava dolorosamente ostensiva para Arantxa a tragédia da sua invalidez? Como esse homem é desagradável. Palavras não dariam conta da ojeriza que Arantxa sentia por ele.

— Não queria ir embora daqui sem te agradecer.

Era só o que faltava.

— Por muitas coisas, você sabe. Pelos anos que passamos juntos. Pelos filhos que você me deu.

Que eu te dei? Ai, que ceninha tosca. Será que ele bebeu?

— E os bons momentos. Assumo a responsabilidade pelos maus. Sério. Aceito a culpa e sinceramente te peço perdão.

Arantxa achou que Guillermo estava recitando um texto decorado ou que estava lendo, uma cola de colegial. Incapaz de virar a cabeça, não podia comprovar. E ele continuou:

— Imagino que sua mãe já contou que vim me despedir. É verdade. O que eu disse ontem a ela digo agora a você. Acho que você merece saber por mim. Tem esse direito. E a minha decisão não tem nada a ver com isso que aconteceu agora contigo. Lembre que já conversamos sobre o assunto faz um tempo.

Uma falha da natureza. Porque, assim como temos pálpebras para não ver quando não queremos, poderíamos ter umas comportas no canal do ouvido. Fechando, não precisaríamos ouvir o que não queremos.

— É a melhor saída para todos nós, inclusive para os nossos filhos. Falta um ano para Endika se tornar adulto. Ainhoa, um pouco mais. Depois eles vão seguir o próprio caminho na vida e não precisarão mais de nós, ou pelo menos não tanto como quando eram pequenos. Que sentido teria nós dois envelhecermos juntos se

não íamos parar de brigar e amargurar nossa vida nos anos que nos restam? Você sabe com quem vou morar. Francamente, acho que sempre cumpri minhas funções de pai. Vou continuar cumprindo, não se preocupe. Amo meus filhos de todo o coração. Mas tenho direito a um pouco de felicidade.

Ele não vai calar a boca? Arantxa permanecia de olhos fechados. Só lhe interessava uma coisa: que Guillermo cuidasse dos seus filhos. O resto não lhe preocupava. Mas seus filhos. Ai, seus filhos. E se a outra não os tratar bem?

— Obviamente você vai receber a parte que lhe cabe dos nossos bens. Metade do apartamento e de tudo o mais. Não tenho a menor intenção de ver você pior do que já está. E, se por acaso precisar da minha ajuda, pode contar comigo. Tenho muita pena pelo que aconteceu com você.

De repente, outra voz. Onde? Ali perto. Uma voz áspera, forte, zangada. Uma enfermeira? Não, sua mãe. O que está dizendo? Que não precisamos da compaixão dele. Então ela estava ali espiando. Criticou Guillermo por estar vestido de preto.

— Está de luto antes do tempo ou o quê?

Arantxa não conseguia ver nenhum dos dois. Guillermo, calado, ele ainda está aí?, não se defendia. E sua mãe, que não parava de acusá-lo disso e daquilo, a roupa, a demora em vir para Mallorca, o fato de ter deixado o peso todo em cima dela. Mas, *ama*! E Miren se meteu em assuntos delicados: o dinheiro, o afeto, como ele tinha sido um marido ruim. Bem que os dois podiam ter saído para discutir no corredor, mas não. Como é que as enfermeiras permitem esse escândalo todo? Ou então na rua. Mas talvez Miren quisesse dar uma lição à filha. É assim que se trata os egoístas e sem-vergonhas.

A essa altura, parece que Guillermo não aguentou mais e reagiu. Parecia que estava saindo do quarto, porque agora sua voz estava um pouco mais distante. Falou sereno, educado, professoral. E concluiu dizendo que sua separação definitiva de Arantxa:

— Não tem nada a ver com isso que aconteceu. Já estava tudo acertado entre nós dois. Os nossos filhos sabem de tudo e aceitam. Então, não tem nada disso de que dei o fora, nem que deixei o peso todo nas suas costas. Tenha um pouco de respeito. Senão por mim, pelo menos pela sua filha, que eu nunca chamaria de peso. Você, sim. Toma, pelas despesas que minha filha possa ter dado.

E foi embora. Miren ficou resmungando. Colocou a mão com duas notas de cinquenta euros no campo visual da filha. Balançou-as no ar.

— Ele me jogou este dinheiro. É um mal-educado.

Esse homem não era pão-duro. Como marido, um desastre; mas, como pai, Arantxa não tinha do que reclamar. E estava convicta de que ele nunca abandonaria

os filhos, em hipótese alguma. Além do mais, que inferno, por que teria que assumir a responsabilidade? Sim, sou mesmo um peso. Eu faria a mesma coisa caso ele é que tivesse sofrido um AVC.

O que realmente magoava Arantxa, que coisa louca, é que, depois de tudo, e apesar do pouco afeto que sentia por ele, Guillermo tivesse saído da UTI sem lhe dar um beijo, o último, e só por causa da intervenção inoportuna da sua mãe.

Sua mãe. Continuava lá, resmungando. E Arantxa, de olhos fechados, pensava em como seria útil a gente poder fechar os ouvidos quando quisesse.

107
Encontros na praça

No lado oposto ao frontão, num dos ângulos da praça, bem em cima dos banheiros públicos, há um pequeno espaço cercado por uma mureta. Havia algum tempo, toda manhã Arantxa esperava por Bittori lá, ou vice-versa, porque às vezes era esta que chegava primeiro e esperava a outra sentada no banco. Portanto um encontro nada casual. Combinavam antes? Não, mas sim. É que nem precisavam combinar.

O pessoal da vila conhecia muito bem esses encontros matinais entre Bittori e Arantxa. Murmuravam que, como a paralítica não pode resistir nem sair correndo, a outra se aproveita.

— Mas alguém sabe o que ela diz?

— Ora, isso não importa. A coitada da Arantxa não escuta mesmo...

A princípio esses encontros duravam pouco. O que significa pouco? Alguns minutos: beijo de oi, breve conversa com ajuda do iPad, beijo de tchau. Nos bares, na porta das lojas, no posto de saúde ou no ponto do ônibus comentavam que já está ficando esquisito, sabe, se a Arantxa não quer ver essa mulher, por que se deixa levar todo dia ao mesmo lugar.

— Ou será que aquela índia a obriga?

— Acho que não.

Os encontros duravam cada vez mais tempo. E havia caras sorridentes e bom entendimento entre as duas mulheres, com o complemento silencioso de Celeste atrás da cadeira de rodas. Isto se via até de longe. Vinham fazer fofocas para Joxian, e Miren enchia os ouvidos do marido com queixas e protestos, mas para ele tanto fazia. Como assim? Ele explicava, com cara de poucos amigos, que:

— Uma alegria que a nossa filha tem na vida, e nós vamos tirar? Caramba, que elas se encontrem e conversem. Que mal estão fazendo?

Miren fervia de raiva.

— Você é um tonto.

E, então, de janela aberta para que o mundo inteiro a *ouviria*, ela se dizia traída/abandonada por todos. Às vezes tinha um ataque de fúria, arrancava o avental num rompante e saía, batendo a porta, em passos enérgicos rumo ao

açougue para desabafar com Juani, que hoje lhe aconselha uma coisa e amanhã o contrário, sempre com as sobrancelhas tristes por causa do filho, que tirou a própria vida ou a tiraram, e do marido, que morreu de um câncer quase tão grande como a sua tristeza. E logo depois dizem que os outros fazem as vítimas, e eles não.

Num ponto as duas amigas concordavam:

— Sem o ETA é como andar pelada na rua. Ninguém nos defende.

As tentativas de Miren para impedir que sua filha se encontrasse com a Louca fracassaram. Se gritasse, não adiantava. Se ameaçasse, também não adiantava. Se ficasse ofendida, magoada, pesarosa, a mesma coisa. Dissesse o que dissesse, só irritava a filha. Arantxa replicava com palavras duras na tela do seu iPad, ficava nervosa e se negava a comer, derrubando o prato ou cuspindo a comida.

— Meu Deus, que temperamento, que trabalho você me dá.

Severa, intimidante, Miren tentou influenciar Celeste, que na certa devia ser meio cúmplice, porque, sem a ajuda dela, como diabos minha filha sozinha vai se encontrar com essa mulher. Na cozinha, com Arantxa na cadeira de rodas pronta para ir passear, disse à cuidadora que venha cá, por favor, pois tinham que conversar. E a educada/submissa mulher, a mosquinha morta, a doce andina que era a eficiência em pessoa e se expressava melhor que um arcebispo apesar de sua pouca instrução, meio que se rebelou.

— Dona Miren, se os meus serviços não lhe agradam, a senhora vai ter que prescindir de mim. Tenho amor por Arantxa e me sinto na obrigação de cuidar do bem-estar dela. Porque me dói o coração ver Arantxa triste ou zangada.

Miren, hostil e chefa, mandou-a embora. Que ia encontrar outra empregada. Disse empregada? Disse, humilhando aquela que tanto fazia pela sua filha. Celeste, pelo menos aparentemente, não se alterou. Expressão digna no rosto, fronte serena, inclinou seu corpo miúdo para dar um beijo de despedida em Arantxa. Esta retirou bruscamente o rosto, não muito, o que o pescoço lhe permitia. E esticando o braço saudável, jogou no chão tudo o que estava em cima da mesa nesse momento: a fruteira, o saleiro, uma cesta com ovos, a revista *Pronto*. E só não caiu mais coisa porque não havia. Rolaram pelo chão peras, bananas, uvas, maçãs; quatro ou cinco ovos se quebraram estalando e alguns outros ficaram com a casca rachada; derramou-se, enfim, o sal violento, como diz o poeta, entre pedaços de vidro e uma capa de revista com a foto de um toureiro e uma celebridade recém-casados. Arantxa abria a sua boca de lábios tortos e não falava nada. Balançava a cabeça, congestionando-se. Não tinha voz, mas era como se gritasse. Aquele seu silêncio soava perfurante nos ouvidos. E apesar da sua gesticulação limitada, era impossível ignorar a angustiante aflição, a contrariedade paralisada das suas feições.

Miren bufou com força. E foi como se tivesse saído, junto com aquela baforada de ar, toda a raiva que enchia os seus pulmões. Ainda deu um olhar atônito para o teto adiando por um segundo a claudicação. Depois se dirigiu a Celeste, com uma brusquidão impostada:

— Olha, menina, desculpa o que eu falei. Vocês estão me deixando tonta.

E Celeste, readmitida, agachou-se para apanhar as frutas espalhadas e limpar os ovos quebrados no chão; mas Miren interrompeu-a dizendo:

— Vai, vai, é melhor sair daqui com ela, eu me encarrego disso.

Saiu? Pois sem perder um segundo. Levou-a para a praça? Pelo caminho mais curto, menos no final. Como assim? Porque, como não existe rampa, tem que dar uma volta e subir pela ladeira ao lado das casas. Uma vez lá em cima, é fácil empurrar a cadeira no asfalto.

Bittori estava esperando no lugar de sempre. Ao vê-las, balançou no ar, cumprimentando-as, uma folha, um pedaço?, de papel. De longe parecia um lenço, mas não era. E pela cara que estava fazendo, dava para ver que era motivo de alegria. Lá chegando, Arantxa ofereceu a bochecha e Bittori a beijou elogiando o seu aspecto e o seu colorido esta manhã, ao mesmo tempo em que passava a mão, toda carinhosa, no cabelo curto da outra.

— Já estava pensando que vocês não vinham.

— Atrasamos por causa de um imprevisto em casa.

Arantxa, de cenho carrancudo, escreveu no iPad: "Diz a verdade." Celeste desistiu então da sua discrição educada:

— Miren brigou comigo e me demitiu, mas depois me deu o emprego de volta. Foi horrível. Ela não gosta que Arantxa e você se encontrem.

Arantxa confirmava com a cabeça cada uma das palavras da cuidadora, como se dissesse: exatamente, foi assim mesmo que aconteceu. E o papel de Bittori, ao ser desdobrado, era uma folha de caderno quadriculada que continha a segunda carta de Joxe Mari. Que não era como a primeira, ranzinza, de militante brigão, rancoroso, mau e cabeça-dura.

Arantxa estendeu a mão, a única capaz, com uma evidente impaciência e desejo de ler a carta do irmão. E leu-a balançando a cabeça. Com desagrado? Antes com uma afável reprovação, uma discordância fraternal, para dar a entender que esse bobo está indo por um bom caminho, mas ainda falta um longo percurso. Devolveu a folha a Bittori. Escreveu no iPad com o dedo tranquilo: "Ele está com medo, mas não se preocupe. Vou fazê-lo te pedir perdão."

— Ele pede que não lhe escreva mais. O que você faria?

E Arantxa, risonha, respondeu: "O peixe mordeu o isca. É só puxá-lo para fora

da água."

Parece que interpretação de metáforas não era o forte de Bittori, de modo que foi preciso uma elucidação. "Escreve para ele. Eu também vou escrever." E, a seguir, que a empurrasse na cadeira de rodas em volta da igreja. Para Celeste: "Você espere aqui." Bittori, assombrada e talvez até atemorizada. Não lhe escapava a intenção daquele passeio. Uma provocação. Mais: um desafio. Quando a mãe dela souber, e vai saber, porque nesta vila tudo se sabe, que encrenca vai se armar!

Empurrou a cadeira por baixo da cobertura de folhas formada pelas tílias da praça e se dirigiu para o frontão, anos antes todo pichado com frases a favor do ETA e símbolos da esquerda *abertzale,* e agora verde impoluto desde que pararam de fazer atentados e a prefeitura mandou pintar as paredes, porque temos que virar a página e olhar para a frente, sem vencedores nem vencidos. Circundaram a igreja devagar, bem devagar, nem tanto para se exibir diante das pessoas, poucas, pois ainda era cedo, mas sobretudo porque a dor de Bittori estava voltando. Foi se aguentando a duras penas, estava cada vez mais forte, e ela quase já não aguentava mais quando devolveu Arantxa em sua cadeira a Celeste.

Despediu-se das duas, perdeu-as de vista, apoiou-se no corrimão ao descer a escada e não andou mais de trinta ou quarenta metros. Teve que se sentar no chão, depois deitar-se sobre os ladrilhos empoeirados, e enquanto a socorriam, quem?, pois umas pessoas que estavam passando por ali, ouviu/reconheceu a voz irada de Miren a poucos passos.

— Deixa a minha filha em paz.

Não repetiu. Não disse mais nada. E quando Bittori, minutos depois, se recuperou, não sabia direito se ouvira realmente aquelas palavras ou as tinha imaginado.

108
Relatório médico

Nerea telefonou ao irmão para dizer que o nome dele estava no jornal.

— Em que jornal?

— No *Egin*. Você é citado como o médico que atendeu o etarra internado no outro dia. Dizem que, segundo as suas declarações, na certa houve torturas.

— Pois eu não dei entrevista a ninguém, muito menos a esse panfleto.

Declarações minhas? Na certa houve torturas? Ele não conseguia pensar com clareza. Eram nove da manhã. Tinha ido dormir tarde. A que horas? Não se lembrava. Entre três e quatro da madrugada. E só porque o conhaque acabou, porque senão continuaria no computador até o amanhecer. Secura na boca e uma ameaça de dor de cabeça. Sono? Vai sentir de tarde, no hospital.

Foi comprar o jornal. Ainda não tinha tomado café. Na verdade, a ligação de Nerea o arrancara da cama. Costumava comprar o jornal numa livraria-papelaria perto da sua casa. Não todo dia, mas frequentemente. *El Diario Vasco,* às vezes *El País*. E quando há algum grande acontecimento, os dois.

Ele conhece o livreiro há vários anos. E agora lhe dava vergonha pedir o *Egin*. Era justamente esse homem, socialista a vida toda, que costumava qualificar o jornal *abertzale* de panfleto. E Xabier adotou o termo.

Parou a poucos metros da livraria. Lá eu não entro. E como fazia uma manhã agradável, de vento sul e céu resplandecente, foi passeando até uma banca na Avenida. Depois de ler a notícia, jogou o jornal numa lata de lixo e entrou num bar próximo para tomar seu café da manhã.

Mentira que ele tivesse feito qualquer declaração.

O terrorista, 23 anos, entrara no hospital andando, na segunda-feira anterior, escoltado por um grupo de guardas civis. Vinha se queixando de fortes dores nas costelas. Andava todo encolhido, fazia cara de sofrimento, tinha dificuldade para respirar. Um capitão fez um gesto a Xabier manifestando sua intenção de falar a sós com ele.

— Olha, doutor, não dê ouvidos ao que este sujeito disser. É um assassino. Resistiu às autoridades e fomos obrigados a dominá-lo à força. Com esses caras não dá para ter consideração. Sabe como são perigosos.

Alegou que o terrorista estava armado no momento da prisão e que essa gente recebe instruções da organização para dizer que foram torturados. E Xabier? Ficou em silêncio. Se este homem fardado soubesse de quem sou filho. Sustentou o olhar dele até acabar de dizer tudo o que estava dizendo. Então, com altivez?, antes com frieza, se virou e entrou na sala onde o paciente estava esperando.

— Doutor, me torturaram. Dói muito aqui. Acho que quebrou alguma coisa.

Se este rapaz soubesse o que outros da turma dele fizeram com meu pai. Foi uma ideia por impulso. Porque, claro, não sou de ferro. E Nerea, do outro lado da linha telefônica, disse que entendia, que não sabe o que faria no seu lugar, talvez a mesma coisa.

Um paciente. É o que Xabier via naquele rapaz. Um corpo necessitando assistência médica. O que tiverem feito este rosto, este peito, estes membros, não é da minha conta. Por enquanto. Depois que eu fizer o meu trabalho, ou dentro de algumas horas, ou amanhã, com certeza vai me interessar. Mais: vai tirar o meu sono.

A porta aberta, ouviam-se vozes e passos dos guardas civis. Perguntou ao que estava mais próximo se podia fechar a porta. Do corredor lhe responderam que não. Não foi com maus modos, isso não. Parece que o jaleco branco impunha respeito.

— É por prudência, compreenda.

Assim que viu o paciente nu da cintura para cima, Xabier apagou qualquer resquício de pensamento pessoal. Duas enfermeiras tiveram que ajudar o paciente a se despir. Sozinho não conseguia. Deixaram-no só de cueca. O etarra, o terrorista, certamente o assassino. Pensa estas coisas agora. Naquele momento, como disse a Nerea pelo telefone, não pensava em nada que não fosse fazer direito o seu trabalho.

— Porra, maninho, que integridade a sua.

— Que isso. Eu me limito a cumprir minha obrigação. É para isso que me pagam.

O hematoma no olho tinha anunciado a Xabier que tipo de lesões ia encontrar. Observou, depois que tiraram a roupa do paciente, finalmente a cueca também, as numerosas contusões espalhadas por todo o corpo. E no lado esquerdo se apresentava um enorme enfisema que se alongava da parte superior da escápula até o quadril, o que à simples vista levava a crer que havia uma grave lesão interna. A origem? Não era sua obrigação descobrir, mas só um cego não adivinharia as causas desses arranhões e esfoladuras nos joelhos e tornozelos. Xabier determinou que o paciente fosse internado de imediato na CTI. O capitão:

— Tem certeza?

O que esperava? Que puséssemos uns esparadrapos no cara e o devolvêssemos?

— Ele tem um enfisema subcutâneo. Provavelmente com fratura de costelas e perfuração pulmonar. Precisa fazer os exames correspondentes, mas já posso lhe adiantar que o estado do paciente é bastante grave.

— Como o senhor sabe, o paciente é um terrorista e está preso. Haverá uma forte vigilância. Isso também vai afetar as pessoas que entrarem no quarto onde vão interná-lo.

E eu com isso? Mas, claro, não respondeu. Para ele dava no mesmo. Mostrando as palmas das mãos para provar sua inocência:

— Eu me limito a cumprir minha obrigação.

— E nós cumprimos a nossa, porra.

Essa maneira desafiante, chula, castrense de falar, acompanhada de um olhar penetrante, intimidou Xabier. Não quis mais conversa. Já pensava em tomar um antidepressivo assim que estivesse sozinho. Teve o reflexo de olhar as horas no relógio. Foi como erguer um muro imaginário entre ele e o guarda civil. E de repente se lembrou da mãe. O motivo? É que, se não fosse por ela, eu agora estaria exercendo a medicina a muitos quilômetros de distância, talvez em outro continente, naquelas terras remotas para onde se foi Aránzazu. Mas não posso deixar a *ama* sozinha.

Estava ciente de que havia uma investigação em andamento, determinada pelo juiz de plantão de San Sebastián em função do relatório médico. Reunidos os dados do exame geral do paciente, Xabier redigiu o seu: politraumatismos, fratura do nono arco costal esquerdo, contusão pulmonar, hemopneumotórax esquerdo, hematoma periocular esquerdo com hemorragia, enfisema subcutâneo da região cervical até a pélvis; hematomas, arranhões e esfoladuras em ambas as pernas. Expôs tudo isso em frases breves, frias. Especificou que o paciente foi levado ao hospital por agentes da Guarda Civil a fim de fazer uma avaliação das suas lesões após a detenção. E que ele declara que a origem das feridas foram socos e pontapés na cabeça, no tórax, no abdômen e nas extremidades inferiores. Concluída a redação, sem reler (contrariando o seu costume) o texto, escreveu a data e assinou.

Três dias depois o paciente passou para a enfermaria. Avisaram a Xabier que um senhor desejava falar com ele. Não quis recebê-lo em sua sala. Lá é mais difícil se livrar dos chatos. Além disso, a foto do seu pai está em cima da mesa e não lhe agrada que estranhos a vejam. E pode ser que flutue no ar um cheiro de conhaque. Então foi para o corredor.

Era um homem de uns trinta anos, rosto congestionado, gordo, grandalhão, e eu

apostaria que diabético. Irmão do etarra, que vinha agradecer. Xabier: não havia motivo. E, tal como dissera ao capitão da Guarda Civil, também explicou a esse homem que tinha se limitado a cumprir sua obrigação.

Logo em seguida viu-se que o fortão não tinha ido ao hospital com o único objetivo de manifestar sua gratidão. Queria que o médico confirmasse que seu irmão tinha sido torturado.

— O que o senhor acha?

E Xabier só repetiu, num tom levemente coloquial, o conteúdo do relatório médico, que foi o que no dia seguinte saiu no *Egin* como sua declaração ao jornal.

Nerea, pelo telefone:

— Pois devia ter dito que o ETA matou o nosso pai. Para ver que cara ele fazia.

— Eu estava cansado. Não me ocorreu.

— Sei lá se era mesmo irmão do etarra.

— Tive esta desconfiança desde o começo. Não vamos dizer nada à *ama*, hein?

— Nem pensar. Ficou doido?

109
Se um vento atinge a brasa

Falaram uma vez do assunto, sentados à mesa, quando Txato já estava debaixo da terra havia vários anos. Participar de encontros de vítimas do terrorismo? Nós, jamais. Os dois irmãos e a mãe concordaram quanto a isso.

Bittori:

— Eu não vou botar minha tristeza numa vitrine. Vocês, façam o que quiserem.

Foi Nerea quem pensou na imagem de uma brasa dentro de nós.

— E cada um tem que encontrar a maneira de que vá esfriando pouco a pouco.

A *ama* observou que, se um vento atinge a brasa, a chama se reaviva. De fato, cada um dos três, sem confessar aos outros, se ressentia da sua queimadura interna toda vez que ouvia a notícia de um atentado. Não era um assunto comum nas conversas deles. Deixavam passar os crimes do ETA sem comentários, como se tivessem feito tacitamente um pacto de silêncio. Mencionavam, isso sim, e com frequência, Txato, mas raramente na sua condição de assassinado. Preferiam falar, piadistas, sorridentes, da teimosia, das orelhas de abano, do bom coração que ele tinha. E de vez em quando Bittori pedia aos filhos que não o esquecessem. Nenhum dos três tinha a intenção de passar o resto da vida sendo antes de tudo uma vítima e apenas uma vítima. De manhã, vítima; de tarde, vítima; de noite, vítima.

Xabier:

— Mas vocês não podem negar que somos vítimas.

Bittori mergulhou a concha na panela.

— Sim, mas vamos começar a comer porque a sopa vai esfriar.

E passaram os anos, as chuvas, as bombas e os tiros. Chegou um novo século e, algum tempo depois, a manhã de novembro em que Xabier ficou sabendo, pelo jornal, que em San Sebastián iam ser realizadas Jornadas sobre Vítimas do Terrorismo e da Violência Terrorista, organizadas pelo Coletivo de Vítimas do Terrorismo no País Basco. E ele não ia porque não participa desse tipo de eventos, temeroso/convencido de que sempre sai desanimado e depois passa um tempo vagando na escuridão de seus labirintos mentais.

Nisso, encontrou na lista dos participantes previstos para esse dia o nome do

juiz que atuou no caso do seu pai e ficou pensando, e sentiu curiosidade, e considerou que poderia assistir à palestra como espectador anônimo. Afinal, ninguém me conhece, já se passaram muitos anos e eu posso me sentar longe da mesa dos oradores.

Uma hora antes de começar o ato, Xabier continuava hesitando: temor, dúvidas e um início de ansiedade que tentou combater com um comprimido. Saiu de casa sem saber com muita certeza o rumo que ia tomar. Com o céu já escuro, as ruas repletas de veículos, começou a andar com a intenção de delegar aos seus pés a escolha do caminho. O trajeto, depois de um rodeio nada curto, terminou diante da entrada principal do hotel María Cristina, em um de cujos salões do térreo o juiz, um escritor e outros oradores fariam uso sucessivamente, dentro de poucos minutos, da palavra. Os pés decidiram por mim, e Xabier, coração palpitante, tomou um conhaque duplo, e logo em seguida outro, no bar Tánger, ali perto. Para quê? Para aplacar os nervos. Para tomar coragem. Será que alguém vai me reconhecer? E também para ganhar tempo e entrar no salão do hotel com o ato já começado e o público com a atenção voltada para o tablado.

Foi se sentar perto de uma das portas, na penúltima fila, entre estranhos. À frente, fileiras de costas e nucas, e muitas cadeiras desocupadas. Quarenta, cinquenta pessoas? Não passavam disso. Diante da parede do fundo, a mesa com os oradores e microfones. O juiz não estava lá. Alguém terminou de falar, cedeu a palavra ao escritor, ouviram-se aplausos mornos, protocolares. O escritor tomou a palavra, cumprimentando, agradecendo o convite. E disse que:

— Há livros que vão crescendo dentro da gente ao longo dos anos à espera do momento oportuno de ser escritos. O meu, do qual vim lhes falar hoje, é um deles. A ideia inicial...

Com a devida discrição, Xabier se esforçava na parte de trás do salão para identificar algum dos presentes. Observados por trás, não era fácil. Além do mais, ele não conhecia pessoalmente nenhuma outra vítima do ETA nem seus familiares. Conhecia, sim, algumas, aquelas que todo mundo conhece por ter visto na televisão ou nas fotos dos jornais.

— E este projeto de compor um testemunho, por meio da ficção literária, das atrocidades cometidas pelo grupo terrorista é fruto, no meu caso, de uma motivação dupla. Por um lado, a empatia que sinto pelas vítimas do terrorismo. Por outro, minha total rejeição à violência e a quaisquer agressões contra o Estado de Direito.

O escritor se pergunta a seguir por que não ingressou no ETA em sua juventude. Por todo o salão se estende um silêncio estupefato de respirações contidas.

— Afinal de contas, eu também fui um adolescente basco e estive exposto como tantos outros rapazes da minha época à propaganda do terrorismo e à doutrina em que este se fundamenta. Pois bem, pensei muitas vezes a respeito disso e creio ter encontrado a resposta.

Lá na frente, na primeira fila, reservada aos convidados, estava o juiz esperando a sua vez de falar. O juiz é famoso. Tem uma cabeça calva, luzidia, que o torna facilmente reconhecível. Além do mais, ele aparecia muito nos meios de comunicação devido a não me lembro mais que caso. Que Xabier soubesse, nessa época o juiz já não integrava mais a Audiência Nacional.

— Escrevi, pois, contra o sofrimento infligido por uns homens a outros, procurando mostrar em que consiste esse sofrimento e, obviamente, quem o gera e que consequências físicas e psíquicas ele traz para as vítimas sobreviventes.

E na terceira ou quarta fila, num momento em que a pessoa observada virou um pouco a cabeça, Xabier distinguiu um perfil conhecido.

— Também escrevi contra o crime cometido com alguma desculpa política, em nome de uma pátria onde um punhado de gente armada, com o vergonhoso apoio de um setor da sociedade, decide quem pertence a essa pátria e quem deve abandoná-la ou desaparecer. Escrevi sem ódio contra a linguagem do ódio e contra a desmemória e o esquecimento tramado pelos que tentam forjar uma história a serviço do seu projeto e suas convicções totalitárias.

Não tinha certeza. Uma mulher com uma boina creme de lã, sentada exatamente atrás, impedia Xabier de ver com clareza essa outra, é ela sim, rapaz, aquela que é tão conhecida, a irmã de Gregorio Ordóñez. Como se chama? María Ordóñez, Ester Ordóñez, Maite Ordóñez. Não lhe vinha o nome verdadeiro. De repente: Consuelo Ordóñez. Porra, que dificuldade.

— Mas também escrevi, com o estímulo de oferecer algo positivo aos meus semelhantes, a favor da literatura e da arte, e portanto a favor da bondade e da nobreza que o ser humano possui. E a favor da dignidade das vítimas do ETA em sua humanidade individual, não como simples números de uma estatística na qual se perdem seus nomes, seus rostos concretos e suas marcas intransferíveis de identidade.

Exatamente o que minha mãe não quer: que o sofrimento dela e o dos filhos sirva de material para um escritor fazer seu livro ou um diretor de cinema rodar seu filme, e depois serem aplaudidos, receberem prêmios, enquanto nós continuamos carregando a nossa tragédia nas costas.

— Procurei evitar os dois perigos que considero mais graves nesse tipo de literatura: o tom patético, sentimental, por um lado; e, por outro, a tentação de

interromper o relato para assumir explicitamente uma posição política. Para isto existem, no meu entender, as entrevistas, os artigos de jornal e os debates como este.

Na segunda fila, perto da ponta, cabelo avermelhado, Xabier reconheceu Cristina Cuesta, que tal como ele, era filha de pai assassinado. Era ela, não havia dúvida. E à sua esquerda, Caty Romero, viúva de um sargento da Polícia Municipal de San Sebastián, o qual aparentemente, não sei onde li, queria limpar a polícia de colaboradores e informantes do ETA e, claro, os terroristas o liquidaram com dois tiros.

— Eu queria responder a perguntas concretas. Como se vive intimamente a desgraça de perder um pai, um marido, um irmão num atentado? Como, depois de um crime do ETA, a viúva, o órfão, o mutilado enfrentam a vida?

O escritor falava com calma. Xabier lhe atribui boas intenções, mas não acredita que alguma coisa possa mudar substancialmente porque alguém escreva livros. Acha que até então boa parte dos escritores bascos deu pouca atenção às vítimas do terrorismo. São mais interessantes os algozes, seus problemas de consciência, seu panorama emocional e essas coisas. Além do mais, o terrorismo do ETA não serve para atacar a direita. Para isso, a guerra civil é muito melhor.

— ...procurando desenhar um painel representativo de uma sociedade submetida ao terror. Talvez seja exagero, mas tenho a firme convicção de que também está ocorrendo uma derrota literária do ETA.

Neste ponto, a mulher sentada bem atrás de Consuelo Ordóñez, a de boina creme, virou o rosto ligeiramente para um lado, apenas uma fração de segundo, mas o suficiente para que o coração de Xabier desse um pulo ao reconhecer aqueles traços para ele tão familiares. O que está fazendo aqui a minha irmã, aquela que uma vez disse que nem se lhe pagassem iria a uma reunião de vítimas do terrorismo? Pois o mesmo que ele. Entendeu o absurdo da pergunta, à qual não dedicou nem meio segundo de reflexão, urgido por outros pensamentos mais prementes. Que pensamentos? Ora, por exemplo, encontrar um jeito de que Nerea não o visse. Calculou os passos, não mais que três, que o separavam da porta. Não titubeou. Aproveitando o momento em que os aplausos ao escritor iam abafar o som dos seus movimentos, levantou-se da cadeira, foi para o corredor e partiu com passos firmes, quase correndo, rumo à saída.

110
Conversa ao entardecer

Fazia tempo que não se viam. Quanto tempo? Pouco importa. Duas, três semanas. E enquanto isso ocorreram novidades em relação a Bittori. Nenhuma boa; uma, sobretudo, extremamente preocupante. Xabier e Nerea concordaram que o telefone não era a melhor maneira de ter uma conversa prolongada sobre as questões graves que afetavam a mãe.

O que fazemos? Você não acha que? Decidiram se encontrar num ponto central da cidade. Tarde de sol, mas fria. Nerea propôs percorrer o Paseo Nuevo e conversar nas proximidades do vasto mar azul. Livre de obrigações, Xabier não teve objeções para aceitar a ideia.

No caminho, gente, crianças, uma fileira de vendedores de artesanato. E quase não se podia passar por causa da multidão. Mais à frente, funcionários da prefeitura, munidos de uma lavadora de alta pressão, limpavam as pichações favoráveis ao ETA de uma parede lateral do prédio da Peixaria de La Brecha. E para evitar que espirrasse neles, os dois irmãos se aproximaram o máximo que puderam da fachada oposta.

— Algum dia não muito distante, pouca gente vai lembrar o que aconteceu.

— Não fica chateado com isso, mano. É a lei da vida. No final, o esquecimento sempre ganha.

— Mas nós não temos que ser cúmplices.

— Não somos. A nossa memória não se apaga com jatos de água. E você vai ver como acusam as vítimas de se negarem a olhar para o futuro. Vão dizer que nós queremos vingança. Alguns já começaram.

— Nós incomodamos.

— Você nem pode imaginar quanto.

Na altura do museu de San Telmo entraram no assunto. Xabier pediu a Nerea que falasse do caso da gata. O que havia acontecido. Que história era aquela.

— Ikatza está morta e a *ama* não sabe. Tenho a impressão de que é melhor mesmo que não saiba.

— E como você descobriu?

— Ontem fui à casa dela. Quique me levou de carro até a rua San Bartolomé. E

como ele, todo apressadinho, não parava de reclamar, que tinha uma reunião importante com um cliente, que ia chegar tarde por minha culpa, eu disse a ele: pode me deixar aqui, que subo a ladeira a pé. Estava com um mau pressentimento, sabe? Telefonei para a *ama* e ela não atendeu. Voltei a telefonar, e nada ainda. E dois dias seguidos assim. Por isso achei melhor ir lá dar uma olhada.

— Ela passa o dia todo na vila.

— Às vezes vai ao cemitério. Não perdeu essa fixação com o túmulo do *aita*. Mas achei estranho que, na hora em que normalmente está jantando, também não me atendeu.

Nerea já tinha subido um pedaço da ladeira de Aldapeta. Viu no asfalto uma massa de carne avermelhada e pelo preto. Passavam carros em cima. Passou o ônibus. E ela parou um instante na calçada, o tempo necessário para reconhecer a coleira. Foi visitar a mãe e, após uma hora, quando estava quase se despedindo, perguntou pela gata como quem não quer nada.

— Onde está a gata, que não aparece?

— Ela tem a vida dela. Em qualquer instante vai aparecer na varanda com um pássaro entre os dentes.

Cobrindo a boca e o nariz com a mão, Nerea tirou o animal morto do asfalto. Enquanto não vinham carros, foi empurrando os pedaços de carne e pelo até uma vala no outro lado da via, onde não há calçada, na esperança de que sua mãe não iria vê-los. Para essa desagradável operação, usou o galho de um arbusto. Por fim, enganchando o colar pegajoso na ponta desse galho, jogou-o do outro lado de uma cerca.

Estava com cara de nojo quando contou para o irmão.

— Você fez bem em esconder da *ama*.

— Senti náuseas enquanto descia para a San Bartolomé. Por isso entrei no primeiro bar que vi e tomei um drinque. Olha que eu não sou de beber fora de hora, mas precisava tirar da boca aquela sensação de nojo.

Andavam lado a lado, respirando a brisa marinha; uma linha comprida, nublada, de costa servida para a sua contemplação; e, abaixo do passeio, a sucessão interminável de ondas quebrando e espumando nos blocos do quebra-mar. Nerea, para o irmão: que contasse com detalhes o que já havia adiantado pelo telefone.

— Você se lembra do Ramón Lassa?

— O motorista de ambulância? É claro.

— Veio me procurar no gabinete há uma semana porque tinham lhe contado, porque lhe disseram. O quê? Que a nossa santa mãe foi vista empurrando a cadeira de rodas de Arantxa na praça da vila. Entende-se que com Arantxa sentada na

cadeira. Imagina a cena: as duas sozinhas passeando à luz do dia num lugar onde é impossível não ser visto. Com que intuito? E quem teve a ideia? E como é que não havia uma outra pessoa com elas, a cuidadora que se ocupa de Arantxa diariamente? Você pode imaginar o falatório que essa história provocou entre os vizinhos.

— É mesmo um pouco estranho. Há tantos anos que não falamos com a família dela. Não vejo Arantxa desde os meus tempos de estudante. No entanto, sigo considerando-a minha amiga. De todos eles, foi a única que se mostrou humana conosco. Você não perguntou nada à *ama?*

— Imagino que a *ama* está com algum problema. Eu não quis piorar as coisas. Mas já te disse que dava para ler o assombro no rosto de Ramón.

— O que os *aitas* pensarão de Arantxa?

— Joxian imagino que continua sendo boa gente e aceita o que for. Mas ela?

— Para Miren esta história é o fim do mundo.

— Ramón também me contou que, depois do passeio com Arantxa, a *ama* sofreu um desmaio na rua e tiveram que socorrê-la. Foi aí, como te contei pelo telefone, que decidi interferir.

O sol, já se retirando, desenhava uma faixa de cintilações que se moviam na superfície marinha. Barcos? Nenhum. Uma lancha voltando, próxima à entrada da baía, e mais nada. Xabier e Nerea se debruçaram no parapeito. Ele cobria a incipiente calvície com um gorro escocês; ela, que até alguns anos antes usava boinas de lã, estava com o cabelo descoberto. Atrás de onde estavam se enferrujava, entediada, esperando a próxima tempestade, a escultura de Oteiza. A poucos passos dos dois irmãos, um pescador olhava fixamente o vaivém de boia nas águas ondulantes.

— Pedi que ela saísse comigo de carro. Para onde vamos? Você vai ver. Marquei várias vezes uma consulta com Arruabarrena. Ela promete ir, mas nunca vai e deixa o tempo passar, e eu já imaginava, pelos exames de sangue, que havia alguma coisa errada no corpo da nossa mãe. Arruabarrena examinou-a. Fez todo tipo de avaliações. Anteontem me ligou. Queria que eu fosse lá sem falta. Só de ver a cara dele, percebi que ia me dar péssimas notícias.

— Confirmado o câncer?

— De colo uterino. Muito avançado. Se tivesse sido detectado antes, seria possível agir com alguma garantia de cura, mas ela se descuidou, eu não fiquei atento e agora há outros órgãos afetados, entre eles o fígado. Enfim, vou te poupar dos pormenores clínicos. Não são nada agradáveis, posso garantir.

— Quanto tempo ela tem?

— Esticando bastante, Arruabarrena lhe dá dois ou três meses, mas também

pode morrer esta noite. Com extirpação e um tratamento invasivo, poderia prolongar a vida dela talvez até final do ano. Não vale a pena.

— Ela está ciente?

— Arruabarrena ainda não lhe disse nada. Veio me perguntar se não acho melhor que seja eu, que afinal de contas sou filho da paciente, além de médico, o encarregado de transmitir o diagnóstico à *ama*. Ele tem razão. Acho que tenho uma grande dose de responsabilidade por não ter percebido o problema quando ainda havia tempo de enfrentá-lo.

— Não é hora de se recriminar. Desconfio que a *ama* sabe da doença muito mais do que dá a entender.

— No carro ela protestou dizendo que não precisava ir ao médico, que sempre teve menstruações difíceis e dores no baixo-ventre.

Os dois irmãos tinham voltado a andar. Desceram as escadas do Aquário, chegaram ao porto. As primeiras luzes da noite pontilhavam a cidade.

— Em todo caso, combinei com Arruabarrena um tratamento paliativo. Vai fazer todo o possível para que a *ama* não sofra.

Nerea pousou a mão no ombro de Xabier. Andaram assim por alguns minutos, sem falar, sem se olhar, até que Nerea tomou a palavra de novo. O que ele ia fazer quando a *ama* não estiver mais conosco.

— Você sabe que só moro nesta cidade por causa dela. Fiz uma promessa ao *aita* no dia do enterro. Silenciosamente eu lhe disse: não se preocupe, vou cuidar dela, sozinha não vai ficar. E você vê que, afinal, eu não estava à altura das circunstâncias. Meu plano é realizar, assim que for possível, o velho desejo deles de dividir um túmulo no cemitério da vila, e depois ir embora. Para onde? Não tenho ideia. Para longe, isso com certeza. Onde possa ser útil a gente que precisa. E você?

— Eu, aqui.

Evitaram, por serem movimentadas, as ruas da Parte Velha. A conversa prosseguiu no balcão de um bar no Bulevar. De noitinha se despediram, sérios, tranquilos, encostando as bochechas fraternalmente. Ele foi para cá; ela, para lá. O céu já havia escurecido por completo, e o frio tolerável da tarde começava a ser substituído pelo mais severo da noite. Xabier, andando pela rua Elcano, absorto em pensamentos, sentiu a carícia de um cheiro morno de castanhas assadas. A barraca do vendedor ficava na esquina com a praça de Guipúzcoa. Uma dúzia, dois euros e cinquenta. Enquanto pagava, bateram as badaladas das oito da noite no carrilhão do Congresso. E Xabier, com o calor agradável do cone de papel na palma da mão, sentou-se num banco da praça, debaixo da lua minguante que se via através dos galhos desfolhados de uma árvore. Descascou a primeira castanha com facilidade.

Muito boa. No ponto certo, nem dura nem queimada. E o calor gostoso que se espalhou dentro de sua boca adensava o vapor da respiração. A segunda, também muito boa. Boa demais. Levantou-se. Jogou o cone quase cheio numa lixeira, de modo que as castanhas foram caindo uma a uma entre os resíduos acumulados lá dentro. Depois saiu andando em direção à Avenida, misturado às pessoas.

111
Uma noite em Calamocha

Geralmente, Miren ia visitar Joxe Mari com o ônibus do grupo Gestoras Pró Anistia. Joxian também ia de vez em quando. Isso no começo. Mas cada vez mais esporadicamente à medida que os anos transcorriam.

Um sábado de inverno, já faz muito tempo, tiveram um problema a poucos quilômetros de Calamocha. Depois disso, Joxian perdeu a vontade de viajar. Essa não foi a única razão. A outra, a principal, era Miren. Sempre mandona, os dois discutiam, não se pode tocar no filho dela. Joxe Mari é como se *seria* a sua perna na altura da virilha. Não se toca senão ela vira fera, que mulher.

No dia de Calamocha, viajaram de manhã para um encontro familiar na prisão de Picassent, mas não de ônibus, foram no carro de Alfonso e Catalina, que na época tinham um filho no mesmo centro penitenciário.

Não se pode dizer que os dois casais fossem unidos por uma amizade próxima. Miren os criticava pelas costas, principalmente por não falarem basco. Para Joxian, pouco importava o que falavam. Mesmo assim, tampouco tinha muita simpatia por eles. Por quê? Dava de ombros: não fazia ideia.

Enfim, Alfonso e Catalina eram moradores da vila, daqueles que vieram do sul nos anos sessenta. Para Miren, de bascos eles não tinham nem o ar que respiravam. A mulher, principalmente, adivinhava-se pelo sotaque de onde era. Tinham gerado um filho militante do ETA que na época dividia a cadeia com Joxe Mari, e parece que os dois rapazes se davam bem.

Um dia don Serapio abordou Miren na rua. Esse intrometido. O padre estava conversando com Catalina nos arcos da Prefeitura. Esse homem para e conversa com todo mundo. Governa almas e corpos. Ou tenta. Porque depois você vai à missa e, salvo em datas especiais, só vê meia dúzia de gatos pingados. Avistou Miren, que tinha parado para comprar queijo de uma produtora, e chamou-a: *kaixo,* Miren. Como ela não pôde se fingir de surda porque estava a poucos passos, desistiu de comprar o queijo e foi até lá. Pois acontece que a Catalina, aqui, e o marido iam a um encontro presencial com o filho no mesmo dia que ela e Joxian, data que o padre não ignorava.

Joxian, ao meio-dia:

— Isso acontece por dar com a língua nos dentes.

— É o meu confessor.

— Pois vá se confessar em outra vila.

Por fim, na frente de don Serapio, as duas mulheres combinaram, que remédio, que os quatro viajariam juntos para Picassent no carro de Alfonso. Bem, pois faltou pouco para que o padre tivesse que rezar uma missa fúnebre para todos eles.

O acidente aconteceu na viagem de volta. Dias mais tarde, saiu uma notícia no *Egin*, depois que Alfonso conversou pelo telefone com um jornalista em Teruel. Na ida, Joxian tinha se sentado no banco da frente, ao lado de Alfonso, que estava dirigindo e é um chato. Por isso não o aguenta. É metido a sabe-tudo. Não fecha a boca nunca. De futebol, de motores, de cozinha, de cogumelos: o cara entende de tudo. E em dado momento da viagem pôs uma fita de zarzuela para ouvirem. Miren, em voz baixa, quando se separaram deles dentro da penitenciária:

— Está no sangue. Só faltou gritarem viva a Espanha.

Na volta, quando ia entrar no carro, Joxian se deparou com Catalina instalada no banco da frente. Não teve outro remédio senão ir para o de trás, ao lado de Miren, que, assim que a viagem começou, lhe mandou um beliscão na coxa para que não contasse algo a respeito de Joxe Mari, o que ele já tinha começado a fazer.

Dois dias depois, em casa:

— Agradece a Santo Inácio por Catalina ter pegado o teu lugar.

— Pelo visto meu anjo da guarda é mais forte que o dela.

Alfonso, com as mãos no volante, tomou conta da conversa. Elogiava o filho, que faz muita ginástica na cadeia e começou a estudar inglês. O problema é que só podem falar com ele de um lado porque do outro não escuta quase nada. E acelera, ultrapassa um caminhão e explica:

— Por causa das surras que levou quando foi preso.

Miren intervinha vez por outra.

— Vocês não denunciaram?

— Com o pouco caso que fazem... Nossos filhos estão nas garras do Estado.

— Pois também bateram no meu Joxe Mari. Em grupo. Porque um de cada vez, grande como ele é, não têm coragem.

Joxian, ensimesmado, triste como sempre que se despede de Joxe Mari (certo, meu filho, fique bem), contemplava a paisagem, alheio à conversa. Aliás, distraído até certo ponto. Já tinham percorrido um bom pedaço do caminho e agora foi ele que teve que bater disfarçadamente em Miren para que ela se controlasse. Estavam atravessando a província de Teruel ao entardecer. Campos solitários, com círculos de neve; uma fileira de morros ao longe, a ponto de se desvanecerem na escuridão,

e um frio atroz fora do carro. De repente, Catalina deu ingenuamente com a língua nos dentes. Talvez tenha achado que havia intimidade onde não havia. Ou simplesmente não sabia até que ponto podia subir a febre patriótico-política de Miren.

Os presos do ETA da cadeia de Picassent tinham recebido a ordem de fazer greve de fome. Chega o advogado e diz: greve. E Joxe Mari, que nisso, como em tantas outras questões, era muito rígido, vigiava os companheiros. Durão. Miren se mostrava orgulhosa dele, espalhando depois na vila que Joxe Mari é de ferro, ninguém o dobra.

Nisso, Catalina foi contar que os tinham deixado entrar na sala do encontro presencial com um saco de madalenas feitas por ela em casa, porque os guardas podem ou não deixar entrar com comida, dependendo da boa vontade, e que uma vez não tinham permitido, mas agora sim.

— Ele comeu todas na nossa frente.

Miren pulou:

— Mas é claro que te deixaram entrar com comida. Sabem que estão em greve de fome, fazem isso para que alguns furem e não fiquem unidos.

— Ai, mulher, mas ninguém ficou sabendo.

— Pois eu já fiquei. Greve é todo mundo ou ninguém.

E não disse mais nada devido ao tapa que Joxian lhe deu às escondidas. Instalou-se então um silêncio incômodo dentro do carro, aproveitado por Alfonso para pôr uma fita cassete de zarzuela, não a mesma daquela manhã, mas quase, quase. E ainda havia muitos quilômetros de música espanhola pela frente.

El aceite de rícino
ya no es malo de tomar.
Pues como?
Se administra em pildoritas
y el efecto es siempre igual.

Aconteceu de repente. Como? Miren não lembra. Joxian, imerso em tristezas e pensamentos, ia tirando um cochilo de braços cruzados. Nem se deu conta. Foi acordado por um palavrão de Alfonso, seguido de um grito de Catalina. O que foi? O carro tinha mergulhado de frente numa valeta, no acostamento da estrada. Miren foi a primeira a sair. A porta do lado de Joxian não abria. Os dois da frente, calados. E os cantores de zarzuela, também.

Miren pega Joxian pelo lado de fora.

— Vamos, sai.

E tirou-o puxando pelo braço, e em poucos segundos sentiram a mordida do frio. Joxian perguntou a Miren se estava machucada.

— Não. Temos que tirá-los.

Sozinhos no meio do campo. Um lugar deserto, anoitecendo. E o céu, limpo de nuvens, pontilhado com as primeiras estrelas, pressagiava uma geada iminente. Primeiro foram ajudar Alfonso. Sem dificuldade. Nem sequer havia porta. Então Joxian puxou-o pelas axilas. Não via seu rosto, todo coberto de sangue. Tentou deitá-lo na terra pedregosa, mas não foi preciso. As feridas não eram graves. Pelo menos era o que ele dizia. Um corte na testa e outro no couro cabeludo que tingia de vermelho seu cabelo grisalho. Só isso. E ficou apavorado ao ver a mulher, lá dentro imóvel, calada, com a cabeça pendendo sobre um ombro. Do outro lado do carro, Miren tentava em vão abrir a porta.

— *Vir* aqui. Vejam se vocês conseguem.

E Joxian, operador de forno numa fundição, mãos calosas, braços robustos, foi correndo e puxava, *putaquepariu,* a maçaneta, um pé apoiado numa saliência da carroceria amassada, os dentes apertados, até que abriu/arrancou a porra da porta e lá estava Catalina sem sangue nem nada parecido, como cheirava bem aquela mulher, mas dizendo em sussurros agônico-lamurientos:

— Minhas pernas, minhas pernas.

Enquanto isso, Miren, no meio da estrada, fez parar um furgão branco que vinha da direção contrária. O motorista se ofereceu para levar a mulher ferida a Teruel e ajudou a deitá-la com cuidado num espaço que abriu no meio da carga, com lugar exato para ela e Alfonso que, para conter a hemorragia, tinha enrolado o pulôver em volta da cabeça como um turbante. O furgão desapareceu rapidamente na escuridão quase completa. Miren e Joxian tiraram suas coisas do porta-malas do carro, e também as de Alfonso e Catalina, pois podiam aparecer ladrões.

— Viu as pernas de Catalina?

— As duas quebradas. Não é preciso ser médico para perceber.

— É bom ela ir rezando para que as consertem como Deus manda.

O silêncio desceu naquela inóspita paragem. Os dois se apressaram para vestir mais roupa. Que frio, e agora, o que vamos fazer. Não tinham a menor ideia de onde estavam. Entre Teruel e Zaragoza, isso com certeza. Não se viam casas nem luzes nem placas. Tampouco algum refúgio no meio daquele deserto, sei lá, uma cabana de pastores, um arvoredo onde se proteger da intempérie.

Miren:

— Tem certeza de que não está machucado. Diz a verdade.

— Não, cacete.

— Você está todo manchado de sangue.

— Deve ser de Alfonso.

— Bota alguma coisa no pescoço, senão vai ficar resfriado. Estas coisas acontecem por culpa da dispersão dos presos.

— Não vamos começar. Teremos que informar à Guarda Civil.

— Nem morta vou falar com os torturadores de Joxe Mari.

— Então, o que fazemos?

— Pensa.

Miren achava que pouco antes tinham passado por perto de uma vila, mas não tinha certeza. E Joxian não sabia nem lembrava, já que vinha cochilando. O melhor seria parar um carro. Daí a pouco viram se aproximar um, de farol já aceso. Não fizeram nenhum sinal. Achavam que o motorista ia entender a situação deles ao ver o carro destroçado. Não parou.

— Como quer que pare se você não mexe os braços?

— Pois se é tão esperta, por que não mexeu você?

— Não vamos discutir agora, certo?

O seguinte, vários minutos depois, parou. Se estavam feridos. Negaram, tremendo de frio. O motorista disse que ia para Calamocha, sua vila ali perto, e que, se quisessem, podia levá-los. E levou. Apresentou-se como Pascual. Cinquenta e poucos anos, barriga deste tamanho, bastante tagarela: antes da terceira curva, já tinha relatado a eles sua arritmia cardíaca e sua diabetes.

— Isto aqui ainda é província de Teruel?

— Sim, senhora.

— Pois então não chegamos em casa hoje.

— Difícil. O último ônibus para Zaragoza já passou.

Miren contou detalhes sobre aonde iam e com quem viajavam e o que tinha acontecido.

— Estavam de férias?

— É, em Benidorm.

O homem viu as manchas de sangue em Joxian. Impossível não vê-las. E voltou a perguntar se não estava ferido. Joxian explicou que o sangue não era dele. O tal Pascual, forte sotaque aragonês, ao ver as primeiras casas de Calamocha, propôs:

— Por que não vêm para a minha casa? Meus filhos estão em Zaragoza, o mais velho trabalhando num banco e outros dois estudando na universidade, e a menina em Paris, casada com um músico francês que é um ótimo sujeito. Educado, tranquilo. Só que não fala uma palavra de espanhol, mas nós nos entendemos bem.

Pois é, podem acreditar, minha casa tem espaço para um batalhão. Vocês podem descansar, limpar o sangue, e amanhã de manhã eu levo os dois tranquilamente até a estação ferroviária de Zaragoza, para onde tenho que ir de qualquer maneira. Sou viúvo e, como já disse, moro numa casa grande e vazia.

Preparou um jantar suculento, deu-lhes um quarto com vigas de madeira no teto e uma cama de lençóis frios e pesados, e logo de manhã, depois do café, levou-os de carro solícito e jovial para Zaragoza. Miren e Joxian quiseram lhe pagar. Que não e que não. Insistiam, sem jeito, tímidos. Pascual respondeu, segurando a barriga com as duas mãos, que a famosa teimosia dos aragoneses não é nada em comparação com a dele. No caminho tinha elogiado os bascos. Gente nobre e trabalhadora. De ruim só os atentados do ETA. Enfim, despediram-se em frente à estação de Portillo. Era domingo e soprava um vento mortal. No dia seguinte, de tarde, Miren foi à agência de correios de San Sebastián. À da vila, nem doida. Ninguém precisa saber que ela mantém contato com um senhor da província de Teruel. Na caixa, um quilo de feijão de Tolosa, um frasco de pimenta enrolado em plástico-bolha, um queijo de Idiazábal embalado a vácuo e mais nada, porque não cabia.

Joxian zombava.

— Você ganha em teimosia daquele aragonês de Calamocha.

— Teimosa não, eu sou é agradecida.

— Quero ver se agora não vai se espanholizar.

— Vá fritar churros, seu bobalhão.

112
Com o neto

Que situação ruim, Joxian. Ruim? Péssima. Um filho na prisão que possivelmente nunca mais verei, porque com certeza vou morrer antes disso; outro, em Bilbao, que nunca telefona, nem escreve, nem vem nos visitar, Miren desconfia que porque tem vergonha da família; e a filha, que não fala com a mãe há mais de um ano e vive às turras com o marido. Joxian matutava sobre suas atribulações no ônibus de Rentería, que azar nós tivemos. Não podíamos ser um pouco mais normais? E de repente, pelo olhar dos outros passageiros, percebeu que devia estar falando sozinho em voz alta. Agora fico tresvariando que nem os velhos. Que é o que eu sou. Viajava sentado num banco reservado para idosos e grávidas.

Desceu no ponto de sempre. Nesse tempo ele visitava seus netos escondido de Miren. Ao sair de casa, dizia que ia para a horta. E, de fato, ia mesmo; juntava um pouco de verduras ou frutas, e às vezes acrescentava um coelho que matava e esfolava lá mesmo, já que não podia fazer isso na frente das crianças, e depois pegava o ônibus no ponto do parque industrial.

Na hora de tocar a campainha, três ou quatro alho-porós no saco plástico, uma escarola e um punhado de avelãs, teve vontade de voltar para casa. Gritos de Guillermo, gritos de Arantxa, choro da pequena Ainhoa: uma casa de loucos. Tocou. Com o dim-dom da campainha, os que estavam lá dentro fizeram silêncio de repente, menos a menina, que continuava se esgoelando. Ainda passaram uns dez ou doze segundos até a porta se abrir. Uma baforada de odor penetrante: de comida, de corpos, de lugar fechado. Guillermo, seco, rápido, cumprimentou e saiu.

Que cenário feio. Bagunça por todos os lados e sujeira. O olhar enfurecido/choroso de Arantxa, rodeado por um halo de olheiras, provocou um desânimo profundo em Joxian. Ainhoa, cinco anos, para de soluçar ao ver o *aitona* e vem correndo ver os possíveis presentes ocultos dentro do saco. Incitado pela mesma curiosidade, Endika, sete anos, também se aproxima depressa, empurra a irmã, que se defende com outro empurrão, e afinal as duas crianças manifestam uma decepção em comum quando veem as verduras e as avelãs. Arantxa:

— Querem sair com o *aitona*?

Os dois ao mesmo tempo:

— Não.

— Por que não? Ele sempre compra umas coisinhas para vocês.

O menino reforça a negativa com um aceno de cabeça.

— Puxa, *ama,* é que é muito chato.

Joxian não sabe o que dizer. Não sabe fasciná-los, não promete nada. Parece cansado, apático, e afinal termina dirigindo o olhar para Arantxa e perguntando, sem o mínimo de vigor na voz, como ela vai.

— Assim como pode ver. Muito mal, com um monte de trabalho, a casa, as crianças e um marido que me trata pior que um trapo sujo. Não tenho tempo nem para ser infeliz.

— Lembra da Catalina?

— Que Catalina?

— A do Alfonso.

— A que ficou manca naquele acidente que teve com vocês? Li no jornal.

— Estava ruinzinha há muito tempo. Amanhã é o enterro.

— E o que houve com o filho dela?

— Continua. Em Badajoz, acho. Esse aí tinha muito sangue na ficha.

— Mais que o meu irmão?

— Muito mais.

Endika interrompe a conversa.

— *Ama,* estou com fome.

— Pega um iogurte na geladeira.

— Não tem.

Arantxa engabelou o menino com um estardalhaço maternal para que fosse lanchar por aí com o *aitona*. Para o pai: que fizesse o favor de levá-lo. E Ainhoa? Ela se negou rotundamente a ir com eles, insensível à doçura das palavras: pão-doce, bolo, pudim. Seu lábio inferior, ofendido, caía em direção ao queixo. E não disse por que não queria ir e não foi.

— Tudo bem, *aita,* vá com o menino.

— Quer que eu traga alguma coisa, *maitia?*

E a menina respondeu que não fazendo dois movimentos ressentidos com sua cabeça infantil.

O avô e o neto saíram de casa. No portão, Endika não o deixou segurar sua mão. Já se considerava grande demais para que o levassem assim pela rua. Entraram na padaria do bairro, onde o menino pediu dois *donuts,* um coberto de açúcar, o outro de chocolate. E enquanto Joxian contava as moedas, o menino, faminto, glutão, deu as primeiras mordidas. Quando voltaram para a rua, já os tinha comido.

Parou e disse com os lábios achocolatados:

— Foi aqui a bomba. Eu estava com o *aita* na padaria.

— Que bomba?

— A que quebrou os vidros do meu quarto. Morreu um senhor que era amigo do meu *aita* e se chamava Manolo. Ficou jogado ali, *aitona,* onde está esse carro preto. Eu vi.

— Mas, por que você olhou?

— Eu não olhei.

— Então como pôde ver?

— Bem, olhei só um pouco com este olho.

— Quer ir para o balanço?

— Vamos!

Não era a primeira vez que o menino comentava sobre a bomba. O estrondo descomunal não se apagava da sua memória. Também é verdade que está crescendo, agora se interessa pelas coisas dos adultos, faz perguntas.

No parquinho, o avô e o neto se sentaram num banco. Gritaria de crianças. Aqui e ali, mães e pais com carrinhos de bebês. De supetão, Endika:

— O *aita* falou que foram uns homens maus que puseram aquela bomba.

— É o que parece. Quer beber alguma coisa?

— Quando a Guarda Civil pegar esses homens, vai botar na cadeia como fizeram com o *osaba* Joxe Mari.

— Quem falou isso também foi o seu *aita?*

— Não, isso quem me disse foi a vovó Angelita.

Joxian teve vontade de dar razão ao menino. Para que depois não saísse por aí dizendo que. Para acabar o quanto antes. E porque cada menção ao seu filho era como se lhe dessem uma paulada.

— Me mostra a foto do *osaba?*

Fazia muito tempo que não pedia.

— Para que quer ver?

— Pô, *aitona,* mostra.

Joxian procurou na carteira a esmaecida, amassada fotografia. Nela se via Joxe Mari aos dezoito anos de idade, sorridente, cabeludo, de barba. Faltou pouco para se tornar jogador profissional de handebol.

— Está de brinco.

— Você também quer usar brinco quando for mais velho?

— Não, porque enfiam uma agulha na orelha que machuca demais. É verdade que o *osaba* Joxe Mari está na cadeia porque é mega mau?

— Sua avó Angelita disse isso?

— Não, é o meu *aita* que diz sempre.

— Bem, imagino que ele deve ter feito alguma coisa. Não deve estar na cadeia por usar brinco.

Dali a pouco, Joxian voltou com o menino para casa. Deu uma moeda de cem pesetas a cada neto; à filha, uma nota de cinco mil para ajudar um pouco no orçamento familiar, como disse, e foi embora. No ônibus de volta para San Sebastián, aconteceu exatamente como na ida. O quê? Que de repente reparou que as pessoas estavam olhando para ele. Devia estar falando sozinho em voz alta.

113
Final em subida

Pensou: se chover, não vou. Eram nove da manhã. Olhou pela janela. Estava chovendo, foi. Eu visto por cima o anoraque, a calça impermeável, e pronto. Miren, quando ele se preparava para sair:

— Quem é que vai andar de bicicleta com um tempo assim? O que você está pensando, que tem vinte anos?

E Arantxa, na cadeira de rodas, mostrou ao pai o polegar para cima, não se sabe se de gozação ou de aprovação.

— Até nossa filha ri de você.

Se estava em dúvida, não era por causa de sua saúde ou de suas forças. Ora, quantas vezes já tinha feito as etapas do clube de cicloturismo em dias de chuva? Faça chuva, sol ou ventania, atualmente só se inscreve nas etapas curtas, de cinquenta ou sessenta quilômetros no máximo. É o de sempre, a idade, os achaques, as subidas que, com o passar do tempo, vão ficando mais íngremes. Há coisa de três anos pedalou num domingo com seus parceiros até Ondárroa. Uma luta. Na volta seu peito ficou cheio de palpitações. Cuidado, Joxian, muito cuidado. Teve que fazer várias paradas. Chegou tarde para almoçar. Levou bronca.

As dúvidas hoje eram por causa da bicicleta. É que ela pode estragar se pegar chuva e ficar enlameada, e não se trata (quadro de carbono, câmbio mecânico Campagnolo) de uma bicicleta qualquer. Custou uma nota, e depois ele ainda foi substituindo pouco a pouco algumas peças por outras melhores e mais caras. Então, antes de começar a pedalar, entrou no Pagoeta disposto a tomar um pingado para se aquecer e ver se a chuva parava, ainda não totalmente decidido a voltar para a estrada.

E então parou de chover. E não só isso, também se abriram clarões no céu e, antes de chegar a San Sebastián, na altura de Martutene, saiu o sol. Joxian estava com o uniforme do clube: camiseta verde e branca e calção preto, além de capacete e luvas de sua escolha pessoal. Não sei se num lugar assim tão sério... Era mais para que Miren não começasse a desconfiar e viesse com perguntas e chatices.

Subiu sem dificuldade, mas devagar, a ladeira do bairro de Eguía. E no último trecho viu crianças buliçosas à direita, distribuídas em equipes de jogo num pátio de

colégio; e à esquerda, uma floricultura, e foi então que pensou em comprar um buquê simples, barato, porque não gosto de exagero. Quando desceu, que droga, viu que tinha deixado o cadeado em casa. Deixou a bicicleta de modo tal que pudesse vê-la de dentro da floricultura. Disse, com um olho cá e outro lá, o que desejava e para quê. E afinal não permaneceu nem dois minutos dentro da loja. Mostraram um primeiro buquê, pequeno, de flores variadas. Não quis ver mais. Aquele estava bom. Pagou e saiu, e depois ficou uns vinte minutos esperando na entrada do cemitério, de capacete na cabeça porque não queria largar o buquê nem a bicicleta.

De um lado da grade, na parede, ao lado da placa preta com o horário de visitas, via-se outra menor proibindo a entrada de cachorros e ciclistas. Puta que me. E agora o que eu faço? Nisso um ônibus parou no ponto, lá embaixo. Bittori, casaco preto, desceu. E, quando viu a placa, disse a Joxian que não se preocupasse, que:

— Proibido é andar de bicicleta entre os túmulos, não empurrar com a mão.

— Tem certeza?

— Vamos, Joxian, mas que coisa.

Entraram no cemitério, deserto àquela hora matinal de um dia de trabalho, com exceção, lá em cima, de quem?, de dois funcionários da limpeza atrás de um veículo barulhento. E como pode incomodar uma bicicleta, que não faz barulho nem solta fumaça?

À medida que avançavam pela subida suave, entre túmulos e árvores (pinheiros, ciprestes), puderam ver outros visitantes solitários, espalhados na espessura cinzenta de mármore e cimento. Joxian e sua bicicleta ocupavam metade da largura do caminho. Bittori fazia as vezes de guia, um ou dois passos adiante. Mas às vezes virava o rosto, e ele a via sorrir. Por que esta mulher está rindo num lugar tão pouco apropriado para a alegria? Está biruta, não me venham dizer que não.

— Não sabia se você viria mesmo.

— Pois pode ver que vim.

— Você é um homem de palavra.

— Minha filha e você me pegaram. Eu cumpri minha promessa. Quero ver você cumprir a sua de não falar com Miren.

— Quanto a isso, pode ficar tranquilo. Arantxa tem razão quando diz que você tem bom coração. Basta ver o buquê de flores. Txato vai adorar.

Joxian fazia esforços para se defender atrás de um escudo de cordialidade áspera, mas as ideias e maluquices dela o desarmavam.

— Certo, certo.

— E vai ficar com inveja quando te vir com a roupa do clube.

— Esquece.

— Não, é que pensei que você fez isso como homenagem.

Chegaram. Ao longe, na direção do mar, estava se aglomerando uma mancha de nuvens ameaçando chuva; em cima de Polloe, o sol continuava brilhando. No asfalto do caminho, o número de partes secas aumentava. Joxian olhava grave, coibido?, para a lápide com sua cruz simples e os quatro nomes alinhados de cima para baixo. Não sabia quem eram os mortos, mas pelas datas dos falecimento (havia uma de 1963) e a coincidência no segundo sobrenome, exceto num caso, deduziu que se tratava de antigos parentes. Na parte de baixo figurava o nome do seu amigo. O apelido, não.

— Está aqui. Estamos esperando há muitos anos uma transferência para o cemitério da vila. Ainda não fizemos isso para evitar que aconteça o que aconteceu com Gregorio Ordóñez, que está enterrado ali embaixo. Se quiser, depois eu te mostro. Numa época andaram fazendo pichações ofensivas no túmulo dele. Saiu nos jornais. Vocês *abertzales* não dão trégua nem aos mortos.

Joxian, de cabeça baixa, fica em silêncio. Medita, reza? De repente cravou a vista no nome do seu amigo, na data da sua morte. Sua morte na esquina. A esquina entre a casa e a garagem onde guardava o carro e a bicicleta. E, depois da data, a idade do Txato na tarde chuvosa dos tiros.

Bittori não parava de falar:

— Já te disse ontem que o seu filho me escreveu umas cartas. Olha, me deu uma alegria enorme saber que não foi ele quem atirou.

Joxian não abre a boca. Emanava desse homem um silêncio apoucado, pensativo; um silêncio de fora para dentro, do antes para o agora, em contraste com a insistência palavrosa dela, que jogava por água abaixo toda a intimidade do lugar e do momento.

— Não vai dizer a ele o que me disse na horta? Pensei que tinha vindo para isso.

Agora, finalmente, ele faz um movimento. Qual? Vira o rosto para Bittori. O cenho preocupado; as sobrancelhas caídas, melancólicas, bobas; os olhos vidrados nos quais se adensa uma espécie de súplica esmaecida: um me deixa em paz, um por que não me respeita.

— Pode me deixar sozinho, por favor? Só um minuto.

Viu-a se afastando devagar por onde os dois tinham subido pouco antes. Até ter certeza de que Bittori se achava a uma distância de onde era impossível estudar seus gestos, ouvir seus sussurros, não voltou a olhar para o túmulo.

Ela se deteve a uns trinta passos, entre dois grandes panteões. Parada no caminho, com a mão em forma de viseira para proteger os olhos dos raios do sol,

observava Joxian imóvel ante o túmulo do seu marido, a figura estranha e um tanto cômica daquele pobre homem no meio da sequência de lajes e lápides e cruzes, com sua indumentária colorida de ciclista e sua bicicleta, que cuidava do mesmo jeito que Txato fazia com a dele.

E viu-o deixar o buquê de flores em cima da laje. De onde o terá tirado? Será que trouxe da vila? Não acredito que tenha se arriscado, sua mulher podia acabar sabendo. Joxian, com o capacete na mão, se benzeu. E se falou alguma coisa, ela não pôde ouvir; mas o simples fato de ter vindo ao cemitério como tinha prometido na véspera, no barraco da horta, já deu a Bittori uma satisfação profunda.

De repente, sem mais nem menos, Joxian começa a andar na sua direção empurrando a bicicleta com as duas mãos. Já havia terminado, que rápido, a visita àquele que fora seu amigo, seu melhor amigo. Joxian chegou aonde estava Bittori. Sem parar, com uma voz precipitada, uma naturalidade impostada:

— Bem, já vou.

— Pois me fez muito bem que você viesse aqui.

Joxian não respondeu. Por que uma pressa tão repentina? Por que essa forma brusca de partir? Bittori teve logo a resposta. Joxian só conseguiu dar quatro passadas antes de soltar o primeiro soluço. Acelerou o passo. Foi andando com sua bicicleta em direção à saída, o rosto para baixo e um tremor desabalado nos ombros.

114
Vidro no meio

Pouco antes de Joxe Mari ser transferido, devido a um incidente grave que teve com um funcionário, do presídio de Picassent para o de Albolote, recebeu, finalmente!, a visita do irmão.

Ele costumava se queixar com sua mãe. Qual é a do Gorka, por que não vem um dia desses, eu gostaria tanto de vê-lo. E Miren respondia que ele também não ia visitá-los, mesmo morando tão perto, e que ela e Joxian não sabem o que está havendo com esse rapaz, parece que se esconde da gente.

Miren tentou convencê-lo numa das raras vezes que conversaram por telefone. Como foi que tentou? Pois do jeito dela, brigando e disparando uma saraivada de recriminações, e isso, naturalmente, foi pior. Passaram-se meses até voltarem a saber dele.

Arantxa intercedeu durante uma das visitas secretas de Gorka à sua casa em Rentería. Ela, sim, esteve uma ocasião com Joxe Mari. Não foi mais vezes porque Guillermo proibiu terminantemente, assim como antes havia proibido que Arantxa levasse seus filhos para conhecer o tio terrorista, só faltava essa.

O pedido de Arantxa, racionalmente fraterno, livre de azedume, moderado na súplica, não convenceu Gorka.

— Vou pensar.

Mas quando ele diz vou pensar, na verdade é não. Contudo, as palavras da irmã o deixaram na dúvida. Mais: habitado por um incômodo sussurro interno. Remorso? Quem sabe. O caso é que para se livrar do problema explicou tudo a Ramuntxo, e o que você faria, e este decidiu por ele. Ou seja, que marcasse com seu irmão uma visita no parlatório sem perder mais tempo. Gorka o fez, mas com pouco entusiasmo, e no mês seguinte foram de carro os três para Picassent: Ramuntxo no volante, ao seu lado Amaia, fascinada com a promessa do pai de ir fazer compras em Valencia, e Gorka atrás, sozinho, apagado, arrependido desde o primeiro quilômetro de ter embarcado naquela viagem.

— Como você descreveria sua relação com seu irmão?

— Eu diria que inexistente.

— Tem medo dele?

— Está tentando me entrevistar?

— Eu me interesso por você. Tem medo dele, sim ou não?

— Antes, sim. Agora não sei. Faz muito tempo que não o vejo.

— Não gosta de falar dessas coisas?

— Elas me fazem sofrer, você sabe disso. Não entendo por que quer me chatear hoje.

— Desculpe. Fim da entrevista. Prezados ouvintes, uns minutos de publicidade e em seguida voltamos com outros assuntos.

Gorka se despediu de Ramuntxo e Amaia no estacionamento do presídio. Alto, desajeitado, sem alegria, entrou no prédio. Como se fosse um boi às portas do matadouro. Depois de passar pelo controle regulamentar, lhe mostraram o parlatório. Habitáculo estreito, cadeira desconfortável de plástico duro, calor sufocante, bastante sujeira, principalmente no vidro, e à esquerda e à direita toda aquela gente aos gritos, com a boca perto do microfone, imagina quantas bactérias deve ter aí.

Viu o irmão antes que o irmão o visse. Chamava a atenção sua perda de massa muscular e, principalmente, de cabelo. Não pôde evitar olhar fixamente para as suas mãos, mãos do jogador de handebol, poderoso, robusto, que tanto admirou/temeu quando era criança, mais tarde transformadas em instrumento para tirar a vida de seres humanos, quantos?, só ele sabe, e sentiu por um instante um leve calafrio e uma aguda, triste alegria por não ser ele nem estar no lugar dele.

Joxe Mari deve ter vislumbrado alguma coisa em seu rosto que, antes mesmo de sentar-se, desmanchou o sorriso que tinha. Os dois se olharam sérios, perscrutadores, por alguns segundos, separados pelo vidro. E Joxe Mari foi o primeiro a falar.

— Viu só, não posso nem te dar um abraço.

— Não se preocupe.

— Estava morrendo de vontade de te ver, mano.

— Pois aqui estou.

— Você parece frio. Não ficou contente de me ver?

— É claro que fiquei, mas certamente preferiria ver você em outro lugar.

— Não fode, eu também.

Podia ter omitido esse não fode. Estava dirigido ao Gorka antigo, o magro, retraído adolescente que ele foi. Palavras ditas de cima para baixo, tom de valentão. Gorka não gostou e recuou, afastando-se ostensivamente do microfone, que foi como dizer ao irmão: não vai por aí, que não sou teu subalterno na organização. E não havia parte nem característica de Joxe Mari que não lhe provocasse uma íntima

e viva repulsa. Sem contar o cheiro forte que havia naquele lugar. Será que não ventilam? Pena? Nenhuma. Os olhos dele, talvez o que menos mudou em todos esses anos, eram os mesmos que tinham encarado suas vítimas antes de executá-las. E sua testa grande era a testa de um assassino, em cima das sobrancelhas de um assassino, do nariz de um assassino, da boca (dentes em mau estado) de um assassino. Eu penso estas coisas, mas não vale a pena dizê-las, nem tenho coragem.

Trocaram informações sobre as respectivas vidas pessoais. Tudo bastante resumido e superficial. Dois estranhos fingindo uma intimidade/familiaridade que já tinham perdido. Era inútil tentarem conversar como faziam quando dividiam o quarto na casa dos pais. Gorka se protegia fazendo perguntas para não ter que falar de si mesmo. Iam ser eternos os quarenta minutos naquela ratoeira.

Sem dúvida Joxe Mari também estava começando a ficar incomodado. Como assim? É que não lhe vinham solidariedade/afeto, empatia/compreensão do outro lado do vidro. E muito menos sorrisos. Que merda é essa? Tentava ler no fundo dos olhos do irmão, e aparentemente não lhe agradava o que via. Não era chegado a sentimentalismos. De repente endureceu o semblante.

— No fundo você condena a minha militância, não é? E despreza.

Gorka não esperava por essa. Ficou em alerta.

— Por que diz isto?

— Está na cara que os *aitas* te pressionaram para vir aqui me visitar. Você não me engana.

— Vim por decisão própria.

— Não me entenda mal. Eu não te seguro aqui, muito menos se planeja piorar a minha situação. Ou pensa que não estou percebendo?

— Eu não fiz uma viagem tão longa para piorar coisa nenhuma. Nem para fazer o papel de irmão caçula. E é claro que não aprovo o que você fez para estar neste lugar. Nunca aprovei.

— Você é desses que acham que eu mereço estar aqui?

— Pergunte às suas vítimas.

— Eu levei muita porrada desde que fui preso. Mas nenhuma me doeu tanto como isto que você está dizendo. Meu próprio irmão, é o fim da picada.

— Digo o que penso justamente por ser seu irmão. Ou prefere que minta, que te aplauda pelo sofrimento que causou a sei lá quantas famílias? E tudo isso, para quê?

— Para salvar meu povo.

— Derramando o sangue dos outros? Que beleza.

— De gente opressora que nos tiraniza cotidianamente e impede a nossa liberdade.

— Isto também vale para as crianças que vocês mataram?

— Se não fosse este vidro, eu te explicaria de um jeito fácil de entender.

— Está me ameaçando?

— Quem sabe.

— Se preferir, pode me dar um tiro. Por menos que isso vocês matam gente em nome de um povo que nunca consultaram.

— Bem, deixa para lá. Já vi que não vamos nos entender.

— Você começou.

— Alguns de nós ouvimos o chamado da pátria. Outros se dedicam a ter uma vida confortável e se divertir. Imagino que sempre foi assim. Uns se sacrificam, outros se aproveitam.

— Quem tem vida confortável?

— Eu com certeza não.

— Pois eu faço programas de rádio em *euskera*, escrevo livros em *euskera*, ajudo a nossa cultura. É a minha maneira de contribuir para o nosso povo, mas com uma coisa construtiva, sem deixar um monte de órfãos e viúvas atrás de mim.

— Você tem lábia. Dá para ver que é locutor. E se dá bem, não é?

— Não posso me queixar.

— Ouvi falar que mora com um homem. Logo você que condena o que eu fiz. Você sempre foi um pouco estranho, rapaz, mas nunca imaginei que chegasse a esse ponto.

Gorka, mudo, petrificadas as feições, o rosto queimando de uma ira repentina. E o irmão, com cara de desafio:

— A *ama* acha que você tem vergonha de nós. Eu é que me envergonho de ter um irmão viado que joga o nosso nome na lama e está pouco ligando. É por isso que você nunca vai à vila, não é mesmo?

— Quem te disse que eu moro com um homem?

— Que diferença faz? Acha que pelo fato de eu estar numa prisão de extermínio espanhola não recebo informação?

— Moro com uma pessoa que me ama e que eu amo. Desconfio que para você estou falando grego. Onde já se viu um pistoleiro entender de amor?

Gorka disse isto levantando-se bruscamente, empurrando a cadeira com raiva para trás. Levou a boca pela última vez ao microfone, mas achou melhor engolir as palavras agressivas que lhe subiram à garganta. Deu meia-volta e, quando estava saindo daquele abafado e sujo e fedorento parlatório de merda, ouviu atrás de si as palavras de Joxe Mari pedindo com uma inaudita, nele nunca antes conhecida, humildade que voltasse, que não vai embora agora, que temos que dialo...

A porta, ao ser fechada, interrompeu a última frase.

No caminho de volta a Bilbao, viagem longa, entardecer vermelho e amarelo de verão, Amaia dormindo no carro, Ramuntxo perguntou como tinha sido o encontro e se pensava em voltar outro dia.

— Vou pensar.

Foi só o que disse. Depois dormiu ou fingiu que dormia.

115
Sessão de massagem

Ramuntxo aceitou deitar-se na maca como Gorka insistia; mas isso não alterava nada porque com massagem ou sem massagem já tinha decidido que ia se suicidar. Qual era o problema? Pois que a sua ex, aquela megera, aquela víbora cuja principal obsessão na vida é injetar seu veneno mortífero, tinha aprontado para cima dele.

Fazia quase quatro semanas, Ramuntxo tinha viajado para buscar Amaia em Vitoria. Dezesseis anos tinha então a criança. Gorka: idade inadequada para passar o fim de semana em companhia de um pai, por mais que este lhe compre presentes e aceite todos os seus caprichos. A menina (uma maneira de dizer, com esses peitos e essa língua procaz) tinha engordado. Além da obesidade, o que mais a enfeava, que azar, era a acne. Isso tinha azedado o caráter dela. Praticava uma variante bastante agressiva de infelicidade.

Gorka procurava não se meter; mas em certas ocasiões a tristeza que sentia por conta de Ramuntxo era mais forte, e ele intervinha.

— Não está vendo que ela te tiraniza?

— Claro que vejo. E o que quer que eu faça?

Em fins de semana alternados, Ramuntxo trazia sua filha para Bilbao de carro e a devolvia no domingo à tarde. Nesse dia, à hora de costume, apertou o botão do interfone. Ninguém abriu. Esperou um tempo num bar próximo. Voltou. Mais campainha. Da rua não se via luz nas janelas do apartamento. Tampouco encontrou o carro da víbora/megera nos arredores.

Aproveitou que um vizinho saía para entrar pelo portão e subir até o andar da sua ex. O capacho, que coisa mais estranha, não estava lá. Ramuntxo tocou a campainha, esmurrou a porta. Pá pá, nada. Não era a primeira vez que ocorria algo assim. Nervosismo, palavrões, insultos contra a mulher malvada que sabota a relação pai-filha há anos.

Afinal, que remédio, Ramuntxo voltou sozinho para Bilbao, aporrinhado, vociferante, triste. E que merda ia fazer agora com os ingressos que tinha comprado para o cinema? Na certa, como outras vezes, mãe e filha tinham feito uma excursão de fim de semana (adoram Madri) e não se lembraram de informar a Ramuntxo. Ou então lembraram, mas não quiseram avisar só para fazê-lo sofrer.

Para Gorka, um alívio. Fim de semana em paz. É que a garota dava dores de cabeça contínuas. Sempre que pode, Gorka a evita, seja passando mais tempo na rádio, seja dando longos passeios ou se encontrando com um conhecido ou indo almoçar com outro. O negócio era passar o menor tempo possível em casa.

Antes também aproveitava os dias de Ramuntxo com a filha para visitar Arantxa e exercer o papel de tio durante algumas horas. Uma vez chegou a ficar para dormir lá, sem nenhum conforto no sofá da sala; mas isso também acabou. Faz um bocado de tempo que não vai ver seus sobrinhos, embora a irmã já tenha lhe pedido desculpas por ter falado demais. Foi ela, como desconfiava desde o começo, quem podia ser, que contou a Joxe Mari que ele morava com um homem em Bilbao. Que jeito de guardar um segredo! Gorka sentiu-se traído pelo único membro da família em quem confiava, que amava de verdade. Não recriminou a irmã pela indiscrição. Despediu-se dela com sua habitual economia de gestos e palavras, mas depois não voltou mais a Rentería nem telefonou.

Ramuntxo opinava que:

— O seu problema é que você não sabe perdoar.

— Problema mesmo, para mim, é que não me respeitem.

Após vários dias sem notícias da filha, Ramuntxo, maus pressentimentos, decidiu ir a Vitoria no meio da semana.

— Vem comigo?

— Tenho que gravar uma entrevista.

— Por favor.

Foram à tarde. E se repetiu a história da campainha, das janelas sem luz e do carro da víbora/megera que não se via em nenhuma rua dos arredores. O nome dela continuava na identificação da caixa de correio. Lá dentro não se amontoavam cartas e folhetos de publicidade como costuma acontecer quando o inquilino fica ausente por um tempo. E se ela pediu a alguém que esvazie a caixa com regularidade? Preocupação, desconfiança, temores que levantavam hipóteses cada vez mais disparatadas. Gorka sugeriu que subissem até o andar da ex e perguntassem ao vizinho do apartamento em frente.

— Vieram uns homens da mudança e levaram tudo. Móveis, geladeira, colchões.

— Quando?

— Faz umas duas semanas.

— E depois disso não viu mais minha filha nem a mãe dela?

— Lembre que estamos em agosto. Elas devem estar de férias como a maior parte da vizinhança.

Quem é que leva os móveis para a serra, ou a geladeira e os colchões para a

praia? Última esperança: buscar uma confirmação telefonando para o colégio. Esperança vã, porque naquela altura os professores deviam estar se refastelando em algum lugar de interesse turístico. No caminho de volta para Bilbao, Ramuntxo mencionou a possibilidade de registrar uma queixa. Gorka o dissuadiu. Que esperasse um pouco, que na certa as duas decidiram veranear de repente aproveitando a oferta de alguma agência de viagens. Em todo caso, aquilo cheirava a decisão espontânea.

— E por que não me avisaram?

— Porque devem ter pensado que você ia se opor. Fala a verdade, não ia?

— Nos meus dias de ficar com Amaia, sim.

— Está vendo?

— O que me diz dos móveis?

— Para isso não tenho explicação, mas certamente existe. Quem sabe elas se mudaram de apartamento em Vitoria. Você não pode me negar que a cidade tem bairros melhores que esse onde elas moravam até agora.

Em setembro chegou a carta. Foi Gorka quem desceu no final da manhã para buscar a correspondência na portaria. Assim que viu o selo dos Estados Unidos, teve uma suspeita fatídica. No verso do envelope figurava o nome da remetente, Amaia, e mais nada. Nem sobrenome nem endereço. E como estavam em dias difíceis, de muito trabalho, e na casa flutuava um silêncio aflito o tempo todo, Gorka decidiu esconder a carta de Ramuntxo. E teve até vontade de destruí-la para poupá-lo do previsível desgosto que ia ter. Reteve a carta durante uma semana. Finalmente a entregou fingindo que tinha acabado de encontrar na caixa de correio.

Ramuntxo, depois de ler, foi correndo para o banheiro vomitar e soltar uma espécie de lamúria que consistia em uns bramidos de angústia com soluços intercalados. A folha de papel rugoso ficou jogada no tapete. Gorka leu:

> Aita:
> A ama arranjou um trabalho nos Estados Unidos e agora nós vamos morar aqui para sempre. Por favor, não nos procure. Se ganhar dinheiro, eu irei vê-lo quando for mais velha.
> *Ondo pasa,*
> Amaia

A garota criava problemas para ele até de longe. E que falta de afeto dessa pessoa que um dia lhe disse, eu ouvi:

— *Aita,* me deixa em paz, você é um pobre coitado.

Mas isto, claro, não se pode mencionar a Ramuntxo porque ele morre de mágoa. Gorka sugeriu que ele fosse organizar as ideias debaixo do chuveiro. Depois lhe faria uma massagem como ele gosta, você sabe, com final feliz, mas o homem, o pobre homem, naquele momento tinha disposição para qualquer coisa, menos para o prazer. Gorka tanto insistiu que o outro cedeu, dizendo que dava no mesmo porque de qualquer maneira pretendia acabar com a vida.

— Hoje mesmo. Não sei como. Ainda vou pensar a maneira. Mas não precisa se preocupar, que vou me suicidar longe de casa para que a polícia não te incomode.

Monologava, trágico, no chuveiro. Enquanto isso Gorka releu a carta. Saía frio daquela folha de papel. E o fato de não haver erros de ortografia deixou-o com a pulga atrás da orelha. Do jeito que Amaia era má aluna no colégio, sempre passando por um triz, repetindo o último ano. Intervenção da mãe? Cheirou, para quê?, o envelope e depois a carta.

Ramuntxo saiu do banheiro ainda se enxugando. Sua evidente tristeza e sua nudez meio torta, além de pilosa e pálida, lhe davam um aspecto de menino velho, desvalido. E deitou-se de bruços na maca e tentou voltar a chorar, mas parece que as vias lacrimais já tinham secado. Então recomeçou com a história de que ia se suicidar hoje mesmo e longe de casa. Enquanto isso, Gorka friccionava seu pescoço, os ombros, as costas, com mãos afáveis, oleosas.

— Não adianta nada registrar uma queixa. Tenho certeza de que o Código Penal não tipifica este caso como subtração de menores. A mãe pode alegar que mora em outro país por questões profissionais e que nunca me impediu de ver minha filha. Eu só preciso pegar um avião de quinze em quinze dias.

— Que eu saiba, não está claro onde elas moram.

— Para com isso. Aquela vagabunda se mandou com Amaia para o lugar mais distante possível. Viu como estava ressentida porque eu me dava bem com a menina?

— E se essa carta for um engodo?

— Porra, Gorka, não me venha agora com fantasias de escritor. Isto não é um romance. É a pura realidade.

Gorka lhe pediu que se virasse. Massageou o peito, a barriga; parou no pênis até provocar a ereção; seguiu pelas coxas; disse que:

— Num romance eu faria a divorciada fingir que emigrou para os Estados Unidos com a filha. Uma amiga ou colega de trabalho que ia viajar para lá se disporia a postar a carta escrita de antemão numa agência de correios de Chicago ou San Francisco. A mãe e a filha iriam morar em Madri, por exemplo, já que Amaia e a tua ex gostam tanto da capital do Estado. E quanto ao pai, com certeza me

ocorreria um final oportuno depois de ter suportado um suplício mental particular com tratamento psiquiátrico e o que mais puder imaginar. Mas não o suicídio. Seria simples demais. Talvez o protagonista possa viajar para a América e lá, enquanto procura a filha, conhecer uma mulher, Samantha, uma loura sedutora com um passado obscuro de prostituição e drogas.

— O que está esperando para começar a escrever?

— Vamos ver. Agora estou ocupado aqui.

E continuou a massagem e as palavras de afeto e consolo, que prolongou depois da rápida, escassa, ejaculação de Ramuntxo.

116
Salão árabe

Comemoraram, íntimos, apaixonados, no restaurante do Grande Hotel Domine, os dois sozinhos frente a frente, numa mesa diante da janela que dava para as curvas cinzento-cintilantes do Guggenheim. Era julho, a temperatura estava agradável e o céu, azul: um dia perfeito. Ramuntxo estava visivelmente eufórico/bêbado.

O que comemoravam? A aprovação pela Câmara de Deputados, na véspera, da lei que autoriza o casamento entre pessoas do mesmo sexo, obra do PSOE, partido pelo qual Ramuntxo tinha uma antiga e insuperável aversão, se bem que no futuro vai repensar e pode até ser que, sem que isto sirva de precedente e só para demonstrar gratidão, lhe dê seu voto nas próximas eleições.

Gorka, em contrapartida, se abstém por princípio de participar de qualquer tipo de eleição. Nem agradece, nem apoia, nem pune. Tudo o que tiver cheiro de partido e de política lhe inspira, repulsa? É mais para indiferença. Sério, ergueu a taça e completou o brinde iniciado por Ramuntxo, que estava em uma manhã bastante tagarela. Este último, já um pouco alto, lhe disse que:

— Um dia vou te pedir em casamento.

— Você bebeu, não dá para disfarçar.

— Estou falando sério, *bihotza*. Ainda é cedo. Primeiro temos que ver como se desenvolve este assunto da nova lei.

— Parece que você ainda tem um pingo de sensatez. Não o desperdice.

— Olha, precisamos ser prudentes. Esta sociedade, que até recentemente rezava o rosário todas as tardes, você acha que está preparada para uma mudança de tanta envergadura? Muito bem, "rapaz que surgiu ao cair da luz pelo teu Conquero", eu te olho, te olho mais, não paro de te olhar, e sabe o que penso?

— Vamos, poeta, diga lá.

— Que com toda certeza você não descarta completamente a ideia de casamento.

— Pois esse casamento você vai ter que merecer, meu bem.

— E você também, está pensando o quê?

O prefeito Azkuna casou-os cinco anos e meio depois, no Salão Árabe da Prefeitura. Estava atrás de um esplêndido buquê de rosas brancas, em seu

semblante já se viam os primeiros estragos da doença fatal. Fez um discurso em certos momentos emocionante, em outros divertido, salpicado de citações literárias e de casos amenos, alguns relativos à sua velha amizade com Ramuntxo, que chamou o tempo todo de Ramón. Não faltaram risadas nem, ao final, olhos úmidos entre os convidados. Os noivos se engravataram para a ocasião, ambos de terno cinza-claro. Como disse alguém: estilo gêmeos. E o beijo foi totalmente sem graça por culpa de Gorka, hirto de tanta timidez. A tal ponto que, do estrado, Azkuna pediu, com uma eloquência benevolente, um segundo beijo, mas dessa vez um beijo de verdade. Todos apoiaram a reivindicação do prefeito fazendo coro, alvoroçados, e então os recém-casados, fundidos num abraço, se renderam à voz popular (uma vintena de amigos e colegas de trabalho) juntando as bocas com uma paixão tão desenfreada que provocou uma salva de palmas e assobios entre os presentes.

Felicitações, abraços, palavras de incentivo e o típico amigo piadista que lhes desejou muitos descendentes. Que se casaram com amor, mais que por amor, todos viram. Mas se alguma das testemunhas pensa que naquela tarde assistiu, no Salão Árabe, a um acontecimento extravagante, fruto de uma decisão espontânea; à encenação de um jogo; enfim, a um capricho, pois está muito enganado. Ramuntxo e Gorka se casaram, como tantos outros casais, por razões práticas. Também, e talvez principalmente, pelos temores do primeiro, que um ano antes tivera um rim extirpado.

Pouco depois de fazer quarenta anos detectaram o tumor. E por enquanto está tudo bem. Ele se livrou da hemodiálise, mas permanece receoso. E os médicos, também. Metástase? Até o momento não encontraram nada. A sós no quarto da clínica, os dois decidiram dar forma legal à relação. E Gorka, que resistia, porque, afinal, para quê, aceitou os argumentos do companheiro: a herança; os bens, a começar pelo apartamento, cuja propriedade vamos compartilhar assim que eu tiver alta, se tiver, e por exemplo a pensão, que pensasse na pensão que você vai receber quando eu não estiver mais vivo. Quando voltou para casa, Ramuntxo fez logo um testamento a favor de Gorka. E arrancou dele a promessa de prover as necessidades econômicas de Amaia caso ela.

Fazia mais de dez anos que Ramuntxo não tinha notícias da filha. Chegavam as datas simbólicas, o dia do aniversário, o Natal.

— Será que ela se lembra de mim?

Nada, nem uma carta, nem um cartão. E Ramuntxo sofria. Frequentemente, sozinho ou com a ajuda de Gorka, tentava encontrar alguma pista de Amaia nos mecanismos de busca da Internet. Ampliava as pesquisas para as redes sociais. E, por via das dúvidas, incluía a mãe nas buscas. Em algum registro, em alguma lista de

sócios ou participantes, embaixo de uma foto, sei lá, em algum lugar deveria figurar o nome da uma ou da outra. Ou será que trocaram de identidade?

Ele nunca deixava passar o aniversário de Amaia nem o dia de Reis sem comprar o respectivo presente para a garota, a essa altura já uma mulher. Amontoava os pacotes com seus laços coloridos e seus cartões de felicitações dentro do armário. Cada vez ocupavam mais espaço e, quando Gorka lhe perguntava por que faz isso, por que fica se atormentando, ele respondia que:

— Meu coração diz que ela vai voltar. E quero que saiba que não deixei de pensar nela um segundo da minha vida. Quero que você prometa que, se eu morrer, vai lhe dar os presentes.

Para Gorka, os planos de casamento colidiam com um obstáculo insuperável: seus pais. Não porque pudessem desaprovar sua decisão, do que tinha poucas dúvidas, mas pela vergonha que iam passar (ou que ele imaginava que iam passar) quando a notícia do casamento começasse a correr pela vila.

Conversava pelo telefone com a mãe sobre amenidades. Com mais frequência nos meses após o AVC da irmã. Tinham assuntos fixos: Arantxa, o tempo, a comida, as fofocas da vizinhança. Quase nada em relação a Joxe Mari e nunca sobre a vida pessoal de Gorka, que contava no máximo umas trivialidades sobre o seu ofício de locutor. Joxian, alérgico ao telefone, raramente vinha falar com ele. Limitava-se a pedir a Miren que mandasse lembranças suas a Gorka e perguntasse quando vinha visitá-los.

O medo de aborrecer seus pais e provocar uma cena desagradável desencorajava Gorka de aceitar a ideia de casamento. Mas, por outro lado, falando francamente, Ramuntxo tampouco me exigia isso. Era uma possibilidade romântica, bonita, mas de modo algum urgente. Depois Ramuntxo ficou doente. Esteve à beira da morte, pelo que depois lhes contaram. Então a situação mudou. E, aceitando sua covardia, que nunca negou, Gorka quis contrair matrimônio às escondidas da família. Ramuntxo se opôs.

— Nem pensar. Se você não quiser, não os convide. Minha mãe, que já passou dos noventa e não se reconhece no espelho também não vem. Mas você pelo menos tem que comunicar aos seus *aitas*.

— Sabe que não tenho coragem.

— Olha aqui. Nem pensa em construir uma vida baseada em mentira e silêncio. É a pior opção, pode acreditar.

— Em todo caso, vou informar por escrito, sabe? Pelo telefone, minhas pernas iriam tremer.

E escreveu um bilhete para os pais que, apesar da brevidade, o manteve

atarefado durante uma tarde inteira. Ramuntxo leu o texto na hora do jantar e aprovou depois de sugerir uns pequenos retoques. Faltando uma semana para a festa, finalmente Gorka teve coragem de botar o bilhete no correio. Não recebeu resposta. Por isso, considerou que seus pais o tinham repudiado e deviam estar em casa, encolhidos de horror ou de vergonha, sem se atrever a pôr os pés na rua.

Recém-casados, Gorka e Ramuntxo desceram felizes, sorridentes, de mãos dadas, as escadarias da Prefeitura. Ali os esperava a tradicional chuva de arroz. E alguns carros, ao passarem, tocavam buzinas festivas para eles. Os convidados gritaram: beija, beija, fazendo um rebuliço que atraía os olhares dos transeuntes. De novo houve abraços e parabéns. Gorka ficou cheio de grãos de arroz no cabelo. Alguém lhe avisou, e ele tentou tirar com a mão. De repente, levantando o olhar casualmente em direção ao estuário, os viu. Quem? Quem podia ser? Sua família, na calçada, do outro lado da rua; os três de longe, parecendo ter receio de se misturar, sua mãe atrás da cadeira de rodas, o pai de boina e com um pulôver nos ombros.

Ramuntxo notou sua estranha reação, a súbita mudança em seu semblante, sinal de que estava acontecendo alguma coisa preocupante com o marido.

— O que foi?

— Estão aqui.

E foram ao encontro deles. Ramuntxo, jovial; Gorka, aturdido, sério, coibido.

— Vocês vieram?

Miren, a porta-voz, balançando a cabeça com energia:

— Como podíamos não vir ao casamento do nosso filho? Esse aí é o meu genro?

E, toda senhorial, pescoço esticado, lhe ofereceu uma bochecha. Não faltou tempo para fazer-lhe uma pergunta em *euskera*, com uma intenção sem dúvida comprobatória, que eu a conheço bem. Ramuntxo respondeu de um modo que fez rir a todos, menos a Gorka, claro, que continuava com cara de enterro. Por quê? É que não podia deixar de sentir pena do pai, amarelo no sorriso, lacrimoso no olhar, ali parado junto ao parapeito sem saber o que fazer, o que dizer, como se de repente o tivessem levado para outro planeta.

Miren interveio rápida, admoestando.

— Escuta aqui, Joxian, você não vai chorar, certo?

E Arantxa, na sua cadeira, era uma fonte não sonora de alegria. Agitava no ar a mão saudável, gritava em silêncio, gargalhava com o olhar. Ramuntxo se abaixou para dar-lhe um beijo de exuberante cordialidade na testa. Depois abraçou, abarcante, dando palmadas nas costas, Joxian, cuja testa chegava a poucos milímetros acima do nó da sua gravata. E finalmente o elegante genro teve a

afortunada, a delicada, a astuta ideia de proclamar que estava contente por ter uma sogra tão bonita. Miren, inflada de satisfação:

— Vim a Bilbao para me orgulhar do meu filho. Comprei até sapatos novos.

E todos dirigiram os olhares ao mesmo tempo para seus pés.

Chegaram alguns táxis. Miren, na hora de descer, pegou Gorka pelo braço e assim agarrada a ele entrou no restaurante. Então quer dizer que a família foi ao banquete? Que pergunta. Claro que sim.

Os recém-casados se sentaram um ao lado do outro. À direita de Ramuntxo havia uma cadeira vazia, a da filha. Explicou isto aos convidados nas breves palavras de saudação que pronunciou. E à esquerda de Gorka se sentou Miren, que em determinado momento passou para o filho, por debaixo da mesa, um envelope com mil euros, nosso presente de casamento. Menos que essa quantia, disse, achava pouco. E sussurrou no seu ouvido:

— Joxe Mari me pediu que te dê parabéns.

117
O filho invisível

Quique, todo elegante. Terno, gravata e o complemento matador, dissonante, do tênis de marca porque lhe dá na. E a barra da saia de Nerea ficava uns dez centímetros acima dos joelhos. Lábios cor-de-rosa, sombra nos olhos, meia-calça e sapato alto. Se ficarem olhando, que se danem. Desde que eles tinham se conhecido, no final do século passado, compartilham de bom grado esses momentos de circular/exibir-se livres, provocadores, endinheirados. Formavam focos superpostos de perfume em expansão.

Foram conduzidos, olá, somos fulano e fulana, a uma mesa entre duas das madeiras que sustentam as vigas. Um bom lugar, longe da porta da cozinha e da entrada do restaurante. Que dia era? Sábado, nove e meia da noite. Quique havia sido informado à tarde de que um investimento que fizera no ano anterior em um negócio de conservas com pimentão supostamente cultivado em Lodosa (supostamente?, é que vem do Peru a preço baixo) tivera prejuízos consideráveis. Contava isso a Nerea protegido atrás de um sorriso cínico, com uma ortodontia impecável. E a churrascaria Portuetxe estava cheia.

Quique, segurando o cardápio, didático, narrativo:

— Quando eu era pequeno, isto aqui era uma granja. Nós, garotos, vínhamos pescar com um galho de aveleira e o equipamento mais básico. Como isca, miolo de pão. Mas não pescávamos aqui, porque a esta altura o rio vinha todo branco, mas branco mesmo, juro, por culpa da cooperativa de leite que ficava acima do ferro-velho dos Cilveti. Pegávamos até truta.

Nerea sugeriu as entradas, e Quique, que não estava prestando atenção, concordou sem saber com quê. Quando viu a travessa de endívias com salmão e *txangurro* na mesa, questionou espantado:

— Você pediu esta porcaria?

E Nerea respondeu que sim, querido, e então ele disse que se conformava com um mexido de cogumelos. Mandou devolver a garrafa de vinho tinto, 45 euros. Aspirou o aroma balançando a taça, provou de olhos fechados e sentenciou desdenhoso, negativo. Trouxeram outra. Repetiu o ritual de cheira e degusta e por fim aprovou a garrafa em troca de ministrar, com um pedantismo deliberado e

grandiloquente, uma aula de enologia à garçonete. Nerea e ele brindaram.

— Eu leio os seus pensamentos. O primeiro vinho estava bom.

— Claro que estava. Inclusive era melhor do que este. Mas se deve manter uma distância de superioridade hierárquica com a criadagem. Agora o pessoal da cozinha vai ficar com medo e se esforçar ao máximo. É normal. A vida deles depende disso. E, de tudo o que nós pedirmos, vão trazer o melhor.

— Ou cuspir no nosso prato. Se vier um pouco de espuminha no molho, eu não vou comer.

— Que gosto têm essas endívias?

— De endívia. E o cogumelo?

— De cogumelo.

Prestes a fazer doze anos de casados, com inúmeras rupturas seguidas de reconciliações apaixonadas, eles ainda moravam em casas separadas. O seu espaço, o meu espaço. A sua sujeira aqui, a minha lá. E conversavam, mastigantes, passando o pão no molho, sobre isso, Quique em uma espécie de arrebatamento alegre por causa de uma constatação que fizera de repente. Qual? Tinha percebido que, nos primeiros seis anos de casamento, não se cansava de pedir-lhe que viesse morar com ele (um teto, uma cama; sim, mas um banheiro só), mas a partir de então, e até agora, também uns seis anos mais ou menos, ela é quem suplica e ele, quem diz não.

— Você sabe por que eu não queria. Já eu não faço ideia de por que você se recusa.

— Eu gostava do seu segredo. Claro que não sabia de nada, porque era um segredo. Fico excitado com a ideia de que você me esconde algo importante da sua vida pessoal, e então eu vou lá, pego e destruo. É como roubar sua calcinha depois de estuprá-la. E repare que, se formos analisar direitinho, quem sai perdendo sou eu. Fico com a decepção da criança que destruiu seu brinquedo favorito. Por isso não quero que moremos juntos. Seria muito triste conhecer tanto você que entre nós dois não existisse mais nenhum espaço, por menor que fosse, para a surpresa.

Uma indiscrição de Bittori acabou revelando o segredo. E, ao perceber que tinha dado uma mancada, ela reagiu com ingenuidade fingida:

— Ah, mas você não sabia?

Um golpe para Nerea, sentada ao lado de Quique no sofá, com Ikatza no colo e cara de mentirosa pega em flagrante. Na versão que tinha contado a Quique em vários momentos anteriores, dissera que seu pai morrera de câncer de pulmão. E incrementava com uns floreios narrativos calculados para conferir verossimilhança ao embuste.

Uma vez descoberta a verdade, Nerea não via mais sentido na separação de

moradias. Na dela, *my palace*, como dizia, mantinha um museu da memória dedicado ao *aita*, e a última coisa que queria em casa eram testemunhas, perguntas, opiniões, mãos que tocam, pegam, mancham. Uma exposição de relíquias paternas parcialmente visíveis, parcialmente (a maior parte) escondidas atrás de portas, em pastas, gavetas e armários: fotos, recortes de jornais ("ETA mata empresário em", "ETA reivindica, todos os partidos menos Herri Batasuna condenam"), peças de roupa do morto, objetos que lhe pertenceram. Por exemplo? A vela em forma de cacto que lhe dei de presente quando era pequena, uma caneta-tinteiro, troféus de cicloturismo e de campeonatos de mus, a camisa com dois buracos de bala, artigos de escritório, alguns pares de sapatos, incluindo o que estava usando na tarde do atentado. Enfim, coisas de grande valor sentimental para Nerea, que tinha recebido algumas da mãe, outras de Xabier. E a pistola.

Foi seu irmão quem pensou em botar a camisa na tinturaria. Por Nerea, ficaria com as manchas de sangue. E, depois que Quique soube como o sogro, que nunca conheceu, tinha morrido, Nerea não via por que continuar escondendo as relíquias, mas o problema é que agora ele não queria conviver com aquelas quinquilharias de vítima do terrorismo. No máximo as fotos. Achava o resto macabro. Mas Nerea não estava disposta a abrir mão de nada. Era só o que faltava. Então cada um continuou morando no próprio apartamento e os dois se viam com frequência, quase todo dia, mas nem sempre, depende.

Como de costume, Quique tinha deixado o celular na mesa, ao lado do prato, e volta e meia dava uma olhada. É sábado, mas os negócios não descansam. E, enquanto atacava o tamboril grelhado com berbigões (Nerea, bacalhau Portuetxe), o som das notificações do WhatsApp lhe anunciou a chegada de uma mensagem. Não é nada, uma bobagem do Elizalde, um vídeo curto, para rir, de um jogador de futebol careca que recebe toda hora uma bolada na cara. Eles foram sócios, são amigos, trocam zoeiras. Nerea tinha sua própria teoria.

— Esse aí está sondando, vendo se você está livre para sair com ele para a farra.

— Se você não tivesse brigado com Marisa, agora nós quatro poderíamos estar aqui jantando juntos e dando gargalhadas.

— Ainda me pergunto por que não arranquei os olhos dela.

As duas se davam bem. Amigas? Não vamos exagerar. A relação dava para umas conversas agradáveis, ir de vez em quando fazer compras no Corte Inglés de Bilbao e até trocar uma ou outra confidência de alcova, mas sem entrar em grandes intimidades. Não era por nada, mas tinham personalidades díspares, gostos díspares e interesses díspares. E então, no café do Corte Inglés de Bilbao, Marisa, que segundo Nerea tinha ataques de inveja, vai e diz meio que do nada:

— Não quero me meter onde não sou chamada, mas eu no seu lugar vigiaria um pouco o seu marido. Você tem que ver como ele gosta de um rabo de saia.

Voltaram a San Sebastián separadas, Nerea de ônibus, a outra no próprio carro. E até hoje.

— Ela tentou destruir o nosso casamento, e isso eu não admito.

— Como está o bacalhau?

— Bom, mas não combina com o vinho tinto.

— Então vou pedir um branco.

— Elizalde não mete chifres nessa imbecil?

— O tempo todo.

— É a típica otária metida a esperta.

A garçonete trouxe a garrafa de vinho branco. Perguntou se desejavam provar. Quique pediu/ordenou que deixasse a garrafa na mesa. Se o vinho não estivesse bom, eles chamariam.

— Você não usa mais aquela corrente de ouro com uma folha de ginkgo biloba que te dei de presente?

— Joguei no Tâmisa no dia em que fiquei nervosa. Mas não se preocupe, porque sei direitinho onde caiu e posso ir lá pegar.

— Vou te dar outra de presente. Não quero que pegue um resfriado.

Ficou muito zangada, aos gritos em sua solidão doméstica, matutina, mais consigo mesma do que com ele. É que, para começar, não suporta que Quique, ao andar pela rua, faça o gesto de pegar a mão do filho que eles não têm. Em Londres repetiu o gesto. Não uma, mas várias vezes. Na última, que desencadeou sua raiva, Nerea o viu pela janela do hotel. Quique estava indo para uma reunião, de terno, elegante, e na hora de atravessar a rua segurou a mãozinha do seu menino invisível. Será que sabe que ela o está observando do quinto andar? Estou ficando como a minha mãe, que se debruça na janela quando nós vamos embora. E essa constatação fez com que se enfurecesse de vez.

Nerea dispensou a sobremesa. Quique, não: pudim, café preto e uma taça de *pacharán,* que pediu depois de confirmar que tinham a marca vendida por ele.

Durante vários anos Nerea achou que Quique era estéril. E o caso é que ele, desanimado, também achava. Ela então o convenceu a fazer uma análise de sêmen. Para quê? Sei lá, às vezes há poucos espermatozoides ou eles não mexem mais o rabinho e então já não servem. Os resultados do laboratório revelaram que o sêmen de Quique é de boa qualidade. Portanto a infertilidade era dela, que se defende:

— Ou então você não aponta direito.

E Nerea parou de procurar homens, sementais de aspecto físico parecido com o

de Quique. Porque, obviamente, se parir um filho louro ou negro, como é que vai explicar? Queria colocar um ovo de cuco no ninho do marido, mas não conseguiu. E olha que dispôs de inseminadores até dizer chega.

Nos últimos tempos, ele deu para segurar a mão do filho que não tem, que nunca vai ter, pelo menos não comigo. Sabe que esse joguinho mórbido, uma forma de jogar na cara dela?, me deixa uma pilha de nervos. Quique sofria, e ela sofria e se irritava porque ele sofria.

— A conta, por favor.

Nerea foi mais rápida na hora de entregar o cartão à garçonete. Deu de gorjeta o valor da garrafa de vinho que Quique rejeitara. Fora do restaurante, antes de entrarem no carro, os dois se atracaram, aos beijos, apalpando-se na penumbra sob o céu estrelado.

— Porra, você está sem calcinha.

— É para você não roubá-la.

— Adoro o cheiro da tua virilha. Te foderia aqui mesmo.

— Não é um bom lugar. Aqui o rio chega branco.

— Isso era antigamente.

— Prefiro ir para além do ferro-velho de que você falou.

Então, em vez de voltarem para a cidade, entraram pela estrada de Igara, rumo a paragens montanhosas, rumo a trevas crescentes, arborizadas.

118
Visita inesperada

Nerea sabia por intermédio do irmão que Bittori e Arantxa se encontravam quase todas as manhãs na praça da vila. Também foi Xabier quem lhe disse os dias e horários em que sua velha amiga tinha sessão de fisioterapia no hospital. Essa informação continha a sugestão velada de que a visitasse. E Nerea, por um impulso, decidiu ir vê-la. Mas, cuidado, porque às vezes vai com uma mulher baixa, do Equador, e outras vezes, com a mãe.

— Ela vai me morder ou coisa assim?

— Eu te aviso antes se você não quiser topar com ela.

Há quanto tempo as duas não se veem? Aff, desde a época em que Nerea estudava Direito em San Sebastián. Deixa eu pensar. Mais, bem mais de vinte anos, antes de ela ir estudar em Zaragoza. A essa altura Arantxa já estava casada, ainda trabalhava na sapataria e morava em Rentería com o marido. Depois a perdeu de vista, passou uma década, passaram duas, e já tinha começado a terceira. Muito depois do último encontro, quando foi?, não tenho ideia, Arantxa sofreu o AVC. Nerea também ficou sabendo disso por intermédio de Xabier.

— A questão é que impressiona um pouco vê-la no estado em que está.

— Para de me proteger, maninho. Dá para conversar com ela?

— Ela entende tudo. Usa um iPad para se comunicar. Você pergunta, e ela responde por escrito. Tem o acompanhamento de uma fonoaudióloga, mas não sei se neste momento é capaz de articular palavras de forma compreensível.

Nerea foi ao hospital em uma quarta-feira à tarde. Seguindo as instruções de Xabier, procurou a pessoa que lhe serviria de guia. Encontrou Arantxa na cadeira de rodas, sozinha no corredor, à espera de que a fisioterapeuta a buscasse.

Quase caí para trás de tristeza. O cabelo curto, com muitos fios brancos; a mão fechada, inútil, o pescoço enrijecido e os traços fisionômicos ligeira, mas visivelmente deformados. Nerea levou alguns segundos para reconhecer naquela mulher castigada a sua amiga de adolescência. E a primeira coisa que pensou foi: porra, como a vida dá rasteiras na gente. E a segunda: espero que não fique aborrecida por eu ter vindo sem avisar.

— Arantxa, querida, olha quem veio te ver.

Meio segundo de assombro/dúvida ao virar a cabeça. E depois, de repente, seu rosto inteiro compôs uma expressão violenta de alegria. Depois de receber um beijo ritual, estendeu a mão direita para tocar, para pegar, que agonia, para uma tentativa de abraçar a amiga, que já estava afastando o corpo. E Arantxa tentou falar, mas não conseguiu, e o esforço que fazia para se expressar foi tamanho que em determinado momento pareceu que estava se sufocando.

— Vou deixar vocês duas sozinhas, pois com certeza têm muito o que falar.

Com dedos afetuosos, compassivos?, Nerea acariciou a bochecha da amiga. E esta lhe dirigiu um olhar de resignação, como que dizendo: a vida é assim mesmo. Ou algo do tipo.

Nerea resolveu ser expansiva, loquaz, didática, para abaixar um pouco a temperatura dramática do encontro. Que soube por intermédio do irmão, que tomou conhecimento, que lhe disseram. E concluiu, sincera:

— Que merda, hein?

Arantxa, que a essa altura já havia tirado o iPad do vão entre sua cintura e a lateral da cadeira de rodas, confirmou, com olhos tristes, cabeceando. Com o aparelho no colo, escreveu:

"Estou muito contente de te ver."

— Eu digo o mesmo. Como você está?

"Mal."

— Que pergunta mais idiota. Desculpa.

E, vendo que Arantxa ria, Nerea a imitou, mas com os lábios frouxos.

"Me divorciei."

Aquele dedo indicador, pálido, magro, saltava com agilidade entre as letras. Terminadas as frases, Nerea olhava a tela e lia.

"Meu ex me deixou. Não me importo."

Perguntou se ela tinha filhos. Já sabia quantos, Xabier lhe contara, mas Nerea estava com dificuldade para se adaptar àquela forma de conversa falado-escrita e, para ir ganhando naturalidade, fazia perguntas protocolares, bobas.

Arantxa, imitando o gesto da vitória, mostrou dois dedos.

"São o que mais amo na vida. Moram com ele, mas os vejo muito. Talvez venham mais tarde, se você estiver aqui te apresento."

Continuando, letra por letra, mas com rapidez, especificou as idades, escreveu os nomes, qualificou os filhos de espertos, bonitos, carinhosos.

"Puxaram a mim."

— Você tem orgulho deles, não tem?

Assentiu determinada, contente, a cabeça. E perguntou pela vida dela. Nerea

resumiu: casada, sem filhos, trabalho no Ministério da Fazenda. E, ao se inclinar para olhar de novo a tela, não pôde evitar uma pontada de emoção quando leu que a amiga a achava muito bonita.

— Que isso. Os anos também estão pesando para mim.

"Moro com os *aitas*. Vejo muito a sua mãe."

— Sim, ela me contou.

"Sinto muito pela doença dela."

Ah, então ela sabe.

— Xabier e eu tentamos ficar com ela o máximo de tempo possível. Xabier mais do que eu. Você sabe que sempre foi muito grudado nela.

"A grande tristeza de Bittori é morrer sem o meu irmão pedir perdão a vocês."

— Pois é, para ela falta esse consolo.

"Estou pressionando Joxe Mari. Não paro."

— Você escreve para ele?

Arantxa confirmou juntando e afastando as pontas dos dedos várias vezes para indicar que mandava para o irmão muitas cartas, mensagens ou sei lá o quê.

"Meu irmão está com medo."

— Medo?

"De que Bittori mostre à imprensa um texto dele pedindo perdão. De que os companheiros fiquem sabendo."

No fundo do corredor, surgiram um sorriso de dentes brancos, um jaleco não menos branco e impoluto, um rosto jovem: a fisioterapeuta, que falava com uma simpatia empolgada.

— Então, lindona, está com visita?

Arantxa se apressou em escrever uma frase no iPad. A fisioterapeuta concordou imediatamente. Em seguida, pediu a Nerea que esperasse ali. Já, já iam chamá-la. Nerea esperou sozinha no corredor. O que essas duas estão aprontando? A julgar pelas caras, sem dúvida algo divertido. Logo depois a chamaram. Entrou na sala de reabilitação. Tinham preparado uma surpresa: Arantxa em pé, com uma fisioterapeuta de cada lado. E insegura, tensa, conseguiu dar um passo sem ajuda de ninguém, sem apoio. Um passo curto, cambaleante, ai, meu Deus, ela vai cair, dois, quatro no total. E então aproximaram a cadeira de rodas por trás dela para que sentasse. Elogios, aplausos de todos os presentes. Nerea também aplaudiu. E faltou pouco para derramar umas lágrimas.

Minutos depois se despediu de Arantxa prometendo que voltaria outra vez. Nerea percorreu o corredor imersa em pensamentos, ou melhor, em preocupações. Sua mãe, claro. E, quase chegando à escada, estou feliz por ter vindo, uma voz a

cumprimentou de perto com um oi seco, cortante, a que ela correspondeu sem ter tempo de ver quem era. Virou a cabeça. Viu as costas de Miren, que se afastava pelo corredor. É a Miren? Claro que era, acompanhada de um rapaz dois palmos mais alto do que ela e uma garota muito bonitinha, com o cabelo comprido preso em um rabo de cavalo. Pela idade, porque estavam com Miren e porque estava na cara, percebeu que eram os filhos de Arantxa.

119
Paciência

À noite, Nerea ligou para o irmão. Havia prometido. Contou, sem entrar em muitos detalhes, sobre sua visita a Arantxa à tarde. Não se esqueceu de mencionar que Miren a cumprimentara.

— Não pode ser. Tem certeza?

— Não havia ninguém ao meu lado, então o cumprimento só pode ter sido para mim. Um oi rápido. Não tive tempo nem de ver o rosto dela.

E terminou falando do ponto que mais a preocupava.

— Arantxa está sabendo da doença da *ama*.

— Eu não faço ideia do que ela sabe. Ainda não revelei o diagnóstico nem para a *ama*.

— A *ama* não é boba. Sabe que ninguém vai ao oncologista para tratar uma faringite. Com toda certeza ela intui o que tem, mesmo não sabendo o nome.

— Seria bom se você pudesse visitá-la e ir preparando o terreno. Agora eu estou sem ânimo para isso.

— Fica tranquilo. Vou amanhã mesmo.

— Por favor, por mais que ela te questione, não discuta.

Comprou um buquê de flores. Péssima ideia, como descobriu depois. Tinha decidido de repente, no caminho para a casa da mãe. Ao passar por uma floricultura, pensou: vou levar umas flores para ela em sinal de boa vontade. Bittori, quando as viu, disparou:

— Mas eu ainda não morri.

Paciência. Antes de entrar, parada no corredor, Nerea perguntou pelo capacho de Londres.

— Você já me perguntou por ele várias vezes. Dá para deduzir que não gostei dele.

— Você nunca me disse que não gostava.

— Filha, tem coisas que não precisam ser ditas.

Paciência, paciência. Lembrou-se do pedido do irmão: que, por favor, não discutisse com ela.

— E teu marido? Se separaram de novo?

— Ele não está por aqui.

— Esse homem está sempre andando por aí.

— Ele trabalha muito, *ama*. Não seja maliciosa.

Bittori colocou as flores em um vaso com água. Disse que eram cheirosas e que no sábado, se você não se incomoda, vou levá-las para Txato. Nerea, em um leve tom de queixa, comentou que estava frio na sala. Falou isso olhando para a porta da varanda, totalmente aberta.

— É por causa da gata se por acaso voltar. Estou começando a ficar com medo de ter acontecido uma desgraça com ela.

— Ontem visitei Arantxa no hospital.

— Ela me contou hoje de manhã.

— Ah, certo. Na verdade, vim te contar isso, mas se você já sabe tudo...

— Sei a versão dela. A sua, não.

Paciência. Sentadas, ela aqui, a mãe do outro lado da mesa baixa, com o vaso de flores e as duas xícaras de café descafeinado solúvel entre as duas, Nerea explicou com que intuito tinha ido ao hospital e como foi forjado seu encontro com Arantxa. E Bittori a interrompia o tempo todo.

— É, já sei.

Isso foi deixando Nerea cada vez mais nervosa, mas paciência. Respira fundo, garota. Calma e paciência. Contou outra coisa. No que Bittori retrucou:

— É, já sei. E agora você vai me contar que Arantxa deu seis passos sem ajuda de ninguém.

— Quatro.

— Ela me disse que foram seis.

— Quando estava indo embora, vi a mãe dela. Arantxa também te contou isso?

— Não, isso não.

Pela varanda entrava o frio do anoitecer com um toque cada vez mais perceptível de umidade marinha. Luz? Pouca. O suficiente para Bittori. Nerea não gostava daquela sensação de estar em uma caverna dentro de casa. Se soubesse, tinha trazido uma lanterna. E na parede o relógio de pêndulo badalou, preguiçoso, rotineiro, marcando as oito da noite. O ambiente era estranho, mal iluminado e com uma sensação pesada de tristeza. Envolvia os enfeites, as paredes, os móveis, um cheiro característico que, sem chegar a ser repulsivo, era o exato oposto de acolhedor. E era também o mesmo cheiro que emana da roupa e do corpo da minha mãe quando a abraço.

— Você parou para falar com ela?

— Nada. Quando percebi quem tinha me cumprimentado, já havia passado com

os netos.

— Ah, estava com os netos? Como eles são?

— O rapaz, alto; a garota, de boa aparência. Mas só os vi por trás. Aliás, Arantxa me disse umas coisas que você não tinha me contado.

— Que coisas?

— Disse que lamentava a sua doença. Achei estranho ela estar mais bem informada do que eu.

— Você na certa está bem informada sobre isso. Porque, pelo que sei, conversa de vez em quando com o seu irmão. Mas Xabier não sabe que outro dia telefonei para Arruabarrena. O médico me disse que tinha conversado tudo com Xabier, que é quem tem que me dar as explicações do caso. Bom, isso foi na sexta-feira da semana passada, e continuo aqui esperando. Nesse intervalo, seu irmão me ligou todos os dias. Acha que me disse alguma coisa sobre o resultado dos exames? Nem uma palavra. E agora me vem você com um buquê de flores. Que dupla vocês formam!

— As flores são um gesto de afeto. Só isso.

— Quando não nos comunicamos dentro da família, é normal que um não saiba o que acontece com o outro.

— Pois agora você tem a oportunidade de se comunicar comigo. E, por favor, acende o abajur. Você está aqui perto, mas quase não distingo seu rosto.

— É que, se acender, os mosquitos entram.

Paciência. Nerea, irônica, perguntou à mãe se por acaso lembrava onde tinha colocado sua xícara de café. E fingiu procurá-la tateando na mesa. Cacete, que acendesse então o abajur, mas que antes fechasse a porta da varanda. Nerea, feliz. Sem perder tempo, fez uma coisa e fez a outra. Voltou a se sentar, e Bittori, séria, com firmeza, disse:

— Eu vivi até hoje e talvez viva um pouco mais. Sei o que tenho dentro do corpo. Não vou me submeter a quimioterapia nem a nenhum desses suplícios. Quero me encontrar com meu marido, que já está na hora, e ninguém vai me impedir. Viver mais um ano? Dois? Para quê? Já me mataram há muito tempo. Desde então tenho sido apenas um fantasma. No máximo, meia pessoa. E isso só porque tem que sobrar na gente alguma coisa para sentir o mal que nos fizeram e, além do mais, com dois filhos você aguenta em pé do jeito que for. — Nerea tentou replicar. Bittori interrompeu. — Eu estou falando. Vocês não têm que se preocupar com a herança. Está tudo arrumado. Não precisam brigar. Cinquenta por cento para cada um. E agora escuta bem o que vou dizer. Vou falar isso com você porque com o seu irmão não dá para conversar essas coisas. Ele logo desaba.

Nerea estava observando o rosto sereno, cheio de decisão, de lucidez, da mãe. E era como se a visse pela primeira vez na vida. Em determinados momentos olhava para as flores. Na verdade, elas agora lhe pareciam um ornamento mortuário.

— Esta é a minha vontade. Quero que me enterrem com o *aita* em Polloe, meu caixão em cima do dele. Tem espaço para mais um morto no panteão. Deixa a aliança no meu dedo, por favor, como nós o enterramos com a dele. E se lembre de me calçar com o sapato branco do dia do meu casamento. Está bem à vista, no armário do meu quarto. Não posso pedir isso ao seu irmão. Ele não entende dessas coisas nem conseguiria fazê-las. Mas você é mulher, não preciso te explicar certas questões. Publiquem, por favor, dois anúncios no *El Diario Vasco*, um em castelhano e outro em *euskera*. Nos dois deve aparecer o apelido do *aita*. Não quero cerimônia nenhuma. E agora o mais importante, se bem que na verdade tudo é importante. Se dentro de um ano ou dois, ou o tempo que for, vocês virem que a situação política está calma, que o terrorismo realmente acabou, quero que nos levem para o cemitério da vila. Isso é tudo o que eu te peço.

— Você conversou sobre isso com Xabier, pelo menos em parte?

— Como que eu vou falar se ele não vem me ver há muito tempo? Não quero conversar sobre essas coisas pelo telefone.

— Já que estamos sendo sinceras, ouvi dizer que você está decidida a fazer o filho de Miren te pedir perdão e Arantxa está ajudando. É verdade?

— Por que acha que ainda estou viva? Eu preciso disso. Quero e exijo esse pedido de perdão. Não vou morrer enquanto não consegui-lo.

— Cuidado com esse seu orgulho.

— Não é orgulho. Quando vocês fecharem a cova e eu estiver com Txato, vou poder dizer a ele: o idiota se desculpou, agora já podemos descansar em paz.

120
A garota de Ondárroa

As condições carcerárias não o dobraram. E olha que eram duras. Em alguns centros prisionais mais do que em outros. Vejamos o que o futuro lhe reserva. Está cada vez mais difícil. Os anos, claro, não passam impunemente; mas ele não acha que foi o tempo que o quebrou como a um galho seco, se bem que também ajudou, não se pode negar. Foi principalmente outra coisa. O quê? Joxe Mari atribui o início do seu naufrágio moral à garota de Ondárroa. Está convencido disso. A partir dessa história, que começou tão bonita, veio o caruncho da tristeza, puta que o pariu, que sem a gente perceber vai roendo e roendo por dentro e no final deixa o móvel todo esburacado.

Viu seu pai chorar atrás do vidro do parlatório. Sentiu tristeza pelo velho; mas era uma tristeza, como dizer?, da roupa para fora, quer dizer, que terminada a visita o velho levou colada nas costas. Nessa época, ele não tinha espaço para tristeza. O Euskal Herria acima de tudo. A causa pela qual se sacrificou, sua razão de ser, tudo o que ele é. E, ao ver o pai indo embora, sentiu, o quê?, porra, decepção. Essa é a palavra. A decepção de ter um pai frouxo, de ter sido gerado por um homem fraco.

— *Ama*, é melhor ele não vir mais.

— Não se preocupe, que da próxima vez vai ficar em casa.

Sozinho, Joxe Mari procurava sinais de fraqueza em si mesmo como quem examina o corpo em busca de sei lá o quê, de pulgas ou piolhos. Catava esses possíveis sinais com um desejo feroz de exterminá-los, vai que sou contagiado por uma fraqueza psicológica. E, quando via no pátio, na sala da televisão ou em qualquer outro lugar um companheiro abatido, com os olhos vermelhos, dava logo uma bronca, exigia disciplina, nós ainda somos militantes, *putaquepariu*. Ser fraco, parecer fraco? Era melhor que cortassem seu braço.

As greves de fome também não o dobraram. E olha que são de foder. Mas, quando é preciso, fazemos. Seja para exigir a liberdade de um preso da organização que esteja com uma doença grave, seja para protestar contra a política penitenciária, ou porque o ETA, através da frente de prisões, deu a ordem, ou o motivo que for. E tomava conta para que nenhum companheiro se aproximasse demais do refeitório. Ou mandasse um dos *arruntak* comprar barras de chocolate, sacos de

batata frita e essas coisas. Sua greve de fome mais longa durou quarenta e um dias, em Albolote. Bebi toneladas de água. E perdeu dezenove quilos, sua mãe o viu em uma visita de parlatório e ficou horrorizada.

— Vem cá, você não está com câncer?

Respondeu que estava ótimo. Mentira. Sentia enjoo o tempo todo, não tinha força para nada. Também não lhe contou que sua urina estava vermelha há alguns dias. Pensou em contar ao médico, mas foi protelando para não ter que enfrentar um diagnóstico grave. Depois houve uma assembleia, todos votaram a favor de acabar com a greve e em poucos dias a *pixa* voltou a sair normal. Joxe Mari atribui às greves de fome sua habitual prisão de ventre e uma hemorroida que até hoje o faz passar por períodos muito desagradáveis.

Os longos meses submetido ao regime de isolamento também não o dobraram. Vinte horas por dia dentro da cela. No verão, um calor infernal. Os funcionários dando ordens aos berros. As visitas, limitadas a oito, dez minutos. E a sacanagem das revistas noturnas a cada duas horas ou quando lhes dá vontade. No intervalo, ficavam batendo na chapa da porta pelo lado de fora para que não dormisse. Entravam de repente. Gritos, tira a roupa, faz agachamentos. Desse jeito. Além dos xingamentos de praxe. Mas nem assim conseguiram me dobrar.

No caso de Miguel Ángel Blanco, três funcionários o submeteram a uma saraivada de socos. Bem, um funcionário só. Os outros dois se encarregaram de segurá-lo. A notícia do sequestro tinha chegado à prisão três dias antes. Assim que se soube do ultimato do ETA, Joxe Mari disse baixinho a um companheiro:

— Vão liquidar esse rapaz.

No final da tarde de 12 de julho, soube-se que tinha levado dois tiros na cabeça. Estava internado em uma clínica de San Sebastián, entre a vida e a morte. De manhã cedo, os noticiários confirmaram que havia morrido. Nos casos de atentado mortal era perceptível uma tensão no ar dentro da cadeia. E havia olhares feios.

— E então, estão contentes? — questionou um funcionário.

Joxe Mari não se lembra de ter sorrido. Talvez tenha sorrido, mas não pelo motivo que o funcionário imaginava. A altas horas da noite, simularam uma revista na cela e foram pegá-lo. Socos de todos os lados.

— Isto é pelas risadinhas, seu etarra de merda. Se quiser mais, já sabe.

Anos antes, em Picassent, ele tinha se envolvido em uma briga com dois presos comuns. Foi durante o jantar. O motivo? Qualquer bobagem. Na verdade, para isso basta dois ou três presos não irem com a sua cara. E os derrubou, pá, sem dificuldade, mas não pôde evitar que um deles o pegasse desprevenido e abrisse um corte em sua cabeça com uma cadeira. Sangue à beça e oito pontos de sutura.

Chega o diretor, e já para a solitária. Um incidente entre tantos outros. Há piores, às vezes com mortes. Passou o tempo, Joxe Mari mudou de prisão, começou a ficar careca e um dia, ao se olhar no espelho, constatou que o cabelo já não cobria a cicatriz.

Enfim, tantas coisas que acontecem. De muitas delas ninguém de fora da cadeia fica sabendo. Os presos também preferem não contar muita coisa à família para não preocupar ninguém. Mas pouco importa: Joxe Mari permanece firme, pedra dura, mastro erguido na tormenta, porque, além de sua força física, não lhe faltavam recursos que ajudavam a resistir às adversidades, aos momentos difíceis e tudo mais que viesse. Que recursos? Acima de tudo, o grupo. O grupo é fundamental, a união dos companheiros. Dizia à mãe:

— Eles são a minha família aqui.

Além disso, tinha a lealdade ideológica. O que ele não costumava fazer quando estava em liberdade fazia agora. O quê? Interessar-se por política. Antes achava que todo esse palavreado e essas bobagens teóricas eram desvios no caminho em direção ao objetivo. Já a luta armada era um atalho. Agora lia com atenção os artigos, folhetos e qualquer panfleto ou comunicado proveniente da organização. Não se conformava com alimentar a consciência de que continuava comprometido com a luta, também procurava reunir argumentos que justificassem tal luta e mostrassem claramente que ela era justa e necessária. Ah, e apoiada pela maioria do povo basco. Ele extraía dessa convicção força e ânimo. E, toda vez que surgia uma oportunidade (por exemplo, nas reuniões semanais em que os presos do ETA determinavam as pautas de comportamento na cadeia, de acordo com as ordens que recebiam de fora), começava a monologar/discutir inflamado, fanático, blasfemo.

Especialmente reconfortantes eram os momentos em que falava em *euskera* com um companheiro ou em grupo. Às vezes entoavam canções da terra, *Izarren hautsa*, um pouco de Lete, de Laboa, de Benito Lertxundi, sem levantar muito a voz para não provocar, ou então contavam piadas. Nesses momentos, Joxe Mari se sentia transportado para longe dali, para um lugar sem guardas nem muros nem grades, contando as mesmas piadas, cantando aos berros as mesmas canções e bebendo sidra, sangria ou cerveja na companhia dos amigos dos velhos tempos. De olhos fechados, era capaz de sentir o cheiro da sua vila, do alho-poró que seu pai trazia da horta e outro cheiro, que para ele era o ápice da fragrância, o de grama recém-cortada. Já em Albolote, e depois, com mais intensidade, no módulo 3 de Puerto I, deu para escrever poemas. Isso lhe provocava uma agradável sensação de intimidade. Não se atrevia a mostrá-los a ninguém porque sabia que não valiam

grande coisa e também por pudor. Quando escrevia se lembrava de Gorka, do seu gosto pela solidão e pelos livros. O que seu irmão estaria fazendo naquele momento?

Ainda assim, o antídoto mais eficaz de Joxe Mari contra o veneno da saudade, dos remorsos e da sensação de derrota era o ódio. Na prisão lhe havia nascido uma raiva profunda e lenta. Como não podia extravasá-la, ele a mantinha acesa dentro do peito em fogo brando. Nem nos dias em que empunhou armas chegou a sentir algo parecido. Na época, tinha outras motivações. Sei lá, a consciência do dever. Tem que executar um cara? Então vai lá e lhe dá dois tiros, seja quem for. Isso de agora era um ódio nu e cru, consequência dos socos que levou, do sentimento de humilhação, da certeza de que aquilo que estavam fazendo com ele também faziam com seu povo. O ódio servia a Joxe Mari de refrigeração nos calores estivais, de aquecedor nas noites de inverno. Deixava-o insensível contra qualquer sinal de sentimentalismo. Se pudesse matar com o olhar, não hesitaria: teria feito uma sucessão de chacinas em cada um dos centros penitenciários onde esteve.

Mas então apareceu Aintzane, a garota de Ondárroa, dois anos mais nova do que Joxe Mari. Seus pais eram donos de um restaurante onde ela também trabalhava. Antes de conhecê-la, Joxe Mari havia recebido cartas de outras garotas bascas. É que nos bares da moda *abertzale*, nas *herriko tavernas* e em outros locais costumavam pendurar cartazes com fotos de militantes do ETA presos. E junto com as fotos figuravam o nome do prisioneiro e o do centro de detenção onde estava. Joxe Mari e seus companheiros recebiam com certa frequência cartas de garotas para as quais eles eram verdadeiros heróis. Cartas transbordantes de admiração e simpatia, de vontade de infundir ânimo e ajudar os *gudaris* presos a se sentirem menos sozinhos. Cartas que, com o tempo, bem podiam tomar o rumo de expectativas amorosas.

Antes do primeiro encontro, Joxe Mari e Aintzane vinham se comunicando por escrito por mais de um ano. A princípio, escreviam em *euskera*. Adotaram o castelhano ao perceberem que assim o controle da correspondência se acelerava e entregavam as cartas com mais rapidez a Joxe Mari. Certo dia, ela foi visitá-lo no parlatório de Puerto I. Não era gorda, mas grande e robusta, bonita, de risada fácil, simpatia natural e muito *pra frente*. Foi dela a ideia de pedir uma visita íntima depois que Joxe Mari, superando sua aturdida e corpulenta timidez, lhe confessou no parlatório que na verdade ele não, que nunca, que até teve uma namorada em sua vila, mas era uma chata.

— Não queria nem beijar na rua.

E por um instante a sala do parlatório se encheu com a gargalhada estrondosa de Aintzane.

Joxe Mari se deixou guiar. Recebeu ternura, carícias, palavras amorosas sussurradas no ouvido, e gostou. Esse foi o problema. De noite, sem conseguir dormir, entendeu de repente, e foi como se o teto da cela tivesse caído em cima dele, que estava perdendo o melhor da sua vida. Não é que não tivesse pensado nisso antes. É que então teve pela primeira vez a sensação física de que havia jogado fora sua juventude.

Dias depois, durante um jogo de futebol televisionado entre a Real Sociedad e o Athletic, ficou reparando não na bola nem nos lances da partida, mas nas pessoas que lotavam as arquibancadas do estádio de Anoeta, bascos como ele com *ikurriñas*, com cartazes, alguns pedindo que transferissem os presos para as cadeias do Euskal Herria, e os via pular, cantar e celebrar. E também viu as imagens de uma matéria no telejornal sobre as altas temperaturas no norte da península, nas quais aparecia a praia de La Concha cheia de gente em trajes de banho, bascos relaxados, bascos talvez felizes, que passeavam à beira-mar, nadavam e tomavam sol, casais de namorados deitados em toalhas, rapazes em canoas, crianças cavando na areia com uma pá de plástico. E de uma hora para a outra sentiu um gosto amargo na boca, e até para além da boca, no centro exato de suas convicções e pensamentos.

Aintzane e ele tiveram outra visita íntima com sua descarga um tanto precipitada de prazer. O lugar, na verdade, com aquela cama em que sabe-se lá quantos casais já deitaram, também não era muito convidativo para expansões românticas. Já sozinho, Joxe Mari notou de novo que algo dentro dele lutava para derrubá-lo, que o mastro começava a se curvar e toda a embarcação parecia ir a pique. Tempos depois, Aintzane parou de escrever. Bem, deve ter encontrado outro. São coisas que acontecem. Só que na cadeia elas doem mais.

121
Conversas de parlatório

No começo, bem no começo, Miren ia visitar Joxe Mari duas ou até três vezes por mês. Saía de casa resoluta, heroica, guerreira. E diante do prédio da penitenciária, sobrevinha-lhe uma coragem de sobrancelhas franzidas, de dentes cerrados. Protestava contra a falta de higiene nos parlatórios; questionava que já tivessem passado os quarenta minutos da visita; enfrentava, tratando de igual para igual, os funcionários de plantão, acusando-os pela dispersão dos "presos bascos" como se estes tivessem culpa disso só porque usavam uniforme. Questionava por que obrigavam as famílias a fazer uma viagem tão longa. Qual a diferença entre seu filho estar nesta cadeia ou em uma perto de casa se, no fim das contas, ele está trancado entre quatro paredes que são iguais em qualquer lugar. Se a senhora deseja fazer uma reclamação, dirija-se a. Colidiam as linguagens, os sotaques, as vontades, e certo dia, em Picassent, depois de uma viagem complicada com pneu furado e na qual quase morremos, impediram o acesso dela à sala de parlatórios. Assim, sem mais nem menos. Pelo menos foi o que ela disse depois para todo mundo na vila. A partir de então, ficou mais calma. Calma? Nem um pouco. O que fazia era desabafar no ônibus, tanto na ida quanto na volta. Com o tempo, começou a se poupar de aborrecimentos. Com o tempo, aprendeu a engolir a indignação, a se resignar.

Já antes de Joxe Mari completar um ano preso, Miren adotou o costume de visitá-lo uma vez por mês. E permanece nesse ritmo até hoje, com raras exceções, como aconteceu quando Arantxa teve o AVC. Miren ficou três meses seguidos cuidando da filha e nesse período não pôde visitar Joxe Mari. E Joxian? Vai, quando muito, duas vezes por ano. No início ia mais, porém os dois brigavam.

Joxe Mari e Miren sempre conversavam em *euskera*, enigmáticos em determinados assuntos, com fartura de subentendidos, caso estivessem gravando.

— Josetxo morreu. O enterro será segunda-feira. Você sabe tudo o que ele passou. Foi um câncer rápido.

— E o açougue?

— Juani está trabalhando, fazer o quê. Todo mundo vai lá comprar. Ajudamos no que dá.

Não passavam despercebidos para Joxe Mari os esforços da mãe para levantar

seu ânimo. E o orgulho dela ao dar notícias da vila, quando mencionava os nomes das pessoas que tinham perguntado por ele e mandavam lembranças.

Certa vez, durante uma visita na época das festas, contou:

— O rapaz da taverna me pediu uma foto tua. Agora já sei para quê. Estão na fachada da prefeitura, você e os outros. Deste tamanho. E, embaixo, os nomes. No meio, um cartaz pedindo a anistia. Toda manhã passo por lá e te cumprimento. Quando saio da missa, a primeira coisa que vejo, ali, bem grande, é o seu rosto. E me param na rua, aqui e ali. Que te dê um abraço. E que, se precisar de alguma coisa, é só falar. As feirantes não querem me cobrar. Eu digo para me cobrarem. Por fim, de tanto eu insistir, elas aceitam porque veem que não gosto de abusar. Mas, quando peço dois quilos de batata, volta e meia me dão quatro pelo mesmo preço. E uma enfia uma alface na sacola mesmo sabendo que o *aita* traz da horta. A peixeira, a mesma coisa. Outro dia me deu um dourado de presente. Menina, não precisa fazer isso, digo. Ela não me ouve. Fizeram uma manifestação em frente à prefeitura. Toda a rapaziada cantando para vocês. Fiquei arrepiada. E as charangas também param lá embaixo de casa e dedicam um número musical a nós. Eu sempre peço a Santo Inácio que te proteja. Rezo muito. Cuida dele, digo. Quando a missa termina fico um tempo sozinha na igreja conversando com o santo. Outro dia don Serapio veio falar comigo. Diz que também reza por você e te mandou uma bênção.

— Recebi uma carta de você sabe quem. Na prefeitura, a esquerda *abertzale* está tentando pôr meu nome numa rua, e o de Jokin também.

— Ah, não sabia.

— Seria excelente, mas acho difícil. Dizem que é apologia.

— Arre, essa gente não entende droga nenhuma.

Anos e rugas. Anos e fios brancos e perda de cabelo.

— Você come bem aqui? — perguntou Miren certo dia.

— Como o que me dão.

— Você está um pouco magro hoje. Sabe aquele Patxo que estava preso contigo?

— A última notícia que tive dele é que estava no Cáceres II.

— Um traidor.

— Como?

— Assinou uma carta junto com outros.

— Ah, essa história. E ele também está?

— Arriaram as calças. Para conseguir a reinserção. Juani me perguntou outro dia se você também. Está maluca? O meu Joxe Mari? Fiz uma cara que acho que nunca mais voltará a perguntar.

Certo dia, quando Miren chegou, viu-o zangado. Perguntou o que estava havendo.

— Arantxa me contou pelo telefone sobre Gorka.

— Mas nós não sabemos de nada. Esqueceu que nós falamos pouco com ele?

— É veado.

— De onde você tirou isso?

Ele contou. Gorka vivia com um homem no pior dos pecados.

— Pela primeira vez na vida fiquei feliz por estar na cadeia. Se estivesse fora, não sei o que faria.

— Quando o *aita* souber, que desgosto. Menino, mas tudo dá errado com a gente. É azar demais.

— E o que o pessoal da vila vai dizer? Minha nossa, prefiro estar aqui só para não ter que ouvir.

Joxe Mari vociferava, punhos erguidos, palavras mordidas, contra seu irmão, que:

— Desde pequeno era muito estranho. Agora você virou mãe de veado, eu virei irmão de veado. E jogou o nosso sobrenome na lama. Ainda estou esperando que se digne a vir me visitar.

Somente doenças passageiras, algum problema na família ou algum imprevisto impediram Miren de ver o filho na cadeia. Poucas vezes. Nesses casos, o que fazia? Recompensava mais tarde a viagem frustrada e ia à penitenciária em dois fins de semana de um mesmo mês. Nem que *seria* se arrastando ela ia visitar o filho. E se o levarem para as Canárias, como funcionários agressivos ameaçaram Joxe Mari mais de uma vez, eu aprendo a nadar, não tem problema.

Nunca triste, sempre forte e combativa, só uma vez em tantos anos, Miren perdeu a sua férrea contenção no parlatório. Brotaram lágrimas nos seus olhos, sua voz ficou embargada. E Joxe Mari, vendo aquilo, sentiu uma espécie de terror/comoção e ficou sem palavras e jamais vai esquecer essa visita que terminou de derrubar nele o que havia começado a descambar anos antes, quando aquela garota de Ondárroa lhe ensinou o amor físico.

Foi com o AVC de Arantxa. Miren, séria, dura, deu notícias dolorosas por telefone a Joxe Mari e passou três meses sem vir me visitar, mas não parou de ligar de vez em quando e depositar regularmente o dinheiro para suas despesas da cantina.

— Por enquanto está lá, em uma clínica da Catalunha. O pessoal da vila se mobilizou. Tudo o que eu te disser é pouco. Na Arrano e em todos os bares e nas lojas colocaram cofrinhos para ela. Quanto a isso não precisamos nos preocupar.

— O que os médicos falaram?

— Tentam dar esperanças; mas eu leio a verdade nos olhos deles. Morrer, não acham que vá morrer, mas Arantxa nunca mais vai falar nem andar nem nada. Basta dizer que come através de uma sonda que lhe entra aqui, nas tripas.

Foi nesse ponto que um ataque de choro a deixou sem voz. Ela cobriu o rosto com as mãos. E, no outro lado do parlatório, Joxe Mari apoiou as suas no vidro, sem saber o que dizer que não fosse *ama, ama*, tão corpulento ele, tão impotente diante da situação, e ao mesmo tempo tão criança desvalida em sua compleição robusta, embora já não fosse nem de longe como era antes. Em alguns minutos, Miren recuperou a calma, falou de outros assuntos, ficou serena até a hora da despedida.

Transcorreram os anos, as visitas se sucederam. Miren:

— Dei os teus parabéns a ele. Estava muito contente. E muito elegante. De terno cinza, com gravata. Vou ver se trago fotos na próxima vez. Nós ficamos esperando fora da prefeitura. Pouco depois ele e o marido saíram. Chama-se Ramuntxo. Eu já me acostumei a tratá-lo de marido dele. Sabe, é muito simpático. Tem uma filha. É uma história muito triste. Outro dia te conto. Na escadaria, um monte de amigos estava esperando por eles para jogar arroz. Quando nos viram do outro lado da rua, atravessaram logo, é que eu não tinha certeza de como Gorka reagiria ao nos ver. Convidar, não nos convidou. Mas, que diabo, fomos lá. O *aita* ficou me enchendo o saco desde que saímos da vila. Achou que eu ia brigar com Gorka. Eu: chega, cala a boca. O marido de Celeste nos levou a Bilbao na caminhonete. O coitado ficou nos esperando na rua até meia-noite. Se não fosse por ele, não teríamos conseguido sentar Arantxa no banco de trás. Você tem que ver como o *aita* está desajeitado. E, sabe, foi tudo muito bom. O banquete, pois nós ficamos para o banquete, era só o que faltava, era de primeira, e eu ao lado de Gorka com meu sapato novo, e foi muito bom, tudo bom. Menino, o que eu posso dizer? Que ele nos saiu desse jeito? Juani diz que há coisas piores. Eu ando conversando muito sobre isso com Santo Inácio e ele me dá razão.

— Você acha que o meu irmão está feliz?

— Eu diria que sim.

— Para mim isso basta. Não se toca mais no assunto.

122
Sua cadeia, minha cadeia

Sozinho em sua cela, Joxe Mari, 43 anos, dezessete dos quais na prisão, saiu do ETA. Em um dia como outro qualquer, antes de se deitar, olhou uma foto que a irmã tinha lhe mandado e disse para os seus botões: acabou. Simples assim. Ninguém ficou sabendo porque não comunicou sua decisão a ninguém. Nem aos companheiros nem à família. Ninguém. Isso meio ano antes do anúncio por parte da organização do fim definitivo da atividade armada.

Saiu do ETA, dormiu bem. Ele já andava balançado em suas convicções de uns tempos para cá. Tudo influi: a solidão carcerária; as dúvidas, que são como mosquitos de verão que não param de rondar; certos atentados que, por mais que se esprema, não cabem no espaço cada vez mais estreito das justificativas habituais; os companheiros que considerou desertores num primeiro momento e agora compreende e, em segredo, admira.

Acabou. A partir de agora, estou fora. E nem pestanejou quando, meses depois, viu na televisão os três encapuzados proclamarem que o ETA decidira dar fim à luta armada. Não é que não lhe importasse. É que achou que o assunto não lhe dizia respeito.

Um companheiro, aparentemente confuso, desconcertado, perguntou sua opinião.

— Não opino nada. Por que tenho que opinar?

— Porra, cara, como você mudou.

Em outros tempos, teria provocado um debate, soltado o verbo. Agora só falava o necessário; às vezes, nem isso. Tornou-se um ser solitário, taciturno. Parecia tranquilo, mas era uma tranquilidade de árvore caída. Sua solidão deliberada era própria de um homem cada dia mais cansado. E tão cansado quanto desconfiado. Suas reflexões eram próprias de uma consciência na qual aos poucos tinham deixado de reverberar lemas, argumentos, toda a sucata verbal/sentimental com a qual tinha obscurecido a sua verdade íntima durante longos anos. E que verdade era essa? Qual poderia ser? Que ele tinha ferido e tinha matado. Para quê? A resposta o enchia de amargura: para nada. Depois de tanto sangue, nem socialismo nem independência nem porra nenhuma. Tinha a firme convicção de ter sido vítima de

uma fraude.

Imagino que a *ama*, por ser tão devota de Inácio de Loyola, deve saber que na juventude o santo também foi um homem de armas. Matou? Joxe Mari andou procurando essa informação em uma enciclopédia da biblioteca da prisão. Não encontrou, mas não tinha dúvida. Matou e é santo. Matou e deve estar no céu.

No seu caso, a mudança não foi determinada pelas feridas de guerra nem pela leitura de livros piedosos. Ele acha que teve várias causas. E causas de causas que levaram a novas causas e à sua situação atual, a de um homem cuja única paisagem são as quatro paredes de uma cela, agoniado sob o peso do que fez em nome de princípios que outros conceberam e ele, obediente, ingênuo, adotou.

Ano após ano se agarrava a esperanças (as próximas eleições, o pacto de Lizarra, a negociação com o governo do Estado, a internacionalização do conflito) que nunca se concretizavam. Nunca. A única realidade aqui é a de que termina um ano e começa outro. E de repente lhe chega aquela fotografia, a primeira que viu da irmã na cadeira de rodas: a machadada decisiva que derrubou a árvore. Ou o mastro da embarcação, tanto faz.

Arantxa a mandou pelo correio. Na carta que veio junto, escrita como sempre com a letra da cuidadora equatoriana, Joxe Mari leu: "Pedi à *ama* para que te desse uma foto minha. Não adianta. Ela me pede que espere, porque ultimamente você anda desanimado. Mas sou eu que quero que você me veja como sou agora. Que história é essa de ter que me esconder? Se é por isso, eu também vi você sem cabelo e com bastante papada em uma foto, cada vez mais parecido com o *aita*, a mesma cara de bobo de todos os homens da nossa família."

A sua pobre irmã. Não deixou de gostar dela nem quando se casou com aquele espanholaço lá de Rentería que acabou se mandando. E teve um arrepio de estupor quando tirou a foto do envelope. Porra, porra, porra. Agora entendia: ele não havia sido capaz de transformar em uma imagem o que já sabia. Sua irmã. A dolorosa, contundente realidade da sua deficiência e da cadeira de rodas.

Na hora de tirar a foto, Arantxa encarara a câmera. Agora olhava, do quadrado de papel, para Joxe Mari. Achinesados pelo sorriso, seus olhos pareciam menores do que ele se lembrava. A boca não está um pouco torta? E esse jeito de sorrir, exagerado, não me digam que não, é típico de quem não tem como controlar os músculos do rosto. O passar dos anos estava visível nas rugas e na cabeça com muitos fios brancos. Tinham cortado seu cabelo, que pena. Arantxa não ficava bem como ele assim, curto. No colo, o iPad. Uma mão inútil, fechada, com uma pulseira que parecia de brinquedo. E um dos pés com uma espécie de meia ortopédica ou tornozeleira, não dava para ver direito.

Na carta, Arantxa dizia: "Você tem a sua prisão, eu tenho a minha. A minha é o meu corpo. Prisão perpétua. Um dia você vai sair da sua. Não sabemos quando, mas um dia vai sair. Eu não sairei nunca da minha. Há outra diferença entre nós dois. Você está aí pelo que fez. Mas o que eu fiz para merecer a minha condenação?" Essa última frase, na verdade o trecho inteiro, impactou Joxe Mari. Nesse dia abriu mão de sair para o pátio. Evitou conversas. Mal tocou na comida. Não foi à biblioteca, seu refúgio favorito nos últimos tempos. Pouco antes de se deitar, olhou de novo a foto e decidiu deixar o ETA sem dizer nada a ninguém. Nem aos companheiros nem à organização.

Nem à sua mãe.

Que, aliás, durante a visita seguinte no parlatório, já sabendo que Arantxa lhe havia mandado uma foto, mostrou outras. Arantxa na praça da vila, Arantxa com Celeste, com o *aita* na entrada da horta, com Gorka e seu marido no dia do casamento, na cozinha de casa, em pé dando uns passinhos vacilantes durante uma sessão de fisioterapia. Fotos que Joxe Mari comentou interessado e sereno, até brincalhão; imagens que não lhe causaram a forte impressão daquela primeira.

Sua irmã continuou mandando cartas. De forma irregular. Assim como podia mandar duas cartas na mesma semana, passava um mês sem escrever. O ano acabou. Já em janeiro, Arantxa lhe mandou outra foto. No verso estava escrito: "Aqui estou com a minha melhor amiga." Atrás da cadeira de rodas, estava Bittori, não tão alegre quanto Arantxa, mas ainda assim risonha. Joxe Mari custou a reconhecer a mulher de Txato naquela senhora magra, visivelmente abatida. Como está velha. Envelheceu pior que a *ama*. Sobre isso havia uma explicação na carta anexa: "Está muito doente." Duas linhas abaixo: "Ela me conta tudo. Nós nos vemos quase todo dia. Somos muito amigas. Ela sabe que não lhe resta muito tempo de vida. Não quer fazer o tratamento. Para quê se não tem mais expectativas? Diz que só se aguenta viva, a duras penas, porque espera um gesto humano seu. Ela não deseja outra coisa. A sua desajeitada e desastrosa irmã está te pedindo. Não me decepcione. Em outras palavras: peça perdão a ela. O que te custa? Eu ficaria triste se não pedisse."

Como as mulheres sabem nos manipular. Deitado na cama, com a mente em branco, Joxe Mari olhava o quadrado de céu azul da janela. Ficou um bom tempo ali imóvel, em atitude apática, com as mãos enlaçadas atrás da nuca. Por fim lhe vieram pensamentos. Ou melhor, imagens. O tempo, de repente, retrocedeu a grande velocidade. O tempo era um filme que mostrava a sua vida de trás para a frente. Saiu logo da cadeia e entrou em outra e depois em outra, foi torturado, depois preso, voltou à luta armada, à tarde chuvosa em que Txato olhou nos seus olhos, ao

pub onde atirou pela primeira vez em um homem, à França, à vila e, chegando aos dezenove anos, as velozes imagens mentais pararam de repente. Imaginou então um destino diferente, que culminava com a realização do seu grande sonho: jogar no time de handebol do Barcelona F.C.

Constatou: pedir perdão exige mais coragem do que disparar uma arma, do que acionar uma bomba. Essas coisas qualquer um faz. Basta ser jovem, ingênuo e ter sangue quente. O que paralisava Joxe Mari não era só que precisava ter colhões para uma desculpa sincera, nem que fosse apenas verbalmente, as atrocidades cometidas. Era outra coisa. O quê? Não sei. Vamos, cagão, confessa. Porra, é que se essa velha mostrar a carta a um jornalista, vai se armar o típico circo do terrorista arrependido, e aí vão começar a falar mal dele na vila e tirar a sua foto da Arrano Taverna. A *ama* teria um chilique.

123
Círculo fechado

Tarde nublada. Bittori se debruçou na varanda para observar as nuvens que vinham do mar. Pretíssimas no horizonte. Estava chovendo muito, e você não vá subir sozinha até Polloe, deixa que te levo de carro. De manhã, o sol tinha despontado de vez em quando. Bittori conversou com Arantxa no canto da praça como sempre fazia. Pouco antes de meio-dia, pegou o ônibus e, sem lhe dar tempo de chegar em casa, começou a cair um aguaceiro que nem te conto. A partir de então não tinha parado de chover.

— Mas que ideia é essa de ir ao cemitério com este toró? — questionou Xabier ao telefone.

— Tenho que contar umas coisas muito importantes a Txato.

— *Ama*, por favor, para com esse jogo.

Veio buscá-la, com os ombros do paletó molhados, às quatro. Bittori já estava pronta. Pegou o guarda-chuva e colocou a carta na bolsa. Nos olhos dessa mulher se acende de vez em quando uma faísca de felicidade. E, se não é de felicidade, é de alegria. Xabier sabe o motivo. É que ontem, no fim do dia, os três tinham se encontrado. Nerea perguntou alarmada por que tanta urgência. E a mãe contou, mostrando e lendo a carta com uma euforia maldisfarçada, enquanto o rosto dos filhos se turvava de pesar.

— Era isso o que você tanto queria?

— Exatamente isso, filha.

— Pois conseguiu. Parabéns.

Agora tem que contar a Txato. Já no corredor, Xabier viu que a mãe estava saindo com as pantufas.

— Ainda bem que você reparou.

Durante o trajeto, Xabier de vez em quando tirava os olhos do tráfego por um segundo e virava a cabeça para observar Bittori. Realmente admirável, doente como está. E os limpadores de para-brisas, ris ras, faziam seu trabalho sem descanso.

— Você não imagina em que penso quando olho para essa chuva — comenta Bittori.

— Que chovia assim no dia em que assassinaram o *aita*.

— Como adivinhou?

— Depois disso choveu muitas vezes com a mesma intensidade.

Deixou a mãe o mais perto possível da entrada do cemitério. Tarde de dilúvio. E Bittori saiu do carro devagar, desajeitada, quem sabe tolhida por uma dor abdominal inconfessada. Se não queria que ele fosse junto. Não. Se era para esperá-la ali. Bem, como você quiser, mas que ia demorar pelo menos meia hora. E entre as palavras do filho e as palavras da mãe havia o som de incontáveis gotas batendo no chão com uma violência sussurrada e crepitando com vivacidade no guarda-chuva de Bittori. Ainda bem que não estava ventando. LOGO SE DIRÁ DE VÓS O QUE AGORA SE DIZ DE NÓS: MORRERAM!!! Macabro e banal. E como as pessoas resistem a devolver ao planeta os átomos emprestados. Na verdade, estranho e excepcional é estar vivo. Xabier esperou até que a mãe, de preto ritualístico, entrasse no cemitério, então ele foi procurar uma vaga nas proximidades.

Bittori estava com o quadrado de plástico e o lenço de pescoço na bolsa, mas para quê. Como vou me sentar na laje encharcada?

— Txato, Txatito, está ouvindo? Está chovendo como na tarde em que te mataram. Hoje tenho novidades.

E contou, em pé diante do túmulo, protegida pelo guarda-chuva, que sem Arantxa, sem a mediação generosa dela, não teria conseguido fechar o círculo. Ela amoleceu o terrorista, convenceu-o a dar o passo que deu. Mas por quê? Porque o ama. É irmão dela, eu entendo. Não justifica as suas ações. Pelo contrário, sempre as julga com severidade, sem concessões. Mas é irmão dela. Está tentando de todas as formas libertá-lo de si mesmo, de arrancá-lo do seu passado atroz. E, quando soube dos remorsos do preso em sua cela distante, ela escreveu para que eu lesse no iPad: "Algo está mudando nele. Agora pensa muito. Bom sinal."

Mas estava com medo.

— E sabe o que passou pela cabeça dele?

Mandar-lhe um objeto simbólico em vez de um pedido explícito de perdão. Deve estar se sentindo muito sozinho esse rapaz, bem, agora um homem feito, que antes não pensava nada e agora, pelo visto, pensa muito. Arantxa antecipou ao irmão que Bittori não ia gostar nada da ideia.

— E claro que não gostei. Isso foi há duas semanas. E desculpa por não ter vindo. Mas é que, com as coisas acontecendo, e eu passei uns dias sentindo dores, não teve como eu vir ao cemitério.

Joxe Mari queria, que ideia, lhe enviar algo. O quê? Não faço ideia. Algo que coubesse em um envelope. Uma foto, um desenho. Ele mandaria o objeto a Bittori

pelo correio, o que significaria que lhe pedia perdão.

— Eu disse a Arantxa que não contasse comigo, que não estou interessada em participar de brincadeiras. E ela escreveu no iPad que no meu lugar também não aceitaria. O problema é que aquele velhaco tem medo de me mandar uma carta pedindo perdão e eu ir correndo mostrar à imprensa. Imagina só que ideia. Ele deve estar com mais de um parafuso solto depois de tantos anos na cadeia. Nem tinha passado pela minha cabeça ir falar com jornalistas. É a última coisa que eu quero, aparecer nos jornais, que venham à minha casa tirar fotos e fazer perguntas.

Então respondeu que não. Arantxa pouco depois perguntou se podia garantir a Joxe Mari que ela teria a máxima discrição. Disse que sim, ofendida por terem duvidado da sua honestidade. E ontem de manhã a carta chegou.

— Quer que eu leia?

Leu (já sabia quase de cor):

> *Kaixo*, Bittori.
> Seguindo o conselho da minha irmã, te escrevo. Sou de poucas palavras, então vou direto ao ponto. Peço perdão a você e aos seus filhos. Sinto muito. Se eu *poderia* voltar no tempo, voltaria. Mas não posso. Sinto muito. Espero que me perdoe. Já estou recebendo o meu castigo.
> Meus melhores votos,
> Joxe Mari

A chuva caía nos túmulos, no caminho asfaltado e nas árvores escuras que o margeiam. Lápides molhadas e um cheiro fresco de silêncio. As nuvens densas pairavam sobre a cidade e para além dela, sobre os morros e o mar longínquo. E não se via uma única silhueta humana no cemitério inteiro.

— Que bom, não é? Eu precisava muito dessas palavras. Coisa minha, Txato. Logo virei me juntar a você aqui. Agora sei que virei em paz. Enquanto isso, vá esquentando o túmulo como em outros tempos você esquentava a cama para mim. Agora tenho que ir, Xabier está me esperando. Os nossos filhos já sabem que têm que nos levar para a vila logo que for possível, então pode ficar tranquilo. Tomara que não chova assim no dia do meu enterro. Coitados dos que vierem. Vão ficar ensopados. E as flores também.

Xabier saiu do carro para mostrar à mãe, sacudindo a mão, onde estava, uns trinta metros rua abaixo. Ainda estava chovendo. Que se queria ir a algum lugar. Não, para casa.

— O *aita* manda lembranças.

— Você adora ficar falando sozinha, não é?

— Isso me consola. E, afinal, não tem ninguém por perto escutando. Agora, se por acaso você acha que fiquei biruta, está muito enganado.

— Eu não disse isso.

— Antes que eu me esqueça, Txato perguntou quando você vai se casar. Disse que já é hora.

Fez-se silêncio no carro. Parados em um sinal vermelho, a rua cinza-neblinosa, Xabier se virou para olhar a mãe.

— Sim, definitivamente acho que você ficou biruta.

O sinal abriu e Bittori caiu na gargalhada.

124
Molhada

Tarde nublada. Na casa de Miren, cenas cotidianas depois do almoço. Ela, esponja e espuma, tinha terminado de lavar a louça na pia; pendurou o avental no prego atrás da porta e se debruçou na janela da cozinha para ver se a chuva havia parado. Estava chovendo forte e, voltando para a sala de jantar, disse à filha que naquela tarde não vai dar para sair.

— É melhor avisar Celeste para que ela não venha à toa.

Joxian, sonolento, mudo, ficou na cozinha enxugando a louça com o pano de prato. E Arantxa, ignorando as palavras da mãe, digitava letras na tela do iPad.

— O que está escrevendo aí?

Mostrou-lhe a tela: "Tem uma coisa que você precisa saber, mesmo que doa." Miren então disse, receosa:

— Se tiver a ver com aquela mulher, não me conte nada. Que droga, só falta você trazê-la aqui um dia desses.

O dedo irado escrevia agora mais depressa. "Você é a única que não sabe nesta casa."

— Não sabe o quê? Do que você está falando? Quer parar de fazer mistério?

"Joxe Mari pediu perdão a ela."

— Escuta aqui, Joxian, você sabia disso?

— O quê? — pergunta ele da cozinha.

— Não se faça de bobo. Sobre Joxe Mari.

— Claro que sei. Arantxa me contou antes do almoço.

— E por que diabos você não me disse nada?

— Qual é o problema? Ela não está dizendo agora?

Miren, Miren, por essa ela não esperava. Falava, amaldiçoava?, por entre os dentes. Não era possível, ela não acreditava. Estes tolos não entenderam algo direito.

— Estive com ele há dez dias. Não me falou nada.

Ouviram-se, tristonhas, cinzentas, as badaladas das três da tarde na torre da igreja. Tá tá tá, batia o dedo nervoso de Arantxa no iPad apoiado em seu colo. "Ele não tem coragem de dizer. Está com medo de você."

Cansada de forçar o pescoço e prevendo novas revelações, Miren puxou uma cadeira para perto da cadeira de rodas. Sentada, séria: que contasse tudo. Não havia azedume em suas palavras, nem irritação. Havia era uma expressão ofendida tensionando o seu rosto. Na tela as frases se sucediam, cada uma mais dilacerante do que a outra para Miren.

"Pediu perdão em uma carta."

"Bittori a leu para mim hoje de manhã."

— E se foi ela mesma quem escreveu? Todo mundo sabe que está maluca.

"Eu conheço a letra de Joxe Mari."

"Meu irmão não foi o único desta família que lhe pediu perdão."

— Quem mais pediu?

"Pergunta na cozinha."

— Joxian, venha aqui agora mesmo. Quero ver se me explica o que vocês andam fazendo pelas minhas costas.

Joxian entrou na sala secando as mãos no suéter. Sem se alterar, abriu o jogo, direto, claro e conciso, e foi para a cama tirar a sesta. Miren perguntou para a filha:

— Tem mais alguma coisa?

"Mais nada."

Depois, com um já na cama e a outra impedida de falar, atenta às notícias da televisão, Miren não precisou dar explicações a ninguém. Nem para onde ia nem tchau nem nada. Para não entrar no quarto onde Joxian, sei lá, poderia acordar, saiu de casa com a roupa do corpo. Ao ser fechada, a porta fez um clique cauteloso, dolorido; nem sombra da típica batida colérica.

Para onde vai? Estava chovendo a cântaros. Como na tarde em que mataram aquele homem. Para o terem matado, deve ter havido algum motivo. E, pelo que sei, não foi o meu filho. Então, queria muito saber por que ele tem que pedir perdão. Depois de atravessar a rua, estalou a língua em sinal de desagrado. Eu devia ter trazido o guarda-chuva, mas não vou voltar. Estava se sentindo traída, vítima de uma intriga familiar e, claro, convencida de que a chuva só caía sobre ela.

O açougue, fechado. Normal: ainda não eram quatro horas. Viu que a luz estava acesa lá dentro e abriu, não era a primeira vez que fazia isso, o portão. Ela vai me entender. Quem mais me entenderia? A penumbra silenciosa cheirava a sebo, carne, embutido. Melhor os vizinhos se acostumarem. Tocou a campainha, que parecia altissonante, cacofônica. Não havia dúvida: quando a porta se abrir, Juani vai aparecer com os ouvidos dispostos a receber o jorro verbal da amiga, que precisa desabafar de qualquer maneira.

Mas não. Em vez disso, a porta fechada.

— Quem é?

— Sou eu.

— Eu quem?

— Eu. Miren.

Que esperasse um instante. Que esquisito. Se ela está aí, por que não abre logo? Ao ver o cabelo solto da outra, Miren adivinhou: não está sozinha. Ficou pouco tempo. Cumprimentou-o, pensando que, apesar da idade, ele tinha boa aparência. Então esses dois estão juntos? Para disfarçar, comprou umas fatias disso e cem gramas daquilo.

— Desculpa eu vir a esta hora, mas é que estou um pouco atrapalhada. Amanhã te pago.

— Não se preocupe, mulher.

E voltou para a rua e para a tarde hostil e as poças d'água. Antes de entrar na igreja, jogou a sacola plástica com os frios em um cesto de lixo. Encharcada da cabeça aos pés, se sentou no banco de sempre. Ao pé do altar ardiam velas votivas. Quantas ela não deve ter acendido ao longo da vida para pedir favores a Deus, pensando no bem da sua casa, buscando proteção divina para os filhos.

A igreja estava vazia, e Miren, toda molhada. Quando o padre aparecer, vou-me embora. É que não queria falar com ninguém. Só com a estátua do santo de Loyola, ali na mísula. Bonito, Inácio, muito bonito. Olha o que você me aprontou. No final, eu é que vou ser a malvada da história.

Fez recriminações amargas ao santo. Em voz alta, sussurradas? Não, mentais como sempre. Questionou sua aptidão para ser o nosso grande patrono. Você está metendo os pés pelas mãos. Por que nós temos que pedir perdão? E os crimes dos GAL, como é que ficam? Alguém pediu perdão por eles ou pelas torturas nos quartéis e delegacias de polícia, ou pela dispersão, ou por toda a opressão ao povo basco? E, se o que fizemos era tão ruim, por que você não nos impediu? Primeiro nos deixa fazer para depois o sacrifício ser em vão, para eu e os milhares de bascos que amamos Euskadi termos errado feito uns idiotas. Anda, Inácio, faz alguma coisa. Bota a minha filha para andar, tira o meu filho da prisão, senão nunca mais falo com você. Poxa, não vê que eu também sofro?

Miren se levantou. No lugar do banco onde permanecera durante dez, quinze minutos, havia um círculo de umidade. Fazia frio na igreja. E de repente ela teve um súbito tremor. Ai, meu Deus, devo estar ficando doente. Saiu e estava chovendo na rua. Céu escuro, luz fraca e ruas desertas. Miren tentou usar as árvores como guarda-chuvas, mas não adiantou muito. Por acaso olhou para a cesta de lixo. O saco plástico com os frios ainda estava lá. Pegou-o e levou para casa, porque

também não é o caso de jogar comida fora.

125
Manhã de domingo

Já são muitas, são semanas demais sem vê-la. Bittori tomou a decisão na véspera. Se ao acordar de manhã encontrasse intactas na varanda as duas tigelas, uma com água, a outra com ração, que tinha deixado ali no fim da tarde, então daria Ikatza por desaparecida para sempre. As consequências? Com dor no coração, jogaria no lixo não só as tigelas, mas também o arranhador vertical, a caixinha de areia, a escova e, enfim, todos os apetrechos do animal. No dia seguinte levantou-se bem mais cedo do que de costume. Foi direto para a varanda. De camisola, contemplou o céu vasto, uma ampla faixa de mar, a ilha de Santa Clara, o monte Urgull, consciente de ser privilegiada por morar ali, com vista de camarote para a baía, mesmo com aquela casa em frente tapando a praia. Depois olhou para o canto e viu que as tigelas estavam como tinha deixado na tarde anterior.

Pouco antes das sete da manhã, Miren ouviu Joxian entrar na cozinha com a bicicleta. Domingo. Que merda de mania de passar o pano e lubrificar a bicicleta dentro de casa. Certo dia ele lhe perguntou, de brincadeira?, se tinha ciúmes da bicicleta. Até pode ser, porque, na verdade, quando foi que esse homem a acariciou pela última vez? Jesus, nem quando fez os filhos! Ele reserva todo o carinho para a bicicleta, a bebida do bar e a horta. Miren não quis se levantar da cama para não topar com ele na cozinha. Não queria conversa. Tinha dormido mal. Por quê? Por causa da música, dos foguetes e dos boêmios que passaram a noite toda fazendo algazarra na rua. Antes ela gostava das festas da vila. Agora, cada vez menos. Blam. Ouviu a porta de casa bater. Joxian tinha saído. Aonde disse que ia? Não tenho ideia. Miren esperou cinco minutos encolhida sob os lençóis, para o caso de Joxian ter esquecido alguma coisa e voltar. Depois, sem pressa, se levantou.

Na cafeteira havia um resto de café da véspera. Bittori pensou que, com um pouco de leite e um jato de água quente da torneira, dava para uma xícara. Café requentado e miolo de pão seco, isso foi o seu café da manhã. Depois de arrumar o quarto e tomar banho, foi cuidar das coisas de Ikatza, que pôs em vários sacos plásticos. Não conseguiu descer tudo de uma vez. Primeiro deixou algumas coisas no carrinho de lixo, depois colocou outras. E ainda subiu de novo para pegar a bolsa e a marmita em casa. Nesta última colocou uma porção de carne cozida com

batata, pimentão e molho de tomate, porque pretendia almoçar na casa da vila. Andando pela rua, sentiu-se um pouco estranha. Sem dores, mas com muito cansaço e uma ameaça constante de vertigem que a obrigaram, antes de chegar ao ponto do ônibus, a parar várias vezes para respirar e recuperar as forças.

Celeste chegou por volta das nove. Ela tem a chave, não precisa tocar a campainha. Com o passar dos anos virou parte da família. Chega, cumprimenta, espalha alegria e depois se entrega às suas funções de cuidadora. A primeira do dia, dar banho em Arantxa. Desde que ela consegue ficar em pé, com a mão saudável agarrando a barra de apoio na parede, a tarefa ficou mais fácil. Miren e Celeste multiplicam a cautela. Uma segura Arantxa, a outra a ensaboa e enxágua. Têm prática. A coisa não dura mais de cinco minutos. E depois a enxugam juntas. Enquanto estavam secando o seu corpo pálido, generoso de carnes, de repente Arantxa disse de improviso: *ama*. Miren desligou correndo o secador de cabelo. Tinha a impressão de ter ouvido. Mas obviamente não podia ter certeza por causa do barulho do aparelho. Arantxa repetiu a palavra. Era e não era a sua voz dos velhos tempos. De todo modo, uma voz. Uma voz compreensível. Celeste comemorou com um gesto jovial. Miren lembrou que, quando Arantxa era bebê, *ama* também tinha sido a primeira palavra que falou; com certeza, antes de *aita*.

Eram dez e pouco quando Bittori desceu do ônibus. Música, onde?, ali por perto. E umas guirlandas de papel se espichavam entre uma fachada e a outra. Normal, não é?, que as pessoas se ocupem de viver. Foi direto para a sua casa. Principalmente para se desembaraçar da marmita. Topou com uma charanga na esquina, com os integrantes concentrados no lugar onde, em um dia distante, seu marido tinha levado quatro tiros. Camisas verdes, calças brancas. E o homem do bumbo, com o rosto vermelho de felicidade etílica, parecia decidido a aniquilar as notas dos companheiros na base do estrondo. E assim continuou até a música terminar. Bittori teve que descer o meio-fio para seguir caminho. Do grupo barulhento, ergueu-se então uma voz alegre: oba, Bittori! Ela retribuiu a saudação sem se deter. Olhou-os por um instante, mas não descobriu quem a tinha cumprimentado.

Miren as apressou. Estava esperando o telefonema dominical de Joxe Mari. Gosta de estar sozinha quando fala com o filho. Para Celeste, que, por favor, saísse já com sua filha. Manhã azul, festa nas ruas. Vão, vão, vão aproveitar. Finalmente o telefone tocou. Cinco minutos: é o tempo que concedem aos presos. Ai, se ela pudesse telefonar, mas na prisão não é permitido receber ligações. Não escondeu o seu alvoroço de Joxe Mari: Arantxa disse *ama*, deu para entender perfeitamente, quem sabe aprende a falar. E se emocionou, e Joxe Mari, do outro lado da linha,

com seu jeito sério, também. Novidades? Nenhuma. Quer dizer, uma. Depois de falar com o médico, tinha decidido operar a hemorroida. Não aguentava mais. E agora que tinha começado o calor aqui embaixo, sofria horrores. Miren mencionou as festas da vila, mas não entrou em detalhes para que ele depois não ficasse se atormentando com pensamentos melancólicos. Em vez disso, repetiu que Arantxa tinha dito *ama* depois do banho. E os cinco minutos acabaram.

Na sua casa da vila, Bittori não tinha forno de micro-ondas. Transferiu o conteúdo da marmita para um tacho mais velho do que Matusalém, mas bem útil, sabe, e pensou: vou sair e na volta esquento a comida. Decidiu também comprar meia bisnaga na padaria.

Enquanto isso, Miren, querendo ganhar tempo, espalhou o picadinho frito na travessa, pôs o molho bechamel e em cima, bem picada, a couve-flor cozida. Quando voltar da missa, salpico o queijo ralado e ligo o forno. E o ciclista, se vier tarde, come frio.

Festa, domingo, tempo bom: a praça estava lotada. Crianças indo e vindo, grupos conversando e, nas laterais, as varandas dos bares abarrotadas. As tílias frondosas derramavam sua sombra gostosa sobre o asfalto. Quando encontrou Arantxa e sua fiel cuidadora no canto de sempre, Bittori se abaixou para beijar a amiga. Perto, na torre da igreja, o sino convocava para a missa de meio-dia. Celeste contou logo a Bittori que Arantxa tinha falado uma palavra naquela manhã. As duas se viraram para ela com o desejo manifesto de induzi-la a repetir a proeza. Arantxa, não sem esforço, atendeu-as. Emocionada, Bittori pegou sua mão. Disse que ela ia conseguir, que desejava isso de todo o coração e que não parasse de lutar. Arantxa, com seu sorriso enviesado, balançou a cabeça várias vezes em sinal afirmativo.

Fazia uns dois meses que Miren não assistia à missa sentada no lugar de sempre. Zangada com o santo de Loyola, tinha passado para o lado direito da igreja, mas hoje voltou para perto da estátua. Don Serapio pregava tedioso, solene, repetitivo, com sua voz de velho. Todas as missas são iguais, não venham me dizer que não. Nas fileiras de bancos havia poucos fiéis. Juventude? Lá na frente, duas garotas e ponto final. Em pensamento, Miren agradeceu severa, quase que como advertência. Foi um bom começo, Inácio; mas, como você há de entender, pronunciar uma palavra e falar, falar de verdade, são duas coisas bem diferentes, certo? Nós esperamos um pouco mais. E o outro filho, por favor, dá um jeito na hemorroida dele. É só o que eu peço, porque da prisão estou vendo que você não quer tirá-lo. O fim da missa interrompeu a conversa mental.

Bittori se despediu de Arantxa e de Celeste no canto da praça. Miren saiu da igreja. Uma queria ir à padaria logo porque vai fechar, se é que ainda não fechou; a

outra, encontrar a filha, talvez tomar um aperitivo com ela e Celeste, e depois voltar para casa e preparar o almoço. As duas mulheres se viram a uns cinquenta metros de distância. Nesse momento o sol batia no rosto de Bittori; colocou a mão na testa à guisa de viseira e, merda, ela percebeu que eu a vi; ah, mas eu não arredo pé daqui. Miren vinha andando com passos dominicais, despreocupados, à sombra das tílias, e essa aí fica me olhando, mas está muito enganada se acha que vou desviar dela. Avançaram em linha reta uma em direção à outra. E as muitas pessoas que estavam na praça ficaram olhando. As crianças, não. As crianças continuaram correndo e fazendo algazarra. Entre os adultos se formou uma rápida confusão de murmúrios. Olha, olha. Elas eram tão amigas.

O encontro se deu na altura do coreto. Foi um abraço breve. As duas se olharam nos olhos por um instante antes de se separarem. Disseram alguma coisa? Nada. Não disseram nada.

Glossário

[O presente glossário reúne vocábulos e modismos procedentes do basco usados no romance. Pretende servir somente de ajuda aos leitores pouco ou nada familiarizados com a língua basca.]

abertzale: patriota, partidário de uma pátria basca independente.
agur: adeus.
aita: (pronúncia aguda: *aitâ*) pai.
aitona: avô.
alde hemendik: vá embora, fora daqui.
ama: (pronúncia aguda: *amâ*) mãe.
amatxo: forma hipocorística de *ama*.
amnistia osoa: anistia geral.
amona: avó.
arruntak: forma pela qual os presos do ETA chamam os presos comuns.
askatu: libertar. Aqui, com sentido imperativo: libertem, deixem livre.
aurresku: dança basca que se executa em honra de alguém.
barkatu: (infinitivo) perdoar (e imperativo) perdoa, perdoe.
bat: um.
batzoki: sede política e social do Partido Nacionalista Basco.
belarri: orelha.
beltza: preto. Apelativo que se aplica aos agentes antimotins da Ertzaintza por causa da cor de sua indumentária.
bertsolari: improvisador popular de versos em língua basca.
bi: dois.
bietan jarrai: seguir nas duas (vias). Uma, a força militar, simbolizada pelo machado; a outra, a inteligência ou astúcia política, simbolizada pela serpente.
bihotza: (aqui como apelativo de afeto) coração.
cipayo: apelido depreciativo aplicado aos agentes da Ertzaintza.
dispersiorik ez: não à dispersão (de presos do ETA).
egun on: bom dia.
ekintza: ação, atentado.

ene!: (interjeição) puxa!, caramba!
entzun: (verbo usado aqui na forma imperativa) ouça, escute.
erribera: ribeira.
ertzaina: agente da Ertzaintza.
Ertzaintza: polícia autônoma do País Basco.
ETA herria zurekin: ETA, o povo (está) contigo.
euskaldun: pessoa que sabe basco.
euskera: idioma basco.
Euskal Herria (terra de Euskadi): País Basco.
Euskadi: País Basco.
Eusko gudariak (soldados bascos): título de uma canção popular adotada como hino pela esquerda *abertzale*.
faxista: fascista.
gora ETA: viva ETA.
gora Euskadi askatuta: viva Euskadi livre.
gudari: combatente, soldado, especificamente da causa basca.
herriak ez du barkatuko: a vila não perdoará.
herriko taberna: sede social da esquerda *abertzale*; significado literal: a taverna da vila.
hiru: três.
ikastola: escola.
Ikatza: carvão.
ikurriña: bandeira. Por antonomásia, a bandeira basca.
Iparralde: zona norte. Foi se generalizando em basco para designar o País Basco francês.
izarren hautsa: o pó das estrelas. Canção com letra de Xabier Lete e música de Mikel Laboa.
jarraitxu: membro da organização juvenil socialista e independentista Jarrai.
kaixo: olá.
kanpora: fora, vá embora.
kontuz: cuidado, atenção.
lorea: a flor.
maitia: (pronúncia com hiato: *maitía*) carinho, meu amor.
mendiko ahotsa: a voz da montanha.
mugalari: pessoa conhecedora do terreno que ajuda a cruzar a pé a fronteira entre a França e a Espanha.
muxu: beijo.
neska: garota, moça.

ondo pasa: que passe bem, que vá bem.
ongi etorri: literalmente, bem-vindo. Aqui, substantivado (um *ongi etorri*), usa-se no sentido de homenagem de boas-vindas.
osaba: tio.
piraten itsasontzi urdina: o barco azul dos piratas.
pixa: xixi, urina.
poliki: aos poucos.
polita: linda, bonita.
presoak kalera, amnistia osoa: presos na rua, anistia geral.
talde: comando.
Topo: nome popular do trem de bitola estreita que liga San Sebastián a Hendaya.
txakurra: cachorro. Apelido depreciativo aplicado aos agentes da polícia.
txakurrada: cachorrada, no sentido coletivo. Apelido aplicado ao conjunto da polícia.
txalaparta: instrumento tradicional de percussão formado por tábuas golpeadas ritmicamente com barras de madeira.
txapeo: situação do preso que se nega a ir para o pátio da cadeia e permanece o dia inteiro sem sair da cela.
txoko: canto.
txoria txori: tradução aproximada: "o pássaro é pássaro". Célebre canção de Mikel Laboa do seu álbum *Bat-hiru* (1974), com letra de Joxean Artze.

TXORIA TXORI / O PÁSSARO

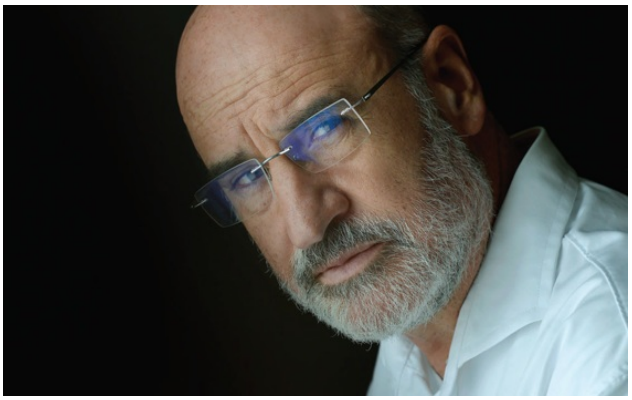
Hegoak ebaki banizkio / Se tivesse cortado tuas asas
nirea izango zen, / terias sido meu,
ez zuen aldegingo. / não terias escapado.
Hegoak ebaki banizkio / Se tivesse cortado tuas asas
nirea izango zen, / terias sido meu,
ez zuen aldegingo. / não terias escapado.

Bainan, honela / Mas então,
ez zen gehiago txoria izango. / terias deixado de ser pássaro.
Bainan, honela / Mas então,
ez zen gehiago txoria izango. / terias deixado de ser pássaro.
Eta nik... / E eu...
txoria nuen maite. / eu amava o pássaro.

Eta nik... / E eu...
txoria nuen maite. / eu amava o pássaro.

zure borroka gure eredu: tua luta, nosso modelo.
Zutabe: nome do boletim interno do ETA.

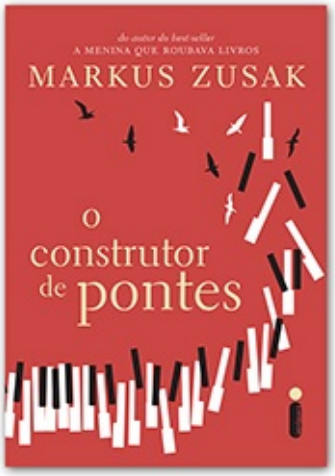
Sobre o autor



Ivan Giménez | Tusquets Editores

Nascido em San Sebastián, em 1959, Fernando Aramburu tem licenciatura em língua e literatura espanholas pela Universidade de Zaragoza. É autor de quatro coletâneas de contos, nove romances e volumes de não ficção, que lhe garantiram prestigiosos prêmios, como o Mario Vargas Llosa e o da Academia Real Espanhola. *Pátria*, seu primeiro livro publicado no Brasil, é também seu romance de maior sucesso, publicado em 29 países, vencedor dos prêmios Nacional e da Crítica de Narrativa Castelhana, Euskadi, Strega Europeo, entre outros, e com direitos audiovisuais vendidos para adaptação em série. Aramburu mora na Alemanha desde 1985.

Leia também



O construtor de pontes
Markus Zusak



A filha perdida
Elena Ferrante